TERRA DAS NOVE LUAS

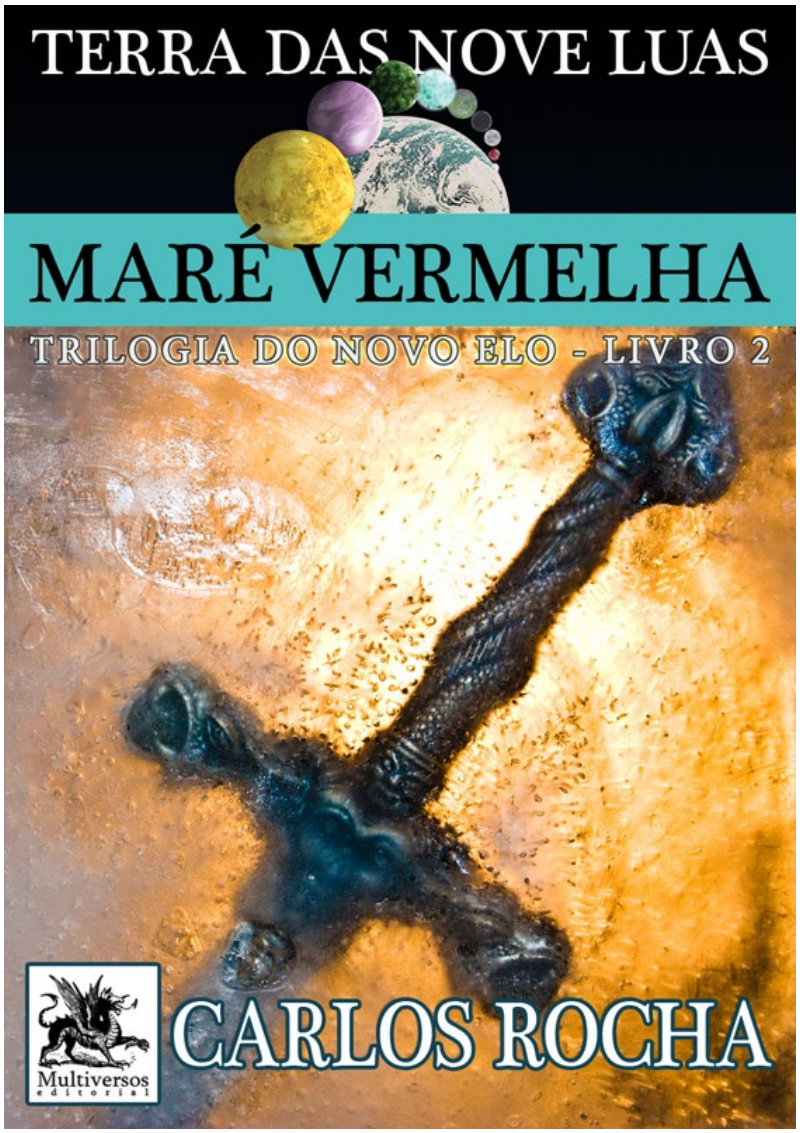


MARÉ VERMELHA

TRILOGIA DO NOVO ELO - LIVRO 2

CARLOS ROCHA

Multiversos editorial


TERRA DAS NOVE LUAS
MARÉ VERMELHA
TRILOGIA DO NOVO ELO - LIVRO 2
Multiversos editorial
CARLOS ROCHA

Terra das Nove Luas

Maré Vermelha

Trilogia do Novo Elo – livro 2

Carlos Rocha

Published by Carlos Rocha at Smashwords
Copyright©2005 Carlos Rocha

Terra das Nove Luas
Maré Vermelha
Trilogia do Novo Elo – livro 1

Publicado por Multiversos Editorial via Smashwords
Copyright©2005 Carlos Rocha
Direitos reservados para língua portuguesa:
Carlos Henrique Madureira Rocha

Fotografia da capa: Paul Quinn - http://www.flickr.com/photos/qxphoto
(Creative Commons)

Capa: Carlos Rocha
Formatação final: Carlos Rocha

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida para fins comerciais, sem a permissão, por escrito do Autor. Licença para versão eletrônica: Creative Commons 2007 – Carlos Henrique Madureira Rocha
Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/ ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA. Em resumo, você pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra sob as seguintes condições:
Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante. Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais. Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.
Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra. Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor. Este é um sumário para leigos. Leia a licença jurídica na íntegra em: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/legalcode

Notas da Licença desta editção via Smashwords

Obrigado por baixar este ebook gratuito. Fique a vontade para compartilhar com seus amigos. Se você gostou deste livro, por favor, retorne a Smashwords.com para encontrar mais livros deste autor. Agradecemos pelo seu interesse.

Para Letícia,
Vitor Schmidt
e todas as pessoas que
acreditam no meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização deste livro. Somente foi possível construir este romance com a ajuda do material da extensa campanha de RPG da Terra das Nove Luas. Nesse sentido, a vontade de continuar de meus colegas jogadores impulsionou muitas vezes minha força criativa para que, mês após mês, ano após ano eu construísse, pouco a pouco, as bases deste amplo e ainda crescente universo ficcional. Em particular, gostaria de agradecer aos colegas Vitor Schmidt, Daniel Negreiros, Guilherme Tuler, Kairam Hamdam, Vitor Xavier, Humberto Mendes, Frederico Queiroz, Emmanoel e Jorge Lima.

CAPÍTULO 1

– Venha criança... É chegada a hora. – chamou uma voz inumana. Qualquer pessoa que escutasse esse chamado sentiria os mais terríveis calafrios. Pois era uma voz profunda e tenebrosa. Mas essa voz não assustava este jovem. Para este menino de feições plácidas, pele lisa e muito branca, a grande maioria dos chamados das trevas soariam como música. Era um rapaz enigmático que viveu a vida toda longe do mundo. Longe das luzes, confinado em seu aposento luxuoso que jazia no interior de uma cripta, profunda, antiga e sinuosa. Era inteligente e curioso, mas também paciente. Possuía maturidade intelectual auspiciosa que a grande maioria dos homens jamais alcançaria. Era vaidoso, talvez porque o único traço de beleza que tenha visto em toda sua vida, tenha sido a de seu próprio rosto. Olhou-se no espelho perfeitamente polido, admirando sua face iluminada por velas, sempre velas. O jovem de pele alva nunca havia visto o sol em toda sua vida. Penteou seus cabelos pretos bem lisos que se negavam a obedecer-lhe. Caiam sobre a face, e, repetidamente, o jovem puxava as mechas com as pontas dos dedos prendendo-as atrás da orelha.

Por longo período o menino olhou-se no espelho fixando o olhar em seus próprios olhos. E lá nada encontrava. Tinha belos olhos amendoados, porém seu olhar era enigmático e assustador. Eram olhos negros, completamente negros. Sem o derredor branco. Observando-os com mais cuidado era possível distinguir pequenas variações tonais que definiam sua íris e pupila. Mas se observado rapidamente, seria apenas um vazio negro e aterrorizador.

Estranhos passos puderam ser ouvidos aproximando-se, até parar atrás da porta do cômodo escuro que estava trancado por dentro.

– Venha criança... Sem mais demoras desta vez. É tempo de fazer o que tanto deseja, conhecer o mundo lá fora. – veio a estranha voz, mais próxima e mais atemorizante.

“Seria possível?” pensou o jovem. “O mundo? Finalmente conhecerei o mundo?” Sorriu para mostrar dentes brancos e limpos, em perfeito alinhamento.

O jovem não sabia, nem mesmo imaginava que seu destino era ser um dos sete arautos da grande eclosão.

Vestia um confortável manto de veludo azul profundo costurado especialmente para ele. Assim como suas roupas, todo o resto que estava ao seu

redor havia sido feito especialmente para ele. Era um predestinado, muitas vezes o chamavam de prematuro, ou primogênito.

Andou em direção a porta de madeira escura, girou a chave de metal enegrecido e abriu a porta. Fora do seu luxuoso aposento havia um largo corredor iluminado por dezenas de tochas afixadas em pontos eqüidistantes a meia altura das paredes.

Lá fora se encontrou com a fonte da voz inumana que o chamara por duas vezes. Um esqueleto humano limpo, vestindo um manto avermelhado e empoeirado do qual se podia ver o crânio e as mãos apenas. Sobre a cabeça um elmo antigo, de formato bastante diverso do que se via no reino de Lacoresh. Neste haviam dois pequenos chifres incrustados acima das têmporas. O esqueleto estava imóvel a não ser por um detalhe: A mandíbula que movia-se em círculos da esquerda para direita.

– Quando irei, e para onde, poderoso Thoudervon? – inquiriu o menino tentando demonstrar pouca excitação.

– Paciência Calisto. E por obséquio, sem bajulações! – alertou o esqueleto educadamente. Para falar articulava a mandíbula, mas não era realmente necessário, fazia isso apenas com o intuito deser mais interativo.

– Muito bem, Thoudervon. – cedeu Calisto, mas sabia que no fundo, seu tutor até gostava de ser bajulado, apenas não admitia essa fraqueza.

Thoudervon virou-se, e sua movimentação passava longe da maneira dos seres vivos. Tinha movimentos bruscos seguidos de outros estranhamente suaves. Seus ossos produziam ruídos arrastados e estalos enquanto se movia, e, com muita freqüência, estalava os dedos das mãos ou produzia sons semelhantes aos de chocalhos quando batia os dentes uns contra os outros em velocidade incrível.

– Vamos, jovem Calisto, agora você vai conhecer seus acompanhantes na viagem que fará até a cidade humana de Kamanesh. – anunciou o ser ancestral.

Subiram escadas espiraladas chegando até uma porta de madeira que se abriu sozinha. Uma brisa fria entrou fazendo com que as tochas do recinto cintilassem. A brisa carregava consigo fortes cheiros azedos e de podridão. Saíram, era noite e havia poucos pontos de iluminação do lado de fora. Estavam ao pé de uma torre e logo à frente da entrada haviam duas figuras enormes montadas em cavalos. Calisto teve dificuldade de identificar as figuras, mas logo percebeu que uma delas, assim com sua montaria não pertenciam mais ao reino dos vivos. Estava morto, assim como Thoudervon e permanecia perfeitamente

imóvel. A única coisa que se movia era a capa esburacada presa à armadura de grandes proporções.

Quanto ao outro percebeu que se tratava de um ser humano de altura exagerada e traços faciais idióticos.

Thoudervon disse, – Esses são o Cavaleiro Derek e o Barão Dagon.

Calisto analisou os que estavam diante de si. Através das faculdades latentes que sua mente exercitava, percebeu a pobreza de espírito de Derek e teve dificuldades de perceber alguma emanação vinda do Barão Dagon. Deste último, sentiu apenas um forte odor de podridão, forte o suficiente para provocar náuseas.

O menino torceu a face e afastou-se do Morto com título de nobreza.

– Vocês levarão o menino até Kamanesh, e o defenderão com suas vidas, entendido? – ordenou Thoudervon.

– Sim, Thoudervon – respondeu o Barão Dagon revelando uma grave voz horripilante e chiada. Mesmo acostumado com a fala de Thoudervon, Calisto sentiu um calafrio ao escutar a voz do morto-vivo. Ainda levaria algum tempo até que se habituasse com as características especialmente nojentas e assustadoras do Barão Dagon.

– Sim Senhor! – respondeu Derek como se falasse com um superior militar.

Mais próximo de Derek, Calisto foi capaz de lhe analisar as feições com mais cuidado. Era um rapaz ainda jovem, bastante alto e extremamente forte. Seus músculos possuíam definição comparável a esculturas idealizadas. Seus cabelos loiros e encaracolados desciam até a altura dos ombros. Vestia uma amadura de placas que cobria apenas o peito, as costas ombros e parte das pernas.

– Como devo ir, Thoudervon? – quis saber o jovem, – a pé?

– Não, irá a cavalo.

– Mas como? Eu nunca montei antes? Não sei como – replicou o rapaz de olhos negros, intrigado.

– Use a força de sua mente. Penetre na mente do Cavaleiro, aprenda com suas experiências – explicou Thoudervon.

Calisto decidiu tentar. Com facilidade estabeleceu contato com a mente de Derek, uma mente simples. Percebeu que o Cavaleiro tinha forte ligação com a comida e comer era uma de suas atividades favoritas. Procurou as experiências de Derek relacionadas às cavalgadas. Procurou absorver um pouco do que se faz em teoria para controlar e conduzir um cavalo. Após alguns instantes desligou-se e sentiu que estava pronto para tentar. Outros subordinados de Thoudervon

trouxeram um cavalo pronto para ser montado. Calisto tomou o animal e deu uma volta. Sentiu-se imediatamente confortável com o animal e declarou: – Estou pronto para ir!

– Ótimo – disse Thoudervon friamente. – Chegando em Kamanesh, conduza-o até a catedral. Já estão esperando por ele. – instruiu a criatura ao Cavaleiro Derek.

– Sim, Senhor!

Era o início da noite, e os três estranhos puseram-se a cavalgar para fora da cidade em que estavam. Pelas ruas marchavam dezenas de zumbis e esqueletos ocupados em diversos afazeres. Era uma cidade que estava sendo construída dia e noite sobre as ruínas de outra cidade, recentemente devastada. Os que a conheciam, chamavam-na de Necrópole, a cidade dos mortos.

Calisto e Derek respiravam aliviados por terem deixado a cidade e seus terríveis odores. Ambos mantinham certo afastamento do Barão Dagon, distância imposta por suas próprias montarias. Cavalgavam com calma, noite adentro. Seguiam uma trilha tomada por vegetação rasteira. Pouco tempo atrás, era uma estrada, mas devido ao desuso foi invadida pelas plantas. Decorrido muito tempo de cavalgada, não surgia assunto entre os três.

Calisto, curioso queria saber mais sobre Dagon. – Diga-me Barão Dagon, você é um Barão de um rei dos vivos ou de um rei dos mortos?

– Chamam-me de Barão Dagon, pois era assim que eu era conhecido quando vivo – respondeu a criatura fétida.

– Entendo. E quando deixou os vivos, posso saber? – indagou Calisto.

– Pelo que sei há muitas gerações. Entretanto, fui chamado de volta da minha cripta apenas recentemente, – explicou Dagon com sua grave voz aterradora.

– Thoudervon o chamou, de certo, – adivinhou o menino.

– Não, quem me trouxe de volta a este mundo foi meu mestre.

– E quem é seu mestre, posso saber Barão?

– É o filho do rei de Lacoresh, o príncipe Serin.

– Principe Serin, entendo. Um hábil necromante. Imagino.

– De certo.

– Ao que parece o dia se aproxima, constatou o rapaz.

– Sim – respondeu Derek.

– O sol não lhe é prejudicial? – indagou Calisto a Dagon.

– Não, de forma alguma. Sou influenciado apenas pela lua em que fui chamado.

– Como assim?

– Quando ela está cheia e potente nos céus, sinto minhas forças em sua plenitude. No seu extremo oposto, sinto-me um tanto quanto enfraquecido.

– Você sempre conta tudo a seu respeito assim?

Dagon retrucou confuso: – O que quer dizer?

– Sua origem, fraquezas e etc para o primeiro que pergunta?

– Não tenho motivos para esconder nada de vocês. São aliados de meu mestre, e assim, meus aliados. E além do mais, não mantenho conversação com aqueles que não são aliados de meu mestre. Os outros que eventualmente cruzam o meu caminho, morrem.

O garoto pensou: “Que interessante!”

CAPÍTULO 2

Amanhecia. O céu estava limpo e um vento firme esticava as velas do navio que deslizava na superfície do oceano, acompanhando o balanço das ondas. Devido ao bom tempo, e ao fato da embarcação ainda não ter alcançado águas profundas, o navio jogava suavemente.

Na proa do navio havia um jovem conhecido pelo nome de Kyle Blackwing. Possuía longos cabelos negros que o vento carregava de acordo com sua vontade. Tinha uma expressão séria e contempladora. Seu olhar era maduro e revelava muita experiência. Era filho de um famoso cavaleiro do reino de Lacoresh. Armand Blackwing, seu pai, havia lutado em uma guerra contra criaturas chamadas bestiais vinte e dois anos passados. Morrera durante essa guerra, e seja por mérito próprio ou não, seu nome ficou marcado como o nome de um herói.

Kyle havia se ordenado cavaleiro seguindo os passos de um pai que nunca conheceu. Foi criado por Gorum, um cavaleiro muito amigo de Armand, a quem, no momento da morte, lhe foi confiada a tarefa de cuidar da esposa e do filho que ainda estava por vir. Por uma infelicidade do destino, a mãe de Kyle também morreu, devido a complicações no parto.

Kyle cresceu em Kamanesh, segunda maior cidade do reino de Lacoresh e capital de um ducado de mesmo nome. Inclusive o jovem Blackwing teve a oportunidade de conhecer e conversar com o próprio Duque de Kamanesh em certas ocasiões.

Durante sua infância fez dois amigos com os quais firmou laços cada vez mais fortes até os dias atuais. Archibald DeReifos e Kiorina de Lars. Acompanhou o caminho de ambos e profundas transformações que sofreram. Viu seu amigo Archibald perder a família e treinar para tornar-se um Monge Naomir. Da mesma forma que viu Kiorina, uma menina travessa, ingressar na Alta escola de Magia e desvendar seus segredos, trilhando o caminho que poderá levá-la a ser uma poderosa feiticeira.

Tinha uma vida tranqüila até o dia em que fora ordenado cavaleiro. Neste mesmo dia, nasceu uma criança com olhos completamente negros. O menino foi batizado com o nome Armand, em homenagem ao herói, pai de Kyle. Participou de uma expedição juntamente com seus amigos, Kiorina e Archibald, em busca de informações sobre a criança de olhos negros. Confrontaram bestiais que

surgiram misteriosamente. Viajaram até a cidade de Tisamir para encontrarem Kivion, um sábio. Em seu lugar, conheceram Noran, seu discípulo, e pouco depois souberam da morte de Kivion. Na floresta de Shind, lar dos Silfos silvícolas, conheceram Mishtra, uma jovem silfa silenciosa e enigmática. E daí para frente tudo aconteceu como num turbilhão.

Guerra, intrigas, traições, mortes, prisões, sofrimentos e privações. No final, descobriram que a guerra contra os bestiais, não passava de uma distração. Era parte de um plano para a tomada de poder em Lacoresh. O rei foi morto, bispos, nobres e pessoas importantes foram substituídos. Os necromantes, bruxos poderosos que lidam com limites da vida e da morte, tomaram o poder. E daí veio a perseguição. Por isso, tiveram que fugir.

Mas isso não era tudo, não era uma simples fuga, também havia uma busca. Kyle passou por grandes privações enquanto foi escravo dos necromantes. Trabalhou em uma mina de metais por mais de um ano e foi resgatado por seus companheiros e por um misterioso silfo. Alunil era um grande guerreiro. Também um mago que detinha grande poder e sabedoria. Este, sendo um ser de natureza dupla, revelou-se também como o silfo Modevarsh, um ancião entre os silfos, vivo há mais de 800 anos. Foi nas mãos deste que Kyle retomou suas esperanças na vida. Modevarsh literalmente soprou a vida de volta para o corpo de Kyle, que padecia de graves doenças e ferimentos que sofrera nas minas. Retirando-o das trevas, deu-lhe uma grande motivação: Encontrar o oráculo de Shimitsu, porta voz de um dos grandes deuses do passado. Shimitsu era o deus da magia e tinha grande sensibilidade predileção pela humanidade.

Modevarsh advertiu que os necromantes não visavam apenas o poder em Lacoresh, eles tinham objetivos maiores e mais perversos. Escutando-se o que o oráculo teria a dizer poder-se-ia trazer grande luz para combater as grandes e obscuras ameaças que surgiam.

Kyle olhava para o mar e refletia sobre sua vida. Tanta coisa havia acontecido que era difícil entender. Talvez aquele fosse o primeiro momento que Kyle teve para refletir sozinho e com certo afastamento desde que fora resgatado das minas. E então quando todo seu passado começou a preencher-lhe os pensamentos ficou bastante confuso.

E agora? O que aconteceria? Parecia loucura, buscar um oráculo sabia-se lá onde! Não tinham muitas pistas, sabiam apenas que o encontrariam nos chamados Reinos Bárbaros. Dava medo saber que ficariam longe do lar por tanto tempo. E enquanto isso, seus lares eram ameaçados pelo perverso governo dos necromantes e suas intenções desconhecidas. Pensava naqueles que haviam

ficado e lutariam por Lacoresh. O Misterioso Nasbit, o silfo Modevarsh, Vekkardi, e o cavaleiro Felear. Tinha memórias vivas de sua luta com Felear. E depois aquela estranha sensação, os arrepios e o calor que sentiu por dentro. Impulsos estranhos que fizeram que pudesse derrotar com as mãos limpas o terrível Cavaleiro Negro. O Cavaleiro Negro, na verdade, era o cavaleiro Roy pervertido pelas forças malignas dos necromantes. Havia perdido sua face, tornando-se forte como um gigante e aparentemente era invencível. Lembrava-se de seu rosto disforme, a face de um esqueleto animado com olhos sem pálpebras. O estranho muco amarelado que lhe escapava pelos orifícios. Aquilo sim era uma coisa nojenta. E ainda assim, de forma distante, podia reconhecer a voz do homem que havia sido.

O que teria acontecido? Como conceber a vitória sobre o Cavaleiro Negro? Pensava e pensava, mas não conseguia uma explicação para o ocorrido.

Assustou-se repentinamente quando uma mão tocou-lhe o ombro. Seus músculos se contraíram, mas em seguida, ao ver o tamanho da mão que pousava sobre seu ombro esquerdo relaxou.

A voz muito grave de Gorum soou, – garoto, você precisa descansar.

Kyle virou-se para encarar Gorum. Sentia um grande cansaço e concordou com um gesto. Olhava para cima para poder encarar seu tutor e observava as linhas que haviam surgido em seu rosto. Com as rugas vieram também as mechas brancas em seus cabelos negros, longos, anelados e em sua barba generosa. Ele estava envelhecendo. Começava aos poucos a deixar de ser o homem vigoroso que sempre fora. Ainda assim, Gorum ainda seria um oponente poderoso a qualquer um que ficasse em seu caminho. Em sua juventude foi conhecido como o mais feroz dos Cavaleiros de sua ordem e mais tarde como um dos mais experientes.

– Vamos lá, não fique com essa cara! Está parecendo um peixe morto! Ao menos fique animado para dormir um pouco! – disse o gigante sorrindo.

Como era usual, o humor de Kyle melhorou um pouco. Foi descansar junto com os outros.

Gorum, tendo dormido pouco menos da metade da noite sentia-se alerta e não voltaria a dormir. Logo se entrosava com os marinheiros do navio. Sentindo a necessidade de ocupar seu corpo de esvaziar seus pensamentos e começou a ajudar nas tarefas cotidianas do navio. Ainda sentia dores nas costelas, mas isso não o impediria de trabalhar. Antes do meio dia e um pouco depois de dezenas e dezenas de piadas, muitos marinheiros já começavam a considerar Gorum como um dos seus. A receptividade dos marinheiros fez bem ao humor de Gorum e

logo começou a sentir-se bem entre eles. Da tripulação de vinte e poucos homens, Gorum ficou mais próximo de três: Celix, Kleon e Georges.

Celix era um sujeito risonho, baixo e magro, mas apesar disso possuía os músculos mais delineados que Gorum já havia visto. De pele morena e cabelos castanhos curtos, vestia-se com um colete negro e calças de um amarelo vibrante. Um tipo de vestimenta exótica para os olhos do velho Cavaleiro. Kleon era um rapaz jovem e de constituição física comum. Seus cabelos vermelhos de brilho intenso era seu traço mais marcante. Não era como os outros, natural de Dacs, era um Chilli, fosse lá o que fosse isso. Era também o timoneiro do navio e usava uma roupa de couro trançado. Georges era quase tão grande quanto Gorum e era um pouco mais gordo, ao contrário do que sua aparência indicaria era o mais esperto e ocupava a posição de segundo oficial depois do Imediato, Erles, um homem mais velho que não era de muita conversa, mas fora um homem do mar durante toda sua vida. O imediato era baixo e tinha o rosto cheio de irregularidades com barba e cabelos ralos e grisalhos. Costumava usar uma toca azul marinho para proteger a careca do frio.

– Afinal, o que é um Chilli? – quis saber Gorum

– É um fruto vermelho e amargo que nasce em nosso país. – respondeu o debochado Celix com seu forte sotaque Dacsiniano, cantando os finais das palavras e pronunciando erres brandos.

– Ah, então Chilli é o seu apelido? – dirigiu-se a Kleon.

Kleon, muito sério e compenetrado disse em Lacorês quase perfeito, – Infelizmente não. É disso que eles chamam qualquer homem que vem da minha terra.

– Percebo. De onde você vem então?

– De Kâtor, uma grande cidade estado muito a sul de Dacs.

– Nunca ouvi falar.

– Nem eu! – concordou o risonho Celix em tom de deboche, e Georges acompanhou às garagalhadas.

– Por que deixou sua terra, Kleon?

– Poucas pessoas deixam Kâtor, eu devo ser uma das raras exceções. A deixei justamente pelo motivo que muitos não a deixam, devido à religião.

– Religião?! exclamou Georges surpreso. – Que conversa é essa?

– É foi por isso que deixei minha terra, por causa de sua religião.

– Que conversa maluca é essa Chilli, como você nunca falou disso antes? – indagou Celix.

– Ora! Vocês nunca me perguntaram!

– Chilli, quantas vezes já te falaram que você é um louco?

Kleon sorriu e disse – Com essa são duzentas e trinta e seis vezes.

Gorum riu com vigor.

– O que houve grandão? – quis saber Celix.

– Lembrei-me de uma boa piada, há há há!

Gorum começou a contar a piada, que era mais como uma história longa. Tinha o hábito de puxar a barba com as mãos, em especial quando contava piadas. Além de Celix, Kleon e Georges outros marinheiros começaram a aproximar-se para escutar. Perto do final da história, vários os marinheiros foram limpando os sorrisos de seus rostos e ficando rijos. Gorum não percebeu o que acontecia até que veio de trás, uma voz que falou em Dacsiniano.

– Por que essas caras homens!?

Gorum interrompeu a anedota e virou-se para ver um homem de cabelos loiros penteados para formar uma franja projetada e espetada. Vestia-se como um nobre Dacsiniano, uma túnica azul com botões dourados, calças brancas, botas negras e lustrosas e bordados de tecido branco e delicado presos a uma gargantilha prateada. Não pode deixar de notar uma das ‘espadinhas’ características do povo de Dacs presa a uma bainha ricamente ornamentada.

– Hoje estou de bom humor! – Disse em Dacsiniano e com isso todos relaxaram. – Por dois motivos. O primeiro: finalmente, estamos voltando para casa. – Fez uma pausa. – Segundo, fui informado pelo imediato Erles que temos passageiros pagantes conosco, e, dentre estes temos duas lindas damas.

Aquele que obviamente era o capitão do navio completou – E vocês sabem como eu aprecio a oportunidade de dar transporte a belas damas. Portanto homens, fiquem a vontade e voltem logo a suas atividades.

– Perdoe meu mau jeito, meu nome é An LePard, sou o capitão desta nau. – Disse o capitão estendendo a mão para um cumprimento. Agora que falou em Lacorês, Gorum percebeu seu forte sotaque, mais acentuado até que o de Celix.

– Sou Gorum, prazer em conhecê-lo, e perdoe-me pelo mau jeito.

– Ah... não foi nada! Vejo que meus homens gostam de você, presumo então que deve ser um dos bons, caso contrário não teria a atenção deles.

Gorum apenas sorriu. – Posso saber o que disse a eles?

– Pode sim, apenas dei bom dia e disse-lhes que estava feliz por receber passageiros em nossa nau, o que torna as viagens menos entediantes. Depois mandei que voltassem ao trabalho.

– Entendi.

– E então onde estão os outros? – quis saber o capitão.

– Estão descasando.

– Não me diga que estão no porão?

Gorum ficou um pouco sem jeito e respondeu apenas com seu olhar.

– Erles! Gritou An Lepard.

Em instantes o velho marujo apareceu para atender seu capitão. Vestia uma calça de couro cinza e uma camisa branca bem folgada aberta na altura do peito. Pela abertura podiam se ver abundantes pelos brancos que cobriam seu peitoral. Usava barba rala e um gorro azul escuro na cabeça. Quando falava notava-se que tinha poucos dentes.

– Sim, senhor capitão. – Respondeu o velho em Dacsiniano.

An Lepard advertiu irritado: – Não fale em nossa língua, temos visitas. Somente use nossa língua quando estiver falando a toda a tripulação, pois você sabe que alguns dos homens ainda não aprenderam o idioma de nossos clientes.

– Sim, senhor capitão. – Disse Erles em Lacorês.

– Por que? Por que você acomodou nossos passageiros no porão? E ainda pior, acomodou mulheres em nosso porão?

Erles engoliu seco. – Me desculpe senhor, mas não queria incomodá-lo, o senhor já havia se recolhido e não achei que...

– Pode parar! Vou ter que lembrá-lo novamente!?! Você é o imediato deste navio, isto que dizer que não estando eu a bordo, você toma as decisões. Responda-me! Eu estava a bordo quando você recebeu os passageiros?

– Sim, senhor capitão.

– Muito bem, como castigo por sua quebra de hierarquia você irá ceder seus aposentos para nossos passageiros. Trate de retirar suas coisas e mande que limpem o local.

– Sim, senhor capitão.

– Muito bem, dispensado!

– Perdoe meus modos, senhor Gorum. Mas se não formos duros com nossos subordinados as coisas podem fugir ao controle com grande facilidade.

– Entendo o que quer dizer, já comandei homens em guerras e percebo a semelhança.

– É mesmo? Que interessante! Estou certo que depois você poderá me contar sobre esses feitos. Porém, no momento, tenho que checar as cartas de navegação e realizar alguns ajustes em nossa rota.

– Certo capitão, foi um prazer conhecê-lo. – Estendeu a mão para um cumprimento de reafirmação.

– Acredite-me, o prazer foi todo meu. – respondeu An Lepard e correspondeu o aperto de mãos.

CAPÍTULO 3

– Mestre! Por favor, faça alguma coisa! – Dizia um homem transtornado, desesperado, em prantos. Era um jovem pálido de olhos castanhos escuros e longos cabelos negros. Usava uma barba levemente encaracolada rente ao rosto. Lagrimas escorriam de seus olhos perdendo-se em sua barba. Entrava em uma câmara cavernosa moldada para tornar-se habitável.

Dentro estava o silfo, bastante velho, a quem o homem respeitosamente se referia como mestre. Tinha cabelos brancos e anelados que desciam até a altura do queixo. Sua pela bastante enrugada formava padrões que carregavam certa beleza. Usava uma barba também branca e muito delicada. Chamava-se Modevarsh. A entrada da câmara era generosa de forma que a luz do dia penetrava em seu interior, refletindo no chão de pedra perfeitamente polida por meios mágicos. Móveis de pedra bem trabalhados e objetos de decoração simples completavam o ambiente.

– Escute criança. Você já sabe que eu não posso fazer nada por ele.

– Sim, mas ele sofre tanto! – disse o discípulo que era conhecido como Vekkardi.

– Eu sei que sofre, se pudesse já teria revertido sua situação.

– Rikkard não merece sofrer assim. Você sabe que não mestre!

– Eu sei criança, mas não há nada que possamos fazer para recuperá-lo. disse Modevarsh com pesar.

– Mas também não podemos matá-lo, podemos mestre? Quero dizer, mesmo daquele jeito... Eu nunca poderia matar meu próprio irmão, minha única família!

O silfo ancião compreendia bem o sofrimento de Vekkardi e sentia algo parecido em relação a seu próprio irmão. De certa forma, compartilhavam o mesmo destino.

– O que nos resta é ter um pouco de esperança. Estes dias tem sido de grande sofrimento. Precisamos ter esperança de que ao menos algo de bom irá surgir de tudo isso.

– Entendo mestre. Vou me equilibrar. Sei que não posso confrontar nossos oponentes neste estado.

– Muito bem. Você precisa alcançar seu equilíbrio principalmente sem sofrer por antecipação. Tudo tem seu momento certo. – Fez uma pausa e analisou

Vekkardi por alguns instantes. Arriscou: – Vai visitar seu irmão hoje, não é mesmo? É por isso que veio a mim, não é esta a verdade?

–Sim mestre.

– E você vai alimentá-lo?

– Sim, acredito que isso diminui o seu sofrimento.

– Talvez, mas talvez fosse bom se você parasse de visitá-lo, alimentando-o ou não sua condição não mudará.

– Vou tentar mestre.

Vekkardi ia saindo do quarto quando Modevarsh o chamou. – Vekkardi, leve também algumas flores.

Ao ver aquele jovem humano sair de sua nova casa Modevarsh sentiu uma ponta de impaciência. Procurou contorná-la com um pouco mais de trabalho. Virou-se para o fundo da caverna, ainda crua e evocou seus poderes mágicos. Em instantes estalos e outros fortes ruídos se sucederam. Começava a moldar outro cômodo. Este em especial, preparava com grande carinho. Esperava notícias de amigos que não via há muito tempo. Soube em sonho recente que estariam unidos em breve, e, quis acelerar essa união inevitável enviando o bom Radishi. O jovem Tisamirense dominava os fluxos do Jii, a energia que fluía de todo o cosmos relacionando-se com as mentes de seres inteligentes. Se tivesse a oportunidade e se os tempos fossem outros imaginava que seria fascinante estudar mais sobre este fluido e suas relações com o fluido manótico, emanação de toda matéria, viva ou inanimada através da qual eram operados os mistérios da magia. No passado, estivera em Tisamir e desenvolvera um pouco de sua percepção do Jii. Aprendera a lembrar-se de visões de outros tempos que era capaz de receber e interpretá-las. Mas o mana era energia com a qual possuía grande sintonia e através da qual podia criar uma diversidade incrível de efeitos mágicos. Através do Jii, podia realizar pouca coisa.

Um pouco ofegante observou sua própria mão tremendo um pouco. Isso não era um bom sinal. Tinha consciência das implicações daquele leve tremor. Não deveria, mas sentiu um pequeno aperto no coração.

– Pare de pensar em tolices! – disse para si. – Ainda há muito trabalho a ser feito!

***

Após uma revigorante caminhada em trilhas montanhosas, Vekkardi chegava a seu destino. De certa forma, arrependia-se de cada passo dado naquela

direção. Quando escutou pela primeira vez um dos gritos desesperados de seu irmão mais jovem, seu coração disparou. Precisou parar e respirar fundo. Após alguns instantes e muita concentração, seguiu até a boca do poço onde ele e Modevarsh haviam aprisionado o pobre rapaz.

Não era um poço fundo e para garantir que não escapasse suas pernas foram acorrentadas ao chão. Vekkardi debruçou-se sobre a boca do poço, sentiu o cheiro de podridão que emanava dali e chamou apreensivo – Rikkard. Rikkard meu irmão.

O sol iluminava apenas uma porção do poço e Rikkard não podia ser visto. Estava embrenhado nas sombras. Rikkard gemeu horrívelmente e Vekkardi pode escutar correntes sendo arrastadas. Ficou impressionado com a velocidade da deteriorização do corpo de seu irmão. Dos seus longos e belos cabelos negros haviam sobrado apenas uns fiapos. Seu rosto estava muito pálido e magro. Algumas novas feridas haviam surgido, em especial uma acima da testa. Ele ergueu os braços tão magros que pareciam apenas ter pele e osso. Estendeu as mãos na direção de Vekkardi e com um olhar quase humano suplicou. – Co...comiiii...daaaa....

Um par de lágrimas escorreram no rosto de Vekkardi. Retirou dois coelhos despelados de uma sacola manchada de sangue e jogou para seu irmão. Seu irmão, agora um espécie de zumbi, pegou-os com uma agilidade impensável e passou a devorá-los avidamente. Vekkardi não suportou ver seu irmão naquela condição, mas sabia que pelo menos por alguns instantes ele não sofreria tanto. Deixou o local tentando controlar e eliminar todos aqueles pensamentos de ódio e vingança que surgiam em sua mente. Sabia muito bem onde o ódio e a vingança poderiam levá-lo. Precisava controlá-los. Precisava controlar todos aqueles terríveis impulsos. Lembrou-se de seu mestre. Imediatamente lembrou-se que não havia trazido flores para seu irmão. Passavam pelo início da primavera e não teria sido difícil colher algumas flores no caminho. Ficaria para uma outra ocasião, voltar lá seria muito doloroso, não valia a pena o esforço apenas para deixar algumas flores.

Olhou para o céu e imaginou onde estariam aqueles em quem depositava suas esperanças. Certamente teriam o mesmo céu sobre suas cabeças. Isso considerando que estivessem vivos. Tinham que estar! Tinham que cumprir sua missão. Tinham que encontrar o Oráculo de Shimitsu. Neste fato, Vekkardi depositava grande esperança, acreditava que um dia poderia trazer seu irmão de volta, descobrir uma maneira de reverter sua triste situação.

Uma coisa era certa: Vekkardi nunca foi o tipo de pessoa passiva. Em sua mente fervilhavam alternativas para lidar com a condição de seu irmão. Para que esperar por informações de um Oráculo Mítico? Encontraria outro meio! Forçar os necromantes a desfazer o que haviam feito? Seria possível? Por que não? A única coisa irreversível que conhecia era a morte. E este não era o caso de seu irmão, não estava morto, ao menos não de forma plena.

Logo o dia chegaria ao fim. O sol seria levado novamente. Era hora de meditar, acalmar sua mente, desejar um bom destino para Kyle e seus companheiros. Desejar que eles pudessem cumprir seu destino e assim ajudar a todos que sofriam por alí. Inclusive seu querido irmão que não saía de seus pensamentos por um momento sequer.

CAPÍTULO 4

An Lepard sorria e de forma bastante cortês dava as boas-vindas a Kyle, Mishtra, Noran e Kiorina. – Desculpem minha demora, mas estava realizando os cálculos de navegação quando o imediato Erles avisou-me que já estavam despertos. Por isso, não pude vir logo. – disse o capitão com seu forte acento dacsiniano.

– Não se preocupe senhor Capitão. – disse Noran procurando chamar sua atenção. Observava-o atentamente, precisava saber logo se poderiam confiar nele.

An Lepard encarou-o estranhando as três marcas interligadas pintadas sobre sua testa. Observou a expressão suave de Noran, seus longos cabelos castanhos e pelo seu olhar concluiu que o estranho sofria de enjôo marítimo. – Muito pelo contrário caro...

– Noran. – informou o Tisamirense.

An Lepard prosseguiu, – Meu dever, Sr. Noran, é me preocupar com minha tripulação e meus passageiros.

Noran sentiu alguma sinceridade nas palavras do capitão. Não queria forçar nenhuma análise que dependesse de seus poderes psíquicos, ainda estava muito abalado pelo uso excessivo e danoso que havia feito de suas faculdades em conflitos recentes. Sua mente estava fragilizada, assim como seu corpo. Por isso, sentia um constante enjôo marítimo. Deu-lhe crédito, mas ainda assim não gostava muito de seu olhar.

Com Noran saindo do foco, An Lepard concentrou suas atenções em Mishtra e Kiorina. Admirou as duas formas distintas de beleza das moças e ao deparar-se com os detalhes ficou surpreso. Quando foi informado da presença de damas em sua embarcação não havia imaginado que fossem tão belas. Percebendo que uma delas era uma silfa, concentrou-se na moça ruiva que era humana.

Admirou seus olhos verdes como os mares do sul, seus lábios cheios e delicados como pétalas de rosas e seus cabelos de vermelho intenso lindamente mal penteados.

Agindo à moda dos dacsinianos, curvou-se tomou a mão esquerda dela beijando-a. – É para mim um grande prazer receber tão bela dama em minha humilde embarcação! Capitão An Lepard, aos seus serviços.

Kiorina ficou encabulada, mas gostou de ser tratada como uma dama. Deixou escapar um sorriso discreto e disse – Você é muito gentil. Sou Kiorina de Lars.

O sorriso de Kiorina foi como uma facada no peito do jovem e galanteador capitão. A voz da moça, levemente rouca atingiu seus sensíveis ouvidos desprevenidos. Todo o sentimentalismo dos Baltimore foi exaltado e An Lepard engoliu seco. – Encantado!

O capitão piscou e forçou-se a cumprimentar Mishtra, a silfa da floresta de Shind. Repetiria o cumprimento feito a Kiorina, mas sentindo a atitude negativa da silfa limitou-se a curvar-se observando seu corpo delicado, forte e escultural. Seus cabelos loiros cacheado eram impulsionados com facilidade pelo vento e seu rosto não parecia dos mais amigáveis, mesmo sendo belíssimo.

Gorum falou pela silfa em seu grave habitual: – Seu nome é Mishtra. – E procurando protege-la completou: – Ao contrário do que pode estar pensando caro An Lepard, ela não é um dos silfos do mar. Veio da floresta de Shind, local habitado por silfos pacíficos e gentis.

O que levou o dacsiniano a pensar “É ainda mais bela que a doce Kiorina! Mas é uma silfa! E não importa de onde é. Silfos não são nada confiáveis!”

Mishtra apertou o olhar para An Lepard, não gostou dele e nem de suas atitudes. Isso transpareceu em sua expressão apesar de um pouco controlada.

– Obrigado pela introdução, Gorum. Presumo que ela não fale o Lacorês.

– Ela compreende bem o Lacorês, apenas é incapaz de falar ou emitir qualquer som.

– Compreendo. disse o capitão. Teria de lidar com esta com extrema cautela. Nem todos na tripulação seriam tão tolerantes com relação a ter um silfo a bordo.

Kyle apenas observava o jeito do capitão e assim como Mishtra não gostava muito do que estava vendo. Aproximou-se e ofereceu-lhe a mão direita, sua mão fraca. An Lepard correspondeu. Mesmo sendo canhoto, Kyle fez questão de dar um aperto de mãos bastante firme. – Sou Kyle Blackwing.

– É um prazer Sr. Blackwing, tem um aperto de mão e tanto!

Kyle sorriu e soltou a mão do capitão.

Gorum ficou impressionado com a reação de Kyle. Quando o capitão se afastou sussurrou nos ouvidos de Kyle – O que você está pensando garoto? Sendo hostil com o capitão do navio!?

Enquanto isso, An Lepard questionava Noran sobre o outro passageiro.

Kyle olhou para Gorum irritado e respondeu no mesmo tom. – Ele me irrita! Não gosto do jeito que age com Mishtra e Kiorina!

Gorum conteve uma gargalhada. – Você está é com ciúmes garoto!

O sangue subiu a cabeça do cavaleiro que limitou-se a olhar atravessado para o gigante.

– Archibald, não é mesmo? – confirmava An Lepard. – Se está tão ferido assim, precisamos cuidar para que fique bem alojado! Ficará no quarto que o imediato Erles preparou com muita dedicação. – determinou o capitão dando uma olhadela para Erles.

– Ótimo! – exclamou Noran. – Assim fica determinado também um aposento para Mishtra, que é sua companheira.

– Perfeito! – concordou o capitão. – Assim nenhuma das damas ficará desalojada. Tenho mais uma cabina preparada para passageiros. Naturalmente, esta fica reservada para a senhorita Kiorina, não é mesmo?

– Obrigada por sua gentileza capitão.

– Infelizmente, esta nau é modesta e não temos outras acomodações particulares. Os demais terão de se arranjar junto com a tripulação. Nada mais justo que dar maior conforto para as damas e feridos, não concorda Senhor Noran?

– Sim, por favor, pode chamar-me de Noran, apenas.

– Se quiser me acompanhar Senhorita Kiorina, será uma honra mostrar-lhe sua cabina. – disse o capitão curvando-se e indicado o caminho com um arco delicado de sua mão direita.

Logo em seguida Gorum teve de segurar e conter o avanço de Kyle para evitar incidentes desagradáveis. – Calma Kyle! O capitão An Lepard é um Cavalheiro! Ele não vai fazer nenhum mal a Kiorina.

– Como você tem certeza disso?

– Bem, não tenho! É apenas um palpite, você pode não gostar do que vou dizer, mas simpatizei com ele.

– Pois eu não! E pode ficar tranqüilo, não vou fazer nenhuma besteira. – fez uma pausa e completou: – Mas vou ficar de olho nele!

– Vá com calma, garoto!

Mishtra tendo escutado a conversa enviou alguns de seus pensamentos para Kyle “Eu também não gosto nada dele.”

Kyle sorriu para Mishtra e sugeriu. – Tudo bem cuidamos disso depois, por hora, vamos transportar Archibald para a cabina.

“Certo.” concordou a silfa olhando nos olhos de Kyle.

***

An Lepard abriu a porta da cabina e ficou de lado para que Kiorina passasse. – Por favor senhorita, tenha a bondade!”

Kiorina sorriu e espremeu-se, esforçando-se para passar pela porta sem tocar o capitão.

An Lepard a seguiu e disse – Aceite minhas desculpas por não poder oferece uma cabina a sua altura. Essa é uma humilde nau mercante e não está preparada para transportar passageiros.

Kiorina analisou o quarto. Havia uma cama que parecia confortável, uma mesa e uma cadeira. Não cheirava mal e estava limpo. – Está ótimo, não durmo em um lugar confortável assim há muito tempo.

O capitão ficou um pouco surpreso e decidiu fazer uma investida. – Perdoe-me, mas posso fazer uma pergunta delicada?

Kiorina encolheu os ombros e ergueu as sobrancelhas e sorriu. – Desde que não seja indecente...

O capitão segurou o sorriso e investiu. – Uma mulher tão bela como você certamente... – fingiu ficar sem jeito e enrubesceu. – Perdoe-me! Não posso perguntar tal coisa. É muito atrevimento, e é muito indelicado também. – disse arrependido.

– Não precisa ficar encabulado. O que quer saber é se sou comprometida, não é mesmo?

Prendeu a respiração e abaixou a cabeça para que o rubor em seu rosto fosse acentuado. Finalmente soltou, – Sim.

– Não. Ainda não assumi nenhum compromisso sério.

Novamente conteve seu contentamento por mais alguns instantes e acrescentou. – Ainda não, mas certamente, sendo bela assim, seus pais devem ter uma pessoa com quem desejam que se case quando chegar o momento... – Não precisou chegar ao fim da sentença para perceber que tinha falado demais. Os olhos da ruiva se encheram d’água e ela não pode conter as lágrimas.

Neste momento o capitão ficou envergonhado de verdade pela primeira vez. Pensava “Estúpido! Estúpido! Sempre arriscando demais! No entanto...” Aproveitando a brecha An Lepard aproximou-se e delicadamente ofereceu seu ombro.

Kiorina hesitou por um momento, mas acabou aceitando.

Neste momento, Kyle e Mishtra haviam terminado de acomodar Archibald na cama, em uma cabina próxima. Tiveram um pouco de dificuldade para fazê-lo, pois o barco havia começado a jogar bastante. Ao que parece haviam penetrado em uma porção agitada do mar. Mishtra ficaria ao lado de seu amado, enquanto Kyle sentia um grande impulso para descobrir onde era a cabina de Kiorina e verificar se ela passava bem.

Saiu da cabina de Archibald e Mishtra e viu que pouco a frente havia uma outra porta aberta. Precisou apoiar-se na lateral do corredor finalmente chegou até a porta. O que viu deixou-o sem ação e mil coisas passaram em seus pensamentos. Avançou como um felino sobre a caça. Puxou o capitão pelos ombros com ambas as mãos e quando seu rosto ficou visível desferiu um golpe certeiro no rosto de An Lepard.

– Seu mau caráter atrevido! – urrou Kyle.

O capitão girou e foi de encontro à parede.

Kiorina gritou indignada – Kyle! Seu bruto! O que está fazendo?!

Escutando que Kiorina havia ficado no seu lado An Lepard foi ao chão fingindo que o golpe havia sido fulminante.

Kiorina agachou-se erguendo o rosto do capitão delicadamente. – Você está bem Lepard?

Anasalou a voz e disse – Acho que sim, obrigado.

– Kyle! Você devia se envergonhar!

Kyle estava muito surpreso e não conseguia articular palavras.

– Vai ficar aí parado, explique-se! – ordenou a ruiva irritadíssima.

– Eu, eu pensei que ele estivesse de aproveitando de você e...

– Então é isso!? Eu sei me defender muito bem. O gentil capitão apenas me consolava, pois chorei subitamente pela lembrança de meus pais! – disse Kiorina com a voz embargada, mas não cedeu ao choro novamente, pois estava irada.

Kyle queria desaparecer e seu rosto inundado de sangue pulsava. Estava envergonhadíssimo.

– Gentil An Lepard, por favor, perdoe Kyle! Crescemos juntos é como um irmão para mim. E como tal sempre está querendo me proteger.

– Eu compreendo. Vai passar, agradeço sua gentileza, bela Kiorina.

– Pelos Deuses! – exclamou Kiorina. – Você está sangrando! – pegou uma parte do próprio vestido e limpou o filete de sangue que lhe escapava do nariz.

– Kyle! Peça desculpas! – ordenou Kiorina encarando-o bravíssima.

Kyle olhou com ódio para o capitão e disse, – Perdoe minha imprudência, senhor capitão.

Sem que Kiorina visse, An Lepard fez uma careta de vitória para Kyle, mostrou-lhe a língua e disse. – Está perdoado bom rapaz. Sua intenção de proteger Kiorina atenua suas ações.

Sem suportar ficar na cabina Kyle retirou-se.

An Lepard fez uma expressão de pobre coitado e enquanto recebia os cuidados da doce Kiorina pensava. “Que palhaço! Isso vai ser divertido!!”

– Bela Kiorina, perdoe-me uma segunda indiscrição, mas não é de seu desejo banhar-se? Quero dizer...

– Entendo o que quer dizer, gentil Lepard. Realmente não tive oportunidade de fazê-lo nos últimos dias. Foram dias terríveis!

– Compreendo. Se quiser um ombro amigo, um confidente, conte comigo. Pode confiar em mim.

Kiorina sorriu e não sabia o porquê, mas gostava dele, confiava nele.

Lepard disse docemente – E quanto ao banho, infelizmente neste navio tenho apenas uma banheira. Fica em minha cabina. Vou pedir que o banho seja preparado e cuidar para que tenha toda a privacidade. Guardarei a porta pessoalmente.

– Oh, capitão An Lepard, você é tão gentil.

– Chame-me apenas de Lepard, como fazia a pouco. – e sorriu com satisfação verdadeira.

CAPÍTULO 5

– É terrível! Terrível! Não posso suportar. – gritava Calisto, o menino de olhos negros. – Meus olhos estão queimando!

– Seria o aliado, intolerante à luz do sol? – perguntou o tenebroso Barão Dagon numa entonação quase tediosa.

– Não! – Respondeu o menino irritado. – Thoudervon teria me prevenido.

O Cavaleiro Derek disse – Como eu disse senhor, não devia encarar o sol. Se tivesse me escutado... – E foi interrompido pelos gritos do rapaz.

– Cale-se! Cale-se estúpido! – gritava contrariado.

Finalmente o rapaz reuniu forças e levantou-se. Cobrindo o rosto e apertando bem os olhos. Aproximou-se do cavalo e voltou a montá-lo. Encarando Derek com os olhos semi cerrados e ameaçou: – Cuidado com o que pensa Cavaleiro! Posso destruir sua mente patética em um piscar de olhos.

– Eu não gosto de como me trata! – retrucou Derek assustado e irritado.

– Assim é melhor! Diga o que pensa e não tente esconder seus pensamentos de mim. Se proceder desta maneira, talvez possamos nos dar bem.

Seguiram pela trilha que atravessaria a fronteira sul do planalto de Or. Com o tempo os olhos do menino ajustaram-se à claridade permitindo que observasse o mundo com uma nova perspectiva. Ainda não estava confortável com a luz do dia, e não se acostumaria tão cedo.

Murmurou impressionado. – As cores são tão intensas! Tantas cores!

Derek pode escutar e comentou com certa inspiração. – É assim mesmo na primavera. Os gramados e árvores ficam mais verdes, surgem flores e insetos brilhantes.

– E qual é a utilidade disto? – indagou Calisto.

– Como assim utilidade? – perguntou Derek confuso.

– Ah! Esqueça! Devia estar ciente que estou conversando com uma porta.

Como Derek não era exatamente brilhante, não ficou muito incomodado com o tratamento. De certa forma, havia se habituado a ser tratado como estúpido. O que não gostava, era de gritos histéricos, faziam com que ficasse nervoso.

Seguiram em silêncio por um longo período. Calisto tentava vez após vez encarar o mundo de olhos bem abertos, mas a dor fazia com que falhasse vez

após vez. Instintivamente sabia que precisava acostumar seus olhos com aquela claridade abundante e não media esforços para tal.

– Parem! – comandou o menino. – Estamos sendo observados.

Derek puxou as rédeas de seu corcel e indagou – Como sabe, senhor Calisto?

– Quieto! – demandou o menino de olhos negros fechando-os e concentrando-se para melhorar a receptividade dos traços de pensamento que havia captado.

– Eca! Que padrões selvagens! Que tipo homem pensaria assim? – murmurou o menino mantendo os olhos fechados.

– O que disse, senhor Calisto?

– Quieto Derek! – comandou severo, mas sem gritar. Havia percebido que Derek não gostava de gritaria.

– Eles nos temem. Ou melhor, a você, Barão Dagon. Estão apavorados! No entanto, nos observam. Paradoxal! Quem serão? O que serão?

Apontou a mão na direção de um arbusto farto de verde profundo e comandou. – Levanta-te!

Derek encarou a criatura que ficou de pé a contragosto e exclamou: – Um bestial! – Era peluda, grosseira com olhos vermelhos e estava bem suja. Além disso, mantinha uma postura rígida e desconfortável.

– Ah! Então isso é um bestial! – Calisto sorriu. – Mente primitiva... surpreendente! Mais primitiva até que a sua Derek! – Encarou o cavaleiro e voltou à criatura. – Parecem ferozes, fortes, capazes de lutar. Facilmente controláveis! Entendi. Por isso foram usados tão facilmente como instrumentos para o golpe de estado.

Novamente comandou. – Vão! Xô!

Em seguida, os três bestiais puseram-se a correr campina adentro.

– Barão Dagon, essas criaturas são comuns por aqui?

– Sim, senhor Calisto. Estamos em seu território, o antigo condado de Montgrey. Em breve, chegaremos a Lacoresh, lá não existem bestiais. – respondeu o monstro monotonamente.

– Oh! Vamos a Lacoresh de uma vez! Não sei quanto tempo poderei suportar a companhia de vocês! – disse o menino e empurrou as mechas de cabelo que lhe caíram sobre a testa.

Derek imitou o gesto e disse: – Sinto o mesmo senhor Calisto.

– Derek, talvez você não saiba, mas você possui certo senso de humor e coragem. Ainda assim, posso estar enganado e não ser nada além de pura

estupidez.

Com isso puseram-se a cavalgar até as fronteiras de Lacoresh. Lá chegando, aguardaram o por do sol. Poderiam prosseguir com maior segurança durante a noite.

Pouco antes do amanhecer aproximaram-se da cidade de Kamanesh. O Barão Dagon seguiu para o sul sem despedir-se. Derek explicou que seres como ele não podiam circular em área povoadas.

Calisto concluiu que o domínio que os necromantes exerciam sobre o povo devia ser pequeno e sutil. Possivelmente, a maioria do povo mal teria tomado conhecimento da tomada do poder pelos necromantes. Mas isso não importava! Meras especulações. De agora em diante, começaria uma grande investigação, havia muito que aprender, muito a entender. Sentia uma excitação crescente com a aproximação da cidade. Como seria conhecer as coisas reais? Conhece-las com os próprios olhos e não mais através de livros. Sair e ver o sol, mesmo tendo sido uma experiência desagradável, havia despertado uma gama de sentimentos e pensamentos na cabeça do jovem, que não ocorreram nos anos vividos até ali. Odores, cores e formas de que nunca teve conhecimento. Precisava conversar sobre tudo aquilo com alguém, o que aumentava sua vontade de chegar a Kamanesh. Claro, estava na companhia de Derek, mas como conversar com alguém tão estúpido? Ele nunca compreenderia suas indagações, suas idéias e conjecturas. Ainda assim, não havia outra alternativa. Conversaria sobre trivialidades para passar o tempo.

– Diga-me Derek, há quanto tempo é um cavaleiro?

– Pouco menos que dois anos senhor. – respondeu Derek sonolento.

– Como aconteceu?

Bocejou, coçou a cabeça e disse – Lutei na guerra contra os bestiais. Era apenas um soldado. Muitos morreram. Meus superiores diziam que tinha jeito para a coisa. Sobrevivi, luta após luta. Fui promovido.

– Foi de soldado a cavaleiro assim!? – disse desdenhoso e acrescentou ironicamente: – Eles deviam estar desesperados mesmo!

– Não tenho do que reclamar. As pessoas me respeitam! – Olhou para Calisto e insinuou: – Pelo menos algumas.

– Duvido! – satirizou o menino. – E quanto a conviver com coisas como o Barão Dagon? Foi desde a guerra?

– Não, isso veio depois. Fui selecionado entre muitos para integrar uma ordem secreta entre os cavaleiros. Disseram que fui escolhido porque teria

estômago para a coisa. Explicaram sobre os necromantes, verdadeiros soberanos de Lacoresh, a quem devíamos servir.

– E aceitaram isso?

– Uns poucos. A maioria reagiu mal e ficou revoltada. Eu inclusive. Alguns foram mortos, outros convencidos a cooperar sob tortura. Só mudei de idéia depois de conversar com o Cavaleiro Julius Fortrail. Fortrail é um dos cavaleiros mais respeitados do Reino, um grande herói que lutou nas duas guerras contra os bestiais.

– Fortrail, não é? – Fez uma pausa e perguntou curioso – E o que ele lhe disse?

– Explicou sobre poder. Explicou que não importa quem esteja no comando, todo o resto é igual. Sejam nobres, magos, ou necromantes o resultado é o mesmo. Quem está no poder vive à custa do povo. O povo sofre e os nobres desfrutam de riquezas. Explicou que eu tinha sorte, pois havia conseguido sair do povo e me aproximar da nobreza. Disse que devia aproveitar a oportunidade e servir. Não devia me opor, não devia me importar com os métodos e criaturas dos necromantes. Se me opusesse perderia tudo o que conquistei.

– Sabe Derek, talvez você não seja tão estúpido quanto parece.

– Vou aceitar isso como um elogio. E sabe de uma coisa? Ele estava certo. Tenho algumas obrigações desagradáveis. Mas moro em uma boa casa, como boa comida e como cavaleiro, consigo mais mulheres que quando era lenhador. O que mais posso querer?

– Que tal um palácio e servos?

– Não sei. Acho que seria demais para mim. Nem mesmo me acostumei com a vida de Cavaleiro...

Amanhecia e os olhos de Calisto sofreram um pouco menos que no dia anterior. Resmungou um pouco e demorou a habituar-se.

– Senhor, acho que logo, logo, irá se acostumar com a luz.

– Por que diz isso?

– Os outros como você, não tem medo da luz.

– Eu não tenho medo estúpido! A luz apenas me machuca. – reagiu intensamente a sugestão de covardia. – Outros? Mas de que outros você está falando?

– Os bebês. Bebês com olhos como o seu. Não são raros em Lacoresh.

– Bebês? Mas Thoudervon disse que eu era único! Como pode ser?

Derek deu com os ombros e apontou. – Lá! Está vendo? É Tanir!

– Não! Não percebe que estou cobrindo meus olhos?! – disse irritado. – Tanir?

– Uma vila próxima a Kamanesh. Ótimo! Poderemos fazer o desjejum!!!

Calisto apertou os olhos para ver um conjunto de cabanas e casas ao longe. A região era muito verde, com plantas dispostas de maneira uniforme. Deduziu que seria uma área de plantio. Mas o cenário exuberante não foi o suficiente para tirar de sua cabeça o que acabara de escutar de Derek. Então não era único? Porque Thoudervon afirmara o contrário? Não saberia sobre os bebês? Impossível! Será que os bebês poderiam ler e destruir as mentes assim como ele podia? O que significava a cor de seus olhos? Porque nunca haviam lhe explicado nada sobre isso? Nem mesmo havia encontrado referências nas centenas de livros que lera?

CAPÍTULO 6

O mar estava revolto. O céu cinza e uma tempestade era anunciada pelos ventos intensos e relâmpagos distantes. O navio do capitão An Lepard, Estrela do Crepúsculo, seguia firme, impulsionado por fortes ventos e com as velas bem esticadas. A madeira que constituía a nau rangia com o balanço violento. O convés do navio não era um lugar seguro e ocasionais espirros de água molhavam toda sua superfície deixando-a escorregadia. Ainda assim, não era uma situação que colocava o barco em perigo. O Estrela do Crepúsculo havia atravessado muitas tempestades terríveis e sobrevivido.

Com isso a tripulação parecia bastante tranqüila, mas a tripulação apenas. Quanto aos passageiros, e marinheiros de primeira viagem, aquilo era um pesadelo. Imaginavam que poderiam afundar a qualquer momento.

Mishtra permanecia ao lado de Archibald. O ex-monge Naomir recuperava-se lentamente das lesões em seu corpo e em sua cabeça. Por vezes acordava, bebia e comia pouco, mas não conseguia levantar-se e andar sozinho. Era auxiliado por Gorum, Kyle e Noran quando precisava fazer suas necessidades.

Archibald dormia e o coração da silfa palpitava. A situação lhe trazia memórias confusas de um tempo de que já havia esquecido. Seria um sonho? Ou era verdade o que sua memória sugeria? Teria estado do mar no passado? Teria viajado em navios? Acreditava que sim. Mas quando? Por que não conseguia lembrar-se de detalhes? Segurou a mão de Archibald com firmeza e reclinou-se sobre seu corpo. Sentia frio e tentava captar o calor do rapaz. Era irracional, mas ao colar seu corpo ao corpo dele sentiu-se mais segura. Mesmo que ele pudesse fazer pouco para garantir a segurança de qualquer pessoa.

Adormeceu e em seus sonhos foi visitada por um silfo muito bonito, alto e sempre sorridente. Não era a primeira vez que a imagem daquele silfo lhe vinha à cabeça. Quem seria? Por que não podia recordar-se. Sentiu-se calma e segura na presença do misterioso silfo que possuía longos cabelos castanhos que escapavam de um lenço rubro amarrado ao topo de sua cabeça. Possuía um pouco de pelo na face desenhado em forma de cavanhaque, sinal de que era um silfo maduro, com mais de trezentos anos. Quem era aquele silfo? Qual era seu nome?

Archibald abriu os olhos. Olhou a seu redor e sentiu dor. Franziu a testa e gemeu. Percebeu que Mishtra estava adormecida em seus braços. Uma

tempestade. Entravam em uma tempestade. Era dia, mas a cabina estava escurecida, devia estar escuro lá fora também. Era ocasionalmente iluminada por relâmpagos. Tinha dificuldade de reconstituir os acontecimentos. Muitas coisas estavam confusas em sua mente. O que acontecera? Como havia chegado até ali? Não sabia muito bem onde estava. Sabia que estava fora de Lacoresh, sabia que estavam com ele, Mishtra, Kyle, Noran e Kiorina. Kiorina! Sim! Lembrava-se. Foram resgatar Kiorina, mas há quanto tempo? Confusão! Conseguiria ficar de pé?

Moveu Mishtra cuidadosamente deitando-a por completo sobre a cama. Estava muito cansada não acordava apesar de todo o barulho e movimentação. Levantou-se com dificuldade. Apertou o ombro esquerdo que doía intensamente. Suas pernas não estavam exatamente firmes, mas conseguia andar. Abrindo a porta viu-se em um corredor estreito e mal iluminado. Algumas memórias voltavam a sua mente enquanto andava lentamente sem destino. Sua mente estava desorganizada, as memórias não se encaixavam umas nas outras.

Memória! Flores, muitas flores amarelas. Era uma bela primavera. Uma vida cheia de aventuras. E havia o amor. Havia dor. Havia ódio. O amor era Déria, a dor era pela perda de sua família, o assassinato de sua família e o ódio era generalizado, não podia ser focado. Mas apesar do conflito havia Déria. E lá estava ela, correndo feliz pelos campos floridos próximos a Kamanesh.

Já era uma moça, mas não uma mulher. Tinha lindos olhos castanhos, possuidora de um olhar amável e voz gentil que haviam conquistado seu coração. Usava uma coroa de flores amarelas na cabeça.

– Venha Archie! Não consegue me alcançar? – disse a moça ofegante fazendo uma pausa em sua corrida. Archibald havia gravado para sempre aquele olhar, aquele sorriso, aquela beleza jovem, aquele amor...

Então uma mudança brusca. Sua memória viajou para meses depois. A água fria do rio Montiguá em torno de seu corpo. A correnteza forte carregando os amantes, rio abaixo. Déria perdendo as forças. Déria afogando-se. Archibald sentindo uma estranha paralisia. Estava em choque, não conseguia agir. Não pôde alcançá-la. Não pôde alcançá-la! As memórias se misturavam, escutava a voz de Déria dizendo: – Não consegue me alcançar? – Ela morrera. Seu amor morrera. O plano de fugirem para longe e serem felizes acabou quando o pequeno barco virou no rio Montiguá.

Memória!

Escutava vozes. Ainda estava molhado. Estava frio. Ao lado de uma lareira escutava vozes.

– Gorum, que você vai fazer?

– Vamos levá-lo até a catedral, garoto. Querem mata-lo, entende? Ele tem que ser levado para longe.

– Por que ele está assim, Gorum?

– Está em choque garoto. Talvez os monges Naomir possam ajudá-lo. Eu conheço um deles, Irmão Weiss. Ele vai ajudá-lo.

Memória!

Biblioteca do mosteiro dos Monges Naomir. Discutia com o Irmão Weiss. Conversa que daria nova perspectiva a toda sua vida.

– Você é irmão de meu avô? – questionou Archibald indignado.

– Sim. Sorria, somos uma família! – respondeu Weiss ironicamente. Era velho, possuía cabelos brancos e ralos, vestia um manto dos Naomir e apoiava-se num bastão.

– E quanto à história do sangue de silfos? Isso é verdade?

– Infelizmente é sim, e você também carrega sangue sílfico em suas veias.

Lapso!

– Acompanhei você desde seu nascimento. Panejei todos os eventos importantes de sua vida. Conheço você. Sei como vai agir. – anunciou Weiss, confiante e sádico.

– Como alguém pode planejar tudo? Isso não faz sentido!

– Por exemplo, sabe quando seus pais e irmãs morreram? Atacados por bandidos, não foi? E você acha que isso foi obra do acaso?

– Não acredito...

– E sua namorada? Você ia fugir com ela não é mesmo? Se conseguisse eu ia te perder... Então tive de dar um jeito nela.

– Não faz sentido, são mentiras! Você é um mentiroso! Você não tinha o poder!

– Não zombe de mim fedelho! Ou você pensa que o sangue dos silfos trás apenas desvantagens?

Presente! Estava molhado, chovia e o navio jogava violentamente. A dor diminuía. Suas pernas firmes novamente. Livre para movimentar-se. No entanto, sentia-se estranho. Qual era o sentido da vida? Para que viver? A resposta não veio. Seguiu pelo convés até a proa do navio. Seus olhos pareciam fixos em um ponto indefinido. Possuía um olhar aéreo. Não sabia, mas seu objetivo era atirar-se ao mar. No último instante sua mente foi tocada.

“Archibald!?”

Acordou para a realidade e pensou “Mishtra?!” Lembrou-se: “Existe ao menos uma razão para viver!”

Voltou. Molhado, mas vivo. Entrou no corredor de onde saíra.

Mishtra abraçou-o e transmitiu-lhe. “Amor? O que estava fazendo!?”

Archibald respondeu: – Não sei! Não pensava direito.

“Sente-se melhor? E as dores?”

– Se foram. Mas só as dores do corpo. As dores da alma continuam. E doem mais que nunca. – disse e assim que o fez, a confusão havia deixado sua mente. Lembrou-se de toda sua vida em seqüência. Todos os fatos. Tudo! Toda sua vida pela primeira vez. – Kiorina! Ela está bem?! – indagou Archibald preocupado.

“Não se preocupe Archie, ela está bem. E não foi molestada por aquele bruto. Foi apenas um blefe a fim de irritá-lo.”

Archibald lembrou-se do episódio. Antes de resgatarem Kiorina, Ruko, um dos cavaleiros que trabalhava para os necromantes, havia dito que molestara Kiorina. Algo que elevou a ira de Archibald fazendo-o entrar num estranho estado de fúria no qual lutava como um louco e era incapaz de sentir dor.

– Tem certeza?

“Tenho! Por favor, fique calmo. Venha descansar.”

CAPÍTULO 7

Apesar da grande preocupação causada pelos tempos difíceis, Modevarsh demonstrava bastante satisfação. Cuidava dos últimos detalhes da decoração do novo cômodo que acabava de moldar no interior da montanha. Deu-se ao trabalho de criar padrões geométricos simples no piso polido e perfeitamente plano. Havia sido a parte mais difícil do trabalho. Móveis com base de pedra e acabamento em madeira, todos produzidos com velocidade impensável. Sendo apenas possível concluí-los em tão pouco tempo através de meios mágicos. Com uma ou duas semanas poderia construir um jardim interno e fazer uma aberturas que trouxessem luz solar ao local. Por hora, o ambiente seria iluminado por pequenos cristais dotados de brilho azulado. A luz era constante e de pequena intensidade, gerando iluminação suave. Estes cristais foram fixados em protuberâncias cilíndricas cuidadosamente modeladas que podiam ser tampadas com encaixes de pedra opaca.

– Pronto! – disse o silfo ancião dando voz a seu pensamento.

– Agora um pouco de paciência! O bom Radishi contatou-me há pouco me advertindo sobre sua chegada. Devem estar quase chegando. – Modevarsh pensava alto e sentou-se em uma poltrona de pedra recoberta com uma fina camada de madeira e tecido. – Humpf! Depois de tantos anos finalmente cheguei a isto! Conversar sozinho! Seria ansiedade? Minha juventude já se foi! Não é mais hora de sentir ansiedade e impaciência! O que há comigo? Meu fim a se aproximar? Não! Simplesmente não posso ir! Há muito a ser feito. Oito estações! Isso oito estações é tudo de que preciso... Ao menos cinco.

Ajeitava-se na poltrana franzindo o cenho – E quanto a Vekkardi? Essa viagem repentina!! Jovem impertinente! Começou a ficar como o irmão! Não dá mais atenção ao que digo. Preciso meditar a este respeito!

Então o silfo calou-se, fechou os olhos e ficou imóvel até o crepúsculo. O único movimento que fez durante sua meditação era de expansão e contração do tórax. Respirava suavemente e com freqüência muito pequena. Apenas um observador atento poderia notar a respiração suave e lenta. Deixou o estado de contemplação involuntariamente devido a um novo contato por parte de Radishi que anunciou em contato direto com sua mente. “Chegamos senhor Modevarsh! Sinto que seus companheiros estão tão ansiosos como o senhor para encontrá-lo.”

Modevarsh deixou seu estado de meditação um pouco incomodado com a natureza das revelações que lhe foram apresentadas, ainda demasiadamente incompletas.

Mas logo abandonou esta sensação. Foi substituída, de imediato, pela grande satisfação de reencontrar os companheiros do clã que abandonara há tanto tempo.

– Olá senhor Modevarsh! Como tem passado? – Veio a voz de Radishi que entrava na câmara naquele momento.

– Bem. Obrigado por cumprir esta tarefa, bom Radishi. – Modevarsh observou o rapaz e notou que sua pele havia assumido uma bela tonalidade bronzeada. Seus olhos azuis transparentes inspiravam confiança e foi assim desde o princípio, Modevarsh confiou em Radishi irrestritamente. Outro fato interessante era que o jovem tisamirense perdera o hábito de usar roupas em excesso. Vestia uma camisa de mangas curtas e não usava panos enrolados sobre toda a cabeça deixando à vista apenas os olhos. Assim ficava bem à vista a tatuagem circular e vermelha no centro de sua testa assim como sua barba bem cuidada formando apenas um cavanhaque. Modevarsh observava os cabelos negros e encaracolados de Radishi caindo-lhe sobre a face e percebia que Radishi era um jovem bem afeiçoado.

– É um prazer ser útil Sr. Modvarsh. Seus convidados aguardam sua permissão para aqui entrarem.

Modevarsh franziu a testa e disse – Isso não seria necessário, bom Radishi. – Encarou o rapaz por um momento – Algo o incomoda?

Radishi possuía uma expressão preocupada e desabafou – Sim. Sinto vibrações ruins que aumentam todos os dias, vindas de toda a parte. Incomoda-me não poder contrapor esta onda avassaladora de energia negativa.

– Minhas preocupações somam-se as suas, bom Radishi. Mas antes de lidarmos com isto, quero pedir-lhe outro favor.

– Diga Sr. Modevarsh.

– Gostaria que seguisse a trilha de Vekkardi e o acompanhasse em sua jornada recém iniciada.

– Certamente! Já partiu?

– Ontem. Não deve estar longe. Ruma para Lacoresh e isso me preocupa muito.

– Certo, partirei o quanto antes.

– Muito bem, bom Radishi. Agradeço sua presteza.

– Pedirei a seus convidados que entrem. Já esperaram demais.

– Muito bem, novamente, obrigado, bom Radishi.

Com isso Radishi virou-se e empurrou as camadas de pano cortinado que bloqueavam a entrada da gruta. Em seguida adentrariam três silfos. O primeiro, alto, jovem e robusto segurou o cortinado para os outros dois passarem. Possuía cabelos negros, curtos e anelados. Usava cavanhaque curto e suas orelhas pontudas eram um pouco mais evidentes que o normal.

Curvando-se levemente entraram os outros dois. Primeiro uma silfa de idade avançada, usando ao redor da cabeça uma coroa de pequenas flores silvestres. Possuía cabelos brancos lisos e curtos e sua pele era levemente enrugada. Apesar disso tinha um largo sorriso no rosto e movia-se livremente o que lhe conferia um aspecto jovial. Carregava nos braços um coelho o qual acariciava.

Em seguida, entrou o outro. Bastante velho com dificuldades de locomoção, apoiando-se em uma bengala. Possuía longos cabelos brancos finamente trançados. Era magro e baixo e tinha uma grande barba branca, também trançada, raridade entre os silfos.

Modevarsh era o mais velho de todos, assim, segundo seus costumes o silfo mais jovem cumprimentou-o primeiro. Dali para diante conversariam todos em sílfico.

O jovem aproximou-se, curvou-se e disse: – É um prazer conhecê-lo ancestral! Sou Roubert, seu descendente de quinta geração.

– Quinta? Não sabia que tinha um braço da família tão fértil! Seja bem vindo jovem Roubert!

Roubert sorriu e deu um passo para trás.

A silfa soltou o coelho no chão, mas este não saiu de seu lado enquanto caminhava. Aproximou-se de Modevarsh e beijou-lhe o rosto. “Estou feliz por vê-lo novamente, Modi. Trouxe presentes.”

Modevarsh sorriu e sentiu uma leveza que não sentia há tempos. – É ótimo vê-la, cara Lalith! Está radiante como sempre!

Lalith fez um gesto delicado com ambas as mãos e imediatamente o ambiente foi preenchido por um perfume suave de flores. Em um instante desabrocharam centenas de flores de cores e variadas nos vasos e canteiros da parte lateral da câmara. Em seguida cedeu espaço para o segundo mais velho se aproximar.

– Modevarsh! Você envelheceu! Ho Ho Ho!

Modevarsh sorriu e disse. – Todos nós, não é mesmo velho amigo!?

– Nada disso! Eu não. Eu não!

– O que pretende dizer, Lourish?

– Que não estou velho, ora bolas!! Estou mais jovem e vigoroso do que nunca. Essa aparência é apenas um disfarce mágico, para não deixá-lo sem jeito!

Modevarsh riu alto. – Isso é muito engraçado, Lourish! Desde quando você desenvolveu o senso de humor?

– Não sei... Talvez tenha sido depois de encontram-me com um jovem e misterioso silfo. Chama-se Alunil, e vive na cordilheira de Thai, já ouviu falar dele?

– Alunil, não é? – O sorriso de Modevarsh alargou-se. – Nunca ouvi falar!

– Ho ho ho! Seu velho trapaceiro! – Esticou os braços e abraçou o amigo que não encontrava há mais de quatrocentas estações.

Roubert estranhou a conversa e pouco pode entender. Mas concluiu que haveriam coisas sendo ditas nas entrelinhas. Sendo ele jovem e impaciente acabou sendo indelicado. – Senhores, por favor! Será que podemos ficar aqui rindo, enchendo o local de flores e decoração enquanto todo o mundo está desmoronando lá fora?

– Roubert, Roubert! – Lalith chamou-o delicadamente. – Tenha paciência. Na vida precisamos aproveitar os bons momentos quando eles se apresentam, mesmo que existam outras coisas ruins a nosso redor. Sabe por quê?

Roubert ficou calado e percebeu que havia sido indelicado.

A silfa bondosa prosseguiu – Porque sempre existem coisas ruins ao nosso redor. É apenas uma questão de ponto de vista.

– Não fique abatido meu jovem. – anunciou Modevarsh. – Compreendo bem sua aflição. E é bem verdade que não nos reunimos com o objetivo de festejar. Vamos discutir coisas importantes, sim! Mas precisamos relaxar, descansar e conversar a respeito de outras coisas também, compreende?

– Sim, ancestral. Perdoe-me. Fiquei confuso com a conversa de vocês e deixei escapar um pouco da dor e sofrimento do que presenciei e que agora estão dentro de mim.

– Entenda outra coisa jovem Roubert, e preste bastante atenção. Há urgência em agir. Mas nossas ações nada poderão contra o turbilhão que se apresenta diante de nós.

– O que então poderá contrapor-se a esta onda maligna que surge?

Modevarsh olhou para seus companheiros e disse. – Estamos velhos, não podemos contrapor tal coisa diretamente. O essencial em nossas vidas já fizemos.

– Não compreendo, se vocês, os mais sábios e poderosos nada podem, quem poderá então?

– Não disse que nada podemos. Podemos sim. Podemos ajudar. Ajudar aqueles que precisam e querem ser ajudados. Aqueles que não querem ser ajudados, não serão. Serão apenas quando quiserem.

– Perdoe-me ancestral, mas sua fala me confunde. O que sei é que muitos dos nossos foram mortos, muitos mais morrerão. A corrupção chegou ao centro de nosso clã, seu atual lider, Rodevarsh, seu irmão, ordenou que Lourish e Lalith fossem executados. Enquanto isso, o reino dos humanos foi dominado por senhores malignos, e isso tudo parece ser apenas o começo! Como o senhor pode ficar assim tão calmo!? Será que o senhor não se importa?!

Lourish virou-se para Roubert ergueu sua bengala e acertou-lhe na cabeça. – Já basta Roubert! Observe seus modos!

– Seja paciente com ele, Lourish – pediu Modevarsh. – Roubert, meu jovem, é visível que está muito ansioso por encontrar respostas para suas perguntas e para combater o mal. Isso não é necessariamente ruim. De fato, pode transformar-se em uma coisa boa. Sei que já esteve em contato com os humanos e aprendeu sobre suas maneiras.

– Como sabe? O senhor nem me conhecia? – perguntou desconfiado.

– Escute meu jovem, não me questione. E não pense que porque Rodevarsh é meu irmão que sou como ele!

Roubert engoliu secou. – O senhor lê mentes?

– Não, mas tenho muita experiência. Pois me escute! Quero que se vá. O que faremos aqui é discutir e planejar mais que agir.

– Mas senhor...

Foi interrompido por Modevarsh que seguiu. – Quero que acompanhe o bom Radishi e meu discípulo, Vekkardi em uma jornada ao reino de Lacoresh. Lá você terá sua chance de combater o mal e talvez possa entender o que isso realmente significa!

Roubert ficou em silêncio por uns momentos e aceitou o fato. – Sim senhor, eu irei!

– Ótimo, pois é melhor apressar-se para ir juntamente com o bom Radishi.

Roubert curvou-se para despedir-se dos silfos anciões e tomou a direção da saída. Porém, antes de sair, foi advertido por Lalith. – Roubert querido, procure acalmar-se. Pense em coisas boas e deseje o bem. Procure não usar a força, use-a somente em última instância.

– Obrigado pela preocupação senhora, adeus a todos! – disse o jovem silfo e saiu da gruta carregando grandes amarguras em seu âmago.

CAPÍTULO 8

Tendo notícia de que Archibald estava bastante recuperado, Kyle sentiu-se ansioso para que conversassem. Muita coisa acontecera e Kyle acreditava que precisavam colocar muitos assuntos em dia.

O tempo ruim havia passado e o navio deslizava com relativa suavidade. Estando Archibald comprometido com a silfa, Kyle sentiu um pouco de dificuldade para chamar o amigo para uma conversa particular. Mishtra sentiu a hesitação de Kyle sorriu e foi delicada, dizendo através de seus pensamentos que ele não precisava agir diferente só por que agora ela e Archibald estavam enamorados. Sentiu-se aliviado pela compreensão da silfa e isso afirmava uma simpatia cada vez maior que nutriam entre si. Tinham muito em comum. Por exemplo, ambos adoravam Archibald, ambos detestavam o Capitão An Lepard, ambos simpatizavam reservadamente com Noram, gostavam de Kiorina e sentiam impulsos para proteje-la, entre outras coisas.

– Archibald, meu amigo! Fico feliz pela sua recuperação. Fico feliz por você e Mishtra.

– É bom contar com seu apoio.

Ficaram em silêncio, lado a lado com os braços apoiados na lateral do navio, olhando para o oceano, infinito. Próximo de onde estavam podiam acompanhar com o olhar, ondas pronunciadas. Na medida em que afastavam a vista, as ondas ficavam menores até parecer que o mar estava quieto.

Ambos hesitavam, mas tinham muito sobre o que conversar.

– Kyle, você veio me buscar para conversarmos, mas na realidade tem muita coisa que eu preciso lhe contar.

– Imagino. Se quiser começar?

– Sim. Mas estou confuso! Muita coisa passa por minha cabeça. Estive pensando se não estou enlouquecendo.

– Entendo. Às vezes também me sinto assim.

– É mesmo?

– Podia ser diferente? Aconteceram tantas coisas terríveis, que tudo parece loucura!

– Sabe Kyle, quando comecei a fraquejar, duvidar de minhas crenças, duvidar de mim mesmo, percebi que você havia desenvolvido uma enorme auto confiança.

– Enorme auto confiança, eu? De que você está falando, Archie?

– Você pode não perceber, mas tornou-se um homem de fé. E em termos de fé conseguiu me superar. Enquanto eu, que fui preparado por anos, impulsos controlados, a mente organizada dentro do edifício da fé divina, fé nos Deuses... – Fez uma pausa procurando controlar a irritação. – Hah! Perdia a fé! Não sei mais no que acreditar.

– Não sei se compreendo. Mas percebo o que disse quanto a minha fé. Deve estar se referindo à tarefa que aceitei do silfo Modevarsh. Encontrar o oráculo de Shimitsu.

– Sim, principalmente isso.

– Pois então, tome isso como sua missão também. Aceite este norte.

– De certa forma aceitei isso, mas não pela tarefa em si, mas sim pelas pessoas que assumiram essa busca. Mas o que me deixa louco é não entender as coisas em um plano superior.

– Plano superior? – Kyle franziu a testa.

– É! O verdadeiro motivo para tudo acontecer como acontece.

– Disso pouco sei. Acho que talvez ninguém saiba disso. Como dizem, é assunto para os Deuses, e para os Deuses apenas.

Archibald deu com os ombros.

– Mais cedo, Gorum me disse que faremos uma parada em breve. Um lugar que os marinheiros chamam de Porto Seguro. – informou Kyle.

– Espero que seja seguro como implica o nome.

– Não me sinto seguro, não neste navio e principalmente sendo comandado por este Capitão.

– An Lepard, não é? A Mishtra também não gosta nada dele. Disse-me que não podemos confiar nele.

– Então pelo menos você está do nosso lado! Gorum e Noran parecem gostar dele! Kiorina vem sendo seduzida por suas gentilezas sem fim! – Irritou-se Kyle.

– Vou ficar a seu lado Kyle, além do mais, confio em pouca gente. Cada vez descubro que existem menos pessoas em que posso confiar.

– Sabe que sempre pode contar comigo, não é mesmo?

– Sim. Preciso lhe contar umas coisas, Kyle. Coisas que estão me incomodando demais!

– Fale amigo!

– Primeiro, pode parecer estranho, mas é verdade. Possuo sangue dos silfos correndo em minhas veias.

– Como é?

– Vou explicar. Lembra-se do irmão Weiss?

– Claro, o velho monge com quem lutou na biblioteca do mosteiro.

– Pois é, ele foi meu parente. Irmão do meu avô. Descobri isso naquele dia terrível. Além disso, meu bisavô era filho de um silfo e uma humana. Por decorrência, tenho sangue dos silfos em minhas veias.

– Puxa! Que história.

– E não é tudo, naquele dia fiquei sabendo também que Weiss tinha sido responsável por coisas terríveis! Ele havia se envolvido com os necromantes, e planejava que eu fosse seu sucessor. Eu que era sua única família. Para isso, cuidou de manipular minha vida como se eu fosse um marionete. Entre muitas, contratou bandidos para assassinar minha família e causou a morte da minha namorada, Déria.

– Não pode estar falando sério?!

– Estou com cara de quem está brincando?!

– Desculpe, não foi o que quis dizer, eu apenas...

– Entendi! É loucura demais, não é? Pois não acabou. Somente agora, depois de todo este tempo pude recobrar minha memória por completo. E te digo: ainda há um nó cego nisso tudo!

– O que?

– Aqueles transes! As transformações pelas quais passava, cada vez mais intensas. Havia algo, Kyle. Uma espécie de outro eu, que cada vez mais, tomava conta do meu corpo, e quando fazia...

– Eu me lembro! Archibald! Não sei o que dizer... Isso é mesmo muito estranho. Por outro lado... Ocorreu algo curioso comigo, algo que de certa forma parece com seus transes.

– Mesmo?

– Foi quando lutamos contra o cavaleiro negro, anteriormente, o cavaleiro Roy. Era forte como um touro e derrubava todos em seu caminho, além de não ser mais humano e pouco se importar se parte dos seus ossos estavam quebrados e saindo para fora de seu corpo. Era uma coisa grotesca! Quando ele te desarmou e derrubou-lhe com uma marretada nos ombros, senti uma coisa. Meus braços ficaram dormentes tomei consciência de uma maneira de lutar, que veio como do fundo da minha alma. Senti grande força e confiança e confesso que derrotei o monstro com facilidade mesmo sem saber exatamente como.

– Disso eu não sabia. Confesso que pouco me recordo sobre meu próprio confronto com a coisa. Lembro-me apenas de umas imagens sem nexo.

– Eu não, lembro-me de todos os detalhes. Especialmente de como passei a enxergar os pontos fracos dele, e suas intenções de golpe. Era como se eu pudesse pensar em mil coisas enquanto ele preparava um golpe para atingir-me. Depois da coisa toda sem saber bem porque, concluí que isso tinha alguma relação estreita com Shimitsu e com o fato de ter aceitado a tarefa de encontrar o oráculo.

– Mas isso não faz sentido, Kyle.

– É verdade. Mas quando a idéia me veio pela primeira vez pareceu bastante sensata. Não fiquei preocupado.

– Por falar em preocupação... Estou preocupado com a Mishtra. Tenho medo de magoá-la. Tenho medo de contar-lhe sobre o sangue sílfico. Para os silfos, isso é uma terrível maldição. Tenho medo de que ela não me queira mais.

– Calma, Archibald, tenha calma.

– Não sei. Tudo está muito complicado, nem sei como ainda consigo manter uma conversa. Não sei como pude suportar tantos choques.

– Escute Archie, estive pensando uma coisa. O oráculo, quando o encontrarmos você poderá perguntar-lhe sobre os transes, ou mesmo outras coisas que lhe afligirem.

– Talvez, mas estou com medo. Medo de saber o que é isso. E se não houver cura para estes transes, e se algum dia eu...

– Deixe disso. Vamos trabalhar juntos e resolver todas essas questões. Tenho um bom motivo para isso!

– Qual?

– Você acredita que depois de tudo por que passamos, tudo o que sofremos, e, o que aprendemos com isso, que seja certo que simplesmente desistamos de tudo? Desistamos da vida, desistamos de tentar?

– É... você tem razão, ao menos temos que tentar.

– Viu! Isso não é fé? – sugeriu Kyle.

– Não.

– O que é então?

– É lógica.

Archibald sorriu soltou uma gargalhada – Kyle, você está aprendendo a ser engraçado! Também, depois de tanto tempo com o Gorum!

– Não quis ser engraçado!

– Mas foi!

Kyle ficou sério.

– Deixe estar. – disse Archibald. – Já enchi demais seus ouvidos com meus problemas. Você me chamou, sobre o que queria falar?

– Rapaz! Depois de escutar os seus problemas, sinto como se não tivesse nenhum. – Fez uma pausa. – Mas na realidade tenho. Na realidade, é um problema apenas. Seu nome é An Lepard!

– Preciso conhecê-lo.

– Vai conhecê-lo, e quando o fizer, verá o que estou lhe dizendo.

– Entendo. – O ex-monge coçou a cabeça e criou coragem. – Posso perguntar uma coisa íntima.

Kyle balançou a cabeça negativamente e autorizou a pergunta.

– O que você sente por Kiorina? Quero dizer, acha que há alguma chance de você estar...

Foi interrompido. – Não, sem chance. Sinto por ela o mesmo que sinto por você. É minha amiga apenas, nada além disso.

– Mas já se beijaram.

– Sim, mas isso não faz com que eu goste dela, ora bolas!

– Não sei, quando você falou: 'Kiorina vem sendo seduzida por suas gentilezas sem fim!' Não pude deixar de perceber um tom ciumento.

– Você também!? Não vê que não é nada disso? Kiorina é jovem e inocente, esse sujeito não tira seus os olhos maliciosos dela, desde que a viu. Seu único objetivo é seduzi-la! Ora estou apenas pensando em protegê-la deste malfeitor!

– Talvez ele goste dela de verdade, quem sabe?

– Ei! De que lado você está?!

– Calma, eu só estava falando hipoteticamente. Talvez eles se acertem, talvez eles se casem, sei lá.

– Você só está falando assim por que ainda não viu o jeito que ele olha para Mishtra! Neste momento suas hipóteses irão por água abaixo.

– Vou lembrar-me disso.

– Droga Archibald, se eu te contar que eu acertei um murro bem na cara do safado você pensaria que o que eu senti ciúmes! Mas eu juro: não foi!

– Você socou o Capitão do Navio!?

Kyle torceu os lábios e fez que sim com a cabeça. – Sabe o que é pior? Kiorina tomou seu partido, chamou-me de bruto e fez com que me sentisse envergonhado. Por um momento achei que podia ter exagerado que podia estar errado. Não deveria! O fingido fez uma careta para mim enquanto ela não o via, e quando Kiorina olhou para ele novamente fingiu morrer de dores. Estou dizendo, o sujeito é insuportável!

Neste instante, Mishtra saiu da cabina e foi ao encontro de Archibald no exterior do navio. Por uma infeliz coincidência, An Lepard também saía de sua cabine. Iria conferir a rota que seguiam e carregava os instrumentos apropriados.

Ao ver a silfa torceu a face. Isso não durou muito. Ao acompanhar o andar provocante da silfa, esqueceu-se de suas reservas para com os silfos e seguiu-a não podendo resistir. Tinha que aproveitar aquela bela visão em todos os seus detalhes, fosse silfa ou não, era lindíssima. Seguindo-a com os passos e com os olhos falhou em notar Kyle e Archibald que captaram toda a extensão de sua malícia.

Archibald passou direto por Mishtra praticamente ignorando-a. Aproximou-se de An Lepard que procurava disfarçar e armar sua instrumentação. Archibald foi extremamente frio e calmo. Aproximou-se. Cumprimentou o Capitão.

– Sou Archibald.

O capitão foi gentil – An Lepard, à suas órdens.

Aproximou-se e disse entre dentes no pé do ouvido do capitão. – Escute aqui, senhor Capitão. Não sou tolo como Kyle, para atingí-lo fazendo uma cena. Vou apenas adverti-lo. Se pegar você olhando assim para a Mishtra novamente arrancarei os olhos de sua face. Entendido?

– Fique tranquilo, Archibald, e peço desculpas pela ofensa.

– Passe bem. – disse Archibald voltando-se para o local onde Mishtra e Kyle trocavam pensamentos de repulsa ao Capitão do navio.

“Você irá matá-lo, meu amor?” indagou Mishtra a Archibald.

– Precisamos dele.

“E depois?”

– Depois? Quem sabe? Talvez sim.

CAPÍTULO 9

Finalmente, Kamanesh! Calisto estava ansioso por chegar a uma cidade de verdade. Era bem maior do que esperava, havia casas e construções de madeira e pedra que chagavam a ter três andares, torres ocasionais com o dobro da altura, e raras com o triplo! Detalhes geométricos esculpidos em nas paredes de algumas das contruções, em outras haviam colunas trabalhadas, e estátuas decorativas. As ruas eram calçadas de forma que não levantavam poeira ao cavalgar por ali. Apesar da excitação da descoberta, o menino sentia-se incomodado, um zumbido constante incomodava-o. Derek lhe disse que não havia escutado zumbido algum.

– Falta pouco senhor Calisto. Passaremos pela Praça da Meia-lua e então chegaremos à catedral de Kamanesh.

– Praça de Meia-lua? – perguntou o rapaz com expressão amarga, certamente devido ao incômodo que sentia.

– Sim, a grande praça que fica próxima ao porto, lá é o principal mercado da cidade.

Calisto olhava para os homens e mulheres que ocasionalmente encontravam no caminho. Eram desprezíveis! Olhavam-no com temor. Isso era bom, gostava de ser temido.

O zumbido na mente do rapaz começou a aumentar, deixando-o zonzo. Logo segiu-se um enjôo. Como se estivesse rompendo um limiar, o zumbido transformou-se em uma sucessão incrível e simultânea de pensamentos e vozes. Com o choque, desequilibrou-se e caiu do cavalo. A última coisa que pensou foi: “Estou caindo do cavalo?”.

Mais tarde despertou. Estava em um lugar escuro e úmido. Havia um forte cheiro de livros antigos no local. Estaria de volta à morada de Thoudervon? Logo percebeu que não.

– Ah, você despertou. Sente-se melhor?

Quando a voz desconhecida, falha e suspirante perguntou-lhe sobre como se sentia, parou para analisar-se por um instante. O zumbido havia cessado, assim como as vozes. Em um instante compreendeu o que havia acontecido. Fora vítima de seu próprio despreparo. Sua curiosidade de absorver conhecimentos do ambiente havia deixado sua mente bastante aberta, muito vulnerável. E quando

se aproximou de uma multidão, não foi capaz de conter os pensamentos conjugados e confusos que emanavam desta. Sua mente fraquejou não aguentando tamanha carga de pensamentos.

Tocou sua cabeça e percebeu um curativo. Ao tocá-lo sentiu dor e gemeu.

A voz sutil, adoecida, veio novamente. – Quando você chegou, estava perdendo muito sangue. Podia ter morrido. Teria sido um fiasco! Thoudervon, não me perdoaria.

Ao escutar o nome de Thoudervon mencionado sentou-se e virou-se para encarar o interlocutor desconhecido. Estava sentado em uma poltrona sob a luz de um candelabro. Nada pode ver sobre sua aparência, estava escuro, e o homem vestia grossas mantas negras que lhe cobriam todo o corpo. Sua face estava sobre a sombra e não pode distinguir nesta nenhum traço. – Quem é você?

– Sou seu novo instrutor.

– Sei. – Calisto procurou olha-lo dentro dos olhos, ou melhor, onde estes estariam.

De imediato, o homem puxou um bastão e pôs-se de pé. Com grande violência girou o bastão que atingiu o estômago do menino. Calisto gemeu e perdeu sua concentração.

Uma onda de ódio subia a cabeça de Calisto. Pensou rápido como um trovão: “Pronto! Esse aí vai morrer! E vai ser agora!”.

Antes de poder tomar qualquer ação o homem disse severamente, tentando gritar, mas apenas extraindo chiados de sua voz rouca – Escute bem, menino! Nunca! Nunca se atreva a vasculhar minha mente novamente, ouviu bem! Saiba que não sou subalterno de Thoudervon. Como tal, mesmo você sendo seu protegido, estou pronto para puni-lo, se preciso matá-lo! Compreende?

Calisto calou-se, mordeu os dentes e preparou-se para liberar um ataque fulminante contra aquele idiota que se atrevera a tocá-lo.

Percebendo sua intenção em um piscar de olhos, o homem de negro desferiu uma dezena de golpes que atingiram o menino de todos os lados, causando-lhe muita dor e impossibilitando o mínimo de concentração necessária para executar um ataque mental.

Calisto foi ao chão e sentiu seu corpo todo doer. Sangue em sua boca, sangue escorrendo de seu nariz. Algo levantou sua cabeça. Estava tonto, tudo girava. Percebeu que era ele, estava próximo, ergueu-o levantando-o pelos cabelos. Sentiu uma dor que nunca havia experimentado.

Quando abriu os olhos e focalizou a vista percebeu que estava cara a cara com a coisa. Seu rosto era horrível, humano, mas deformado. Não possuía pele

estava em carne viva. Seus grandes olhos azuis continham grande ira.

– Escute menino mimado! Sou seu instrutor. Compreende?! Irá acatar minha autoridade por bem, ou por mal.

Soltou-o de uma vez e Calisto foi ao chão não podendo sustentar o peso de seu corpo.

Escutou os passos da coisa se afastando. Passos arrastados. A coisa além de feia, era manca! Ódio! Ódio, ódio, ódio e ódio!

Antes de sair, o novo instrutor de Calisto disse – Eu até prefiro que seja por mal. Ficará trancado enquanto não aprender a se comportar!

Fechou a porta atrás de si e seguiu-se o ruído da porta sendo trancada pelo lado de fora.

– Maldição! – murmurou Calisto. Sentia fúria no seu corpo e pensou: “De uma prisão à outra. Droga, ele ainda é mais forte do que eu! Não gostei nada disso! Vou fazer seu jogo, serei seu aluno dedicado. Aprenderei, fortalecer-me-ei e quando chegar a hora, ajustaremos nossas contas! Maldito! Maldito, maldito, maldito!”

No dia seguinte, a porta abriu-se novamente.

– Como estamos hoje? – veio a voz fraca.

– Estou mais calmo, mas estou com sede e com fome. – disse o menino num tom sofrido.

– Muito bem, trouxe água e comida. – anunciou a criatura. Aproximou-se e colocou o prato e a jarra de água sobre a mesa.

O menino não discutiu, comeu e bebeu avidamente engolindo junto seu orgulho.

O homem sentou-se na mesma poltrona que se sentara no dia anterior. Esperou pacientemente.

– E agora? – perguntou Calisto procurando manter a calma.

– Agora conversaremos.

– Sobre o que?

– Sobre suas lições, o que mais?

– Antes de entrarmos nas minhas lições posso perguntar seu nome?

– Não. Não estou certo de que quero usar um nome.

– Então devo chamá-lo de?

– Mestre.

Calisto riu. – Nunca!

– Terei de dar-lhe uma nova lição de obediência?

– Não, por favor! Mas, não podemos negociar?

– Negociar? Negociar o que?

– A forma de tratamento, o que mais?

– Sendo sua proposta...

– O senhor me diz seu nome, ou como quer ser chamado e eu serei obediente.

– Acha mesmo que está em condição de pedir uma bobagem destas? – irritou-se um pouco e sua voz afinou, quase sumindo.

Calisto esforçou-se para compreender e replicou – Estou só tentando Professor.

– Você é muito orgulhoso e teimoso. Estou sem paciência para dobrá-lo hoje. Pode me chamar assim: Professor.

– Qual é o seu problema Professor? Você não é humano, é?

– Sim, eu sou humano.

– E quanto a sua aparência?

– Hah? Minha aparência? Isso é recente! Até pouco tempo eu era tão normal quanto você. Recentemente, me queimei um pouco.

– Queimou-se um pouco? Olhe para sua mão! Quase dá para ver os ossos, por Thoudevon!

– Uma briga de família, nada mais.

– Não sente dor, não arde?

– Já passei dessa fase menino. Está satisfeito? Sua curiosidade está saciada? Agora que já sabe um pouco sobre mim, podemos começar?

– Certamente Professor.

– Vejo que você não gosta de mim. Compreendo. Mas é certo que sua opinião sobre mim vai mudar. Com o tempo, você vai até gostar de mim.

Calisto sorriu ironicamente e falou – É claro Professor. – e pensou: “Vai sonhando Professor churrasco! Baixe sua guarda e verá! Você não perde por esperar!”

CAPÍTULO 10

Porto Seguro não era nada além do que um porto. Não era uma cidade, e mal chegava a ser uma vila. Somente barcos pequenos como o Estrela do Crepúsculo conseguiam atracar diretamente no cais. Para barcos maiores havia um ancoradouro. Era um pequeno posto de serviços que comportava apenas quatro embarcações do porte das de An Lepard. Em um aspecto, ao menos, o porto parecia seguro: ficava em uma enseada protegida da fúria do mar. Alí havia uma praia e a água ficava sempre tranquila. Era um lugar bastante raso, de águas transparentes.

Os passageiros do Estrela do Crepúsculo estavam maravilhados com a beleza do local. An Lepard mostrava para Kiorina, com grande intimidade, os bancos de coráis, pequenos peixes coloridos e cardumes grandes, explicando quais eram comestíveis, seus nomes e algumas histórias de pescador.

Gorum contemplava o fundo do mar e conversava com Noran, que parecia não estar sofrendo com os enjôos naquela manhã. Kyle vigiava An Lepard e Kiorina estando próximo de Archibald e Mishtra que estavam abraçados, apreciando o ambiente agradável.

An Lepard dividia sua atenção entre a jovem ruiva e um grande navio que estava ancorado próximo ao porto seguro. Curioso para saber a quem pertencia o navio pediu ao timoneiro que passasse próximo, porém mantendo certa distância de segurança. Mas o essencial já sabia, não era uma embarcação humana, pertencia aos silfos do mar, restava saber a qual clã pertencia e quem era seu capitão. De fato, era uma embarcação e tanto, uma das grandes. Possivelmente, carregava uma tripulação superior a trezentos.

– Georges! – chamou An Lepard. – Traga-me o ampliador.

O segundo oficial do navio esforçou-se para trazer a caixa contendo o ampliador rapidamente. Sua altura exagerada, gordura e falta de destreza, no entanto, impediam qualquer ação eficiente e elegante como seria do gosto de seu capitão. Pouco depois, um pouco ofegante, entregou a caixa dizendo em Lacorês. – Aqui está senhor!

Encarou Kiorina e procurou ser gentil cumprimentando-a: – Senhorita. – Logo depois, retirou-se.

An Lepard abriu a caixa retangular, bastante comprida, revestida de couro escuro, com fecho metálico delicado. Do interior finamente acolchoado, retirou

um cilindro de madeira, mais estreito em uma das pontas, com padrões geométricos entalhados. Colocou a extremidade menor a frente de seu olho esquerdo e a outra apontou para o navio dos silfos.

Resmungou: – São Farmins... Malditos Farmins.

Kiorina curiosa pediu – Posso ver Lepard?

– Claro minha querida, porém seja muito cuidadosa. Deixe eu lhe mostrar... Com isso o capitão posicionou-se ao lado de Kiorina de forma que seus rostos ficaram bem próximos. Segurando os braços dela, indicou a maneira como devia usar o aparelho.

– É mágico?

An Lepard sentia o cheiro da moça e demorou um pouco a responder. –Não. Nunca viu um destes em Lacoresh?

– Sei que existem, mas são muito raros. Existem dispositivos mágicos que fazem o mesmo, mas são bem diferentes.

– Entre nós, também não são nada comuns. Alguns têm o preço de um navio como o meu. Este porém é um modelo simples. O povo de Dacs não tem uma boa relação com a magia.

– Como assim?

– É proibida. Ainda assim, ouvi rumores de que magos poderosos não conseguiam realizar grandes feitos por lá. Dizem que Dacs é um lugar estéril para a magia.

– Verdade? Nunca soube disso.

– Não é o tipo de coisa que comentamos abertamente.

– O navio deles é muito grande! Possui três grandes mastros! – constatou Kiorina.

– É sim. – An Lepard engoliu seco. – Vamos chegar mais perto, quero descobrir quem é o capitão do navio.

– Isso não é perigoso? – perguntou a moça devolvendo o ampliador a An Lepard.

– Um pouco, mas não temos outra alternativa. Além do mais, Porto Seguro é uma área neutra.

– Neutra?

– Sim. Ou pelo menos deveria ser. É um posto de cobrança de impostos.

– Impostos? Mas que tipo de impostos.

– Isso é um pouco complicado, querida Kiorina. Mas para colocar de forma simples, pagamos impostos sobre as nossas mercadorias para evitar sermos atacados e pilhados pelos silfos do mar.

– Ouvi dizer uma vez que eles atacam os navios humanos, roubam sua carga e escravizam a tripulação, é verdade?

– É estes silfos são umas pragas! Uns sanguesugas!

O timoneiro guiou o Estrela do Crepúsculo para que passasse bem perto do navio sílfico. A tripulação ficou apreensiva.

Quando já estavam bem próximos podiam ver alguns silfos no convés do outro navio, que era de três a cinco vezes maior que a nau Dacsiniana.

Kiorina observava curiosa quanto à aparência dos silfos do mar. Porém devido à distância, não pode perceber detalhes. Percebeu que vestiam roupas coloridas, principalmente tons azuis, púrpuras e vermelhos. Eram todos esguios, e possuíam musculatura bem definida. Pareciam ser belos também. Alguns deles começaram a gritar e acenar. Percebendo as intenções dos silfos, An Lepard tentou proteger o olhar de Kiorina.

Deram as costas e abaixaram suas calças mostrando as nádegas, rindo e gritando bastante. Alguns mostraram coisa pior. Kiorina ficou chocada e não resistiu quando An Lepard fez com que se virasse para o outro lado.

Gorum começou a rir, mas foi o único. Para todos os outros aquela era uma atitude altamente ofensiva, hostil e imoral. Alguns dos tripulantes Dacsinianos trocaram insultos com os silfos.

Passada a proximidade Gorum segurava gargalhadas. Noran olhou para o gigante e indagou – Gorum, como você pode achar uma coisa destas engraçada?

– Perdoe-me – disse rindo. – Mas nunca pensei que fosse ver uma coisa destas em toda minha vida! Há há há! Aqueles silfos balançando aquelas bundas brancas e gritando... Há há há! – Não conseguiu conter-se.

Noran cedeu e riu um pouco. – Olha Gorum, deve ser um efeito colateral de seu senso de humor apurado. Mas pensando melhor é até engraçado. – E permitiu-se umas boas risadas.

Gorum chamou a atenção de todos, que a princípio reagiram como Noran. Porém, antes de atracarem teve tempo para contar umas boas anedotas sobre os silfos do mar. A maioria da tripulação cedeu e riu muito. Exceto o capitão An Lepard que sentia um aperto no peito. Era um mau pressentimento. Apesar de achar graça, não conseguia rir, algo de ruim estaria para acontecer.

– Georges! – Chamou o capitão.

– Sim, Capitão!

– Aquele navio, não é o mesmo que estava aqui quando estivemos aqui da última vez?

– Sim senhor, é o mesmo. Algum problema senhor?

– Sim, estou com um mau pressentimento. Faça-me um favor. Fique de olho nos nossos passageiros. Não quero que desembarquem. Vamos pagar as taxas e sair o mais rápido possível.

A tripulação estava pronta. Preparavam-se para atracar.

An Lepard chamou a atenção de todos. – Escutem todos. Nossa parada aqui será mais rápida que o habitual. Desembarcarei, acompanhado de Erles, Josinx, Celix e Rubar. Os demais ficarão a bordo. Não quero desobediência. Isso inclui vocês, passageiros.

– Não posso acompanhá-lo? – pediu Kiorina.

– Para seu próprio bem, não. Vocês não estão habituados a lidar com os silfos do mar, poderiam acabar encrencados.

Pouco depois, as amarras eram feitas e assim como havia dito, desembarcaram, An Lepard, Erles, Celix, Josix e Rubar. Celix e Josinx carregavam bestas armadas. Rubar, um marinheiro bastante forte carregava um par de machadinhas e Erles carregava o saco com as moedas que pagariam como impostos.

Aproximava-se a metade do dia. Hora na qual se faziam refeições. A tripulação que havia ficado a bordo reclamava bastante. Queriam poder descer e tomar uns tragos e ver as mulheres no hotel, como o de costume. Um dos homens discutiu com Georges e desceu apesar de suas advertências. Para acalmar o restante da tripulação o cozinheiro sugeriu que o almoço fosse servido mais cedo. Georges concordou e pouco depois o assistente do cozinheiro trazia a comida que vinha sendo preparada desde mais cedo. Ensopado de peixe.

Além do cais, todo construído em madeira, havia duas construções principais: o hotel e a casa administrativa. An Lepard liderou o caminho para a casa administrativa procurando demonstrar confiança. Não havia muitos silfos no porto. Estava relativamente vazio. A casa administrativa era um pequeno forte de madeira com um posto de guarda mercenária. Porto Seguro era um lugar insignificante demais para haver guarda imperial.

Entraram na casa administrativa e An Lepard negociou com o coletor de impostos em sílfico. Declarou a carga e ofereceu quinze por cento a mais para não sofrer revista. Justificou-se dizendo que estava com muita pressa.

O coletor escutou atenciosamente. Era um silfo magro, de mãos ossudas e dedos rápidos. Vestia roupas de tecido leve, bastante folgadas. Suas orelhas pontudas estavam apontadas para os lados, pois cediam à pressão do chapéu de couro em forma de cuia, bastante justo.

– Temo que não poderei aceitar sua proposição Sr. Lepard. – disse desdenhoso.

– Vinte porcento então!

– Não é uma questão de percentagens, Sr. Lepard.

An Lepard engoliu seco. – Qual é a questão?

– Ao que me parece, o Senhor e sua tripulação parecem ansiosos demais por pagar o que devem receber a nova bandeira e seguirem seu caminho.

– Trinta porcento! – ofereceu desesperado.

– Calma Sr. Lepard, cobraremos a taxa oficial apenas. Afinal, somos justos. – disse e sorriu ironicamente o coletor.

– O que querem afinal? Diga de uma vez!

– Queremos apenas ser justos! Faremos a fiscalização de sua carga, calcularemos as taxas. Depois, vocês poderão ir. Isso vai levar tempo, sugiro que aproveite e deixe que seus homens descansem e divirtam-se em nosso hotel.

– Não confiam em minha palavra? – apelou o Dacsiniano.

– Não. – riu-se o coletor. – Ah, Esquecia! Recebi um recado do Capitão da grande nau que está ancorada nas proximidades. Ele está no hotel e deseja vê-lo! Porque não deixa que seus oficiais cuidem da revista no navio enquanto conversa com o Sr. Shark?

– Capitão Shark? Aquele navio pertence ao Capitão Shark? – perguntou An Lepard horrorizado.

– Sim. É um de seus muitos navios.

– Você venceu! Prepare sua revista.

– Erles e Josinx, voltem para o Estrela e preparem-no para a fiscalização. Rubar e Celix, vocês vem comigo.

– Maldição! – resmungou An Lepard. – Não devia ter vindo! Era melhor me arriscar com os piratas!

Enquanto isso no navio, o almoço prosseguia.

Noran comentou com Gorum. – Estou preocupado com o Capitão.

– Em que sentido.

– Senti grande angustia vinda dele desde que chegamos a esta enseada.

– Suas faculdades estão voltando então?

– Nunca me deixaram. Mas ainda não estou totalmente recuperado dos grandes esforços que fiz em Lacoresh para garantir nossa segurança. Além disso, é difícil exercê-las enquanto estou enjoado.

– Entendo. O que sugere?

– Não sei, acredito que possa estar em grande perigo. E tem outra coisa...

– Olhem! – alertou Archibald.

Logo as atenções de todos depositaram-se sobre os botes que se aproximavam do porto. Três botes com duas dezenas de silfos cada, remando ritmicamente.

Ao mesmo tempo, aproximava-se do no barco, Erles e Josinx.

– Onde está o capitão? – perguntou Georges desconfiado, em dacsiniano.

– O capitão foi até o hotel, tratar de negócios. – respondeu Erles e anunciou – O navio será fiscalizado.

Georges coçou a cabeça, confuso.

A conversa chamou a atenção de Noran mesmo sem entender o que haviam dito.

– O que houve, Imediato Erles?

– Nada demais, senhor. Apenas um pequeno contratempo.

Noran estreitou o olhar e disse. – Você está mentindo. – Comandou – Diga a verdade, senão busca-la-ei sem hesitação.

– Do que está falando senhor? Acontece como eu disse. O Capitão An Lepard foi tratar de negócios com o Capitão Shark.

–Capitão Shark!? – Georges engoliu seco e bocejou.

Enquanto isso, An Lepard entrava no hotel. Apesar de ser chamado de hotel, raramente alguém se hospedava ali. O local possuía muitos quartos, mas na realidade era um bordel dirigido pela casa administrativa. Lá marujos jogavam, dançavam, assistiam a números de dança e tomavam os serviços das prostitutas, em sua maioria, escravas humanas. Ao entrar no salão principal, An Lepard identificou Shark de imediato. Estava sentado em uma poltrona de veludo escuro, em uma parte alta, ao lado da janela. Ao seu lado estavam duas silfas lindíssimas as quais An Lepard não pode deixar de notar. Ele não era exatamente como esperava. Era alto e magro, usava um capote de pano, ornamentado com pedras vermelhas, que descia da cabeça até os ombros. Nas laterais havia orifícios de onde saiam suas orelhas afiadas. Vestia uma armadura de couro artisticamente trabalhada e sobre o peito colares de ouro e pedras preciosas sobrepostas. Ele sorriu com grande satisfação ao ver An Lepard no salão.

An Lepard sentia suas mãos frias e molhadas. Limpou o suor da testa com as costas da mão. Subiu o pequeno lance de escadas de madeira que rangiam a cada passo. Do outro lado de uma pequena mesa redonda havia uma poltrona igualmente confortável na qual se sentou. Sentia-se desconfortável.

Celix posicionou-se ao lado direito da poltrona e Rubar no lado oposto.

– Seja bem vindo. – disse Shark, que possuía uma voz aveludada, em sílfico.

– É um prazer conhecê-lo Sr. Shark. – An Lepard procurou ser educado respondendo em sílfico.

– O prazer é tudo meu! – afirmou o silfo melodicamente.

Rubar sentiu-se desconfortável, pois não entedia a língua dos silfos.

An Lepard observava a palidez incomum do silfo. Nunca havia visto um silfo tão pálido. Eram na sua grande maioria bastante bronzeados.

– Já ouviu falar no Capitão Sinevall, Sr. Lepard?

An Lepard gelou e sentiu uma gota de suor escorrer no meio de suas costas. Procurou usar então o máximo de sua dissimulação. – Sinevall, não é? Acho que sim, por quê?

– Ele é meu sobrinho. E sumiu, ouviu dizer? Não é visto há mais de um ano. – Fez uma pausa respirou fundo e levantou as sobrancelhas como se estivesse sofrendo. – Nunca gostei muito dele, e na realidade continuo não gostando. Mas minha irmã, gosta muito dele. Até aí, tudo bem. Eu não sou muito sensível às suas lamentações... Porém, fato recente tocou minha sensibilidade.

– Verdade? – disse An Lepard com a voz trêmula.

– O Sr. está com calor? Que tal uma bebida? – Estalou os dedos. Aguardou uns instantes até que trouxessem uma taça com líquido borbulhante, levemente amarelado.

– Está gelado! Foi resfriado magicamente, isso triplica o custo. – A taça foi colocada bem à frente de An Lepard. Shark sorriu e disse – Pode beber Capitão. É por minha conta

An Lepard bebeu metade da bebida que fez cócegas em seu nariz.

– Refrescante? – sorria Shark

– Sim, obrigado.

– Onde eu estava? Sim! O estímulo. Minha irmã ofereceu-me uma recompensa financeira irrecusável para descobrir o paradeiro de Sinevall.

– E o Senhor quer que eu o procure, certamente. – arriscou An Lepard.

– Não, não acredito que esteja vivo. – Shark retirou as mãos do colo. Ergeu o braço direito e em sua mão mostrou um brinco. Segurava-o com os dedos em pinça e balançava-o para que An Lepard observasse.

An Lepard bebeu o restante da bebida de uma só vez.

– Já viu um brinco como este alguma vez Sr. Lepard? – perguntou Shark com um sorriso nos lábios.

“Touchè!” pensou An Lepard. Era o brinco de Sinevall! Maldição! Como? Como foi parar nas mãos de Shark? Ao ver o brinco a memória de An Lepard foi acionada.

Um ano atrás, memória!

An Lepard fazia uma negociação com o Capitão Sinevall, um silfo com excesso de peso. Sujeito raro, conhecido por sua gula.

An Lepard oferecera um banquete. O melhor havia sido servido. Sinevall usava aquele mesmo brinco em sua orelha esquerda. A negociação não ia bem. An Lepard e sua tripulação haviam falhado em vários pontos do contrato, perderiam muito. An Lepard sentia-se derrotado, oferecia o banquete na esperança de amenizar sua situação. No entanto, sem que soubesse, tinha uma carta escondida na manga. Foi quando, um a um, os guarda-costas e oficias de Sinevall adormeceram. Sem seu conhecimento, Erles havia colocado altas doses de um poderoso sonífero na comida dos silfos.

Discutiram, e, naquele momento An Lepard começava a se arrepender profundamente da decisão que havia tomado. Fora convencido por Erles a matar Sinvall e seus oficiais, afundar seu navio e eliminar todas as provas de que estivem com eles. Havia riscos é claro, mais alguém poderia saber sobre o encontro, mas era pouco provável. Havia sido um encontro em alto mar. Não havia um porto, não haveria testemunhas. O desaparecimento do navio poderia ser considerado um naufrágio. Parecia a melhor solução. É claro, houve luta. Nem todos foram afetados pelo sonífero da mesma forma, e alguns dos silfos, não comeram. Mas foi fácil, e conseguiram um bom lucro da situação, lucro que possibilitou a compra de um novo barco e a entrada nos negócios intercontinentais, altamente lucrativos.

De volta ao presente, An Lepard sentiu um calafrio e preparou-se para o pior. Ainda assim, mentiu. Não havia outra alternativa. – Não, nunca vi tal brinco.

Shark sorriu, balançou a cabeça negativamente e disse – Você é um péssimo mentiroso Sr. Lepard. Sabe onde consegui isto?

An Lepard não tinha palavras, sentia seu coração bater forte, quase podia escutá-lo.

– Consegui isso recentemente com um de seus homens.

– O que isso prova?

– Eu não preciso de provas, apenas suspeitas. Porém, após as perguntas corretas e um pouco de boa vontade do Sr. Erles, soube de toda a história e fechamos um bom acordo.

An Lepard sentindo que se aproximava o momento de sua morte, ou coisa pior, foi ágil em sacar seu sabre com intenção de matar Shark. Um ato desesperado. Sua ação, porém não se concretizou. Foi alvejado por Celix e teve seu antebraço direito atravessado por um virote fazendo com que largasse a espada. Rubar confuso, não pode ver de onde veio a flecha que lhe atravessou o peito um instante depois. Caiu da sacada destruindo uma mesa, copos e cadeiras na parte mais baixa.

An Lepard gemeu de dor encolhendo o braço, olhou com ódio para Celix e murmurou com os dentes cerrados – Traidor desgraçado!

Shark gargalhou muito alto deliciando-se com o sofrimento de An Lepard.

Noran piscou os olhos sentindo-os bem pesados e alertou. – Sonífero!

Quando olhou para o lado, viu que Kiorina já adormecera. Georges gritou com dificuldade – Traidor! – e atirou-se para cima de Erles.

Erles pulou para trás e observou Georges caído, sem conseguir se levantar.

O próximo a cair foi Kyle foi seguido por Noran. Archibald conseguiu ver que os silfos chegavam ao porto naquele momento, mas não suportou mais. Mishtra abraçou-o e logo depois adormeceu. Outros membros da tripulação caíram também. Gorum resistiu mais, ficou zonzo e desesperou-se ao ver que os silfos corriam para o barco. Olhou para Erles por uma última vez e disse embriagado: – Vou acabar com... – e caiu amolecido.

CAPÍTULO 11

Verkkardi pensava em seu irmão, mas tentava com todas as suas forças evitar aqueles pensamentos. Tinha consciência de como aquilo tudo o afetava de maneira negativa. Era um ciclo vicioso que trazia pensamentos de ódio e de vingança. Mas como vingar-se? Se pudesse transformar tudo em um problema pessoal, ficaria bem mais fácil. Mas, esse não era o caso. Na verdade, teria de lutar contra uma organização poderosíssima, a seita dos necromantes. Sabia que era impossível para um só homem derrotar os necromantes, principalmente porque controlavam, dos bastidores, todo o reino de Lacoresh. Eram todos poderosos e poucos sabiam suas identidades. Ele mesmo, um dos poucos em todo o reino que sabiam da existência dos necromantes, conhecia apenas alguns nomes e reconheceria um número ainda menor.

Pensar nisso tudo o deixava frustrado e impotente. O que fazer? Cruzar os braços e esperar que os enviados de seu mestre retornassem de uma busca que poderia demorar mais de um ano para ser cumprida? Não. Tinha de fazer alguma coisa, mesmo que pudesse morrer, morreria combatendo os malditos! Assassinos! Aqueles que faziam seu irmão e muitos outros sofrerem. Sozinho nada podia, e foi por isso que iniciou sua jornada. Estava a procura dos bravos que resistiam aos necromantes, aqueles que eram chamados de rebeldes.

Visando temperar seus sentimentos escolhera o caminho mais difícil para chegar às fronteiras de Lacoresh. O esforço e a concentração necessária para descer as faces íngremes dos rochedos da cordilheira de Thai deixavam-no ocupado o bastante. Conseguia, por vezes, limpar sua mente dos maus pensamentos.

Ao final do terceiro dia, chegava à parte mais baixa da cordilheira. Não conhecia bem a região, mas sabia que, por ali, haveria pequenas vilas e possivelmente cidades. Estava na região norte do reino de Lacoresh, a região dos baronatos. Havia cinco barões em Lacoresh, de memória recordou-se do sobre nome de três deles: Fannel, Bandeish e Whiteleaf. Os baronatos tinham extensões territoriais reduzidas se comparadas ao Ducado de Kamanesh e o Condado de Montgrey. Montgrey fora declarado como perdido e era atualmente território controlado pelos Bestiais. Os malditos necromantes eram espertos, tinham uma enorme região na qual podiam reunir forças, formar bases e prosperar sem o conhecimento geral do povo de Lacoresh. Acreditava que se

preparavam para tomar Lacoresh à força com seus exércitos de não mortos, mas na opinião de seu mestre, Modevarsh, reuniam forças para outros fins, provavelmente a conquista de outras terras, outros reinos. Prova disso, dizia Modevash, era o reino vizinho, Homenase cujos dirigentes já haviam sucumbido ao controle dos necromantes.

A noite caía e durante o crepúsculo, Vekkardi sentiu-se extremamente só. Novamente pensou em seu irmão. Lembrou-se de como era corajoso, como era idealista. Lembrou-se da sua infância e chorou. Durante a noite, seria assombrado por terríveis pesadelos.

Radishi estava bastante cansado. Seu físico havia mudado drasticamente desde que deixara Tisamir, sua amada cidade natal. Roubert, o silfo que o acompanhava, era um sujeito muito quieto, além de não falar quase nunca, raramente produzia ruídos. Era extremamente cuidadoso com seus passos, algo que chamou a atenção de Radishi desde quando se encontraram dias atrás.

Roubert e os Silfos Anciãos viviam a meses em um acampamento nas montanhas ao norte de Shind, foram forçados a fugir e perseguidos pelos enviados malignos de Rodevarsh, irmão de Modevarsh.

Com o silêncio de Roubert, Radishi mergulhou em seus pensamentos durante todo o dia de caminhada. Há pouco, lembrava-se de Noran, seu grande amigo Noran. De certa maneira, estava ali por sua causa. Com perfeição lembrou-se daquela noite na qual foi acordado por Al’ne’ir, chefe do conselho do Eimrak. Seus pensamentos chegaram de forma serena convocando-o para ir de encontro a Noran.

Não se encontrava com Noran há muitos meses, desde que acompanhara os jovens vindos da cidade de Kamanesh rumo à floresta de Shind. A idéia de revê-lo deu-lhe uma boa carga de ânimo.

“Cuidado, jovem Radishi.” preveniram os pensamentos de Al’ne’ir. “Noran encontra-se envolto em energias negativas e sua essência está corrompida, de forma que já não pode entrar em nossa cidade.”

Sem deixar sua cama estendeu seus pensamentos para encontrar um Noran bastante perturbado fora dos limites de Tisamir. Nesta ocasião, decidindo ajudar seu amigo com um plano arriscado, selou seu destino. Depois de algumas semanas, deixava Tisamir para ir à busca dos companheiros de Noran. Desde então não criou coragem para retornar a sua cidade natal. Temia que sua essência estivesse corrompida e que sua entrada na cidade oculta fosse negada pelo conselho. Havendo muito que fazer, cada vez parecia mais distante uma volta a

Tisamir. Estava agindo, havia encontrado Modevarsh e com ele aprendia muitas coisas, coisas ignoradas por seus irmãos de Tisamir, a cidade oculta, e como pensava recentemente, a cidade omissa.

E ali estava ele, coberto pelo suor, com os músculos desenvolvidos, sentindo seu corpo vigoroso e pela primeira vez, sentia um equilíbrio entre mente e corpo. Em todo seu aprendizado, ao contrário de seu amigo Noran, nunca contou com a atenção exclusiva de um grande mestre como Kivion. Estudou sobre a tutela de diferentes mestres do Eimrak, sentia que com isso, possuía maior confiança em si mesmo, mais do que poderia ter se sua referência permanente fosse alguém de tamanha elevação como Kivion.

Pensou e pensou, todo o dia. Em certas ocasiões, esqueceu-se até de que viajava acompanhado do robusto e silencioso silfo. Com a chegada do crepúsculo, Roubert, pouco a sua frente, fez-se ouvir.

– Diga-me tisamirense, consegue perceber a presença do discípulo de Modevarsh? – veio a voz vigorosa do silfo.

Radishi olhou morro abaixo em busca de respostas. Enquanto meditava silenciosamente, Roubert observava o rapaz humano. Possuía um nariz arredondado, pele bronzeada, usava cavanhaque curto e possuía cabelos negros, levemente encaracolados e, no momento, despenteados. Vestia-se com um simples conjunto de calça e camisa de pano amarelado sem mangas, deixando seus braços expostos. Nos pés, sandálias, nas costas uma mochila.

O silfo mal podia compreender as faculdades mentais que Radishi possuía, pensava em Lourish, Lalith e Modevarsh e nos grandes dons mágicos que possuíam. E quanto a ele? Qual seria seu valor nesses tempos conturbados não possuindo nenhum dom especial?

– Roubert, acredito que não esteja muito longe. Se fosse prudente, faria um contato.

– Então você não sabe?

– Não é isso, é difícil perceber a mente de alguém como Vekkardi. Eu duvido que conseguiria se não fossem as ondas de dor e pesar que emite as vezes por causa de seu irmão.

– Irmão?

– Sim, um pobre coitado. Não o conheci quando vivo.

Roubert ergueu as sobrancelhas num gesto de compreensão.

– Apesar do estado de seu irmão, Vekkardi acredita que pode ajudá-lo. disse Radishi pesaroso.

– Como alguém pode ajudar um morto?

– Aí está o problema. Rikkard não está exatamente morto.

– Como assim?

– Sua alma está afastada de seu corpo e seu corpo está animado por magias malignas, anda devido às energias cedidas pelos necromantes.

Roubert torceu a cara e virou o rosto. Estremeceu e confessou: – Isso me dá arrepios!

Radishi observou à sua volta e percebeu que ali seria um bom local para passarem a noite. Encarou o silfo lhe observando os traços finos. Fios do cavanhaque alinhados e penteados de uma forma que seria impossível para um ser humano. Não havia irregularidades, como se fossem desenhados. Suas orelhas pontudas e lateralmente protuberantes eram seu traço marcante. Vestia uma roupagem grossa, cinza esverdeada que parecia ser acolchoada. No entanto, sabia que aquelas costuras em relevo escondiam uma malha de placas de metal sobrepostas como escamas, losangos de metal. Atravessando seu peito a grossa corda do Arco que repousava sobre suas costas. Formando um xis com a corda, uma tira de couro que prendia a bolsa do mesmo material escuro ao lado de seu quadril. Suas botas de pele pareciam macias e confortáveis, diferentemente das sandalhas de couro do Tisamirense.

– Vamos ficar por aqui. – decidiu Radishi.

– Muito bem.

Mais tarde, Roubert foi hábil em produzir centelhas para uma fogueira na qual assariam raízes. Não era prudente usar água para cozinhar alimentos naquelas bandas, correriam o risco de ficar sem, precisaram economizar.

Era noite e a lenha úmida produzia grandes estalos. Radishi e Roubert estavam sentados ao lado da fogueira esperando as raízes ficar no ponto.

– Sabe Roubert. – disse Radishi – sinto que temos muito em comum.

– É mesmo? Eu não! Não vejo o que podemos ter em comum. Eu sou um silfo, você um humano. Possui faculdades especiais, eu nenhuma. Viemos de lugares diferentes e conhecemos poucas pessoas em comum. O que o faz pensar que temos algo em comum? – Roubert apesar da aparência esguia e fina não possuía os mais finos tratos característicos dos silfos ao falar.

– Bem, vou contar-lhe sobre minha atual situação. Vamos viajar juntos, talvez precisemos lutar juntos. Acho que devemos nos conhecer melhor. Como sabe, venho de Tisamir, a cidade oculta. Tisamir é uma cidade muito linda, além do mais, é meu lar. De lá sinto muita falta, e para lá não posso voltar.

– Não pode voltar, por quê?

– Acredito que fiquei em contato com os homens de Lacoresh e seus conflitos por muito tempo. Vi o mesmo acontecer com meu amigo Noran, foi proibido de voltar a Tisamir.

– Por que, o que fizeram de errado? Não podem condená-los apenas por ficar fora da cidade, por conviver com outros homens.

– Não? Pois é o que acontece. Minha presença lá, possuindo as faculdades que tenho, causariam grandes distúrbios ao harmonioso fluxo do Jii que circunda a cidade.

– Jii? Do que você está falando?

– Em outras palavras, pode imaginar que para eles é como seu eu estivesse, doente, corrompido pelo mal.

– E isso é verdade? Então porque o ancestral o chama de bom Radishi?

– Deve ser pelo fato de meus pensamentos estarem quase sempre sintonizados com os bons propósitos. O que eu quero dizer na verdade, é que sair de minha cidade, deu-me uma visão de meu povo que nunca poderia alcançar lá estando. Hoje vejo que em todo seu poder, em toda sua glória, toda sua paz, o povo de Tisamir talvez não seja melhor ou pior que o povo de Lacoresh. De que adianta tanto conhecimento, tantos poderes se não podem ser aplicados fora das fronteiras de nossa cidade? Com o isolamento, fica mais fácil ser bom e harmonioso. Afinal, o que pode perturbar a paz quando todo o mal é expelido da cidade?

– Compreendo bem isso. Sempre foi assim em Shind. Percebi como as coisas eram no lado de fora quando tive pequena participação como escolta na guerra contra os bestiais, vinte e poucos invernos atrás.

– Então não é a primeira vez que você deixou Shind. Mas depois da guerra voltou, não é mesmo?

– Sim. Você sente saudades de sua casa, não é mesmo Radishi?

– Sim. E você, como se sente em relação a Shind?

– Agora entendo o que queria dizer, caro Radishi. Sinto que não posso retornar ao meu lar, assim como você. Desculpe minhas maneiras. Acho que estou angustiado com tudo o que vem acontecendo. Perder meu lar... o jeito que Lourish me tratou. Percebo que não há muito o que fazer, não há como combater todo esse mal que se espalha nesta região. Especialmente alguém como eu, sem nenhum talento em especial, um simples escolta, um brutamontes sem educação que vive faltando com a polidez.

– Também não é assim Roubert. Você está se subestimando. Tenho certeza que possui grandes talentos, só não quer prestar atenção neles.

– Grandes talentos... – ironizou Roubert.

– É verdade! Por exemplo: nunca vi alguém conseguir ser tão silencioso como você. Desloca-se de forma semelhante a um espectro!

– Isso? Não é nada! Apenas treinamento como batedor, treinamento como caçador. Qualquer silfo pode fazê-lo!

– Entendi. Não vai ser hoje que vou convencê-lo de seus valores. Vamos descansar, amanhã teremos um dia cheio.

CAPÍTULO 12

Era um lugar escuro e úmido. Kyle forçou a vista, mas não conseguiu ver nada. Sentiu que seus braços e pernas estavam presos por grilhões. Estava acorrentado e pode perceber o balanço do mar e seus sons.

Forçou as correntes e chamou – Kiorina, Gorum, Archibald?

Escutou um gemido e logo depois uma resposta. – Kyle? É você? – veio a voz de Noran embargada.

– Noran, onde estão os outros?

Noran concentrou-se procurando elevar sua percepção acima de seu enjôo e respondeu – Estão aqui mesmo, ainda não despertaram. Kiorina, Mishtra, Archibald, Gorum, Kleon, Georges, eu e você.

Kyle cerrou os olhos e disse entre dentes. – E quanto a An Lepard?

– Não está aqui. Talvez esteja no convés.

– Traidor desgraçado! Nos vendeu aos silfos do mar!

– Será Kyle? Eu não tenho tanta certeza...

– Por que não?

– Venderia seus homens também?

Uma outra voz um tanto quanto enfraquecida entrou na conversa. – Não! O capitão An Lepard não nos trairia. Foi Erles! Erles nos traiu.

– Georges? – Indagou Kyle.

– Sim. Entendo que não goste do capitão rapaz, mas ele não é um traidor.

– E agora o que faremos?

– Não sei. Esperar e observar.

An Lepard teve seu braço direito inutilizado pelo virote disparado por Celix. Conseguiu retirar a seta e o sangramento parou depois de algum tempo. Não obteve nenhum cuidado adicional e sentia muita dor. Fora amarrado no mastro principal do navio e mal pode dormir durante a noite. Não lhe ofereceram água ou comida. Por duas vezes lhe deram água do mar para beber apenas por divertimento. Fora humilhado das mais diversas formas por praticamente toda a tripulação do navio sílfico. Fedia a urina sílfica, quando queriam humilhar alguém os silfos do mar não mediam esforços.

O grande e imponente navio sílfico, navegava veloz cortando o mar azul esverdeado em calmaria. Suas diversas velas estavam totalmente esticadas,

recebendo um generoso vento matutino. Com isso, formava-se uma brisa agradável, que aos poucos retirou das narinas de An Lepard o intoxicante fedor da urina sílfica. Respirava melhor e apesar da sede tremenda sentia-se aliviado pelo envolvimento da brisa forte.

Um grupo de silfos que cochichava, discutia e planeja alguma tortura física ou psicológica para aplicar no humano capturado ficou quieto subitamente. Pisava no convés seu capitão, o temível Shark. O Capitão esguio e de fraca constituição, espreguiçou-se. Bocejou alto e esticou os braços na direção dos céus. Na cabeça, vestia uma toca vermelha sem maiores ornamentações, apenas pequenos orifícios pelos quais escapavam as pontas de suas orelhas. Vestia um roupão vermelho e felpudo com um cinto branco bem apertado em sua cintura fina. Com os olhos um pouco apertados e o rosto levemente amassado, parecia ter saído da cama há pouco tempo.

Observou o céu limpo, o mar tranquilo e exclamou – Ah! Que manhã linda e agradável!

Caminhou pelo convés até o mastro principal. Teve pequenos sorrisos de prazer ao observar a agonia pela qual o Capitão An Lepard passava. Aproximou-se dele e segurou seu rosto com uma estranha delicadeza. Sua mão branca, com os dedos finos e compridos, girou pelo rosto do capitão, sentindo os pequenos fios de barba nascentes, até se posicionar sobre o queixo do marujo, projetando-o para cima fazendo com que os olhos de An Lepard fixassem-se nos seus.

Shark saboreava cada uma de suas palavras sádicas, – Bom dia, meu querido troféu. Dormiu bem?

An Lepard sentiu a boca e garganta secas tentou falar alguma coisa, mas não conseguiu.

– Vejo que sim, meu querido. – Shark começou a apertar as bochechas de Lepard deformando seu rosto e brincando com os formatos que seus lábios formavam. Falou como um ventríloquo imitando a voz de Lepard. – Sim poderoso Shark! Eu dormi bem. Adoro apanhar, adoro a companhia de seus gentis marujos! – No fim, empurrou o rosto de An Lepard com violência batendo sua cabeça no mastro.

Reunindo forças An Lepard falou. – Escute aqui seu desgraçado... – Foi apenas um sussurro assobiado.

Shark dançou e sorriu e disse alegremente. – Uh! Uh! Ele está falando! – Aproximou-se virou o ouvido direito de An Lepard e fez uma concha com a mão. – Repita querido, repita!

– Não se atreva a machucar minha tripulação e meu passageiros...

Shark, muito teatral, bateu com as mãos nas coxas produzindo um estalo e gargalhou. – Quer dizer que o verme importa-se com sua tripulação? E ainda, importa-se com seus passageiros? O assassino de meu sobrinho tem um bom coração! Que piada!

Shark ficou sério e disse – Ou será outra coisa? – O silfo procurou o reconhecimento nos olhares atentos de sua tripulação. Muitos deles sorriam e divertiam-se com o teatro feito por seu capitão. – Será que o capitão An Lepard realmente tem um coração tão grande? Ou ele é pequeno? Ouvi uma conversa por aí. Um cochicho. – Terminou baixinho.

Shark gesticulava e falava com exagero, até dançava. Adorava atuar para sua tripulação. – Ouvi dizer que o coração do marujo foi roubado! Roubado por uma criança das terras de Lacoresh. Uma pequena ruiva. – A tripulação entrando no jogo ofereceu um grande murmúrio exagerado. Alguns diziam, – Será possível! – Pelos mares! – Que depravado! – E coisas do gênero.

– Sim, meus amigos, ele esta apaixonado! Apaixonado pela nossa prisioneira ruiva!

A tripulação produziu um murmúrio crescente de admiração e surpresa.

An Lepard escutava aquilo e sentia seu coração pulsando intensamente. O sangue pulsando em seu corpo violentamente impulsionado pelo ódio que sentia dos silfos, em especial de seu capitão. Seu rosto corou e trincou os dentes.

Shark continuou com sua peça. – Imaginem homens, e imaginem o pensamento mais sujo e poluído que sei que vocês todos têm. Imaginem o que podemos fazer com esta garota, o que podemos fazem com ela diante da vista de seu amado. Que fabulosa tortura seria para ambos, que fabuloso divertimento seria para nós. – A resposta da tripulação surgia antes mesmo do fim da sentença. Alguns ficavam excitados, outros sorriam, outros sonhavam e todos adoram a idéia.

An Lepard gritou com todas as suas forças. Um grito que rasgou e feriu sua garganta. –NÃÃÃÃOOOO! Não se atrevam! Irão se arrepender! Desgraçados! Depravados! Malditos! – Gritou até perder o fôlego e as forças.

Um breve silencio seguiu a manifestação de An Lepard.

Shark lambeu os lábios e indagou veloz. – Terminou?

A tripulação caiu na gargalhada e alguns deles se precipitaram abrindo a porta que levava ao porão do navio. Vendo isto Shark foi incisivo, levantou o braço e disse. – Esperem! Não sem a ordem de seu capitão.

Todos pararam em um silêncio tenso dolorosamente prolongado pelo Capitão. – Podem ir. – E imediatamente os silfos ficaram cheios de um ânimo

doentio.

– Esperem! – Gritou o capitão. – Que nenhum mal lhe seja feito até que esteja sob a presença do assassino. – Olhando dentro dos olhos de um de seus marujos disse. – Hedgejest! Estou falando sério. Quem me desobedecer terá as tripas retiradas e jogadas ao mar.

O Silfo Hedgejest, um dos mais nocivos membros de sua tripulação engoliu seco e prosseguiu em sua busca.

Pouco depois, uma dezena de silfos lotava a cela na qual estavam aprisionados Kyle, Noran, Kiorina e os outros.

Chegaram acendendo tochas e trazendo iluminação ao local. Kyle, Noran e Georges haviam escutado parte da discussão estavam apreensivos. Não sabiam exatamente o que aconteceria, mas acreditavam que vinham para fazer mal a alguém.

Hedgejest, um silfo musculoso e careca apontou para Kiorina e disse algumas palavras em sílfico, como se estivesse dando ordens. Dois silfos menores e com expressões depravadas assobiaram e destrancaram os grilhões que prendiam Kiorina, ainda adormecida.

Imediatamente Kyle manifestou-se, debatendo-se gritando bastante. – Desgraçados! – Disse em Lacorês. – Não toquem nela, estão me ouvindo? Não se atrevam a tocar nela!

Hedgejest aproximou-se de Kyle e com um cabo de madeira deu uma série de fortes pancadas no estômago, peito, rosto e na cabeça. Parecia tomado por uma fúria e bateria no rapaz até matá-lo. Antes de fazê-lo, mudou de idéia e largou o porrete. Virou-se para Kiorina. Aproximou-se, acariciou seu corpo e lambeu seu rosto como um cão.

A ruiva dava sinais de que acordaria e com isso Hegdejest colocou-a sobre seus ombros e levou-a através da porta, em direção ao convés.

Kyle ainda consciente sentia o sangue escorrendo por sua face. Um corte na testa sangrava muito, assim como corria sangue de suas narinas e da parte interna de sua bochecha direita. Sentia ódio, ódio, ódio e grande frustração. Debateu-se violentamente com a intenção de livrar-se dos grilhões, fazendo-o ao ponto de ferir seu pulso.

– Acalme-se Kyle. – disse Noran. – Poupe suas energias.

No convés, a garota foi recebida com festa. Com a confusão Kiorina acordou. Tomada pelo terror gritou. Estava cercada por estranhos, puxavam partes de seu vestido rasgando-o e machucando-a.

Ao escutar seus gritos An Lepard chorou de raiva.

Desesperada, mal pode perceber o ambiente em que estava. Foi trazida para frente de An Lepard, cuja cabeça era segurada por dois silfos que puxavam suas pálpebras violentamente para garantir que assistisse a tudo.

Kiorina foi amarrada e com o canto dos olhos viu An Lepard amarrado ao mastro. – Lepard! – gritou Kiorna.

– Kiorina! – Um instante depois An Lepard suplicou. – Capitão Shark, eu lhe imploro, não faça mal a ela! Ela é inocente, não tem nada a ver com meu passado.

– É verdade! Mas tem muito a ver com seu presente!

A esta altura, os silfos já haviam arrancado toda a roupa da menina estando apenas coberta por trajes menores, amarrotados e rasgados. Gritava e chorava desenfreadamente.

Hegdejest, chefe dos guerreiros, arrancava a parte de cima da roupa íntima de Kiorina deixando seus seios expostos. An Lepard tentou fechar os olhos, mas não conseguiu.

– Espere! – Gritou Shark.

Todos pararam. – Já basta!

Hedgejest, indignado e superexcitado replicou, – Como assim, já basta!?

– É como eu disse! Deixem-na em paz. Não quero danificar minha mercadoria. Se for submetida a tal selvajaria não alcançará metade do valor que planejei para ela.

– Dane-se o valor! – retrucou Hedgejest – Nós pagamos, não é mesmo seus cães do mar?

O chefe dos guerreiros recebeu aprovação da multidão sedenta e avançou. Abaixou suas calças e cruzou olhares com Kiorina. Mal teve tempo de ser tomado pelo terror causado pela intensa chama que viu nos olhos da menina. Seu corpo foi engolfado em uma enorme labareda e explodiu lançando pedaços de carne queimada pelo convés do navio.

Kiorina disse com os dentes cerrados com um sotaque carregado em Sílfico. – Não escutou seu capitão? Ele disse: JÁ BASTA!!!

Enquanto dizia isto se preparava para entregar ao capitão do navio um destino semelhante. Foi só quando ouviu uma voz familiar em sua mente lhe dizendo: “Não Kiorina, não faça isso. Ainda é cedo. Já tenho o capitão sob controle, será mais fácil sairmos daqui com ele vivo”.

Kiorina murmurou – Noran?

– Sim! – respondeu o Capitão Shark. – Mais alguém quer me desobedecer e virar churrasco?

Silêncio.

– Muito bem, soltem a moça e tratem-na muito bem. Afinal, ela é uma mercadoria de grande valia.

CAPÍTULO 13

Dia após dia, Calisto recebia novos livros. A maioria deles chatos. História, diplomacia, direitos da nobreza, direitos do clero, etc.

– Argh! Esse professor churrasco só pode ser sádico! – resmungou Calisto. – Quando vou sair deste porão maldito?

– Breve. – Veio uma resposta.

Calisto assustou-se. Com o coração disparado virou-se para encarar a figura envolta em pesados mantos. – Professor! Como?

– Posso ser sorrateiro se assim desejar. – Chiou a coisa. – Chegue mais perto, deixe-me vê-lo melhor.

Calisto obedeceu imediatamente, mas estava irado por ter sido surpreendido. O menino obedecia a seu professor inconsciente de que o fazia por temê-lo. No fundo, temia receber mais uma surra, uma fraqueza sua que desconhecia. Fraqueza que seu professor sabia explorar muito bem.

A criatura segurou o rosto de Calisto com suas mãos finas e ossudas, em carne viva. Analisou e disse, – Hmm, sua aparência não está nada boa! Olheiras, hematomas e pele branca demais. Está horrível sabia rapaz?

– Veja só quem fala! – provocou Calisto.

– Engraçado! – Empurrou o rosto do menino com força.

Ficaram em silêncio por alguns instantes ao som da respiração chiada do instrutor.

– Há quanto tempo estou preso aqui?

– Perdeu a noção do tempo menino? Engraçado! Não importa! Tenho boas notícias para você.

– Boas notícias? Mais livros?

– Não. Desta vez não. Você vai sair, precisa ficar com boa aparência. Precisa acostumar-se com o sol, precisa se preparar.

– Preparar-me? Preparar-me para o que? Porque isso tudo? Por que esses estudos?

– No momento certo. Agora, vamos conversar. – disse o instrutor destrancando a porta do quarto.

Calisto detestaria admitir, mas gostava de conversar com seu professor. Durante sua detenção tiveram muitas longas conversas. Boas conversas! Conversaram sobre coisas interessantes que nunca havia conversado com

Thoudervon, nunca havia conversado com ninguém. Passou a nutrir certa admiração pelo professor e pela sua inteligência. A coisa podia ser horrenda, sádica, detestável e possuir dezenas de características nojentas. Mas, uma coisa era inegável! Era muito inteligente, e sentia que a cada conversa podia aprender muito.

– Vamos para seus novos aposentos. Conversaremos no caminho.

Calisto seguiu os passos lentos e ritmados de seu instrutor escada acima. Subiram duas dezenas de degraus e aproximaram-se de um local bem iluminado. Logo estavam nos corredores laterais da catedral de Kamanesh. Os passos do professor ecoavam enquanto passavam por baixo de largas colunas que subiam muito alto. O sol penetrava o corredor através de vitrais coloridos e de portais que davam para um jardim interno muito bem cuidado. De fora, podiam escutar o canto de pássaros e sons do vento.

A coisa assumira uma postura corcunda e vestira luvas grossas para esconder suas mãos e o capuz folgado cobrindo o rosto. Precisava ocultar-se.

Acólitos e sacerdotes passavam e cumprimentavam o velho monge.

– Bom dia, Irmão Weiss. – disse um rapaz vestido de branco.

O velho monge respondeu. E Calisto sorriu ao seu lado. – Então, este é o seu nome!

– Sim, e então?

– Não entendo, para que todo o mistério professor?

– Às vezes, gosto de fazer coisas sem sentido.

– Você é louco!

– Não somos todos loucos? Vamos pelo jardim.

– E o sol?

– Você vai se habituar. Seus olhos são um pouco mais sensíveis à luz, mas não impedem que lide com ela normalmente. É apenas uma questão de hábito. Assim como os olhos dos Albinos.

– Só fala assim porque os olhos não são seus, velhote!

– Mais respeito rapaz! – ameaçou Weiss erguendo seu bastão.

Calisto engoliu seco apertou os olhos e caminhou para o jardim. Era belíssimo e estava muito florido, com flores amarelas, vermelhas, violetas, brancas e rosadas. Plantas exóticas de folhas verdes, azuis e púrpuras, muitos formatos de folhas, muitos formatos de caule. Havia borboletas e pássaros da primavera cantando intensamente.

– Albinos? Você disse albinos, agora há pouco. É isso que sou?”

– Não! Albinos são pessoas muito brancas, com olhos claros e cabelos sem cor. Nascem com este problema, sendo sucptíveis à luz solar. Você? Poderíamos dizer que é um tipo de Albino, mas ao invés de problemas, você tem aperfeiçoamentos.

– Sou todo especial, não é mesmo?

– É sim. Mas como já disse, não é indispensável.

– E quanto a Thoudervon? Poderei vê-lo novamente?

– Sim, e em breve, sempre que quiser.

– Por que nunca conversamos a respeito de Thoudervon?

– Não é bom que conversemos a seu respeito. Nem mesmo é bom que falemos seu nome demais, pronunciar seu nome em vão pode ser muito ruim.

– É mesmo? Desta eu não sabia. Thoudervon, Thoudervon, Thoudervon. – debochou Calisto.

– Escute aqui menino mimado! – irritou-se Weiss deixando sua voz soar como um sopro. – Estou falando sério! Eu, você e os outros que você ainda irá conhecer, somos humanos, somos seres relativamente normais, relativamente inofensivos. Já ELE! Ele é um ser que não pertence a nossa esfera, é poderoso demais, é perigoso demais.

– Quer dizer que você o teme!? Já não acredito que você possa me matar! Eu sou seu protegido, sendo assim ninguém pode me machucar.

Weiss irritou-se agarrou a garganta do menino causando-lhe asfixia. – Acredite nisso e vai se dar mal menino. – Soltou a garganta e completou. – Muito mal. Nós não tememos Thoudervon além do limite do aceitável. Podemos lidar com ele se preciso. Mas este não é o caso, pois somos aliados e não inimigos. E tenho como certeza que nossa aliança é mais importante que sua vida, muito mais. Afinal, podemos ter outros como você, se quisermos.

Calisto pôs as mãos em sua garganta e mal podia acreditar na força e agilidade que seu professor possuía. Com isso seu ódio por ele voltava a ser alimentado. Havia algo que não saía de sua cabeça. Um dia, teria sua vingança, um dia mostraria ao seu professor quem era o sujeito mais poderoso do pedaço. Esse dia não podia estar longe. Sem sentir-se preparado para um confronto, abaixou a cabeça e disse. – Como quiser professor. Faço tudo que o senhor mandar.

Finalmente chegaram a um grande portão de madeira. Lá aguardavam dois sacerdotes da Real Santa Igreja.

– Este é o rapaz de que lhes havia falado. Quero que esteja bonito e apresentável em quatro dias. – ordenou o velho monge.

– Sim senhor. – respondeu um dos jovens.

– Vá com eles rapaz. Eles irão tratar seus ferimentos e mostrar-lhe-ão seus novos aposentos.

Com isso Calisto separou-se mais uma vez de seu professor. Agora sabia seu nome e odiava-o ainda mais. Porém aos poucos seu ódio cedeu espaço para muitos questionamentos que surgiam em sua mente. Por que Thoudervon havia se aliado a Weiss e esses outros que ainda não conhecia? Por que era tão especial? Por quem poderia ser substituído? Qual seria seu papel naquilo tudo? Para o que estavam preparando-o? Por que seus olhos eram totalmente negros? O que Weiss queria comparando-o com uma espécie de albino aperfeiçoado?

CAPÍTULO 14

Os silfos do mar não eram tão desorganizados quanto alguns estrangeiros mal informados imaginavam. Possuíam uma cultura adversa, aparentemente sem leis, mas na realidade, constituíam um império. Um tradicionalismo profundo ditava as regras quase naturalmente nas mentes de cada membro do império. Obedeciam ao poder secular da nobreza e à ordem estabelecida entre os clãs. Em cada clã, havia o patriarca, ou matriarca, que desempenhavam papel semelhante ao dos reis em reinos humanos. Todos os patriarcas prestavam homenagens e eram submissos ao Imperador.

O navio do Capitão Shark perdera um pouco de sua dimensão e imponência. Estava entre centenas de outros navios e milhares de pequenas embarcações na baía de Aurin. Tendo o mesmo nome da baía, Aurin, era a maior cidade da ilha de Frai, principal ilha sob o controle do clã Farmin e a segunda maior ilha do arquipélago dos silfos do mar. O sol brilhava forte e fazia muito calor, um calor que seria insuportável para muitos habitantes do reino de Lacoresh, acostumados com temperaturas mais amenas no verão e geladas no inverno.

O clã Farmin era o maior dos clãs, e em suas ilhas encontrava-se a representação do que significava ser um silfo do mar. Os Farmin eram responsáveis por mais da metade do alimento produzido em todo arquipélago, pela defesa do Império, comércio e captura de escravos. Enfim, eram os mais ricos e influentes. Todavia, não era o clã dominante. Grande parte de suas atividades (e lucros) estavam voltadas ao abastecimento da Ilha de Thayfun, sede do Império e única ilha de todo o vasto arquipélago sob o controle do clã Mikril. Desde que o império fora instituído, os Imperadores e Imperatrizes saíam exclusivamente das altas castas do clã Mikril.

A política do Império Sílfico era complicada demais para a compreensão dos diplomatas vindos de reinos humanos. Havia sutilezas que só poderiam ser entendidas por alguém que tivesse crescido e vivido entre os silfos. O simples fato de possuírem uma vida aproximadamente dez vezes mais longa que os humanos já era o suficiente para distorcer o entendimento de comportamentos políticos e econômicos.

Kyle Blackwing e seus companheiros não percebiam, mas estavam prestes a penetrar neste ambiente estranho e hostil (principalmente para seres humanos), sem conhecer muito sobre sua língua e seus costumes.

Noran sentia-se melhor, o enjôo havia diminuído desde que o navio penetrara na Baía de Aurin. Estava exausto, pois mal pôde dormir durante o trajeto. Além disso, precisou concentrar suas energias para confundir e direcionar os pensamentos do Capitão Shark.

Kiorina havia recebido novas roupas e assim como os outros, fora acorrentada em fileira. Todos tinham correntes presas por grilhões na altura dos tornozelos ligadas umas às outras. Os braços estavam presos atrás das costas por algemas. Foram postos na lateral esquerda do convés em fila: Archibald, Noran, Georges, Kyle, Mishtra, Kleon e Kiorina. Fora da fila, ainda preso ao mastro e inconsciente estava An Lepard.

A quantidade de navios e pequenas embarcações à vista era assustadora. A cidade de Aurin era muito grande e sua visão causou grande impacto nos estrangeiros. Estendia-se ao longo de várias enseadas sendo que uma delas apenas comportaria em tamanho toda a cidade de Lacoresh. Dirigiram-se para um grande porto e ao chegar mais perto puderam perceber que havia pontes de pedra que entravam no mar estendendo-se por distâncias enormes. A meio caminho, havia uma grande extensão de areia na qual muitos barcos e navios estavam encalhados. A maré naquela região possuía uma grande variação, de forma que nas longas pontes navios podiam atracar para carga e descarga mesmo quando a maré estivesse vazia. Algumas construções na cidade chamavam bastante atenção. Principalmente torres irregulares e pontes suspensas. Algumas cobertas por conchas brilhantes outras por ladrilhos coloridos em formas abstratas, principalmente formando belas matizes com variações suaves do branco ao verde, de verde a azul e algumas extravagantes indo do violeta ao amarelo ou rosa ao verde.

Apesar de toda a beleza, sentiam um destino ruim aproximar-se.

O capitão percebia o encanto que Aurin provocava aos olhos de seus prisioneiros. No fundo, sentia um pouco de pena das criaturas humanas, vidas curtas e fúteis, falta de sofisticação e elegância. Mas, seus momentos de piedade eram raros e logo voltou a seu estado normal.

– Observem humanos, observem as belezas de minha cidade! Aprendam com sua visão! Aprendam e aceitem sua inferioridade. Sejam submissos aos seus senhores e terão uma vida boa, façam o contrário e viverão no inferno. Logo os deixarei sob os cuidados de Marcik, meu avaliador de escravos. Serão tratados e vendidos no mercado.

Kyle pensou em retrucar, mas Noran falou em sua mente para que ficasse quieto.

Logo, o navio foi amarrado em vários postes de madeira presos a uma das grandes pontes de pedra. Duas pontes de madeira foram estendidas e por uma delas desceram acompanhados por diversos marujos.

Shark acenou dizendo: – Boa sorte para vocês!

Kiorina não se conteve e perguntou – E quanto a An Lepard? Ele não vem conosco?

– O assassino? Não, para ele já tenho a compradora certa.

– Noran! – chamou Kiorina.

“Entendo Kiorina.” adivinhou o tisamirense. “Não posso forçá-lo a isto, poderá por tudo a perder.”

Então, sentindo a fatalidade da situação, Kiorina deixou que as lágrimas contidas rolassem por sua face. Somente naquele momento, somente na separação, percebia que seu coração estava ligado ao de An Lepard. Tinha a sensação de que aquela seria a última vez que o veria. Sentia um forte aperto no peito e falta de ar.

Um dos silfos de Shark chicoteou o ar, gerando um forte estalo. Após isso sinalizou e gritou, – Eoê, Doebi! Aot Hadebini!

Noran traduziu diretamente para as mentes de seus companheiros. “Devemos segui-lo.”

O silfo, de cabelos claros e curtos, vestia uma camisa vermelha e curta que cobria apenas parte do pescoço e tórax, exibindo as costas, braços e ombros com músculos bem definidos, cobertos por suor. Aproximou-se de Mishtra e disse baixinho e sarcasticamente, – Aot-Mone Habi Silfie, Ao Fimne Ei Nus Doeb.

Mishtra olhou-o com desprezo. Ele sorriu e lambeu os lábios. Seguiram sobre a ponte de pedra. A superfície era composta por mosaicos de pedras coloridas do tamanho de maçãs. Pedras brancas, avermelhadas e marrons formando vários padrões geométricos e que tomaram por completo a atenção de Mishtra. O desenho rústico de um peixe vermelho de olhos esbugalhados trouxe a mente da silfa lembranças de um tempo esquecido. Ela já estivera ali, já estivera em uma daquelas pontes da baía de Aurin. Quando criança gostava de olhar os mosaicos nas calçadas. As lembranças de sua infância eram dolorosas, e por isso, havia se esquecido de toda aquela fase. Ao embarcar no Estrela do Crepúsculo, dias atrás, sentiu que não era a primeira vez que via o mar. Durante a viagem, teve certeza e agora descobria que no passado certamente estivera ali. Talvez naquela mesma ponte, talvez em uma outra, mas ali, entre os Silfos do Mar.

De que mais se lembraria agora. Onde sua memória a levaria? De quem era aquela voz estranha que surgia em sua cabeça? De quem era aquela voz que falava em sílfico? Uma criança que chamava por seu pai. De quem eram aqueles lindos olhos verdes, verdes como o mar raso. Olhos brilhantes, um olhar que carregava ternura infinita. Olhos amendoados de alguém que sorri, mas onde estava sua boca? Onde estava seu rosto? Por que podia ver apenas os olhos?

Mishtra estava perdida em suas memórias e ignorava completamente tudo a sua volta. Caminhava lentamente acompanhando o grupo e os gritos e chicotadas do silfo de camisa curta não faziam sentido algum. Seus olhos se encheram de lágrimas e seus lábios esboçaram um sorriso.

Quando foi? Confusão! Parecia uma eternidade. Teria sido em outra vida? Seria aquilo apenas um sonho? Ou lembranças de outro século? Cem? Cento e cinco anos? Cento e dez anos? E finalmente soube. Aqueles olhos eram os olhos de seu pai. A voz que escutava era sua própria voz. – Pai, vem! O peixe olha engraçado!

A imagem não voltou, mas a voz daqueles olhos verdes cheios de ternura respondeu. – O peixe de olhos grandes, minha filha? – Lembrou-se de sua voz doce e forte. Sentiu-se segura como costumava sentir-se na companhia de seu pai.

– É papai, é engraçado!

Lembrou-se de uma gargalhada suave. – Ah minha filha! Seus olhos são cheios de doçura. Este peixe foi desenhado com os olhos grandes para ser assustador, ameaçador. Observe os espinhos, observe os dentes afiados. É uma representação das ameaças do fundo do mar.

– É para dar medo?

– Não milha filha, só os tolos temem. Aqueles que confiam na grande força da natureza, nada têm a temer.

– É? Papai não tem medo de nada?

– Infelizmente tenho, filha. Se todos entre os nossos seguissem e confiassem na grande força da natureza, não haveria nada a temer neste mundo. Mas há muitos entre nós que se afastaram dos caminhos da natureza. Se afogam em suas cobiças, política e são cruéis. Fazem dos outros seres seus escravos, mesmo os seres inteligentes como os humanos, bestiais, felinos e anões.

– Mas eles são maus! Eles são bichos. Se os bichos ficam soltos, eles atacam, eles matam.

– Quem lhe ensinou isso filhinha?

– Mamãe falou.

Lembrou-se de um olhar de reprovação. – Olhe os pássaros lá no céu. Não estão soltos?

– Huh, huh!

– E por que não nos atacam, por que não matam?

– Não sei.

– Não escute sua mãe está bem? Vamos, tenho que ir.

– Vai viajar papai? Vai demorar?

– Vou minha filha, mas quando voltar, vou levá-la para bem longe, para uma terra bonita, vou levá-la para Shind, a terra do papai. Certo?

– Certo. Não demora papai. Eu tenho medo da mamãe. Ela é má comigo.

– Não fale assim de sua mãe, ela não é má. Ela apenas é uma pessoa muito ocupada, tem muito trabalho, muitas responsabilidades e muita pressão. É normal que ela fique irritada, de vez em quando, certo?

– Certo.

As vozes ecoavam na cabeça da silfa. Sentiu uma forte saudade. Sentiu uma tremenda falta de seu pai. Lembrou-se de mais alguns detalhes. Era alto, possuía cabelos castanhos escuros. Suas orelhas eram bem vermelhas e bem desenhadas. Mas ainda não conseguia formar uma imagem única. Não conseguia montar o quebracabeças. De alguma forma, sabia que não iria levar muito tempo para sua memória voltar por completo. Era um caminho sem volta que começou a trilhar assim que colocou os pés no Estrela do Crepúsculo.

CAPÍTULO 15

Durunt e Manile eram muito bonitas, especialmente na primavera. As duas pequenas províncias do Baronato de Fannel ficavam a leste da capital, Liont, numa região coberta por colinas cujo clima era bastante agradável. Nestas províncias geograficamente isoladas, chegava pouca influência do restante do reino.

Seus senhores, sempre repassaram os impostos devidos pela região, bastante rica, deixando o Barão e seus superiores satisfeitos. O isolamento e tranqüilidade do povo de Durunt e Manile estavam ameaçados, cada vez mais, com a presença e atividades freqüentes dos necromantes.

Vekkardi quase conseguia deixar-se levar pela leveza que invadia seu corpo. Os ares matutinos e fraco calor do sol traziam-lhe boas energias. Mas isso não durou muito. Logo, a sombra de seu irmão caiu sobre si, trazendo de volta muita amargura ao seu coração solitário. Em pouco tempo, já não estaria sozinho. Avistou logo adiante, uma vasta região cultivada com videiras. Construções de madeira foram surgindo e aos poucos homens e mulheres. Camponeses que desde cedo trabalhavam vigorosamente. Aquela gente simples parecia boa e calorosa, mas evitava cruzar caminhos com o forasteiro. Alguns mais curiosos escondiam atrás de seus olhares tímidos um grande receio.

Pouco depois, pediu um pouco de água aos camponeses que a bombeavam de um grande poço. Bebeu bastante e encheu seu odre.

Um jovem, de cabelos loiros e lisos e face avermelhada, indagou – De onde o senhor vem?

– De longe rapaz. Venho das montanhas ao norte.

– Das montanhas! O que tem lá? – Era um moço curioso e tinha grande dentes separados que saiam um pouco da boca, mesmo quando fechada.

– Pouco para se ver. – Vekkardi jogou água no rosto e esfregou-o. – Qual a cidade mais próxima daqui, meu jovem?

– Cidade? – O rapaz coçou a cabeça e parou pensativo.

– Uma vila, então?

– Audilha! Está perto! É só seguir aquele caminho. – indicou o jovem com um gesto.

– Obrigado. Tenha um bom dia.

– Vá sob a luz de Leivisa.

Vekkardi acenou para o simpático camponês e seguiu pelo caminho indicado. Meditava a respeito da situação do Reino de Lacoresh. Ocorrera um golpe de estado. Os maléficos necromantes estavam no poder, mas poucos tomaram ciência disso. Imaginava que quanto mais distante estivesse dos grandes centros, menores seriam as influências deles. Tentava medir o quanto seria perigoso para alguém como ele aproximar-se e mostrar a face. Ainda não sabia exatamente. Sabia apenas que deveria ser cauteloso.

Audilha surgiu após uma colina alta. Pode vê-la toda de uma vez. Era uma pequena vila formada por não mais que duzentas casas simples com belos acabamentos. Telhados laranja e avermelhados bem montados, paredes pintadas com cores leves, belos jardins e um pequeno córrego que dividia a vila e duas porções. Desceu por um sinuoso caminho de terra batida atravessando pequenas propriedades com criação de aves e porcos do mato.

Chegando à vila, passou a pisar em chão pavimentado, composto de rochas cinza azuladas dispostas num padrão hexagonal. Seus pés doíam um pouco e sabia que teria de dar-lhes descanso e tratar de algumas bolhas. Procurava por uma estalagem. Sentia-se estrangeiro o suficiente e percebeu que assumia riscos, pois estava chamando bastante atenção dos habitantes.

Chegando a uma praça cujos jardins estavam intensamente florescidos, avistou um monumento que o deixou estarrecido. Um conjunto de esculturas realizadas em pedra cinza azulada com várias fontes de água e no centro a imponente estátua de um nobre. Havia uma placa: – Homenagem do povo de Audilha ao generoso Lorde Lenidil.

Logo abaixo, constava a data. Era recente, feita a menos de cinco anos. A habilidade de escultor era impressionante. Era tal o nível de realismo que Vekkardi ficou a contemplar a estátua sem perceber o tempo passar.

Atrás de si, uma voz de um idoso perguntou, – E então rapaz, você gosta de escultura?

Vekkardi assustou-se e virou-se para encarar o velho que ali estava. Era um homem baixo, com a pele repleta de rugas e algumas pintas de velhice na testa e nas maças do rosto. Quase careca, possuía uma fina e escassa trama de cabelos brancos sobre a cabeça. Seu olhar era plácido e despreocupado. Vestia uma manta bege e grossa.

– Ah sim! Muito! Isso... quero dizer... Esta escultura é belíssima! Nunca vi nada igual! – retrucou Vekkardi com entusiasmo.

O velho sorriu e disse, – Que bom! Então seja bem-vindo a Audilha. Os que amam a escultura sempre são bem-vindos em Audilha.

– Obrigado, senhor. Permita-me apresentar-me. Chamo-me Vekkardi.

O velho sorriu e disse, – Meu nome é Carulvo. Onde você aprendeu a falar deste jeito rapaz? Por acaso é uma ovelha desgarrada?

– Perdoe-me?

– Sim! Você fala como um nobre e usa palavras que um nobre usaria. Até anda como um nobre! Mas não está vestido como um.

– Não senhor. Não sou um nobre. Desculpe-me pelo meu jeito de falar, mas só falava assim para prestar respeito ao senhor. Mesmo não sendo nobre, a pessoa que me criou ensinou-me a ser respeitoso, especialmente com os idosos.

– Muito bem, Vekkardi. Eu olho para você e vejo que é um bom rapaz! Mas imagino o que o trouxe a estas bandas.

Foi estranho, mas de alguma forma Vekkardi depositou confiança em Carulvo. – Viajo em busca de pessoas boas.

Carulvo ergueu suas sobrancelhas franzindo a testa numa compreensão admirada. – Isso é bom! Especialmente quando uma grande sombra cresce sobre tudo! É bom procurar por amigos.

Um jovem que prestava atenção na conversa aproximou-se dizendo. – Mestre! Mestre! Aí está você!

– É claro que estou aqui, Regis! Conheça Vekkardi.

O rapaz, loiro e com feições delicadas acenou para Vekkardi e disse a Carulvo. – Mestre, por favor, me escute! Não faça mais isso, pode ser perigoso.

– Não me diga o que fazer Regis! Eu sei muito bem o que faço. E digo: Vekkardi é um bom rapaz e não há mal algum em uma conversa amigável nas ruas do meu lar! Eu nasci e cresci aqui, e agora querem me dizer que não posso nem conversar com as pessoas?

– Por favor, mestre! Não fique zangado. Mas como você pode saber quem ele é? Ou quais suas intenções?

– Conversando e perguntando ora bolas! Como mais?

– Por favor, Mestre Carulvo! Lembre-se de Menzo!

– Menzo, menzo, menzo! É só no que falam agora. Não adianta! Não vou mudar meu jeito de viver. Não vou ficar com medo como você está meu jovem. Falo com quem quiser sobre o que quiser. E veja só! Sou respeitado! Respeitado e conhecido em toda a região, acho que mereço falar o que penso.

– Perdoe-me Senhor Carulvo. Não queria causar transtorno. – disse Vekkardi.

– Regis! Volte para a oficina, já! Tem muito que fazer lá!

O rapaz, inconformado, deixou o local.

– Venha Vekkardi, vou indicar uma boa estalagem para você descansar. disse e pôs-se a andar pelas ruas da vila.

– Obrigado, senhor Carulvo. Estou entre os quais trazem luzes quando as sombras avançam.

– Eu sei disso, rapaz. É obvio que você não está entre eles. É por isso que o pobre Regis ficou tão assustado. Teme que eu possa ser incriminado como alguém que colabora com os Rebeldes.

– Compreendo. O senhor não os teme?

– Não! Já estou velho demais para ter medo da morte.

– Esta opressão é triste, não?

– Muito! Especialmente para aqueles que sabem o que são eles. A maioria não enxerga o que ocorre. Vêem a questão dos rebeldes apenas como uma disputa pelo poder entre nobres que estão no poder e nobres destituídos de seu poder, apoiados por mercenários e idealistas.

– Entendo. O senhor poderia colocar-me em contato com boas pessoas?

– Sim e não. Sim, pois aqui em Audilha quase todos são boas pessoas. E não, pois, às vezes, é melhor não saber sobre o paradeiro de determinadas pessoas, assim todos tem mais segurança.

– Claro.

– Mas fique tranquilo rapaz, sei que irá encontrar por quem procura. A estalagem é logo ali. – Indicou Carulvo.

– Muito obrigado, senhor Carulvo. Muito obrigado mesmo!

Carulvo sorriu e disse. – Não foi nada, agora tenho que voltar ao trabalho.

– O senhor é um escultor, certo?

– Sim. É fácil dizer pelas mãos. – disse-lhe mostrando as mãos, com muitos calos e marcas.

Vekkardi sorriu, virou-se e entrou na estalagem.

“O que há Roubert?”

– Radishi? É você? – disse o silfo em voz baixa.

“Sim. Senti uma importante mudança no seu estado, algum problema?” enviou pensamentos que cruzaram uma grande distância instantaneamente.

Roubert sussurrou, – Estou no alto de uma colina, região cultivada, adiantei-me bastante para reconhecer a região. Daqui vejo uma perseguição. Dois homens montados estão fugindo de onze cavaleiros. Os perseguidores parecem soldados

de Lacoresh. Um dos fugitivos veste uma armadura avermelhada cujo brilho chama muita atenção.

“Avance, meu caro! Vou correr para alcança-lo!”

– Certo. Cuide-se, pois já passei por muitos homens que trabalham por aqui. Não sei se são confiáveis.

“Sem problemas. Estou avistando as plantações daqui. Devemos estar próximos de alguma cidade.”

– Sim, já identifiquei a trilha. E a mesma que os cavaleiros seguem.

“Manterei contato.”

– Aproveite para comer algumas uvas. Estão deliciosas.

CAPÍTULO 16

Marcik examinava-os de forma minuciosa. Noran recomendava calma a todos e interagia com a mente de Marcik para minimizar seus piores impulsos.

O experiente silfo segurava a ponta do nariz de Kyle com os dedos em pinça. Levantou seu rosto bruscamente olhando dentro das narinas. Abriu-lhe a boca com a outra mão e examinou-lhe a língua os dentes. Por mais que fosse inútil, Kyle desejava fortemente revidar. Não podia fazer muito, suas mãos algemadas atrás das costas e os pés presos um ao outro. Ainda assim o fez. Aproveitando-se de um momento de distração do silfo investiu com a testa contra seu nariz. O choque foi violento e imediatamente sangue correu pelas narinas do silfo. Ele cambaleou e caiu sentado com uma das mãos sobre o nariz.

Estavam no posto comercial pertencente a Shark e um dos empregados atingiu violentamente a parte posterior da perna direita de Kyle com um chute solado. Kyle gemeu de dor e ajoelhou-se. Sentia sua testa latejar. Marcik recobrava-se e chutou a virilha do cavaleiro. Curvou-se colando o rosto no chão.

Gritou e esbravejou em sua língua, coisas que Noran e Mishtra não puderam compreender. Segurou seu chicote com firmeza e investiu repetidas vezes contra as costas de Kyle.

Kiorina sentia um grande aperto no coração e lágrimas rolavam sobre sua face. Archibald observava aquilo com uma ira controlada. Noran tentava fazer com que o silfo parasse sem controlar sua mente. Georges temia pelo destino de todos e Kleon disse algo em um estranho dialeto.

Imediatamente Marcik parou de castigar Kyle. Perguntou-lhe, curioso, algo no mesmo dialeto. A resposta de Kleon pareceu irritar o silfo, mas ao mesmo tempo trouxe-lhe um pouco de senso de volta.

Levantou Kyle pelos cabelos e disse-lhe, em sílfico – Eot-Ei cinnirun!!

Saiu do posto dando ordens aos outros empregados para prendê-los. Chamou atenção para darem tratamento especial a Kiorina e Mishtra. Foram separados.

Todos os homens foram levados ao porão do estabelecimento e presos em uma cela escura e lá foram trancados. Enquanto isso Kiorina e Mishtra puderam banhar-se sem serem incomodadas. Mishtra explicou a Kiorina que Noran havia trabalhado de forma profunda nas mentes dos empregados do posto a fim de que eles fossem corretos com elas.

Mais tarde durante a madrugada, Kyle estava inquieto sem conseguir dormir. Suas costas ardiam e sua mente fervilhava de ódio e idéias.

– Droga! – murmurou.

– Kyle, o que houve? – indagou Archibald.

– Essas idéias estranhas que as vezes me ocorrem.

– Do que você está falando, Kyle?

– Estava pensando no passado, em toda minha vida, todo o curso dela.

– E então?

– Você já pensou que tudo que acontece em nossas vidas parece estar sendo preparado por alguém? Alguém que nos controla nos mínimos detalhes? Alguém que planeja tudo, desde nosso nascimento até nossa morte, sem nos dar opção de escolha?

– Já falamos sobre isto, lembra-se?

– Ah sim, conversávamos sobre o destino... Já não sei mais se acredito que o destino não exista. Antes pensava no destino como uma força intangível com a qual não podíamos nos relacionar. Agora, estou enxergando como uma pessoa. Alguém com um imenso poder que manipula nossas vidas de acordo com sua vontade, de acordo com seus caprichos. Um sujeito doente que coordena nossas vidas para entreter-se, ou mesmo entreter outras pessoas.

– Não sei se estou acompanhando seu raciocínio, caro amigo.

– Nem eu! Estou confuso e não sei mais se acredito que nós somos realmente responsáveis pelo mundo através de nossas ações.

– Há pouco tempo você defendia a idéia! Lembra-se? Falava sobre a diferença que você fez na guerra contra os bestiais.

– É verdade, mas não sei mais se quem agiu fui eu, ou se fui impelido por alguém.

– Escreveram muitos livros sobre o assunto, centenas e centenas de páginas. Sabe qual foi a conclusão?

Não.

Nem eu! disse e sorriu, apesar de toda a desgraça. – Deixe de tolices e vamos pensar em uma forma de fugir deste lugar.

– Você está certo, sendo eu ou não, temos que escapar para tentar ajudar nossos amigos. Temos que ajudá-los para prosseguir com nossa jornada. Precisamos encontrar o oráculo, e com isso descobrir uma maneira de trazer nosso lar de volta à normalidade.

– Do jeito que você fala, até parece que tudo isso é possível.

– É claro, que sim. Temos Noran de nosso lado, esqueceu? Quando precisamos nos esconder em Lacoresh, ele pode fazê-lo. Aposto que poderemos tentar algo assim novamente.

– Certo Kyle, falaremos com ele quando acordar. Por hora é melhor que descansemos, acho que amanhã será um dia difícil para todos nós.

***

O sol brilhava intensamente, seu calor era incômodo para os que estavam acostumados com as temperaturas amenas ou frias de Lacoresh. Cedo, receberam um belo tratamento de higiene e ganharam roupas limpas. Para todos os homens fora uma rápida preparação. Para Mishtra e Kiorina, a preparação durou horas. Foram maquiadas, tiveram os cabelos penteados e receberam belos adornos.

Foram conduzidos ao Hebb, antes do final da manhã. Os Silfos do mar tinham um nome especial para um pequeno tablado oval, no qual eram expostos e vendidos escravos. Havia um Hebb no cruzamento de duas grandes ruas movimentadas. Silfos ricos, ou poderosos, eram carregados por escravos, em cadeiras suspensas ou mesmo cabinas inteiras, luxuosamente decoradas.

Após uma breve fiscalização e troca de papéis o espaço do Hebb foi liberado para o uso dos empregados de Shark. Exposta ao público que passava, Kiorina sentia-se humilhada. Kyle estava irado e os outros estavam apreensivos ou receosos.

Uma grande cabina carregada por cerca de doze homens muito fortes aproximou-se do local. Os escravos eram grandes, pareciam vir de locais distantes. Havia homens de pele morena bronzeada que Gorum, nunca havia visto nas terras de Lacoresh. Outros pareciam vir de Dacs e outros tinham feições Lacoresas. Colocaram a cabina cuidadosamente sobre o chão. Junto vinham guardas silfos providos com espadas delicadas e roupas de um grosso couro de escamas azuladas.

A porta da cabina abriu-se e dela saiu uma Silfa de aparência jovial, vestida luxuosamente. Sua roupa, colada ao corpo era composta por milhares de pequenos pontos de gemas reluzentes multicoloridas. Sobre a cabeça usava um tipo de chapéu cônico de ponta romba. De seu topo, brotavam seus cabelos dourados como uma cascata, que descia até seu quadril. Seu rosto trazia grande perfeição, acentuada por uma maquiagem artística. Possuía unhas longas e

pintadas de cor púrpura profunda, que combinavam com a forte tonalidade depositada em seus lábios corretos.

Marcik reverenciou a silfa e lhe disse em sílfico. – Seja bem-vinda, madame Lefreishtra.

A silfa, que possuía um olhar frio, passou os olhos sobre os prisioneiros.

– Recebi um recado do Senhor Shark avisando-me a respeito de escravos interessantes. Não me impressionei. O que há de especial com eles?

Noran escutava a conversa atentamente e procurava sondar os pensamentos da rica silfa. Ao mesmo tempo ficara hipnotizado pela beleza e o exotismo dela.

Marcik subiu no Hebb aproximando-se de Kiorina. – Em primeiro lugar madame, temos aqui, uma moça humana iniciada nas artes mágicas e cujo corpo encontra-se imaculado.

– Interessante. O que mais?

– Temos essa bela escrava de nossa estirpe. Sabe bem a senhora, que escravos sílficos, quando podemos obter, são muito duráveis e podem prestar ótimos serviços com um nível de qualidade superior ao de qualquer humano.

– Ótimo.

– Aqui, temos um Chiris, como dizem, que possui ótimo domínio de várias línguas.

– Me parece bom. E quanto aos outros?

– Bem, os outros são marujos e guerreiros, treinados nas armas e que podem prestar serviços diversos. São fortes e bem dispostos.

– Exceto por aquele! – acusou a Silfa. – Não parece nada forte e possui um olhar intrigante. Além de possuir a testa tatuada... Possivelmente um tolo Tchiliano. Não gosto nada de seu olhar. Por este não pago.

– Está certa senhora. Se decidir levar todos estes, pode levar o tatuado de graça.

– Muito bem, então o levarei. Acerte os detalhes com meus homens. Haverá uso para todos nos meus novos negócios em Thayfon.

Kyle mal pode entender o que estavam dizendo, conhecia poucas palavras em sílfico e estava inquieto. Mishtra não gostava nada do que acontecia. Quando a rica Silfa a encarou sentiu um terrível calafrio e desviou o olhar.

Preocupada, Mishtra questionou, “Noran, você interferiu nessa negociação?”

“Não, a Silfa que nos comprou possui a mente muito fechada. Nada pude captar e tão pouco pude interferir. Ao que parece, decidiu comprar-nos por conta própria.”

“Mente fechada? Não sei, mas senti algo estranho vindo dela. Algo de ruim, ela me faz ter calafrios!.”

“Mesmo? Não pude captar nada assim.”

Pouco depois, foram conduzidos através da cidade até uma mansão enorme, maior que a própria fortaleza do Duque de Kamanesh. A mansão possuía muros altos, de rochas claras. O portão alto era gradeado e feito de metal. Cada uma das finas barras de metal, era torcida de maneira artística e havia uma dezena de brasões e diversas volutas metálicas ornamentando o portão.

Em seu interior, belos jardins com plantas e flores que nunca haviam visto antes. Em pequenos lagos artificiais, havia peixes coloridos e puderam avistar um par de escravos humanos trabalhando na manutenção dos jardins. Vestiam-se com roupas simples e amarrotadas e tinham os pés descalços. Mantinham as cabeças baixas, porém não cediam à curiosidade de observar o grupo que era conduzido para o interior da mansão.

Kyle imaginava uma maneira de escapar daquele pesadelo. E ao mesmo tempo, a idéia de que seria escravo novamente lhe evocava lembranças desagradáveis. Uma grande revolta surgia em seu âmago. Poderia perder o controle a qualquer momento. Perderia o controle certamente. Mas Noran, pode, através de suas faculdades, controlar seus impulsos irracionais. Kyle queria gritar, mas seus lábios não se moviam.

Seu pensamento gritava em seu lugar. “Sai! Sai da minha cabeça Noran! Eu vou acabar com eles e se você não sair... Vou acabar com você também!”

Eram conduzidos por uma dúzia de guardas que vestiam peculiares armaduras de couro com escamas azuladas. Um dos guardas notou o comportamento estranho de Kyle e cutucou-lhe o braço com a ponta da lança que tinha em mãos.

O efeito que Noran procurava produzir sobre Kyle não funcionava. Não conseguia acalmá-lo. Ao contrário sua, ira aumentava cada vez mais. Suor escorria por sua face e veias saltaram-lhe nas têmporas. Noran assustou-se e por um momento, achou que não poderia mais contê-lo. Decidiu realizar algo mais drástico e provocou no rapaz um desmaio.

Kiorina andava mais a frente e não percebia o que estava acontecendo. Por um momento, distraiu-se com a beleza do jardim. Virou-se ao escutar várias vozes se misturando e viu Kyle prostrado no chão. Os guardas se afastaram um pouco temerosos. Temiam que o humano pudesse estar com algum tipo de

doença. Noran tranqüilizou seus companheiros explicando-lhes o que havia ocorrido através de pensamentos.

Em seguida, Gorum pegou Kyle levando-o no colo. Um terrível silêncio imperava entre os cativos. Sentiam-se acuados e sem ter o que fazer sob a mira de lanças e olhares cheios de malícia e ódio dos guardas sílficos. Como poderiam escapar de uma cidade tão bem vigiada? Nem mesmo tinham notícias de gente que após ter sido escravizada pelos Silfos do Mar, conseguiu ganhar sua liberdade novamente. Parecia que estavam condenados.

Kiorina olhava para o céu azul e seus olhos se encheram de lágrimas. Não chorava por Kyle, mas sim por An Lepard. Numa hora destas, ele já poderia estar morto.

CAPÍTULO 17

Calisto sentia um desconforto considerável. Começava mais um dia de sua vida, sentado à mesa luxuosamente decorada. Vestia uma roupa desconfortável e sentava-se de maneira desconfortável. Ao seu lado, seu instrutor de boas maneiras observava cada um de seus movimentos com olhos afiados. Senhor Lori, era seu nome. A paciência de Calisto estava bastante desgastada. Já suportava a presença detestável dele há mais de uma semana. Fazia força para concordar com toda aquela besteira. Vestir-se bem, portar-se bem, agir com elegância, bla bla bla!

– Não! – disse o Sr. Lori. – Na nani na não! Quantas vezes preciso repetir? – Lori era magro, falava com polidez excessiva e tinha tom de voz fino e variável. Vestia-se com uma túnica de veludo cinza com detalhes em vermelho. Seu rosto era pálido, mas na verdade ele era bastante moreno. Para disfarçar sua cor, bronzeada demais, usava pó branco no rosto. A gola de sua túnica possuía finos babados de seda branca e usava um chapéu cinza com uma rica pluma vermelha na lateral.

– Dane-se! Vou comer pão com as mãos hoje! Não estou com paciência para essas frescuras.

– Veja como fala, rapazinho! Que modos!!

– Vá cheirar estrume, seu ridículo! E me deixe em paz!

Lori irritou-se e aproximou-se do rapaz. – Veja só! Agora você superou os limites. – Com isso bateu a mão espalmada sobre a mesa, com violência delicada.

Calisto olhou-o de cima a baixo torcendo o nariz e fixou os olhos negros nos olhos castanhos claros do Sr. Lori. Antes que o mesmo pudesse perceber, ou reagir, segurou um garfo de prata com ódio e num golpe violento, atravessou a mão espalmada do Sr. Lori pregando-a na grossa tampa de madeira da mesa.

Um grito horripilante, fino e estridente ecoou nos corredores do anexo da catedral de Kamanesh.

Calisto sorriu, limpou um espirro de sangue com um guardanapo, pegou o pão com as duas mãos e deu-lhe uma mordida carregada de grande satisfação. No momento seguinte, começou a gargalhar. Divertia-se com a cena patética do instrutor pregado à mesa gemendo e gritando.

Mas a satisfação e divertimento do rapaz acabariam logo. Num instante, perdeu o contato com o solo e no momento seguinte colidia contra a parede com violência. Um tanto atordoado pode ver a mão de ossos e carne queimada apertando seu pescoço.

Lori gritava mais ainda, mas antes que pudesse continuar com seu escândalo teve a traquéia esmagada pelas mãos de Weiss. Sua vida havia chegado ao fim.

Weiss respirava forte e o chiado de ira causava calafrios em Calisto que sentia seu rosto pulsar. Posto de pé com as costas contra o grande portal de madeira, pode respirar recuperando seu fôlego. Porém, uma dor lancinante veio em seguida. Sua mão esquerda havia sido atravessada por uma faca, pregando-a contra a porta. Gemeu e antes que pudesse fazer qualquer outra coisa sentiu a mão direita sendo atravessada. Três pontas, um garfo.

Estava pregado no portão, de braços abertos, com o furioso Irmão Weiss diante de si.

– Weiss seu maldito! – xingou com os dentes cerrados.

– Seu moleque idiota! Quando vai aprender a obedecer, hein? Eu lhe ordenei!! Aprenda sobre boas maneiras com o Senhor Lori! E o que você faz? Enfia um garfo em sua mão e me obriga a matá-lo. Acha que estou de brincadeiras?!

– Não, não senhor. – respondeu-lhe o rapaz controlando sua ira.

– Pois bem! Espero que tenha aprendido tudo o que podia com ele, pois hoje mesmo você vai partir para Lacoresh.

– Lacoresh? Como assim?

– É, hoje, após o horário de almoço. Haverá uma festa no palácio real. Lá estarão todos os barões, o duque, militares etc.

– Festa? É para isso que estão me preparando? Uma festa idiota?

– Pelo menos em uma coisa você está certo, meu rapaz. É uma festa idiota mesmo!

– Qual o motivo? Qual a comemoração.

– Um aniversário.

– De quem, do Rei?

– Não seu imbecil, o seu!

– Para que... Espera. Ai! Dá para tirar esse garfo e faca das minhas mãos?

Weiss retirou sem fazer questão nenhuma de ser delicado.

– Ai seu maldito! – resmungou Calisto analisando os ferimentos nas mãos. – Que história é essa de meu aniversário? Eu mesmo não sei em que dia nasci! Nem sei quantos anos tenho! Diabos!!

– Pois então, agora está sabendo. A festa é dentro de dois dias, e você vai comemorar seus dezesseis anos. Venha até aqui e trate de mergulhar as mãos nessa bacia d'água.

A água da bacia ficou vermelha de imediato. – Está ardendo, droga!!

– Vamos fechar esses ferimentos. – Com isso Weiss apontou os dedos sobre a bacia e operou as mãos de Calisto, deixando apenas, e propositadamente, pequenas cicatrizes.

– Ei velhaco! E as cicatrizes? Tire-as também!!

– Nem pensar... Bater, furar e deixar cicatrizes é o único método pedagógico que funciona com você.

Calisto engoliu a lição. Caminhou na direção do corpo do Senhor Lori. – Ao menos não vou precisar escutar a voz irritante deste... – Retirou o garfo que mantinha o corpo preso a mesa. Com isso foi ao chão fazendo um ruído abafado. – fresco!

Weiss ficou sério, mas em seu íntimo sentia o mesmo que Calisto. Queria gargalhar, mas podia deixar isso para outra hora.

– Há quanto tempo Sr. Calisto! Já está acostumado a luz do sol, não?

– Um pouco Derek. Viajaremos novamente juntos, não é? E quando ao Barão podre, digo Dagon? – Calisto observava Derek. Estava montado, vestindo uma armadura de placas de aço polido. Brilhava contra o sol e refletia as formas ao seu redor com interessantes distorções.

– Nos reuniremos, em breve. Aguarda-nos além da vila de Wuri.

– Que notícia infeliz...

Derek achou graça nas roupas que Calisto vestia. Calça e túnicas de um azul profundo com babados brancos na gola e nas mangas. Disse sorrindo, – Vejo que está vestido como um nobre. Já ganhou algum título?

– Imperador Calisto não soa mal.

– Depende de quem escuta.

– Chega! – irritou-se o menino. – Vamos para a cidade de Lacoresh de uma vez! – Com isso montou seu cavalo acinzentado e partiu com velocidade. Derek teve certo trabalho para alcança-lo e muitas pessoas nas ruas de Kamanesh tiveram que correr abrindo espaço para o avanço selvagem que Calisto impunha sobre sua montaria.

Horas depois, encontravam-se com a figura sinistra do Barão Dagon. Puderam ver suas silhuetas e de seu grande cavalo sobrenatural contra o céu

rosado que prenunciava o crepúsculo. Estavam junto a um velho moinho numa parte elevada da trilha.

– Saudações Barão Dagon! – exclamou Calisto.

– Devermos chegar a Lacoresh sem perdas de tempo. – Dagon iniciou a cavalgada e foi seguido lado a lado por Calisto e Derek..

– Verdade, Werick devemos chegar sem demora.

Seguido do silêncio do Barão, Derek disse, – Sr. Calisto, esqueceu-se do meu nome? Chamo-me Derek e não Werick!

– Derek, seu imbecil, não falava com você! Falava com o Barão Werick Dagon.

– Por que está inventado nomes para mim Sr. Calisto?

– Inventado? Quer dizer que desconhece seu próprio nome?

– Meu nome? Meu nome é Dagon! Foi assim que meu mestre me chamou.

– Quer dizer que não carrega memórias de sua vida?

– Memórias? – chiou a voz horripilante de Dagon, aproximando-se de um tom doloroso.

– Sim, seu monte de carne podre! Memórias. Suas lembranças! Não se recorda de ter sido o Barão Werick Dagon, filho do Lorde Werneer Dagon? Não se lembra de ter lutado nas guerras do pântano? E da sua participação na conquista da cidade de Griis?

– Não. De onde tira tantos nomes e acontecimentos.

– De onde mais? Livros de história! Li tudo sobre você, sua família e descendentes... E sabe o que descobri?

– O que?

– Seu mestre, o Príncipe Serin, é seu descendente direto. A oitava geração do seu sangue. Você é um servo de sua própria família.

– Certo.

– Certo? É tudo que tem a dizer sobre isso? Não vai tomar satisfações? E o respeito aos mais velhos? O respeito aos ancestrais? Se eu fosse você tomaria satisfações com o príncipe assim que o encontrasse.

– É mesmo? Por quê?

– Não escutou o que acabei de dizer? Ah... desisto!

– O príncipe é meu mestre e eu devo obedecê-lo.

– Será que não existe um pingo de vontade dentro dessa sua cabeça podre?

– Vontade? Sim. Tenho vontade de comer carne fresca e beber sangue quente.

– Entendo, agora vejo o quanto parece humano. Diria humano demais. Existem apenas duas diferenças entre você e o Derek.

– Duas?! – indagou Derek. – Deve estar brincando! Eu poderia listar cem!

– Mas são duas... O cheiro e a maneira que desejam as mulheres. Você Derek, deseja ter mulheres em seu leito, e você Dagon, deseja ter mulheres em seu estômago. De resto são quase iguais. Grandes, cavalgam grandes cavalos, carregam espadas e submetem-se a vontade de seus mestres sem questionamento.

Derek não gostou da comparação e questionou, – E o Senhor, não obedece a seu mestre?

– É claro que sim, sou-lhe totalmente fiel! – e pensou, “Por enquanto...”.

CAPÍTULO 18

As torturas pelas quais An Lepard passava já teriam destruído a vontade de viver da grande maioria das pessoas. No entanto, em seu coração e em sua mente, uma forte combinação de sentimentos fazia-no resistir mantendo a sanidade. A vingança que desejava ter contra o traidor Erles, seu braço direito, lhe dava forças. O Amor que sentia por Kiorina, lhe dava esperanças. Quanto a seu corpo, percebeu que após torturas em série, sua sensibilidade diminuía, ou talvez sua resistência à dor aumentasse.

Outros pensamentos secundários o animavam ocasionalmente, como imaginar uma forma de livrar o mundo da existência de Shark, ou navegar de volta a sua cidade natal, beber com os amigos e dançar nas tavernas até o dia chegar.

Shark poupava suas piores torturas na manga, pois não queria estragar o presente para sua irmã, que chegaria em breve vinda de sua propriedade numa província interiorana da ilha de Frai. Queria preservar as forças do corsário para que sua irmã pudesse decidir que a que tipo de torturas o assassino de seu filho seria submetido. Shark tinha convicção de que sua irmã deixaria que ele fosse o idealizador e executor das torturas mais divertidas e prazerosas.

Enquanto o momento não chegava, achava um desperdício deixar que An Lepard descansasse a espera de Madame Hyunda. Além disso, Hyunda ficaria feliz em saber que o assassino de Sinevall, sofrera torturas enquanto aguardava sua chegada. Shark era um silfo cruel, além das médias de seu povo e por vezes seus próprios homens tinham reservas a sua forma de agir.

O salão luxuoso da mansão favorita de Shark era belíssimo. Sua decoração fora feita pelos mais talentosos artistas sílficos de todo o arquipélago. Ficava no terceiro andar e uma de suas paredes era coberta por vitrais e portões de vidro. Dali tinha-se uma bela vista de toda a baia de Aurin. Tons avermelhados eram usados em quase todas as peças de decoração e pinturas.

Shark reunia-se com clientes ao redor de uma grande mesa coberta com uma tolha amarela com bordados vermelhos. Ao seu lado, An Lepard, seminu girava lentamente preso ao teto por correntes no local onde um dos cinco lustres ficaria. Dois carrascos ficavam de plantão permanente municionados com os mais diversos instrumentos de tortura. Agulhas, lâminas, fogo, essência de

pimenta, sal, chicotes, etc. O corpo do corsário estava repleto de chagas e no momento estava inerte e silencioso.

Após almoçarem e acertarem os negócios discutiam algumas trivialidades.

– Caro Shark, tu não exageras, ao manter em seu salão de negócios um prisioneiro sob tortura? – indagou um velho silfo que se vestia sobriamente com roupas cinzentas.

– Exagero? – exclamou Shark de forma teatral. – Ellosh! Vinte chibatadas e depois, salpique pimenta nos ferimentos!

Sem esperar, o carrasco começou a castigar o prisioneiro.

Sob os estalos do chicote e os gemidos de An Lepard, Shark prosseguiu, – acha que exagero por torturar o assassino de um dos nossos? O assassino de uma tripulação inteira dos nossos? O assassino de meu querido sobrinho Sinevall?!

– Não, não é o que quis dizer meu caro. Apenas me referia ao fato de que isso está sujando seus tapetes, enchendo o ar de seus finos aposentos com o fedor horroroso desta pobre criatura humana.

– Ah... Isso? Muito pelo contrário Lorde Guiss, isso valoriza minha decoração. Valoriza meus aposentos e me enchem de alegria. Pense bem, quando daqui a duzentas estações, eu olhar para as manchas neste tapete, vou lembrar-me que através delas fez-se parte da reparação, do irreparável assassinato de meu querido Sinevall.

Neste momento, o carrasco terminava o castigo e seu assistente esfregava uma esponja embebida em essência de pimenta nas costas pulsantes de An Lepard. O salão foi preenchido pelos terríveis gritos de agonia do corsário seguidos das horrendas gargalhadas de Shark.

– Muito bom! Muito bom! – disse o cruel silfo ao levantar-se. Gostava de participar das torturas e atingiu o prisioneiro com uma seqüência de socos e pontapés.

Lorde Guiss pediu para que Shark parasse alegando sentir um mal estar em suas entranhas.

– Perdoe-me a indelicadeza Lorde Guiss, esquecia-me que acabávamos de almoçar. Que tal continuarmos nossa conversa na varanda?

O velho silfo e seus acompanhantes aceitaram a proposta com alívio.

– Garotos... – chamou os carrascos. – Sejam maus com ele enquanto me ausento. Mas lembrem-se. Sem exageros... Deixe-os para amanhã. De certo vamos cometer um excesso ou dois com a chegada de Madame Hyunda.

Os carrascos escolhidos a dedo por Shark por sua crueldade, sorriram sadicamente voltando a castigar An Lepard.

Fora do salão, Lorde Guiss respirava aliviado e pensava na insanidade de Shark. Arrependia-se parcialmente dos acordos que fizera com ele, mas por outro lado, se quisesse obter a posição que desejava precisava acumular recursos e estender suas conexões e influências. Mesmo sendo Excêntrico, Shark era um dos melhores negociantes de todo o arquipélago e sua boa fortuna já era reconhecida, inclusive pela família imperial. Invejava a amizade que Shark possuía com o Príncipe Kiel e sua penetração na corte.

Gshandei, um jovem e elegante silfo, braço direito do Lorde Guiss disse, – Senhor Shark, já ouviu sobre os últimos comentários vindos do porto?

– A que se refere, caro Ghsandei? Refere-se a embarcação humana que atracou no porto principal no fim desta madrugada?

– Sim, há algo de intrigante quanto ao caso. Serão humanos corajosos ou apenas estúpidos? Afinal, o que pode esperar uma tripulação humana atracando em nossos portos?

– Ainda não sei, mas em breve terei detalhes. Tenho com seu capitão um jantar agendado para esta noite.

Lorde Guiss surpreendeu-se. –Tu és veloz em suas conexões, caríssimo Shark. Pois então, podes nos contar o que descobriste a respeito dos estranhos forasteiros?

– Pois sim, estimado Lorde Guiss. São provindos do Reino de Lacoresh. Acredito serem portadores de um poder de combate considerável. São manipuladores das esferas abissais da magia e, pouco antes de sua chegada, afundaram um navio escravagista. Felizmente, não foi um dos meus.

– E o senhor vai recebê-los?! – exclamou Gshandei. – Não seria loucura? E quanto a Guarda Aurínea? Não foi acionada? Como pode ser uma coisa destas?

– Interferi no assunto e pedi para que os forasteiros fossem recebidos, por serem meus convidados.

– São vossos convidados, então? – indagou Guiss.

– Bem, digamos que agora o são.

***

A escuridão chegara. Era uma rara noite de escuridão, muitas estrelas podiam ser vistas nos céus. Naquela noite, nenhuma das nove luas nos céus, nenhuma luz exceto a vaga luz das estrelas. Em outra cidade, que não Aurin, isso significaria uma imersão em um profundo breu, porém a imponente cidade sílfica, era

iluminada como nenhuma outra por milhares de focos de luz mágica. Sendo uma bela cidade durante o dia, sua beleza tornava-se insuperável durante as noites, especialmente noites sem luas.

Shark usava uma toca vermelha sobre a cabeça, argolas nas orelhas, vestia uma camisa folgada de seda branca, calças vermelhas, muito justas, e botinas brancas de ponta fina. Amava a vista de sua sacada em noites como aquelas. A maré estava cheia e gostava de observar o reflexo das luzes distantes no mar. Havia muitas baias em Aurin, e de sua sacada observava o cabo no qual fora construído o maior dos faróis de Aurin, a Torre Fressni. Num instante, o silfo após uma breve brisa gelada, sentiu um aperto em seu estômago. Sentiu crescer sobre suas costas uma sombra, algo raso. Virou-se.

Lá estava, atrás de si, um humano de características peculiares. Tinha sua altura, seus cabelos pareciam ser feitos de um material quase sólido, eram encaracolados e duros como buchas, despenteados formando diversas pontas. Seu olhar era fixo como se fosse feito de vidro e seu rosto magro lembrava fome e morte. Suas roupas escuras e sujas subiam até o pescoço.

– Sua aparição, por assim dizer, não era nada menos do que esperava. Seja bem-vindo ao meu lar.

O humano disse num tom sombrio e sólido, – É um prazer conhece-lo senhor Shark. Chamam-me de Fernon. Venho das terras de Lacoresh.

– É um humano incomum, diria eu, não é mesmo senhor Fernon?

– Fernon apenas... Tais formas de tratamento não combinam comigo.

– Certo Fernon. Que tal entrarmos?

Fernon sorriu. – Sim. Diria que estou fora da média. Fora do cíclo: mulheres, comida, trabalho e descanso. Tenho meu olhar voltado para as grandezas deste mundo, e a sutileza de outros tantos.

Fernon fixou seus olhos em An Lepard. Sorriu novamente e disse, – Adorei sua decoração. Recomendarei ao meu senhor com toda a certeza, sabia que uma viagem iria alargar minhas perspectivas.

– Espero o mesmo. Que sua visita possa alargar minhas perspectivas. Queira sentar-se.

– É claro senhor Shark, poderíamos dizer que nossa relação poderá ser bastante lucrativa.

Shark era paciente, e de uma forma geral, todos os silfos tendiam a ter mais paciência que os humanos. Talvez por viverem mais. A paciência sempre se mostrava vantajosa.

– Eu acredito que o senhor tenha em sua posse, alguns escravos humanos, recém adquiridos os quais gostaria de negociar.

– Escravos humanos? Sim, tenho muitos, centenas deles!

– Sigo uma trilha... Reuni informações e sei que, há pouco, adquiriu em pessoa um grupo de humanos na ilha do porto seguro.

– Perfeitamente. Aí está um deles. O capitão do navio. – indicou Shark apontando com seu dedo cheio de anéis.

– Ótimo! Estou interessado em negociar alguns deles apenas. Uma moça de cabelos cor de fogo e olhos verde-mar, um jovem espadachim de cabelos negros, um homem tatuado, um velho e grande cavaleiro, uma silfa muda e um rapaz de olhar curioso.

Shark hesitou por um momento. Vendera todos os outros além de An Lepard. Reavaliou e movido pela curiosidade seguiu a negociação, afinal, poderia reave-los caso fosse pago adequadamente. – De que está falando, ouro?

– Se isso for o que quer...

– Digamos que não queira ouro, o que mais poderia me oferecer?

– Diga-me, posso observar sua aura? Permite-me a evocação de um feitiço inofensivo?

Shark sentiu seu coração acelerar. O que fazia era um tanto arriscado. Aceitar um feiticeiro humano em sua casa. Talvez devesse ter deixado a Guarda Aurínea atuar. Mas ao mesmo tempo o silfo deliciava-se com a sensação de perigo, excitação além do tédio de Aurin. Novidades e possibilidades.

– Muito bem. – consentiu Shark. – Faça sua feitiçaria.

Fernon tocou um amuleto em forma de caveira que tinha pendurado no pescoço. Seus olhos adquiriram estranho brilho e então sorriu. Sentiu enorme prazer.

– Devo dizer senhor Shark. O grande prazer que é ver uma essência tão bela quanto a sua. – E com isso. Fernon sentiu a atração que tinha pelo magnetismo poderoso de Shark aumentar. – Não entenda o que vou lhe dizer como bajulação. Não preciso disso... Mas o senhor possuiu uma bela aura. E uma grande força, grande determinação, crueldade e ambição além do que já pude ver em qualquer silfo. Poderíamos muito juntos... Você e nós... Poderíamos adquirir muitos lucros, muito poder. Diria até que com sua força, poderia tornar-se um monarca dentre os seus... Quiçá, um grandioso imperador.

Shark teve a certeza naquele momento que estava diante de si, um bajulador nato. Mas ainda assim aceitou com prazer os elogios. – Obrigado, mas somente os tolos desejam a evidência. Saiba que dominar este império e este arquipélago

é algo possível e bem próximo de minhas possibilidades. Temo que por hora, precisemos negociar, não é mesmo?

– Diga o que deseja e terá.

Shark ficava intrigado com o estrangeiro. Seria um louco ou alguém realmente muito poderoso. – Diga-me porque esses seis humanos significam tanto para vocês? São uns fracos! Dê a isso tudo um sentido! Por quê? O que são eles senão insetos para vocês que afundaram um de nossos navios e ousaram atracar em nossos portos? Porque devo negociá-los e a que preço, quando posso apenas ordenar que você e seus companheiros sejam mortos?

– Primeiro, não são tão fracos quanto você possa imaginar. De certo seu julgamento a respeito destes foi falho. Segundo, são para mim preciosidades, já para os meus, e, para nossa causa, não passariam de vermes. Terceiro, é você, é com você, senhor Shark que desejo negociar. Quarto, se mandar nos matar, talvez se arrependa e por último, ainda não sabe dos ganhos que pode vir a ter.

– Pois me faça entender isso melhor. Minha paciência se esgota e confesso que sua presença começa a me perturbar.

Fernon sorriu. – Ó cruel e ambicioso Shark, podemos nos ajudar... Muito! Muitíssimo! Tenho certeza que não me recusará. Escute minha proposta e recuse-a se for um tolo!

CAPÍTULO 19

Risos insanos e rasteiros repetiam-se quase sem pausas. Uma criatura quase humana, de mente doentia observava a paisagem em movimento. Um filete de luz do sol iluminava sua face disforme, coberta por pequenas feridas. Adorava viajar com seu mestre e fazer-lhe todas as vontades. Porém, por vezes, sentia enorme saudade de suas catacumbas e seus carniçais.

A carruagem, puxada por quatro corcéis glabros, chacoalhava ao atravessar as infindáveis e sinuosas estradas de terra do Baronato de Fannel. Era escoltada por duas dezenas de cavaleiros de confiança do próprio Barão Fannel. O próprio seguia junto com seu filho e esposa em uma das quatro carruagens que compunham a caravana, recém formada.

Haviam deixado a capital, Liont no início daquela manhã e tinham pressa para chegar à capital do reino, Lacoresh, em quatro dias. Seguiriam por terra até Kamanesh e de barco até o destino final.

A Baronesa Lígia Fannel, estava preocupadíssima com a viagem e temia o ataque de rebeldes. Demorou um pouco a se convencer de que estariam seguros viajando na companhia de um poderoso feiticeiro cujo nome desconhecia. Reconheceu apenas a excentricidade do homem cujo nome nunca era mencionado. Além disso, não deixava o interior de sua carruagem em nenhum momento para ser visto.

E assim estava Arávner, sentado em uma confortável poltrona acolchoada levemente reclinada. Sentia sob suas mãos grandes e brancas a textura agradável do veludo escuro que envolvia o encosto de braços da poltrona. Permanecia o tempo todo de olhos bem fechados, de forma que Kurzeki, seu único acompanhante tinha dificuldades de saber se estava desperto ou dormindo.

O mestre compenetrado em varreduras mentais, que se estendiam por milhas e milhas, ignorava plenamente a presença e risadas de seu estranho e insano servo. Kurzeki, que se divertia com quase tudo que existe no mundo, interrompeu uma de suas infindáveis seqüências de risos remoídos para observar uma súbita tensão de seu mestre. Agarrarou-se aos braços da poltrona pressionando suas unhas limpas e compridas contra o tecido veludoso formando linhas tensas no mesmo. Momentos depois, ele voltou a relaxar as mãos e abriu os olhos lentamente.

– Kurzeki – disse – Faças o sinal para que o condutor pare este coche.

– Sim mestre! – vibrou Kurzeki, adorando ser útil pela primeira vez em tantas horas.

Enquanto o coche parava, Arávner puxou lentamente a cortina que cobria sua janela esquerda. A luz do sol invadiu o interior luxuoso mostrando as belas cores escuras do acabamento assim como a luxuosa roupa que vestia.

Logo, toda a caravana também estava parada imaginando o porquê da pausa. Os olhos vibrantes do misterioso homem observavam os morros e montanhas ao norte, iluminados pelo sol generoso da primavera.

– Kurzeki, trazes-me o cavaleiro de nome Edréon. Vistas tuas luvas, botas e o teu elmo para que poupes o mundo do teu horror.

O servo medonho obedeceu-lhe sorridente e desceu do coche com presteza. Enquanto Kurzeki convocava o tal cavaleiro, Arávner puxava uma cortina de seda fina e perfurada para evitar que fosse avistado pelo cavaleiro quando chegasse.

Arávner acariciava suas mãos, alisando uma contra a outra enquanto aguardava observando as montanhas ao longe. Pouco depois, apresentou-se o cavaleiro, montado em um cavalo de pelo vermelho escuro, posicionou-se próximo à janela do coche.

Arávner observou suas feições. Era um belo homem de bigodes compridos, castanhos claros, levemente avermelhados. Seus olhos curiosos tentavam identificar alguma forma do outro lado da cortina sem muito sucesso. Sobre a cabeça usava um elmo de metal lustroso e seu rosto branco era contornado por um tecido verde que tapava também o pescoço e seus ombros largos.

Falou com uma voz grave, de maneira educada, – Senhor, venho, pois requisitou minha presença.

– Sim Edréon, tu és um bravo e competente cavaleiro cuja ambição pude farejar de longe. Posso facilitar a obtenção da posição que ambicionas, mas para tal, peço-te que realizes um favor para mim.

Edréon engoliu seco ao escutar as palavras de Arávner. – Que favor poderia eu prestar a vossa excelência?

– Ao norte, existem províncias na parte montanhosa do Baronato, não é mesmo?

– Sim senhor, Durunt e Manile.

– Pois sim. Captei a presença de um perigoso e poderoso rebelde naquela direção. Alguém que não poderás dominar com o uso da força. Possivelmente, estará acompanhado de outros rebeldes vultuosos. Desejo que este rebelde que

poderás reconhecer por algum tipo de marca na testa, seja capturado e entregue a mim. Quanto a seus companheiros, que sejam executados.

– Mas como poderei capturá-lo?

– Deverás contar com a ajuda de alguns de nossos agentes que dominam as artes do oculto. Procures por Clefto, um competente nigromante que atua na região. Dizei-lhe que Arávner te enviou. Mas lembra-te, agora que sabeis meu nome, para o túmulo irás se usá-lo em vão.

Edréon estremeceu e sentiu um forte calafrio nas costas. Sentindo-se coagido a aceitar a missão, foi até seu comandante comunicando-lhe a incumbência que recebera do misterioso feiticeiro. Seu comandante por sua vez, não ousou opor-se à vontade do temível bruxo sem nome.

Kurzeki entrou na carruagem retirando imediatamente o elmo de sua cabeça. – Mestre, o senhor encontrou o jovem mestre? Encontrou aquele traidorzinho ardiloso?

– Não Kurzeki.

– Mas quem? Quem mestre?

– Criatura imunda e indigna! Cala-te de uma vez! Preciso pensar...

Kurzeki calou-se e pensou, “Adoro quando o mestre fica nervoso comigo!” Não foi capaz de conter risadas guturais e arrastadas que seguiram o pensamento.

***

Após correr bastante numa pequena trilha morro acima Radishi ainda não estava plenamente cansado. Estava acostumado a correr e a grandes esforços físicos. Temia por Roubert especialmente quando avistou fumaça e sentiu o desagradável cheiro de carne humana queimada. Sua mente tremeu ao captar o sofrimento de pessoas queimando vivas e morrendo. Temia por Vekkardi e estava curioso quanto ao paradeiro do cavaleiro de armadura de brilho vermelho que Roubert lhe descrevera.

Roubert, perfeitamente camuflado, escapou-lhe da vista quando chegou ao cume do morro. Mas sentia sua presença e chamou-lhe sussurando. – Roubert? Onde está?

O silfo moveu-se revelando sua posição a poucos passos de onde o tisamirense estava. Juntos observaram o incêndio que tomava parte da trilha adiante.

– O que houve? – quis saber Radishi.

O silfo estava apreensivo e assustado. – O cavaleiro de armadura vermelha! Desembainhou uma espada flamejante e incendiou dois dos perseguidores. Uma grande labareda lambeu os campos plantados e os outros perseguidores interromperam sua perseguição, barrados pelo fogo e fumaça. Nunca vi nada assim!

– Sim, senti morte e agonia! – disse Radishi e em sua face refletia-se uma expressão de horror.

No momento, a fumaça tomava conta de todo o cenário e não podiam ver o que ocorria com clareza.

– Nunca vi um fogo queimando assim! Imagino que quem vi há pouco pode ter sido o que chamam de Cavaleiro Vermelho.

– Ouvi falar algo sobre este. Um herói misterioso que atuou na antiga guerra contra os bestiais. Estaria vivo?

– Imagino que sim.

– Percebo que há muita tensão nesta região. Mais do que esperava ver. Temo por Vekkardi. – O Tisamirense fechou os olhos em busca de seu companheiro.

Radishi sentiu seu coração gelar. Batia forte e parecia pesado dentro de seu peito. Roubert percebendo a palidez súbita que tomou conta do rosto de seu companheiro de viagem tocou-lhe o ombro esquerdo. – Radishi, meu caro, sente-se bem?

– Estou bem. Um pouco abalado apenas. – disse o Tisamirense fatigado.

– O que houve?

– Procurava por sinais de Vekkardi e por um momento mantive minha mente aberta. Um descuido! Terrível descuido! Encontrei-me com ser maléfico chamado Arávner. Como percebi sua presença, tenho certeza de que percebeu a minha. Precisamos nos encontrar com Vekkardi e sair daqui o quanto antes. É imperativo!

– Arávner? Nunca ouvi falar. Quem é? De onde vem?

– Ele é um dos líderes do grupo de Necromantes que governam o reino de Lacoresh. Um homem poderoso e cruel com vastos poderes mentais, semelhantes aos meus.

– O que faz por aqui? Estamos perto de seu covil?

– Não. Ele possui uma fortaleza próxima às ruínas da cidade de Xilos, no ex-condado de Montgrey.

– O que estará acontecendo?

– Não sei ao certo, mas captei um bom sinal também. Pouco antes de perceber a presença vil, captei sinais de Vekkardi. Aparentemente passa bem e

está na vila logo adiante.

CAPÍTULO 20

O futuro era incerto e as esperanças de que algo de bom pudesse ocorrer diminuíam. Kyle despertou cansado e de imediato seu coração encheu-se de ódio. Olhou à sua volta e não pôde distinguir formas significativas. Sentiu uma tremenda umidade, cheiro ruim e um balanço inconfundível. Estava a bordo de um navio, era noite. Percebeu que não estava só.

No convés da embarcação uma discussão tensa se desenrolava. Dois silfos cujas feições não podiam ser identificadas reencontravam-se, após muitas estações.

O capitão do navio estava irritado e surpreso. – Você tem muita coragem mesmo de vir a bordo desta nau, senhor saltimbanco!

– Vim em paz, e lhe ofereci uma proposta razoável. – retrucou o misterioso visitante.

O capitão deu um passo adiante apertando o cabo de sua espada e disse, – Acha que posso vender um escravo de minha senhora sem sua permissão? Sou um navegador e não um vendedor de escravos. E pior! Vender um escravo para um inimigo jurado de minha senhora?

O silfo deu um passo para trás e ofereceu, – Ao menos deixe-me vê-la, se não for quem procuro, dou-lhe metade do ouro e vou embora. O que me diz?

– Mesmo sendo sua proposta atraente não poderia atende-la.

– Como assim? Resolveu ser honesto de repente?

– Não meu caro, espero por um mensageiro que foi até o palácio, consultar minha Senhora quanto à venda de alguns escravos que estão nesta nau, inclusive a silfa que deseja.

– Quem? Quem quer comprá-los?

– Ao que parece, o senhor Shark. Se assim não fosse já estaríamos em alto mar por agora.

– Enloqueceu? Por que vender e comprar um lote de escravos num mesmo dia? A menos que...

O capitão do navio desembainhou sua espada e apontou-a para o visitante. – Escute aqui Melgosh. Entregue o ouro e deixe esta embarcação se quiser viver.

– Se é assim que quer jogar, seu capacho miserável... Vim preparado. Sacou duas longas adagas como num flash e defendeu-se de uma estocada veloz do capitão.

Era uma luta sem esperanças, pois no momento seguinte os membros da tripulação sacavam suas adagas, espadas e espadins sedentos de sangue e do ouro carregado por Melgosh.

No porão do navio, Kyle já ciente de quem o acompanhava disse, – Uma luta! Pode ser a oportunidade de escaparmos!

Kiorina tinha a boca amordaçada e as mãos amarradas o que dificultaria a execução de qualquer feitiço, mas devido a sua grande experiência e especialização com as magias do fogo, apenas com sua concentração focalizada aqueceu o metal de seus grilhões ao ponto de fusão, libertando-se.

Noran concentrava-se na dominação da mente do carcereiro. Logo as grades que os prendiam foram abertas.

Archibald fazia uma poderosa prece e clamava pela força do deus Aianaron. – Aianaron! Forti inin megot! Forti inin megot!

Gorum quebrava uma viga de sustentação do navio para improvisar uma lança.

Mishtra aguardava ansiosa por alguém que libertasse suas mãos. Desejava lutar, e ainda mais, queria descobrir quem era o silfo que queria comprá-la, segundo informações captadas por Noran, momentos antes.

Georges, o grande marujo da tripulação de An Lepard, rendera o carcereiro que não ofereceu resistência. Com a corrente que lhe prendia os pulsos largos tirou a consciência do silfo por asfixia. Kleon, o rapaz de cabelos vermelhos como o fogo, tomou o molho de chaves do silfo, antes que caísse, e libertou-se. Em seguida, iniciou a liberação de todos os outros cativos.

No convés do navio, não tardou a chegada de ajuda. Oito dos companheiros de Melgosh saltaram de dentro da água, partindo do fundo, como delfins. Pousaram com grande agilidade no convés mostrando que vieram preparados para batalhar.

O capitão do navio gritava enquanto atacava Melgosh furioso, – Silfos! Matem todos esses malditos saltimbancos. Mostrem a essa ralé de que os Falchins Verdes são feitos.

Melgosh defendia-se como podia, o capitão Falchin era um espadachim formidável. Enquanto isso seus silfos, favorecidos pela surpresa derrotavam três membros da tripulação.

Mas logo, a situação tornou-se difícil. Quatro silfos leais a Melgosh foram abatidos por flechas certeiras disparadas pelos arqueiros posicionados no alto tombadilho da nau. Estava a ponto de perder as esperanças quando escutou uma explosão. Viu o corpo em chama de um dos silfos de Falchin e aproveitando uma

distração do capitão investiu contra seu braço. Cavou um talho profundo no antebraço de Falchin desarmando-o.

Kiorina projetava bolas de fogo explosivas contra os silfos e era seguida por seus companheiros que se apressavam em adquirir armas dos silfos prostrados no convés.

O capitão ágil em perceber sua derrota atirou-se ao mar proferindo maldições. – Maldito seja Melgosh!

Mishtra, que lutava lado a lado com Archibald, ao escutar o nome Melgosh sendo pronunciado, sentiu um grande frio e reviravolta nas entranhas. Em seguida à fuga do capitão, os outros silfos abandonaram seus postos e puseram-se a correr, uns seguindo seu líder no mar, outros pulando para o cais.

Alguns dos escravos libertados se atiravam ao mar, desesperados por liberdade. Outros observavam estonteados as chamas que tomavam conta do navio.

Gorum chamou com sua poderosa voz, – Estão todos bem?

Kleon segurava Georges nos braços, havia sofrido um grave ferimento. Archibald mancava devido a um corte sobre a coxa e Kyle limpava um filete de sangue que lhe escapava das narinas.

Mishtra caminhava maravilhada na direção do silfo chamado Melgosh. Sem dizer nada ambos se abraçaram. Melgosh, emocionado e chorando como uma criança dizia em voz baixa, – Mishtra! Mishtra minha filha, como é bom vê-la!

Mishtra não resistindo falou diretamente com a mente de seu pai, “Pai! Não se assuste. Eu posso falar com a mente. Senti tanto sua falta!

Um pouco surpreso Melgosh aceitou bem o fato e disse, – Que ótimo minha filha. – Beijou seu rosto o olhou-a nos olhos. Mishtra reconheceu os olhos verdes e amendoados de seu pai, iluminados pelas chamas que consumiam o navio de Madame Lefreishtra.

– Vamos minha filha, temos que sair daqui o quanto antes, logo chegarão reforços ou mesmo a Guarda Aurínea.

Melgosh dirigiu-se aos humanos dizendo, – Rápido, para a pequena embarcação.

Noran traduziu para os que não entendiam sílfico.

Um a um, saltaram do barco mergulhando na água morna do mar. Com algumas braçadas alcançaram a pequena embarcação indicada pelo silfo.

Kleon com seu companheiro Georges nos braços, despedia-se.

– Sinto muito Georges, sinto muito que termine assim para você.

Georges sentindo-se tonto e sem energias, não compreendeu as palavras de Kleon, mas captou o sentido. – Kleon! – Gemeu o gigante. – Erles... Erles tem que pagar por isso...

Uma lágrima correu pelo rosto do rapaz, que escutou as últimas palavras de seu companheiro de viagens. Uma viga de madeira do mastro principal caiu fumegante sobre o convés num grande estrondo. Kleon caiu sentado e logo ficou de pé. Saltou para o mar na trilha dos Lacoreses.

A água salgada fazia o ferimento de Archibald arder e com isso sentiu dificuldades para nadar. Foi içado por um silfo para a embarcação de Melgosh. Ao perceber que estavam em um pequeno barco sem velas, assustou-se. – Mishtra! Como vamos escapar? Onde estão os remos.

Kiorina observava o navio sílfico queimar, enquanto Gorum e Kyle ajudavam Kleon a subir no barco. As chamas já atraíam curiosos até a doca e os primeiros guardas chegavam ao local.

Uma fuga parecia impossível. Melgosh sorriu e disse em sílfico, – Zoros, por favor, tire-nos daqui.

Um silfo velho, de cabelos compridos e grisalhos até a cintura bateu as palmas das mãos uma contra a outra provocando um estalo. Fechou os olhos e pronunciou uma série de palavras incompreensíveis. Pouco depois o pequeno barco sofreu um forte tranco, e foi fortemente impulsionado. Barbatanas e nadadeiras feitas de água rodeavam o barco impulsionando-o a uma velocidade incrível para longe do porto.

Kiorina debruçou-se para observar as incríveis formas que tinham um lindo brilho azulado. – Espíritos elementais! Que lindos!

O velho silfo aproximou-se da moça e falou-lhe em Lacorês, – Não são uma beleza? São meus queridos amigos.

Kiorina pode ver as feições serenas do velho silfo iluminadas pelo brilho azulado dos elementais.

Zoros pronunciou palavras incompreensíveis e agradeceu a ajuda de seus amigos. Logo barco perdeu sua incrível velocidade.

Aurin vista de longe era muito bonita com milhares de luzes brancas rodeando torres e mansões, delineando ruas e avenidas.

Kyle olhava para direção oposta da cidade e avistou uma pequena luz avermelhada dançando, refletida no mar calmo. – Que luz será aquela?

Um dos silfos respondeu-lhe mesmo sem entender suas palavras. Kleon agradeceu e traduziu para Kyle. – É o navio deles.

– E quem serão eles? – indagou Kyle desconfiado.

Kleon respondeu, – Não faço idéia, só sei que um deles parece conhecer sua amiga.

– Percebi. Acho que seria bom que tivéssemos uma conversa. – Kyle assobiou alto chamando a atenção de todos. – Que tal conversarmos? Que tal alguns esclarecimentos?

Reuniram-se todos. Zoros criou uma fraca iluminação mágica. Mishtra estava muito feliz e pediu a Noran que apresentasse a todos seu pai.

– Amigos, Mishtra gostaria que vocês conhecem seu pai, Melgosh.

– Pai? – murmurou Archibald.

– Olá, sou Gorum. Obrigado por nos libertar.

Melgosh soube no passado falar Lacorês, mas nunca perfeitamente. Conseguiu compreender e respondeu. – Sem agradecimentos. Sem a ajuda de vocês não estaríamos aqui.

– Sou Kyle Blackwing. – Apresentou-se reservadamente.

Archibald estava apreensivo. Há pouco Mishtra lhe pedira mentalmente para que não ficassem próximos ou demonstrassem o que sentem um pelo outro diante de seu pai. Temia que ele não compreendesse.

– Sou Archibald DeReifos, prazer em conhecê-lo – Estendeu a mão e cumprimentaram-se.

Kiorina sorriu observando a beleza de Melgosh, que não aparentava ser o pai de Mishtra. Possuía cabelos castanhos curtos e vestia uma roupa de couro molhada colada a seu corpo jovial e forte. – Oi, sou Kiorina, eu e a Mishtra somos muito amigas.

– Que ótimo! – Melgosh sorriu e acolheu um abraço da moça.

Kyle virou o rosto e pensou. “Típico da Kiorina... atirar-se!”

– Sou Noran, de Tisamir. Pronto para prestar auxílio.

Kleon apresentou-se em Sílfico, – Sou Kleon, de Kâtor, posso ser útil como interprete.

Melgosh sorriu. – Bem, já que todos se apresentaram assim, vou me apresentar também. Sou Melgosh, do clã Orb, mas tenho primos e primas em Shind, no coração de Lacoresh.

Kyle disse, – Senhor Melgosh, estou curioso. Como soube que Mishtra estava conosco naquele navio?

– Não foi difícil. Boatos correm rapidamente. Fiquei sabendo através de um de meus companheiros que uma forasteira silfa, muda, de cabelos dourados havia sido vendida como escrava para Lefreishtra. Resolvi investigar e tive mais

algumas pistas que me colocaram no caminho certo. No final, quase não tinha dúvidas, seria uma coincidência extrema se não fosse Mishtra.

– Como assim? – quis saber Archibald.

Zoros interveio, – Vou explicar. As coisas seguem um certo padrão, entende? Nada seria tão esperado quanto Mishtra ao voltar a estas bandas, encontrar-se como quem marcou seu destino de maneira tão forte.

Kyle balançou a cabeça mais confuso, mas Noran intuitivamente percebeu o que Zoros insinuava. Kyle disse, – Desculpe, mas sua explicação não ajudou em nada.

Noran arriscou, – A não ser que o quando estivermos falando de Lefreishtra, também estejamos falando da mãe de Mishtra.

O queixo de Archibald caiu e Kiorina negou balançando a cabeça. – De jeito nenhum! – exclamou Kiorina. – Não tem como aquela perua ser a mãe de Mishtra.

Houve um silêncio. Kiorina olhou para o lado e viu que Mishtra tinha os olhos fechados e sobrancelhas arqueadas. Parecia enfurecida. Em seguida encarou Melgosh que com um sinal positivo confirmou a história.

Kiorina ficou envergonhada, mas ao mesmo tempo indignada, – Que tipo de mãe poderia comprar a própria filha como escrava?

Melgosh abraçou sua filha e respondeu prontamente, com os olhos cheios de lágrimas, – Lefreishtra!

Enquanto sentia o calor do abraço de seu pai, Mishtra mergulhava em suas próprias memórias. Noran ficou triste. Já sabia onde ela estaria prestes a chegar. No passado, vasculhara a mente da silfa e encontrara coisas que ela própria não tinha preparo para encarar. Traumas que fizeram com que perdesse a memória.

Mishtra lembrou-se de quando era uma criança, viu imagens de sua mãe. Em uma época que se vestia de forma simples, em uma época que seu coração ainda tinha algum resquício de calor. Antes de tornar-se fria e cruel.

Vozes diziam, – Como uma silfa pôde fazer tal atrocidade com a própria filha?

Naquela época, Melgosh viajava muito e deixava Mishtra sob os cuidados de Lefreishtra. Lefreishtra nunca gostou de Mishtra, mas gostava muito de Melgosh. Tinha para com ele uma paixão doentia, e sentia muito ciúme de sua filha. E quanto mais a menina crescia, crescia o ciúme, cresciam os maus tratos.

No dia em que toda a vida de Mishtra seria mudada, ela estava muito doente. Chorava e chorava. A paciência de sua mãe perto do esgotamento levou-

a a realizar uma crueldade inenarrável. Queria o fim daqueles choros, o fim das perguntas. – Mamãe o que é isso? Mamãe quando que o papai vai voltar? Mamãe? – Para calar a boca da menina de uma vez por todas, realizou uma cirurgia, com auxílio de meios mágicos. Afinal, era uma promissora feiticeira do clã Maki. Retirou as cordas vocais da filha, silenciando-a para sempre.

Quando Melgosh retornou e descobriu seu feito, ficou louco. Mishtra sem entender bem o que fora feito dela, assistiu seus pais digladiando-se.

– Como assim, calou-a. O que fez a nossa filha?!

– Calei-a para sempre! É isso mesmo! Retirei seus instrumentos vocais. Examine-a se não acredita!

Melgosh murmurava enquanto examinava a garganta de sua filha. – Só pode ser uma brincadeira de mau gosto... – Seu estômago girou quando viu a cicatriz recente no pescoço da filha.

– Seu monstro! Como pode mutilar sua própria filha?

– Sabia que devia ter matado essa menina...

O Mishtra tentou gritar, tentou e tentou gritar enquanto seus pais lutavam. Melgosh liberou sua ira contra a esposa e quase a espancou até a morte. Num estalo de consciência percebeu que Mishtra estava confusa e chorava muito. Decidiu que não valia a pena matar a mulher. Especialmente diante de sua filha.

– Vamos minha filha, não chore. Vou levá-la para um lugar lindo. Um lugar longe, muito longe de toda essa loucura. Vou levá-la ao ‘paraíso’. Vou levá-la para meu tio Lourish, na floresta de Shind.

CAPÍTULO 21

Era uma noite de júbilo. Muito luxo e muita gente poderosa numa festa como não se via há tempos no Reino de Lacoresh. A maior parte da nobreza estava reunida, assim como o clero, a sociedade dos magos, militares e outras personalidades. Seria um dia perfeito para um ataque da rebelião, e justamente por isso, a segurança estava duplamente reforçada.

O grande salão de festas do novo castelo, sede do poder em Lacoresh, era inaugurado. Enorme com capacidade para oito centenas de convidados, estava luxuosamente decorado. Não havia uma só tocha ou vela em seu interior. Toda iluminação era feita por meios mágicos. Uma verdadeira multidão de servos dos mais qualificados entrava e saía do salão para suprir as necessidades dos convidados. A construção do novo castelo, mais alto, de grande imponência, mas também um tanto mais sombrio, era um feito único. Ficara pronto em pouco mais de um ano. E sua construção teria sido impossível, não fosse o grande empenho de dezenas de magos de primeira linha, formados na Alta Escola de Magia, em acelerar sua construção por meios mágicos. Completado há pouco mais de duas semanas, o castelo possuía cerca de novecentos cômodos e abrigava centenas de nobres, membros do clero e personalidades que viajaram para as comemorações.

Havia uma grande curiosidade e muita especulação ao redor do anúncio que seria feito. A maioria das pessoas não sabia qual o motivo daquela festa. Especulava-se sobre o surgimento de um novo herdeiro. Diziam que a Rainha Alena, filha do falecido Rei Corélius IV, que se casara com o primo do Falecido Rei, Arqueduque Maurícus, estaria esperando um bebê. Mas muitos duvidavam que o Rei Maurícius, velho como era, fosse capaz de consumar o casamento com a bela e jovem Rainha Alena. Outros mais maldosos secretamente insinuavam que o filho era de outro.

O Príncipe Serin, primogênito do casamento anterior do Rei Mauricius, detestava e desprezava esse tipo de conversa. Muito já se falava do incidente ocorrido no princípio das comemorações. O príncipe irritadíssimo ao ouvir certos comentários desentendeu-se com o Barão Fannel. Algo que teria sido pior, caso Serin e o filho do Barão, Adam Fannel, não fossem amigos de longa data. Serin relevou o insulto a seu pai por consideração a um pedido do amigo.

O salão era composto por quatro amplos ambientes interligados. Na interseção dos quatro salões menores, havia uma grande pista de dança circular. O piso, do grande círculo fora construído com raras pedras de azul profundo perfeitamente polidas, que refletiam imagens quase perfeitas daqueles que por ali passavam. Acima da pista, havia uma abóbada gigantesca, a maior de todo o reino, construída apenas com metais e vidros. Um estilo de construção novo e nunca visto em Lacoresh.

Muito se falava sobre a cúpula, e sobre sua sustentação, principalmente os cavaleiros e militares. Preocupavam-se com o aspecto frágil da estrutura e especulavam sobre seu valor de defesa no caso de guerras. Comentavam que era uma janela que convidava um atacante a incendiar todo o castelo de dentro para fora, bastariam catapultas e alguns projéteis incendiários para fazer o serviço.

O salão era justamente a parte central do castelo, a abóbada no centro, no entanto não era seu ponto mais alto. Um corte transversal no grande círculo ligava, em lados opostos, a torre mais alta na parte de trás e a torre mais baixa à frente do castelo. Partindo do centro em ângulos fechados e projetados para diante, erguiam-se as duas torres gêmeas da imponente fortaleza.

Os quatro salões acompanhavam a forma externa do castelo. No salão posterior, estavam o Rei, a Rainha e todas as figuras de maior importância do reino. No salão frontal e o mais baixo, estava concentrada a massa de acompanhantes de menor importância. O salão esquerdo era especialmente reservado aos membros do clero e no salão direito concentravam-se os mais importantes cavaleiros e membros das milícias de Lacoresh.

Em dois dos quatro cantos que se formavam na parte central do grande salão, arquibancadas de madeira, finamente decoradas abrigavam dezenas e dezenas de músicos. Na escadaria que ficava além do portão no salão mais baixo, membros da guarda de honra, em seus glamourosos uniformes, recebiam os convidados que chegavam sem parar. A movimentação de coches e cavalos do lado de fora do castelo era intensa.

No alto de uma das torres gêmeas, Calisto sentia grande desconforto. Sua cabeça zumbia, devido à proximidade de uma grande concentração de pessoas. Fora obrigado a recolher seus pensamentos e fechar bem sua mente para evitar uma eventual perda de sentidos e invasão pelos pensamentos de uma multidão. Só há pouco, começava a habituar-se ao ruído e relaxava um pouco.

Vestia uma linda roupa de gala negra, com pequenos detalhes em amarelo. Fora tratado por servos de extremo zelo. Acostumados a lidar com nobres

geniosos, os servos trataram Calisto de forma adequada, conquistando sua simpatia. Ansioso pelo que lhe esperava, o menino pediu para ficar sozinho.

Sentia um calor terrível e decidiu abrir a porta que levava a uma sacada. Um vento frio e forte penetrou o aposento derrubando alguns objetos e quebrando outros. Mas logo, diminuiu, sendo forte mesmo apenas a rajada inicial. Na sacada, a vista deixou sua mente atordoada. Era muito alto, e podia ver centenas de homens e mulheres vestidos com roupas coloridas através da grande cúpula de metal e vidro. Vistos do alto, possuíam o tamanho de insetos. Na sacada, ao seu redor, gárgulas horrendos empoleiravam-se. Por sobre a torre mais baixa, podia ver o mar distante e a forte luz que saía do farol de Lacoresh. A cidade, enorme podia ser vista como um todo, de onde estava. Milhares de casas e construções, com janelas iluminadas por luzes fracas e oscilantes de tochas ou velas.

Olhava para aquilo tudo sentindo a forte brisa marítima em sua face. Aquele cheiro estranho do mar, que nunca havia sentido antes. Todo aquele mundo que se revelava diante de seus olhos. Perguntava-se qual era o seu papel naquilo tudo. Sua intuição lhe dizia que não havia nascido para ser um ninguém. Já era alguém, um ser diferente, alguém que causava medo e admiração. Tinham para com ele uma série de cuidados. Sentia dentro do seu âmago uma imensa vocação surgindo. A vocação de dominar, controlar, governar, possuir. Seria dono de tudo que seus olhos mirassem, seria o senhor supremo daquele mundo, e quem ousasse desafiá-lo, sofreria terríveis conseqüências.

Mas como? Como dominar tudo? O menino sorriu, era inteligentíssimo e sabia muito bem disto. Além de tudo, podia ler pensamentos, criar pensamentos e implantar nas pessoas, podia controlar e manipular tudo e todos. Hoje fazia dezesseis anos, como lhe disseram. Antes dos trinta dominaria o mundo, e essa convicção crescia dentro de seu ser. Precisava apenas ser paciente.

Uma voz detestável e chiada lhe veio pelas costas. – Tendo sonhos de grandeza meu pupilo?

O coração de Calisto disparou. Virou-se para encarar o monstro. – Professor churrasco!? Digo, Weiss? Como pôde chegar até aqui?

– Achou que eu perderia sua grande noite? – chiou Weiss.

– E quanto a Thoudervon, será que ele veio também?

– Menino! Já lhe disse... não fique pronunciado esse nome. – ameaçou Weiss.

Calisto retrucou em tom debochado, – Vá para o inferno professor. Acha que depois de tanta preparação, dessa festa toda, você vai fazer alguma coisa

comigo? Nunca! Não pode me tocar, especialmente hoje, e sabe muito bem disso.

– Muito bem, seu moleque arrogante, hoje é o seu dia, diga o que quiser, faça o que quiser, mas lembre-se, depois dessa palhaçada, desse ridículo teatro, voltará a me obedecer! Sob pena de sofrer, sofrer muito, sofrer como você sabe que só eu sei fazer você sofrer!

Mesmo confiante Calisto sentiu-se mal ao ser ameaçado por Weiss, afinal era um monstro, acreditava que dizia a verdade, não era um sujeito de fazer blefes.

Weiss segurou o queixo do menino aproximando-o de seu rosto. – Ficou com medo, não é belezinha? Eu sei que você me teme. Você é inteligente, muito inteligente, só se fosse estúpido não me temeria.

Calisto suou frio e livrou-se das garras de Weiss. – É melhor eu descer. Aproxima-se a minha hora.

– Boa sorte, meu pupilo querido.

Calisto saiu do aposento humilhado e irritadíssimo. Pensou, “Vai chegar sua hora Weiss, vai chegar sua hora!!”.

Pouco depois, uma multidão de pessoas nobres, orgulhosas, invejosas, cheias de curiosidade e cobiçosas aguardavam com ansiedade a entrada do convidado de honra. Quem seria este misterioso convidado? Sua presença fora anunciada recentemente e a grande maioria dos convidados não faziam idéia de que era esperado um convidado de honra para aquela noite.

Os membros do clero se organizavam formando um corredor humano. Levantou-se de um luxuoso assento, uma figura com vestes impressionantes. Era um senhor de idade avançada que caminhava com dificuldade, trajando pesados mantos vermelho escuros. Sumo sacerdote e Arcebispo supremo da Real Santa Igreja de Lacoresh. Ou apenas, Arcebispo Kalefap.

Um oficial, porta-voz do reino, anunciou em voz alta, – Majestade, – Dirigiu-se ao rei Mauricius distante em seu trono e voltou-se à multidão. – senhoras e senhores, permitam-me chamar para um pronunciamento especial, o sumo sacerdote e bispo supremo da Real Santa Igreja de Lacoresh, sua santidade, Arcebispo Kalefap.

O ancião aproximou-se do grande círculo onde se encontravam as quatro grandes alas do salão. Subiu três degraus de um pequeno altar móvel que acabara de ser posicionado por acólitos entusiasmados. Curvado, aproximou a mão direita do rosto, mostrando-a pela primeira vez, ossuda e enrugada. No dedo

médio, usava um grande anel em forma de cúpula. Uma peça rara, sobrevivente de outras eras, de quando haviam magos poderosos especializados em criar objetos encantados.

Falou baixo, mas todos podiam ouvi-lo como se estivesse próximo. Era um velho de voz esganiçada, mas pronunciava palavras com muita calma. – Filhos do Reino de Lacoresh, herdeiros da terra de Forlon, o pai celestial, concedo-lhes bênçãos divinas! – Ergueu as mãos aos céus, e trouxe novamente o anel para perto da boca. – Nesta noite especial, na qual lembramos do dia do grande eclipse, nós, da Real Santa Igreja ficamos felizes por poder anunciar boas novas. Um presságio de que dias melhores virão. Termos entre nós, um rapaz muito especial. – Fez uma pausa olhando de um lado a outro lentamente. Todos escutavam com atenção e pareciam surpresos por estarem escutando um pronunciamento do Arcebispo Kalefap. – Muito especial. – Repetiu Kalefap com ênfase. – A partir da vinda deste rapaz ao nosso mundo iniciou-se uma investigação divina. – Sorriu e acrescentou, – E em verdade, muito rebuliço entre os estudiosos de nossa Santa Igreja. Pois este jovem nasceu, exatamente neste dia, há dezesseis primaveras. Mas o que há demais nisso? Vocês podem estar se perguntando. O que há demais nisso? Eu lhes pergunto. – Ninguém de atreveu a falar e perdurou um silêncio tenso.

– Nada? – arriscou um membro da pequena nobreza em meio à multidão.

Kalefap sorriu. – Exatamente! Nada! Muitos outros nasceram nesta mesma data, não é mesmo? Mas o nascimento desta criança em especial, foi algo importantíssimo! E surpreendente! Este menino nasceu com uma marca. Marca professada em lendas antigas e escrituras, quase perdidas. Foi o primeiro a carregar em seus olhos uma característica que hoje, todos vocês conhecem bem. O sinal do eclipse. Sim, anos antes do nascimento de tantas crianças portadoras do sinal do eclipse. Quando a nós ele veio, nascido em uma família de humildes camponeses, seu pai, assustado com a aparência de seus olhos, chamou-o de Calisto. Sentiu-se azarado, acreditava que seu filho era cego, acreditava que era aleijado. E vejam só! Quis matá-lo!! Quis matar aquele que veio a nós anunciar tempos de glória. Sim meus queridos irmãos e irmãs! A nova era dourada que está porvir. A nova era dos Deuses. Mas Leivisa iluminou o caminho de um jovem Monge Naomir que salvou o pequeno Calisto do sacrifício. Seu pai sentiu grande amargura e atingido pela ira divina, faleceu no mesmo dia.

Kalefap detinha total controle da atenção dos convidados que escutavam àquela história, maravilhados. – Justamente após a chegada do menino no mosteiro. Os estudiosos colocaram-se a estudar os antigos escritos, trocavam

cartas, trocavam livros e muitas informações perdidas foram recuperadas. Por ocasião de segunda guerra dos bestiais, que sei estar na memória de todos veio a confirmação da profecia. Outras crianças com a marca do eclipse, na realidade, centenas delas vieram ao mundo. Com sabem, foram todas acolhidas como portadoras do bom sinal, e hoje, elas e seus pais recebem cuidados especiais. São o futuro de nosso, reino, e um raio de esperança que surge neste mundo. Com os filhos do eclipse do nosso lado, nosso querido reino Lacoresh irá brilhar e desempenhar papel decisivo na grande missão nos dada pelas forças divinas. Aproximar nosso mundo mais uma vez da casa celeste e torná-lo digno da presença de Forlon, Ecta, Shimitsu, Leivisa, Uraphenes, Taior e Aianaron.

Kalefap fez uma pausa e respirou fundo. – Depois de tanto lhes contar, eu tenho o prazer de chamar, o jovem Calisto, portador do sinal do eclipse!

Calisto escutara toda aquela história pela primeira vez e estava bastante confuso. Sabia que o que escutou tinha que ser mentira. Mas quanto de mentira realmente havia naquela história, e o mais importante, quanto de verdade?

Atravessou o corredor dos membros do clero sob olhares admirados. Aproximou-se do Arcebispo e ao olhar em seus olhos, de alguma maneira soube que devia ajoelhar-se diante dele. Mesmo sem entender bem o porquê. Ajoelhou-se. Kalefap colocou suas mãos sobre a cabeça dele e o abençoou.

Dirigiu-se ao centro do círculo e olhou à sua volta. Tantas pessoas, tantos olhares de admiração. Sentiu-se leve e muito bem disposto. Mal chegara e já os tinha sob seus pés. Já os possuía, poderia ser um grande monarca, um grande imperador. Concluiu que devia prestar homenagens ao Rei e sua Rainha.

As moças suspiravam com sua passagem e algumas comentavam sobre sua beleza. Com que se casaria? Já estava prometido?

Subiu alguns degraus e ajoelhou-se diante do Rei.

O Rei Mauricius, muito velho, sentava-se num trono confortável, de encosto duas vezes maior que ele. Sorria e seu sorriso era estranho e desagradável. Possuía infinitas rugas moldando suas expressões faciais e seus olhos pequenos e apertados eram oprimidos por pele mole que descia debaixo das sobrancelhas pontudas e finas de inúmeros fios brancos. Vestia uma linda coroa de ouro e diamantes, muito simétrica com doze pontas curtas. Sua roupa toda negra possuía um colarinho de azul profundo. Era magro e suas mãos velhas e manchadas tinham anéis em todos os dedos, inclusive o polegar.

Calisto encarou-o e logo o Rei percebeu sua inveja e sede de poder. De relance percebeu que a Rainha Alena o observava com interesse. Porém foi tomado por uma inexplicável timidez e não foi capaz de encará-la. Apenas fez

um pequeno gesto de reverência, lembrando-se perfeitamente das lições do Sr. Lori. Sorriu ao lembrar-se do fim de seu instrutor.

Mauricius falou num tom baixo e irônico que só podia ser escutado pelas pessoas próximas. – Não fique de pé rapaz. Farei de você um nobre em instantes. Que emocionante...

O rei ficou de pé parecendo bastante saudável. Retirou um cetro dourado de sua capa escura. Apoiou sua ponta no ombro esquerdo de Calisto e disse e voz alta. – Eu Maurícius de Lacoresh, Rei e supremo soberano destas terras, confio a ti, Calisto, filho de um camponês, por intervenção divina de nossa Igreja, terras que serão tuas. Sendo um senhor de terras, cedidas por mim, deve jurar lealdade para assumir o título que lhe compete.

Sentido o coração acelerado, e adivinhando o que fazer disse. – Eu, Calisto, juro ao senhor, Rei de Lacoresh eterna lealdade.

Mauricius sorriu, mas muito sutil, o sorriso mal fora notado. – Eu o proclamo, Lorde Calisto, senhor das terras ao sul de Kamanesh e senhor das vilas de Wuri, Hemna e Situr.

Calisto ficou de pé e um oficial lhe trouxe um pergaminho enrolado. Disse, – Aqui estão demarcados os limites de sua terra, Lorde Calisto.

Mauricius fez um sinal para os músicos que tocaram imediatamente uma curta fanfarra comemorativa. Seguida da fanfarra, os músicos tocaram músicas de dança e logo muitos dançavam no salão circular. A festa tinha voltado a seu ritmo normal e o assunto era um só: Lorde Calisto.

CAPÍTULO 22

O plano era louco e desesperado. Melgosh apenas convenceu-se quando foi lembrado de que An Lepard tinha sido responsável pela morte de Sinevall, sobrinho de Shark e um antigo inimigo seu. Atacar Shark em sua própria mansão fortificada em plena Aurin. Uma ousadia de que poucos silfos seriam capazes.

Apesar de conseguirem convencer Melgosh a ajudar não conseguiam convencer Kyle. Estava irredutível, não participaria de um ataque suicida para salvar An Lepard. Não gostava do Dacsiniano e acreditava que não passava de um salafrário, ladrão e aproveitador.

– Por favor, Kyle, nos ajude, eu... eu... – Kiorina implorava com os olhos cheios de lágrimas.

– Você o que? – retrucou o cavaleiro irritado.

– Eu o amo! – admitiu a ruiva em prantos.

Kyle sentiu uma pontada no peito e seu estômago embrulhar. Perdera Kiorina, talvez para sempre. Soube naquele instante que se não ajudasse, perderia até sua amizade. Não admitia totalmente seus sentimentos, mas gostava da ruiva. E escutando seu choro desesperado disse, – Certo, vou colocar meu pescoço em perigo. Mas saiba, não farei isto por ele. Farei isto por você, e por você apenas.

Kiorina pulou em seus braços alegre e agradecida e uma expressão amarga surgiu no rosto de Kyle.

Archibald percebia o conflito de seu amigo e ficou orgulhoso de sua decisão. Olhou para o sol que os abandonaria em poucos instantes. Estavam em alto mar e havia apenas água por todos os lados.

Melgosh propôs, – Precisamos discutir melhor a estratégia.

Kyle livrou-se de Kiorina e antes de juntar-se ao grupo chamou por Noran.

– Noran, preciso de sua ajuda.

Noran parecia cansado e estava pensativo. – Diga-me o que deseja, meu caro.

– Eu preciso que me ensine a meditar.

– Meditar? Porque esta idéia agora?

Respondeu confuso, – Não sei, sei apenas que preciso começar logo. – Após uma pausa lembrou-se, – O velho Modevarsh, sim! Ele queria que eu aprendesse a meditar.

– Aprender a meditar da forma correta pode levar tempo.

– Não importa. Quero começar.

– Pois então relaxe. Sente-se aqui e relaxe.

Archibald chamou-os. – Ei, Vocês! Não vem discutir a estratégia?

Kyle respondeu, – Sigam sem nós, por hora precisamos meditar.

Amanhecia. Todos, com exceção das sentinelas dormiam. Kyle e Noran prosseguiam incansáveis em seus exercícios de meditação. Noran estava impressionado com a capacidade de concentração do rapaz. Em uma noite aprendera mais que muitos aprenderiam em um mês.

– Noran, temo essa ação. Talvez não devêssemos ir.

– Entendo. É muito perigoso.

– Não é só isso. – Tocou o braço do Tisamirense e apertou-o. – Há algo de errado. Como se fossemos cair em uma armadilha.

– Não concorda que uma ação nossa seria uma surpresa? Algo totalmente inesperado.

– É o que parece, somente loucos fariam o que estamos prestes a fazer. Mesmo assim...

– Tem consciência de que é portador de uma capacidade de concentração extraordinária?

– Percebi uma série de coisas estranhas desde que começamos a treinar. Sons e imagens, mas não consigo extrair sentido do que vejo e ouço.

– Hmm... – Noran observava o rapaz e surpreendia-se a cada instante. – Talvez se você compartilhasse alguns de seus pensamentos, quero dizer, deixe-me ver esses sons e imagens, prometo que serei cauteloso.

– Certo.

– Apenas relaxe e medite profundamente.

Noran aguardou uns instantes e percebeu que Kyle meditava profundamente antes do que esperava. Teceu cuidadosamente o contato entre suas mentes e percebeu uma voz distante. Uma voz do passado. Estava abafada e bloqueada. Abriu os olhos da mente viu uma série de manchas negras. Forçou a passagem e recolheu as manchas viscosas. Seu coração acelerou e percebeu o traço do objeto que quase o matou, o Orbe do Progresso. Estava ali, diante de si, quase imperceptível, a obra de Rodevarsh. Lembrou-se de quando mergulhou na mente de Kyle e da luta que tiveram contra um lobo negro de olhos vermelhos e brilhantes. Sim, era algum resíduo daquele feitiço. Agora fazia sentido, era um

feitiço lançado pelo Orbe do Progresso para fazer alguma coisa com a mente de Kyle. Mas o que?

O muco negro parecia fácil de remover, talvez porque estivessem longe do Orbe, imaginava Noran. Ao poucos escutava a voz que tentava falar. Escutou uma linda voz dourada de uma mulher dizer, – Calma, eu vim para buscá-lo. Já é hora...Fique calmo, tudo vai dar certo. Quem é você? Não lhe desejo mal, apenas vá! O que? Não... Não... Você não deve fazer isso. Ahhhhhhhhh! – Era uma seqüência de frases que não faziam sentido por completo. Pareciam parte de um diálogo. Um nome então veio à tona: Lila. Quem seria Lila? Sim. Fazia algum sentido. Lila, seja lá quem fosse fora atacada por Rodevarsh apoiado pelo Orbe do Progresso. Noran assustou-se, num instante viu com os olhos da mente o corpo de Kyle ser revestido por uma estranha chama de brilho azulado e com isso perdeu seu contato. Ao observar Kyle no plano físico, percebeu que todos os pelos de seu corpo estavam arrepiados.

Kyle despertou e constatou, – A mesma sensação.

– Que sensação? – quis saber Noran.

– De quando lutei contra o Cavaleiro Roi na estrada para Lacoresh.

– E então? Descobriu alguma coisa?

– Sim. – E Noran contou-lhe sobre o que descobrira sobre o lobo negro e o Orbe do Progresso. No final mencionou o nome Lila. Perguntou se esse nome tinha algum significado especial. Kyle fez que não.

***

– Como pode ter essa certeza? – Indagava Shark desconfiado.

– Acredite em mim, sei do que estou falando. – retrucou Fernon confiante.

– Mas isso é loucura, ou melhor, é suicídio!

– Pois sim, chame os Lacoreses de loucos, mas acredite-me. Eles virão e será esta noite.

– Talvez você esteja certo Fernon. Talvez eu os tenha subestimado. Afinal, afundaram um navio de Madame Lefreishtra. Se quiserem suicídio, podemos oferecer-lhes as lâminas, não é mesmo? – E sorriu. – Será divertido! Minha irmã Hyunda chegará esta tarde. Podemos armar um belo espetáculo. Estou certo de que ela irá adorar. – Shark riu e seu riso transformou-se em uma terrível gargalhada enquanto deliciava-se com as idéias cruéis que surgiam em sua mente.

***

A noite chegava novamente. Zoros, o feiticeiro Sílfico do navio de Melgosh observava o céu preocupado. Lia sinais e comparava a posição das luas. – Estou lhe dizendo senhor, não é prudente atacar Shark.

Melgosh parecia preocupado e tentava imaginar por que razão estaria fazendo coisa tal. – Eu sei. Isso não é nenhuma novidade.

– Pois sim, senhor! Escute-me, há sinais terríveis nos céus. E as luas...

– Vamos Zoros, pare com esse mau agouro. Pense no seguinte. Se você trabalhasse para Shark e observasse o céu, o que lhe diria?

Zoros sorriu. Resolveu mudar de estratégia. – O senhor sabe, as autoridades toleram disputas comerciais como as suas e de Madame Lefreishtra. Sabe que casas rivais afundam navios e eliminam vidas preciosas por vez ou outra. Mas uma ação como estas? Não consigo ver uma justificativa razoável para não classificá-lo como um fora da lei. Após essa insensatez o senhor será perseguido, não haverá mais sossego!

– Entendo sua preocupação meu amigo.

– Pois então meu senhor, escute-me! Deixe essa loucura de lado enquanto ainda há tempo.

– Mas se Sinevall...

– Por favor meu senhor, esqueça Sinevall!

– Zoros! – disse Melgosh irritado pressionando os lábios. – Essa história de meu senhor já está passando dos limites! Ordeno-lhe que me chame de Melgosh!

– Sabe que não posso senhor. Minha dívida e minha educação... Mesmo tentando eu não consigo.

– Pois tente!

– Não senhor... Depois de tantos anos! Castigue-me se desejar...

– Castigar-lhe? É um louco Zoros! Castigar-lhe por me tratar respeitosamente?

– Mas se lhe irrito...

– Pare de choramingar, seu velho safado! Não entende? Depois de tantos anos, depois que perdi tantos companheiros... E você! Sempre fiel, sempre a me auxiliar. Só queria que pudesse me tratar como igual, que pudéssemos ser como amigos.

– Nunca senhor! Nunca! O senhor é mais que um amigo. É como um pai para mim. Mesmo tendo idade para ser meu filho. O senhor me acolheu, tirou-me da desgraça, salvou minha vida quando pensei que a perdera.

– Eu entendo Zoros. Fico feliz por você ainda estar por perto.

– Então senhor, eu lhe imploro. Desista disso. Explique para sua filha. Faça por sua filha.

– Chega Zoros! Eu já estou decidido. Vou fazer, a partir de hoje, tudo que sempre quis!

– Mas será banido! Não haverá para onde irmos!

– Sempre há lugar para nós em Shind, e você sabe disso. E além disso...

Zoros olhou para os céus novamente. – Eu sei.

– Pressinto algo grande acontecendo em breve. Alguma coisa vai mudar, sei disso. O imperador está negligenciando ações como as de Shark, e do Duque marítimo Hiokar. Os Hiokar são perigosos... Se chegarem ao poder, tudo irá mudar. O pouco de moderação que ainda há em nosso povo acabará, e então... só consigo pensar no pior.

Zoros acenou positivamente, pensativo.

Melgosh tinha um semblante sombrio e sua voz expressava preocupação. – Entende o porquê de minha ação? Tenho que agir, especialmente agora, com minha filha de volta. Isto faz com que meu sangue ferva. Precisamos agir Zoros. Precisamos fazer alguma coisa antes que seja tarde.

– Meu senhor! Talvez... talvez... eu, eu, devesse contatar meu, meu...

– Seu irmão! Diga o que pensa de uma vez, velho amigo!

S..sim, sim... Meu irmão Zoroastehf...

CAPÍTULO 23

Vekkardi estava pensativo. Tinha de encontrar um meio de reverter a situação de seu irmão. Sem conseguir dormir, resolveu juntar-se às pessoas no andar de baixo. O salão da estalagem era aconchegante e muitas pessoas bebiam e comiam. Havia um clima alegre no ar e dois músicos tocavam uma bela melodia. Uma flauta cujo som lembrava o vento e um belo alaúde de cordas duplas. Era uma melodia alegre.

Escutá-la fez bem para seus ouvidos e para sua mente perturbada. Quase lhe proporcionou certo relaxamento. Sentou-se a uma mesa vazia e logo uma moça trajando um vestido cinza bastante simples, aproximou-se para perguntar-lhe o que desejava. Pediu um copo de vinho e pão de frutas.

Observava as pessoas conversando animadas, mas algumas tinham olhares reservados e desconfiados. Houve certa movimentação e olhares em direção à entrada da estalagem. Vekkardi seguiu os olhares para encarar olhos que cortavam o ar em seu caminho. Os bigodes grandes e negros do homem, vestido como um oficial da milícia local, desciam até o queixo. Estava acompanhado de dois guardas da região e dois soldados das bandas de Lacoresh.

O oficial de olhar frio dirigiu-se diretamente para a mesa de Vekkardi, que tinha cinco lugares vagos.

– Boa noite. – disse com polidez. – Está esperando por alguém?

Vekkardi respondeu, – Não senhor, estou só.

– Não se incomoda se eu e meus homens ficarmos com sua mesa.

Vekkardi estava bastante calmo e sentia um tom de ameaça na voz do oficial. – Não. Estou tomando muito espaço... – fez menção de levantar-se e foi interrompido.

– Fique sentado. Nunca quis ficar com sua mesa, apenas juntar-me a você.

– Neste caso, perdoe-me o mal entendido. Sinto-me honrado em compartilhar a mesa convosco.

O oficial fez um sinal com a cabeça chamando seus subalternos para a mesa. Os músicos fizeram uma pequena pausa, e todos olhavam para a mesa com o canto dos olhos. Certo silêncio tomou o lugar.

O oficial disse em alto e bom tom – Fico feliz pela calorosa recepção. – Encarou os músicos com olhar penetrante de seus olhos escuros e ordenou, – Música, por favor!

Pouco depois o clima voltou a ficar descontraído, mas não como antes. As pessoas agiam como se estivessem com medo e falavam mais baixo, expressavam menos alegria.

– Meu nome é Weimart, Comandante Weimart. E o seu forasteiro?

– Sou Vekkardi.

– Vekkardi, que nome incomum... – Ao ver um de seus homens beliscar a moça que veio tomar os pedidos, Weimart explodiu. – Guarda! Dê-se o respeito! Como ousa agir dessa maneira na frente de seu superior.

O guarda assustou-se e gaguejando mal pode pedir desculpas.

– Perdoe-me quanto a isso – Weimart indicou o soldado que mantinha a cabeça baixa.

– Sem problemas... – disse Vekkardi.

– Pois então senhor Vekkardi, o que o traz a um lugar como Audilha.

Desde que vira o oficial entrar na estalagem, Vekkardi tentava pensar em algo para lhe dizer caso fosse interrogado. Com a pressão e seqüência dos acontecimentos ficava mais difícil forjar uma história. – Vim ver um amigo.

– Ah, uma visita! Perdoe-me perguntar, mas entenda é o meu trabalho. Como se chama esse amigo seu?

Vekkardi sentia que sua história não poderia ir muito longe e sentiu um frio no estômago. Um grito arrastado lhe comprara algum tempo. Viu alguém sendo agarrado na mesa ao lado. Um homem com o nariz avermelhado que estava embriagado.

O homem xingou e golpeou quem o segurava. – Deiiizzxe-me! Idggiiota! – O bêbado levantou-se dirigindo-se à mesa de Vekkardi. Lançava maldições, – Vocês! Vozzzês... O lugaaarr de vozzzês não é aqui!

Weimart fechou os olhos e torceu os lábios fazendo um bico, procurando conter sua súbita ira. Um dos guardas foi veloz em levantar-se e investir um golpe contra o bêbado.

Sua mão cerrada, vestida com uma luva de couro e pequenos pontos de metal, acertou a face do bêbado atirando-o no chão. Um homem que tentou segurar o bêbado, momentos antes, sentiu o sangue borbulhar. Era robusto e subiram-lhe vergões musculosos no pescoço que quase dobrou de tamanho. – Papai! – gritou irado. Vermelho como pimenta partiu para cima do guarda atingindo seu queixo com grande violência.

Em pouco tempo os soldados Lacoreses cercavam e atingiam o agressor com socos e pontapés. Eram violentos e com tal agressividade poderiam matar o homem. Weimart, sentado observava com cuidado as reações de Vekkardi.

Vekkardi por sua vez, percebeu que o oficial procurava sinais para incriminá-lo, possivelmente como membro da rebelião.

Weimart deixou que seus homens continuassem o castigo para ver que tipo de atitude o forasteiro iria tomar. Com perfeito auto controle o discípulo de Modevarsh demonstrava indiferença.

Um outro homem que estava no balcão, não teve a mesma frieza. Vestia um capuz que escondia suas feições e roupas de couro marrons escuras e folgadas. Aproximou-se dos dois soldados militares que castigavam o homem caído e disse. – Por favor, chega de violência.

– Cale-se seu iditota! – gritou o guarda e investiu contra o encapuzado.

Seu golpe parou no ar e mal pode acreditar em como o encapuzado conseguira segurar seu punho com a palma da mão em pleno ar. Os olhos de Weimart cruzaram o espaço fixando-se nos dedos da mão do homem misterioso. Apesar de afiados os olhos de Weimart não foram capazes de perceber como o soldado foi ao chão. Percebeu apenas que se movendo como uma sombra, o encapuzado acertou-lhe diversos golpes rápidos com as mãos e pernas.

De imediato, o comandante pôs a mão na espada e retirou-a da bainha ao ficar de pé. – Rebelde maldito! Minha lâmina beberá seu sangue!

Finalmente, Vekkardi acabava de encontrar um rebelde. Era hora de tomar uma posição. E antes que Weimart pudesse atacar com sua espada, Vekkardi desarmou-o. Um golpe certeiro das pontas de seus dedos. A mão rígida, em forma de faca, atingira um ponto exato entre o antebraço e a mão de Weimart causando-lhe um grande choque.

Weimart com grande ódio, encarou Vekkardi em fúria. Vekkardi não tinha opção senão nocauteá-lo. Tomando impulso com os pés na cadeira e depois na mesa girou o calcanhar contra a lateral do pescoço de Weimart, abaixo da orelha esquerda. O oficial foi ao chão quebrando uma cadeira que estava em seu caminho. Enquanto isso, o outro lutador, tomando estranhos equilíbrios nas pontas dos pés e esticando e girando braços derrubou os outros três militares.

Dirigindo-se a Vekkardi disse, – Você não devia ter interferido. Arrumou uma boa confusão agora.

– Estou preparado. Vim sem outro propósito a não encontrar-me e juntar-me aos rebeldes.

– Parece que você conseguiu topar com o primeiro. – Retirou o capuz e apresentou-se, – Meu nome é Will. O seu nome eu já ouvi.

Vekkardi estendeu as mãos e cumprimentou o homem de aparência madura. Usava cabelos longos ligeiramente crespos e um pouco descuidados. Possuía

uma barba rala e uniforme e tinha queixos largos. Seu sorriso era acolhedor e levemente malicioso.

Will virou-se interceptando um homem que carregava um punhal e tinha a intenção de eliminar de uma vez por todos os militares caídos. – Não faça uma tolice! O que ocorre não é por culpa deles.

– Nem mesmo Weimairt? – questionou o homem que tinha ódio em seu olhar.

– Nem mesmo Weimart! Ele é um homem honrado, só não percebe que está no lado errado. Guarde esse punhal. Faça como digo! – ameaçou. – Como eu disse, chega de violência.

Weimart sentia grande ódio e humilhação. Recobrara a consciência e percebeu que tivera sua vida salva por um inimigo. Estava confuso. Irado, mas estranhamente, agradecido.

O dono da estalagem parecia preocupado e choramingava. – Estou encrencado! Estou encrencado!

Will anunciou. – Não se preocupem e não temam represálias. Quando eles acordarem terão atenção voltada para nós. Os deixarão em paz. Acredito que ainda não chegaram ao ponto de atacar e reprimir seus conterrâneos sem maiores motivos. Por favor, cuidem deles e chamem-nos de loucos. É isso que somos, loucos rebeldes. Sejam bons com eles, pois para o bem sempre há recompensa.

Vekkardi estava impressionado com a nobreza do rebelde que acabava de conhecer. Forçava a memória para lembrar atitudes tão nobres quantos as dele. Tinha compaixão por seus inimigos, algo que não conseguia conceber naquele momento. Quem o treinara? Como teria aprendido a luta com o espírito?

– Vamos Vekkardi. Nosso tempo aqui é curto. Logo, eles irão aparecer por aqui.

Vekkardi sentiu um arrepio ao ouvir Will pronunciar, eles e seguiu seus passos para fora da estalagem com mil perguntas em mente.

Radishi olhava para o céu estrelado enquanto caminhava lado a lado de Roubert pelas ruas pavimentadas da cidade.

Roubert disse, – Está quieto demais. Não gosto disso.

Radishi respondeu, – Há algo de errado neste lugar, mas não pressinto um perigo imediato.

– Não sei, não gosto nada deste lugar.

– Veja que bela estátua! – Radishi indicou uma escultura iluminada por luzes azuis que partiam de dentro de uma fonte d’água, no centro de uma praça.

– Uma obra de grande precisão... Nunca vi nada igual.

Radishi parou de andar e pôs a mão sobre a testa. – Você está certo. Pressinto algo...

Roubert preparou seu arco com uma flecha. Muito alerta observava as redondezas.

– Uma luta... uma luta. – murmurou Radishi.

– Luta? Onde?

– Não estamos longe.

– Trata-se de Vekkardi?

– Não consigo sentir. Temos um inimigo poderoso nas imediações. Há uma espécie de viscosidade no etéreo... O Jii...

– Para onde está a luta?

Radishi sentia-se enjoado e indicou a direção com a ponta do dedo.

– Vamos, Vekkardi pode precisar de nosso auxílio!

Radishi imprimiu à sua mente uma forte concentração para conseguir seguir Roubert. Não fosse sua extraordinária capacidade de controle das funções vitais poderia ter desmaiado. Sentia o ar mais espesso a cada passo que dava e perdia a capacidade atravessar o invisível com seus pensamentos e investigar as imediações.

E lá estava, a fonte daquela forte depressão. Uma criatura terrível e indescritível. Um servo do mal, um demônio poderoso em energia negativa que sugava toda a energia positiva que havia em seu redor. Roubert não podia vê-lo, estava em uma dimensão adversa à sua. Mas Radishi pode enxergá-lo, e logo foi tomado por um grande horror. Estava paralisado. Tentáculos viscosos de energia negra o envolviam. Nada podia fazer para ajudar Roubert. Nem mesmo conseguia avisá-lo da presença vil.

Ágil como um animal selvagem, Roubert pulou atingindo o pavimento para desviar-se de um disparo preciso realizado por um arqueiro que espreitava em cima de um telhado. Girou no solo ficando de joelhos, pronto para disparar sua flecha. Com um tiro veloz de mira imediata o silfo acertou o arqueiro no abdome. Com um gemido gutural o arqueiro noturno despencou e atingiu o solo com um som abafado.

Sem perber o que o atingia, Roubert contraiu os músculos das costas sentindo um forte choque e calafrios. Radishi observava imóvel uma garra etérea e sombria que atingia as costas de seu companheiro. Os sons de um rápido galope preencheram os ouvidos do Tisamirense. Cada vez mais próximos os sons dos cascos de um cavalo célere rasgavam o silêncio da noite. Sentido suas

forças fugindo de seu corpo Radishi duvidou de seus olhos quando viu, um brilho embaçado cortando a escuridão.

Roubert teve a vista ofuscada pelo clarão de uma labareda que cortou o ar ao seu lado fazendo surgir um grito vindo do nada. Um gemido medonho preencheu seus ouvidos e sentiu o toque gelado e gosmento abandonar suas costas.

Radishi caiu sentado sem saber se sonhava com o cavaleiro montado, vestido de vermelho brilhante que partira ao meio a criatura das trevas com um golpe de sua espada flamante. No telhado onde havia um arqueiro, uma figura sinistra praguejava. – Maldito seja Cavaleiro Vermelho!

Duas quadras abaixo, um grupo de soldados comandados por um cavaleiro montado preparava-se para atacar. O Cavaleiro Vermelho ajudava o silfo a ficar de pé segurando-o com a mão esquerda. Empunhando a espada flamante com a mão direita e apontando sua chamas para o céu, o Cavaleiro Vermelho expeliu um jato de fogo que constituiu um grande pássaro ardente. Com um sinal, o cavaleiro fez com que o pássaro de fogo perseguisse os soldados que vinham, morro acima.

Roubert ajudou Radishi colocando-o na garupa do Cavaleiro Vermelho. Enquanto fugiam do local, o velhaco que estava em cima do telhado pronunciava maldições e feitiços contra o pássaro de fogo. Não podia ser visto, era apenas uma silhueta nega contra os céus púrpuras e de um azulado profundo. Acompanhando o cavalo em uma corrida ágil Roubert deixou os inimigos para trás imaginando se Vekkardi estaria bem.

CAPÍTULO 24

A sorte estava lançada. Treze espíritos aventureiros, lançavam-se contra o perigo. Era alta madrugada e pouquíssima gente circulava pelas ruas tranqüilas de Aurin. O portão principal da mansão de Shark era bem guardado. Toda a mansão era cercada por um alto muro de pedras lisas, difíceis de escalar. Havia dois sentinelas que eram observados cuidadosamente por olhares nervosos. Zoros aproximou-se lentamente do portão apoiado em uma bengala e vestido em trapos. Cambaleava e emanava forte cheiro de fovasco, um tipo de água ardente popular entre os silfos, produzida a partir das raízes leguminosas também usadas para produzir açúcar.

Forçou um tropeço caindo na direção da grade do portão. Segurou-se em uma das barras da grade e murmurou algo. Um dos sentinelas aproximou-se para enxotá-lo com o cabo da lança que carregava. Foi cutucado duas vezes com força, mas não largou o portão.

– Vai velho! Vá embora! Largue o portão e vá embora!

Zoros continuava com sua atuação insistindo em pendurar-se no portão, resmungar e xingar o sentinela procurando irritá-lo ao máximo.

O sentinela perdendo a paciência pediu auxílio ao seu companheiro.

– Já disse que o mataria, mas parece estar bêbado demais para entender.

– Muito bem, vamos arrastá-lo jogá-lo do outro lado da rua. – Retirou do cinto chaves do portão e antes que pudesse estranhou o súbito silêncio que o envolvera. Tentou falar e percebeu que não emitia nenhum som. Foi esta sua última percepção.

Duas flechas disparadas pelos Silfos leais a Melgosh atingiram-no, no peito e no pescoço. No entanto, não houve nenhum ruído sequer. Simultaneamente, outras duas setas atingiram o segundo sentinela que também morreu gritando envolto no campo de silêncio.

A fase inicial do plano tinha dado certo. Conseguiram abrir os portões e eliminar os dois sentinelas. Ao mesmo tempo, os outros sentinelas que estavam próximos da entrada da mansão, tinham cada vez mais forte em suas mentes vontade de dormir. Sentiam-se pesados e não puderam resistir à forte sugestão que Noran plantara em suas mentes.

Aparentemente tinham a situação sob controle, todos os sentinelas neutralizados e o portão estava aberto. Kyle, Archibald, Gorum e os quatro silfos

fiéis a Melgosh juntavam-se a Zoros no portão. Enquanto isso, Noran pulava de cima do muro para aterrissar em plantas no jardim. Havia uma escada do lado de fora e era seguido por Kleon, Mishtra, Melgosh e Kiorina.

Enquanto os outros passavam pelo muro, Noran apressou-se em buscar chaves que estariam com um dos sentinelas próximos à porta principal da mansão.

Kyle sussurrava para Archibald, – Não gosto nada disso, está tudo correndo bem demais.

– Não seja pessimista, se tudo der certo, teremos total sucesso. – Respondeu no mesmo tom, ao atravessar o portão frontal.

Nesse instante, Noran retirava do cinto do sentinela adormecido as chaves da porta da mansão. Sentiu um calafrio e ao longe um traço de uma presença ruim. De costas para a porta encarou Kyle à distância, percebeu o desespero em seu olhar e viu o jovem levantar a mão direita lentamente indicando um perigo. Antes que pudesse gritar, escutou as intenções de seus pensamentos. “Cuidado Noran!!!” Não houve tempo para olhar para trás. Sentiu uma ponta gelada espetar suas costas, seguida de uma forte dor viu projetar-se de dentro de seu peito uma lâmina coberta com seu próprio sangue.

Kyle correu como um louco para socorrer o amigo. Mesmo ferido, Noran reuniu forças para encarar seu oponente. Ao vê-lo, entendeu porque não fora capaz de detectá-lo. Era um esqueleto animado, dele, nenhum padrão de pensamento era emitido. Com horror, mas com uma estranha calma, Noran observou um novo golpe da espada atingindo-o no abdome. Desligara sua mente conseguindo isolar a dor. Escutava a corrida de Kyle atrás de si e pensamentos e comentários horrorizados de seus companheiros. Escutou além das paredes, além de qualquer fronteira vozes mil. No terceiro andar da mansão, escutou a voz de Fernon dizer, – Que sorte! Eliminamos o mais perigoso!

Atrás do esqueleto, já com a visão turva viu criaturas mortas vivas. Mais esqueletos e seu silêncio mental, alguns zumbis com resquícios débeis de pensamentos, balbuciando palavras e repetindo ordens de atacar e matar em suas mentes. Atrás deles a fonte de sua ativação. Outro necromante, possuía a face pálida e um nariz muito pontudo, ele sorria e guiava os passos e ações das criaturas mortas vivas. Antes de perder os sentidos Noran lembrou-se de que já haviam se encontrado antes, tratava-se de Arete.

Kyle avançou por sobre o corpo de Noran atingindo o esqueleto com grande fúria. Sua espada partiu a espinha da criatura animada atirando seu corpo ao chão.

Atrás de Kyle a forte oração de Archibald combatia a magia do Necromante Arete. E pela força de sua fé, foi capaz de dissipar a energia maligna que mantinha os esqueletos de pé.

O choque de ver Noran tombar diante de seus olhos fez com que Mishtra voltasse a enxergar as ondas do mundo invisível mesmo sem querer. Viu uma forte aura luminosa ao redor do corpo de Noran. Mas logo seu olhar fora atraído para seu pai, que passava diante de si, correndo para a porta da mansão. Fixou os olhos num halo luminoso que havia ao redor do cabo da espada que seu pai mantinha embainhada.

Surpreendeu-se ao ver dois espíritos malignos surgir atravessando as paredes da mansão. Um deles avançou contra Kleon atingindo-o com suas garras afiadas. Kleon confuso golpeava inutilmente o vapor gelado que o atacava causando-lhe terríveis arranhões dolorosos. O outro espectro avançou contra seu pai. Mishtra enviou-lhe pensamentos de alerta. “Pai! Cuidado um espírito maligno atrás de você!”

Melgosh virou-se encarando o vapor azulado que avançava em sua direção. Respirou fundo, fechou os olhos e desembainhou a lâmina ancestral. Um forte ruído preencheu o lugar. Zoros ficou paralisado ao observar a espada que Melgosh usava. De imediato uma forte brisa atingiu o local fazendo tecidos e cabelos esvoaçarem. O vapor espectral desviou-se da espada enterrando-se no solo. Sob a visão de Mishtra, o espírito reagiu com horror ao encarara o brilho da espada, gritou e fugiu em desespero. O espectro que atacava Kleon também fora repelido deixando o katoriano no chão praticamente sem forças.

O vento aumentava cada vez mais e pequenas gotas d’água geladas acompanhavam a direção do sopro. O zunido do vento forçou Zoros a gritar, – Meu senhor! Coloque a espada de volta na bainha!

Melgosh atendeu ao apelo de Zoros e ao guardar a lâmina fez o vendaval cessar.

Enquanto isso Kyle e Gorum entravam na mansão. Blackwing era cercado por dois zumbis que ignoravam os golpes de sua espada, forçando-o a recuar. O gigante dava combate a um outro, que continuou lutando mesmo após ter o crânio rachado em dois por uma forte espadada. Sendo aquela uma operação em que a velocidade e o silêncio eram imperativos, Gorum e todos seus companheiros usavam pouca proteção ou nenhuma. Foi atingido com uma estocada no braço logo após separar o crânio de seu oponente morto vivo em duas partes. Reavaliou a condição da luta com cuidado, percebendo que não podia baixar a guarda mesmo quando surgisse uma situação favorável.

Mais em mais zumbis emergiam da escuridão e as gargalhadas de Arete ecoavam no rol de entrada da mansão. A partir de janelas e sacadas no segundo andar da missão, guardas de Shark atiravam flechas contra os que estavam fora da mansão. Mishtra rolou na grama e respondeu com uma flecha certeira de seu arco. Os quatro silfos de Melgosh davam cobertura enquanto Archibald, Zoros e Melgosh entravam na mansão.

Kleon estava deitado e vulnerável, mas por sorte não fora alvejado pelos guardas no segundo andar. A principal preocupação deles era eliminar, os silfos de Melgosh e Mishtra.

Kyle perdia na luta contra os zumbis, eram incansáveis e incapazes de sentir dor. Mesmo decepando o braço de um de seus oponentes, que no momento somavam quatro, não conseguia derrotá-los. Foi desarmado por uma mordida em seu pulso.

Gorum dividira um zumbi em dois com um corte horizontal, mas a criatura arrastava-se sem as pernas e segurava suas pernas. Archibald imprimia fortes golpes com um bastão ajudando Kyle a livrar-se de um zumbi que o agarrava.

Zoros preparava um feitiço para atacar Arete, mas nunca consegui finalizá-lo. Fora vítima de uma terrível maldição que fazia surgir besouros em sua boca. Cuspia-os aos montes incapaz de recitar palavras para desfazer a terrível magia.

Melgosh eliminava zumbis com facilidade e em poucos momentos tornou-se o foco de atenções de Arete. Sua espada vibrava e espalhava pedaços dos zumbis em todas direções. Arete foi ágil em convocar os dois espectros para um ataque sorrateiro contra Melgosh. Surgindo do solo, logo atrás do silfo, um deles investiu contra e perna esquerda e o outro mirou as costas. Sentindo fortes dores, Melgosh ficou de joelhos e brandiu a espada para atingir um dos espectros. O simples contado da lâmina com a criatura fez com que estourasse. O outro aproveitou-se do momento para atingir a cabeça do silfo. Sentindo facas geladas penetrando em seu crânio, perdeu os sentidos largando a espada.

Gorum avançou para obter a espada mas foi atacado pelo espectro. Zoros esforçou-se para dizer, entre um cuspe e outro, – Não! Arcgh! Toquem... Ptchu! Na espad...ugwarrrr...

Archibald percebia que a situação piorava cada vez mais.

Do lado de fora, dois silfos ainda davam combate aos arqueiros do segundo andar, que eram muitos para contar. Mishtra escondia-se atrás de um arbusto e tinha uma flecha atravessada no antebraço. Concentrou-se por um momento. Preocupada estabeleceu contato com Archibald., “Meu amor! Você está bem?”

Archibald estava ocupado tentando defender Kyle com seu bastão e respondeu falando, – Ainda luto! Saia maldito! Mas...

Mishtra sentia-se inútil. Em um momento decisivo ficara atordoada pelas visões do mundo invisível. Agora estava ferida e podia ser alvejada a qualquer momento. Tentava contato com seu pai, mas não conseguiu. Escutava gritos de Gorum, a voz de Zoros, diversos gemidos, gritos e risadas. Não captava sinais de Kiorina. Teria sucumbido também? Teria morrido atrás de seu amor? Sabia que morrer assim valia a pena. Fazendo força, usou seu espadim para cortar a ponta da flecha. Retirou-a do braço combatendo a dor com sua vontade.

Fernon divertia-se junto a Shark e sua irmã, Madame Hyunda, observando os eventos através de uma esfera de cristal. Arete evocava outro feitiço que fez com que a espada girasse pelo solo até chegar a seus pés. Ao tocá-la teve um choque. Sua percepção alterou-se e visualizou em sua mente o inimigo que mais desejava encontrar. A silfa que quase tirou sua vida com uma flechada no pescoço, na estrada para Lacoresh. Observou o progresso da luta e satisfeito com o que viu, evocou seu feitiço de transmutação. Converteu-se em dezenas de besouros ágeis que cruzaram os salão dirigindo-se aos jardins da mansão. Deixou para trás suas roupas e a espada de Melgosh que atingiu o chão de pedra emitindo uma vibração aguda e descansou próxima às escadarias que levavam ao segundo andar da mansão.

Gorum não pôde combater o espectro e tombou em seguida. Kyle tomado por forte emoção entrou em profunda concentração. Sentiu seu sangue esquentar e seus pelos arrepiar. De mãos limpas atingia os zumbis, minando suas forças com poucos golpes. Primeiro salvou Archibald que estava caído no chão com um zumbi por cima que mordia seus braços. Percebeu que o espectro tornara-se nítido e partiu para o ataque. Teve seu braço esquerdo arranhado, mas em seguida acertou-lhe golpes que fizeram com que sofresse. Em seguida, o espectro dissolveu-se num caldo opaco um pouco brilhoso.

Mishtra assustou-se a ver besouros negros se juntarem diante de si. Sem conseguir reagir prontamente teve a garganta atingida pelas mãos brancas de Arete que surgiram a partir dos besouros. Cravando-lhe unhas compridas, o necromante nú, sugava-lhe as forças vitais. Arete gargalhava e mantinha os olhos vidrados no rosto de Mishtra, sentindo enorme prazer. Em desespero a silfa atirou-se para o lado saindo de trás do arbusto. Os muitos arqueiros posicionados nas janelas e sacadas atiraram flechas na direção dos dois. Arete gritou irado, com três flechas atravessadas em seu corpo. Uma na coxa direita, uma no ombro

esquerdo e outra no abdome. Mishtra também fora acertada por duas flechas. Uma pegou-a pelas costas e outra acima das nádegas.

A silfa caiu de lado e teve forças para arrastar-se de volta para a cobertura da folhagem. Arete mal acreditava no que acontecia e irado lançou maldições contra os arqueiros. Três deles escorregaram e caíram com das sacadas acertando as cabeças no chão de pedra. Uns assustados com o que viram esconderam-se mas outros reagindo com grande reflexo dispararam mais flechas na direção do bruxo. Duas mais o atingiram, no peito e no braço esquerdo. O necromante fraquejou caindo com a face contra a grama. Uma das flechas enterrou-se mais fundo em seu peito pressionada pelo solo.

No terceiro andar Fernon xingava, – Idiota! Idiota! Idiota!

Hyunda, um silfa de cabelos negros que vestia-se de forma extravagante comentou, – Parece que os humanos acabam por fazer besteiras mais cedo ou mais tarde, não é mesmo irmãozinho?

Shark sorriu, mas também ficou ligeiramente nervoso. Além do mais, detestava quando sua irmã chamava-o de irmãozinho. – Fique quieta Hyunda! – encarou Fernon e disse, – Talvez devamos enviar o restante dos guardas agora.

Fernor respondeu. – Sim, estão debilitados e não poderão lidar com tantos guardas.

Shark deu o sinal para o capitão de sua guarda que aguardava instruções, próximo ao corredor que levava às escadarias.

Hyunda impaciente cobrava de seu irmão, – E então irmãozinho, e quanto a moça ruiva por quem o assassino miserável está apaixonado? Onde está? Não posso esperar por uma tortura tão deliciosa! – Os olhos de Hyunda brilhavam como os de uma louca. – Torturar a menina em sua frente e depois, quem sabe? Fazê-lo cozinhar e comer a própria amada!

– Hyunda você é doente! – sibilou Shark. – Mas é por isso que gosto de você!Shark saltou assustado pelo estrondo que penetrara o ambiente. Atravessando um dos vitrais, envolvida em chamas, Kiorina pousou próxima a Hyunda. Irada apontou a mão na direção da silfa e gritou. – Estava procurando por mim? Bruxa asquerosa!! – Enquanto falava projetou um forte jato de chamas que incendiou o vestido de Hyunda.

A silfa envolvida em chamas gritou em agonia. – Irmão! Faça alguma coisa! Salve-me!

Shark, face a face com um perigo mortal, foi célere em acionar um dispositivo que fez girar a cadeira em que estava sentado jogando-o para o

interior de um corredor secreto. Kiorina concentrada em Hyunda não pode ver de que maneira o silfo desaparecera. Reconheceu o necromante e pensou que talvez devesse tê-lo atacado em primeiro lugar. Hyunda em desespero atirou-se através do portão de vidro e depois da sacada, lembrando-se dos lagos que havia nos jardins da mansão.

– Fernon!! – Kiorina gritou assustada. Num rápido reflexo atirou uma bola de fogo contra seu antigo algoz.

Fernou aceitou a bola que tocou-o sem causar efeito. – Finalmente nos encontramos de novo, Srta. DeLars. Vou adorar tê-la de volta nas minas.

– Seu monstro, o que faz aqui? Onde está An Lepard? – aos poucos as chamas que envolviam a feiticeira dissipavam-se e ela temia o que poderia lhe acontecer.

– Vim para buscá-los. E quanto a seu queridinho, como pode deixar de notar sua presença? – Fernon indicou o corpo pendurado em correntes do outro lado do salão. Kiorina sentiu um forte aperto no coração e distraiu-se.

Fernon convocou pragas malignas e movendo-se como uma sombra tocou o rosto da ruiva. O toque gelado paralisou seu rosto e sua boca ficou dormente. Não podia falar nem tão pouco realizar magias em geral, mas as magias do fogo... Tentou novamente queimar Fernon, mas de novo as chamas não fizeram efeito.

Fernon riu. – Impressionante! É capaz de chamar o fogo sem pronunciar os ritos... Tola! Não pode me atingir com magias elementais. Durma antes que cause mais estragos por aqui... – Tocou-lhe a testa causando grande fraqueza e tirando-lhe os sentidos.

Kyle sentia seu corpo reagir como um pequeno bote em meio ao oceano furioso. Sua vontade e suas forças eram pequenas diante das ondas energéticas que varriam seu corpo trazendo à tona instintos de luta. Percepção e reação fluíam diretamente do seu âmago para suas ações coordenadas, usando todos os músculos de seu corpo. Desta vez, tinha uma fagulha de consciência do que ocorria. De alguma forma seu corpo, toda sua carne, ossos e pelos estavam conectados com uma força superior. E soube naquele momento, que era parte de um todo. O mesmo todo que Noran podia contactar e transformar. O mesmo todo que Kiorina era capaz de contactar e transformar. O mesmo todo que Archibald podia contactar e transformar. Era aquele imenso oceano, o próprio cosmos com o qual tinha contato naquele momento. Era enorme e incompreensível, tocava e percebia apenas uma pequena fração deste. Percebeu que havia algo que

conectava tudo. Conectava todos. Noran podia ler mentes, podia até controlá-las. Kiorina podia mover os ventos, criar chamas e diversos outros efeitos mágicos. Archibald evocava força, agilidade e gentis poderes curativos. E naquele ínfimo instante de iluminação, que ocorreu entre dois golpes de seus punhos, Kyle Blackwing percebeu que também tinha sua própria forma de interagir com o todo. Ele lutava. Seus sentidos estavam ampliados e seu corpo era envolvido por uma energia fantasmagórica que podia ferir aqueles seres malignos. E de todos aqueles pensamentos, foi este último que fixou-se em sua mente. Podia ferir os seres malignos, podia ferir as criaturas mortas vivas, incluindo espectros.

Com os zumbis e espectros derrotados, Kyle, Archibald e Zoros eram os únicos de pé no grande rol da mansão de Shark. Archibald apertava com força uma tira de tecido de suas próprias vestimentas ao redor de seu braço esquerdo, ferido pelos zumbis. Zoros sentia em sua boca o gosto amargo deixado pela nigromancia de Arete, misturar-se com o gosto de seu próprio sangue.

Os sentidos de Kyle foram atraídos para os dois lances de escada que davam acesso ao segundo andar, no fim do rol.

Archibald anunciou. – Vão sem mim. Estou ferido e preciso cuidar de nossos companheiros caídos. Se não receberem cuidados...

Kyle compreendeu as palavras de Archibald que chegaram a seus ouvidos um pouco abafadas. Precisava manter-se concentrado para permanecer em conexão com a energia. Sabia que simples palavras poderiam por fim ao seu esforço e concordou com um aceno positivo. Zoros advertiu Archibald apontando para a espada de Melgosh, abadonada por Arete. – Não toque a Maré Vermelha! Isto pode trazer conseqüências graves e imprevisíveis.

Archibald clamou, – Que os deuses os levem e tragam em segurança.

Zoros seguiu em direção à escadaria da esquerda enquanto Kyle dirigiu-se para a outra. Ambas eram largas e possuíam degraus cobertos por um carpete vermelho. Os corrimãos eram belíssimos e tinham diversos detalhes dourados.

Subindo os degraus, o silfo e cavaleiro depararam-se com uma dezena de guardas sílficos que desciam armados e prontos para um confronto. Zoros produziu um esguicho d’água que se partiu em milhares de gotas umedecendo vários degraus superiores. Um segundo feitiço levou um vento gelado que criou uma fina camada de gelo. Sem exceção, os quatro guardas que desciam em sua direção caíram, deslizaram e o rolaram por vários degraus. Com os oponentes caídos, Zoros pôde lançar novos esguichos d’água, desta vez mais volumosos e pouco depois crescer em toda parte cristais de gelo que uniam-se uns aos outros formando uma rede que além de capturar os quatro guardas, desencorajava

qualquer um de atravessar a escadaria naquele ponto. O velho feiticeiro sílfico demonstrava sérios sinais de fadiga, mas reuniu forças para prosseguir. Afinal, para ele, o gelo não era um sério obstáculo.

Kyle, por sua vez, tinha mais dificuldade em lidar com o capitão e os quatro guardas que desciam na escadaria direita. Percebeu que estava em desvantagem. Ainda assim pode com movimentos ágeis desviar-se da lâmina do primeiro guarda. Segurando-o pelo braço lançou-o, por sobre seu corpo, escada abaixo. Forçado a recuar chegou novamente ao rol onde escutou os cânticos curativos de Archibald operando para trazer de volta os sentidos de Gorum e Melgosh. Como que por coincidência, pisou sobre a lâmina de Melgosh, que Zoros chamara de Maré Vermelha. O capitão, vestindo uma placa prateada sobre o peito e carregando uma bela lança de mesmo brilho investiu contra Kyle. O cavaleiro foi ao chão girando sob seu próprio corpo e envolvendo com os dedos o cabo frio e de relevo espiralado da Maré Vermelha. Naquele momento, sua concentração quebrou-se, mas uma imagem surpreendente surgiu-lhe na mente. Viu a imagem de Fernon, no terceiro andar da mansão apreensivo aguardando o resultado final da batalha. Deitado no chão, Kyle golpeou a perna esquerda do capitão da guarda de Shark, atingindo-a na altura do joelho e parindo-a como um graveto. O capitão gritou o foi a chão levando ambas as mãos à perna esquerda, que não sangrava. O corte gelado da lâmina, congelou o sangue na superfície de corte decepando a perna sem derramar sequer uma gota do líquido rubro. De posse da lâmina encantada, Kyle enfrentou os guardas um a um derrotando-os sem dificuldades. Neste momento, um grande e forte vento espalhava-se por toda a mansão. Objetos eram derrubados e quebrados, quadros e papéis voavam, portas batiam e janelas eram abertas. No segundo andar, alguns arqueiros foram projetados para fora, enquanto outros se seguravam nas grades para não voar. Os cabelos e as roupas de Archibald, chicoteavam no ar e de olhos fechado intensificava os cânticos curativos que traziam seus primeiros efeitos em Melgosh e Gorum.

Fernon pressionava o estranho anel que tinha em sua mão esquerda e observava apreensivo o que ocorria a sua volta. O vento parecia não afetá-lo, mas via tudo que estava ao seu redor mover-se. Evitou uma pesada cadeira que voou em sua direção mas foi atingido por um prato que estilhaçou-se em seu ombro, causando-lhe muita dor. As correntes que prendiam An Lepard no teto, no encaixe de um lustre eram fortes, mas o teto logo cedeu levando o corsário de encontro ao solo. O corpo de Kiorina era arrastado lentamente no chão carpetado.

Kyle avançava sem dificuldades, inabalável pelo vento que era cada vez mais úmido e gelado. Zoros segurava-se ao corrimão e gritava desesperado. – Kyle! Guarde a espada! Guarde a espada antes que seja tarde demais! GUARDE A MALDITA ESPADA!

Kyle vendo Zoros sendo castigado pelos ventos e gritando algo que mal podia escutar lutou para guardar a espada, que por um instante, parecia ter vontade própria e continuar sendo empunhada.

Aos poucos o vento abandonou o local, deixando-o totalmente molhado e revirado.

Zoros disse aliviado, – Graças aos espíritos da água! Você foi forte o bastante para impedi-la!

– Impedi-la?

– Sim... depois eu lhe explicarei. Por hora, precisamos subir. Pressinto a raiz de todo o mal que vimos acima de nós. Precisamos lidar com isto agora.

Fernon apalpava seu ombro e verificava com grande ódio, sua preciosa bola de cristal, estava em pedaços. Seus cabelos e seu corpo estavam encharcados. Não fosse sua proteção contra os elementos estaria tremendo de frio. Neste momento não podia prever os acontecimentos. Começava a perder o controle da situação e não gostava nada disso. Seu coração acelerado temia o que podia acontecer e sua mente perversa voltou-se para uma coisa só. Seu anel. A grande pedra negra, em forma de ovo, perfeitamente polida presa ao anel por pequenos e delicados ganchos de metal. Precisava usar seu presente, precisava chamar Mirtzlorgh. E assim o fez. Pensou no grande mal, humilhou-se e pediu-lhe auxílio.

– Mirtzlorgh, oh criatura dos abismos! Senhor das trevas que me guia. Ajuda seu servo em seu momento de agonia! Dê-me a vingança de que preciso. Venha a mim, Mirtzlorgh! Ouça a voz daquele que já lhe ofereceu grandes sacrifícios. Ajuda seu servo em seu momento de necessidade!

An Lepard, desperto e sem forças observava com horror a expressão de loucura do homem que evocava o mal. Uma voz negra e distorcida preencheu o recinto partindo do anel, fazendo o coração de An Lepard comprimir-se. – Fernon... Eu te escuto. Estás longe do templo... Estás longe de nós, mas ainda assim o escuto. Como sempre, o que lhe dou, tem seu preço...

Fernon tremeu e gritou. Ajoelhou-se no chão sentindo muita dor e observou sua mão murchar diante de seus olhos. Toda carne se esvaiu, e sua pele encolheu e ajustou-se, negra ao redor de seus ossos. O anel brilhou com uma bola de

escuridão e desta, uma fumaça púrpura escapou. Fernon gemia enquanto a fumaça tomava forma ao seu lado.

Kyle e Zoros entravam no salão naquele momento. Zoros assustou-se com o que viu. Kyle observou o local e percebeu o corpo de Kiorina caído no canto. Furioso desembainhou a Maré Vermelha e partiu contra Fernon. A fumaça púrpura colocou-se na frente de Kyle e num instante deu forma a um terrível demônio.

Do anel, a voz de Mirtzlorgh disse, – Eu te dou, Fernon, um de meus filhos, Miorcrovus.

Miorcrovus era uma criatura horrenda. Possuía seis pernas peludas como as de certas aranhas. Acima destas, sua cabeça, tórax e abdome fundiam-se numa forma tubular lisa e gosmenta, em cuja ponta havia uma boca em forma de disco com centenas de dentes pontiagudos. Seus olhos eram mais de quarenta, vermelhos como brasas, dispostos em linhas circulares ao redor de seu pescoço. Logo acima do que parecia ser seu abdome, projetavam-se radiados, uma dezena de compridos tentáculos amarelados.

A criatura disse numa voz estridente, horripilante e descompassada. – Vou comer suas carnes e almas, ridículos mortais!

Kyle sentiu o horror da criatura, mas no momento sua fúria era maior e brandiu a Maré Vermelha contra um dos tentáculos amarelos decepando-o. O demônio chiou e com grande ódio, projetou quatro tentáculos contra Kyle. Os tentáculos possuíam pequenos pelos amarelos, como os de certas lagartas. Um deles enrolou-se no braço de Kyle com força. Kyle sentiu o toque do tentáculo como um fogo quente que lhe queimava a pele.

Fernon arrastava-se e pressionava a mão degenerada contra o peito cobrindo-a com sua mão saudável.

Em seguida, o outro tentáculo, muito ágil envolveu o braço com o qual Kyle empunhava a Maré Vermelha. O demônio lhe disse, – Solte esse brinquedo menino... – Com grande violência girou o Kyle retirando-o do chão e batendo-o contra a parede. Uma, duas, três, até que na quanta vez Kyle não resistiu e soltou a espada, justamente no momento em que uma leve brisa fria preenchia o quarto.

Vendo a espada atingir o chão, o demônio aproximou de Kyle já inconsciente. A boca horrenda da criatura quase dobrou de tamanho ao abrir-se.

Neste instante, Zoros liberava toda sua energia em sua última cartada. Uma forte magia que evocou uma dezena de dardos de gelo que voaram com precisão contra o corpo disforme de Miorcrovus. Os dardos, do tamanho de espadas, enterraram-se na criatura que soltou Kyle no chão. Perdendo o equilíbrio, o

demônio abriu as pernas tombando contra o chão. Para evitar o impacto, a criatura apoiou-se no chão com os tentáculos.

Kyle que estava inconsciente, ao atingir o solo visualizou uma forte e cegante luz dourada. Despertou em seguida e viu a criatura arrancando com os tentáculos lanças de gelo encravadas em seu corpo. A coisa gritava e parecia xingar em uma estranha e sinistra linguagem. Zoros transpirava e não tinha forças para ficar de pé. Não poderia evocar sequer um simples feitiço. A criatura se recompunha retirando, um dardo após o outro e parecia recobrar suas forças. – Tolo! Despresível... Vou fazer você sofrer seu maldito elfo. – A criatura mancava, com um dardo atravessado em uma das pernas e aproximava-se de Zoros cada vez mais.

Kyle tentava ficar de pé, mas sentindo uma dor lancinante, percebeu que havia fraturado a perna direita, na altura da canela. O cavaleiro, visualizou a Maré Vermelha, no chão e fazendo grande esforço arrastou-se em sua direção. Seus braços ardiam, e neste momento percebeu que havia bolhas vermelhas em tiras, justamente onde fora envolvido pelos tentáculos.

Zoros perdia as esperanças e via a morte horripilante aproximar-se. Desesperado, arrastava-se na direção contrária buscando as escadas. Sentiu uma forte pressão no tornozelo esquerdo. Fora capturado por um dos fortes tentáculos da criatura. Zoros cravava as unhas no chão, mas era arrastado para trás puxado pela criatura que salivava esticando a boca na direção do mago.

A dor de Kyle era imensa e não conseguia alcançar a espada. Lembrado-se dos ensinamentos de Noran, procurou concentrar-se. Precisava meditar, somente através da meditação teria alguma chance. Como que por milagre, escutou vozes do além. Dentre elas, escutava a voz de Noran.

Noran soava desesperado, “Eu preciso ajudá-los!”

Uma voz calma e plácida respondeu, “Não Noran, você não pode. Seu tempo acabou. Seu corpo já se foi. É hora de vir conosco.”

“Como assim não posso? Quem irá me impedir?”

“Por favor não vá!” pediu a voz de um homem. Uma voz feminina disse, “Se não voltar conosco, não poderemos ajudá-lo, você irá cair.” Outro completou, “Você já tem maturidade para entender, o destino deve seguir seu curso. E por hora, seu tempo de interferir terminou. Assim é a Lei.”

“Dane-se a Lei! Meus amigos estão sofrendo e morrendo lá, e eu não quero ir. Vou ajudá-los.”

“Se é assim, que você quer. Não poderemos ajudá-lo. Ficará preso.”

“O quanto a Kyle? Ele ainda está lá? Mas pelo que entendi, sua hora já passou.”

“Um infeliz acidente.”

“Já tomei minha decisão! Vou ficar.”

“É triste ouvir isto meu caro Noran, pois você merecia algo melhor.”

Zoros estava suspenso no ar pelos tornozelo. Encarava a terrível boca do demônio e sentia seu hálito sulfuroso. Foi solto pela criatura que contorceu-se num grande espasmo.

– O que? O que é isto? – urrou o demônio. – Não! Pare! Pare seu maldito, isso dói demais!

Kyle observou a criatura contorcer-se atirando-se no chão, xingando e gritando desesperada. Sua pele tornou-se instável e dela, jatos de gás púrpura saíam. Logo uma grande quantidade de muco borbulhante tomou o lugar da criatura e uma forte concentração da fumaça púrpura dispersou-se pouco a pouco.

Kyle virou-se procurando por Fernon, não havia sinal do necromante. Viu apenas Kiorina tossir e abrir os olhos.

CAPÍTULO 25

Era um belo dia ensolarado que anunciava a chegada do verão. Os jardins do novo e grande palácio de Lacoresh possuíam uma decoração sombria. Ainda assim, eram belos jardins especialmente sob a radiante e generosa luz do sol. As plantas tinham folhas verdes escuras, caules espinhosos e muitas das flores eram vermelhas ou quase negras. As flores dominantes eram as rosas, muitas e muitas rosas.

Um grande banquete estava em curso. O almoço dava seqüência à magnífica festa da noite anterior, porém tinha um número reduzido de convidados. Estavam presentes: a família real, os grandes senhores de terra, alguns representantes do clero e líderes das milícias. A enorme mesa estava sob a proteção de um toldo de tecido branco fortemente esticado e suportado por traves de metal. Músicos tocavam canções tranquilas ao longe e alguns dos convidados com seus belos trajes, passeavam pelos jardins, longe da mesa.

Lorde Calisto sentava-se próximo a uma das cabeceiras da mesa, na qual estavam o rei e a rainha. Vestia-se com roupas novas, calças escuras e uma camisa longa, de seda cinza clara. Pouco antes da reifeição ser servida, o novo nobre recebera presentes dos importantes convidados. O Barão de Bandeish, alto, magro e elegante, ofereceu-lhe dezenas de roupas, botas, capas, toalhas e tapetes. Todo material era finamente manufaturado pelas guildas tecelãs de Bandeish. O baronato era famoso por sua produção de tecido e por seus habilidosos alfaiates. O jovem e belicoso barão Aaron de Whiteleaf ofereceu-lhe uma força de cinqüenta soldados equipados com espadas escudos e cotas de malha. Um pequeno poderio militar, presente que Lorde Calisto apreciou imensamente. O duque de Kamanesh ofereceu-lhe cinco cavalos os quais poderia escolher numa visita ao castelo e estábulos de Kamanesh. O duque preocupava-se com seu novo vizinho e temia problemas na transição das três vilas, que pertenciam ao ducado. Calisto percebeu que precisava ser cauteloso com o duque e especialmente com seu filho, Sir Clyde, que enxergava o novo nobre como uma ameaça ao ducado.

Outro rival em potencial seria o jovem barão de Whiteleaf. Com a morte do Conde de Montgrey, nenhum nobre havia ascendido para tomar sua posição. No momento, comentava-se que Aaron era forte candidato, mas agora, já surgiam

rumores de que Lorde Calisto poderia vir a receber o desejado título de Conde, especialmente por ter recebido território tão próximo às terras reais.

Do gordo, generoso e falastrão, barão de Lersh, Calisto recebeu cem cabeças de gado. Do barão Ludwig Fannel, uma tiara de prata com uma esmeralda cravejada e diversos barris do famoso vinho montês de Manille.

Do Rei, nenhum presente além das terras, da Rainha, porém, recebeu os criados que lhe prestavam auxílio no castelo. Calisto comentou, na noite anterior, seu contentamento com os serviços dos criados.

Aos poucos, Calisto tomava consciência da teia de interesses e intrigas em que penetrava. Considerou cuidadosamente algumas possibilidades. Para ascender no poder, poderia fazê-lo pela força, ou por meios naturais. Um casamento bem escolhido poderia trazer-lhe progresso. A primeira consideração foi a filha do Conde de Montgrey. Como conde, seria mais poderoso, teria mais terras e mais soldados. Mas soube que ela desejava casar-se com um cavaleiro, ainda assim, ela não possuía terras. Por isso, a posição poderia ser desvantajosa. Havia também a filha do Duque, Lady Kátia, uma moça morena e atraente, mas um tanto estranha. As terras do ducado eram as mais vastas do Reino. Mas havia o problema do herdeiro, Sir Clyde além do próprio Duque, um homem ainda bastante vigoroso. Outra boa opção era a filha de Maurícius, princesa Hana, uma mulher mais velha, com seus trinta e poucos anos de idade. Casando-se com ela, seria uma questão de pouco tempo até o rei morrer, então haveria apenas um empecilho, os príncipes Serin e Lanark. Calisto sabia que Serin era um necromante.

Antes do banquete, cruzaram olhares por algum tempo. O jovem não gostou nada do olhar profundo e compenetrado de Serin. Sua pele lisa e pálida contrastava fortemente com seus cabelos negros, lisos e ensebados. Em seguida um calafrio trouxe-lhe uma má impressão do nobre. O príncipe parecia emanar em sua aura, grande sede de poder. De alguma forma, suspeitava que iriam se confrontar, mais cedo ou mais tarde.

Quanto a Lanark, o outro irmão, parecia ser apenas um tolo portador de um ridículo corte de cabelo em forma de cuia. A idéia de casar-se com Hana, no entanto, incomodava-o um pouco. Numa rápida conversa que teve com ela naquela manhã, percebeu grande ambição e um estranho olhar, que o deixou confuso. Ninguém, nem mesmo Weiss deixava-o confuso apenas com um olhar. Farejava bruxaria e não se surpreenderia se toda a família estivesse metida com magia. Restava sua última opção e a melhor até o momento, a própria Rainha

Alena. Jovem, bonita e aparentemente inocente e indefesa. Além disso, infeliz no casamento com um velho decrépito.

Apesar de todas as idéias, Calisto começava a irritar-se um pouco com a situação. Bajulação, conversas fúteis, comida e bebida em excesso. Um pouco curioso quanto aos pensamentos do Rei, resolveu fazer uma pequena investigação. Olhou-o com o cantos dos olhos expandindo sua consciência a fim de captar os pensamentos do monarca.

Antes que pudesse captar qualquer coisa engasgou-se. Algo parara em sua garganta e não queria sair. Não conseguia respirar e a situação ficou um pouco embaraçosa. O barão de Lersh que estava sentado três assentos ao lado levantou-se e posicionou-se atrás de Calisto que estava com o rosto vermelho. Bateu forte com as mãos espalmadas nas costas do jovem e disse, – Não se preocupe Lorde Calisto, eu entendo de engasgos.

Calisto surpreendeu-se ao enxergar uma imagem do rosto do rei na superfície do seu prato de sopa. A imagem disse-lhe irritada, – Nunca! Nunca ouse tentar seus truques contra mim, está entendido? Da próxima vez, você morrerá sem ar. – Em seguida, a imagem apagou-se e Calisto cospiu um objeto dentro da sopa. O barão de Lersh muito satisfeito anunciou, – Não lhe disse jovem Lorde? Sobre engasgos, eu entendo!

Aproveitando a deixa o Rei Maurícius anunciou, – É muita emoção para tão pouco tempo! Minha idade já me trai... Se todos me derem suas licenças, vou repousar um pouco. – Levantou-se e falou com Alena. – Se for o desejo de Minha Rainha, pode ficar a aproveitar o banquete.

O príncipe Serin levantou-se e anunciou, – Posso acompanhá-lo Majestade? Gostaria lhe falar.

– Pois sim, meu filho, vamos. – Encarou Calisto e disse-lhe sorrindo, – Melhoras meu caro, e aproveite a festa.

Calisto ainda ofegante respondeu com ódio contido, – Muito obrigado Majestade! – Observou Maurícius tomar distância com olhar fixo, mas teve a atenção atraída para a Rainha.

Alena sorriu para Calisto e perguntou-lhe, – E então Lorde Calisto, onde vivia até então?

Calisto ficou um pouco sem jeito com a maneira com a qual a Rainha lhe falava. Era a segunda vez em um dia que o olhar de uma mulher deixava-o confuso. Seria uma bruxa também? – Nenhum lugar em especial. Um aposento confortável e muitas estantes com livros para ler.

– Então gosta de ler? Que interessante! Ler é o meu passatempo favorito. – disse a Rainha simpática.

Calisto não compreendia aquele excesso de gentileza, mas mentiu para não ser rude. Na verdade, não gostava de ler, mas era obrigado, primeiro por Thoudervon, depois por Weiss. – Gosto de ler, sempre que tenho tempo.

– E que tipo de leitura gosta mais?

– Tipo? Ah... política.

– E quanto aos romances?

– Romances?

– Sim.

– Nunca li.

– Nunca?! Tenho ótimos romances, e volumes de poesia épica também, talvez queira levar alguns emprestados?

Disse, – Ah sim, claro. – e pensou, – Para que diabos alguém perderia tempo lendo romances? Isso me dá uma idéia, vejamos no que pensa essa Rainha, na realidade. – Com um pequeno toque na mente da Rainha Calisto captou uma informação que o fez abrir um largo sorriso. Pensou, “É romântica e sonhadora... Ela me acha bonito!! Oh, isso vai ser muito mais fácil do que imaginava! Talvez nem precise dobrar a mente dela, ela poderá gostar de mim naturalmente”.

Ao mesmo tempo, a princesa Hana observava a conversa e pressionava os lábios. Pensava, “Isso não é nada bom! Vamos ver Lorde Calisto, o quanto você é capaz de resistir a verdadeiros encantos femininos.” Chamou a atenção de Calisto e disse sedutora, – Por favor, Lorde Calisto, poderia passar-me a jarra de vinho?

Enquanto o menino passava a jarra, Hana desabotoava a capa de seda escura que cobria seu peito colocando-a na sobre o encosto. – Ficou quente, não? – Sem a capa, Hana revelava um provocante decote que ficou em evidência quando ela inclinou-se para receber a jarra das mãos de Calisto. Antes de tomar a jarra acariciou os dedos do rapaz por uns instantes. – Muito obrigada, meu Lorde.

Calisto caiu na armadilha e não pôde evitar notar os grandes talentos da princesa. Engoliu seco e encarou-a olhos nos olhos ficando confuso pela terceira vez naquele dia. Momentos depois, recobrava a plena consciência e pensava, “Eu não vou me deixar influenciar por este tipo de coisa. Um grande imperador tem que libertar-se das perigosas influências femininas. Tem que ser frio e capaz de usar as mulheres para atingir seus objetivos, e nada mais.” Mesmo pensando

nisso com grande determinação, até o fim do banquete seus olhos foram incapazes de evitar o decote da princesa Hana ao menos por três outras vezes.

***

Enquanto o banquete em honra do novo nobre seguia seu curso, uma sinistra reunião estava para começar. Aqueles que eram conhecidos entre si como, Os Sete, reencontravam-se pela primeira vez após a ocasião em que comemoraram o sucesso dos estratagemas de quase uma década para conquistar o Reino de Lacoresh.

O Rei Maurícius e seu filho, Príncipe Serin entraram no sombrio salão de encontros, nas catacumbas do Castelo Real. O local era iluminado à luz de velas, poucas na realidade. Dois pares em um candelabro sobre a mesa e três mais sobre uma cômoda em um dos cantos do salão. Lá estavam à espera, quatro figuras sombrias e malévolas. Havia uma mesa retangular e sentado à cabeceira estava aquele considerado o mais poderoso e terrível: O esqueleto Thoudervon. Vestia o habitual manto avermelhado, que revelava apenas o crânio e as mãos. Ele foi o primeiro a falar com sua voz nada humana, – Rei Maurícius, Príncipe Serin. Felizes por conhecer o prematuro?

Maurícius percebeu o sarcasmo escondido e não revelado no tom de voz da criatura, mas procurou ignorá-lo. – Digamos que foi bastante interessante. – disse o velho e sentou-se, no lugar vago ao lado da cabeceira oposta, vazia, e ao lado de Himil Weiss, o deformado monge Naomir que se afundara nos caminhos das trevas. Serin sentou-se imediatamente à frente do pai, ao lado de Alexanus, o atual líder da ordem dos magos, instrutores da Alta Escola de Magia.

No lado oposto, sentado à direita de Thoudervon, estava Arávner, o mais alto e pálido dos presentes. Ele disse impaciente, – Temos a mesa, composta, com exceção de nosso imprevisível, e, sempre atrasado, companheiro Rodevarsh.

Para a total surpresa de Arávner uma voz chinfrim respondeu do lugar vazio ao lado de Alexanus, no outro lado da mesa. – Engano seu velho amigo, estava aquí, já há algum tempo. – Saltou apartir do assento vazio, um pequeno rato negro com olhos vermelhos e brilhantes.

Um mal estar surgiu no local, principalmente por parte de Arávner, poderia estar ele distraído a este ponto? Como pode não notar a presença do aliado. A vozinha falou novamente, com ar de triunfo, – Vamos lá, velho amigo. Não fique

preocupado por não ter sido capaz de detectar minha presença. Acredite-me, esforcei-me bastante para conseguir este feito.

Serin um pouco nervoso falou, – Então, antigo Thoudervon, podemos começar nossa reunião?

– Ótimo jovem Serin, comecemos!

Alexanus, o mago, possuía cabelos grisalhos, rosto magro e compenetrados olhos azuis. Lia com seu olhar os sinais corporais de cada um dos presentes. Tornou-se um homem quieto e observador na medida em que desceu mais e mais nos caminhos das trevas. Percebia muito com sua observação afiada. Identificou o conflito e competição que havia entre o silfo Rodevarsh e Arávner. Sabia de muito que seria falado naquele encontro e gostava de fazer previsões. Sorriu ao prever crescentes conflitos que em última instancia poderiam beneficiá-lo.

Weiss chiou, – Proponho sacrifícios ao Lorde do submundo.

Arávner havia cuidado deste detalhe o logo chamou seu criado, Kurzeki através de comandos mentais. “Kurzeki, trazei a garota.”

Pouco depois a risada irritante e constante de Kurzeki preencheu o salão. Ele trazia nos braços uma jovem. Uma moça que nunca atingiria a maturidade, uma infeliz camponesa.

Arávner anunciou, – Ela é inocente e tem um bom coração.

Weiss chiou excitado, – O tipo que eles adoram ver eliminados da face deste mundo!

Alexanus não conseguiu evitar engolir seco por uma fraqueza que ainda carregava: certa compaixão por inocentes.

A moça foi posta sobre a mesa e Arávner livrou-a de seu transe, deixando sua consciência liberta. Porém, todos seus músculos permaneciam imóveis, presos pela vontade do cruel Arávner.

Thoudervon ordenou, – Façam-no rápido, não temos tempo para longos rituais.

A moça horrorizada observava sem poder reagir à investida de Serin. O príncipe, fascinado pela morte, empunhava uma lâmina delicada. Disse com grande ternura, – Não se preocupe querida, vou aproveitar seu corpo. Será uma ótima criança das trevas.

Alexanus não resistiu e secretamente operou um feitiço que fez com que a moça experimentasse uma morte sem dores, e mostrou-lhe, imagens ilusórias de céus abertos e campos floridos. Serin cravou o punhal no coração da vítima e sorriu. Estava feito o sacrifício. A moça tremeu consultivamente e morreu,

momentos depois. Kurzeki retirou-se. Houve um silêncio enquanto aguardavam a saída do verme.

O velho mago teve a impressão de que era observado por Thoudervon, mas era algo impossível de dizer, pois a criatura não possuía olhos, apenas as fendas escuras da face esquelética.

Quase ignorando o sacrifício, Thoudervon comentou, – Nosso colóquio finalmente pode estabelecer-se.

– Pois sim. – disse Rodevarsh, num tom de voz etéreo. Neste momento assumia a forma de uma sombra instável que tomava lugar no assento vazio.

– Estou particularmente satisfeito. – declarou Arávner. – Chegamos a um novo e importante momento da quarta fase de nosso estratagema.

Thoudervon concordou, – Verdade. Pois me digam, aliados, o que acharam do debute do prematuro Calisto?

Serin foi cauteloso e mesmo preocupado. Procurou não denunciar seus sentimentos, – Jovem e forte. Acima de tudo, belo. Parece perfeito para seu papel.

Maurícius disse incomodado, – Pode ser que ele agrade, porém temo que possa tornar-se um problema. Não gosto dele. Temo que possa fugir ao controle.

Rodevarsh ponderou, – Ninguém tem que gostar, precisamos tolerá-lo, seguir com os planos e cumprir os objetivos.

Weiss riu-se, – Você o teme, Maurícius! Pois eu lhe digo estimado Monarca, ele está sob meu controle, e pode muito bem continuar como está!

Arávner duvidoso criticou, – Pareces muito confiante Weiss, talvez algo que tenhas aprendido com o menino?

Weiss torceu os músculos queimados e deformados de sua face e bateu na mesa. – Não duvide de mim... Ele é apenas um menino.

Rodevarsh, em sua forma natural, um silfo muito velho com um tapa olhos provocou, – Um menino sim, mas indefeso?

Arávner interveio, – Não há motivos para temê-lo, já medi seu poder, e aprendendo por si só como faz, nunca será capaz de oferecer perigo.

– Mas se conseguisse um professor? – indagou Maurícius.

– Quem? – retrucou Arávner. – Quem? Simplesmente não há ninguém. Nunca seria capaz de entrar em Tisamir, e sua essência foi trabalhada para absorver muito das trevas. Nem mesmo um Tisamirense desgarrado tomá-lo-ia como aluno.

Rodevarsh considerou, – E quanto ao discípulo de Kivion.

– Sem chances. Além do mais, acredito que minhas instruções aos nossos colegas tenham sido claras. Fizessem o que quisessem aos outros, mas para o discípulo de Kivion, a morte.

Weiss sibilou, – Oh! Mas não se esqueça caro Arávner! Que o jovem DeReifos fosse trazido a mim.

– Como quiseres...

Serin divagou olhando para o teto negro e disse, – Terá sido prudente confiar o poder de Miorcrovus a alguém como Fernon.

– Foi-lhe dito para não evocá-lo a não ser em extrema urgência. – respondeu-lhe o pai.

– Ainda assim, – considerou Rodevarsh, – é cada vez mais seguro contar com as influências das profundezas, a cada dia que passa, há um progressivo fortalecimento.

– É verdade, mesmo que o use, não seria desastroso nesses dias. – confirmou Maurícius. – Mas ainda, há uma preocupação.

– Qual? – quis saber Arávner.

Maurícius revelou, – Seu irmão, caro Rodevarsh, o bucólico silfo Modevarsh. E não minta sobre sua morte novamente.

Rodevarsh visivelmente irritado respondeu com os lábios cerrados, – O desgraçado enganou-me pela última vez, mas logo chegará o momento...

– Mas pai, porque o silfo Modevarsh seria uma ameaça.

– Poucos sabem, meu filho, que o silfo Modevarsh adentrou e domina os poderosos fluxos de Jii.

– Entendo, ele poderia instruir o Primogênito. Especialmente se descobrir nossos planos. Talvez criar um vilão poderoso, capaz de enfrentar outros que ele mesmo é incapaz de derrotar.

– Exato filho! Por isso é que defendo a idéia que sempre defendi. Que o Prematuro seja mantido em cativeiro, que fique confinado no subterrâneo da Necrópole.

Arávner contrapôs a idéia, – E com isso assumiríamos muitos riscos. Se ficar preso, não poderíamos acompanhar seu desenvolvimento, não poderíamos testá-lo, e se não for ele? E se for um outro?

Thoudervon pronunciou-se, – E você Alexanus, o que teria a dizer? Por que não compartilha conosco seus pensamentos?

Alexanus pressionou os olhos e pigarreou, – O menino, conforme pude observar, é vaidoso e tem grande sede de poder. Temos que usar suas falhas para alcançarmos nossos objetivos.

Thoudervon concordou, – Muito bem, Alexanus. Ainda há certo tempo até o grande alinhamento. Joguemos com o rapaz. Há muitos jogos para jogarmos. Compremos tempo e observemos seu progresso. Ele pode ser prodigioso, mas não pode contra todos nós. Mais problemas, estimados aliados?

Maurícius, insatisfeito, procurava alguma forma de sustentar suas idéias, mas não encontrava argumentos fortes o bastante.

Thoudervon frente ao longo silêncio, voltou a falar. – Algo me incomoda. Talvez você esteja certo, Rodevarsh.

– Quanto ao que?

– Quanto ao discípulo de Kívion. – anunciou o esqueleto e fez uma pausa. Acrescentou levemente irritado. – Miorcrovus, foi derrotado. Mirtzlorgh não estava muito contente com o ocorrido. Contatei-o antes do sol, nesta madrugada. Pela lógica, o único capaz de derrotá-lo seria o tal pupilo. Isso significa que Fernon falhou. Se ainda estiver vivo, deve ser contatado. Que lhe sejam enviados reforços! O discípulo, como previ, ainda pode ser uma ameaça. Uma pena você ter perdido controle sobre ele, não é mesmo Arávner?

Arávner aceitou a crítica e retrucou, – Uma pena que estivesse viajando.

– Ao menos os resultados da viagem foram positivos. – Acrescentou Serin.

– Pois sim, jovem Príncipe. Positivos o suficiente para deixar toda esta preocupação com esse moleque em segundo plano. É verdade, precisamos ser cautelosos como sempre, mas parece estar escrito: o sucesso será nosso. Ao atingirmos a quinta fase, certamente nada poderá nos deter.

Rodevarsh esfregou as mãos e disse, – Pois trabalhemos, velho amigo, para que seu otimismo seja consolidado.

Maurícius indagou, – E quanto aos jogos, antigo Thoudervon? Quando iniciaremos os testes com o Prematuro?

– Já começaram humano... Já começaram.

CAPÍTULO 26

Para Kyle, salvar An Lepard era uma das piores coisas que já fizera na vida. Para sorte do corsário, Kiorina vivia. Mas ainda assim, essa condição poderia mudar a qualquer momento. Na realidade, a vida de todos corria grande risco. Após o desastroso ataque à mansão do Shark, poucos dos treze atacantes podiam sequer andar.

Gorum e Melgosh, assim como Kleon, sentiam fortes dores musculares, mas fora isso, podiam agir normalmente, e se necessário fosse, poderiam até lutar. Kyle com a perna quebrada caminhava com apoio de Zoros, que apesar do confronto com o terrível demônio, sentia apenas cansaço e dores. Kiorna, já desperta chorava muito com An Lepard em seus braços, leve sob a influência de sua magia de levitação.

Reunidos no jardim, sentiam grande pesar pela morte de Noran. Seu corpo já esfriava, e seu coração não batia. Archibald fizera tudo o que estava em seu alcance, mas não pode salvá-lo.

No momento, todos temiam principalmente por por Mishtra, gravemente ferida, carregada nos braços, por seu amado Archibald. Suas orações curativas foram fortes o suficiente para conter os sangramentos da Silfa, mas ainda assim sua situação era delicada.

Reunidos e conscientes de que deviam escapar a todo custo, seguiram em direção ao portão da mansão. Um dos arqueiros de Melgosh escapara das setas inimigas intacto. Seguiu à frente com grande habilidade para detectar a presença de inimigos. Muito barulho havia sido feito, e ao alcançarem as ruas, perceberam-nas movimentadas. Ao longe, soldados e guardas de Aurin surgiam a cada esquina, alguns já se agrupavam e fugir, cada vez mais, parecia uma impossibilidade.

O grupo deslocava-se lentamente e em poucos momentos seriam alcançados por um primeiro grupo de guardas. Na direção que caminhavam, escutaram o raro ruído de cascos de cavalo contra o pavimento Auríneo. Uma grande carruagem que vinha na rua perpendicular, aproximou-se do grupo desacelerando. Não pareciam ser guardas, mas ainda assim poderiam oferecer-lhe ameaça.

– Melgosh, aqui! – uma voz chamou em sílfico.

Melgosh surpreso exclamou, – Lorde Guiss!

O nobre silfo vestindo roupas escuras disse sem fôlego, – Vim para ajudá-los! O que vocês fizeram foi loucura!

O assistente de Guiss, Gshandei, pediu, – Vamos, por favor, subam enquanto há tempo.

Obviamente não havia espaço suficiente para todos. Melgosh ordenou ao arqueiro, – Allet, encontre um esconderijo juntamente com Kleon e Zoros. Depois, encontre-nos fora da cidade antes do alvorecer.

Escutando as ordens, o experiente arqueiro e profundo conhecedor da cidade de Aurin puxou Kleon pelo braço conduzindo-o a um beco próximo. Zoros seguiu-os. Apesar de mais velho, tinha o grande vigor dos silfos em suas veias. Para um humano de idade equivalente, certamente não restariam forças.

Subiram todos na carroça, mas ao fazê-lo, não puderam evitar a perseguição dos guardas.

Kiorina, em um primeiro momento de reflexão, observava o corpo de An Lepard. Estava escuro e poucos detalhes apareciam. Sentia em seu corpo, chagas e vergões. A cada toque, mais lágrimas e uma profunda dor no peito. Dentro de sua cabeça, tentava encontrar um sentido para tanta miséria e violência. Seus dias tranqüilos e despreocupados da Alta Escola pareciam um sonho distante. Uma ilusão. Seu coração endurecia, e em seu rosto e em seu olhar, fixavam-se as marcas de um amadurecimento precoce. Sentia sobre seus ombros algo como uma velhice triste e sofrida. Queimava dentro de si, a chama da vingança. Mas de novo, surgiam bons pensamentos, como um mecanismo que procurava balancear tudo e que a ajudava a manter-se com a mente sã. Lembrou-se dos dias ensolarados, nos quais teve a companhia e consolo do gentil e sorridente An Lepard. Seu Lepard, que adorava falar sobre o mar, seus peixes. Sobre as luas e as complexas marés geradas. Falava sobre sua terra, e outros lindos lugares que havia visitado. Lembrou-se das promessas de levá-la nos nove cantos do mundo, para mostrar-lhe as maravilhas que já tinha visto. E esse tipo de pensamentos fazia-na chorar, mais e mais. Lembrou-se de pobre Noran, e do choque que foi ver seu corpo e todo aquele sangue. Pensou em seus queridos amigos, Kyle e Archibald e ficou feliz por terem sobrevivido, feliz por lhe serem tão fiéis e arriscarem sua vida em nome do amor que sentia por An Lepard. E isso também aumentava suas emoções, e intensificava seu choro. Parecia que aquele era o momento mais triste de sua vida e em tudo que pensava, enxergava tristezas. Lembrou-se de seus pais, lembrou-se de Dora. Teria a criada de quem gostava tanto morrido assim como seus pais? Chorou por nunca ter feito as pazes com seu pai. E chorou de ódio ao lembrar-se de Chris Yourdon, um rival dos tempos

de escola que tornara-se cruel e terrível vilão aliados dos malditos necromantes. E sua memória voava longe, e sentiu muita tristeza e saudades dos anões que a acolheram enquanto esteve sob o cativeiro dos necromantes, enquanto sofreu presa pelo sádico Fernon. Enquanto assistia a miséria e humlhação daquele povo tão unido e companheiro. O quanto aprendera justamente com os anões, e o querido Thodur Balink, e suas longas barbas cinzentas. Seu jeito rígido e severo, que convivia com serenidade e doçura. Foi com os anões que a frágil menina, criada numa cúpula de cristal, aprendeu a resistir às durezas da vida. E um ciclo se fechava. Pelo sacrifício de Noran, ela e Mishtra escaparam de piores tratos por parte dos Necromantes. Seu cativeiro fora suportável, justamente porque Noran se sacrificara, agindo em conjunto com o mal, fazendo o mal a outros e por conseqüência a si mesmo. E depois de tudo isso, num novo sacrifício ele morrera. Sacrifício que em última análise, ocorreu por causa dela e de seu forte impulso por resgatar An Lepard. E lá estava ele, semimorto em seus braços, sendo banhado por um rio de lágrimas. E tantos pensamentos, tantas reflexões que mal pode ouvir o que ocorria à sua volta. As palavras ditas em sílfico se embrarlhavam e não passavam de um pano de fundo para seu intenso sofrimento.

Melgosh surpreso ainda surpreso com a ajuda de Lorde Guiss indagou, - Mas Lorde Guiss, por que arriscar-se para nos ajudar?

– Tinha espiões observando a casa de Shark dia e noite, logo que o ataque iniciou-se, recebi notícias. Soube também de um estranho carregamento trazido do navio dos humanos, caixões. Algo que me intrigou mais ainda.

– Mas não faz sentido, podemos ser pegos, o Sr. pode ser implicado, ligado a assassinatos.

Lorde Guiss observou An Lepard com pesar e escutava o constante choro de Kiorina. – Que seja! Cansei-me de colaborar com aquela criatura suja. O simples fato de fazer negócios com um vilão cruel como Shark, foi o suficiente para tirar meu sono. A degeneração de nosso povo está passando dos limites! Percebi isso antes de ontem, durante um almoço de negócios com Shark. Ele é doente o que fez a este pobre rapaz é impensável. E é assim que trata outros tantos, inclusive nossos irmãos de raça.

– Entendo.

– Resolvi ajudá-los para que pudéssemos nos ajudar. Penso que é hora de quebrarmos esse sistema, mudar o que ocorre com nosso povo, e você Melgosh,

tem meu respeito. Respeito sua coragem e acredito que poderemos organizar um movimento para ir de encontro a essa insanidade em que vivemos.

Melgosh parecia um pouco emocionado. – Agradeço sua estima por mim. Meu pai ficaria feliz se pudéssemos lutar juntos contra a degeneração de nosso povo.

Lorde Guiss estava entusiasmado e proseguiu, – Eu sei, ele era muito honrado, um silfo digno de juntar-se aos bravos heróis do passado. Percebi que é hora de agirmos, existem muitos simpatizantes das idéias abolicionistas. Pois sim, o primeiro passo para dignificar nosso povo é com o fim desse covarde regime escravagista.

– Entendo caro Lorde Guiss, mas estes são uma pequena minoria entre os Farmin. O grande clã depende basicamente de escravos para viver, como convencê-los a abdicar de coisa tal? Essas idéias, partindo daqui, fatalmente levariam a uma guerra civil entre os grandes clãs. Os Orb e os Maki, provavelmente ficariam do nosso lado, contra os Hiokar e os Farmin.

– E quanto aos Mikril?

– Essa é a chave da questão, para termos alguma chance de sucesso, precisamos fazer com que mudanças partam diretamente do nobre Clã Mikril.

– Mas como, caro Melgosh?

– Tempo. Sempre há tempo o suficiente se formos pacientes. Por hora, uma grande tentativa, acabaria em violência, guerra e fracasso.

O cocheiro era muito habilidoso e conhecia as ruas de Aurin muito bem, pode sem muitas dificuldades despistar dois grupos que os perseguiam e rumar para fora dos limites da cidade.

Enquanto isso, Allet, Zoros e Kleon chegaram até o canal onde um dos botes de Melgosh os aguardava para a fuga. Zoros usou suas últimas reservas de energias para convocar seus amigos, espíritos elementais da água. Sua atuação pode apenas garantir-lhes a saída segura da região portuária de Aurin. Após isso, todo o trabalho de remar ficou para Kleon e Allet.

CAPÍTULO 27

Radishi e Roubert mal tiveram a oportunidade de conhecer Audilha. Estavam em um bosque a norte da vila, num vale entre dois morros altos, quase montanhas. Perto de onde estavam, corria um riacho cujos sons podiam escutar. Muitos insetos tornavam aquela noite um tanto ruidosa. Estava um pouco frio e úmido, ainda assim, os ares eram agradáveis.

Estavam bem quietos, e comiam queijo seco oferecido pelo Cavaleiro Vermelho. Sentavam-se sobre grandes pedras cobertas por musgo macio e levemente escorregadio. O pouco de iluminação com que contavam partia da bela espada carregada pelo Cavaleiro Vermelho. Uma fraca chama rodeava a lâmina que repousava sob a pedra ao lado de seu dono.

O misterioso cavaleiro, não falava muito, conseguia até ser mais quieto que Roubert. O máximo que Radishi conseguiu tirar dele foi, – Vamos esperar aqui. – Logo depois ele recostou-se na pedra, sem retirar o elmo e ficou muito quieto, parecendo dormir.

O bosque era pouco denso e podiam avistar o céu estrelado e apreciar a beleza das luas suspensas no céu. Estavam parcialmente iluminadas, divididas exatamente no meio. Radishi e Roubert perceberam que tinham algo em comum quando se alertaram mutuamente sobre o surgimento da pequena lua azul cintilante atrás da maior lua, especialmente amarela naquela noite.

– Então conhece bem as posições das luas? – disse Radishi.

– Um pouco, gostava de observá-las do alto de certas árvores em Shind.

Quando a pequena lua azul cintilante nasceu, saindo de trás da grande lua amarelada, seu forte brilho trouxe iluminação suficiente para o tisamirense observar detalhes na superfície da armadura do cavaleiro. Além de desenhos curvos, pode observar uma série de símbolos escritos em algumas placas da grande armadura.

Um pouco distraído, teve a atenção chamada para um assobio que não parecia ter sido emitido por nenhum animal. O Cavaleiro Vermelho ergueu a cabeça que estava recostada na pedra atento em direção ao assobio.

O assobio soou uma segunda vez e o Cavaleiro ficou de pé erguendo a espada flamante acesa.

Pouco depois, Radishi percebeu sinais e pensamentos de Vekkardi aproximando-se. Estava acompanhado de uma outra pessoa desconhecida.

Para Vekkardi, encontrar-se com Radishi e Roubert, naquela ocasião, foi uma surpresa. Radishi abraçou o companheiro de viagens aliviado.

O Cavaleiro Vermelho observava quieto enquanto Will aproximou-se dando dois tapinhas na lataria avermelhada.

Radishi disse, – Modevarsh está bastante preocupado com você, caro amigo.

Will ao escutar a fala de Radishi intrometeu-se, – Desculpe-me, mas você acabou de dizer Modevarsh?

– Pois sim – confirmou o tisamirense. – Chamo-me Radishi, e este é Roubert.

– Sou Will, prazer em conhecê-lo. Se estão com o Vermelho, acho que posso confiar em vocês. Vermelho, este é Vekkardi, ajudou-me na taverna contra uns guardas abusados.

Vekkardi trocou um aperto de mãos com o cavaleiro que tinha uma pegada forte. Tinha um vozeirão abafado, – Cavaleiro Vermelho, é assim que sou conhecido.

– Acho que já ouvi algo a seu respeito, não lutou numa guerra contra os bestiais há mais de vinte anos?

– Sim, é como dizem. – respondeu quase imóvel.

Ao mesmo tempo, Radishi voltou ao assunto, – Diga-me Will, por que o interesse pelo nome Modevarsh.

– Falam do silfo Modevarsh, não é mesmo?

– O próprio – confirmou Roubert.

– Fantástico! Seria possível vê-lo? Quero dizer, vocês sabem onde ele está?

Vekkardi um pouco desconfiado disse, – Por que tanto interesse pelo Sr. Modevarsh, caro Will?

A face de Will iluminou-se quando cruzou as idéias lembrando-se de Vekkardi lutando na taverna. – Oh Vekkardi, não me diga que estudou com ele!? Aprendeu o Kishar com o lendário silfo Modevarsh?

– Sim, sou seu discípulo.

– Isso quer dizer que ele está vivo?!

– Sim, estivemos com ele recentemente. – acrescentou Radishi.

– Quando escutei boatos sobre a atuação do Silfo Modervarsh na libertação de centenas de escravos nas minas próximas a Xilos, imaginei ser um boato, um exagero. Será possível?

Radishi explicou, – Verdade. Eu e Vekkardi estivemos lá também. Ajudamos no conflito contra os necromantes.

– Oh, que dia feliz! Meu coração está cheio de esperanças! Se puderem levar-me até ele ficaria muito grato e feliz.

Roubert, um pouco incomodado com tanta agitação por parte do humano disse, um pouco rude, – Compreendo humano, que meu ancestral seja velho e sábio, mas para que tanto estardalhaço? Qual o motivo de tanta agitação. É um silfo como outros tantos!

– Sim, sim. Mas também sou seu discípulo!

– Você é discípulo do Sr. Modevarsh?!" surpreendeu-se Vekkardi.

– Sim! Quero dizer, não... De certa forma...

– Como assim?

– Na verdade, nunca vi o silfo Modevarsh. Escutei muitas histórias a seu respeito, sim, muitas histórias. Meu avô, me contou tudo.

– Entendo – disse Radishi.

– Sim, meu avô, ele sim, estudou com o silfo Modevarsh, há muitos e muitos anos. Portanto, indiretamente, sou discípulo do silfo Modevarsh.

Vekkardi sentiu-se um pouco encabulado. Vira Will lutar, e logo, percebeu que ele era melhor. Como poderia? Nem mesmo estudou diretamente com Modevarsh e era melhor.

– Talvez – disse Vekkardi.

– Talvez o que?

– Talvez possamos ver os Sr. Modevarsh, mas só depois de cumprir meus objetivos.

– Será que posso ajudá-lo?

– Talvez, estou conduzindo uma investigação.

– Uma investigação em nome do silfo Modevarsh? Maravilhoso! É claro que vou ajudá-lo.

O Cavaleiro Vermelho, não gostando do rumo da conversa decidiu partir. Montou seu cavalo e disse. – Will, cuide deles. Tenho assuntos para resolver.

– Hei! Espere Vermelho, não vá! – disse Will em vão. O Cavaleiro Vermelho, continuava misterioso para Will, mesmo após acompanhá-lo por quase um ano.

Logo Will voltou-se para Vekkardi cheio de entusiasmo, – Você falava sobre uma investigação. Conte-me! Conte-me tudo.

– Claro. Outra hora.

Radishi alertou-os. – Sim, é melhor conversarmos depois. Parece que vocês dois foram seguidos. Sinto presenças malignas aproximando-se. Devemos partir de imediato!

Roubert ficou alerta e questionou, – Will, há algum esconderijo, algum lugar para o qual poderíamos ir?

– Sim. Sigam-me. Vamos até um esconderijo da rebelião. Fica além do bosque.

Não muito longe dali, um grupo sinistro discutia.

– Entraram no maldito bosque! De certo escaparão! – resmungou Clefto, cujo rosto estava coberto pelas sobras de um grande capuz.

O Cavaleiro Edréon estava impaciente e disse, – Desistindo tão fácil? Por acaso está com medo de um bando de rebeldes, necromante?

– Medo? Idiota... Isso se chama uso de inteligência. Eles chagaram primeiro e conhecem muito bem o bosque. Já escaparam diversas vezes por este maldito bosque.

– Inteligência você diz... – retrucou Edréon irônico, – Sua dita, Inteligência funcionou muito bem lá atrás... Se tivéssemos avançados com os soldados, desde o princípio, como eu queria, teríamos derrotado ao menos dois deles.

– Está tão certo disso, cavaleiro? E quanto ao Tisamirense? Acha que poderia ter lidado com ele usando a força? Teria feito com que seus soldados idiotas tivessem destruído uns aos outros, isso sim!

Uma outra voz, sinistra e dolorosa emergiu de trás fazendo com que Edréon pulasse de susto. – Na realidade, se o maldito Cavaleiro Vermelho não tivesse aparecido, com aquela maldita espada flamante, teríamos capturado o tisamirense de acordo com o desejo do senhor Arávner.

– Quem é você? Como sabe sobre Arávner? – quis saber o cavaleiro.

O estranho homem, muito magro, aproximou-se revelando-lhes as mãos. Estavam repletas de feridas abertas, com dezenas e dezenas de pequenas lascas de madeira atravessando a carne. – Sou Hendrish, o mestre da dor. – sorriu o recém-chegado.

Edréon sentiu um forte calafrio ao encarar o medonho Hendrish. Engoliu seco e disse, – O que sugere.

– Queimemos o bosque. Ele e tudo que nele se encontra. Se escaparem, ao menos será a última vez...

Clefto observou Hendrish com atenção e disse sarcástico, – Ótima idéia, meu caro. E como você espera que possamos queimar todo o bosque? Trouxe por acaso alguma poderosa e infinita fonte de energia?

– Claro que não, tolinho...

– Óleo? Traz centenas de galões escondidos em sua manga, de certo.

debochou Clefto pela segunda vez.

– Chega Clefto! – gritou Edréon irritado. – Diga de uma vez o que pretende, bruxo!

Hendrish colocou uma das mãos dentro de seu manto, e após um estalo de metal, retirou um objeto que atirou ao chão.

Clefto observou a garrafa metálica com cuidado e sentiu seu coração deprimindo-se. Clefto parecia assustado, – Não está falando sério, está?

Hendrish, olhou-o seríssimo com olhos penetrantes.

– Mas, mas... – engasgava Clefto. – Não há autorização para coisa tal? Não é prudente!

– Quer ou não quer eliminar os malditos?

– Não sei, libertar um demônio, assim?

– Não é um simples demônio, é um demônio sanguinário e incendiário.

– Acha mesmo que pode controlá-lo?

– Sem dúvidas... Na realidade já usei seus serviços por duas vezes. Temos trabalhado muito bem juntos.

– Se é assim, morte aos desgraçados!

Edréon não gostou nada da conversa e afastou-se. Enquanto observava de longe, os dois necromantes evocavam a criatura das trevas, com seus cânticos nigromanticos.

A garrafa tremeu, e acompanhado seu movimento, uma ruptura partindo do mundo invisível formou-se no local.

Hedrish gritava, erguendo as mãos para o céu com olhos úmidos e vidrados. – Therd Fermem! Venha a nós Therd Fermen! Um forte vento partia do redor da garrava retirando o capuz da cabeça de Clefto e soltando mechas até pouco tempo, bem comportadas do cabelo de Hendrish.

Clefto acompanhava a gritaria em uníssono, – Therd Fermen! Venha a nós Therd Fermen!

Logo depois uma forte explosão arremessou os dois necromantes à distância. Hendrish sentindo suas costas doendo, admirava sentindo forte prazer, a beleza que a horrenda criatura tinha a seus olhos.

Um demônio de formas e feições humanais distorcidas. Era bastante alto e subiu aos céus, impulsionado por enormes asas membranosas. Seu rastro emitia fumaça e rente a seu corpo pequenas chamas surgiam e apagavam-se sem parar. Era careca e tinha a cabeça repleta de pequenos chifres. Sua pele era enrugada, grossa como cascas de árvore e cheias de pequenos espetos. A boca enorme estava repleta de dentes pontiagudos e as narinas eram grandes buracos onde

uma adaga poderia entrar sem dificuldades. Sua gargalhada horrível ecoava e poderia ser escutada em Audilha, mesmo distante.

Recebendo instruções de seus evocadores, o demônio Therd Fermem entrou voando no bosque projetando de suas mãos, boca e asas diversos jatos e bolas de fogo. Chamas tão quentes, que incendiavam com vigor tudo o que tocavam.

O bosque movimentou-se em pouco tempo. Animais de todos os tipos e tamanhos fugiam em desespero do incêndio que se alastrava veloz. As gargalhadas e gritos do demônio enchiam a noite com um terror, até então, nunca visto naquelas bandas.

CAPÍTULO 28

O mar estava tranquilo e bonito. As águas azuis transparentes, cheias de cardumes e corais de cores quentes e vibrantes era um espetáculo que deixava qualquer um dos Lacoreses maravilhados. Passaram-se dias, desde a perigosa e mortífera noite em que se confrontaram com forças das trevas, em Aurin.

Com a morte de Noran, e a vida de Mishtra ameaçada, a moral dos viajantes de Lacoresh estava baixa. Todos estavam muito calados e havia pouca conversa. A própria tripulação de Melgosh, estava abatida pela perda dos três companheiros. Sentimento que era acentuado pela falha do ataque em eliminar Shark, um dos principais objetivos sob o ponto de vista dos silfos.

Mishtra perdera muito sangue, tendo sua vida mantida por um fio. Ainda não recobrara a consciência e, o encontro que teriam com o navio do Capitão Ramon, fazia-se urgente. Melgosh e o tal capitão, não tinham o que poderia se chamar de uma boa relação. Ramon era essencialmente um mercenário, trabalhando para aqueles que pagavam mais. Ainda assim, era honrado em seus contratos, o único ponto positivo que Melgosh conseguia enxergar no marujo.

Entretanto, as duas tripulações já haviam se encontrado diversas vezes e até cooperado, justamente por causa de Zoroáster, irmão de Zoros e o braço direito de Ramon. Aquele era o segundo encontro que teriam em uma semana. Os irmãos precisavam reunir-se para selar novamente o poder da temível Maré Vermelha. O encontro teria um importante objetivo secundário, ter Mishtra examinada por Zoroáster, profundo conhecedor das artes médicas e magia curativa.

Estavam na costa leste da ilha de Noo-tai, a segunda maior nos limites do Clã Orb. Na costa oeste, localizava-se Noo-pta, a terceira maior cidade dos Orb. Mesmo definida como tal, Noo-pta não passaria de uma vila, se comparada às menores cidades do Clã Farmin e Mikril.

O navio tinha as velas recolhidas e estava ancorado em uma baia, aguardando.

Kyle estava entregue a suas meditações. Com talas na perna, não andava muito. Passava a maior parte do dia em algum canto, de preferencia sob as sombras praticando meditação. Tentava fazer contato com Noran em vão. Começava a duvidar das estranhas vozes que ouvira quando se confrontavam com o demônio convocado por Fernon. As vozes e palavras apagavam-se

estranhamente de sua memória cada vez mais. Nada além de uma fraca impressão de que escutara a voz de Noran e uma promessa de ajuda.

Kyle meditava e evitava ao máximo pensamentos sobre Kiorina. Já a ruiva, cuidava o tempo todo de An Lepard, que tinha uma recuperação muito lenta. Perdera quase totalmente os movimentos do braço que fora perfurado pela seta traidora de Celix. Com esforço conseguia mexer o dedo mínimo. Quanto a andar, fazia-o com dificuldade. Fato que foi possível devido a diversas sessões de massagem e infusão de energia curativa por parte de Archibald. O ex-monge ganhara muita experiência nas enfermarias durante a guerra. Recomendava diversos exercícios a An Lepard. Naquela manhã, o marujo acordara sem a maior parte do inchaço em seu rosto. Uma cicatriz vertical na maça do rosto e outra diagonal na testa, acima do olho esquerdo, marcariam-no para sempre. Além disso, teve os cabelos cortados quase por completo para tratar diversos ferimentos na cabeça. Mesmo a salvo e junto de sua amada, estava triste e traumatizado. Pouco antes, sorriu pela primeira vez ao ter uma rápida conversa com Gorum. O gigante estava desolado com a morte do amigo Noran. Ainda assim, foi capaz de fazer uma piada, lembrando-se de um companheiro mutilado na guerra contra os bestiais, em sua juventude. Kiorina agradeceu e abraçou Gorum. E durante um tempo chorou um pouco junto do amigo. Desde a noite em que escaparam, Kiorina chorava com grande freqüência.

Gorum passava a maior parte do tempo conversando com Kleon, que tentava lhe ensinar o Sílfico e o Dacsiniano. Kleon, o ruivo de Kâtor, gostava da companhia de Gorum, mesmo entristecido, e os dois conversavam bastante, o que era uma exceção a bordo da nau. Por vez ou outra, ambos iam visitar Mishtra na cabine de Melgosh e conversavam brevemente com o capitão e com Archibald, sempre presentes.

Archibald e Melgosh tiveram longas conversas, especialmente durante a noite. O ex-monge surpreendeu-se com a reação de Melgosh, quando lhe contou sobre seu amor por Mishtra. Melgosh disse ter percebido algo no ar e aceitou o fato. Desejou até que a filha tivesse contado antes, para que ele pudesse abençoar a relação. Archibald e Melgosh estreitavam laços, naqueles momentos difíceis, consolavam-se mutuamente e descobriram afinidades inesperadas. Melgosh era grande adorador da grande deusa mãe, que na religião Lacoresa era chamada de Ecta. Tiveram discussões instigantes sobre o passado longínquo, e discutiam fatos que teriam dado origem à religião Lacoresa, enquanto entre os silfos, houve grande perda de interesse pelos deuses e por religiões. Archibald

descobriu que apenas o clã Orb, guardava tradições que contemplavam a adoração e submissão aos antigos deuses, principalmente à deusa mãe.

Zoros passava boa parte do seu tempo vigiando a Maré Vermelha e por vezes conversava com Allet e o consolava. Allet, um habilidoso arqueiro da tripulação de Melgosh perdera seu irmão Allan, naquela noite fatídica, além de dois bons amigos. Enquanto tinham uma conversa, na qual se lembravam do falecido Allan, avistaram a embarcação de Ramon surgir no horizonte. Allet anunciou sua visão aos berros, enquanto Zoros carregou a espada encantada, embrulhada em tecidos diversos, para o porão do navio.

Pouco depois, o navio que cresceu de um pequeno ponto no horizonte, mostrava-se imponente. Possuía três grandes mastros, e sua armação era grande e reforçada. Era uma máquina de guerra, com catapultas incendiárias e balistas que poderiam abater algumas das mais horríveis bestas marítimas. O convés principal era quase duas vezes mais alto que o navio de Melgosh. A grande nau era do tipo que não podia navegar em águas rasas e requeria atenção redobrada por parte de seus navegadores quando atravessasse uma região com recifes.

Primeiro ganchos e cordas foram atirados, alguns marujos apressados desciam da grande embarcação usando cordas enquanto outros desciam uma grande rampa de madeira que acoplaria os dois navios. A tripulação era um pouco rude, mas alegre. O capitão Ramon era um silfo que adorava festejar, especialmente com seus homens. Mas festejos pouco mudavam a característica principal da tripulação, seriedade e frieza quando estavam em serviço (quase sempre). Eram guerreiros letais e frente a inimigos, por vezes, eram cruéis. Mas não era momento de crueldades, e sim de festejos. Ramon e muitos de sua tripulação sabiam do feito de Melgosh e seus homens e estavam ansiosos para cumprimentá-lo pela ousadia. A tripulação, mais uma vez, refletia um pouco do espírito de Ramon, odiava burocracia e amava ousadia e aventuras.

Ramon surgiu no alto da rampa com uma expressão bastante severa. Seu rosto era fino, de feições delicadas e nariz pontudo. Suas vestes eram luxuosas. Usava um corselete prateado, por baixo uma shaita vermelha, camisa cujo tecido maleável cobre também a garganta e a cabeça além dos braços formando luvas em sua extremidade. Uma abertura circular na shaita, acima da testa mostrava seus cabelos negros penteados para cima. Havia um furo para o rosto e ambas as orelhas. Usava muitos brincos de ouro e prata, vários colares curtos justos no pescoço e broches presos numa faixa do tecido acima da testa. Na veste de Ramon, também havia furos para os dedos, cobertos por anéis. Uma comprida e

leve capa, também vermelha esvoaçava impulsionava pela forte brisa marítima. Vestia calças de couro marrom com listas negras, características de um cervo encontrado nas ilhas de Frai e Thayfon. Suas botas eram de um couro grosso, negro e reluzente, cobriam as pernas até os joelhos.

Ao encarar Melgosh, Ramon sorriu. Seu sorriso demonstrava um cinismo evidente.

Melgosh falou, – Nos encontramos novamente.

Ramon sorriu, e respondeu com sua voz aveludada, – Pois sim! Devo dizer que pela primeira vez após dezenas de anos, sinto-me bem por recebê-lo no Maeramozel.

Melgosh pressionou os lábios e tentou ignorar as provocações de Ramon. – Bom, espero então que deste modo ofereça comida decente, para variar.

Ramon tinha uma resposta muito boa na ponta da língua, mas foi interrompido por Zoroáster, o sábio mago do clã Maki. – Desculpem-me a intromissão. Estou certo de que terão muito tempo para trocar palavras gentis assim que eu e meu irmão possamos terminar nosso serviço. – Zoroáster surgiu no alto da rampa caminhando com dificuldades. Possuía evidentes semelhanças com seu irmão, Zoros. Seus cabelos, no entanto, já estavam brancos por completo, e eram amarrados num comprido rabo de cavalo. A velhice também lhe trouxera uma barba alva que gostava de aparar deixando apenas um curto cavanhaque. Ao contrário do capitão, usava vestes cinzas e simplórias, quase brancas.

Melgosh disse, – Olá Zoroáster, seu irmão o aguarda no porão.

Enquanto aguardava a lenta descida do mago, Ramon observava cuidadosamente os humanos a bordo da nau de Melgosh. – Agora percebo. Está enlouquecendo de vez, não é mesmo caro Melgosh. Primeiro posiciona-se contra Shark, depois recebe humanos em sua embarcação, falta apenas casar-se com um deles, assim sua desgraça estará completa. Nem mesmo os benévolos Orb, lhe oferecerão refúgio.

Melgosh ficou quieto e Ramou voltou a provocar. – Ah sim! Quão rude eu sou. Como pude pensar algo assim de você? É claro... Esse humanos são seus escravos, certo?

– Ramon, seu cão! Aprenda a colocar um freio em sua lingua, se não deseja comprar um inimigo! – irritou-se Melgosh.

O capitão pôs a mão no peito, como se tomasse uma punhalada. – Oh Melgosh, nunca quis ofendê-lo! Afinal, nunca sonharia em ter um temível capitão como você como inimigo. Quem sou eu!? Aposto que poderia ganhar

uma pequena fortuna, capturando-o e entregando-o a Shark. Poderia pedir qualquer quantia, mas acha que faria isso contra você, velho companheiro?

– Ficarei feliz em recebê-lo, se este fosse o caso.

Ramon riu-se e suas risadas transformaram-se em gargalhadas. – Ah caro Melgosh, adoro seu senso de humor! Venha à bordo tomar uma boa bebida comigo e falar sobre negócios. Adoraria ouvir detalhes sobre seu ataque à mansão de Shark. Trabalhei para ele muitas e muitas vezes, como bem sabe, mas fiquei muito triste com nosso último contrato. E você sabe bem, não é mesmo, caro Melgosh. Não há nada que odeie mais que maus pagadores!

– Bebamos então, seu cão ardiloso e incorrigível. – disse Melgosh e subiu ao navio nomeado em homenagem à falecida esposa de Ramon, Maeramozel.

Certa tensão que havia em ambos os navios cessou de imediato, e membros das duas tripulações, confraternizavam-se. Kleon espantado com o que acabara de ouvir comentou, – Sabe Gorum, por mais que eu tente, não consigo entender esses silfos...

– Sei do que está falando, quando o assunto é a estranheza desse povo, costumo lembrar-me do primeiro silfo com que tive contato, um batedor chamado Roubert.

– Um daqueles que não pertencem ao arquipélago, não é mesmo?

Gorum suspirou e disse, – Sinto saudades de minha oficina, saudades de minha terra. Tenho a sensação de nunca voltarei a vê-las.

– Igualmente, acho que nunca voltarei a Kâtor.

– Um dia desses, você tinha que tirar essas minhocas de sua cabeça e me contar mais sobre sua terra.

– Não são minhocas Gorum, não são minhocas. – repetiu Kleon triste.

– Tudo bem, não me culpe por tentar.

– Acha que vão demorar Allet? – perguntou Kiorina exercitando seus conhecimentos básicos em sílfico.

– Da última vez que trabalharam na espada, há quarenta e poucos anos atrás, levaram uma noite inteira.

Kiorina falou em Lacorês frustrada, – Queria tanto que o irmão de Zoros pudesse examinar Mishtra logo! Estou tão preocupada... Como podem priorizar uma espada quando Mishtra encontra-se neste estado? – Seus olhos se encheram de lágrimas e murmurou. – Noran... Mas Mishtra... não a Mishtra.

Neste momento, An Lepard dormia em outro local. Archibald, Allet e Kiorina vigiavam o sono sem fim de Mishtra.

Archibald já esboçava um sílfico razoável e perguntou a Allet, – Já trabalha há tanto tempo para Melgosh?

– Pois sim, desde o princípio. Lembro-me de quanto sua filha nasceu. Ficou felicíssimo. É uma pena que ele não nos ouvisse quando o assunto era a mãe dela, Lefreishtra. Ela era louca, dava para ver. Mas ele estava cego! De certo um encanto da maldita bruxa.

Allet teve a atenção de Kiorina. – Ela sempre lidou com magia?

Sim, é uma Farmin, mas ao que parece foi criada por um Maki. Seja como for, não confio nos Maki. Os malditos bruxos são traiçoeiros.

– E quanto a Zoros? – quis saber Archibald.

– O único Maki em que confio, é assim com a maioria da tripulação. Nem mesmo em seu irmão, Zoroáster podemos confiar. Não gosto nada desses encontros. Sinto que um dia algo vai dar muito errado. Rezo apenas que não seja desta vez.

Archibald parecia interessado. – Percebo que os silfos do clã Orb, têm muita fé. Mas não ouvi falar em sacerdotes, templos ou igrejas.

– Coisas de humanos. Um contato com a divindade, é possível e acontece diretamente entre o indivíduo e a natureza, não há outros meios. De resto, seriam falsos subterfúgios.

Archibald levantou as sobrancelhas compreensivo. – Conte-me mais. Fico curioso. Porque os Orb são devotos, e parecem mais justos, enquanto os outros clãs não?

– Os Maki confiam excessivamente em sua magia, e acham que podem desprezar a natureza e a divindade. Os Farmin, só pensam em lucro e prazeres os Mikril somente em conforto, jogos e festejos.

– Não há um outro? – inquiriu Kiorina.

– Sim, há os Hiokar. Um clã novo, dissidente dos Mikril. Os Hiokar são verdadeiramente os piores, colocam o poder acima de tudo. Matariam colegas sem pensar para alcançar seus objetivos. Felizmente são poucos, e ficam em uma pequena ilha apenas. O lider, o duque dos mares, Hiokar é parente do imperador. Uma falta de herdeiros e movimentações políticas poderiam colocá-lo no trono. Seria uma desgraça.

– Mas o Imperador tem herdeiros, certo? – preocupou-se Kiorina.

– Sim. A benevolente e bela Princesa Aeycha e o jovem Príncipe Kiel. Segundo a tradição o trono será de Kiel, o primeiro filho. A princesa é mais velha, mas...

– Entendo. – acenou Kiorina.

Archibald disse, – Conversei com Kyle há pouco e ele parecia bastante preocupado com Melgosh. Acha que Ramon irá capturá-lo para vendê-lo a Shark.

– Ramon faria algo assim por menos dinheiro que Shark pagaria por Melgosh, mas sendo um serviço para Shark, duvido muito.

– Vi tantas coisas nos últimos três anos, que não duvido de mais nada. Se este for o caso. Como contrapor Ramon e sua tripulação que está em grande vantagem numérica?

– Talvez não possamos. A sorte já está lançada. Se Ramon quiser ter-nos, ele terá.

– Não gosto nada de ouvir algo assim.

O silfo concluiu amargo, – Como já disse, tão pouco aprecio esse encontros.

CAPÍTULO 29

O rei Maurícius concedeu, a contragosto, a permissão para que Lorde Calisto ficasse hospedado por alguns dias no castelo. O jovem insistiu que seria importante para ele, e para o reino, que pudesse conhecer melhor a capital adquirir e levar consigo, certos bens e alguns profissionais especializados. Permaneceu então em seus luxuosos aposentos em uma das torres gêmeas. Levantava cedo e durante as manhãs, circulava pela imensa Lacoresh na companhia de Derek e alguns de seus novos criados. Visitavam lojas e tavernas. Observava mais do que comprava e procurava compreender o funcionamento da cidade. Para ele, um grande e complexo organismo que seguia diversas regras.

Percebia o medo no ar, e certo clima de insegurança. Utilizava seus sentidos e aprendia a controlar e focalizar a recepção de pensamentos. Mesmo assim, ficava tonto com certa freqüência devido ao surgimento súbito de aglomerações e grandes fluxos de pensamento. Ainda não conseguia ter certeza se o medo que percebia relacionava-se a sua presença, certamente estranha (e muito comentada), ou a algum resquício da guerra recente, novo Rei e mudança políticas e religiosas. É claro, havia também a tal rebelião. Outro objeto de sua pesquisa.

No terceiro dia, já estava habituado com a cidade, mas sabia que a paciência do Rei não duraria muito mais. Nas duas tardes anteriores, encontrou-se com a Rainha com quem conversou por pouco tempo. No último encontro que teve com o rei, recebeu num tom ameaçador, a notícia que devia partir no dia seguinte. Definitivamente, o rei não gostava nada de ter Lorde Calisto em seu castelo e provavelmente suspeitava, ou sabia, de alguma coisa relacionada à sua filha, Hana.

Na primeira noite, recebeu a inesperada visita da Princesa Hana. Era tarde e havia pouco movimento no castelo. A mulher investia sedutora para que Calisto a possuísse. O jovem no entanto, farejava ardil e resistiu como pode, usando a lógica e as convenções formais. Mas ainda assim, após a partida frustrada da astuta Princesa, Calisto tinha a forte sensação de que desperdiçara uma chance, de no mínimo, ter tido uma noite movimentada ao lado da bela mulher.

Na noite seguinte, temia não ter forças para resistir a uma nova investida da Princesa e requisitou ao cavaleiro Derek que lhe arranjasse um guarda para permanecer à sua porta, como vigia. Pretendia com isto, desencorajar uma

aproximação da princesa. Sentado em sua cama, refletindo a respeito do dia em Lacoresh, ficou deveras surpreso, quando recebeu sim, uma nova visita da Princesa. Desta vez, ela chegou através da sacada, vestindo muito menos que na noite anterior.

Uma batida na porta de madeira e vidro que dava para a sacada deixou Calisto em alerta. Estava descalço vestindo apenas uma confortável calça de seda negra, para dormir. Alertado pela batida virou-se percebeu a silhueta da Princesa Hana, através dos vidros da porta, teve certeza de que ela era uma bruxa, e dominava o uso de magia. Ela abriu a porta, girando a fechadura dentro do cômodo sem tocá-la.

Entrou acompanhada da forte brisa marítima, agradável, no verão. Havia pouca luz no ambiente para que Calisto pudesse observar o corpo da moça, muito exposto, em detalhes. Usava apenas um robe de tecido semi transparente.

Calisto levantou-se tenso, – Princesa Hana! O que significa isto?

A mulher, tinha os cabelos soltos e seu rosto encontrava-se à meia luz. Seus olhos brilhavam aquosos encarando o rapaz jovem e muito branco. Hana falou sedutora e enigmática, – Boa noite, meu Lorde. Isso são maneiras de receber uma dama?

A voz arrastada de Hana zumbia nos ouvidos de Calisto, deixando-o atordoado. Sem pensar muito tentou recuar dando um passo atrás. Esqueceu-se que a cama estava logo atrás, tropeçou e caiu sentado um pouco confuso. A princesa aproximou-se veloz e tocou-lhe a face com as pontas de suas longas unhas. – Está sem palavras querido?

Calisto engoliu seco e sentiu o forte perfume que Hana usava. Não pode evitar a atração que sentia. Do fundo de sua consciência vinha uma voz quase sufocada que o fez agir e falar. Girou com agilidade e ficou de pé dizendo, – Você não deveria estar aqui.

– Mas estou... – disse calmamente aproximando-se novamente no jovem. – Eu já sei, você nunca esteve com uma mulher antes, não é verdade.

Calisto sentia o coração acelerado, transpirava e estava excitado além da conta. Afastou-se dizendo, – Por favor, princesa. Desculpe-me, mas devo dizer que sua visita, e seu comportamento são inadequados.

Comprimindo os olhos, Hana aproximou-se ainda mais, pressionando Calisto contra uma parede. – Você está tão tenso, e é um rapaz tão lindo. Você precisa aprender a relaxar um pouco.

Calisto estava ofegante, a um passo de se entregar. Sentia o calor e o perfume da mulher confundindo sua mente. Trocando a ordem dos pensamentos.

A razão. Precisava salvar-se através da razão. Tinha ainda na consciência, que se avançasse, poderia por tudo a perder. No entanto, não era capaz de comandar seu corpo, não conseguia reagir. Quieto por uns instantes, sentiu passivo o toque da princesa e a umidade de seus lábios contra seu rosto. A princesa tentava beijá-lo na boca, mas Calisto resistia com suas últimas forcas sendo capaz apenas de virar o rosto.

Pronto a por tudo a perder, agarrou-se a uma idéia. Lembrou-se de Weiss. Sim, o monstro era o único capaz de salvá-lo. Apertou os punhos, sentido com as pontas dos dedos, as cicatrizes em ambas as mãos. Um garfo e uma faca que o deixaram preso a um portal, há poucos dias em Kamanesh. A memória da dor e humilhação trouxeram-lhe a ira e força que precisava para livrar-se da perigosa princesa Hana. Segurou-a na cintura e empurrou-a com violência. Perdendo o equilíbrio a princesa caiu no chão sentindo-se humilhada. Apesar da humilhação, controlou-se. Era paciente e ainda sentada no chão disse com rancor. – É uma pena... Você teria adorado me ter ao seu lado. – Levantou-se preparando uma nova investida. – Poderia ter sido sua amante e aliada, poderíamos ascender ao trono juntos, um dia. Por que me rejeita? O que teme? – Sua voz ficou embargada e seus olhos cheios de água. – Será que eu não sou bonita o suficiente para você?

Calisto mordia os dentes, usando a ira contra Weiss para obter forças e quebrar o feitiço de Hana. Sem separar os dentes disse irado, – Pare de mentir sua prostituta de sangue azul! Não vou ser dominado por você, entendeu? Você não vai me usar. Nunca irei permitir.

Hana jogava pesado e continuou com sua investida. Ao prantos disse, – Oh! Como você é cruel! Você fere meu coração, cheio de amor. Oh, Lorde indigno de meu amor, perdoe-me. Saiba que não desistirei. Tive um sonho, e nele estávamos juntos, governávamos juntos tudo o reino, fazíamos uma bela campanha, dominávamos todos os povos. Sua beleza, eternamente conservada. De rei e rainha, o nosso destino foi evoluir para imperador e imperatriz de um império de muitos reinos, de tudo que há sobre essa terra. Meu amor é fiel e não desistirei.

Calisto ficou perplexo ao escutar as palavras de Hana e antes que pudesse falar alguma coisa, Hana correu e se atirou da sacada. Sentido o ódio por Weiss afinar, voltou a ficar um pouco confuso. E pensava, “Eu imperador de tudo que há? Isso parece uma loucura...” Loucura, repetiu Calisto mil vezes. De certo, a bruxa operava algum feitiço sobre ele. Se perguntava se era realmente um feitiço. Inquieto e sem sono, deparou-se com o grosso volume em cima da escrivaninha. “A história de Sir Kaladar e Magneli.” Sem conseguir dormir, e

com a cabeça cheia de perguntas, Calisto resolveu ler o romance que a Rainha Alena lhe emprestou naquela tarde.

Chegava a tarde do terceiro dia hospedado na torre oeste do novo castelo de Lacoresh. Sabendo do costume da Rainha de fazer um passeio pelos jardins naquele período, Calisto desceu da torre na esperança de encontrá-la.

Nos jardins, havia um lago em particular que a Rainha gostava muito. Costumava alimentar os peixes, e por vezes chorava. Eram muitas as memórias de seu pai, mãe e irmãos, mortos. Era a única da família a sobreviver ao grande ataque à cidade de Lacoresh há cerca de um ano e meio. Fora chamada de “A noite dos mortos”. Justamente quando houve uma grande saída das tropas defensoras da capital, para retomar a cidade de Grey, houve um ataque horroroso e inesperado. Uma noite que nunca se apagaria da memória da jovem Rainha. Como por milagre, teve sua vida salva pelo seu atual enteado, Serin e pelo mago Alexanus, que visitava o antigo castelo na ocasião. Em menos de um mês, casava-se com o Arquiduque Maurícius, primo de seu pai e tornava-se a rainha de um reino abalado por uma cruel guerra contra as criaturas bestiais, vindas dos pântanos cinzentos de Yersh.

Os peixes que alimentava, eram os mesmos de uma fonte no antigo castelo. A seu pedido, a estátua antiga da qual jorrava água também fora trazida. O antigo castelo, agora decadente, transformara-se numa prisão, e aquela nova fonte, e seus peixes, eram um forte símbolo para a rainha Alena.

– Uma bela tarde, não é mesmo majestade? – aproximou-se Calisto, cortês

– Ah, Lorde Calisto. – sorriu a rainha.

Calisto observou-a. Bonita, vestia uma peça simples, azul clara, porém bem trabalhada. Usava pulseiras de ouro e um colar de jóias, que poderia comprar vários navios. Tinha um cesto pendurado no braço esquerdo. O sorriso da rainha atrapalhava ligeiramente a linha de raciocínio do rapaz.

Após um breve silêncio, e um sorriso retribuído e inconsciente de Calisto, ele disse, – Vim agradecer pelo romance que me emprestou, gostei muito.

– Já o leu? Todo? – a jovem rainha estava surpresa.

– Sim. Tive dificuldades para dormir, e o livro me fez boa companhia até o alvorecer.

– Sim, percebo que está um pouco abatido. O que houve, algum problema?

– Muita agitação, Majestade. Mas hoje, de certo dormirei bem. Novamente queria agradecer pelo livro. É ótimo!

– Que bom que apreciou.

– Sim, fez me perceber que posso livrar-me de preocupações, fugir um pouco da realidade.

– Entendo. A nobreza, às vezes é um fardo, caro Lorde. Bons livros ajudam a viver melhor.

– E por isso lhe serei eternamente grato, Majestade. Ensinou-me algo de valor.

– Posso lhe oferecer mais alguns volumes? Você os leva para sua propriedade, e, se puder, escreva-me dizendo se gostou.

– É muita bondade sua majestade. De fato, gostei muito da História de Sir Kaladar e Magneli. Um pouco triste eu diria.

– Sim. Alembrel, sempre conta histórias tristes, muitas tragédias. Assim como na realidade. – Neste momento os olhos de Alena ficaram aquosos. Lembrou-se de sua própria tragédia, a perda de sua família.

– Sente-se bem, majestade? – Calisto ofereceu-lhe um lenço.

A rainha enxugou as lágrimas antes que pudessem sair e comentou. – Nada, Lorde Calisto. Apenas lembranças de minha família.

Calisto ficou constrangido. Percebeu que a rainha não desconfiava que os responsáveis pela morte de sua família estavam à sua volta, incluindo o próprio rei. Teve pena dela e de seu sofrimento genuíno. A primeira vez em toda sua vida que teve compaixão por alguém. Um sentimento totalmente novo que Calisto não pôde entender.

– Sinto muito pelo ocorrido. Uma grande tragédia.

– Não se preocupe, já me sinto melhor. – Olhou à sua volta procurando algum observador. Apenas alguns criados estavam por perto. Disse baixo, – Por favor, Lorde Calisto, lembre-se de me escrever. Sinto-me tão só neste castelo, todos estão sempre são ocupados. Tenho poucos amigos e amigas que apreciam a literatura. Gostaria muito de ter alguém para conversar sobre livros e autores.

Calisto instintivamente aproximou-se. – Mas é claro Majestade! Para mim será uma honra. Sinto-me lisonjeado por sua atenção.

A rainha corou e sentiu-se constrangida. Dando um passo para trás disse, – Devo me recolher. Adeus, Lorde Calisto.

– Adeus Majestade, e novamente lhe agradeço!

Calisto observou satisfeito a rainha seguir em direção ao castelo. Pensava, “Isso vai ser fácil! Pobre rainha... Quando destronar o maldito Maurícius e eliminar seus ridículos herdeiros, darei a você, Alena, a atenção que merece. O maldito velho nem mesmo pode tê-la como mulher, assassinou o primo e casou-se por puro interesse no trono. Maldito calhorda! Vou lhe mostrar quem é o mais

forte! Vou mostrar a todos quem é o mais forte, incluindo àquela prostituta da Princesa Hana”.

CAPÍTULO 30

Finalmente a ansiedade dos presentes chegava a um fim. Após a urgente conferência que Zoroáster teve com Zoros, chegava à cabine do capitão para examinar Mishtra. De posse de um cristal amarelado de muitas faces, o bruxo inspecionava o corpo da moça.

Kiorina, muito curiosa, segurava-se. Queria perguntar ao velho silfo se o que tinha nas mãos era um cristal de sargentium.

Ao fim de um demorado exame, Zoráster sorriu. – Ela vai viver... Mas terá que descansar muito pelos próximos quatorze meses.

– Como assim, quatorze meses? – indagou Kiorina. – Nunca vi ferimentos, especialmente de flechas que demorassem tanto para sarar!

Allet surpreso, deixou a cabine para buscar Melgosh, no navio de Ramon.

Zoros sorria e logo começou a rir.

– Qual é a graça? – quis saber Archibald. – Por que zombarias enquanto a filha do seu capitão numa situação como estas.

Zoros, rindo um pouco mais disse, – Desculpem-me, mas vocês não entenderam o que meu irmão quis dizer. Quando falou que ela deverá descansar por quatorze meses, falava do tempo que deveria esperar pela criança.

Kiorina arregalou os olhos e Archibald não compreendeu de imediato. – Criança? De quem está falando? Algum curandeiro.

– Não humano tolo! – disse Zoroáster impaciente. – Mishtra está grávida! Espera uma criança, entende? Os quatorze meses de gestação dos silfos...

Archibald ficou pálido e precisou ser socorrido por Zoros. Por pouco não bateu com a cabeça quando perdeu os sentidos.

Zoroáster comentou maldoso, – Não me diga que a filha de Melgosh está esperando um mestiço!? Filho de um humano!

Zoros comentou sério, – É o que parece...

O velho torceu os lábios e xingou, – Desgraça! Desgraça! Deixo essa embarcação agora mesmo. Pobre Melgosh! Pobre Melgosh.

Kiorina olhou o velho silfo sair com desprezo e comentou, – Que horror! Seu irmão é muito mal educado!

Zoros, um silfo de idéias mais progressistas comentou, – É verdade, meu irmão sempre foi chato e orgulhoso. Não ligue para ele, no fundo, bem no fundo, tem um bom coração.

Nesse instante Melgosh entrou na cabine alarmado. – É verdade Zoros? Serei avô?

– Sim meu senhor, o ventre de sua filha encontra-se fertilizado.

– Grande Deusa! – e só naquele momento lhe ocorrera. O filho só podia ser de um humano, só podia ser de Archibald. O ex-monge, amparado por Kiorina acordava naquele momento. Sentou-se, sem consciência de por qual razão teria perdido seus sentidos. Encarou Melgosh, um pouco fora de foco e lembrou-se, ao vê-lo voar em sua direção. Tomou um forte soco no nariz, e perdeu os sentidos novamente.

– MEU SENHOR! – Zoros atirou-se nas costas de Melgosh que girou furioso levantando-o do chão. Kyle entrou e ajudou o feiticeiro a segurar o capitão, que estava fora de si. Pouco depois, Melgosh fora imobilizado e sentado refletia melhor sobre a situação.

Archibald voltou a acordar, desta vez ciente do que estava acontecendo. Segurou o nariz, com cuidado, para verificar se ainda estava inteiro. Melgosh olhou para o rapaz, consertando o nariz, muito vermelho e sorriu.

– Malandro! Seu calhorda... Fez um filho em minha filha. – xingava, mas desta vez, estava tomado por um bom humor.

Archibald estava sem palavras, e tentou formar uma frase. Só conseguia gaguejar.

Allet estava de volta e observava a atitude do capitão com olhos arregalados. Temia que seu humor pudesse mudar de repente que decidisse tirar a vida do rapaz.

– Allet! – gritou Melgosh. – Traga bebida! Vamos comemorar!

O silfo respirou aliviado e com um sorriso no rosto foi buscar bebidas. Pouco depois trazia nas mãos uma garrafa de vinho forte, de boa qualidade, produzido nas altas plantações da ilha de Frai. Melgosh abriu a garrafa, cara, para ocasiões especiais. – Venha rapaz! – Chamou. – Venha beber, pois querendo ou não, agora é parte do clã!

Archibald levantou-se sem jeito e bebeu quase um quarto da garrafa no bico. Zoros tirou-lhe a garrafa dizendo, – Vá com calma, rapaz. Assim não teremos para todos.

Melgosh abraçou Archibald, que muito sem jeito retribuiu-lhe o gesto. Kiorina cochichava no ouvido de Kyle explicando o acontecido. Kyle sorriu e deu um grande abraço no amigo, que imediatamente depois se ajoelhou ao lado da silfa, acariciando-lhe o rosto e os cabelos.

A silfa piscou os olhos fechados. Abriu aos poucos, olhando para Archibald. Os olhos do rapaz encheram-se de lágrimas. Ela se esforçou para realizar a comunicação mental. “Oh amor, estou tão cansada. Mas parece que uma grande dor também se foi.”

Archibald sussurrou, – Sim querida. Você recebeu tratamento de um amigo de seu pai. Vai ficar boa logo.

Ela sorriu e pensou, “Que bom. Por que estão gritando tanto? O que houve?”

– Estão felizes por sua recuperação.

“Diga-lhes que estou bem, mas preciso descansar. Vou descansar amor.” Mishtra transmitiu seus pensamentos e caiu no sono, logo em seguida.

Melgosh, lembrando-se de um fato importante indagou a Zoros, – E quanto a espada, está feito?

– Sim, meu senhor. Seu poder foi novamente selado.

– Melhor assim... E seu irmão?

Zoros ficou quieto e Allet informou aliviado. – O navio do capitão Ramon acabou de partir, senhor.

Melgosh comentou alisando os cabelos, – O canalha foi-se, sem ao menos dizer adeus....

– É melhor assim. – Afirmou Zoros.

Allet inquiriu, – E quanto aos silfos?

Melgosh disse, – É melhor que não saibam de nada. Vamos, diga-lhes que nosso destino é Shind. Diga-lhes que Zoroáster nos disse que ela ficaria boa logo. Temos que levá-la para minha casa. Ela deve descansar... bastante.

– Sim senhor, partimos para Shind imediatamente. – respondeu Allet vibrante. Seus berros foram escutados do lado de fora. – Vamos! Içar velas! Para Shind silfos! Para Shind!

Zoros comentou com o capitão, – Sabe meu senhor, Allet será um ótimo imediato.

Melgosh sorriu, – Sim, será tão bom quanto seu irmão.

– Que vá ao encontro da Deusa mãe! – exclamou Zoros.

Gorum e Kleon chegaram, e naquele momento a cabine ficou pequena demais.

Kyle aproximou-se, alegre como não ficava há muito tempo. – Gorum! Archibald vai ser pai!

O gigante, que precisava curvar-se para caber na cabine deu uma grande gargalhada. – Enfim, um motivo de alegria! – tomou a garrafa das mão de Zoros e bebeu um generoso gole. – Congratulações senhor Melgosh Congratulações Archie! – Archibald aproximou-se e quase foi esmagado pelo abraço de Gorum.

Kleon sentindo-se excluído, deixou a cabine para ajudar os silfos, nas manobras do navio.

Gorum procurou consolar Kiorina que começava a chorar. – Vamos lá Kina. A vida é assim. Após a ceifa, vem a semeadura. Comemoremos, ao menos hoje. Beba, beba um pouco e você vai melhorar.

– Mas Gorum, e se a Mishtra, se ela tivesse... A criança... Tudo por minha causa, por que queria buscar An Lepard.

– Sem choro menina! O que passou passou! E além do mais, nunca teríamos ido, não fosse a vontade de Melgosh de opor-se a Shark. E minha vontade, a de Kyle, Archibald e Mishtra. Todos queríamos ajudar, e lutar contra a injustiça de Shark. E no fim, lutar contra o mal, contra os necromantes. Noran, sempre soube dos riscos, todos nós sabemos. Mas não temos opção, não é mesmo?

Kiorina enxugou as lágrimas e fez que não com a cabeça.

– Pois então? Vamos deixar de viver? Deixar de comemorar os bons momentos só porque passamos por maus bocados? – Gorum sorria de forma acolhedora.

Kiorina forçou um sorriso e disse, – Você está certo. Mishtra vai ficar bem. E também, nisso tudo, sempre estamos fazendo novos amigos, não é?

Gorum concordou e percebeu a ausência de Kleon. – Fique aqui, junte-se a Kyle, Archibald e os outros, vou buscar Kleon.

– Vou com você, quero dar a notícia a An Lepard. Ele vai gostar de saber, que Mishtra vai ficar boa, e que ela e Archie agora vão ser pais.

– Esse é o espírito garota!

***

As comemorações seguiram-se durante a viagem e dois dias depois, chegavam à ilha de Shind. Apesar de ser uma ilha, não tiveram a sensação de que chegavam a uma. Era enorme, a terceira maior ilha do arquipélago, cujo território poderia ser comparado a um dos baronatos de Lacoresh.

Melgosh, possuía uma grande casa próxima à praia, em um pequeno povoado próximo a Hynei, a segunda maior cidade do clã Orb. Era um local bastante reservado, praticamente isolado da civilização. A casa de Melgosh tinha

dezenas de cômodos, alguns no solo e outros, em plataformas. As plataformas eram sustentadas entre palmeiras altas, de troncos muito grossos, comuns na região. Precisava-se de três ou quatro silfos para dar um abraço ao redor das palmeiras. Várias canoas dos pescadores locais, podiam ser construídas a partir de um único tronco da gigantesca palmeira.

No território dos Orb, muito bem protegido pela guarda e por espíritos elementais, estariam seguros por quanto tempo desejassem. De fato, ficaram hospedados na grande casa por muito tempo. Foi um tempo de descanso e recuperação, no qual os viajantes de Lacoresh, An Lepard e Kleon, puderam experimentar uma boa trégua da dura jornada que faziam.

A fartura de comida na casa de Melgosh, o clima agradável, o mar e festejos ocasionais, com direito a música, traziam relaxamento e tranqüilidade que para muitos dos viajantes, parecia um sonho impossível.

Para Kyle, os meses de calmaria sob o teto de Melgosh, foram uma oportunidade de meditar e treinar sua concentração, de forma constante. Além disso, era uma ótima oportunidade para aprender a difícil língua dos silfos. Devido a seu treinamento isolava-se, ficando por vezes dias, sem conversar com ninguém. Por vezes, recebia convites de Gorum, para visitar a pequena vila de Guinges, que não era longe. Mas recusava, o gigante não se abatia e voltava a convidá-lo, ou tentava puxar assunto, de tempos em tempos.

Gorum passava a maior parte do tempo justamente em Guinges, e com seu carisma e senso de humor, conquistou a simpatia da maioria dos silfos e silfas do povoado. Eram muito simples, os habitantes do povoado e viviam em grande comunhão com a natureza. Sua grande desconfiança em relação aos humanos que eram hospedados na casa do marujo e aventureiro, Melgosh, era quebrada aos poucos pela simpatia do gigante Gorum.

Com a recuperação de An Lepard, Kleon dividia seu tempo entre, nadar no mar, visitar Guinges com Gorum e conversar com seu antigo capitão.

Com a vinda dos humanos, canoas com pescadores curiosos costumavam passar em frente à casa de Melgosh. Muitas crianças vinham por terra, curiosas e quase sempre acabavam na companhia de Gorum, que adorava as brincadeiras dos pequenos silfos e lhes dava bastante atenção.

Mishtra passava muito tempo com Archibald, mas nunca demonstravam afeto fora da casa. Um relacionamento entre um silfo e um humano era bastante estranho para os nativos, e mesmo os companheiros que trabalhavam para Melgosh. Havia, é claro, crenças sobre maldições envolvendo casamentos entre silfos e humanos. Mishtra e Archibald gostavam de observar juntos o mar e

conversar trocando pensamentos. Muitas vezes observavam Kleon nadar, ou Allet pescar pequenos peixes com uma vara e imerso na água até a cintura. Dentro de casa, comportavam-se de forma mais natural, como casal. Trocavam gestos afetuosos e beijavam-se ocasionalmente. Juntos e muito felizes a acompanhavam evolução da gravidez.

Com o tempo, os silfos próximos a Melgosh recebiam e aceitavam a idéia de que Mishtra esperava o filho de um humano. Zoros, empenhava-se em pesquisar e divulgar para os mais radicais, informações sobre relacionamentos entre as raças e o verdadeiro motivo para tantas crendices sobre maldições. Mero jogo político, que inclusive ajudava a justificar a escravidão dos humanos e escravidão de ocasionais filhos de humanos com silfos.

Kiorina e An Lepard não estavam bem. O marujo estava grato a Kiorina por tê-lo resgatado, mas sentia-se quase sempre mal, e indisposto. Recuperava-se lentamente e estava muito amargo. O afeto idealizado e desmedido que Kiorina sentia pelo Dacsiniano, diminuía e aos poucos se tornaram confidentes e amigos, ao invés de amantes. Kiorina era muito dedicada e ajudava An Lepard em seus exercícios, oferecendo sempre seu ombro para que ele se apoiasse. Andava, mas mancava severamente. Seus movimentos no braço e mão feridos, retornavam lentamente, mas ainda não era capaz de segurar ou manipular objetos. Muitas vezes, An Lepard ficava nervoso e mal humorado, sentia-se amaldiçoado e uma vez magoou muito a ruiva. Disse-lhe que preferia ter morrido a ficar aleijado como estava. Kiorina sentiu-se culpada e ficaram sem se falar por vários dias.

Gorum era sempre bom para levantar o moral, e após muitas conversas com ambos, fizeram as pazes. Mas depois disso, a chama amorosa que tiveram apagou-se. Kiorina e An Lepard tornaram-se apenas bons e fiéis amigos, ligados por um laço que faria que qualquer um dos dois, arriscasse a própria vida, um pelo outro.

Depois disso, Kiorina voltou a procurar a companhia de Kyle, mas ele a evitava. Não só a ela, mas evitava qualquer um. Estava sempre absorto em suas meditações. Cada vez mais quieto, cada vez mais frio e distante.

O único que mal ficava na casa, era o próprio dono, Melgosh. Viajava com freqüência, por toda a Shind. Visitava importantes lideranças, diversos primos, e discutia com eles sobre política. Aparecia na casa, quando muito, uma vez a cada duas semanas, contando novidades e preparando festas. Atraídos por boa comida e bebida, músicos vinham de Guinges e aprontavam muita dança. Kyle raramente aparecia em tais ocasiões, mas Kleon, se mostrara um dançarino de

primeira, ensinado até aos silfos, diversos passos e danças que aprendera em sua terra natal, Kâtor.

Após as festas que comemoravam a chegada do dono da casa, o mesmo nunca permanecia por mais de dois dias, e voltava a viajar.

Com o fim do romance de Kiorina e An Lepard, a ruiva que gozava de boa saúde, retomava um pouco de seu espírito de moça, alegre e brincalhona. Ainda assim, mostrava-se uma mulher madura e seus cabelos ruivos, depois de tanto, chegavam até os ombros e pela primeira vez em anos, pareciam mais comportados.

Voltou a estudar magia, junto com Zoros. Aprendeu um bocado sobre espíritos elementais e ensinou a Zoros, alguns trejeitos sobre as magias do fogo. O velho silfo, nunca tivera grande interesse pelo elemento ígneo, mas encontrara em Kiorina, a figura de uma filha, que nunca teve. Era uma das qualidades da ruiva, costumava cativar a atenção, ou mesmo um afeto fraternal ou paternal de todos com que se relacionava. Com o tempo, a ela já conseguia comunicar-se com espíritos elementais do fogo, e seria uma questão de tempo, para que ela pudesse fazer com que colaborassem e mesmo poder convocá-los. Mas sempre era advertida por Zoros, para ter muito cuidado com os rebeldes e imprevisíveis espíritos elementais do fogo.

Logo, passavam-se duas estações, e o inverno chegava. Ali, porém, o inverno não passava de um período no qual as chuvas eram mais freqüentes. Não nevava, e tão pouco fazia frio. A barriga de Mishtra já estava evidente, mas nem chegara à metade da gestação sílfica, cinco meses mais longa que a gestação dos humanos.

Gorum, quase fazia parte da vila de Guinges. Acordava cedo e partia para o mar junto com os pescadores para retornar, apenas no final do dia. Estava bastante moreno, mas seus cabelos cada vez mais se aproximavam do branco. Por vezes, imaginava se ainda saberia manejar uma espada. Entendia perfeitamente porque a ilha era chamada de Shind, paraíso na língua dos silfos.

Archibald também estava moreno e encontrara um tipo de paz que acreditava ser impossível. Já Kyle, estava ligeiramente corado, meditava e meditava, geralmente na sombra, ou na plataforma mais alta da casa de Melgosh, parando por vezes para admirar a beleza do mar verdejante. Kleon estava vermelho como uma pimenta. Sua pele muito branca, ocasionalmente voltava a aparecer quando descamava. Recentemente, dedicava-se a aprender a difícil escrita dos silfos, e aumentar seu domínio sobre a língua, aprendendo até alguns

dialetos antigos com os anciãos de Guinges. An Lepard acostumado com o sol, mantinha o tom de pele, mas já recuperara os cabelos loiros e fartos e um pouco de sua antiga aparência. Mas sua mente continuava povoada por pensamentos e sentimentos sombrios. Kiorina tinha os rosto vermelho, e prendia os cabelos ruivos vibrantes, clareados pelo sol, num rabo de cavalo. Avançava em seus estudos com Zoros, aprendendo feitiços que não fazia idéia que pudessem existir.

Mishtra ainda passeava pelas areias acompanhada de Archibald, coletava conchas das mais diversas, e descobriu que era muito habilidosa para fazer, brincos, pulseiras e colares. Archibald perdia aos poucos seus costumes religiosos e adotava as orações e maneiras dos silfos. Sua fé em Ecta, a deusa mãe, aumentava muito, percebia o mundo de uma nova forma, em contato íntimo com a natureza. Problemas conceituais de sua antiga religião, ficavam cada vez mais distantes, faziam cada vez menos sentido. Era o prelúdio de da consolidação de seu interesse por uma outra visão do que aprendera sobre as divindades. A compreensão e relação com as divindades passariam a ser uma nova busca na vida do ex-monge Naomir.

Tudo parecia tão bom e prosseguir tão bem que poderiam viver ali, em paz, para sempre. Mas aquele não era o destino de muitos deles. Kyle, a cada dia que passava, estava mais inquieto. Suas meditações o levavam para lugares que pouco imaginava. Certo dia, descobriu, que de maneira limitada, podia transmitir seus pensamentos para alguém receptivo. Alguém como Mishtra. Neste dia, Mishtra assustou-se, e percebeu que Kyle havia mudado muito. E com certa tristeza, lembrou-se de Noran. De fato, lembraram-se de Noran os dois ao mesmo tempo. E no breve contato que mantiveram uma coisa havia se esclarecido para Mishtra: O humano deixaria Shind. E o faria em breve.

CAPÍTULO 31

Havia fogo em toda a parte. O bosque ardia, toda a vida contida nele era exterminada num incêndio veloz e demoníaco. Roubert vivia um misto de ódio e horror. Não suportava ver tanta morte, centenas de árvores, milhões de pequenas criaturas, pequenos e grandes animais, filhotes chamando pelas mães. Total desespero. Sentia com cada pequeno pedaço do bosque que queimava, a muitas vidas que se esvaíam. Aquelas chamas eram terríveis e se espalhavam com uma rapidez fora do normal. Era um pesadelo. Mas sabia que estava acordado.

Estava desnorteado e quase sem ação. Chocado, não conseguiu seguir seus companheiros.

Os gritos de Will, não eram suficientes para retirá-lo do transe. – Vamos Sr. Silfo, para o riacho, rápido! Vamos! – O rebelde perdia o fôlego e tapava o rosto com um pedaço de sua roupa rasgada. Seus olhos lacrimejavam, e seu peito ardia devido a fumaça quente. Não teria forças para gritar novamente.

Radishi entrou em ação, e mesmo sem enxergar o silfo, encontrou-o com sua mente. “Roubert, desperte!”

O silfo, ao escutar a voz do companheiro em sua mente percebeu que estava só, no meio de muita fumaça e chamas. Guiado pelo Tisamirense, aproximou-se novamente. Nunca chegaram a se afastar demais, mas a cortina de fumaça fez com que perdessem contato visual.

Radishi tossia muito e estava apavorado. Sentia uma presença maligna, um padrão de pensamentos aberrante, pensamentos de pura agressividade e nenhum sentido. Uma abundante fonte de emoção negativa. Forte o bastante para oprimi-lo, forte o bastante para apavorá-lo.

Vekkardi mantinha o controle e puxava o tisamirense pelo braço, enquanto avançava em direção ao riacho, seguindo o rebelde que acabara de conhecer. Pouco depois, suas botas estavam encharcadas. Tinham alcançado o riacho. Roubert sentia uma forte vontade de respirar a água, encher seus pulmões de líquido para combater a terrível sensação de ardor. A garganta parecia arranhada, rasgada. Respirar doía.

Will gritava, – Dentro da água. É nossa única chance.

Logo sentiam o corpo ser coberto pela água gelada. A correnteza era amena, e o riacho não era fundo. Se ficassem de pé, teriam água pela cintura. Desta

forma, ficaram agachados, mantendo apenas a cabeça fora d’água. O fogo se alastrava e já tomava mais da metade do bosque.

Quieto, Radishi dirigia sua atenção para o monstro horrendo que voava acima do bosque atirando jatos e bolas de fogo quase sem parar. Tinha muito medo e sabia que se fossem encontrados não teriam chances de sobreviver. Da mesma forma que faria para humanos normais, Radishi forjou uma cúpula de pensamentos, mostrariam a qualquer um que olhasse na direção do grupo, a imagem do rio vazio. Não tinha idéia se isso funcionaria. Pediu para todos ficarem quietos e concentrou-se o máximo que pode. Concentrou-se de forma tal, que perdeu toda a noção do seu derredor. Não percebeu quando a criatura cruzou os céus acima de suas cabeças sem lhes dar atenção. E nunca soube, se fora sua concentração que os salvara ou mera sorte.

***

Fora do bosque, o cavaleiro Edréon observava as chamas altas consumindo toda a vegetação. Pensava muito no que acabara de presenciar. Nunca imaginara alguma coisa tão horrível em toda sua existência. Com que tipo de pessoas e seres estava se aliando? Verdade seja dita, viu alguns zumbis, mortos animados pela magia negra dos bruxos necromantes. Era assustador, mas compreensível. Tinha um primo que se formou mago na Alta Escola em Liont, e entendia que animar zumbis era como fazer voar pratos e outros objetos. Vira seu primo evocando feitiços diversas vezes e nunca se chocara. Tão pouco ficou impressionado com Zumbis. Mas aquele demônio. Aquilo sim, tinha feito com que o bravo cavaleiro quase perdesse o controle. Seu coração ainda estava acelerado e suava de pavor.

Observava os dois necromantes discutindo entre si.

– Mas é claro, Clefto, claro que vamos capturar os malditos rebeldes.

Clefto observava o incêndio calado. Algo parecia atravessado em sua garganta.

– O que há, meu caro? – indagou Hendrish, que se titulava, o mestre da dor.

– Não sei. – respondeu o necromante, tendo sua face iluminada e revelada sob o capuz, pela luz das chamas. Era um homem maduro, nariz pequeno, queixos largos, sem barba, com olhos negros amendoados. Tinha sobrancelhas firmes, e dois fortes vincos partindo das laterais do nariz e descendo ao lado da boca. E outras tantas rugas menores escondidas pela escuridão.

– Não me diga que está arrependido? Não estaria com medo, estaria? – Hendrish compreendia bem os sentimentos de Clefto e era sarcástico, aguardando uma reação.

– Não seja ridículo! Eu só pensava... – fez uma pausa e mentiu. – Acho que talvez não tenhamos mais o que capturar. Se estivessem naquele bosque, agora de certo não passariam de carne tostada.

– Sei... – Aceitou Hendrish sarcástico. – Você está com medo de Therd. Adimita seu covarde!

Clefto engoliu seco e uma gota de suor escorreu em sua testa.

– Há! Há! – zombou Hendrish. – Está apavorado! Não confia no seu domínio, não é?

– Pare já com isso, maldito!

– Senão? – zombava Hendrish. – Vai me bater? Vai me atacar? E depois, quem vai enviar Therd de volta? Quem irá controlá-lo.

Clefto estava humilhado e não queria admitir seu pavor. Era orgulhoso e sustentaria uma postura arriscada. – Duvida de mim?

– Claro que sim!

Encararam-se, olhos nos olhos, e escutavam ao longe os gritos insanos do poderoso demônio que convocaram.

Hendrish sorriu, – Clefto, você sabe o que eu acho sobre o aprendizado?

– Como assim? De que está falando.

– Eu acredito que as pessoas só aprendem o que deveriam aprender, quanto estão sob tremenda pressão. É nas situações de limite que nossa capacidade de aprendizado vai ao máximo.

– Sim, e daí?

– E daí? – o necromante de olhos fundos gargalhou com gosto. – Chegou a hora de você aprender a lidar com um demônio da classe de Therd Fermen. – Ao terminar a frase, seu corpo iniciou um processo de escurecimento. Em um instante, ficara negro por completo. Não só negro, mas imaterial. Tornara-se uma sombra, e como se fosse um pergaminho, colou-se ao chão escuro e sumiu, sem deixar traços.

Clefto tremeu de ódio e gritou, – Hendrish, seu desgraçado! Volte aqui!

Edréon estava apreensivo e disse, – Talvez, senhor Clefto, devêssemos voltar e buscar auxílio.

O necromante gritou descontrolado, – Eu não sou covarde! Eu não sou covarde, ouviu bem!

– Senhor, eu nunca afirmei tal coisa.

– Pois, cale-se, cale-se seu imbecil!

O cavaleiro sentiu um calafrio na espinha, ao encarar os sinistro olhos negros de Clefto, cheios de ira.

– Vá! Corra daqui com o rabo entre as pernas. Faça como aquele covarde do Hendrish! Vá de uma vez antes que eu o transforme em um zumbi, ou coisa pior!

Edréon, aceitou bem a proposição do necromante insano e retirou-se veloz.

– Covarde! – xingou Clefto. – Todos covardes! Vou mostrar àquele ridículo do Hendrish, quem sabe mais sobre dominar demônios. – Irado, Clefto suplantou seu medo e partiu para dentro do bosque, evocando sobre sua capa, um feitiço contra fogo e calor.

Trouxe também uma forte corrente de ar, que empurrava o fogo e a fumaça. Lembrou-se dos longos anos que passara na Alta escola de magias. Além de um habilidoso necromante, antes de abraçar as trevas, Clefto era um mago especializado em manipular os quatro elementos. Depois de ser um aluno exemplar, tornou-se professor na Alta Escola de Magia de Liont, onde lecionava até tempos recentes.

Pouco depois, encontrava-se com o demônio Therd Fermen. Sobrevoava o bosque satisfeito com o estrago que provocava. Atingido por uma forte rajada de vento, perdeu a sustentação do vôo girando e num átimo, chocando-se contra o solo em brasas num grande estrondo. Faíscas furiosas se espalharam, mas pouco dano fora feito à criatura que se recompunha procurando seu agressor.

Quando o olhar do necromante cruzou a estreita faixa do olhar da criatura flamante, sentiu o suor descer-lhe frio pelo rosto. Encararam-se por um tempo que parecia não passar. Ambos enxergando a figura do adversário, iluminada pelas chamas e distorcida por ondulações do forte calor.

A criatura inumana falou com a voz embolada e gargarejante, – Gorrrg luuimerrr...

– Não adianta opor-se, Therd Fermen! É hora de recolher-se. – vociferou Clefto.

Therd urrou, mostrando duas fileiras de dentes pontiagudos, ameaçadores.

O necromante deu um passo à frente erguendo a garrafa maligna capaz de fazer uma ponte entre dimensões.

Therd avançou contra Clefto num grande salto gritando, impulsionado por explosões de fogo atrás de si. Incapaz de reagir a tempo, Clefto foi atingido indo ao chão, agarrado à besta. Dominando-o como uma criança indefesa Therd arrancou-lhe a garrafa das mãos e arremessando-o com violência e força incríveis contra o troco de um grande arvore que ardia em chamas. Clefto girou

no ar, como um boneco e atingiu o tronco e o choque provocou um estalo surdo. O demônio gargalhou e de posse da garrafa tomou um forte impulso atingindo os céus rubros daquela noite fervente.

Agitando as grandes asas flamantes com vigor, o demônio riu-se ao observar o necromante tossir, incapaz de ficar de pé. Tinha uma série de ossos quebrados, incluindo uma fratura exposta no braço direito.

Sentindo sangue subir em sua tosse, Clefto estava paralisado de dor. Sabia que tinha muitos ossos quebrados e que perderia a consciência em poucos momentos. Sabia que aqueles deveriam ser seus últimos momentos. Não receberia ajuda, não no meio de um bosque em chamas, não num tempo hábil. Amaldiçoou Therd e Hendrish e perdeu os sentidos.

CAPÍTULO 32

A estadia de Lorde Calisto no castelo do Rei Maurícius chegava ao fim. Saía de Lacoresh, levando consigo uma série de conquistas. Entre elas o afeto e amizade da Rainha Alena. Suas visitas às ruas de Lacoresh, produziram duas carroças cheias de bens que levava para sua nova propriedade juntamente com os presentes recebidos. Além disso, novos colaboradores. Alguns cedidos e oferecidos, como os criados e soldados. Outros contratados por ele pessoalmente.

Não recusava servos oferecidos por outros nobres, mas não confiaria neles demais. Sentia que era uma forma de ser observado pelos antigos senhores destes, e não gostava muito da sensação de estar rodeado por estranhos todo tempo. Hora, o cavaleiro Derek a serviço do Barão de Fannel, hora o terrível Barão Dagon, servo do príncipe Serin. Teria de contratar e ter alguns empregados de sua confiança sem ligação com algum nobre, membro do clero, ou necromante.

Assim, contratou um ladrão de carteiras chamado Rayan, habilidoso em lidar com a parte mais suja da sociedade. Nada confiável, mas muito perspicaz. No último dia, com um pequeno suborno, conseguiu adquirir entre os prisioneiros das masmorras de Lacoresh, um silfo do mar chamado Elser, preso por vários delitos, incluindo assassinato e que seria executado em poucos dias.

Contente com a guinada que teve em sua vida, chegou à sua propriedade, escoltado por um oficial do reino, que lhe mostrava no mapa as delimitações de suas posses. Passara por duas das três principais vilas, Hemna e Wuri. Hemna não passava de um aglomerado de casebres miseráveis, nos quais residiam agricultores muito pobres. E Wuri era uma vila maior. Tinha algumas casas de pedra, pequenos mercados e oficinas. Criavam-se pequenos animais em vários cercados nos arredores de Wuri. A casa de Calisto ficava próxima à vila, no alto de uma colina à leste da estrada que levava a Tanir, uma vila de porte semelhante a Wuri que ficava fora da propriedade de Calisto, pertencendo ao Duque de Kamanesh. A leste da colina, o rio Montiguá, o mesmo que cruza a cidades de Kamanesh e Lacoresh, podia ser avistado. Do mesmo ponto, era possível ver a trilha que levava à vila de Situr, de agricultores e pescadores onde também havia um pequeno porto. Situr era menor que Wuri, mas um pouco mais desenvolvida,

por ser um ponto de parada da rota comercial fluvial entre Kamanesh e Lacoresh.

A casa da colina, novo lar de Calisto, deixou-o um pouco decepcionado. Não era grande, e tão pouco fortificada. O oficial lhe explicou, que no passado pertencera ao bisavô do duque de Kamanesh que a utilizava para descansar durante o verão. Como o velho duque gostava de cavalos e de cavalgar, a construção que chamava mais atenção era o estábulo. Contou-lhe também, que após um acidente com um dos filhos, o velho duque perdeu o gosto pela propriedade, que ficou quase abandonada desde então.

Havia uma dezena de homens efetuando reparos na casa quando Calisto chegou, e fez com que todos parassem o trabalho para recebê-lo, com curiosidade. O rapaz não foi muito amistoso, tão pouco distante. Era gente simples vinda da vila Situr, a leste.

O interior era espaçoso, porém tinha cheiro de mofo e precisava de muita limpeza. Os criados que trouxe, vindos do castelo de Lacoresh, eram habilidosos em dois dias deixaram o local habitável. Era um casarão de três andares, construído, parcialmente de madeira e parcialmente de pedra. Custava a acostumar-se com os degraus que rangiam e janelas frouxas que se debatiam, em especial, nas noites quando o vento era mais intenso e assobiante. Havia mobília antiga, e o novo senhor arrependeu-se de não ter tido a chance de trazer mais bens de Lacoresh para tornar a casa habitável.

Durante esses primeiros dias, Calisto permanecia calado, quase todo tempo, apenas concordando com acenos, quando questionado sobre a maneira de consertar ou como ele preferia que móveis e quartos fossem organizados.

No primeiro dia, recebera a visita dos prefeitos de Wuri e Situr. Ambos ofereceram apoio na reforma da casa e já no terceiro dia, quando recebeu uma interessante visita, a lugar parecia-se com uma habitação de um legítimo nobre.

Estava sentado no quarto de estudos, no segundo andar, ao lado da janela. A luz do sol iluminava a mesa de madeira maciça sobre a qual estavam dezenas de mapas, documentos e alguns livros. Havia pesos de papel antigos, feitos de vidro escuro, com formas pouco interessantes. A sineta que trouxera de Lacoresh, anunciava a chegada de um visitante. Pouco depois, um de seus criados anunciava a presença, no salão principal, de um comerciante de Kamanesh chamado Jeero DeFruss e seu filho, Armand.

Calisto estendeu sua consciência para sondar os visitantes, e percebeu que um deles era apenas uma criança. Que tipo de comerciante traria uma criança pequena para uma visita? Quais seriam suas intenções? Meramente comerciais?

Calisto desceu as escadas, pisando nos pontos mais seguros examinou o par com avidez. Jeero era um homem alto portava-se e vestia-se com a elegância de um nobre. Seus cabelos castanhos eram longos e presos num rabo-de-cavalo. Seus olhos eram fundos e pareciam um pouco tristes. Seu filho, um garotinho de uns dois ou três anos estava de costas, vestido com roupas de adulto. Um homem em miniatura. Seus cabelos eram castanhos claros, muito finos e lisos, num corte em cuia. Observava a movimentação fora da casa através da porta aberta. Ao escutar os passos de Calisto, virou-se e seus olhares se cruzaram. Tinham o mesmo olhar, os mesmos olhos negros, desprovidos do branco. Armand, olhou-o sério por um instante e em seguida abriu um sorriso maroto. Calisto achou o menino simpático e bem cuidado.

Jeero falou com cortesia, – Bom dia, Lorde Calisto. Permita-me uma apresentação. Sou Jeero DeFruss e esse é meu filho, Armand.

Calisto encarou-o com seriedade e acenou com a cabeça. – Muito bem, senhor DeFruss, que negócios o trazem à minha propriedade, tão cedo?

– Espero não estar incomodando, se assim for, posso voltar mais tarde, ou em outro dia.

– Não se preocupe. Vamos sentar.

Calisto observava o menino que tinha grande concentração no olhar e enquanto conversava com Jeero, o menino prestava muita atenção com os olhos fixos. Algo que incomodava um pouco o anfitrião.

Os criados vindos de Lacoresh, ofereceram chá e biscoitos. O pequeno Armand olhava tudo com interesse demorou muito tempo para comer um único biscoito.

– Vou direto ao assunto. – anunciou Jeero. – Vim por duas razões. Primeira, quero sua permissão para montar uma tecelagem aqui em seu território, na vila de Situr. Não só uma tecelagem, mas uma confecção e alfaiataria. Sou um alfaiate e dono da tecelagem Lars-DeFruss, de Kamanesh.

– Interessante. Isso pode trazer vantagens ao meu domínio.

– Com toda certeza senhor. Situr é uma vila promissora, e nossos principais clientes estão em Lacoresh. Com maior proximidade, poderíamos expandir os negócios. E é claro, estou disposto a pagar as taxas exigidas, de acordo com os padrões de Kamanesh, ou com os que o senhor estabelecer.

– Sim. – concordou Calisto e arrumou os cabelos que lhe caíam sobre a testa. – E quanto à segunda razão?

– Pois sim, meu senhor. É uma contrapartida.

– Imaginava que sim, o que deseja?

Jeero pegou o filho por baixo das axilas trazendo-o para seu colo. – Quero que aceite ser o padrinho de meu filho, Armand.

– Padrinho? Como assim?

– Pois sim, Lorde Calisto. Quero que tome responsabilidade na criação desta criança que perdeu seu padrinho, o Senhor Lars.

– Entendo. E porque é tão importante que tenha um padrinho? E porque razão o senhor confia em mim, mesmo sem me conhecer?

– Escute meu ponto de vista, meu senhor. Apesar de ser um simples Alfaiate, percebo que o reino de Lacoresh vem passando por importantes transformações. A chegada das crianças com o sinal do eclipse, a recente guerra contra os bestiais e outros fatores. Tudo leva a crer em uma reestruturação do poder, para breve. Quando recebi as notícias da grande festa no Castelo de Lacoresh e sua titulação...

– Entendi por onde vai seu raciocínio. Pode explicar um pouco mais sobre esses outros fatores de que falou, Jeero?

Jeero olhou para os lados e disse em tom mais baixo, – Entenda meu senhor, todos meus negócios estão estabelecidos sob o território do Duque, apesar de ter muitos clientes em Lacoresh, nunca conseguiria permissão para construir uma tecelagem, ou alfaiataria na cidade de Lacoresh. Sua vinda, vem mostrar mais um sinal do enfraquecimento do poder do Duque Dwain, e sinais de fortalecimento da nova ordem. É por isso que busco aliar-me ao senhor. Quem sabe quando o duque vai cair? Quem irá assumir em seu lugar? O que será de pobres burgueses como nós, sem títulos, sob novas e desconhecidas condições?

– Não precisa dizer mais nada, seja bem-vindo aos domínios de Lorde Calisto! – disse o rapaz satisfeito e contente com a continuação do que percebia como sendo uma grande onda de sorte. Mas poderia ser o destino também.

Jeero sorriu e Calisto pediu, – Traga-me o pequeno Armand até aqui para que eu possa examiná-lo.

O alfaiate entregou a criança nos braços de Calisto. Calisto sorriu, mas a criança choramingou um pouco com a pegada desajeitada do rapaz. Calisto sacudiu a criança, instintivamente para que parasse de chorar, mas não adiantou muito.

Jeero já estava a ponto de pegá-lo de volta, quando Calisto fez com que ficasse quieto. Conversou, numa linguagem simples, diretamente com a mente do menino tranqüilizando-o. O pai impressionado, retraiu os braços e disse, – Puxa! Parece que ele gostou de você. Normalmente não gosta de ser segurado por ninguém além de mim e da mãe.

Calisto sorriu cínico, – Eu sempre tive jeito com crianças. – Mentira, é claro, era o primeiro menino em que botava as mãos em toda sua vida. Voltou a examiná-lo com mais cuidado. O que havia de especial nele? Teria poderes mentais? Segundo seus exames, não parecia. Parecia possuir uma mente normal. Passaria a ter os talentos despertos na maturidade? Ou teria algum talento mágico que não conseguia detectar?

Acabou por devolver a criança ao pai. Assumindo a posição de padrinho do menino, teria tempo de sobra para investigá-lo e descobrir o que teria de especial. Naquela tarde, Jeero voltava a Kamanesh, muito animado e passaria os dias seguintes com preparativos para a instalação e construção da tecelagem e escritório em Situr.

Calisto por sua vez, não acompanharia esta fase inicial, pois uma vista que receberia no dia seguinte, faria com que todos seus planos se alterassem num curto prazo. Seria o fim de sua onda de sorte?

CAPÍTULO 33

O bosque era um cenário triste e desolado, naquela manhã. O chão estava coberto por cinzas, brasas e pequenos focos de incêndio persistiam, aqui e acolá. Muita fumaça difusa, fazia o lugar parecer estar coberto por um forte nevoeiro. Troncos negros e retorcidos apontavam para os céus, com ramos pelados, sem uma folha sequer. Próximo ao rio, seguindo no caminho que levaria ao esconderijo dos rebeldes, Radishi captou fracos sinais vitais de alguém inconsciente.

– É um deles! – apontou Roubert.

Lá estava o necromante, coberto por fuligem, quase imóvel, ao lado de um tronco de árvore queimada.

Radishi disse, – Ele está mal, morrerá a qualquer momento.

Will aproximou-se e ergueu a cabeça de Clefto. – Certamente está mal, mas devemos salvá-lo.

Roubert indignado retrucou, – Salvá-lo!? Devemos deixá-lo, que morra, provando do próprio veneno.

Vekkardi pressionou os olhos e disse rouco, – Concordo com Will. Ele pode ser útil. Podemos obter informações importantes se o fizermos falar.

– Essa não era bem a idéia principal, mas se os convence... – disse erguendo o corpo do necromante e pedindo ajuda a Roubert com um olhar.

Roubert agachou-se e junto com Vekkardi, ergueram o corpo de Clefto, severamente ferido e apresentando algumas queimaduras.

– Tome cuidado com o braço! – advertiu o rebelde.

O silfo espantou-se. – Como ele pode sobreviver assim?

– Magia negra. – esclareceu Will. – Vamos até o riacho, precisamos limpá-lo primeiro.

Enquanto carregavam o necromante de volta ao leito do riacho, Roubert lembrava-se do Cavaleiro Vermelho. – Vocês acham que o Cavaleiro Vermelho escapou?

Will sorriu apesar do esforço que fazia para carregar Clefto. – Certamente. O Vermelho sabe se cuidar.

Pouco depois observavam o corpo de Clefto nú, sobre uma pedra. Tinha queimaduras no rosto, nos braços e mãos apenas. De alguma forma, sua roupa pode conter o calor evitando queimaduras. O braço direito, estava torto e a ponta

de um osso lascado rompera a pele. O sangue estava estancado, uma casca negra, estava ao redor do corte.

Roubert rasgava as roupas de Clefto em tiras com uma faca, e Radishi buscava gravetos para talas. Will disse a Vekkardi, – Precisamos consertar o braço dele logo, senão poderá ficar irrecuperável.

– Mas como?

– Eu aprendi um bocado sobre isso, trabalhando com os Naomir durante a guerra.

– Você participou da guerra?

– Sim, ao meu modo. Meu avô sempre foi contra guerras, e acreditava que se juntar a elas resolveria pouca coisa.

– Há um mosteiro dos Naomir entre o baronato de Fannel e o baronato de WhiteLeaf, não é Will?

– Havia, mas foi queimado meses depois do incêndio no mosteiro próximo à cidade de Kamanesh.

– Não sabia. – Nesse momento Vekkardi observava um corte que Will fazia no antebraço do Necromante, para arranjar espaço para a recolocação do osso. Pediu ajuda e fazendo muita força, internalizou o osso. Deu uma série de puxões, aos quais Clefto não demonstrava o menor sinal de reação. Logo se deu por satisfeito e disse, – Acho que está no lugar. Ou ao menos, bem próximo. Roubert! Dê-me as faixas agora.

O rebelde que ganhava a cada momento, grande admiração por parte de Vekkardi, enfaixava o braço do necromante com habilidade. Em seguida, colocou talas, nos braços, na perna esquerda e no pescoço. Estava pronto para ser carregado.

Antes do anoitecer chegavam na caverna que era a entrada para um dos esconderijos dos rebeldes na região. Era um ponto próximo ao início cordilheira de Thai. Muitas das cavernas tinham lagos, ou rios em seu interior. O riacho que atravessava o bosque recém destruído, brotava de uma dessas cavernas.

Era uma entrada estreita, e precisavam se agachar para penetrá-la. Will aproximou-se da entrada e emitiu um longo assobio. Logo entrou na caverna e virou-se para puxar Clefto, arrastando-o no chão cheio de limo.

A entrada da caverna era úmida e escorregadia, e seu interior era escuro. A temperatura era fria e agradável.

Will alertou-os, – Tomem bastante cuidado. É muito escorregadio por aqui.

Radishi entrou animado. Gostava de cavernas, adquiriu esse gosto em contato com o silfo Modevarsh. Vekkardi seguiu, estava habituado a cavernas,

mas preferia as montanhas e escaladas ao ar livre. Por último, Roubert hesitava para entrar. Sua mente estava em conflito. O medo lhe dizia para não entrar, mas seu grande orgulho não permitiria que se acovardasse. Tenso, engatinhou para o interior da caverna.

Estava muito escuro. Will disse-lhes, – Precisamos esperar um pouco para nossos olhos se habituarem à escuridão. A luz que vem da entrada, será suficiente para chegarmos à toca. – Sua voz ecoou de forma estranha, parecendo amplificada.

Radishi observava o interior da caverna com curiosidade. Aprumando a audição, reconheceu sons de água corrente e pingos ritmados. Apesar da entrada estreita e baixa, estavam em uma câmara enorme, e não podiam enxergar o teto, e, nem mesmo o prosseguimento da caverna.

Pouco depois, conseguiam enxergar formas arredondadas, estalagmites e estalactites no interior da caverna.

Will disse-lhes, – Vamos, podemos prosseguir para a toca. Ajudem-me com o necromante.

Neste momento, Radishi percebeu a forte tensão de Roubert que respirava velozmente e suava. – Roubert meu caro, tente manter a calma. Pense: não há nada aqui que possa nos ameaçar.

– Eu sei. Mas ainda assim, sinto-me desconfortável. Não gosto de lugares fechados. Sinto falta de ar.

– Mas há ar em abundância aqui. Vamos lá, concentre-se para que possamos seguir, certo?

– Muito bem. – Concordou o silfo limpando o suor da testa.

Vekkardi e Will se encarregaram de levar Clefto, enquanto o tisamirense acompanhava o silfo para o interior da caverna.

Após uma pequena parte plana, iniciaram uma descida. Mesmo com cautela, perdiam o equilíbrio com freqüência. Roubert, mais nervoso, caiu duas vezes, sendo amparado por Radishi. No fim da descida, puderam ver um grande piso negro, bem polido.

– O que é isso? Alguma construção? – quis saber Roubert.

Will respondeu, – Não meu caro, isso é um lago. Vamos atravessá-lo.

O silfo sentiu um frio na espinha. Mas aquilo em nada se comparava, ao toque gelado da água.

– Está congelando! – reclamou Vekkardi.

Will indicou-lhes o caminho. Naquele trecho, já não havia muito limo, pois não havia luz para favorecer seu crescimento. Embrenhavam-se na escuridão,

apenas escutando os sons produzidos por eles mesmos e confiando na memória de Will para encontrar o caminho. Durante a travessia, o nível da água, nunca ultrapassou a cintura.

Já estavam naquela caverna há muito tempo. O sol já devia descansar fora dali. Depois do lago, seguiram por pedras úmidas e irregulares até um local onde o musgo voltava e além deste, algumas pequenas plantas. Havia uma fraca iluminação no local, proveniente do alto. Havia diversos orifícios por onde fios de luz lunar amarelada penetravam. A escadaria esculpida na rocha foi uma surpresa. – Vocês que fizeram essa escadaria? – indagou Radishi curioso.

Will respondeu fatigado, – Não. Já estava aqui quando encontramos a toca. Provavelmente trabalho de anões.

– Anões, tão longe?

– É, o lugar parecia abandonado há séculos. Vamos, agora falta pouco, e precisamos repousar.

A toca, era um lugar incrível. Um mundo à parte daquelas cavernas. Grandes punhos de pedra cerrados partindo das paredes, emitiam luz azulada quando tocados.

Além da iluminação, o local era mobiliado. Havia alguns divãs, muito confortáveis. O local era estranhamente aquecido, e não havia excesso de umidade.

– Magia! – exclamou Roubert, que estava um pouco mais calmo com a chegada na toca.

– Sim. – concordou Vekkardi. – Algo muito antigo e poderoso!

– Eu não teria tanta certeza de que isso é trabalho dos anões. – disse Radishi.

– Se não os anões, quem? – perguntou Will interessado.

– Os mesmos que construíram Tisamir.

– Mas, Tisamir não é obra dos humanos? – indagou Vekkardi.

– Pois pelo que soube, Tisamir é obra dos anões. – disse Will.

– Bem, é verdade que não há consenso a respeito disso. Mas eu e alguns de meus companheiros em Tisamir, acreditamos que ela seja obra dos Antigos.

– Antigos? Fala dos El’Kin’Phos? O Senhor Alunil, digo, Modeversh, contou-me certa vez sobre eles. El’Kin’Phos, ou mesmo Elfos.

– Não, não estou falando destes. Eram seres da natureza, mas gostavam de céu aberto, assim como os Silfos.

– Pois quem eram esses Antigos? – perguntou Roubert curioso.

– Ninguém sabe ao certo. São chamados de Antigos, Antigos engenheiros, ou ainda de Merrin.

– Merrin?

– Sim, há poucas referências a respeito dos Merrin, mas um pouco do que soube, é que eram os seres mais mágicos desta terra. Aqueles que manipulavam a magia como uma extensão de seus corpos. E segundo algumas lendas, aqueles que trouxeram demônios à essa terra dando origem às guerras milenares.

– A era maldita! – exclamou Roubert.

– Sim. E é por isso que penso que essa toca, seja obra dos Antigos. A primeira raça a existir nesta terra.

– Eram abençoados pelos Deuses? – indagou Will, trazendo à discussão aspectos religiosos.

– Não sei, meu caro. Em Tisamir poucos estudam as divindades. Nosso estudo é focado em história, línguas, matemática e auto conhecimento.

– Meu tio era sacerdote, da Rela Santa Igreja. – revelou Will. – Por vezes ele me contava, alguns fatos que não eram revelados nos templos e nos cultos. Conhecimentos secretos do Clero, vocês sabem.

– Sabemos. – Vekkardi falou por ele e Radishi. – Tivemos um companheiro, um monge Naomir chamado Archibald, que contou-nos sobre esses segredos do Clero.

– Pois, sim! Meu tio dizia que os Deuses, deram vida à uma primeira raça, os escolhidos. Mas é dito que foram dizimados durante as grandes guerras, eram poucos, e teriam perdido o gosto pela vida, concordando não trazer mais filhos para um mundo de tantos sofrimentos, infestado por tantas pragas, guerras e demônios.

– Engraçado. Archibald nunca havia mencionado tal coisa. – disse Vekkardi.

– A igreja e os monges são cheios de segredos. Ao que parece, apenas os mais graduados tem acesso a certas informações. Talvez seu amigo ainda conhecesse poucos segredos.

– É possível.

Will mudou de assunto e disse, – Temos alguns suprimentos aqui. É melhor comermos e depois descansarmos. Devemos amordaçar e amarrar bem as mãos do necromante. Se ele acordar, não seria bom que pudesse evocar feitiços.

E assim fizeram.

CAPÍTULO 34

Calisto seguia para o norte acompanhado de uma caravana extravagante. Montava um belo cavalo cinza com algumas manchas brancas. Um presente do duque de Kamanesh. A sela de couro vermelha e os arreios também foram presentes do duque. Seguindo-o, em outros cavalos cedidos pelo duque, vinham seus empregados Rayan e o silfo do mar, Elser. Um pouco à frente, montado em seu cavalo massudo, estava o cavaleiro Derek, vestido com os trajes completos da cavalaria. Ao lado do lorde estava uma figura nova, de quem não havia gostado. Um mago, enviado da Alta Escola de magia chamado Chris Yourdon. Sua montaria era branca e suas vestimentas eram da mesma cor, com tantos tecidos que faziam-no parecer um pouco encorpado, mas na realidade era um jovem magro, de olhos e cabelos castanhos, de feições finas e um constante olhar de superioridade. A única coisa que não era branca em Yourdon era um largo cinturão alaranjado que prendia suas vestes na cintura. O grupo completava-se pela presença do sinistro barão Dagon, que os acompanhava à distância, pois era um sacrifício desnecessário que todos suportassem o forte odor de podridão que o cercavam e a sua montaria, morta-viva assim como ele.

Apesar de haver muito que observar na estrada ou mesmo muitos assuntos para discutir com os membros do grupo, a mente do recém titulado à nobreza, girava em torno dos acontecimentos de dois dias passados.

Pensava na madrugada, na qual acordou num sobressalto. Havia algo em sua cama, algo que chiava. Sentiu um toque frio envolver seu tornozelo. Procurou por uma mente, uma consciência que pudesse atacar, mas logo reconheceu a voz que lhe chiou.

– Acorde, menino mimado...

Com o coração disparado Calisto chutou com força para desvencilhar-se do toque úmido de Weiss. – Maldito! Não tem o mínimo de consideração?

Weiss sorriu, esticando todas as pregas de seu rosto deformado em sem pele, iluminado pela fraca luz amarelada que vinha das grandes janelas do quarto de Calisto. – É claro que não, meu pupilo.

– O que quer? – o jovem levantou-se, buscando suas roupas que estavam em um cabide de madeira.

– O que eu quero? Há! Desta vez não sou eu quem quer nada... Vim apenas para trazer-lhe o recado.

– Quem o mandou? – questionou Calisto vestindo suas calças, profundamente incomodado pela presença de Weiss em seu quarto.

– Seu querido papai...

– Eu não tenho pai! – disse irado.

– Você sabe de quem estou falando.

–Sei.

– Pois então, ele tem um trabalho para você.

– O que?

– Hum, digamos que é uma tarefa perigosa.

– Deixe de rodeios, e vá direto ao ponto professor.

– Muito bem. Ele quer que você capture um demônio que está rebelado.

– Demônio rebelado! Como assim?

– Vou lhe contar... – riu-se Weiss e mancou em direção a porta.

– O que é tão engraçado? – perguntou Calisto desconfiado.

– Quem era aquele idiota cabeludo que tentou impedir minha entrada com um dardo envenenado?

– De quem está falando, de Rayan?

– O ladrãozinho... Coitado! Há há há... – chiou Weiss com prazer. – Um coitado incompetente...

– Você não o matou, não é mesmo professor?

– Não, estava de bom humor, apenas ensinei-lhe uma lição... Se você ficar rodeado por idiotas, seu domínio vai ruir mais rápido que imagina. Vamos lá fora, tratei de trazer pessoalmente os presentes prometidos pelo tolo duque de Kamanesh.

Deixou suas memórias voltando sua atenção para a estrada, ou melhor, para a enorme formação rochosa a oeste da estrada. Curioso, perguntou, – O que é aquilo?

Chris Yourdon fez sua voz soar com grande autoridade explicando sobre o assunto como um professor. – É o planalto místico de Or. Construção antiga e enorme. Em seu topo, fica a floresta mística chamada pelos silfos que lá habitam de Shind, ou seja paraíso.

Elser, o silfo do mar liberto por Calisto teve a atenção desperta pela explanação de Chris. Falando um péssimo Lacorês indagou, – Muito silfos nem Shind?

Chris olhou para trás com desprezo e respondeu torcendo a boca, – Uns pouco pobres coitados... Selvagens sem cultura como você.

Elser estreitou os olhos negros afiados e torceu os lábios carnudos e naturalmente carrancudos. Suas grossas sobrancelhas negras se arquearam e sem saber porque, atirou uma adaga contra o mago.

Calisto sorriu. Chris atirou-se do cavalo atingindo a estrada cheia de terra avermelhada. Muito sujo e irado, evocou um feitiço que arremessou o silfo, projetando-o de cima do cavalo com violência.

Derek assustou-se e Rayan observava o conflito com prazer.

O silfo girou no ar, e com agilidade incomparável pousou no solo de pé. Chris irado, convocou uma série de lanças de gelo que surgiam ao seu lado a flutuar. Gotas de suor rolavam pela face de Elser e foi preciso em comandar seus músculos e desviar-se com acrobacias das lanças que voavam em sua direção, uma após a outra. Uma delas, rasgou o tecido da camisa do silfo, acima do ombro, e abriu-lhe na pele um talho.

Calisto, divertia-se com a situação criada por ele próprio ao comandar um forte impulso na mente do silfo para atirar a faca contra Chris. Apesar disso, percebeu que seria uma boa hora para por fim no assunto e mostrar quem estava no comando.

Aproveitando-se da distração do mago, atacou sua mente, deixando-o atordoado. Com o arrogante mago sob controle, fez o mesmo com o silfo e anunciou com grande autoridade. – É hora de parar com essas brigas sem sentido. Os próximos se envolverem em uma briga vão ter de acertar as contas comigo.

– Mas Lorde Calisto! Estava apenas me defendendo. – disse Chris enjoado e indignado.

– Cale-se! Você tentou matar um de meus homens.

– Mas ele tentou me matar primeiro.

– Que aprenda a colocar um freio em sua língua venenosa então!

Chris estava irado e sentia-se injustiçado, mas optou pelo silêncio.

– Quanto a você silfo! – gritou Calisto em sílfico (usava o idioma que extraiu da mente do silfo, pela primeira vez). – Que o corte lhe sirva para lembrá-lo de que é bom controlar sua impulsividade.

Elser apesar da ira, sentiu-se tolo. Não entendia muito bem como perdera o controle com tanta facilidade. Talvez fosse a convivência com os humanos que estivesse fazendo com que ficasse assim, descontrolado.

Com isso Calisto selou o assunto e impôs respeito ao grupo, mesmo que baseado na força.

Logo depois, como se nada tivesse ocorrido Lorde Calisto disse, – E então senhor Yourdon, conte-me mais sobre esses silfos de Shind. Por que disse que são selvagens?

Chris respondeu a contra gosto, – Vivem pendurados em árvores caçam e retiram frutos para viver. Não são capazes de construir nada mais complexo que tocas de madeira e nem mesmo criam animais ou plantam o próprio alimento. Seguem com a mesma forma de vida século após século, sem nenhum progresso.

– E por que os reis de Lacoresh permitem que vivam dentro de seu reino? De certo ao menos pagam as taxas.

– Não, ao que parece não pagam as taxas. – retrucou Yourdon.

– Mas como não? – Calisto estava surpreso. – Quer dizer que são um reino independente no interior de Lacoresh?– refletiu por um momento e pensou "Estranho. Preciso estudar mais o assunto. De certo há maneiras de tirar proveito dos tais silfos. Alguma coisa devem poder ofertar ao reino!"

Chris prosseguiu – São loucos, eu diria. Não ligam para posses, nem mesmo tem uma moeda.

– Se tem tão pouco a oferecer, que paguem com seu trabalho. Que sejam declarados servos.

– Sabe Lorde Calisto, é um interessante ponto de vista.

Calisto tomou mais uma nota mental. Se ninguém ainda havia tomado a iniciativa de fazer com que os silfos pagassem, ele o faria. Encontraria alguma forma de fazê-lo, e assim conseguiria mais recursos e mais poder. Mas por hora, precisava dedicar algum pensamento ao demônio que precisavam capturar.

CAPÍTULO 35

Radishi acordou sentindo seu corpo pregar de tanto suor. Não suava por causa da temperatura que estava amena e sim por causa dos pesadelos. Felizmente aquele foi o último pesadelo daquela noite. Com sua visão retornando ao foco, observou que Will vestia-se.

– Dificuldades para dormir, tisamirense? – disse o rebelde em voz baixa, procurando não despertar Roubert e Vekkardi que ainda dormiam nos divãs.

– Pesadelos. – suspirou Radishi levando as costas das mãos à testa e observando seu suor.

As poucas palavras foram suficientes para acordar Roubert que ficou sentado e alerta num instante. Encarou o necromante e verificou que estava amarrado e desacordado, como deveria. O movimento brusco de Roubert derrubou sua lâmina no chão produzindo ruído de metal arranhando pedra que acabou por acordar Vekkardi. Mas este apenas rolou e resmungou e permaneceu num estado semidesperto.

Radishi percebendo que Roubert dormira com sua espada desembainhada no divã questionou, – Roubert, o que deu em você? É perigoso dormir abraçado com uma coisa dessas. Poderia ter se ferido, não vê?

O silfo custou a processar as palavras de Radishi e após uma longa pausa respondeu, – Não estava conseguindo dormir. – Olhou para o necromante. – Senti-me um pouco melhor empunhando minha espada. Imagino que caí no sono com a espada em mãos.

Will escutava a conversa com atenção e equipava-se para sair. – Já é dia. – anunciou. – Vou sair para ver como estão as coisas lá fora. Tentarei contactar alguns companheiros. É melhor que fiquem por aqui e descansem mais.

Radishi encarou o rebelde com seus olhos azuis quase transparentes. Will observou as fortes olheiras abaixo dos olhos brilhantes do tisamirense e recomendou. – Descanse mais. Volto em meio-dia. – Virou-se para Roubert e disse, – Fique de olho no necromante, mesmo amarrado pode ser perigoso se despertar. É melhor deixá-lo amordaçado até eu voltar. Até mesmo falar com ele pode trazer riscos. Tentarei trazer comigo um companheiro iniciado nas artes mágicas para interrogá-lo.

Will os deixou, descendo os longos degraus milenares e desaparecendo na escuridão.

Radishi pressionava a cabeça e tentava relaxar um pouco, mas a simples presença do necromante era um grande estorvo. Aos poucos Vekkardi despertava. Assim que ficou consciente, perguntou sobre o paradeiro de Will. Roubert lhe explicou e enquanto o fazia, Radishi esfregava os olhos com força.

Pouco depois, o tisamirense deu um basta. Levantou-se e seguiu em direção à saída da toca.

– Onde vai? – quis saber o silfo.

– Preciso descansar. O mais longe possível deste necromante. Está rodeado de energia muito nociva para mim. Preciso respirar.

O silfo levantou-se e disse, – Se importa se acompanhá-lo?

– Venha se quiser.

Roubert encarou Vekkardi e disse, – Pode vigiá-lo por uns instantes? Preciso lavar meu rosto e andar um pouco. Volto logo, e você poderá sair um pouco, se quiser.

Vekkardi concordou com um aceno e pôs-se a observar atentamente o necromante.

Radishi seguiu descendo os degraus com cuidado e quase no fim deles, sentiu-se aliviado. Como se tivesse tirado um peso de sua cabeça. Sentou-se no último degrau e suspirou aliviado.

Roubert veio em seguida e decidiu sentar-se ao lado do companheiro de viagens.

Após um breve silêncio, o silfo puxou assunto. – Bem, aqui estamos. Finalmente encontramos Vekkardi, como o ancestral Modevarsh queria.

– Pois sim, caro Roubert. Foi uma dura jornada. Mas tenho a sensação de que enfrentaremos dificuldades ainda maiores, logo em seguida.

– Que terrível mal! – exclamou o silfo emocionado e mergulhou num silêncio introspectivo.

Radishi percebeu uma forte tristeza e desespero surgir, vindas de Roubert.

Roubert, por sua vez, percebeu pequenos soluços contidos vindos de Radishi. Ele também estava chorando. Estariam ambos chorando pelo mesmo motivo?

O silfo tinha a voz embargada e apesar de estar com os olhos aquosos, não derramava lágrimas. – O que houve, caro Radishi? Por que chora?

– Ontem, enquanto estávamos no rio, nos protegendo do incêndio, perdi alguém importante. Meu grande amigo, Noran, discípulo de Kívion, faleceu.

– É um dos expedicionários que buscam o oráculo?

– Sim. Também temo pela missão e por seus companheiros. Especialmente Gorum e Archibald, por quem também desenvolvi grande afeto.

– Mas como pode saber?

Radishi chorou e teve dificuldades para falar. Finalmente disse, prendendo a respiração, – Apenas sabendo. Aconteceria o mesmo se fosse eu a falecer. Noran saberia, de imediato.

– Entendo, vocês dois tinham um forte elo, não é mesmo?

O tisamirense concordou com um aceno.

Roubert procurou consolá-lo. – Mas não fique triste, morrer faz parte de estar vivo, meu amigo. E morrer também não é o fim.

Radishi encarou-o. – Eu sei. Mas ele morreu sofrendo. Sentiu dor, teve seu peito atravessado por metal, frio e cruel.

– Mas depois se libertou não é mesmo? Assim como todas as criaturas. É este o ciclo.

– Entendo. – disse Radishi mais calmo. – Você também ficou muito abalado por causa de ontem, não foi mesmo Roubert?

– Sim. Quase morri de agonia. Nunca em toda minha vida vi algo tão terrível. Tantos irmãos morrendo, tanta agonia.

– Irmãos?

– Sim, as árvores, insetos, pássaros, esquilos... Todos são nossos irmãos. Somos todos feitos das mesmas coisas, por dentro e por fora. Nós silfos, temos muita ligação com a natureza, talvez por que compreendamos justamente isso.

– Entendo.

– Todos os seres vivos têm dentro de si uma energia, uma forte essência. Nam-lu. Quando morremos, ela se fragmenta. Nossas partes voltam à natureza, alimentando novas vidas. São as centelhas que fazem germinar sementes, centelhas que dão movimento aos animais e centelhas que dão pensamentos aos seres.

– Entendo seu horror meu amigo. Ao ver a floresta queimando, viu as partes de seus próprios parentes e amigos que se foram sofrendo, não é mesmo?

– Você me compreende bem amigo. Bem demais para um humano.

– Por que? Por que os humanos, silfos, anões, bestiais tem que sempre lutar, sempre destruir? Por que todos não podem viver em paz e harmonia com a natureza?

– Imperfeição meu amigo. Imperfeição pura e simples.

Radishi e Roubert conversavam, e identificavam-se cada vez mais

desenvolvendo laços de amizade. Enquanto isso, Vekkardi vigiava o necromante com atenção. Controlava sua ira a cada instante. Lembrava-se de Modevarsh e seus ensinamentos para acalmar-se. Em contrapartida, lembrava-se de seu pobre irmão, Rikkardi, sofrendo naquela caverna. Em seu íntimo, nutria um forte desejo de vingança. Por que não começar logo, estrangulando o maldito necromante?

Sua mente era como um pêndulo, ora ocupando-se de bons pensamentos, ora fixando-se em vingança e destruição. Justo num momento de maus pensamentos os olhos do necromante abriram-se muito arregalados.

Vekkardi levantou-se franzindo a testa e encarando Clefto, muito ferido, amordaçado e amarrado.

– Acordou, não é mesmo peste! Como se sente?

Clefto não respondeu e nem fez movimento algum. Apenas encarou-o com olhar estreito.

– Sentindo um pouco do próprio veneno, não é mesmo? – disse Vekkardi deixando transparecer ódio e desprezo. O olhar fixo do necromante e sua falta de reações incomodavam Vekkardi. Passado algum tempo, Vekkardi foi tomado por uma ira cruel e pressionou com o pé o braço quebrado no necromante. Disse entredentes – Não está sentindo dor, maldito?

Clefto emitiu um gemido de dor abafado e piscou os olhos.

Satisfeito, Vekkardi afastou-se e respirou fundo.

Nesse instante, o necromante tentou falar alguma coisa, mas sem sucesso.

Vekkardi aproximou-se e tentou entender o que dizia. Mas não adiantava, a mordaça dentro da boca impedia que pronunciasse qualquer coisa.

Vekkardi buscou a espada de Roubert, pressionou-a contra a garganta de Clefo e disse. – Se tentar alguma coisa, vai se arrepender. – Em seguida afrouxou a mordaça e puxou-a para debaixo do queixo.

A voz de Clefto era quase inaudível de tanta rouquidão. – Água, por favor, água!

Vekkardi trouxe água e derramou algumas gotas na boca do necromante.

– Quer mais?

Clefto fez que sim, desesperado.

– Um pouco mais então. – E despejou mais algumas gotas. – Vamos fazer assim. Eu pergunto. A cada resposta que me deixar feliz, você bebe um gole de água. Combinado?

O necromante concordou com um aceno, desesperado.

– Você sabe transformar pessoas em zumbis?

– Sei.

– Você é bom nisso?

– Não é o meu forte.

– E qual é então, demônios? – indagou Vekkardi sarcástico. Clefto ficou quieto, com ira contida. Vekkardi prosseguiu, – Mas há alguém que você conhece que é bom nisso, não é mesmo.

– Sim.

– Quero o melhor. Diga-me o nome.

– Argus Termatus.

– Ótimo! Mereceu seu primeiro gole de água!

Clefto engoliu a água avidamente, que refrescou sua garganta irritada por tanta fumaça inalada. Logo sentia a garganta arranhar novamente.

– E esse Argus, onde posso encontrá-lo?

– Fácil! Tem residência fixa na Necrópole.

Vekkardi sorriu e derramou mais água na boca do necromante.

– Onde fica a Necrópole?

– No território dos bestiais.

– Sim, mas onde?

– Não sei explicar – mentiu Clefto – mas eu sei o que você quer. Vejo isso em seus olhos. Quer trazer de volta alguém querido, não é mesmo? Alguém que morreu?

– Cale-se! Não venha me dizer o que eu quero. Você não sabe de nada!

– Sei sim, posso ajudá-lo. Posso levá-lo até Argus. Seja qual for seu desejo, posso ajudá-lo. Convencerei Argus, ele vai me ouvir.

– Não quero sua ajuda, seu imundo!

– Escute-me, não é questão de querer ou não. É questão de precisar! Use a cabeça meu caro. Eu posso levá-lo em segurança até a Necrópole e pedir a Argus que lhe atenda. Ele me deve um favor. Se você me soltar, fico te devendo um favor também. Todos ficariam felizes, não? Uma simples troca de favores! O que me diz?

– Não, não posso confiar em você!

– Pode sim, eu lhe dou minha palavra! Na verdade, eu já lhe devo um favor. Você salvou a minha pele! Era para eu ter morrido lá... Aquele maldito demônio! Eu entendo você, também quero vingança. Devo minha a vida a você. Se me soltar, cuidarei para que você consiga o que quer.

– Como pode garantir?

– Não posso. Deixe-me adivinhar. Você deseja reverter o processo de zumbificação, não é mesmo?

Vekkardi ficou em silêncio. Havia um forte conflito dentro de si. Seu benfeitor, Modevarsh não aprovaria sua conduta. Mas por outro lado, precisava salvar seu irmão. Era sua única família.

Clefto percebia o conflito em Vekkardi e mergulhava em sua mente, adivinhando com precisão os sentimentos dele. – Eu já sei! Você se culpa! Acha que essa pessoa perdeu-se por culpa sua! Sim você sente-se culpado. Quem foi? Sua esposa? Seu filho? Seu irmão? – Clefto percebeu uma ligeira contração nos punhos de Vekkardi quando falou irmão. – Sim, deseja trazer seu querido irmão de volta, não é mesmo?

Vekkardi não respondeu e seus braços começaram a tremer ligeiramente.

– Liberte-me! Vamos lá! Juntos daremos um jeito nisso. Juntos traremos seu pobre irmão de volta!

Vekkardi estava irado. Segurava a espada de Roubert com força e pensava em arrancar a cabeça do maldito necromante linguarudo que não parava de falar.

Dizia num tom baixo e controlado, – Imagino a cena. Seu irmão, sofrendo, preso em algum calabouço, com fome, precisando de carne. Assistindo seu corpo se deteriorar sem consciência de si. Pensando apenas em comer carne quente. Beber sangue. Que triste! Muito triste! Ele merece ser curado, meu caro. É fácil. É só me libertar. Eu dou um jeito. Juro. Salvo seu irmão!

Atormentado, Vekkardi tomou a espada e partiu as amarras que prendiam o necromante. Em poucos instantes, arrependeu-se profundamente de fazê-lo. Clefto apertava seu pescoço e pronunciava ritos malignos. O corpo de Vekkardi tornou-se rijo e não pôde reagir. Suas energias se esvaíam sendo transferidas para o necromante moribundo.

Trocando com seu oponente, vários ferimentos, voltou à perfeita forma física deixando Vekkardi no chão, ferido e com ossos fraturados.

Clefto gritou como um maníaco, – Minha vida se paga com a sua, seu tolo! Vou deixá-lo viver. Sinta-se feliz por isso!

Nesse instante Radishi Roubert correram escada acima. Chegando na toca, viram Vekkardi caído, com o mesmo braço que o necromante tinha quebrado, torto. Apesar de procurar, não puderam captar nenhum sinal do necromante.

CAPÍTULO 36

As montarias estavam fatigadas. A estrada no baronato de Fannel, tornara-se irregular e cheia de grandes ladeiras. Após um dia, alcançaram o dobro da altitude anterior e os ares mudaram subitamente. O calor do verão sofreu um forte corte, e brisas frias e agradáveis cruzavam a estrada. Seguiam a pé, com exceção do barão Dagon e sua incansável montaria. Lorde Calisto acatou as recomendações do cavaleiro Derek quanto a ceder algum descanso às montarias, especialmente naquele trecho de grandes subidas.

Dali, podiam ver o planalto de Or, e a floresta de Shind como um tabuleiro verde e uniforme, perdendo-se no horizonte. Ao longe, o verde vivo da floresta esmaecia tornando-se um fraco azul acinzentado. Ao norte, podiam ver os imponentes picos da cordilheira de Thai, com seus cumes brancos e azulados.

Calisto seguia ao centro e em cantos opostos estavam o silfo Elser e o mago Yourdon. Após o confronto provocado secretamente por Calisto, passaram a se detestar. O rapaz de olhos negros, sentia-se cansado e desconfortável. Estava de mau humor e questionava o porque de estar naquela situação. Estava ali, junto a um bando de estranhos, viajando em busca de um demônio rebelado. Qual seria o real significado daquilo. Com tantos necromantes, por que escolhê-lo para uma incumbência destas? Poderia ser algum tipo de teste, e sendo um teste, teria que passar. Apesar de todo seu poder, Calisto era muito perspicaz e sabia que ainda era jovem e tinha muito que aprender. Aceitava o fato de estar com os pés, pernas, virilha e costas doloridas como uma espécie de aprendizado. Seja como fosse, esse tal demônio rebelado sofreria em suas mãos. Calisto provaria a Thoudervon e a todos o seu valor.

Neste momento, Derek que seguia na dianteira do grupo, juntamente com Rayan, gritava algo. – Senhor! Chegamos.

– Chegamos? Mas não vejo nada.

– Não a nosso destino, chegamos à bifurcação na estrada que nos levará à Manille.

Calisto e ou outros alcançaram Derek tinha um olhar de satisfação nos olhos.

– O que há cavaleiro Derek? – questionou o pomposo Chris Yourdon.

– Chegaremos a Audilha em pouco tempo, antes do anoitecer! Vamos todos, vamos montar. – disse animado.

Yourdon ficou parado olhando para o radiante Derek, montar seu cavalo glabro. Calisto observou a expressão abobada de Yourdon quando ele indagou, – Cavaleiro Derek, o senhor tem família em Audilha?

– Não. – respondeu o cavaleiro sorrindo.

O mago franziu a testa. – Uma amante, então?

– Não. – disse novamente e tocou o cavalo na nova trilha que seguia para o norte.

Calisto impaciente revelou a Chris, – Vamos mago, suba em sua montaria e tire essa expressão idiota da face. Pode dominar os elementos da magia, mas está longe de compreender os sentimentos humanos.

Chris subiu em seu cavalo e indagou, – Qual o motivo de tanta animação? Se na realidade nos aproximamos de um momento difícil? Ele não percebe que nossas vidas estão em perigo?

– Suponho que sim. – Calisto impeliu seu cavalo cinzento ao trote. E Chris seguiu-o curioso. O jovem prosseguiu, – Conhecendo Derek, é natural imaginar que esteja animado justamente com algo muito simples. Comida e bebida.

– Não creio...

– Pois esteja certo, Derek não passa de um glutão. Pensava a viagem toda, apenas na boa comida das estalagens de Audilha e principalmente, no vinho e gentis serventes.

– E por que leva alguém como ele em suas expedições?

Calisto parou seu cavalou e explicou, – Seja o glutão que for sua função principal não é afetada. É um forte e destemido guerreiro, e principalmente, tem estômago. Em especial para as brincadeiras dos necromantes. – Neste momento o barão Dagon passou por eles deixando em seu rastro um forte cheiro de podridão. Calisto prosseguiu, – Ele é capaz de suportar por dias a companhia do barão Dagon, só isso já é um fato extraordinário. Um cavaleiro incomum, é verdade. Nem mesmo usa uma espada. Em seu lugar, usa aquele grande machado. Por isso, não duvide de suas capacidades de guerreiro. É mais equilibrado que muitos nobres e comandantes que já vi, e não é tão tolo quanto parece ser.

– Estou impressionado. – admitiu Yourdon. – O senhor parece possuir um talento especial para compreender as pessoas, Lorde Calisto. Selecioná-las segundo suas capacidades...

– Pois sim, caro mago. Use sua inteligência e junte-se àqueles que carregam o futuro em suas mãos. Avalie bem suas ambições e lealdades. Pois é isso que vejo em você, muitas ambições e poucas lealdades. Pense um pouco. Talvez,

depois de lidar com o tal demônio, tenhamos tempo de discutir a respeito de lealdades.

Calisto impeliu seu cavalo com decisão e logo as mechas de cabelo que lhe caiam sobre a testa eram empurradas para trás pelo vento criado pelo movimento do cavalo. Um pequeno sorriso esboçou-se nos lábios do jovem de olhos cheios de trevas. Pensava consigo mesmo, “Ótimo. Logo terei sob meu comando um representante da Alta escola dos magos. Ele estará em minhas mãos antes que possa perceber”.

O pique dos cavalos não durou muito, mas mesmo assim, chegaram a Audilha antes do anoitecer. Foram recebidos pelo comandante Weimart da milícia local e fiel ao Lorde Lenidil, senhor de Manille. Calisto soubera através de Chris, que as províncias montanhosas de Fannel, eram um tanto independentes, mas cooperativas. Weimart era alto e possuía fartos bigodes negros que desciam até o queixo. Seu olhar não temia nada e por isso encarou Calisto de uma forma que poucos faziam.

Calisto sentiu vontade de insultar ou atacar o homem de alguma forma, mas decidiu que era um momento de diplomacia.

– Olá senhor Weimart, sou Lorde Calisto.

– Sejam bem-vindos a Audilha. Reservei seis quartos em nossa melhor estalagem pois pensei que estivessem em número de seis. – Nesse instante, cruzou olhares com Derek por um breve momento. Derek fechou a cara e girou o braço sentindo certo desconforto.

– Somos seis – disse Calisto. – Mas um de nós prefere acampar fora da vila.

– Entendo, de certo não deseja ser perturbado.

– Sim, diga a seus batedores para não se aproximarem do barão, ele é muito excêntrico e poderá machucar seus homens.

– Um nobre? – perguntou Weimart enquanto alguns criados se aproximavam oferecendo-se para cuidar dos cavalos.

– Excêntrico, como disse. Não gosta que sejam feitos comentários a seu respeito – encerrou Calisto acompanhando Weimart até a estalagem.

Elser logo atrás, usava um capuz para não atrair atenção. Observava o pavimento da rua, composta por pedras cinzas, com tons azulados, dispostas em padrão hexagonal. Estava muito impressionado com o efeito que isso fazia na medida que as pedras se distanciavam. Era fascinado por construções. A vila lhe era agradável e em algum sentido fazia com que se lembrasse de sua cidade natal, no alto dos montes da ilha dos Hiokar. Pouco depois, Weimart e seus

homens os deixavam. Disse-lhes que voltariam mais tarde naquela noite, para discutir sobre os rebeldes.

Antes de subir as escadas para os quartos, Rayan comentou com Derek, – O tal comandante, estava falando do demônio? São mais de um?

– Não Rayan, falava sobre os rebeldes normais.

– Entendo. Diga-me cavaleiro Derek, já conhecia o tal comandante?

– Como assim?

– Tive a impressão de que se conheciam.

– Sim, ele vem da mesma província que eu, Vaomont, ao norte de Liont.

– Sabia. – disse e deu as costas.

– Não vai subir e descansar, Rayan?

– Não, vou circular pela vila. Reconhecer o terreno e procurar por amigos.

– Não desapareça. Lorde Calisto...

– Poupe o sermão Derek, estou indo fazer o que o querido Lorde me paga tão bem para fazer. Espionar.

Após algum descanso e banhos, Lorde Calisto e seus acompanhantes estavam bem dispostos e encontraram-se no salão da estalagem. Derek fora o primeiro a chegar mostrando logo o ouro que carregava. Pouco depois, estava rodeado por comida e bebida.

– Aproveite bastante Derek, pois logo vamos caçar você sabe o que.

– Hoje ainda, Lorde Calisto? – indagou o gigante loiro, com a boca cheia.

Calisto penteou os cabelos molhados com as mãos, afastando algumas mechas do rosto e sorriu. – Não, por hoje descansamos.

Elser apresentou-se. Calisto indicou-lhe o local para sentar-se e sorriu. Em seguida, o mago Chris chegou, vestindo calças cinzas e folgadas e um blusão branco. Sobre a cabeça, usava um pequeno barrete cor de laranja. – Boa noite! – disse gravemente. Sentou-se próximo a Calisto e cruzou olhares com Elser que tinha um incômodo sorriso debochado nos lábios e os olhos sombreados pelo capuz.

Houve certo silencio. Depois de alguns instantes, era possível escutar Derek mastigando e engolindo com grande satisfação. Calisto deixou-se distrair e olhou para o vazio, manipulando um copo de vinho. Deu espaço para sua percepção captar pensamentos e nuanças do seu ambiente. Elser tinha fantasias violentas com Chris Yourdon, enquanto cortava um pedaço de carne dura em seu prato. Já o mago odiava sua missão e lembrava-se das ordens de seu superior. Deixando a mesa, Calisto captou o temor das serventes e principalmente do dono da

estalagem. Havia um medo incomum emanando dele, maior que a média. Encarou-o e neste momento, o homem, muito nervoso deixou cair a caneca que limpava. Calisto penetrou em sua mente e os olhos do estalajadeiro se arregalaram. Sim, ele havia ajudado rebeldes. Há poucos dias atrás houve uma briga na estalagem. Dois rebeldes dominaram o comandante Weimart e alguns guardas. Ele conhecia um deles, Will. Will era o nome do rebelde. Estava com medo de represálias. Sim, seria fácil fazê-lo cooperar.

Como prometera, Weimart chegou para que conversassem. Estava acompanhado por um cavaleiro de Fannel e cinco soldados da milícia local.

– Boa noite, Lorde Calisto. Trouxe comigo o cavaleiro Edréon, de Liont.

Calisto transferiu sua concentração do estalajadeiro para o cavaleiro recém Chegado. Edréon, curvou-se educadamente e disse. – Estou a seu serviço, meu lorde.

– Queira sentar-se. – indicou Calisto.

O cavaleiro tinha bigodes compridos, como os de Weimart, mas avermelhados. Era jovem, muito branco, com cabelos cacheados e usava uma capa verde. Edréon e Weimart se sentaram. Derek sorriu e ofereceu vinho somente a Edréon com animação exacerbada. – Há quanto tempo senhor! Fico sempre satisfeito em te ver.

– Obrigado Derek! Como vai Fortrail? É seu superior, não é mesmo?

– Sim. É um grande homem! Como sempre, a serviço do Rei. Um brinde ao Rei!

Calisto deu um sorriso amarelo e ergueu sua taça a contra gosto. Com exceção dos dois cavaleiros, que brindaram com vigor, o brinde foi murcho.

– Já está bom Derek. – ordenou Calisto.

Edréon percebendo que o Lorde estava ansioso por notícias anunciou, – Perdoe-me Lorde Calisto. Vim justamente para trazer-lhes informações. Estava presente na noite em que a coisa foi liberada.

– Estou ouvindo. – disse o jovem.

– Posso falar mesmo?

– Os que estão aqui estão preparados para ouvir e vieram justamente para a captura.

O cavaleiro concordou com um aceno e decidiu iniciar. Ao lembrar-se do que viu, Edréon perdeu um pouco do senso lógico. – Uma terrível visão! Eu vos digo. Uma criatura que não pertence a este mundo. Insanidade, com certeza. Uma terrível besta de fogo.

– Por favor, acalme-se! – ordenou Calisto.

Weimart franziu a testa. Não fazia idéia do que falavam. Para ele, discutiriam sobre a captura de rebeldes. Mas logo descobriria que estavam diante de algo bem pior.

Após beber uma taça de vinho num só gole, Edréon voltou a falar. – Tudo bem! Vamos do início. Vim para estas bandas a pedido de um bruxo, cujo nome não deve ser citado. Meu trabalho era capturar um rebelde perigoso. Um Tisamirense com poderes letais.

– Tisamirense, você diz. Qual seu nome?

– Radishi.

– Ótimo, prossiga.

– Pois bem, ao chegar fiz contato com Clefto e juntos preparamos uma emboscada para o tal Tisamirense. Mas falhamos. Fomos surpreendidos pelo Cavaleiro Vermelho.

– Cavaleiro Vermelho? – indagou Chris Yourdon.

– Sim, o mesmo das lendas. Mas real. O rebelde mais perigoso de toda a região, possuidor de uma legendária espada flamante.

Calisto sorriu achando a história muito interessante. – Prossiga Edreón.

– Pois sim! – e abaixou o tom de sua voz, quase sussurrando. – Seguimos a trilha dos rebeldes até o bosque. Um pequeno grupo. Além dos que citei, havia um silfo e outros dois. Conforme soube, um local chamado Will e um forasteiro chamado Vekkardi.

– Will, não é mesmo? – disse Calisto em voz alta encarando o estalajadeiro por um momento. O homem tremeu e virou-se quase se atirando atrás do balcão.

– Sim. – confirmou Weimart. – Este Will é um rebelde muito perigoso, precisa ser detido.

Edréon desamarrou uma pequena bolsa que trazia na cintura e colocou-a sobre a mesa. – Quando chegamos ao bosque, Clefto e um outro de sua estirpe chamado Hendrish convocaram a besta. Depois, como sabem, o bosque ardeu em chamas e nada sobrou em seu lugar. Eu e meus homens investigamos o local e não encontramos corpos. Hendrish foi embora e Clefto tentou capturar a besta e desde então desapareceu.

– Entendo. – disse Calisto. – E o que é isso? – apontou para a sacola.

– É o que encontramos, próximo ao rio. – Retirou da bolsa uma pequena garrafa metálica enegrecida. – Estava nas mãos de Clefto na última vez e o vi.

Elser arrastou a cadeira afastando-se da mesa e murmurou, – Fenat toei! Fenar toei!

Calisto examinou a garrafa com indiferença enquanto Chris arregalava os olhos e deixava o queixo cair. O lorde olhou-o de lado e demandou uma explicação.

Chris tocou-a com cuidado e disse assustado e maravilhado, – É um nexo. Muito poderoso, muito perigoso.

Calisto inquiriu, – De certo o que pode enviá-lo de volta, não é?

– Sim senhor.

– Pois bem, dê me isso.

Chris obedeceu e Calisto levantou-se. Levou o recipiente até a lareira e atirou-o nas chamas.

– O que faz, meu senhor? – indagou o mago preocupado.

Lorde Calisto empinou o nariz e declarou confiante. – Não estou interessado em mandá-lo de volta. Quero capturá-lo vivo. Quero subjulgá-lo.

A surpresa de todos manifestou-se de maneiras diferentes. Derek parou de comer. Elser contraiu os músculos, Chris abriu a boca descrente e Weimart ergueu as sobrancelhas sem entender bem a situação. Edréon teve a reação mais visceral. Ficou de pé e disse vem voz alta. – Não posso crer! Não compreende o poder daquela besta!

Os poucos clientes da estalagem ficaram alarmados e um murmúrio preencheu o local.

Calisto olhou-os com calma e disse, – Eu sei, eu sei caros habitantes de Audilha. Sei que sabem da terrível besta que está vagando causando morte e destruição. Mas acalmem-se, pois eu Lorde Calisto vim para salvá-los. Vim para afastar o mal e capturar todos esses malditos rebeldes. Sim, pois saibam que tais criaturas são trazidas pelos bruxos rebeldes que desejam o poder, desejam acabar com a paz. Desejam que haja caos, malditos aliados dos de bestiais e demônios.

Aproximou-se do estalajadeiro que suava como um porco e levou suas mãos brancas e lisas ao rosto suado. – Tenha calma! Tenha calma homem. Não tema os rebeldes. Eu sei como eles são. Eles fazem chantagens, não é mesmo? – O homem deu um sorriso nervoso. – Me desculpe, desculpe senhor! – e ajoelhou-se chorando. – Eu só acobertei os rebeldes por que tinha medo deles. Eles podiam destruir minha estalagem. Me perdoe, me perdoe Lorde Calisto.

– Viram isto? Viram essa comovente confissão? – sorriu Lorde Calisto deixando todos admirados.

– Não temam! É chegado o fim para esses arruaceiros. É chegado o fim para a rebelião. Logo não haverá mais medo, não haverá mais perseguição. Não haverá mais desconfiança. Haverá apenas a paz. Pois foi professado! Os deuses

professaram. A Real Santa Igreja professou! Disse que quando as crianças com a marca do eclipse chegarem, um novo período dourado virá. Paz e prosperidade em todo nosso reino meus amigos. Paz e prosperidade!

Aproveitando a deixa, Derek ergueu sua taça e disse, – Um brinde ao Lorde Calisto! Um brinde à paz e a prosperidade.

Após alguns instantes de hesitação, todos na estalagem ergueram seus copos e taças em homenagem ao enigmático menino de olhos negros.

CAPÍTULO 37

Vekkardi sentia muita dor e sua mente mergulhava no passado. Viajava para quando fora feito prisioneiro na fortaleza de Noran, seduzido pelas trevas. Uma das costelas quebradas furava a carne de seu peito por dentro, uma sensação parecida com as flechas que lhe atravessaram o tórax antes de ser preso pelos necromantes. Naquela ocasião, não sabia sobre o terrível destino que seu irmão tivera. A pedido de Noran, que usava terríveis máscaras, sua vida fora poupada. Salvou-se repetindo uma frase. No momento, tentava alcançar salvação fazendo o mesmo.

O discípulo de Modevarsh suava e delirava repetindo, – Eguereeppykilu! Eguereeppykilu! A chave que destranca a mente é guardada por Kivion e Radishi!

– Maldição, Radishi! Não deviamos ter saído.

– Ele se foi... – comentou o tisamirense. – Não sinto mais a presença do necromante. No entanto...

O silfo girou a cabeça atento a ruídos vindos de fora da toca.

– Will está vindo, acompanhado de alguém.

Pouco depois, escutaram os passos apressados de Will na escada. – Olá! Estão todos bem? – disse ofegante.

Radishi respondeu, – Vekkardi está muito ferido!

Em seguida, Will surgiu suado e com os olhos arregalados. – Logo soube! A coisa escapuliu!

– Ao que parece, transferiu suas chagas para o pobre Vekkardi. – explicou o tisamirense.

Will ajoelhou-se ao lado do divã e verificou o braço de Vekkardi, que continuava delirando. Rasgou a camisa, apalpando-lhe o peito. Exclamou preocupado, – Está perdendo muito sangue por dentro!

Radishi e Roubert voltaram suas atenções para a entrada da toca de onde surgiu uma figura muito calma.

Roubert ergueu as sobrancelhas e exclamou tomado por profunda surpresa, – Primo Eleriln!

O silfo de expressão plácida sorriu para o primo dizendo, – Roubert, fico feliz em vê-lo. – Examinou Vekkardi por um instante e sorriu para Radishi cumprimentando-o com um aceno. O sorriso era perfeito, com dentes muito

brancos e emparelhados. Roubert foi a sua direção e abraçou-o. Era um silfo magro, com o rosto estreito, nariz pontudo e lábios finos e delicados. Tinha orelhas grandes e pontudas, nada discretas. Sua pele era ligeiramente bronzeada, incomum entre os silfos da região. Vestia-se com couro escamoso e lustroso, bege com rajadas esverdeadas, como a pele de certas cobras. Seus cabelos eram castanhos claros e fartos, penteados para trás e com diversas pontas rebeldes. Seus olhos eram finos e estreitos, escondendo suas íris verde mar.

Aproximou-se de Vekkardi com calma. Sentou-se de lado no divã e examinou seus ferimentos. Sorriu e com alegria entoou uma bela canção, na língua dos silfos. Em sua canção evocava energias mágicas curativas. Logo Vekkardi acalmou-se e relaxou por completo, mergulhando num sono profundo.

Gentilmente pediu, – Tragam-me água dos lagos, o máximo que puderem. – Retirou do cinturão uma faca pequena e delicada, porém afiadíssima. Segurando-a com a ponta dos dedos, aguardou a chegada da água em profunda meditação.

– Façam fogo por favor, pois toda água precisa ser fervida.

Após a fervura, pediu-lhes, – Ajudem-me a deitá-lo no chão.

– O que pretende fazer? – indagou Radishi.

– Farei o que puder para recuperá-lo. – Mergulhou a ponta da faca na água fervente. – Ele precisa ser operado.

– Você quer dizer, que vai cortá-lo? – indagou Radishi surpreso.

– Sim. É necessário.

– Se estivéssemos em Tisamir...

– Sim, compreendo. Mas infelizmente, não estamos. É mesmo uma sorte eu estar por perto... Do contrário, temo que seu amigo teria poucas chances.

Radishi suspirou.

Eleriln disse com placidez, – Se desejar, pode esperar lá fora. Não será um evento bonito de se ver. – Sorriu para Will e disse, – E Will poderá me auxiliar, como já fez muitas vezes, não é?

Will concordou com um aceno e ajoelhou-se ao lado de Vekkardi.

– Temos muito o que consertar. Você e Roubert podem aguardar e buscar mais água. Vamos precisar.

Eleriln voltou a cantar e em seguida, operava Vekkardi. O chão ficou cheio de sangue diluído em água. Durante a operação, o silfo, especialista em magias curativas, mas também em herbalismo e técnicas curativas mundanas, parava os cânticos e realizava magias. No fim, estava exausto e Vekkardi, dormia, com seu braço consertado e costelas reformadas.

Após uma noite de descanso, deixariam o esconderijo que não seria mais seguro com a fuga do necromante. Roubert e o primo não se viam há mais de um século e tiveram a oportunidade de discutir sobre as mudanças na floresta de Shind e sobre o tempo de estudos de Eleriln entre os silfos do mar, na cidade de Hynei.

Carregar Vekkardi não fora fácil, mas também não mais difícil que trazer Clefto. Uma vez fora das cavernas, tomaram rumo norte em direção ao pequeno vilarejo de Seilhe. Lá havia alguns colaboradores que abrigariam Vekkardi durante sua recuperação.

Audilha se comparada a Seilhe, seria uma grande cidade. A pequena vila não possuía pavimentação e não passava de um aglomerado de casas, uma pequena rua de mercados e alguns moinhos de vento nos topos dos morros próximos. O sustento da vila vinha da vinicultura e criações de pequenos animais, roedores de pelagem cinzenta, em sua maioria. Havia uma pequena cabana além do vale de Seilhe, na qual podiam buscar abrigo. Para não chamarem atenção, passaram por fora da vila, numa trilha difícil e abandonada, muito usada pelos rebeldes.

CAPÍTULO 38

Caminhavam pelas belas ruas de Audilha, observados pelo olhar desconfiado e curioso dos locais. Lorde Calisto, vestindo um de seus melhores trajes, com suas belas feições e um sorriso sedutor, recém adquirido, causava sensação onde passava. Ao seu lado, Chris Yourdon, evocava grande respeito, assim como todos os membros graduados da Alta Escola de Magia. Todos comentavam sobre o nobre de olhos negros que chegara para salvar a população da ameaça dos rebeldes e seus bruxos malignos.

Calisto transmitia pensamentos para a mente de Chris. “Sorria mago! Sorria. Não quero ver uma ruga sequer de preocupação em sua face”.

Logo atrás, seguiam o comandante Weimart e os cavaleiros Derek e Edréon. Os três com seus trajes muito limpos, como se estivessem preparados para uma parada. Subiam a ladeira da rua mais rica de Audilha, onde ficava a tão conhecida escola escultura, a casa do prefeito, um templo da Real Santa Igreja e os postos das casas comerciais, Atir, Rollant e Senerval.

A casa Atir, dominava o comércio de vinho em todo o reino. Os Rollant eram responsáveis por transportar e vender obras de arte, principalmente esculturas. Mas raramente faziam negociações, em geral só atendiam encomendas. Já a casa Senerval, lidava com o comércio local e disputava com a casa Atir uma fatia do comércio de peles e pedras preciosas, tendo sua sede em Liont.

– Mas o senhor deve compreender Lorde Calisto – sussurrava Chris – existe uma grande diferença entre demônios etéreos e demônios que chegam até aqui em carne e osso!

– Entendo perfeitamente e por favor, sorria. – disse Calisto entredentes.

– Se é que podemos considerar que têm carne e osso... Enfim, são muito fortes! E se fugiram ao controle dos necromantes que o evocaram, nós pouco poderemos fazer para dominá-lo, em especial sem o nexo!

– Cale-se mago! Não quero ouvir essa ladainha! Sei o que estou fazendo – disse irritado, mas transparecendo para as pessoas confiança e satisfação.

– Chegamos! – anunciou Calisto na entrada da escola de escultura. Era um prédio de três andares com um grande portal de madeira escura de dois andares, perfeitamente esculpido em altos relevos. Cenas rurais, de colheita de uvas e

preparação de vinho eram retratadas em oito subdivisões retangulares. O portal era dividido ao meio e ambas as metades estavam abertas.

Sob o portal retangular, havia um homem loiro de rosto bem cuidado, com bochechas rosadas. – Sejam bem-vindos. Meu nome é Regis, sou o chefe da oficina de escultura em pedra. – As mãos do rapaz eram brutas, unhas grandes e sujas e dedos calejados, uma completa antítese de seu rosto.

Calisto sorriu e disse, – Olá Regis. Podemos conhecer a escola?

Era um rapaz gentil, e a gentileza de Regis incomodava um pouco o Lorde.

– Pois sim! Nossa escola fica honrada com sua visita Lorde Calisto – Aceitou Regis, ligeiramente tenso. Calisto percebendo-lhe a tensão, investigou-lhe a superfície dos pensamentos. Regis tinha grande estima pelo diretor da escola, Mestre Carulvo, mas temia os contatos de seu mestre com a nobreza. Aparentemente a língua do diretor perdera os freios. Apesar da tensão, o escultor parecia estar atraído pela beleza de Calisto e pensava por vez ou outra que seria bom retratá-lo em uma escultura.

– Ótimo! – disse Calisto e virou-se – Derek, Edréon e Weimart, podem nos aguardar aqui fora. Voltaremos em breve.

Seguiram pelo corredor principal da escola. Escutando ao longe barulhos de entalhes sendo realizados, metal e madeira sendo serrados e conversas difusas. – Sabe Regis, sou um grande apreciador das artes – mentiu Calisto. – E acho, que as artes e militares não combinam. O que acha?

– Na realidade senhor, gostaria que as artes fossem de utilidade e apreciação de todos, mas devo confessar que em tempos de guerra e tensão, muitas pinturas e esculturas são destruídas e queimadas. O que sempre é ruim.

– Isso! Você compreende o que quero dizer. A brutalidade é oposta à sensibilidade.

– Devo concordar senhor – disse o escultor com um sorriso hesitante. – Aqui é a oficina de trabalhos em madeira – Muitos homens trabalhavam no local, um amplo salão sem maiores decorações. – Como pode ver, há sempre muito trabalho a ser feito.

– Diga-me Regis, seria possível que pudéssemos falar com o famoso Mestre Carulvo? Sou um grande admirador de suas obras.

– Não estou certo disso. O mestre está sempre tão ocupado... – Seguiram no corredor em direção à oficina de metais.

Calisto percebeu de imediato que Regis mentia. Um pouco desconcertado com o olhar enigmático e aterrador de Calisto, o escultor cedeu, – Mas tenho certeza de que se podemos arranjar um pouco de tempo com o mestre mais tarde.

– Diga-me Regis, o que pode me dizer sobre a rebelião?

O escultor ficou tenso e respondeu, – Não muito. São arruaceiros, sedentos pelo poder da coroa. Existem aqui e acolá. Não sei de nenhum líder ou liderança.

– Sei. Soube que havia um rebelde entre os professores da escola, um sujeito chamado Menzel?

– Menzo senhor – disse Regis tentando ocultar a apreensão. E sentindo o coração disparar.

– Isso, Menzo. Soube que foi julgado e condenado na capital?

– Sim soube.

– A execução ocorreu a pouco mais de um mês. Dizem que foi terrível, uma atrocidade.

Regis corou e disse, – É uma pena.

– Sim, verdadeiramente lastimável – disse Calisto irônico. – Sabe, justamente por isso é que vim até aqui. Vim para acabar com essa infeliz rebelião. Ouvi dizer que alguns de seus membros mais perigosos estão nessa região, incluindo o legendário Cavaleiro Vermelho, não é mesmo?

Regis sentia um forte calafrio e suas mãos suavam. Calisto envolveu as costas do rapaz com o braço direito e disse sorrindo. – Tenha calma, meu caro. Sei que deve ser terrível viver sob tal tensão. Viver na incerteza. Sem saber se amanhã algum amigo será vítima de um ataque cruel dos rebeldes e seus comparsas.

– Comparsas? – disse com a voz trêmula.

– Sim. Mortos-vivos e demônios!

Calisto sorriu largamente. Divertia-se com a tensão e medo que introjetava no jovem e delicado escultor. Se o pressionasse por muito mais tempo, ele poderia ter um ataque de nervos.

Uma voz levemente rouca e envelhecida veio do corredor lateral e fez com que Regis desse um pequeno pulo. – Vou lhe contar sobre comparsas, menino do Eclipse!

Calisto virou-se para encarar o olhar afiado do velho mestre escultor. Era baixo e tinha a pele muito enrugada, usava uma manta bege e grossa e sobre a cabeça uma exótica toca azul.

– Mestre Carulvo! Sou um grande admirador do seu trabalho! – Fingiu admiração perfeita. Qualquer cidadão comum de Lacoresh reconheceria como legítimas suas palavras, mas Carulvo enxergava longe e foi capaz de identificar o fingimento nos gestos ligeiramente exagerados do menino.

O mestre mostrou os dentes amarelos a Calisto e disse, – Que negócios o trazem à minha escola? Certamente não veio apenas nos visitar.

Calisto deixou escapar uma risadinha cínica e disse como se estivesse magoado, – Oh Mestre Carulvo! Assim fico sem jeito – Olhou-o de lado e completou, – Na verdade, além de minha curiosidade de conhecer uma escola de esculturas, vim na realidade a negócios.

– Saiba que se seus negócios significarem levar mais algum de meus meninos para tolos julgamentos de rebeldes...

– Mestre Carulvo! – eriçou-se Regis. – Por favor! Lorde Calisto veio nos prestar auxílio! Perdoe-me dizer desta maneira, mas o senhor está sendo rude com um nobre, não percebe?

– Acha que sou alguma criança, Regis? Eu sei muito bem como falo!

– Muito bem, senhor Carulvo, entendo que tenha sido dolorida a perda de vocês. Entenda, há dor para todos, e continuará havendo enquanto rebeldes estiverem soltos e agindo por aí.

– Sim, e haverá rebeldes sempre, enquanto houver tiranos!

– O senhor diz palavras duras, mas verdadeiras. Enfim, concordamos. Saiba o senhor que não estou de pleno acordo com tudo que há em nosso reino, e cheguei para mudar muitas coisas. Mas não vim até aqui para discutir o futuro do reino. Na realidade vim, para encomendar a confecção de uma jaula.

– Uma jaula? – admirou-se Carulvo. – Não sabe que somos escultores?

– Sei. Mas sei que tem uma oficina de metais e que tem muitos homens para trabalhar. Sei também que podem produzir com facilidade uma jaula e fortes correntes.

Carulvo ficou quieto por alguns instantes e Calisto provocou. – Não me diga que uma escola enorme como esta, capaz de produzir esculturas de metal da altura de três homens não é capaz de construir uma simples jaula?

Carulvo retirou o capote azul e disse irritado, – Mas é claro que podemos construir uma jaula!

– Pois então está acertado. O senhor Yourdon lhes passará todas especificações necessárias. Quero que fique pronta o mais rápido possível. Pagarei o dobro de seu custo para acelerar a produção.

– Muito bem, se é isso que deseja... – resmungou o diretor da escola.

– Estamos acertados! Mago, cuide dos detalhes e encontre-me na estalagem.

As risadas repetidas não interferiam a perfeita concentração de Arávner. Kurzeki, corria satisfeito pelo salão carregando objetos daqui para ali. Entrando e saindo do cômodo, luxuosamente decorado, com veludos púrpuras. O púrpura era a cor favorita do mestre de Kurzeki. O servo débil e insano preparava uma nova e horrenda decoração.

Arávner, alto e imponente, permanecia imóvel em sua grande cadeira, na cabeceira da mesa. Suas mãos grandes, brancas, dedos compridos e carnudos e suas unhas compridas e transparentes estavam espalmadas sobre a madeira grossa e lustrosa da mesa. Sua mente viajava, com intensa atividade. Percorria diversos futuros, examinava diversas possibilidades, buscava das profundezas orientações e coordenava uma rede de previsões e pensamentos que cem homens juntos não seria capazes de sequer supor. Sua mente, era poderosíssima e guardava em si, uma das maiores capacidades de raciocínio de todo o mundo.

Por vez ou outra, Kurzeki entrava no salão carregando algum objeto, rindo e dizendo frases relacionadas à satisfação dele e do seu mestre. – Hehehe... O mestre vai adorar esse novo vaso! Hehehe! Que bom, estamos em casa! A viagem acabou... hehehe! Os sete poderosos, hehehe! Lorde do Submundo! Hehehe.

“Kurzeki.” chamou Arávner com a força de seu pensamento.

– Sim mestre!

“Quero que providencie o envio de uma mensagem para Lorde Thoudervon.”

– Como desejar, meu mestre!

“Busque uma pena, papel e tinta. Escreverei usando seus braços. Não desejo quebrar minha posição de meditação.”

– Imediatamente mestre! – disse o criado deformado com muita animação enquanto corria para buscar, a pena, papel e tinta.

Antes que Kurzeki retornasse, Arávner ponderava em seus pensamentos a respeito da mensagem que enviaria. “Como previ. O menino é um bom jogador. Sua jogada pode ser um pouco mais avançada que meus colegas estejam esperando. Isso pode ser bom, ou ruim. Precisamos aproveitar bem este menino. Precisamos fazer com que ele jogue a nosso favor. Além do mais, há o tal Radishi de Tisamir. Talvez ele possa interferir. Precisa ser detido. Conforme for, talvez eu vá em pessoa para conversarmos.”

– Mestre! Mestre! Estou pronto! Me use... Faça o Kurzeki escrever...

“Muito bem Kurzeki, vamos contar ao antigo a respeito do jogo de seu protegido... Isto é, se ele ainda não descobriu por si próprio.”

CAPÍTULO 39

Tudo estava pronto para a caçada. Tinham as correntes, a jaula montada sobre uma carroça puxada por cavalos, soldados e montaria para todos. Rayan fora o único a ficar em Audilha, causando certa inveja em Elser e Chris. Calisto tinha consciência de que a reunião de informações era muito importante para que seus planos prosseguissem bem. Além disso, Rayan era carismático e falador. Misturava-se bem com o povo e podia espalhar boatos com facilidade.

As estradas que os caçadores de demônios seguiam eram ruins. Mas seguir a trilha de Therd Fermen não era nada difícil. Bastava perguntar aos fazendeiros e camponeses sobre assassinatos e incêndios. Além disso, Calisto era capaz de captar sinais da criatura através de suas faculdades mentais. Durante a jornada, o Lorde pode perceber, pouco a pouco, a ferocidade e poder da besta. Quando chegaram na pequena vila de Naimont, foram recebidos com festejos. Já circulavam na vila todo tipo de histórias sobre a besta de fogo. Notícias de que um grupo de caçadores de bestas, vindos de várias partes do reino, trouxeram esperança aos habitantes que estavam amedrontados e desesperados.

Naquela noite, ajudados pela população local, acenderam uma grande fogueira na esperança de atrair a criatura, maníaca por fogo. Como Calisto imaginava, a besta veio, emitindo urros ferozes e jatos de fogo que incendiavam barracos instantaneamente.

A criatura não esperava por uma emboscada e atacava a vila sem preocupações. O papel de Chris era muito importante, pois ele, em teoria deveria ser capaz de ferir a criatura e talvez dominá-la. O mago estava muito nervoso e sabia que sua ação não podia ter falhas. O povo da vila gritava e fugia em desespero e era perseguido pelo demônio que os incinerava com grande prazer. Neste momento, Derek, Edréon e Weimart surgiram cavalgando com armas em mãos, gritando e desafiando o demônio para a luta. – Demônio! – gritaram juntos. E Derek completou com seu vozeirão, – Venha sentir nossas lâminas!

Therd parou no ar, batendo as asas membranosas com vigor. As chamas que o rodeavam cresceram e gargalhou num tom ameaçador. Derek continuou firme erguendo seu grande machado acima da cabeça. Edréon hesitou e estremeceu, quase recuando e Weimart, deixou o queixo cair e junto com ele sua espada. Ficou imobilizado de horror.

Calisto apresentava suas cartas e Therd aceitou o blefe. Therd voou próximo ao solo, emitindo rajadas de fogo em direção dos cavaleiros. Derek desviou-se por pouco, controlando sua montaria com grande habilidade. Edréon foi ao chão para evitar as chamas de calor sobrenatural e Weimart não teve a mesma sorte. Seu cavalo foi engolfado pelas chamas e logo em seguida gritava em desespero rolando pelo chão.

Calisto enviou o sinal para Chris. “Agora mago, faça sua parte!”

Chris evocou uma coluna de vento gelado, repleto de pequenas farpas de gelo cortante. Therd foi atingido, seu fogo apagou-se e girou no ar perdendo o controle do vôo. Simultaneamente, Calisto arriscou seu primeiro ataque mental contra o demônio. O efeito foi longe do que esperava. Ao invés de desmaiá-lo, fora apenas capaz de atordoá-lo. – Maldito! – exclamou o jovem. – Sua mente é resistente!

Ainda assim, o efeito causado foi suficiente para fazer com que Therd não pudesse evitar a colisão com a lateral do celeiro de onde Derek e os outros haviam saído.

Derek seguiu veloz em direção a Therd pensando que não haveria outra oportunidade tão boa para atingi-lo. Calisto pensou enquanto observava o avanço do gigante, “Louco...”

Louco ou não, Derek acertou a lâmina de seu machado com grande violência contra o corpo do demônio, que procurava recompor-se. O impacto não causou o efeito esperado. O machado ficou enganchado e o cavaleiro perdeu o equilíbrio e caiu da montaria. Ajoelhando-se para ficar de pé, mal pode crer nos seus olhos. Sua melhor machadada, não tinha sido capaz de penetrar mais que dois dedos na grossa pele do demônio. Murmurou assustado. – Credo! Sua pele é mais dura que madeira de lei!

Therd urrou e pôs-se de pé. Segurou o cabo do machado retirando-o de seu peito com um gemido surdo. Avançou contra Derek que imaginou que aqueles eram seus últimos momentos. Escutou no entanto um galope veloz atrás de si. Executando uma manobra de ataque que seria suicida para um humano, o inumano barão Dagon voou em direção ao demônio. Deixando o lombo do cavalo que corria em velocidades impossíveis, fez de seu próprio corpo um grande projétil, cuja ponta era a grossa lâmina de sua espada montante. A pele grossa do abdome do demônio cedeu e trespassado, foi pregado contra a parede do celeiro. Dagon, chocou-se contra a parede e caiu no chão ao lado, tendo vários de seus ossos desarranjados. Therd gritou, emitindo golfadas de seu estranho e negro sangue demoníaco entre os dentes pontiagudos. Therd pregado,

não viu alternativa senão incendiar todo seu derredor. Acendeu seu corpo como uma tocha. Sem paredes não estaria mais preso.

Calisto e Chris avançaram. Enquanto Calisto atacava a mente de Therd, Chris atirava lanças de gelo contra as asas do demônio, fazendo vários furos. Therd tinha um tipo de mente bizarra. Calisto nunca tentara penetrar numa coisa como aquelas. Sentia suas têmporas explodir e não conseguiu defender-se de um contra-ataque mental, instintivo da criatura. Ajoelhou-se no chão, sentindo muita dor e em sua boca sentiu gosto de seu sangue. Em seguida, o sangue do jovem lorde vazava pelas narinas e pelo ouvido.

Arqueiros fiéis a Edreón disparavam flechas contra a criatura, mas quase não faziam efeito algum. Era como se atirassem agulhas no monstro.

Derek avançou rolando para buscar seu machado aos pés da criatura. Girando-o com toda força atingiu o braço esquerdo, abrindo um talho. A reação das que veio na forma de um safanão arremessou o cavaleiro para a distância de duas vezes seu tamanho. A armadura estava amassada e rasgada e sob esta, havia queimaduras e um corte que arrancava sangue do abdome do cavaleiro.

Calisto precisava mudar de estratégia com urgência. Enviou alguns pensamentos para a mente da criatura. “Escute Therd, não queremos mandá-lo de volta. Nem mesmo trouxemos o nexo.”

Lutando para libertar-se, Therd respondeu em voz alta e gargarejante, – O que querem então, me matar?

“Não! Queremos sua colaboração. Entregue-se e lhe daremos o que deseja.”

Neste momento a parede que prendia o demônio cedeu. Com esforço ele retirou a espada do abdome, ajoelhando no chão por um momento, sentindo muita dor.

Calisto, gritou. – Parem de atacar! – e em seguida transmitiu pensamentos para seus aliados, “Ele vai se entregar!”

O instante seguinte seria decisivo. O demônio tinha a mente ativa, e apesar de ter um controle rude sobre seus poderes, tinha uma potência enorme. Isso possibilitava a comunicação veloz que havia entre telepatas.

“Escute o que tenho a dizer poderoso demônio. Ser meu aliado lhe trará apenas vantagens, inúmeras vantagens. O tempo é importante, pois me escute!”

No momento seguinte, o demônio colocava as mãos sobre o chão, submetendo-se à vontade de Calisto. O jovem ordenou que trouxessem as correntes e a jaula. Em pouco tempo, o temível Therd Fermem estava acorrentado e a deitado na jaula, dentro de uma enorme bacia de metal. Seu corpo em chamas, elevaria a temperatura para derreter o metal das correntes e da

jaula. Logo os vários soldados fizeram um mutirão para encher a bacia com água. Baldes e mais baldes de água foram jogados até que a criatura era imersa em água fervente que exalava muito vapor. Com o tempo, as chamas cederam, a temperatura se estabilizou e esfriou um pouco. Estava imerso em água quente.

Calisto sorriu apesar da dor de cabeça. A captura tinha sido bem sucedida. Os feridos eram tratados, não houve nenhuma vítima fatal entre seus homens. Com algum esforço, o barão Dagon pode se recompor e antes de seguir seu caminho, levou consigo um camponês morto por Therd, para lhe servir de alimento. Derek reclamava muito de seu ferimento, mas por sorte, o corte era superficial. Elser saiu de sua posição, sem precisar cumprir sua parte. O plano de Calisto havia funcionado em sua segunda parte, dispensando suas ações. Weimart sofrera várias queimaduras, mas foi protegido por suas vestes grossas e armadura, certamente sobreviveria.

CAPÍTULO 40

A volta a Audilha causou grande sensação. Em pouco tempo uma multidão de curiosos estava em uma das praças, disputando espaço para ver besta capturada. Logo pessoas importantes e influentes chegaram ao local. Um dos soldados, um batedor veloz havia se adiantado para dar a notícia em Audilha. O jovem lorde ficou cheio de satisfação quando percebeu que o próprio senhor da província de Manile, Lorde Lenidil, estava presente.

As dores de cabeça já haviam passado e antes de desmontar de seu corcel, Calisto tentava localizar Rayan na multidão. O espião acenou para Calisto, com um lenço vermelho em mãos. Logo depois, estabeleciam contato mental.

“Rayan. Fez seu trabalho? Encontrou nosso títere?”

– Sim senhor – sussurrou Rayan, desacostumado a pensar para responder. – Encontrei alguém melhor do que imaginava, se tivermos sorte, será um espetáculo e tanto.

“Ótimo, mal posso esperar...”

Havia um pequeno palanque improvisado, de dois degraus apenas. Sobre o mesmo, encontrava-se Lenidil, tal qual a estátua da fonte, ladeira abaixo. Não era alto, vestia-se com relativa simplicidade. Usava uma túnica azulada, de tecidos finos e folgados. Tinha a testa larga e pequenas marcas da idade. Seus olhos castanhos eram grandes e atentos, sobre a cabeça usava um pequeno gorro com uma grande pluma branca. Observou que Carulvo, e outras personalidades, como os chefes das casas comercias e membros do clero também estavam presentes.

Lorde Calisto desceu e foi aplaudido. A bajulação fez com que sentisse uma forte energia, que nunca sentira antes. Naquele momento, descobriu uma de suas características ocultas, gostava ser adorado pelas massas.

Lorde Lenidil convidou-o ao palanque após cumprimentá-lo ofereceu com presente simbólico, a chave da cidade. O povo aplaudiu e o Lorde fez um breve discurso em agradecimento pela vinda de Lorde Calisto e pela captura da besta, que causara tantos prejuízos. Foram lamentadas as mortes de diversos fazendeiros e comerciantes e a perda de algumas importantes plantações.

Chegava o momento do jovem falar. Todos ficaram em silêncio. Ele era capaz de atuação e cinismo tais, que deixariam Rayan, especialista no assunto admirado. – Caro Lorde Lenidil, agradeço do fundo de meu coração as

homenagens a mim prestadas. No entanto, gostaria de lembrá-lo e a todos, que a captura do terrível monstro, só pôde ocorrer pelo trabalho de equipe. – Indicou com as mãos, sorrindo com grande satisfação, seus colaboradores. – O cavaleiro Derek. Edréon. O bem conhecido por vocês, comandante Weimart. O mago Chris Yurdel.

Yourdon corou ao escutar seu nome sendo pronunciado de forma errada.

– E todos os outros, soldados e colaboradores. Incluindo o talentoso mestre Carulvo, que consentiu em interromper suas atividades para construir-nos, uma jaula para criatura.

O povo aprovou a fala de Calisto. Uns diziam. – Como ele é generoso! – outros, – Um herói! – e outros tantos comentários de aprovação se misturavam.

Calisto sinalizava com as mãos para que fizessem silêncio. Prosseguiu, – Penso que apesar de um momento de comemorações e homenagens, devemos trazer nossa atenção para um terrível assunto. – Fez silêncio, estabelecendo suspense.

– Hoje começa uma nova era. Uma era de verdades! Vim a vocês, justamente para isso. Quantos de vocês já não ouviram histórias estranhas, sobre bruxos, monstros mortos e demônios? E que lhe dizem? Dizem que são lendas? Dizem que são exageros?

A multidão pensava no que o Lorde dizia e alguns concordavam produzindo certo murmúrio.

– Tragam a besta! – ordenou Calisto.

As grandes rodas de madeira da jaula giraram e foi trazida até próximo do palanque.

– Observe, Lorde Lenidil! Observem, povo de Manile! Observem esse monstro! Veja, ao que recorrem os rebeldes para minar o poder do reinado de nosso corajoso rei Maurícius!

O povo olhava horrorizado enquanto Therd acendia as chamas de seu rosto e a água da bacia fervia, emitindo um terrível vapor fétido.

– Eu vos trago a verdade amigos! E esta é a verdade, diante de seus olhos! Acham que essa criatura é única? Se pensam que sim, eu vos digo, estão enganados! Os rebeldes, estão associados a terríveis bruxos das trevas. Eles querem dominar o reino e transformá-lo num lugar horrível, repleto de criaturas vis!

O povo ficou assustadíssimo e o Lorde Lenidil olhava perplexo para Calisto.

– Acalmem-se! Por favor, acalmem-se!

O povo ficou quieto aos poucos.

– Acalmem-se. Como eu disse, vim parta trazer-lhes a verdade. Além de trazer-lhes a verdade, vim pedir a ajuda de vocês todos! Sim, precisamos da ajuda de todos vocês, para encontrar e eliminar esses perigosos rebeldes. Sei que depois de hoje, muitos de vocês pensarão em cooperar. Alguns de vocês devem saber informações sobre os rebeldes, todos que souberem de algo, devem nos procurar. Procurem os oficiais da milícia e contem sobre rebeldes. Procurem os sacerdotes da Real Santa Igreja e contem sobre os rebeldes.

Houve um murmúrio de aprovação. E o lorde atraia a atenção de todos como uma chama atrai insetos na noite. – Escutem! Pois tenho um pedido para fazer. Meus homens e a milícia local, tem uma lista com suspeitos de envolvimento com a rebelião. Essas pessoas serão procuradas e levadas para um local onde responderão a algumas perguntas. Sacerdotes da Real Santa Igreja irão acompanhar o serviço para evitar abusos. Se for provado que não há envolvimento, serão imediatamente liberados. Portanto, se forem procurados e em suas consciências, souberem que não tem envolvimento com rebeldes, por favor, acompanhem os oficiais sem resistir.

Calisto fez uma pausa, satisfeito com o prosseguimento de seus planos até o momento. Lorde Lenidil, que nada sabia sobre as intenções de Calisto, estava apreensivo. O povo estava temeroso com o que pudesse acontecer.

– Escutem! Devo lembrá-los! Há outras criaturas como estas, e para que possamos protegê-los, pedimos a colaboração de todos.

Nesse momento um homem nervoso saiu da multidão, suando muito. – Mentiras! São mentiras! Eles, os necromantes, eles são os responsáveis. – gritou desesperado.

Vários guardas se mobilizaram para capturar o homem mas antes que o fizessem, Lorde Calisto interveio, – Não lhe façam mal! Deixe que fale.

O homem, um pouco gordo, com cabelos negros crespos e um grande bigode, ficou indeciso.

Calisto disse, – Venha até aqui e fale o que deseja, para que todos ouçam!

O homem aproximou-se sob o olhar perplexo da multidão.

– Povo de Audilha! – vociferou o homem. – Não acreditem neste monstro! Olhem para seus olhos! São os olhos de uma besta!

Calisto retrucou, – Concordo! Pois parecem olhos maus. É assim que julgam, pela aparência? Diriam que este bom velhinho, – apontou para o mestre Carulvo, – seria capaz de produzir as mais belas esculturas, apenas por sua aparência? Além do mais, – indicou alguns sacerdotes, – não é o que a igreja

diz? Que as crianças com a marca do eclipse vêm trazer uma nova era de paz e prosperidade?

– Não! Não escutem suas enganações! Ele é mau, é um demônio que vem para enganá-los! Ele está do mesmo lado da criatura na jaula e combinou com ela sua captura, para parecer bom diante dos olhos de todos!

– Combinei? Isso é cômico! Venha Weimart, dê um passo à frente! Mostre seus ferimentos... Veja como combinamos!

Weimart avançou e mostrou os braços queimados. E disse, “Todos lutamos, e o próprio Lorde Calisto teve ferimentos. Sofreu um forte ataque místico da besta e perdeu muito sangue!

– Obrigado Weimart!

– Não! É tudo mentira, é armação! Se deixarem que viva, trará ruína a todo o reino! – Aproximou-se de Calisto com intenções vis.

Calisto captou-lhe os pensamentos. Tinha uma adaga sobre as mangas e tinha a intenção de atacá-lo. Estava disposto a trocar sua vida, pela de Calisto, mas não supunha que o jovem podia ler seus pensamentos e suas intenções. O menino de olhos negros pensava, – Ótimo, está drogado e seus impulsos correm livremente... Vai me atacar se tiver uma oportunidade. É hora de agir.

Calisto lançou-lhe um ataque mental. Tinha uma mente simples, era um forte guerreiro, mas tinha a mente totalmente aberta. De imediato, foi capaz de tomar controle da vontade do homem. Controlava cada um de seus músculos e fez com que gritasse. – VIVA A REBELIÃO! – Em seguida, o homem retirou a adaga da manga do blusão e avançou contra o Lorde Lenidil. Acertou-o no estômago e agiu tão rápido que todos ficaram sem ação, tomados pela surpresa. Preparou-se para atingi-lo pela segunda vez e foi barrado pela fria lâmina de Lorde Calisto. Lenidil caiu sentado e observou um segundo ataque desferido por Lorde Calisto atingir o agressor na garganta. Houve grande confusão. Fora um golpe de mestre, o Lorde Lenidil era muito querido, e melhor que qualquer motivação racional, era uma reação emocional. Todos ficaram comovidos, e quando Lenidil recuperou-se, devia sua vida a Lorde Calisto.

CAPÍTULO 41

– Viajou um bom bocado para vir falar comigo, caro Hendrish. – chiou a criatura de aparência tenebrosa, sentada atrás da grande mesa de madeira.

– Sim, Weiss. – concordou o homem cujas mãos eram permanentemente perfuradas por centenas de farpas de madeira. Havia pouca iluminação, apenas a chama de uma vela distante. Ambos mal podiam se enxergar. – Mas como sabe, a viagem é rápida no reino das sombras.

– Imagino que veio para falar-me do jovem Calisto.

– Sim. Não gostei muito do que houve em Fannel.

– Conte-me.

– O garoto aprontou um grande estardalhaço. Mostrou um demônio evocado em praça pública e brincou com todo nosso movimento. Ele assume riscos excessivos! Pode por tudo a perder!

– Entendo. Quase me arrependo de ter-lhe pedido para deixar o demônio solto.

– Pois deveria se arrepender. O maldito inclusive destruiu o nexo que guardava o demônio!

– É mesmo?

– E isso não é o pior. Resolveu tornar-se o grande salvador e caçador de demônios e rebeldes!

– Não diga, meu caro. E como acha que ele poderá sustentar isso, caro Hendrish?

– Ele é ardiloso! Convenceu o povo a se entregar, mesmo aqueles que sequer supõem o que realmente é a rebelião.

– E de que vale capturar camponeses que nada sabem sobre nós ou sobre a rebelião?

Hendrish pressionou a mão sobre a mesa, enterrando na carne diversos espetos. Com os dentes pressionados prosseguiu. – O maldito soltou alguns como prometeu, mas outros tantos, manteve sob cativeiro. Sem fazer distinção nenhuma se eles fazem parte ou não da rebelião.

– E daí? Quer chegar logo ao ponto?

– Deixou alguns terríveis carrascos encarregados de torturar toda aquela gente. Mais de cem, nos calabouços da fortaleza de Lorde Lenidil. Mantém o lugar fortemente guardado e espalha boatos entre alguns rebeldes que deixou

escapar, que muitos inocentes estão sendo torturados e mortos. Com isso, já espalhou seu recado, exigindo que os verdadeiros rebeldes se entreguem.

– E tem dado certo?

– Sim, Weiss, tem funcionado.

– Mas isso não é bom?

– Ele está manipulando toda a província, exerce uma influencia sequer sonhada pelo próprio Lenidil. O próprio nobre, sente que lhe deve a vida e segue todas suas orientações.

– Isso só prova que é esperto, meu caro Hendrish.

– Sim, mas sua ambição parece não ter limites! Soube recentemente que planeja derrubar o barão Fannel e tomar seu lugar. Se não fizermos algo para detê-lo, poderá ir longe demais!

– Compreendo.

– E tem mais! Muito mais! O desgraçado fingiu prender Therd Fermen em uma cela no calabouço, mas na realidade o demônio está solto!

– Como assim, está solto?

– Ele fez um tipo de acordo com o demônio. A criatura ataca vilas e logo depois ele é chamado para impedi-lo. Ele e seus homens fazem um belo teatro e capturam o demônio, recolhendo presentes e recompensas. O maldito chegou a inventar um novo tributo! Tributo de proteção contra demônios e rebeldes!

– A coisa parece séria... Talvez precisemos tomar alguma providência.

– Talvez, Weiss... Esse menino é um perigo! Ele lida com vilas como se fossem brinquedos! Não tem nenhuma seriedade!

– Pelo contrário, caro Hendrish. Ele sabe muito bem o que está fazendo. Temos que tomar alguma providência. Mas antes, talvez seja necessário entrar em contato com Thoudervon.

– Tem certeza de que é necessário?

– Pois sim, imagino que ele já esteja tomando providências. Não podemos deixar que o grande plano seja colocado em risco.

CAPÍTULO 42

Era uma perigosa e importante reunião da rebelião. Membros vindos de todo o baronato de Fannel encontravam-se na província de Vaomont, ao norte de Liont, nos pés da cordilheira de Thai. Alguns rebeldes vieram mesmo do ducado de Kamanesh, e dos barotatos de WhiteLeaf e Bandeish. Cerca de quarenta homens e algumas poucas mulheres.

Vaomont era a província madeireira de Fannel. A principal atividade era a extração de madeira. Haviam dezenas de depósitos e serrarias. Era uma região embrenhada em uma vasta floresta de coníferas. E o que era extraído, voltava a crescer depois de uma dúzia de estações.

Encontravam-se em um antigo armazém abandonado, no meio da floresta. Estavam todos muito alarmados com o surgimento de Lorde Calisto. Era o mais cruel e vil entre os nobres que colaboravam com os necromantes.

Estavam presentes, Vekkardi, Radishi, Roubert, Will, o Cavaleiro Vermelho e muitos outros como o silfo Eleriln, o famoso mestre Fangos e uma das fortes lideranças do sul, Kandel.

Havia muita agitação e troca de informações. Como sempre, diversas notícias de membros capturados ou mortos traziam grande tristeza. Mas no momento, o assunto que causava maior discussão eram cerca de cem prisioneiros que estavam na fortaleza de Lorde Lenidil. Muitos eram inocentes e sequer sabiam qualquer coisa sobre a rebelião. No entanto, era torturados e executados sob a acusação de pertencerem ao movimento. Todos sabiam, que aquela era uma armadilha, mas mesmo assim, muitos defendiam que algo deveria ser feito.

Três correntes foram estabelecidas. Uma delas, achava que qualquer reação traria prejuízos irrecuperáveis ao movimento. A verdade emergiria mais cedo ou mais tarde, e o papel da resistência era encontrar formas de conscientizar a população, nobreza e clero do perigo oferecido pelos necromantes. Outros achavam que o melhor seria destruir as lideranças dos necromantes. E neste caso, Lorde Calisto tornara-se um alvo óbvio ao contrário de outros líderes que nunca apareciam ou davam brechas para serem atacados.

O último grupo sustentava a idéia de uma ação para libertar os inocentes a qualquer custo. Era a que tinha menos argumentos, mas mais seguidores indignados e prontos para agir, oferecendo suas vidas.

O silfo Eleriln falava pelo grupo que desejava manter-se neutro e trabalhar com a consciência das pessoas. – Por favor, amigos! Precisamos manter a calma! Se brigarmos, a situação só vai piorar.

Kandel, vestia roupas simples e seus cabelos loiros voltavam a crescer. Tinha expressão severa com suas grossas sobrancelhas. A face estava marcada com uma cicatriz vertical que lhe cruzava a testa e bochecha, por sobre o olho esquerdo. Kandel que acreditava na eliminação das lideranças necromantes falou com vigor, – Sim! Eleriln está certo! Sentem-se todos e aprendam a escutar! – ordenou o ex-cavaleiro, que era muito respeitado e foi ouvido.

Após alguns momentos de silêncio, Fangos o ex-líder da Alta Escola em Liont falou. – Pois essa situação absurda passou dos limites! – Apoiava-se num cajado de madeira com uma pedra verde na ponta. Era idoso, e usava um corte incomum em sua barba branca. Na verdade, não usava barba, mas suas costeletas eram tão volumosas e compridas que parecia usar barba, raspando o bigode e o cavanhaque. Tinha olhos verdes brilhantes da cor de gema em seu cajado e sua pele era muito vermelha. Todos escutavam-no com atenção. Era o mais velho de todos presentes, com exceção dos silfos. – Devemos atacar com todas nossas forças! Eliminar o garoto amaldiçoado e libertar os prisioneiros! – A fala inflamada de Fangos fez com que a discussão voltasse e todos discutiam ao mesmo tempo tentando convencer uns aos outros a seguirem suas linhas de pensamento.

Radishi levantou-se e disse, – Por favor. Façam silêncio. Desejo falar.

Mas mal foi ouvido. Kandel gritou, – Calem-se! O tisamirese deseja falar!

Pouco depois, o silêncio voltou ao armazém.

– Desculpe-me interromper. Nem mesmo sou um membro declarado da resistência. No entanto, venho falar em nome do Silfo Modevarsh.

– Silfo Modevarsh! – disseram uns. Outros apenas articularam interjeições.

– Sim. Esta manhã, antes de despertar, tive um sonho premonitório. Sonhei com o Silfo Modevarsh e tenho boas razões para crer que foi uma comunicação legítima.

– O que o leva a crer nisto, tisamirense? – indagou o velho Fangos desconfiado.

– Já nos comunicamos assim algumas vezes. Tenho colaborado com as ações de Modevarsh, desde a libertação dos escravos nas minas de Xilos.

Mais murmúrio preencheu o local.

– Pois bem, tive um sonho esta manhã que não fez muito sentido até agora. Mas depois de ouvir a todos percebo seu significado. Estive pensando que há

ainda uma outra alternativa.

Muitos estavam desconfiados com a fala de Radishi e seu sotaque, mas outros lhe olharam nos olhos e estes lhe inspiraram confiança. – Mas aviso, é um caminho que apresenta riscos, como em qualquer jogo.

Fangos logo acusou, – Acha que isso é um jogo tisamirese? Acha que o fato de pessoas inocentes serem torturadas faz parte de algum jogo?

– Escute senhor Fangos, não pretendia ofender-lhe, muito menos afirmar que não dou importância ao sofrimento alheio. Foi apenas uma forma de expressão. Agora respondendo sua pergunta, tenho três observações: primeira, não acredito em legítima inocência. Segundo, creio sim, que tudo faz parte de um jogo celeste, e somos participantes ativos, sendo que os preços a serem pagos, podem ser altos demais dependendo de nossas ações. Quanto as recompensas, muitas vezes são difíceis de enxergar. E por fim, não se importem com minhas crenças ou meu modo de falar, mas sim, escutem atentamente as minhas idéias.

– Pois então fale, tisamirense. – disse o mago cruzando os braços com certa impaciência.

– Muito bem, surgiu neste processo de dominação e expansão das forças das trevas, uma brecha, representada pelo tão falado, Lorde Calisto. Ele é jovem e ambicioso, e sua sede de poder não tem limites. Isso, segundo alguns de vocês já puderam perceber.

– Sim, sim, prossiga. – pediu Fangos impaciente.

– Uma alternativa para resolver a crise local e ao mesmo tempo, reverter a situação que pousa sobre o reino de Lacoresh, é usarmos o jovem como uma arma a nosso favor. Se pudermos direcionar suas ambições, para que lute contra seus aliados e fazer com que acredite que derrotou ou enfraqueceu o movimento de resistência teremos condições favoráveis para agir, em um segundo momento. – Radishi fez uma pausa, e antes que pudesse continuar, foi interrompido por um coro de perguntas simultâneas.

– Como fazer isto? – E correr o risco de alimentar o crescimento de um monstro imbatível? – Como fazer que acredite que nos derrotou?

Radishi ficou imóvel, aguardando que se fizesse silêncio. Em pouco tempo pode falar novamente. – Podemos alcançar esses objetivos, usando todas as estratégias que vocês estão planejando, ao mesmo tempo.

– Mas como isso seria possível? – Kandel perguntou com interesse genuíno.

– Pensem! Muitos detalhes precisam ser discutidos, mas ainda assim... devemos saber que serão necessários muitos sacrifícios e vários de nós, poderão ser capturados ou mesmo perder a vida.

Fangos anunciou, – Para isso, muitos de nós já estamos prontos!

– Isso é bom. Em primeiro lugar. Devemos preparar dois ataques. Ambos com pequenos números. Um grupo deve falhar, e outro, precisa ter sucesso.

– Como assim Radishi? – quis saber Will.

– Escute Will, um grupo deverá se sacrificar, sucumbindo às garras de Calisto numa tentativa de resgate na fortaleza de Lenidil. O grupo deve estar preparado para sofrerem baixas e fugir. O outro, irá antecipar um ataque ao próximo inimigo de Lorde Calisto, abrindo caminho para sua ambição. Devemos eliminar o Barão de Fannel!

Novamente veio uma onda de indignação. Após uma nova espera por silêncio, prosseguiu.

– Pois entendam. Isso faz parte de seus próprios planos. Terão a oportunidade de libertar os presos, mas como já sabem, mesmo se atacarmos com força total, perderemos. Se atacarmos com uma fração de nossa força, faremos com que acreditem que somos mais fracos do que realmente somos. –O murmúrio cresceu e Radishi teve que aumentar o tom de voz. – Ao eliminar o Barão Fannel, de forma a parecer que foi uma conspiração por poder, e não um ataque rebelde, abriremos caminho para disputa da posição de Barão. Neste caso, os competidores são, o filho do barão, e os lordes das três principais províncias: Vaomont, Manile e Durunt. Haverá caos e disputa em um dos principais baronatos do reino, e nós agiremos em favor de Lorde Calisto.

– Isso é loucura! – acusou um dos partidários de Fangos.

– Sim, pode ser! Mas observe nossa atual situação? Não é igualmente insana?

Kandel disse, – Suponha que tudo isso dê certo, o que aconteceria depois?

– Tenha calma Kandel, ainda há outros fatores que preciso expor.

– Pois então faça! Seus pontos de vista são interessantes, se puderem ser postos em prática...

– Há outros elementos que entrarão em ação num curto prazo. Os anões, os bestiais, Tisamir, os silfos do mar e o oráculo de Shimitsu.

Desta vez o barulho e discussão que se seguiram demoraram bastante para cessar. Uns poucos compreenderam a profundidade das palavras ditas por Radishi. Outros caíram na gargalhada, afirmado que o que ouviam era perda de tempo. Outros discutiam interessados, imaginando qual significado poderiam ter aqueles elementos citados.

– Não estou inventado nada. – respondeu Radishi com calma. – Estou lhes informando das visões do Silfo Modevarsh. Ele enxerga longe e compreende

este mundo de uma forma que nenhum de nós pode sequer supõe.

Kandel a esta altura dava suporte a Radishi e pedia que ele falasse mais. E assim foi, explicou e tirou dúvidas. Falou durante quase todo dia. Houve uma pausa para o jantar e havia uma grande discussão a respeito do papel dos anões na disputa. Não eram vizinhos distantes e muitos foram mantidos como escravos pelos necromantes, nas minas de Xilos. Eram bons elementos com os quais trabalhar. Especulava-se que seu número podia superar em cinco vezes a população de Lacoresh.

Enquanto muitos membros da resistência discutiam estratégias e em especial, as informações e proposições de Radishi, Vekkardi convocava seus companheiros para uma discussão em particular.

Radishi comentou em tom de desaprovação, – Não sei caro Vekkardi, penso que a ação que pretende tomar é muito perigosa. Acha realmente que pode obter sucesso?

– O que devo fazer? Abandonar meu irmão? Deixar que sofra para sempre, preso por essa magia maligna?

– Não. Você sabe que tem uma outra opção mais viável. Volte a seu irmão e liberte-o. Destrua seu corpo, liberte-o de sua condição.

– Não! – disse ríspido. – Não posso aceitar tal coisa! Se esse fosse o desejo do Mestre, porque então trazê-lo das minas até tão longe, em seu cativeiro?

– Não posso imaginar, talvez houvesse alguma esperança.

– Pois sim Radishi. Não é atrás de nada além de uma esperança que estou atrás!

– Mas pretende suicidar-se para tal?

– Nâo foi você mesmo que falava de sacrifícios, há pouco, com tanta propriedade?

– Entendo. Tive pouco controle sobre o que dizia. Colocava para fora muito do que o próprio Modevarsh transmitiu-me em meu sonho. Pensando melhor sobre o assunto, acho impossível concordar com sacrifícios, mas por outro lado, parece impossível impedir que aconteçam.

– Pois sim! Você me compreende. E por isso peço, que permita que eu faça isso sozinho. Não é necessário que vocês dois se arrisquem.

Roubert falou pela primeira vez, – Mas Vekkardi, era esse o desejo do ancestral. Ele queria que nós ajudássemos.

– Sim Roubert, vocês já ajudaram. Agora surgiu uma divisão em nossos caminhos. Eu estou despreparado para ajudá-los com a causa da resistência.

– Por que acha isso, Vekkardi? – indagou Radishi

– Sou egoista. Só consigo pensar em mim e meu irmão! Não poderia abraçar uma causa que visa trazer o bem de todos, mas que não pode ajudar meu irmão.

– Você entende bem seus sentimentos, meu caro. Não deixe eles te traírem. Penso que é hora de nos separarmos, pois eu tenho agora uma importante incumbência. Preciso lidar com Lorde Calisto, pessoalmente.

– E quanto a mim, meu amigo Radishi? O que devo fazer? – perguntou Roubert.

– É hora de você usar seus talentos para ajudar a retirar as terras de Lacoresh e Shind das trevas. Neste conflito de subterfúgios, seus talentos como batedor, valem ouro!

Ao escutar as palavras de Radishi, o silfo Roubert percebeu que acabava de encontrar um sentido para sua busca. Sim, era verdade. Ele era um excelente batedor, silencioso como nenhum outro entre os humanos. Seus talentos teriam grande valia, sentia que seria útil atuando junto aos membros da resistência.

Na manha seguinte, Vekkardi partia só, em busca da cura de seu irmão. Para tal, sabia que teria de ir ao ponto central das atividades necromânticas, a Necrópole.

CAPÍTULO 43

Chegava o momento de abandonar a paz e tranqüilidade da ilha de Shind e voltar a navegar pelo grande arquipélago dos silfos. Melgosh, chegara em casa alarmado e nesta ocasião, não se fez festa. Notícias vindas da capital, Nish, fizeram com que chegasse à mansão convocando todos seus colaboradores a integrarem novamente a tripulação de seu navio.

Estava chovendo, como era comum na estação. O mar estava inquieto, e era provável que continuasse assim. Nestas condições, até mesmo uma simples viagem poderia ser perigosa.

Kyle, ansioso por deixar Shind, anunciou que desejava ir junto com Melgosh. A partir disso, muita discussão surgiu. O cômodo estava quieto e sob penumbra. Nuvens escuras derramavam muita chuva naquela tarde e também havia muito vento. Archibald, vestia roupas simples, de ficar em casa e pensava em algo para dizer a seu amigo. Por vezes, o vento chacoalhava um pouco o cômodo suspenso, e havia um constante bate-bate das janelas frouxas.

– Mas Kyle, por que partir agora? Não podemos esperar pelo nascimento do meu filho?

– É tempo demais, Archie. Apesar do descanso que tivemos, não podemos nos acomodar.

– Entendo. Mas que diferença pode fazer?

– Vamos lá, pense! Lembre-se das trevas que envolvem nosso lar? Mesmo meditando, não consigo esquecer de toda aquela miséria. Não há um só dia que não pense nas vidas que tirei. Nos companheiros que perdi na guerra. Lembro-me da prisão nas minas, tanto desespero. Tanta dor. Fico louco de pensar no que os malditos necromantes podem estar fazendo neste momento! Quantas misérias estarão espalhando? E se eles crescerem? Se tomarem outros reinos?

– Sim, Kyle, você está certo. Ao que parece, assumimos uma grande responsabilidade que não pode ser negada.

– Eu principalmente! O silfo Modevarsh confia em mim para encontrar o oráculo. E é isso que preciso fazer.

– Muito bem, Kyle. Vou conversar com Mishtra, tenho certeza que ela entenderá, se eu tiver que partir.

– Faça o que achar melhor. Já discuti com Gorum e apesar de triste de deixar sua vida de pescador, concordou em ir.

– E quanto a Kiorina?

Kyle olhou para baixo e comentou desanimado, – Não sei.

– Vocês não tem se falado, não é mesmo?

Kyle ficou em silêncio.

– Vi An Lepard manuseando uma espada ontem. – comentou Archibald.

– Acha que ele virá?

– Imagino que sim.

– Então talvez Kiorina também venha.

– Kyle, você sabe que eles não estão mais juntos.

– Quem falou nisso? Pare com besteiras Archibald.

– Admita que sentiu ciúmes de An Lepard.

Kyle irritou-se um pouco e respondeu ríspido, – Já disse, sem besteiras!

Archibald contraiu os músculos em reação à resposta do amigo, mas logo abriu um sorriso maroto. – Pelo menos admita que se preocupa com ela.

Para por um fim a questão, Kyle cedeu, – Sim me preocupo. – Antes que Archibald pudesse falar mais alguma coisa, completou, – Assim como me preocupo com você, Mishtra e Gorum.

Archibald achou prudente não forçar mais o humor de Kyle e encerrou o assunto. – Muito bem, vou ver Mishtra.

Antes de sair comentou, – Talvez você devesse falar com a Kina. Conversei com ela e parece que ela decidiu ficar.

Kyle levantou a cabeça e franziu a testa e respondeu irritado, – Que fique! Ao menos ficará em segurança.

Um pouco depois, todos se encontravam no salão de jantar. Os cozinheiros traziam peixes cozidos e mariscos. O cheiro estava ótimo. Gorum examinava as bandejas e dizia com orgulho qual dos peixes tinha sido produto de sua pesca.

An Lepard discutia com Melgosh a possibilidade de arranjarem uma embarcação de Nish para Dacs. Melgosh afirmou que seria relativamente fácil para ele, mas temia que as condições políticas em Nish, poderiam afetar esse grau de facilidade e mesmo tornar impossível a tal viagem.

– Mas afinal Melgosh, o que está ocorrendo na capital do império? – quis saber Gorum curioso, falando um bom sílfico, apesar do forte sotaque Lacorês.

– É um pouco complicado. O que ocorre poderia ser apenas outro momento de decisão política. Entretanto, alguns de nossos sábios do interior da ilha, tiveram algumas fortes premonições a respeito do que vai ocorrer nos próximos dias.

– São maus presságios? – quis saber Kleon.

– Alguns são bons, outros maus. Mas o que é mais importante, haverá alguma grande mudança. É por isso que eu, e muitos silfos influentes temos que estar presentes. Nosso clã precisa estar bem representado.

– Não acha que seria ruim para vocês, se souberem que trouxeram humanos em sua embarcação? – indagou Archibald.

– Não meu filho, contanto que fiquem quietos e finjam ser nossos servos, não há porque surgirem problemas.

– Mas de que se trata afinal?

– É uma velha profecia. Um acontecimento que trouxe muito alvoroço, principalmente no clã místico dos Maki. Talvez Zoros possa lhes explicar melhor esta história.

O velho silfo que comia quieto escutando a conversa, sabia era inevitável que chegassem àquele ponto. – Bem. – disse ainda mastigando e engoliu. – Primeiro devo lhes contar sobre as lâminas dos elementos, armas de grande poder criadas em tempos de agonia, na esperança de expulsar o mal desta terra.

Kiorina parecia muito interessada e perguntou, – A Maré Vermelha é uma delas, não é mesmo mestre Zoros?

– Sim Kiorina, e por favor, não me chame de mestre Zoros.

– Desculpe-me Zoros. É o velho costume da escola, sempre chamávamos nossos professores de mestres.

– Muito bem, como dizia, nos tempos mais difíceis da guerra de milênios, foram forjadas algumas lâminas que concentravam em si, enormes poderes dos elementos. Muitas delas se perderam, outras foram usadas por famosas personalidades e heróis daqueles tempos. No princípio, surgiram como uma grande bênção e com elas, muito do que havia sido dominado por demônios e as forças das trevas, pode ser recuperado. Mas com o passar dos anos, e o uso contínuo destas armas, surgiram alguns terríveis efeitos.

– Como assim? – perguntou Archibald que havia parado de comer. Aliás, todos exceto Melgosh e Kyle interromperam suas refeições para dar total atenção à história de Zoros.

– Todas as armas, em sua maioria, espadas, ao serem forjadas receberam poderosos espíritos elementais. Estes espíritos...

Zoros foi interrompido por Gorum. – Quem forjou tais armas, caro Zoros?

– Ah sim, dizem terem sidos forjadas em conjunto pelos silfos e anões, mas há quem diga que foram forjadas pelos próprios deuses. Mas como dizia, esses espíritos, como as forças da natureza, pouca distinção fazem dos valores morais

que nós silfos, ou vocês humanos tem. Para eles não há bem ou mal, certo ou errado. Existem apenas as regras que regem suas interações com o ambiente. O ar quando livre, circula como vento e tende a subir e do alto, surge o trovão. O fogo, queima tudo que não lhe for obstáculo, como é a água e impulsiona o vento. A água, sempre cai e extingue o fogo e impulsionada pelo vento, desgasta a terra. A terra é sempre firme e sólida e tem o poder de parar e aprisionar os outros elementos, porém a ação contínua dos elementos sobre ela, pode rompê-la, pouco a pouco. Para os elementos, há apenas suas regras, porém o elemento vivo, interage com os quatro elementos, e para os vivos, as regras nem sempre são as mesmas.

Kyle franziu as sobrancelhas, confuso por tantas informações e perguntou, – Mas e daí? O que tem isso a ver com uma mudança política na capital?

– Tem paciência, meu jovem, logo vai entender. – respondeu a Kyle e em seguida voltou a falar para todos. – Em contato constante com os silfos, humanos e até anões que empunharam as lâminas elementais, os espíritos aprisionados passaram a absorver, pouco a pouco, traços dos seus donos. Com centenas de mortes espalhadas pelos senhores das lâminas, estas passaram a vibrar e funcionar melhor de acordo com propósitos muitas vezes, violentos e cruéis. Algumas das lâminas, vibrando e absorvendo orgulho, cobiça, crueldade e sede de vingança, reforçavam essas características em seus donos. As lâminas carregadas por humanos, por exemplo, mudavam de dono com freqüência e absorviam princípios contrastantes, nunca elevando a níveis perigosos seus poderes e impulsos que passavam aos usuários. Outras porém, passaram tempo demais nas mãos de um só dono, muitas vezes períodos próximos a um milênio. O poder destas, crescia com o tempo, assim como a afinidade com seus donos. Tornavam-se perigosas e até poderiam dominar outros usuários, transformando-os em marionetes. Outros, foram corrompidos lentamente pelo poder que as lâminas lhes conferiam. Como é o caso de Quill. Fora um grande herói nos tempos da guerra, e eliminou alguns dos demônios mais perigosos e nocivos a passar por este mundo. Porém, após séculos de luta, enloqueceu, levando a loucura, sua lâmina, conhecida como a espada flamejante de Quill.

– Entendi! – exclamou Archibald. – Encontraram a tal espada, não é mesmo?

– Sim, Archibald. Mas ainda não terminei minha história. Com o fim da guerra de milênios, muitas das lâminas dos elementos resistiram, e tornaram-se muito perigosas. O uso, ou surgimento de uma dessas armas, passou a ser considerado crime e muitas delas receberam maldições. Muitas dessas maldições

feitas por poderosos feiticeiros, que ainda guardavam segredos hoje perdidos de magia lunar...

– Magia lunar? – interrompeu Kiorina.

– Um tipo de magia antiga que tirava forças das luas, mas o segredo perdeu-se há muitas gerações. Como dizia, as lâminas foram amaldiçoadas. Em algumas, partes foram destacadas para diminuir-lhe os poderes. Com as maldições esperava-se amedrontar os sedentos de poder, mas nem isso parava certos indivíduos que de tempos em tempos colocavam as mãos em uma das lâminas causando grande destruição. A lâmina de Quill, em particular, é uma das mais conhecidas. Foi aprisionada em uma ilha, no interior de um vulcão, guardada por espíritos elementais e uma forte magia que faz com que qualquer silfo adoeça e morra. Meu irmão, vinha há algum tempo monitorando as atividades de Shark, nas proximidades da tal ilha. Com freqüência, desembarcava escravos humanos e de outras raças na ilha. Dizia-lhes que no dia que trouxessem a espada do interior da montanha, ganhariam sua liberdade. Mas durante, anos nenhum escravo fora capaz de voltar vivo do interior da caverna.

Gorum que colocava um pedaço de peixe frio na boca, disse, – Mas isso mudou.

– Sim, e por pouco a espada não caiu nas mãos de Shark. Meu irmão convenceu o capitão Ramon a resgatar o grupo de escravos que teve sucesso na missão. Estando a espada fora de sua prisão, Zoroáster achou que o melhor seria levar os humanos e a espada para Nish, onde o conselho dos clãs decidiria o que fazer com ela.

– E quanto aos humanos, quem são? – quis saber An Lepard.

– Não sei, sei apenas que há um silfo e um felino entre eles.

– E como esse julgamento poderá influenciar a política do império? – voltou a perguntar o corsário.

– Há tempos não surge uma causa que mobilizasse uma discussão no conselho dos clãs. Surgem apenas questões triviais, para as quais a jurisprudência é clara. Mas um caso como esses não surge há muitos séculos e pode trazer à tona muitos conflitos abafados entre membros poderosos dos clãs.

– Entendi. – disse Archibald. – E quanto a Shark? O que acontecerá com ele?

– Como Ramon e Zoroáster gostariam, Shark se deu mau nesta. No momento, está foragido. Ele já foi implicado pelo crime de provocar e incentivar saída da espada de seu local de descanso. Foi convidado a depor sobre o caso

mas não apareceu, comentam que foi abrigado pelo duque dos mares, Hiokar. Se isso for verdade, representa clara afronta ao poder dos Mikril.

– Sim. – concordou Melgosh. – E tudo que Zoros lhes contou, não passa de uma simplificação. Há uma centena de outros fatores que contam neste momento. Não valeria a pena explicar-lhes. Por isso, mesmo com tempestades, termos que partir para Nish ao amanhecer. Os que desejarem vir, estejam preparados. Por agora, com a sua licensa, preciso cuidar dos preparativos.

Após a saída de Melgosh, Mishtra retirou-se logo e foi seguida por Kiorina. Os que ficaram conversaram sobre a ida a Nish. Kyle, Gorum, Kleon e An Lepard já iriam de certo. Archibald disse que Mishtra havia concordado com sua partida. Chegando em um acordo, dispersaram-se.

Kyle caminhou em direção a seu quarto junto com Archibald. O rapaz devia dizer adeus a sua amada e seu filho. Logo que Archibald entrou, Kyle escutou Kiorina despedir-se de Mishtra e sair. Archibald sorriu para Kyle e entrou. A ruiva e o cavaleiro se encararam.

Kyle falou, – Decidiu ficar, não é mesmo?

Os olhos verdes da moça estavam aquosos e tristes, – Sim, quero ficar e cuidar de Mishtra até que o bebê nasça.

– Entendo, assim vocês duas vão ficar em segurança.

Kiorina não pode conter as lágrimas que rolaram. Mas não estava em prantos, falava normalmente enquanto as lágrimas desciam dos olhos. – E quanto a vocês? Será que vão ficar bem?

– Parece que não vai ser fácil, mas espero que o pior já tenha passado.

– Será mesmo? E quanto a Shark, e quanto aos necromantes? E se eles voltarem?

– Creio que teremos de lidar com eles.

– Você não entende? Não suporto a idéia de perder vocês! Gorum, Archie e você... São minha família agora, não tenho mais ninguém.

– Vamos lá Kiorina, não é assim... Você tem a Mishtra e o An...

Neste momento a moça caiu em prantos. – Não é assim o que? Vocês vão partir numa jornada que pode durar anos, e posso ficar aqui e nunca mais vê-los! Não sei, acho que não vou agüentar.

Kyle estava incomodado com o comportamento de Kiorina e disse, – Pois venha conosco, assim poderá nos vigiar. Mas por favor, pare de chorar!

– Oh Kyle! – Kiorina pulou na direção do rapaz abraçando-o com vigor. Acabou por dizer com a voz abafada contra o peito de Kyle, – Eu vou com

vocês, não pode ser diferente!

Kyle, com muitas vezes antes desta, ficou sem jeito com os braços para baixo, sem saber se retribuía o abraço ou não. Sentia algo estranho dentro de si e na realidade sentia vontade de abraça-la, até de beija-la. Mas uma espécie de receio era mais forte e fez com que ele a segurasse pelos ombros afastando-a de si.

Afastou-se e disse, – Se você vai mesmo, é melhor preparar suas coisas. Sairemos amanhã bem cedo.

Kiorina ficou olhando para ele sem sentir-se consolada. Kyle, para tentar deixar a situação menos desconfortável, falou, – Tente descansar... – e mentiu, – Tenho a sensação de que de agora em diante, nossa jornada será mais tranqüila. Acho que o pior já passou.

Kiorina acenou com a cabeça e limpou as lágrimas do rosto com as mãos. – Então boa noite, Kyle.

– Boa noite, minha amiga.

CAPÍTULO 44

A capital do império sílfico, Nish era uma cidade esplendorosa. Um grande feito de arquitetura mágica cujas construções mais antigas, existiam há vários milênios, datando de mesmo antes da chamada era maldita. Era dividida em duas partes, a Velha Nish e a Nova Nish. A cidade era uma enorme ladeira que vinha do nível do mar, até o topo de um rochedo gigantesco chamado de monte Nish. Era uma maravilha cujos contempladores, quase exclusivos, eram os silfos do mar. Os humanos que tiveram o privilégio de ver e andar pelas ruas da capital, eram escravos que nunca puderam contar ao resto do mundo sobre as maravilhas de Nish.

A Velha Nish, ficava na parte central e superior do monte. É dito que foi um dos últimos focos de resistência dos silfos antes do surgimento das lâminas dos elementos. Na parte superior, estavam justamente o palácio imperial, a grande biblioteca e a grande arena (outrora, o grande teatro). Tudo era construído com pedras brancas e reluzentes e os diversos detalhes de acabamento, eram banhados a ouro. O palácio era altíssimo e enorme. Nele, cinco torres curvas abriam-se a partir do centro como uma flor desabrochando-se. Se fosse uma construção mundana, tombariam, mas sendo um edifício de pura magia, ficavam estranhamente eretas e firmes.

Para ganhar acesso à parte superior de Nish, um enorme e íngreme paredão de rocha, da altura de cem silfos, precisava ser vencido. havia duas escadarias que subiam num enorme ziguezague acumulando camadas umas sobre as outras. Mas estas raramente eram usadas.

No meio das duas escadarias esculpidas na rocha do monte com mais de setecentos degraus, havia duas plataformas mágicas que operavam um constante movimento de subida e descida. Enormes e capazes de sustentar até cinco carroças por vez, subiam e desciam alternadas, levando grandes quantidades de pessoas para cima e para baixo. Eram movidas pela magia ancestral, e tinham cravadas em pedestais dois enormes cristais amarelados que emitiam de forma constante, um fraco brilho.

Apesar de toda a beleza de Nish, a capital era uma cidade decadente, placo de competições cruéis entre escravos, inúmeras casas de jogos, casas de prostituição, mercados nos quais havia comercio livre de ervas alucinógenas e todo tipo instrumentos de tortura, restaurantes que serviam comidas caras e

extravagantes nos quais muitos e aberrantes silfos obesos entravam e saíam. Doces diversos, carnes pesadas e outros alimentos que não faziam parte da dieta da maioria dos silfos do arquipélago eram encontrados com facilidade em Nish. Até a maneira de vestir-se em Nish diferia do restante do Arquipélago, lojas vendiam roupas curtas ou de extremo luxo, sempre extravagantes. Era o local onde havia maior concentração de escravos por silfos, eram em média cinco escravos para cada senhor. Nenhum outro lugar, senão Nish, seria capaz de sustentar tanta ostentação, tantos gastos. Era o local no qual toda insanidade e dinheiro dos silfos eram reunidos e gastos. Boa parte da produção de todo arquipélago, servia tão somente para alimentar o consumo intenso e sem fim da cidade milenar repleta de ilusões, sonhos, pompa, beleza, desgraça, miséria, violência e decadência.

Era uma cidade movimentadíssima, por causa das notícias recentes de que a legendária espada flamejante de Quill, encontrava-se no palácio, a quantidade de silfos e escravos em Nish, havia duplicado. Os portos, também construídos em ladeira, com diversos cais de pedra em degraus, estavam apinhados de embarcações.

O navio de Melgosh teve de esperar quase um dia inteiro por um espaço para atracar. Com tanta gente, Melgosh e sua tripulação suspeitavam que Shark estivesse escondido na própria capital, debaixo dos narizes dos inspetores legais e da própria guarda imperial. Não havia nada que muito dinheiro não pudesse comprar em Nish. Alguns pergaminhos com documentação falsa, garantiria a circulação da tripulação humana armada. Seriam escravos de alta confiança do Clã Orb, sob o comando direto de Melgosh. Tinham presos aos braços marcadores de metal que lhes indicava o senhor e no caso de crimes cometidos por escravos de alta confiança, o dono dos mesmos poderia ser responsabilizado.

Gorum e Kyle discutiam assustados a respeito do poderio militar do império. Seus grandes navios de guerra, seriam capazes de destroçar toda a frota naval do reino de Lacoresh com facilidade. Um dos navios, nem mesmo tinha a forma cilíndrica e alongada como todos os demais. Era uma grande plataforma que a primeira vista parecia uma construção fixa. Era semelhante a um trapézio e a altura do convés principal era superior ao topo dos mastros dos maiores navios já vistos pelos Lacoreses.

Em caso de um ataque a Lacoresh, poderiam invadir a capital sem maiores dificuldades com tantos navios de guerra.

Melgosh estava bastante apreensivo e logo seguiu para o interior da cidade, acompanhado de Zoros e Allet. Os demais foram orientados a permanecer na

embarcação, cuidando de embarcar suprimentos, para o caso de precisarem sair de Nish em alguma viagem urgente.

Aproveitando a massa que invadira a capital, comerciantes faziam promoções e casa de jogos tentavam atrair clientes, prometendo prêmios fabulosos. Era um cenário muito atrativo e em especial para An Lepard. Kiorina estava igualmente interessada em passear por Nish, mas era sempre lembrada por Archibald que sair sem a companhia de Melgosh poderia ser muito perigoso.

***

Em um lugar, não muito longe, estava para iniciar-se uma sinistra reunião. Um silfo de voz muito bonita e grave disse, – Deixemos para Shark, todo o trabalho sujo, meu querido Alderic. Ele há de fazer muito barulho, movido por sua loucura e obsessão. E quando estiverem todos desnorteados, será nossa hora de agir. – Ele estava sentado em um pequeno trono, vestido com lindas roupas azuis brilhantes, com o rosto coberto por um véu grosso, repleto de pequenos orifícios. Tinha os pés descalços, brancos e bem cuidados, sobre plataformas macias cobertas com veludo da mesma cor. Acorrentadas pelo pescoço, duas lindas silfas muito pouco vestidas ficavam aos pés do nobre, que gostava de gesticular enquanto falava. Suas mãos alvas, tinham as unhas pintadas de azul e usava diversos anéis com pedras com a cor do céu cintilante.

– Sim meu duque, mas... – O silfo de perfil belo, traços finos e olhos firmes e confiantes que atendia pelo nome de Alderic, hesitava. Olhava para baixo, ajoelhado em frente ao exuberante nobre.

– Fale meu querido, o que lhe incomoda. – Falou a linda voz com doçura.

– É um momento delicado, e Shark tem passado dos limites.

– Como assim, passado dos limites? Penso que sequer foi capaz de quebrar, de forma eficiente, as ridículas convenções de nosso império.

– Não, meu senhor, não falava sobre suas trapaças e nem mesmo sobre seu plano de se apoderam da espada flamante, e sim, de sua associação com os humanos, aqueles que lidam com magia das trevas.

O duque sorriu e deu uma risada gostosa, muito irônica e cheia de desprezo. – Ah meu querido, acho ótimo que Shark esteja fazendo amizades fora de nossos domínios. É hora de termos mais contato com essas criaturas. É hora de encontramos alguns bons aliados no estrangeiro, pois muito em breve, como você bem sabe, estaremos fazendo intensos contatos com os reinos humanos.

– Mas eles afundaram um navio dos Farmin... E houve o incidente da mansão de Shark em Aurin. Não acho prudente subestimá-los...

O duque ficou sério e disse gravemente, – Meu querido, não seja tolo! Não estou subestimando os Lacoreses e seu novo governo de necromantes. Pergunte a Lévoro, e saberá que temos uma completa estimativa das atividades no pueril reino de Lacoresh.

Alderic, engoliu seco e dirigiu o olhar a Lévoro, o mago conselheiro do duque dos mares, Hiokar, chefe do nobre e belicoso clã Hiokar.

Lévoro era um silfo de baixa estatura, velho, muito magro e tinha o rosto feio e disforme. Vestia uma Shaita de azul profundo, que se confundia com o negro. Os compridos cabelos brancos que saíam do topo do traje sílfico, contrastavam com as vestimentas escuras descendo até a altura dos joelhos. Sua postura era levemente curvada e no peito, brilhava um medalhão com um peculiar cristal amarelado. Uma legítima peça de Sargentium, o cristal dos cristais.

Alderic não precisou falar, apenas sentiu um forte calafrio antes do mago falar. – Sim conselheiro Alderic, nós temos um dos nossos entre os Lacoreses e ele goza de grandes poderes e prestígios entre eles, sob necessidade, poderemos ter o tal reino a nosso serviço.

– Compreendo. Podemos convocar Shark e humano para a audiência, então?

– Prossiga. – ordenou o mago.

Alderic levantou-se e caminhou até o portal, que levava a um extenso corredor. Havia uma centena de mosaicos esculpidos no portal, e milhares de pequenas pedras preciosas cravejadas no mesmo. Abriu com um leve toque indicou às sentinelas que trouxessem os convidados.

Fernon precisou receber um tratamento especial antes de ser levado à presença do duque Hiokar. Escravos humanos lhe deram um banho, mas seu mau cheiro persistiu. Após um segundo banho foi borrifado com diversos perfumes até que o cheiro destes suplantou o cheiro de carniça que estava impregnado, especialmente em sua mão murcha e esquelética. Recebeu novos trajes e circulava pelos corredores, da forma de devia apresentar-se ao duque, com os pés descalços. E pela primeira vez em anos, tinha os cabelos bem penteados.

Shark vestia uma de suas luxuosas shaitas vermelhas. E estava pouco a vontade com os pés nus. Pensava muito em suas lindas botas vermelhas e tinha vergonha da feiúra de seus pés.

Entraram no salão circular e pisaram com satisfação no tapete, macio e quente, que contrastava com as piso frio dos corredores. Fernon fixou os olhos

no colar de Lévoro enquanto Shark não conseguiu disfarçar sua admiração pelas lindas escravas do duque. No momento, ambas limpavam e massageavam os pés do nobre usando nada menos que suas línguas para a tarefa. Sentiu uma pontada de inveja dos lindos e bem cuidados pés do Duque.

Shark estremeceu, imaginando num primeiro momento a fortuna que custariam as duas escravas e depois pensando que faria algo parecido quando pudesse retornar a sua mansão. Gostou imediatamente do estilo do duque, e achou genial a idéia de ter escravas, apenas para lamber-lhe os pés. Em um terceiro momento pensou que talvez o duque deveria usar menos azul em suas roupas e decoração. O comerciante porém, pensava em tudo aquilo em um instante e foi rápido em ajoelhar-se diante do duque. Fernon seguiu seus movimentos e ajoelhou-se. Estava maravilhado por tantos objetos interessantes para observar.

– Poderoso duque, é para mim uma grande honra estar em sua presença.

– Fique de pé Shark! – ordenou o duque Hiokar severo. – Ouvi muito a seu respeito. Sua aparência não deixa a desejar em relação a sua reputação.

Shark assumiu as palavras do duque como um elogio, – Agradeço sua gentileza senhor e estou inteiramente a sua disposição.

– E você, Lacorês? Fala o sílfico? – indagou o duque.

– Sim, senhor. – confirmou o necromante levando seu olhar esbugalhado e insano ao rosto coberto do nobre.

– Estou lhe ouvindo, Shark

O comerciante e capitão de uma frota de navios pigarreou e disse, – Magnífico duque, venho lhe pedir apoio e proteção, pois fui injustamente implicado pelo crime.

– Deixe de lado essas fábulas, estimado Shark. Fale livremente, pois sei bem de suas operações e sei bem de suas intenções.

Shark tentou não parecer surpreso e não soube o que dizer.

– Escute bem, Shark dos Farmin. Se quiser viver e prosperar daqui por diante, saiba que terá de servir ao seu senhor. Não há problema em desejar o poder, isso no meu ponto de vista, não é crime. Porém, o capitão sabe melhor que ninguém, que a vontade dos Hiokar, não determina o que deve ou não ser feito. E sim, a vontade do conselho, desde que aprovado pelos inertes Mikril.

– Compreendo meu senhor! Ficarei feliz de serví-lo, da maneira que desejar.

– Pois bem, desejo que você termine com o que começou. Quero que adquira a espada flamante de Quill e quando a fizer, farei de você um general em meus exércitos.

Shark delirou de prazer e estremeceu. – Oh meu senhor! – e ajoelhou-se. – Não posso expressar minha felicidade em serví-lo.

Fernon observou a maneira que Shark se curvava com certo desprezo e perguntou. – Seria rude de minha parte, se perguntasse por que fui chamado a sua presença, oh poderoso duque?

– Não, caro Lacorês. Sua pergunta é razoável.

– Ficaria satisfeito se puder saber.

– Pois bem. – disse a voz aveludada. – O anel que carrega em seu dedo... Queira mostrá-lo.

Fernon ergueu o braço cuja mão estava deteriorada e mostrou-a. Tremia, mas mostrava com evidência o anel e sua grande pedra negra, com polimento perfeito, em forma de ovo.

Lévoro examinou a pedra cuidadosamente sem sair do lugar e anunciou, – É um nexo, meu duque, um nexo de grande poder.

– Perfeito. – riu-se o duque.

Fernon recolheu a mão esquerda envolvendo o anel com a mão direita.

– Não fique tenso, Lacorês. Não precisamos retirar o anel de sua posse. Precisamos apenas que nos deixe usá-lo, para uma ocasião especial.

Fernon sentiu que não era um assunto que estava aberto a discussões e calou-se temeroso.

– Muito bem Lacorês, pode retirar-se. Foi bom vê-lo.

Fernon cumprimentou-o com um aceno e retirou-se em silêncio.

– Agora Shark, meu futuro general, vamos discutir sua ação, pois ela será importante e decisiva.

Shark sorriu, satisfeito com a própria ousadia. Afinal, sua busca pela espada de Quill poderia trazer interessantes e inesperados frutos.

– Não é verdade que é amigo pessoal do herdeiro ao trono, príncipe Kiel?

– Pois sim, meu senhor. Eu e o príncipe somos bons amigos.

CAPÍTULO 45

Os homens estavam de prontidão, pois sabiam que os rebeldes poderiam atacar a qualquer momento. Havia uma tensão contínua no interior e arredores da fortaleza de Lorde Lenidil, próxima à pequena cidade de Manília, sede do poder da província de Manile. Da estreita torre da fortaleza, Calisto podia observar toda movimentação no vale e na cidade.

Lenidil tinha dificuldades em sua recuperação e permanecia de repouso. A recuperação lenta do Lorde não era por acaso. Calisto estava em contato com jovens necromantes da região. Sob a carapuça de curandeiros, os necromantes cuidavam para que o ferimento do Lorde demorasse a cicatrizar, além de que em paralelo sofresse dores e febres. Fraco e grato a Calisto, o nobre permitia que o menino cuidasse da busca aos rebeldes lhe oferecendo apoio político e militar.

A noite se aproximava e a tarde já era sombria. Nuvens escuras moviam-se no céu, cobrindo o azul por completo. Ao por do sol, Calisto observou as tonalidades rosadas que as nuvens assumiram e pressentiu um derramamento de sangue para aquela noite.

No dia seguinte, Calisto levantou-se frustrado e cansado da espera. Por duas semanas mantinha prisioneiros inocentes nas catacumbas e neste mesmo tempo, foram realizadas seis execuções. Ainda assim, os rebeldes não atacavam. Mesmo com seu dedicado espião, espalhando boatos e incitando os carrascos da masmorra a confessarem seus feitos em tavernas, sob o efeito de drogas. Qual seria uma motivação ainda maior?

Sem fazer seu desjejum, Calisto partiu para Audilha, montando seu cavalo cinza. Ao chegar na vila, seguiu direto para a escola de escultura. Deixou a montaria desamarrada. Já não tinha a necessidade de amarrá-la para que não fugisse ou preocupar-se com roubos. Possuía um elo psíquico com o cavalo, que lhe oferecia obediência plena.

Vestia roupas que ganhou do barão de Bandeish. Calças vermelhas, botas negras, camisa branca e colete negro. Devido a sua chegada repentina, não foi recebido por ninguém. Seguiu direto pelos corredores até que foi avistado por Regis, que correu para atender-lhe.

– Olá Regis. – Cumprimentou o menino com secura.

– Lorde Calisto, a que devemos a honra da visita? – o escultor vestia as roupas usuais e sujas e seus cabelos loiros estavam escondidos abaixo de uma

touca.

– Desejo falar com Mestre Carulvo.

– Sim, alguma nova encomenda?

– Não. Vim buscá-lo para ser interrogado em Manília.

– Interrogado? Mas por que razão? O Mestre Carulvo nunca...

– Quieto Regis! Não é de você que vim cobrar explicações. Meu tempo é curto. Portanto, queira trazer Carulvo o quanto antes.

Regis calou-se a sentiu um frio na barriga. Com medo e ódio retirou-se para buscar o diretor da escola. Em seguida voltaram juntos e Regis carregava na mão direita uma ferramenta de entalhar, semelhante a um adaga.

Carulvo estava calmo, mas ao encarar Calisto sentiu o estômago girar e ferver.

– Oh Mestre Carulvo! Sinto incomodá-lo, mas tive algumas denúncias em relação a sua pessoa. Sinceramente, espero que sejam falsas, e é por isso que vim buscá-lo. Estou certo de que irá prestar os esclarecimentos e voltará em breve à suas atividades.

– Sua falsa preocupação não me engana Lorde do eclipse.

Regis ficou eriçado e ao mesmo tempo apavorado pelas palavras de seu mestre. Calisto retrucou com calma e cinismo, – Seu modo de falar quase me ofende. No entanto, entendo que já é um senhor de idade sobretudo, é um artista genial. Por isso, lhe darei um desconto e não tomarei ofensas.

Regis quase perdia o controle de suas emoções e pediu em voz alta para seu mestre: – Por favor, Mestre! Vá em silêncio e responda as perguntas deles. Não os ofenda! Pense na escola.

Quase que junto da fala de Regis, Carulvo resmungou, – Não toma ofensas, não é?

Regis voltou a falar preocupado, – Por favor, Lorde Calisto. Não lhe façam mal! Ele não está envolvido com a rebelião, posso lhe garantir!

– O que lhe faz pensar que lhe faremos algum mal?

Carulvo acusou indignado, – Malditos! Vocês tem torturado e matado dezenas de pessoas inocentes! Como podem ser tão sujos e cruéis!

– Torturas? Mortes? Do que estão falando? De onde tiraram essas idéias? Pensam que somos bárbaros? Todos estão sendo interrogados e se comprovado envolvimento com a rebelião, serão levados a Lacoresh para julgamento contra a coroa. Somente os juizes de Lacoresh podem determinar execuções! Todos sabem disto. Não deviam acreditar em boatos infundados espalhados por rebeldes.

– Seu monstro mentiroso! – xingou Carulvo. – Acha que não sei ver onde está a verdade? Você é um lobo na pele de uma ovelha! Um demônio disfarçado de salvador. É um maldito tirano sedento de poder!

Calisto escutou as palavras ditas pela boca velha de Carulvo com satisfação. Observava os lábios esticar e encolher uma série de rugas que mudavam toda a face e pescoço. Quando o escultor terminou de falar, Calisto investiu com a mão fechada contra seu rosto. Um forte soco pousou sobre o nariz e Carulvo foi ao chão de imediato. – Como ousa me insultar assim!? – exclamou o nobre, com grande ira.

Regis arregalou os olhos e apertou com força o instrumento pontiagudo. Calisto percebeu a ira do assistente e ao mesmo tempo seu grande medo. Em sua essência, era um grande covarde. Mas a ira de ver seu mestre sendo atingido diante de seus olhos por um menino, podia ser aumentada, podia ser incentivada. Calisto liberou a ira de Regis e restringiu-lhe o medo. No momento seguinte, o escultor partia para cima de Calisto com intenções assassinas.

O jovem Lorde estava preparado, plenamente preparado. Agindo em legítima defesa, desembainhou a espada curta, desviou-se do golpe de Regis deixando que fosse atingido de raspão. O pequeno corte ardido que sofreu, fez com que enterrasse a espada no abdome de Regis sem culpas. O escultor sentiu no ferimento o toque gelado da lâmina de Calisto. Perdendo as forças das pernas, foi ao chão, encolhendo-se em posição fetal.

Vários alunos observavam a cena horrorizados. Em seguida, observaram escandalizados o nobre erguer Carulvo do chão e forçá-lo a seguir para fora da escola. Ordenou à milícia local que a escola fosse fechada e que Regis, se sobrevivesse, fosse preso.

Parte do povo ficou revoltado ao ver Carulvo ser levado como prisioneiro com as narinas sangrando sem parar. A milícia apoiava as ações de Calisto e logo, deixava Audilha e tinha como destino Manília.

Weimart recebeu Calisto e Carulvo no forte e exclamou. – Pelos Deuses, Lorde Calisto! O Mestre Carulvo?

– Sim Weimart! Cansei-me de ser bonzinho! É hora de tomar atitudes fortes e esperar uma reação dos malditos rebeldes.

– Há provas contra Carulvo? Ele é muito popular e amigo de Lorde Lenidil. Estou certo de que não aprovaria...

– Cale-se Weimart! Eu sei bem o que estou fazendo. – disse Calisto com arrogância. – Deixe seus homens a postos. Pois hoje à noite, estou certo de que

seremos visitados pelos rebeldes. Sei bem que não deixarão que seu querido mestre escultor sofra em nossas mãos por causa deles.

Em seguida o jovem subiu para a torre de onde contatou Rayan. Mais tarde, o espião espalharia boatos que confirmavam o envolvimento de Carulvo com a rebelião. Muitos já haviam recebido a notícia da captura de Carulvo e em Audilha e Manília havia uma tensão acentuada. Para alguns dos rebeldes que tentavam contrapor a idéia de realizar o ataque ao forte de Lenidil, a história toda era a gota d'água.

O por do sol rubro, inspirava Calisto. Previa o sucesso de seu estratagema. Previa uma noite na qual os rebeldes sofreriam sérias baixas. Previa a projeção de sua pessoa e o aumento de seu poder influência. Estava certo. A noite, escura e estranhamente fria para uma noite de verão, trouxe grande tragédia e sofrimento aos rebeldes.

O grupo era liderado pelo Cavaleiro Vermelho. Naquela noite, todo o peso de sua maldição depositava-se sobre seus ombros. Liderava bravos homens dispostos a um grande sacrifício em prol da libertação de seu povo. Muitos sabiam que poderiam perder as vidas, e que as chances de resgatarem alguém eram mínimas. Alguns, nem sequer foram informados dos planos que a reunião de cúpula, dias atrás havia formulado. Apenas os comandantes, carregavam consigo todo o peso da derrota premeditada. Para eles, perder era vencer.

Um trunfo inesperado, fez com que o ataque da rebelião assumisse proporções ameaçadoras. Quando Calisto percebeu que havia um traidor infiltrado na fortaleza de Lenidil, grupo de bravos guerreiros liderados pelo Cavaleiro Vermelho, penetrava furioso, os limites do portão principal do forte. O espião rebelde teve sucesso em sua ação: erguer o portão.

Weimart e seus homens, esperavam um ataque vindo do portão dos fundos, que estava propositadamente desprotegido. Ao mesmo tempo, os rebeldes preenchiam o pátio frontal da fortaleza, vencendo a resistência com facilidade. Cortando a escuridão da noite, Vermelho gritava e de sua lâmina flamante setas de fogo atingiam soldados tomados por uma grande surpresa. Os vinte e poucos rebeldes seguiam o cavalo de seu líder e enfrentavam os poucos sentinelas que sucumbiram em poucos momentos.

Calisto observava furioso da torre e estava surpreso com a atuação dos rebeldes e do Cavaleiro Vermelho. Alguns rebeldes penetravam na fortaleza dirigindo-se à masmorra. No lado de fora, uma luta desesperada tinha início. Chegavam às pressas e irados, os homens comandados por Weimart, mais de cem. O Cavaleiro vermelho avançou seguido cerca de vinte bravos guerreiros.

Uma luta sangrenta desenrolou-se. Enquanto Vermelho derrotava soldados inimigos com facilidade, e em série, seus companheiros tombavam ao serem envolvidos pelos inimigos.

Weimart, montado em um cavalo forte e veloz, avançou contra o Cavaleiro Vermelho, empunhando uma lança pujante. Com grande perícia, atingiu o Vermelho, que tentava defender-se de um grupo de soldados. Num rápido reflexo, o Cavaleiro foi capaz de apresentar o escudo encantado, constituído do mesmo metal avermelhado de sua armadura. Uma grande fagulha surgiu no ponto de impacto e Weimart e Vermelho foram projetados para fora de suas montarias. O giro violento sofrido pelo Cavaleiro, retirou de seu poder o escudo que o salvou da ponta da lança.

No chão, com o braço do escudo totalmente inutilizado e pulsante, Vermelho tentava recompor-se. Um ataque oportuno de um soldado, mostrou que uma lâmina comum não conseguia penetrar na armadura encantada com facilidade. Com a mão dormente após o golpe que ricocheteou na armadura anti-natural de Vermelho, o soldado morreu recebendo a lâmina fervente do cavaleiro em seu abdome. Vermelho postava-se de pé, e via a sua volta abrir-se uma roda. Havia dezenas de soldados, era impossível contar. Seus companheiros de batalha, já haviam sucumbido. Estava só. Observava os olhares apavorados nos olhos dos soldados. Murmuravam: – Demônio, demônio!

Calisto comunicou-se com o comandante. “Weimart, ataque-o! É hora de provar-se valoroso...”

Weimart balbuciou, – Calisto? Mas como derrotá-lo?

“Não é hora de discutir! Ataque-o, se não, eu mesmo cuidarei para que você tenha uma morte lenta e dolorosa.”

O militar bigodudo engoliu seco e partiu para cima do poderoso Cavaleiro Vermelho. Os soldados observavam a atitude do comandante com admiração.

Vermelho não aguardou e partiu para o ataque. Sua lâmina flamante foi bloqueada pela espada de Weimart. Os ataques prosseguiram e Weimart defendia-se bem, demonstrando sua habilidade como espadachim. Calisto concentrava-se bastante, e após a preparação devida, iniciou um forte ataque contra a mente de Vermelho. O resultado não fora tão bom quanto imaginava. O elmo que o Cavaleiro vestia lhe conferia certa proteção contra o ataque do jovem. Porém, o efeito foi o suficiente para que Weimart tomasse a iniciativa do ataque, e com vigor atacou por cinco vezes consecutivas. Todas estas foram bloqueadas por Vermelho. Eram igualmente bons, e uma luta como aquela, poderia durar um bom tempo.

Calisto reformulou sua estratégia, lançou novo ataque. Desta vez, direcionava comandos contra os nervos do Cavaleiro. Atingindo-o na espinha, fez com que alguns de seus músculos disparassem movimentos involuntários que quase fizeram com que perdesse o equilíbrio. Weimart investiu e atingiu com um forte golpe, o braço do Cavaleiro, afrouxando seu apego ao cabo da lâmina flamante, que queimava com pouca intensidade.

Um novo ataque mental de Calisto causou um espasmo na mão de Vermelho e sua espada foi ao chão, apagando-se de imediato. Em seguida Vermelho era cercado pelos soldados que vibravam com a vitória de seu comandante.

Enquanto as atenções voltavam-se para a luta e captura do legendário Cavaleiro Vermelho, o pequeno grupo que penetrou na masmorra retirava alguns dos prisioneiros conduzindo-os ao exterior da forma mais furtiva que podiam. A fuga dos rebeldes não tardou a ser detectada e logo alguns, fracos e incapazes de correr foram recapturados por soldados do forte. Poucos conseguiram fugir e outros sequer tiveram forças para deixar a masmorra.

Após a confusão, Weimart apresentava-se a Lorde Calisto.

– Lorde Calisto, trago boas notícias.

Calisto sorria e disse, – Pois então, diga logo!

– Apesar da entrada surpresa dos rebeldes, e seu plano para libertar os prisioneiros, temos os seguintes números: Tivemos apenas onze baixas e vinte e um feridos. Capturamos o líder vivo e matamos vinte e sete dos malditos rebeldes. Dos prisioneiros que foram libertados, recapturamos mais de trinta, matamos uma dúzia que resistiu à captura. Não mais que dez conseguiram escapar. E mesmos estes ainda estão sendo perseguidos por uma dúzia de patrulhas, neste momento.

– Ótimo Weimart! Muito bom mesmo! Com essa derrota ficamos perto de eliminar o incômodo desta rebelião destas bandas.

– Excelente, Senhor! Mais alguma instrução?

– Sim, traga-me o tal Cavaleiro Vermelho . Estou muito curioso...

– Como desejar!

CAPÍTULO 46

Toda tensão de Melgosh atenuou-se ao deparar-se com os olhos tranqüilos do conselheiro supremo dos Orb junto ao imperador. O que os olhos de Melgosh enxergavam como tranqüilidade, muitos enxergavam como frieza extrema e racional. Seu rosto era belo e como uma máscara, nunca demonstrava emoções. Muitos afirmavam que nunca havia sorrido, outros diziam que a última vez que sorriu foi na véspera em que assumiu a posição superior no conselho dos silfos, há mais de duzentas estações. As sobrancelhas eram finas estacionadas numa retidão constante. Os lábios delicados emitiam sons com movimentos mínimos, como os de um ventríloquo. Os cabelos eram curtos e penteados de lado fazendo pequenas pontas para o alto. Vestia uma túnica verde escura com golas pontudas, muito sóbria e bem cortada. Usava longas luvas e botas peroladas, que iam até os cotovelos e joelhos. Cinco pequenos broches brilhantes estavam afixados, dois nas laterais externas das botas, dois em posições análogas das luvas e um no encontro das golas pontudas no centro do peito do silfo.

– Conselheiro Zil, como é bom revê-lo! – exclamou o pai de Mishtra.

– Você chegou numa hora oportuna, dedicado Melgosh. – respondeu o conselheiro num tom monótono. Passou os olhos sobre Zoros e Allet e complementou. – Saúdo-os, Zoros dos Maki e Allet, filho de Allaz.

Zoros cumprimentou o conselheiro com um gesto e Allet, surpreso e feliz por ter sido reconhecido, curvou-se satisfeito.

Zil encarou Melgosh e convidou-o a sentar-se próximo à sacada. A vista da mansão de Zil era incrível. Localizada na parte alta da cidade na encosta do paredão, possibilitava um vislumbre completo da baixa Nish e de todos seus portos. Allet sentou-se perto da sacada. Tinha olhos bons e não tardou a identificar o navio atracado entre milhares de outros tantos. Zoros um pouco intimidado por alturas sentou-se na posição mais distante da sacada e Melgosh sentou-se de frente para o conselheiro.

Melgosh percebeu uma rara mudança no tom de voz do conselheiro. – É um momento delicado. A cidade está como o mar tempestuoso. São tempos atribulados que se aproximam. É difícil enxergar o que irá acontecer. – Zil fez uma pausa e Melgosh voltou a ficar tenso e preocupado. Se havia alguém em quem confiava e imaginava que trataria a situação com tranqüilidade e simplicidade, este era Zil, o mais sábio e eminente Orb.

Zoros aproveitou a pausa e falou, – De certo, o senhor teve uma boa razão para dizer que chegamos num momento oportuno, não é mesmo conselheiro?

– Pois sim, Zoros dos Maki. Bem sei do recente incidente em Aurin. – fez uma pausa e encarou Allet. – Lamentável. – voltou a encarar o mago e disse, – Pois um dos muitos pontos de conflito que estão sob minha atenção, justamente diz respeito a vocês.

– E Shark! – acusou Allet inclinando-se sobre a mesa. Sob o olhar repreendedor de Melgosh, retraiu-se.

– Deixe-o falar, Melgosh, pois sua fala foi correta. E foi direto ao ponto.

Allet deu com os ombros e Melgosh sorriu, um pouco tenso.

Zil, que nunca gesticulava, prosseguiu, – Pois bem, deixe-me explanar-lhes sobre certo fatos políticos recentes.

– E quanto ao Shark? – queria saber Allet, temeroso por entrarem em uma interminável discussão política.

– Chegaremos até isso, tenha um pouco de paciência Allet, filho de Allaz. É bem verdade que em sua tripulação, tem alguns servos Lacoreses, não é mesmo Melgosh?

– Pois sim.

– Eles também têm um papel a cumprir. Diversas ambições e interesses giram em torno da questão Quíllica. Ontem à noite, o conselho reuniu-se para acertar uma definição para o caso.

– Mas já?

– Sim, e estou muito preocupado com os acertos feitos até então. Um joguete. Muito depende de um simples joguete.

– Como assim? – indagou Zoros.

– Na realidade um jogo. Algo da estranha insensatez de nosso povo, de nosso próprio conselho. Sugestão do conselheiro Larsh Farmin. Propôs que a disputa política envolvendo a questão da espada fosse resolvida, por um jogo. O desafio de Eluan.

– Trata-se de que? – indagou Melgosh.

– Uma antiga lei. Imagino que a conheça, Zoros dos Maki.

– Pois sim, uma lei que permitia criminosos, reduzir sua pena, ou mesmo redimir-se de um crime através de um jogo de vida ou morte. Mas como é possível realizar um destes, nos dias de hoje? Não era a prova final, um confronto com uma besta feroz ou uma criatura dos abismos?

– Não deve saber do presente enviado pelo duque Hiokar ao imperador?

– Não, o que seria?

– Um formalediôneo.

– É possível? Tais criaturas não são vistas há milênios!

– Seja como for, há uma jaula especial com um formaleliônio, na coleção de bestas e animais do Imperador. E mais, tão logo a idéia foi apresentada por Larsh Farmin, Alderic Hiokar achou-a irresistível. Eu e Elchor Maki, fomos contra, mas Ildur Mikril foi convencido por Larsh. Três contra dois. E assim será. Foram definidas cinco sentenças de acordo com o desempenho dos criminosos.

– Quem são eles? E quanto a Shark, não irá enfrentar a besta?

– Se fosse capturado, seria possível, porém... Quanto aos criminosos, são três humanos e um silfo das terras de Lacoresh. Somados a um anão das grandes cordilheiras e uma fera do povo felino da península do braço da serpente. Eram todos prisioneiros de Shark, que tiveram a liberdade prometida, caso conseguissem reaver a espada de Quill.

– Teriam chance contra uma fera destas? – perguntou Melgosh.

– É dito que puderam lidar com os guardiões da espada, portanto, alguns méritos devem ter.

– E quanto às sentenças? – indagou Zoros, preocupado.

– Pois sim, está é a pior parte. Foram definidas cinco provas a serem resolvidas nas antigas catacumbas palacianas: uma por cada clã. Haverá uma distribuição de pontos e de acordo com o desempenho nas provas, receberão armas ou itens especiais para lidarem com o fomalediônio. O problema é que o próprio destino da espada foi atrelado o destino dos criminosos. Segundo os Hiokar, se não forem capazes de completar ao menos duas provas com sucesso, devem ser executados mesmo antes de enfrentar a besta, e a espada deve ser confinada nos cofres imperiais, o local mais seguro segundo sua opinião. Segundo os Farmin, se completarem três ou mais provas e forem derrotados pela besta, havendo sobreviventes, estes deverão retornar a espada ao seu local de origem, e depois serão vendidos como escravos em um leilão. Já os Maki, defendem banimento segundo a antiga tradição, para os criminosos e para a espada. Ou seja, serão levados todos a alto mar e atirados na água. Isso se completarem três provas e derrotarem a besta. Para o caso de completarem quatro provas e derrotarem a besta, os Orb determinam que sejam levados a uma cidade humana e que a espada seja destruída, de uma vez por todas. E o prêmio máximo, ou seja, a derrota da criatura e a conclusão das cinco provas, os criminosos serão totalmente perdoados e levados onde desejarem com a espada em sua posse, essa é claro, trata-se da sentença Mikril, naturalmente de aparência mais benevolente, porém, a mais perigosa de todas.

– Interessante, imagino que os Farmin estejam cuidando da organização do evento. Certamente algo assim será muito lucrativo. – comentou Melgosh.

– Verdade, porém a questão da espada e dos estrangeiros, é a de menor importância. O que ocorre nos bastidores que traz-nos maiores preocupações. O próprio duque Hiokar já chegou a Nish, e, informações não oficiais, reportam o fato dele ter recebido em sua propriedade, o próprio Shark.

– Então ele está aqui, como imaginávamos! – deixou escapar o imediato.

– Pois sim, e minha previsão é de que tentarão algo enquanto todos estiverem ocupados e distraídos com os tais jogos. Pude antever certas linhas de ação, dentre as quais, posso destacar: uma tentativa de furto da espada, seqüestro de alguma figura importante, como o príncipe Kiel ou mesmo a princesa Aeycha. Ou pior, o próprio assassinato do imperador. O duque Hiokar é ousado e deseja o poder, disso todos sabem. Não se arriscou vindo até a capital sem algum bom motivo. É a primeira vez em mais de vinte e cinco estações que põe os pés em Nish.

– E quanto ao oportunismo de nossa chegada? – insistiu em sua pergunta, ainda não respondida.

– É neste contexto que vocês entram. Vocês e em principal, os estrangeiros que trazem em sua embarcação, são variáveis novas, pessoas das quais o duque, não sabia previamente. Estes sim, se bem usados podem ser trunfos importantes para contrapor as ações nocivas que estão prestes a desencadear-se. Se estiver certo, imagino que o duque sequer tomou conhecimento da presença dos Lacoreses em Nish. Mas isso não tardará a acontecer, portanto, temos que agir e aproveitá-los, enquanto pudermos usá-los como um elemento surpresa.

– Usá-los? – indagou Melgosh um pouco incomodado. – São companheiros queridos para mim, conselheiro Zil. Não tenho certeza de desejo usá-los como o senhor está sugerindo.

– Não se preocupe, já sei o bastante sobre eles. Sei que alguns deles, não perderiam a chance de agir contra Shark, e outros, não se incomodariam em ajudar os mais excitados. Não acredito que precisemos forçá-los a agir.

– Sim compreendo, ainda assim, que tipo de riscos assumiriam?

– Riscos de vida, naturalmente. Mas deixe a preocupação de lado, pois de certo, se pudermos planejar os detalhes será uma ação de riscos controlados. Algo de menor periculosidade que o ataque suicida que empreenderam em Aurin.

– Entendo, por onde devemos começar?

CAPÍTULO 47

– Sinto-me humilhada, como um animal. – rosnou Kiorina girando o bracelete de propriedade que tinha preso no pulso esquerdo.

Kyle respondeu com um sussurro irritado, – Quieta Kiorina! Não vê que precisamos fazer silêncio.

Kiorina tocou-se, voltando a mente para a missão que receberam. Controlou o impulso de reclamar da coceira que o bracelete provocava. Observou Allet imóvel na penumbra. A ruiva encostou-se em Kyle e sussurrou em seu ouvido, – Será que ele viu alguma coisa?

– Não sei, é melhor aguardar. – respondeu friamente um pouco mais baixo.

A madrugada estava silenciosa, e enquanto esperavam pacientemente, podiam escutar o quebrar constante das ondas do mar.

Kiorina alterou o tom de voz, e mesmo sussurrando transmitia impaciência, preocupação e certa fragilidade, – Ai Kyle, e quanto aos outros? Será que estão bem?

Kyle sentia o calor da proximidade excessiva da ruiva, aceitável na ocasião, e tentava controlar-se. Respirou fundo e respondeu, – Archibald e An Lepard, estão com Melgosh. Quanto a Gorum e Kleon acompanham Zoros. Eles vão ficar bem.

A ruiva aproveitou o momento, e mirou a pequena faixa do céu que podiam ver do beco. Estrelas cintilavam contra o fundo de azul profundo, enquanto uma das pequenas luas surgia naquela direção. Era Gicorne, a menor das luas. Estava quase cheia e refletia um fraco tom branco, levemente esverdeado. Seu brilho acentuava o tom verde dos olhos de Kiorina.

Disse baixinho, – Olhe Kyle, a pequenina. É tão raro vê-la assim, sozinha.

O cavaleiro olhou para a pequena lua e sentiu os cabelos da ruiva em sua face. Por um instante lembrou-se de sua infância. Ficava cuidando dos cavalos, muitas vezes até anoitecer, e no verão, quando o céu estava quase sempre limpo, observava as luas surgirem no céu, realizando sua dança constante. Não respondeu, mas por um instante cedeu. Recebeu Kiorina em seus braços e juntos observaram o céu.

– Ai Kyle, você tem estado tão distante. Tudo tem sido tão difícil. Perdemos nosso lar, nossas famílias, amigos... É tudo tão triste. – Kiorina chorava baixinho, um choro contido.

Era verdade, era tudo muito triste. Kyle não conseguia tirar da cabeça a morte de Noran. Alguma coisa estranha havia acontecido naquela noite. Sentia-se triste pela perda do companheiro. Sempre que tentava lembrar-se do ocorrido, seus pensamentos ficavam confusos, enevoados.

Um movimento brusco, porém silencioso, de Allet chamou a atenção de ambos. Afastaram-se, sentindo mais uma vez o frio da noite, nos pontos em que se tocavam.

Em seguida, puderam ouvir o barulho de correntes e passos. Escravos, uma dezena de escravos. Acorrentados, uns aos outros subiam a suave ladeira abaixo do beco. Kyle observou o silfo de ombros largos que conduzia os escravos e reconheceu-o. – É Marcik! O maldito que nos vendeu para Lefreishtra!

– É ele mesmo Kyle!.

Allet torceu os lábios e comentou, – Ai minha mãe do mar, isso só fica pior! O maldito Shark está envolvido mesmo...

– Não foi o que o sábio de vocês disse? – Kyle buscou confirmação.

Sussurou sarcástico, – Foi o que o conselheiro disse.

– Que seja.

Kiorina disse enquanto observava o progresso de Marcik, e dos escravos. – Por que estariam transportando escravos a uma hora destas?

– São preparativos. A competição começa amanhã cedo. Certamente pretendem fazer alguma coisa.

***

– Calem-se vocês dois! – disse Zoros irritado.

As risadas de Gorum e Kleon pararam subitamente. Em seguida, Kleon, não pode conter-se e deu uma risada reprimida com a boca fechada, fazendo certo ruído com a garganta. Gorum acompanhou-o, rindo baixinho, soprando ar pela boca. Kleon estava vermelho, ao encarar o olhar furioso de Zoros, não teve outra alternativa senão prender a respiração. Segurou por alguns instantes e Gorum voltou a ficar quieto. Observava a vermelhidão do rosto do Chiris aumentar, aumentar e aumentar.

Zoros foi perspicaz e ao perceber que o humano não suportaria. Estava prestes a soltar uma alta gargalhada. Veloz, convocou um feitiço de silêncio, que envolveu Gorum e Kleon. O Chiris perdeu o controle e soltou uma forte gargalhada. Nenhum som foi produzido, mas ele não parecia se importar.

Ao ver Kleon, fora de controle , abraçando a barriga com os braços, Gorum caiu na gargalhada. Nos instantes seguintes quando perceberam que não podiam emitir sons, deram vazão total a suas vontades de rir. Kleon caiu no chão e ria tanto que estava sem forças. Suas costelas doíam, e Gorum, sentia a musculatura da face doer, de tanto rir.

Gorum arrependeu-se das piadas que contou a Kleon. Apesar de divertidas, puseram a missão que tinham em risco. Mesmo assim, não conseguia lutar contra a força das risadas, que brotavam das profundezas de sua alma.

Zoros balançava a cabeça desconsolado. Pensava na grande capacidade que os humanos possuíam para idiotices. Com os dois sob controle, voltou sua atenção para as ruas abaixo. Como imaginava, o barulho feito pelos humanos não passaria desapercebido. Dois sentinelas da guarda de Nish aproximavam-se do local onde estavam. Zoros convocou um segundo feitiço desnecessário, bastante irritado. Os sentinelas logo foram investigar outros ruídos que surgiram na direção oposta.

O coração de Zoros gelou, e tomados por um estranho pressentimento, Gorum e Kleon pararam de rir. O portão da grande mansão pertencente ao duque Hiokar abriu-se. Uma fraca luz amarelada foi projetada na rua. Uma sombra surgiu no meio da luz projetada e puderam acompanhar a saída de uma estranha figura de dentro do portal.

Zoros sentiu um forte aperto no peito e grande temor. Tratava-se de Lévoro. Um bruxo que tinha a fama entre os bruxos, de usar magias das trevas. Muitos diziam que Lévoro, assim como seus ancestrais, tinha sangue de demônios em suas veias. Zoros lembrou-se de quando era um jovem silfo e ingressara na grande escola de magia dos Maki. Lembrou-se de seu único e aterrorizante encontro com Lévoro. O bruxo já era velho, devia ter mais de oitocentos anos. Nunca imaginava que ainda pudesse estar vivo. Mas então fazia sentido, como diziam, o sangue demoníaco estendia-lhe ainda mais a vida. Que idade teria agora? Mil e duzentos anos?

Havia um brilho amarelo em seu peito! Seria Sargentium? Zoros torcia a face e o aperto que sentia no peito, fazia com que se lembrasse da forte náusea que sentiu no seu encontro com Lévoro na escola. O rosto disforme do ancião, era assustador, mas era do toque gelado de sua mão, que nunca esqueceria, provocou-lhe forte náusea e por cinco dias, esteve febril, vomitando e com as vísceras desarranjadas. O preço que pagou por sua impetuosidade. Ouvira dizer, que Lévoro, antigo membro do conselho de professores da escola, estava de visita e consultava alguns volumes antigos na biblioteca. Contavam todo tipo de

histórias sobre Lévoro, inclusive uma pela qual era especialmente famoso. Acontecera, nos tempos em que Lévoro era estudante.

Nas catacumbas profundas da escola, abaixo do mar, estavam selados uma série de demônios capturados pelos Maki durante a guerra de milênios. Um acidente, libertou uma das bestas, que tinha grande poder e causou muitas mortes e destruição. Um memorial, no pátio da escola, honrava os vinte e três estudantes e seis professores mortos na ocasião. Fora Lévoro, apenas um estudante (porém, como diziam, o mais poderoso de sua turma), que após uma batalha indizível com a criatura, voltou a aprisioná-lo em seu silo.

Zoros prosseguia, remontando em sua mente os acontecimentos que cercaram seu encontro com Lévoro. Movido por uma curiosidade irracional, ainda jovem, seguiu para a biblioteca, que estava deserta. Todos sabiam que Lévoro não gostava de companhia, e muito menos de ser incomodado quando em visita à escola e à biblioteca.

Lá, deparou-se com o silfo, baixo e feio. Cabelos brancos até a cintura. Olhar fulminante. E suas próprias palavras estúpidas ficaram gravadas em sua mente, para nunca mais serem esquecidas. – Olá, senhor Lévoro? Eu... eu... sou seu admirador, e sempre quis conhecê-lo. – E sua mão tremula estendida que recebeu o aperto de mão gelado do famoso o horroroso bruxo.

De volta ao presente, Zoros sentia-se mal, apenas de olhar para o bruxo mais uma vez. Saberia o conselheiro Zil, sobre o envolvimento do duque Hiokar, com o famoso feiticeiro, Lévoro?

Lévoro olhou para o alto, na direção em que estavam, Zoros, Gorum e Kleon. Àquela distância, Zoros não saberia se estava olhando para eles ou para as estrelas atrás de si. O velho, desceu a rua, e Zoros pode perceber que os cabelos brancos do bruxo, estavam mais compridos, chegando até os joelhos.

***

– Não posso crer! É muita sorte. – sussurrou Melgosh.

– Ou muito azar. completou Archibald.

– O conselheiro estava certo. Shark realmente está planejando alguma coisa. – concluiu o silfo.

An Lepard desembainhou sua espada silenciosamente. Sentiu o ódio ferver seu sangue. Vingar-se-ia de Shark, era uma oportunidade perfeita.

Archibald e Melgosh não percebiam o que An Lepard estava prestes a fazer.

– Quem é aquele com ele? Parece um humano. – comentou Melgosh.

– É um humano, é o necromante de nome Fernon. – respondeu Archibald.

An Lepard preparava-se para agir, sentia o peso de sua espada nas mãos, e imaginava se ainda seria tão bom quanto antes. Sua intenção de agir, foi substituída pela perplexidade.

Ao verem os lábios do silfo tocarem os do humano todos ficaram surpresos. Melgosh mal podia crer em seus olhos e comentou, – Eu sempre soube que Shark era esquisito, mas isto?

– Não é o que pensa, Melgosh. Trata-se de um feitiço. Fernon está fazendo alguma coisa com Shark.

Naquele instante, Al Lepard correu. Movido pela ira vingativa, ignorava a dor na perna, que em geral, fazia com que mancasse. Melgosh segurou Archibald pela roupa, impedindo-o de segui-lo. – Não Archibald, deixe-o. Ainda temos muito que fazer.

A concentração de Fernon em seu feitiço era grande e largou Shark, apenas quando An Lepard já estava próximo. O corsário investiu com tudo para cima do silfo. E sua lâmina banhou-se em seu sangue, retirando vingança. Shark despertou do transe, sentindo seu peito queimar e com as mãos encharcadas em seu próprio sangue. Foi ao chão, sem forças.

Fernon observava-o com frieza enquanto An Lepard investia uma segunda vez contra o silfo. Enterrou sua espada covardemente no corpo prostrado do silfo. Lembrado-se do encontro no porto seguro, da traição de Erles sua ira cresceu. Em seguida, lembrou-se das humilhações e dores que sofreu, preso ao mastro do navio de Shark. Sua ira transformava-se em fúria. Seguiu com a carnificina, investindo uma terceira, quarta, quinta e sexta vez contra o corpo de Shark, que não mais respirava. Lembrava-se das torturas que sofreu na mansão em Aurin e crescia dentro de si, enorme satisfação a cada golpe que atingia o silfo.

– Já terminou? – indagou Fernon sarcástico.

As palavras de Fernon trouxeram An Lepard de volta a realidade, porém ainda furioso. – Maldito! Morte a Shark e seus aliados! – Com isso, o capitão avançou com sua espada contra o necromante. Enterrou-lhe a lâmina no abdome, e para sua surpresa, o necromante sorriu e em seguida gargalhou. – Ótimo trabalho! – disse com ares de loucura.

An Lepard soltou a espada e levou as mãos ao próprio abdome. Havia um furo, do qual lhe escapava fluido vital. Cambaleou e afastou-se horrorizado. Seu golpe, ao invés de atingir o necromante, tinha atingido a ele próprio. Fugiu mancando e aos tropeços. Buscava a companhia de Melgosh e Archibald.

Chegando até eles, deixou-se cair no chão. Seu sorriso estava manchado de sangue e sentindo dor, disse satisfeito. – Acabei com ele! Destruí Shark. Tomei minha vingança.

Archibald, um pouco triste, levou as mãos no ferimento do Dacsiniano, e, evocou preces curativas. Em instantes, foi capaz de conter a hemorragia e disse. – Precisamos levá-lo de volta ao navio, deve repousar.

Melgosh voltou a observar a rua, a procura do necromante, mas nada pode avistar. Nem mesmo o corpo do falecido Shark.

CAPÍTULO 48

Calisto estava satisfeito com sua vitória. O cavaleiro vermelho fora trazido a sua presença, ainda vestindo sua armadura encantada. A espada, muito quente, era trazida envolta em panos molhados que emitiam grande quantidade de vapor.

A visão da armadura e do escudo forjados em um estranho metal vermelho fez o coração do jovem acelerar. Os brasões e inscrições eram iguais aos que vira na necrópole. Eram idênticos aos brasões usados por Thoudervon. O que isto poderia significar?

O menino ordenou. – Retirem o elmo, quero ver seu rosto.

Um soldado respondeu hesitante, – Senhor, nós.. já tentamos, mas, mas.

– Soltem suas mãos.

– Mas senhor, ele..

– Cale-se! Não perguntei sua opinião. Apenas obedeça!

O soldado tremendo, sem saber quem temer mais, Lorde Calisto, ou o Cavaleiro Vermelho, obedeceu-lhe relutante.

Calisto intimou o cavaleiro, procurando seus olhos através das fendas na armadura. – Vamos cavaleiro, retire seu elmo, desejo encarar-lhe.

Vermelho obedeceu, retirando o capacete sem pressa. Calisto torceu a boca e o nariz, enojado pela visão do rosto do cavaleiro. Parecia derretido. Era tão feio quanto Weiss, e possuía olhos verdes, amarelados e muito vivos. Seu cabelo era ralo, quase ausente e faltava-lhe carne nas bochechas, deixando à vista a arcada dentária.

– Você é muito feio. – comentou Calisto com sinceridade. – Mas já vi piores – e sorriu sarcasticamente.

– Tenho certeza que viu. – respondeu o cavaleiro, muito calmo.

O jovem observava a feiúra da Vermelho, mas estava abstraindo. Sua mente agia de forma intensa, buscando informações valiosas sobre a rebelião. Mas o contato com a mente do cavaleiro não fora nada satisfatório. Havia algo muito estranho e não conseguia extrair pensamentos.

– Por favor, dispa-se cavaleiro.

Vermelho obedeceu, desatando uma a uma, as partes de sua armadura. Fez tudo sem tirar os olhos de Calisto. Quando terminou, Calisto sentia-se desconfortável, incomodado pela presença do cavaleiro.

– Não gosto de sua atitude. Vamos ver se continuará assim, depois que o levar para Thoudervon.

Vermelho continuou impassível, como se o nome mencionado não fizesse o menor sentido.

– Diga-me cavaleiro, por que luta ao lado dos rebeldes? Há algo em você... não é como os outros rebeldes.

– Luto por motivos pessoais. Por acaso, lutei ao lado dos rebeldes, porém...

– O que?

– Nada. Como disse, luto por motivos pessoais.

– Entendo. Imagino que não queira falar sobre seu lado pessoal comigo.

– Não quero e não vou.

– Como quiser. Antes de levá-lo para Thoudervon, vamos exibi-lo para o povo. Quero que vejam com os próprios olhos que tipo de demônios deformados são os rebeldes. – Fez uma pausa e ordenou aos guardas. – Levem-no!

Mais tarde na torre, Calisto recebia notícias excitantes, um pacote e uma carta. Na mesma noite do ataque ao forte de Lenidil, um pequeno grupo de espiões, que talvez fossem rebeldes, atacou o castelo do Barão de Fannel. O povo ainda não sabia, mas o barão não estava mais entre os vivos.

– Isso é tudo que sabe, Rayan.

– Não senhor, tem mais.

– Conte-me.

– O filho do Barão, Adam Fannel, foi capturado. Assim que a notícia vazar, certamente haverá uma disputa pela posição do Barão. Especula-se que isso pode ser obra do senhor de Vaomont.

Calisto sorriu e olhou para o alto, imaginando coisas. – Mas será? Será Rayan, meu servo, que serei Barão, tão cedo?

– Talvez senhor, se jogar direito...

– Diga-me Rayan, o que descobriu sobre a nobreza local. O falecido barão não tinha outros herdeiros, tinha?

– Não senhor. Imagina-se que seria uma questão disputada entre os lordes de Manile, Durunt e Vaomont.

– Evidentemente. É claro, já temos o senhor de Manile sob meu controle. Preciso conhecer melhor os outros adversários.

– Posso levantar informações se desejar, meu senhor.

– Sim, Rayan faça isso. Estou gostando do rumo que levamos. Quem sabe quando for rei de Lacoresh, lhe dou uma dessas províncias...

Rayan deixou os aposentos de Calisto, e este se sentou pensativo na poltrona de madeira. Segurava o pacote e carta nas mãos, mas pensava distraído sobre diversos planos de conquista.

– Ah sim! – murmurou voltando-se para o que tinha nas mãos. – O pacote e a carta.

Pensou. – Nada escrito? Muito estranho. – Abriu o pacote e verificou que era um livro. Era muito novo e cheirava a tinta. Abrindo-o leu o título: “Gukomersh, o mago titereiro. Escrito por E. Alembrel.”

– Alembrel? – disse baixo. Involuntariamente, seu coração acelerou e voltando-se para a carta pensou, “Rainha Alena?” Abriu a carta. Duas páginas, escritas com uma bela caligrafia.

“Estimado Lorde Calisto,

Como está? Espero o que contam por aqui seja apenas um exagero. Pensei que poderíamos nos corresponder com mais freqüência, dada a curta distância entre a capital e sua propriedade. Após minha primeira carta, fiquei sabendo de sua viagem para Fannel.

As notícias são poucas e chegam apenas de tempos em tempos. Imagino que esteja com muitos problemas e não talvez não possa dar muita atenção a minha carta e ao livro que lhe envio como presente. Recentemente, pedi a um copista da guilda ligada a Alta Escola, para fazer algumas cópias dos meus volumes prediletos. Em pouco tempo, você poderá receber minha coleção completa de Alembrel. Este foi o primeiro a ser copiado. O processo que a guilda usa para cópia, com tinha encantada, permite que fiquem prontos em um dia ou dois.

Desculpe-me escrever-lhe desta forma, mas tenho estado muito triste e solitária. Atualmente não converso com ninguém, exceto com minhas damas de companhia e ocasionalmente, com o Rei e meus enteados. Sinto-me péssima por causa de meus pensamentos. Às vezes tenho vontade que o tempo passe rápido e que os deuses levem o Rei para o mundo dos mortos. Talvez então, pudesse ter um pouco mais de liberdade. Quem sabe, fazer um passeio fora do castelo? Mas como posso pensar algo assim? Como desejar o mal para meu próprio marido. E isso não é o pior. Sinto-me culpada, culpada por pensar no senhor, por desejar fazer-lhe uma visita. Mas o que todos iriam pensar? É algo que nunca poderia fazer!

Estou angustiada e preocupada com o senhor, Lorde Calisto. Dizem que está assumindo muitos riscos e combatendo de perto, demônios e rebeldes. É verdade o que dizem? Seria um exagero? Não vá morrer, Lorde Calisto, eu lhe peço,

tenha cuidado. Se puder, leia o livro que lhe mandei. É um romance muito pesado, triste e cruel. Fala sobre nobreza e política. Acho que poderá lhe ser útil. Por vezes escuto, coisas aqui na corte e fico muito preocupada. Vejo como as pessoas são ambiciosas, como desejam o poder. Muitos o odeiam e temem, Lorde Calisto. Tenho tanto medo. Temo que essa carta caia em mãos erradas. Especialmente do Rei. Não sei se terei coragem de enviá-la. Mas depois de tanto? Tudo que passei? Perder minha família como perdi? Eles pensam que sou uma menina tola e mimada. Pensam que não penso e observo. Tome cuidado Lorde Calisto! Tome cuidado com o Rei, sei que ele lhe odeia, sei que deseja destruí-lo. Não sei bem o que o impede, talvez tenha relação com a profecia do Arcebispo Kalefap.

Será esta profecia, mais uma das mentiras que a Real Santa Igreja conta para o povo? Espero que não, pois penso que seria ótimo que tivéssemos alguma boa perspectiva para o futuro. Não seria ótimo se não houvesse tantas guerras? Bem, desculpe-me, percebi que estou perdendo-me em devaneios.

Tenho esperança que possa receber esta carta, pois será confiada a um emissário leal a meu falecido pai. Conte com ele para enviar de volta uma resposta e por favor, não assuma riscos desnecessários.

Apesar de triste, sinto-me também corajosa. Ao menos um pouco e por isso lhe farei uma confissão. Na noite em que nos vimos pela primeira vez, senti algo diferente. Quando o Senhor foi apresentado à corte e ficou diante de mim e do Rei. Achei intrigante sua timidez, recusou-se me fitar e retirou-se. Mas isso está de acordo com sua natureza, não é mesmo? Talvez não tenha me encarado porque sentiu algo também? Pensei muito nisso e quando tivemos a oportunidade de nos falar, soube que sim. Soube que o Senhor sentia algo, mas como eu, tudo a nossa volta conspira contra qualquer manifestação de apreço, ou de afeto. Como é cruel nossa situação meu Senhor, tendo nossos impulsos tolhidos por nossa situação social.

Posso apenas suportar minha tristeza e solidão, por causa de uma vã esperança. Confio na profecia, mas uma diferente. Você que é filho do eclipse, o que trará boas novas, irá nos libertar deste reinado sombrio. Sinto a força de uma profecia particular, só minha. Creio que poderemos um dia estar juntos e que poderemos ser felizes.

Vai com essa carta, meu coração, meu Estimado Lorde. Por favor, seja cauteloso e volte para mim um dia.

Amor,

Alena.”

Calisto estava surpreso com as palavras que acabara de ler. Algo confundia sua razão e o incomodava. – Tola! Tola! – resmungou irritado. – Se esta carta caísse em mãos erradas, poderia ter sido minha ruína! Como ela pode ter sido tão idiota!? – Num impulso de raiva, amassou a carta e atirou-a no chão.

Levantou-se apertando os punhos com força. – Amor?! Como as mulheres são tolas!

Permaneceu na posição, confuso e desconfortável. As palavras que diziam, brotavam de sua razão. Mas pensamentos rápidos e imperceptíveis diante de sua reação irada poderiam traí-lo. – Me recuso! – disse para si mesmo. – Me recuso a tomar qualquer atitude irracional. Emoções não podem ser levadas em conta! São uma fraqueza.

Dirigiu-se até a mesa e escreveu veloz e sem pensar:

“Rainha Alena,

Obrigado pelo ótimo romance. Objetivo. Aprisionou minh’alma. Obra rara? Senti estímulos reais. Antes que uma estrela surgisse, ocorreu-me uma coisa assustadora: Percebi as zombarias de E. Alembrel. Milagres acontecem Rainha?

Agradeço-lhe,

Lorde Calisto.”

Pouco depois, a carta seguia de volta a Lacoresh.

CAPÍTULO 49

Fora uma noite movimentada. As notícias que cada grupo obteve, eram surpreendentes. Mal havia tempo para processar as informações. Melgosh e Zoros, após uma breve conferência, foram levar as notícias ao conselheiro Zil. Amanhecia e no navio, Kyle, Archibald, Gorum, Kiorina e Kleon discutiam a respeito do ocorrido na noite anterior.

Kleon estava sonolento e tinha dificuldade de entender as palavras preocupadas de Archibald. – A situação parece grave. Algo ruim vai acontecer hoje, mas não faço idéia do que podemos fazer...

Kiorina retrucou preocupada. – Tanta desgraça! Os necromantes já estendem influencias até aqui!

– Sim, ao que parece, Fernon está envolvido com o temível Lévoro. – comentou Archibald.

Kleon bocejou e disse. – Preciso dormir um pouco amigos. Quando Melgosh voltar, por favor me acordem.

Gorum concordou com um aceno e disse, – Muito bem.

Kyle observava a conversa quieto.

Kiorina retomou a discussão dizendo, – Sim, Archie e ainda há o envolvimento do Duque Hiokar. Segundo dizem é um silfo que deseja o poder e assistir a ruína do atual império.

– Não gosto... – Gorum teve sua fala interrompida pela descida brusca de Allet no centro de círculo que faziam para conversar. Allet, no entanto, tocou o convés suavemente. Controlou sua queda, aparado por um par de cordas amarrados aos mastros.

– Perdoem-me a intromissão, amigos humanos. Temo que problemas estejam a caminho!

– Como assim? – inquiriu Kyle preocupado.

Allet disse muito sério. – Não há tempo para explicar. Rápido, desçam para o porão! Eu cuido deles.

O tom de voz do Imediato não dava margem a discussões. Gorum, o mais alto, pode visualizar antes de descer as escadas, de que problemas Allet falava. Uma comitiva de soldados vinha em direção do navio e entre eles, uma figura feminina chamava atenção pelas roupas extravagantes e longos cabelos loiros.

Allet ordenou que a prancha que ligava o navio ao cais fosse recolhida. Em seguida recebeu a comitiva com cinismo amigável. – Bom dia! Em que posso ajudá-los?

Madame Lefreishtra, vestia-se com uma roupa colante azulada. Seus lábios e unhas estavam cobertos por uma tintura de intenso azul. Fulminou o imediato com um olhar gelado. Ao seu lado, estavam o capitão Falchin, vestido com sua habitual túnica esverdeada e um silfo magérrimo. Vestia-se com uma shaita simples e cinzenta e usava no peito um vistoso brasão do império. Tratava-se de um oficial de justiça.

O oficial possuía uma voz nasalada e cheia de tédio. – Com poder em mim investido pelo imperador, venho assegurar que a distinta senhora tenha sua queixa apurada.

– Pois sim, senhor oficial. Qual é a queixa?

– Esta nau é de propriedade do senhor Melgosh Ferudsal, estou certo?

– Sim senhor, isso é correto.

– Poderíamos falar com ele?

– Claro que sim. Porém ele não está no momento, terão que voltar depois.

– Não está? Pois então... quem é o primeiro oficial?

– Está falando com ele, excelência! Allet, a seu dispor.

– Senhor Allet. Há escravos em sua embarcação, não é verdade?

– Naturalmente.

– A senhora Lefreishtra, alega que alguns deles lhe pertencem. – Retirou um maço de papéis enrolados de uma sacola e completou, – Segundo estes documentos, os escravos que atendem pelo nome de Kiorina, Gorum, Kyle, Noran, Kleon, Georges e Archibald foram roubados. Também estão em minha posse documentos que registram queixa contra o senhor Melgosh Ferudsal, dos Orb, pelo roubo destes escravos, destruição de uma nau de madame Lefreishtra e assassinato de diversos silfos da tripulação do senhor capitão Aruz Falchim.

Allet comentou irônico, – É uma longa listas de acusações, não é?

– Senhor primeiro oficial, há alguma intenção de deboche em suas palavras?

– Claro que não, senhor oficial. Foi apenas um comentário.

– Pois então, o que tem a dizer sobre essas acusações?

– Temo que nada, senhor oficial. Julgo serem estas acusações seríssimas que apenas o próprio capitão Melgosh teria condições de comentar.

Neste ponto da conversa, boa parte da tripulação estava próxima e atenta.

– Muito bem. Além dos documentos citados, trago comigo um mandato, assinado pelo excelentíssimo magistrado de Nish, para que sua embarcação seja

vasculhada.

Allet engoliu seco e colocou seus miolos para funcionar a toda força. – Entendo senhor oficial. Imagino que deseje fazê-lo agora mesmo, não é?

– Pois sim. Queira fazer o favor de descer a prancha.

– Naturalmente. Posso fazer-lhe um pedido antes que a nau seja vasculhada?

– Se for razoável...

– Peço-lhe que adie por pouco tempo a inspeção. Em respeito ao capitão desta nau, aguarde sua volta. Se julgar necessário, deixe alguns guardas para vigiar-nos. Dou-lhe minha palavra que não zarparemos e nem mesmo faremos nenhuma operação de carga e descarga. Afinal, sou o imediato, mas não o capitão. Os capitães devem ser respeitados, não concorda?

– Parcialmente. Apenas se merecerem respeito, julgo eu. Mas como não há precedente registrado contra seu capitão em nossa cidade, ofereço-lhe um pequeno prazo. Até a metade do dia. Caso não esteja presente, seguiremos com a inspeção conforme dita a nossa lei.

Lefreishtra encarou Allet com muito ódio. E Falchim cheio de ódio, cuspiu um comentário ácido. – Com ou sem Melgosh, vocês saltimbancos serão presos. Deviam pensar em suas ações em longo prazo, antes de cometer loucuras.

– Acusações podem ser feitas com grande facilidade, Falchim Verde.

– Seu cinismo é espantoso, não me surpreende nada o fato de ser o primeiro oficial de Melgosh.

Allet ignorou o capitão, deixando-o irritado.

Falchim dirigiu-se a Lefreishtra. – Se a madame permitir, ficarei neste cais, aguardando a volta de Melgosh pessoalmente.

Leifreishtra concordou com um aceno e retirou-se, sendo seguida por uma dúzia de seus soldados e do oficial magistrado.

– Ei espere senhor oficial! – gritou Allet, saltou para fora do barco e pousou com graça no cais. – Se o senhor permitir, posso acompanhá-lo.

O oficial aguardou a chegada de Allet e disse, – O que pretende?

– Pretendo poupar-lhe tempo, pois tive uma idéia! Posso procurar pelo capitão e voltar em sua companhia. Assim poderemos resolver a questão bem antes da metade do dia. O que pensa disso? Tenho sua permissão?

O oficial olhou para o alto e deu com os ombros. – Então vá de uma vez.

Allet sorriu e ao deparar-se com o olhar gelado de Lefreishtra, piscou o olho esquerdo. Sua expressão marota deixou a genitora de Mishtra, furiosa. No momento seguinte, o imediato atravessava o cais correndo a passos largos com extrema preocupação.

***

– Sim, como imaginei. Era previsível o comportamento caótico dos humanos. comentou Zil, em sua calma habitual, após escutar o relato preocupado de Melgosh.

– A morte de Shark era inesperada. O que ocorreu estava em suas previsões, conselheiro Zil? – indagou Zoros.

– Considerei a possibilidade como grande. Porém... – Zil fechou os olhos e mergulhou em um profundo silêncio.

Melgosh e Zoros perceberam que o conselheiro estava tecendo ponderações e aguardaram em silêncio. Eventualmente, Melgosh levantou-se e caminhou até a sacada. De lá avistou toda Nish, ativa, milhares de silfos circulando como pequenos insetos. Sob o sol forte daquela manhã, a cidade brilhava com vitalidade intensa.

O silêncio de Zil era duradouro e permitiu a Zoros e Melgosh um longo momento de reflexão. Melgosh dedicou alguns pensamentos a sua filha Mishtra. Estava preocupado com o futuro do império, e naturalmente, a forma que as mudanças políticas afetariam a vida na ilha de Shind. Voltavam à sua memória as cenas violentas da madrugada anterior. Era difícil esquecer do ataque furioso de An Lepard.

Quanto a Zoros, não conseguia parar de pensar em Lévoro. E concluiu que a grande angustia que carregava no peito, na realidade era pavor. Medo. Estava apavorado com a idéia de que por alguma sorte, teria que se opor às ações do temível bruxo.

O silêncio enfim foi quebrado. Mas nenhum dos três foi responsável. Escutaram a voz apressada de Allet, articular palavras entre uma respiração e outra. – Capitão! Mandato... escravos... Lefreishtra... Falchim.

– Acalme-se, Allet! – retrucou Melgosh severo. – Respire fundo, pense e só depois fale.

Allet respirou fundo, acalmou-se e falou, – Capitão, Lefreishtra trouxe um oficial magistrado até nosso navio, está com vários documentos e deseja inspecioná-lo. Quer reaver os escravos e alega que o senhor os roubou. Consegui ganhar algum tempo, mas agora não sei o que fazer.

Melgosh recebeu as notícias com relativa calma. – Acalme-se Allet. Só precisamos usar um trunfo ou dois. É hora de fazer uma visita a Lefreishtra e trazer a situação a um equilíbrio.

Zil abriu os olhos e falou, – De certo, Melgosh. Essa não parece ser a maior das preocupações. É com Hiokar que devemos nos preocupar. Diga-me, Allet, filho de Allaz, como estava vestida madame Lefreishtra?

– Como?

– Não se preocupe, apenas responda.

– Hm, vestia calças um blusão de mangas compridas azuis. Ah sim, suas unhas e lábios tinham a mesma cor.

– Como imaginava. Com a ação do Dacsiniano, Hiokar agora está ciente da presença dos humanos. Tenta através de Lefreishtra retirar essas peças do jogo.

Allet deu com os ombros e Zoros segurou o próprio queixo, pensativo.

– O tempo urge. Os jogos serão amanhã. Precisamos nos posicionar, e nisso, estamos atrasados. Penso que Shark fará pouca falta nos planos de Hiokar. Já consegui posições para nós no palácio. Você deverá trazer os humanos, em especial, os três jovens Lacoreses. Os outros poderão ser úteis em outras posições. Devemos promover alguns encontros e posicionar bem nossas peças. Com Shark fora do jogo, teremos uma preocupação a menos, o príncipe Kiel. O que nos deixa três elementos: A espada, o Imperador e a princesa Aeycha. Eis como proceder.

CAPÍTULO 50

Na mesma noite, Zoros conduzia Kiorina e Archibald através de uma ampla escadaria oval. Subiram muito, até que o velho silfo pediu-lhes uma pausa. Zoros encostou-se no corrimão prateado ofegante. Somava-se ao seu cansaço, o estresse causado pela possibilidade de um reencontro com Lévoro.

Kiorina demonstrava um pouco de cansaço, e Archibald parecia ter condições de subir duas vezes mais degraus. A moça, preocupada tocou o velho silfo com mãos carinhosas e indagou, – Está tudo bem, Zóros?

Zoros mal falou, apenas acenou positivamente e sorriu em simpatia à preocupação da jovem feiticeira.

Já o ex-monge Naomir, estava compenetrado. Observava os detalhes da escadaria, luxuosa. Coberta com agradável carpete verde com limpeza impecável e rodeado por adornos belíssimos. A quantidade se servos que avistaram no castelo era impressionante. O ambiente era claro e sua iluminação mágica, distribuía a luz de forma perfeita e uniforme, evitando sombras fortes ou angulosas. A cada dois andares, havia um acesso para pequenas sacadas.

Ambos humanos, estavam vestidos de forma a parecer-se com silfos. Usavam roupas finas, jóias e receberam pesada maquiagem, realizada por fiéis servidores do conselheiro Zil. Além disso, usavam capuzes que lhes cobriam parte do rosto. As vestimentas muito panejadas, traziam a Archibald sensações semelhantes às das vestes cerimoniais dos monges Naomir.

Aquele momento parecia irreal. Pois ali estava, um filho de um vassalo decadente de um reino distante, em uma das torres principais da capital do império dos silfos do mar. Olhando para seu fascinante ambiente, mas simultaneamente, observando seu íntimo. Archibald sentiu seus pelos arrepiarem. Estava experimentando um momento raro de reflexão profunda sobre sua existência. De uma só vez, compreendeu a forma com a qual a sua vida e de todos a seu redor fora influenciada pela mente doentia de seu tio-avô, Himil DeReifos (Weiss). Sua família assassinada assim como Déria, seu amor de juventude. Sua vida conduzida para a formação monástica. Estranhas operações realizadas em seu âmago, que fizeram com que perdesse a memória. Mais tarde, descobrira a existência em seu interior, de uma força devastadora que o transformava em um guerreiro sanguinolento, sem consciência. Tudo que lhe

acontecera, parecia ocorrer independente de sua vontade. Parecia haver uma força maior responsável por tantos eventos.

O estranho conceito de que não passava de um joguete, nas mãos de forças superiores consolidava-se em sua cabeça. E agora, era peça importante de um estratagema que visava contrapor vontades poderosas. Estava prestes a lidar com forças de tremenda importância. Fatos relacionados com seus pensamentos e ações poderiam influenciar todo um império, ou mesmo todos os reinos conhecidos... senão, ainda mais.

Seria tudo aquilo trabalho dos Deuses? Dúvidas lhe corroíam a alma, lembrando-lhe dos tempos recentes em Lacoresh nos quais estava dominado por conflitos e dúvidas. Sem saber no que crer, sem saber ao certo como agir. E a idéia de que era apenas uma peça em um grande jogo de destinos, pareceu sólida. Sabia que em breve, quando terminassem de subir aquela longa escadaria, tudo seria posto à prova.

Zoros voltou a andar, Kiorina seguiu-o, dando-lhe apoio com as mãos firmes em seu braço que tremia em hesitação a cada degrau que subiam. Archibald observou os passos cuidadosos de Kiorina e seguiu intrigado. Mas além de tantos questionamentos, o íntimo do jovem guardava fortes sentimentos. Seu peito doía de saudades de sua amada e sentia a cada batida de sua matriz vital, o ressoar das batidas de seu filho, sendo gerado no ventre da amada. Havia um pouco de medo misturado. Temia nunca ter oportunidade de ver seu filho.

Pouco depois, no topo da torre, surpreenderam-se com a vista. Era magnífica. Em especial, o céu esta muito bonito, plenamente estrelado e cheio de luas.

– Vamos subir mais um pouco – sugeriu o silfo, ofegante.

– O que há ali em cima? – perguntou Kiorina curiosa.

– É um observatório.

– Observatório? Que excitante!

Era uma pequena câmara de doze lados, com janelas triangulares deslizantes. Ao entrar, Zoros dissimulou surpresa e atirou-se ao chão, submisso. Kiorina e Archibald fizeram o mesmo.

Em seguida disse, emocionado com a testa tocando o chão. – Sua Alteza! Perdoe-nos a intromissão! Não imaginei que estivesse aqui. Sou Zoros, do clã Maki, a serviço de Melgosh dos Orb. Aproveitava a rara oportunidade para trazer meus discípulos ao observatório, mas podemos votar mais tarde.

– Levante-se senhor Zoros. Agradeço sua reverência e consideração apesar de não gostar de formalidades.

O velho silfo levantou-se, acompanhado pelos Lacoreses. O aposento era fracamente iluminado por tênue luz azul. Diante deles estava a benevolente princesa Aeycha, filha do grande imperador dos silfos. Tinha a altura de Kiorina, olhos escuros, cheios de paz. Cabelos fartos e cacheados, presos em dois enormes coques, atrás da cabeça. Analisava os três visitantes com cuidado e curiosidade. Suas vestes eram simples, para uma princesa e portava-se em certo desacordo com os protocolos impostos pela nobreza.

Antes que pudessem falar, a nobre silfa disse, divertindo-se, – Toma por discípulos um casal de seres humanos, Zoros dos Maki? Que fato curioso.

Kiorina ficou confusa, sem saber ao certo se houve tom de ofensa ou zombaria na fala da princesa.

– Pois sim Alteza, devo desculpar-me! Perdoe-me tal abuso – disse o velho, fazendo menção de retirar-se.

– Não, por favor, queiram ficar. Sem querer ofendê-los, gostaria muito de conhecer seus discípulos humanos. Vocês entendem sílfico?

Archibald retirou o capuz e respondeu-lhe, – Pois sim Alteza. Chamo-me Archibald.

Aeycha encarou-o longamente e disse, – É um humano de aparência perturbadora, Archibald.

– É uma silfa muito sincera, Alteza.

Zoros tossiu, ultrajado pela conversa que ambos trocavam. Nem mesmo era nobre, mas aquilo estava errado, muito errado. Longe de todos os protocolos. O humano poderia ser preso se alguém ouvisse tal conversa.

– Sou Kiorina – intrometeu-se a ruiva.

– Possui uma beleza exótica, Kiorina. São Lacoreses, não é verdade?

– Sim Alteza – respondeu Zoros com polidez.

– Interessante. Mais Lacoreses. Imagino que saibam sobre aqueles que vão enfrentar as provas, no dia de amanhã? Lhes são conhecidos?

– Não – retrucou Archibald.

– Sei que sim – acusou a princesa – São muito valentes e amáveis. Estive com eles esta tarde.

Zoros arregalou os olhos e todo tipo de pensamentos passou em sua cabeça. As reações da princesa eram imprevisíveis. Pensava que o conselheiro Zil deveria tê-lo prevenido quanto ao gênio da princesa.

– Vamos lá, não se espante senhor Zoros. Não tenho culpa se idealizou minha personalidade e forma de agir. Gosto de humanos, acho-os curiosos e cheios de vitalidade. São muito diferentes de nós silfos. Somos velhos,

apegados, egoístas, estacionários e previsíveis. Já os humanos, são dinâmicos, energéticos, muitas vezes egoístas, é bem verdade, mas muitas vezes, surpreendentemente amáveis e bondosos.

O queixo de Kiorina caiu. Estava estarrecida. Diante de si, estava a princesa do império sílfico e ela era uma admiradora dos humanos. De repente seus músculos relaxaram e sentiu-se desarmada.

– Veja que beleza... – Aproximou-se de Kiorina e estendeu-lhe a mão. – O que simples palavras de admiração são capazes de fazer com um humano. – Cumprimentaram-se e trocaram sorrisos. – Vê do que falo senhor Zoros? Olhe para si? Está tenso e retraído, incapaz de aceitar a boa convivência entre nossas raças. Agora os observe. Veja como são capazes de relaxar e aceitar-me com facilidade. Muitas vezes, nós somos de uma terrível inflexibilidade. Não é nossa culpa, não é mesmo? Vivemos muito. Nossas experiências sedimentam-se ano após ano. Depois, fica difícil mudarmos de atitude. Observe-os e aprenda.

Archibald estava tocado pela sensibilidade e capacidade de observação da princesa. Nunca imaginou que tal coisa fosse possível. No entanto, também percebeu a sinceridade da princesa desde o primeiro instante.

Zoros estava desconcertado e não sabia o que falar. Em parte, essa era justamente a intenção da princesa. Em seguida pediu. – Por favor, venham até aqui amigos. Contem-me um pouco sobre sua terra, sobre sua cultura. Não sabem como são raras as oportunidades que tenho de conversar com humanos.

Aproximaram-se de uma janela e conversaram bastante entre uma olhadela ou outra em Nish e no mar. Kiorina identificou-se com a princesa e contou-lhe sobre a parte boa de sua vida. A princesa muito interessada, parecia tomar nota mental de cada detalhe contado pela moça.

Começou a falar de sua família. Os Lars formavam uma linhagem de sete gerações. Quando estudou história na Alta Escola veio a aprender muito sobre sua família. Seu ancestral mais antigo, fora nobre antes da unificação do Reino de Lacoresh e após a unificação, a família Lars tomou, pouco a pouco, posição como comerciantes e administradores de corporações de ofício. Lembrou-se saudosa de seu bisavô, Elmor Lars, e a importância que teve no processo de abolição da escravatura em Lacoresh. Depois disso, a princesa interessou-se por detalhes da Alta escola. Kiorina contou-lhe sobre quando ingressou na escola, detalhes de seu funcionamento e sobre seu primeiro ano. Neste momento notou-se um maior interesse de Zoros, pois a ruiva, não falava muito sobre o passado. Acabou-se por recordar-se de Chris Yourdon. Uma grande reação de tristeza tomou-a. Archibald sabia que algo assim aconteceria e tomou o lugar de Kiorina,

explicando ao dar detalhes sobre os fortes traumas sofridos por Kiorina. Saciou um pouco mais da curiosidade da gentil Aeycha, revelando-lhe detalhes sobre os monges Naomir. Narrou também, de forma resumida, os recentes acontecimentos sombrios no reino de Lacoresh. Em determinado momento, mencionou a cidade oculta, Tisamir. Aeycha encheu-se de excitação e fez muitas perguntas sobre o local. Ela havia lido sobre a cidade e eles eram as primeiras pessoas com quem conversava que tinham colocado os pés no local lendário. Kiorina já estava mais calma e conformada, mas triste, por lembra-se da perda dos pais. Respondeu várias perguntas sobre a fabulosa cidade. Lembraram-se juntos de Noran depois disso, ficaram em silêncio.

Aeycha gostou muito de Archibald e Kiorina. Desejaria tê-los como amigos e conversar sempre que pudessem. Percebeu que ambos haviam passado por maus bocados e resolveu não mais questioná-los, ao invés disso, começou a lhes falar.

– Ah, meus queridos! Sinto muito por todas essas perguntas e lembrar-lhes de coisas tristes. Agradeço que tenham me respondido. Prometo não perguntar tanto em outra oportunidade. Acompanhem-me por favor, quero lhes mostrar as luas.

Kiorina sorriu, e abraçada com Archibald (desde que chorou lembrando-se dos pais), seguiu a princesa até um estranho dispositivo.

Zoros parecia preocupado, mas ao mesmo tempo, começava a compreender as intenções de Zil.

Aeycha introduziu a cabeça em uma fenda escura, ajustando com ambas as mãos diferentes manivelas. O dispositivo girou silenciosamente daqui para alí até que a princesa deu-se por satisfeita. Retirando a cabeça da fenda disse, – Vamos, observem. É uma linda vista!

Kiorina encaixou a cabeça na fenda e surpreendeu-se com a visão. Olhava para Ty, brilhava em suas tonalidades azuis-violeta. Podia observar, no entanto, rajadas brancas nebulosas formando curvas. Percebia de forma clara, o movimento lento e belo das formas da esfera.

Archibald cutucava a ruiva, queria ver o motivo de tantos suspiros abafados. Kiorina indagou, – Mas o que é isso? É muito forte! O mais forte olho mágico que já vi!

Aeycha sorriu bondosa e respondeu, – É um dispositivo manótico de ampliação da visão. É muito antigo, dos tempos áureos. Os antigos chamavam-no de Telémano, mas havia também um nome mais complicado.

– Então é mágico?

– Sim.

Archibald deu lugar a Zoros, muito curioso por conhecer o dispositivo.

Aeycha lhe disse, – Gallzareth é linda não é mesmo?

Archibald hesitou por um instante e lembrou-se que era como os silfos chamavam a lua de Ty, Gallzareth. Uma boa tradução seria: ‘jóia azul’. Sorriu e concordou, tocado pela visão da lua e simpatia da princesa.

– Vamos! – disse Aeycha animada, – Com sorte poderemos ver todas nove só nesta noite.

Zoros assustou-se com a possibilidade de ficarem por toda noite em companhia da princesa, mas depois imaginou que essa conduta apesar de inaceitável, poderia estar de acordo com os planos do conselheiro Zil.

Em seguida, focalizou Tchiunni, a mais brilhante das luas. Conhecida pelos silfos como Nam-luir. Enquanto os três visitantes apreciavam a beleza da pequena lua, Aeycha falava. As luas eram um de seus assuntos favoritos e já teria lido uma centena de livros sobre o assunto, desde descrição das fases e movimentos a previsão do futuro e outras adivinhações.

– Não é linda? Eu nasci sobre Nam-Luir. Segundo os pergaminhos das nove luas, explica muito de minha personalidade. Nam-Luir é a lua com a qual relacionam-se mistérios e lendas populares. Muitos estudiosos dizem que é a mais influente. Na cultura de vocês, estudam a influência das luas, não é mesmo?

Archibald deu com os ombros, não se recordando de nenhum estudo sério sobre o assunto e concordou, lembrando apenas de fatos relacionados a credos populares. Tentando agradar a princesa disse, – Certo livro que li, falava sobre a relação dos deuses com cada uma das luas. As duas maiores, eram os Deuses pais, Forlon e Ecta, e as menores eram seus filhos, Leivisa, Taior, Aianaron, Shimitsu e Uraphenes. Mas a conclusão que se tomava era óbvia, não poderia estar certo. Afinal eram nove luas e não sete.

Aeycha sorriu e seguiu para a próxima, Titeny, cinza esverdeada com relevos interessantes. Os silfos chamavam-na de Orbipetis. – Como é mesmo que vocês falam? Titeinin?

– Titeny – corrigiu Kiorina.

Aeycha continuou empolgada, – Sim, esta dá o nome do dia de ontem, Orbizu, e hoje, pois sim, já entramos em um novo dia, é Nanzu, dia de muita alegria, para nós silfos, dia de descanso e comemoração. – Ao fim da frase, a princesa assumiu um semblante triste.

– Algum problema, sua Alteza? – indagou Zoros.

– Não é nada. Às vezes fico triste pelas decisões de meu pai e seus conselheiros. Transformar dias de benção em palco de jogos violentos e irracionais. Mas deixemos isso de lado, olhem, vou capturar Ukenojoer, a Rainha da Noite.

– É Teona em nossa lingua. – Informou Kiorina.

Teona, a maior das luas mostrava detalhes interessantes no Telémano. Sua tonalidade predominantemente amarela, mostrava diversas rachaduras e crateras, algumas com tons alaranjados. Junto com Teona, puderam observar Pydera, a única das luas bastante irregular e de cor vermelha. Vinte vezes menor que Teona. Os silfos chamavam-na de Baleo-Tamno, braza alta, ou brasa celeste.

Em seguida, Aeycha mostrou-lhes Soene e Gicorne, pois estavam próximas. Soene ou Pelimiren em sílfico, era cinza, e possuía uma grande rachadura, como um ovo partido em dois. E Gicorne, ou Eritrajoer, era a menor de todas, pouco maior que uma estrela, branca e polida. Para os silfos, Eritrajoer, ou pérola noturna.

– Como é mesmo que vocês chamam a pequena pérola? – indagou a princesa.

Kiorina respondeu distraída, – Gicorne.

Aeycha perguntou-lhe o que significava, mas Kiorina mal ouviu, recordando-se do momento de proximidade que tivera com Kyle na noite anterior, quando observavam a pequena lua acima dos becos de Nish.

Archibald respondeu, – Não sei – e cutucou Kiorina perguntando, – Você sabe Kina, o que significa Gicorne?

Kiorina voltou à realidade e respondeu que não sabia.

Aeycha franziu a testa e comentou, – Para que nomeá-la se não sabem o que significa?

– Não sei. Para mim é como uma melanca. Ou seja, uma fruta que quando falamos o nome, imaginamos sua forma, sentimos seu gosto, mas o que significa melanca? Imagino que pouco importa.

Aeycha deu uma gargalhada discreta e disse, – É por isso que adoro os humanos! Vamos faltam poucas, mas acho que não poderemos ver todas, até agora não pude localizar Kadebula. Mas isso é normal, ela é escura e difícil de encontrar. – Voltou a manipular o Telemano e disse animada, – Limea-du! Está linda!

Limea-du, ou concha antiga era conhecida pelos Lacoreses como Lim. Tinha tamanho médio, sendo esverdeada e cheia de linhas brancas.

– Por que chamam-na de concha? Não se assemelham a esferas? – quis saber Kiorina.

– Sim, mas é como está nos livros. Há muitas idéias a respeito das luas assim como da Terra. Pouco crêem que a Terra seja uma esfera, a maioria acredita que estejamos sobre uma grande concha. Por isso, muitas das luas já foram vistas como conchas, pérolas, olhos de peixe e outras coisas do mar.

– Que estranho – comentou Archibald, – Li sobre a terra ser na verdade um disco.

A princesa sorriu e explicou, – Sim, mas isso tudo acabou com os grandes navios transoceânicos. Os navegadores e místicos ao menos, crêem que a terra seja esférica, pois podemos contorná-la. Outros dizem que na verdade esse contornar, é como girar ao redor da borda da concha, verdadeiramente intransponível.

– Mas se a terra é uma esfera, o que segura as pessoas e navios do outro lado?

– Forças mágicas, naturalmente, meu querido Archbald.

– Pode ser. Nosso mundo é mesmo um lugar fascinante.

– De certo. – disse Aeycha e bocejou. – Que pena, vai ficando tarde, não pude mostrar Kadebula. Possui detalhes surpreendentes.

Zoros, satisfeito com o possível fim daquilo disse, – Que ótimo, podemos acompanhá-la torre abaixo?

– Sim senhor Zoros. Podem sim. Imagino se ficarão em Nish por mais tempo? Poderão voltar até aqui? Poderemos nos ver novamente?

Zoros ficou pensativo e respondeu. – Quem sabe não nos vemos hoje mesmo? Tenho passes para nós três acompanharmos os jogos.

– Mesmo? Seria ótimo revê-los. Devo confessar, apesar de discordar dos métodos empregados, estou curiosa quanto o destino que tomarão os estrangeiros e a famosa espada flamante de Quill.

CAPÍTULO 51

Era Nanzu, o dia de descanso dos silfos. Também, o dia escolhido para o a realização do desafio de Eluan. Havia um ruído ensurdecedor na grande arena de jogos de Nish. O evento, excepcional, gerava lucro exorbitante para seus organizadores. Os passes custavam de cinco a dez vezes o valor normal e o local estava superlotado.

No camarote principal, estavam o próprio imperador, seus conselheiros e membros da alta nobreza. Todos observavam atentos o solo da arena, no qual estavam depositadas uma dúzia de rasas piscinas d'água. Uma verdadeira legião de silfos do clã místico dos Maki, preparavam encantos desde cedo. Há vários séculos não se via algo assim. Cada piscina recebera encantos, sendo ligadas a olhos mágicos que acompanhavam os participantes em suas provas nas catacumbas do palácio imperial.

Atrás do camarote, uma passagem bem guardada por uma dúzia de soldados da guarda imperial, levava ao palácio. Era uma ponte coberta e suspensa, com tapeçaria fina em toda sua extensão. Através dela, Kyle, Zoros e Melgosh obtiveram acesso ao palácio. Sendo tal façanha possível, por estarem em companhia do venerável conselheiro Zil do clã Orb. Zil estava tenso, apesar de não demonstrar seu estado fisicamente. Logo após passarem pelo portão que dava acesso ao palácio, despediram-se com votos de boa fortuna.

Kyle fora vestido com roupas sílficas de tom alaranjado e recebera forte maquiagem no rosto. Uma coleira prateada ao redor de seu pescoço, deixava claro o fato de ser um servo. Seus cabelos estavam penteados e presos, como os de uma mulher. Sentia-se ridículo. Ao mesmo tempo, estava alerta e nervoso.

Melgosh e Zoros, vestiam seus melhores trajes acompanhados de lindas jóias. Melgosh usava uma túnica verde, com lindos e vibrantes bordados em alto relevo, roupa encantada que pertencera a seu bisavô. Sobre a testa uma tiara dourada que combinava com os brincos em forma de serpentes. Zoros, um pouco mais humilde, usava uma manta de três camadas, que parecia bem pesada. As camadas podiam ser vistas no peitoral, uma fina manta branca junto ao corpo, seguida por uma alaranjada e por fim, grossos panos de um vermelho vibrante caiam até tocar o solo. Vestia um gorro da mesma cor e anéis em quase todos os dedos.

Seguiam por um corredor claro, semideserto. Podiam escutar ao longe, gritos da multidão que assistia aos jogos na grande arena.

– Parece que os jogos começaram – disse Melgosh apreensivo e instintivamente levando a mão a onde estaria o cabo de sua espada.

– Sim – concordou Zoros – muitos jogos sendo jogados de uma só vez.

Kyle percebendo a frustração de Melgosh perguntou, – como poderemos proteger a espada desarmados deste jeito?

– Tenha calma e tenha cuidado com as palavras! – rebateu Zoros – como disse: tudo foi perfeitamente arranjado.

Kyle calou-se e sentiu em seu estômago o efeito de sua apreensão. Seguiram por um longo caminho, corredores e corredores, salões e até alguns jardins internos. Foram abordados diversas vezes por membros guarda imperial que exigiam que toda documentação fosse apresentada. Kyle ficava irritado e frustrado com a situação e principalmente por não saber ao certo sobre seu destino e o destino de seus amigos.

Chegando em mais um corredor limpo, luxuoso e vazio, aproximaram-se de uma das portas. Zoros retirou de seu manto, uma chave grande e vistosa. Colocou-a no buraco da fechadura e girou-a. Abriu a porta colocando o braço para dentro sem entrar. Retirou um embrulho roliço e comprido entregando-o a Melgosh. Kyle imaginou que fosse um espada e ficou na expectativa de receber uma. Mas Zoros voltou a fechar a porta.

– Ei espere, e quanto a mim?

Zoros encarou o rapaz com o olhar fatigado e disse, – É mais seguro se você ficar desarmado. Além disso, já vimos você treinar.

– Como assim?

– Sim, a luta secreta dos escolhidos de Miroudiir.

Kyle franziu o cenho e arregalou os olhos. – Mirou-quem? Do que vocês estão falando?

– Não importa. Vamos! Temos que estar em posição a tempo.

– Isso que vocês chamam de plano? Parece uma brincadeira. Vir sem saber de nada? Sem armas?

Melgosh tentou acalmar Kyle contando-lhe um pouco do plano. – É a vontade do conselheiro. Você é justamente o elemento de erraticidade.

– Erra-o-que?

– Elemento surpresa, Kyle – explicou Zoros.

– E essa história de Miroudiir?

– Depois lhe explicamos.

***

Os estrangeiros estavam surpreendendo. Haviam completado duas provas, e até o momento, não haviam sofrido nenhum ferimento. A sensação era o jovem Silfo de terras estrangeiras que tinha olhar nobre. Chamavam-no de Terimikril. A multidão gritava seu nome, em especial jovens Silfas, fascinadas pela beleza e bravura do jogador.

Aeycha sentia seu coração palpitar, como outras jovens. No entanto, diferente de outras tantas, tivera oportunidade de estar pessoalmente, não só como o Silfo, mas com todos seus companheiros. Sentada em uma luxuosa e confortável poltrona, a princesa estava angustiada. Observava seu pai, o imperador fanfarrão em pessoa, divertir-se enquanto era adulado por uma dúzia de conselheiros e nobres que o rodeavam como abutres. O mesmo ocorria com seu jovem irmão, Kiel. Para ela, no entanto, somente a atenção de alguns nobres e altos oficiais da coroa. Dentre eles, o carismático conselheiro Alderic, dos Hiokar.

– Está gostando dos jogos, Alteza? – indagou Alderic à princesa.

– Conhece bem meus sentimentos, não é mesmo conselheiro?

– Pois sim, os meus não são diferentes.

– Como não?

– Acha realmente que eu concorde, ou mesmo, que goste desta barbárie?

A princesa surpresa pela desvergonha demonstrada pelo conselheiro, virou-se para encará-lo. – Que contraditório conselheiro! Por qual razão teria o senhor votado a favor deste evento? E ainda, por que empreendeu tanto esforço de oratória para convencer meu pai, digo, o imperador quanto à realização deste evento?

– Oh, alteza, é triste ver como as idéias se formam e se espalham nesta corte. De certo sua alteza escutou idéias distorcidas de alguma língua maldosa. É compreensível.

Antes que Aeycha pudesse falar. A multidão exaltou-se. Naquele instante, um dos jogadores humanos, portador de uma barba castanha e cabelos desgrenhados fora vítima de uma armadilha. Um bloco de pedra, justamente o último de uma seqüência de dez, atingira-lhe as pernas. Seus gritos de dor eram transmitidos e a platéia dividia-se entre o silêncio e gargalhadas. Logo seus companheiros vieram acudir-lhe. O anão de barbas longas e negras, fazia muita força para suspender o bloco, enquanto o outro puxavam-no de baixo da rocha.

Aeycha sentiu as entranhas revolvendo-se e respondeu irritada a Alderic. – Pois saiba, conselheiro, que não escutei tais coisas de línguas maldosas e tenho, pois sim, meus próprios julgamentos. – Fez menção de levantar-se mas foi suavemente retida pelas mãos do conselheiro.

– Desculpe-me alteza, mas ao menos, deixe-me expor meu ponto de vista, antes que dê sua sentença final.

Aeycha acomodou-se no assento e observou a vibração da multidão. O humano, acolhido pelos companheiros, mostrou um cristal brilhante ao abrir uma das mãos que estava fechada.

– Veja alteza! É surpreendente! Os estrangeiros completaram mais uma prova. Observe o povo. Veja como estão entretidos. Talvez não saiba, mas estamos atravessando um momento político complicado. Nosso império é muito extenso, e há sempre muitos interesses em jogo. A força das massas deve ser controlada. E neste caso, apesar de não gostar de eventos de barbárie, fui forçado a recomendar esta conduta. Para o bem do império é claro.

– Entendo.

– Vê que meus sentimentos são como os seus?

– Duvido. Como se sente sabendo que é responsável pelo sofrimento destas criaturas. E mais, como sentir-se-á, se acaso os estrangeiros vencerem todas as provas. Como será a sensação de saber que uma lâmina amaldiçoada será posta nas mãos destes pobres incautos e que repercussões terríveis poderão atingir todo o mundo?

Alderic engoliu seco, sem ter uma resposta pronta e em seguida disse, – Minhas recomendações nunca incluíram uma vitória na qual os estrangeiros levassem esse perigoso prêmio maldito. Sua alteza deve essa possibilidade, à grandeza, bondade e sabedoria se seu pai, o imperador.

Aeycha virou o rosto contrariada.

Alderic completou. – Mas de qualquer forma, para responder sua pergunta. Sentir-me-ei mal e culpado neste caso. Devo concordar com sua alteza afinal. – Habilidosamente, forçou uma entonação emocionada. – Nossos sentimentos são diferentes, ao menos sua alteza não carregará o sentimento de culpa e mal estar que carrego – Fez uma pausa para que a princesa refletisse.

Aeycha murmurou olhando para seu jovem irmão, – As coisas poderia ser diferentes se...

– Sim alteza, podem.

– O que quis dizer com isso?

– Nada. A história sempre pode ser diferente. Depende de nossas ações. É por isso, que frente à situação atual, como conselheiro, meu dever foi recomendar isto, mesmo que fosse contra meus sentimentos. Justamente para o bem de todo império.

– O senhor consegue deixar-me em dúvida quanto a sua má reputação.

– Fico feliz por ter conseguido o benefício da dúvida. Mas não se preocupe quanto a espada cair em mãos erradas, mesmo que completem todas as provas nas catacumbas, dificilmente poderão contrapor o Formalediônio.

A princesa suspirou e disse, – Em qualquer um dos casos, será uma desgraça. Espero que consigam capturar o responsável por isso tudo.

Em seguida, uma luta iniciou-se nas catacumbas, um momento especialmente sangrento da competição. Aproveitando a deixa, Alderic tomou a mão esquerda da princesa e manifestou-se. – Não queremos assistir mais a esta barbárie, não é mesmo?

Frente ao que estava diante de si, a elegante silfa não hesitou em aceitar o convite do conselheiro Alderic. Saíram juntos, com a princesa aceitando ser conduzida segurando-se no braço esquerdo do silfo.

Na saída do camarote a princesa foi tomada por grande surpresa quando avistou Archibald e Kiorina atrás do isolamento formado por membros da guarda imperial. Desprendendo-se de Alderic e constrangendo-o, agiu impulsivamente acenando e chamando-os em voz alta, – Archibald! Kiorina!

Archibald e Kiorina encenavam uma conversa e tentavam esconder seu nervosismo. Mas ao serem chamados por Aeycha, perceberam que as instruções que haviam recebido pareciam menos absurdas.

Olhares surpresos dos guardas e de alguns passantes foram direcionados à princesa e sua atitude desmedida.

Alderic pressionou os lábios e sussurrou, – Princesa!

Os olhares dos guardas ficaram indecisos, não sabiam se olhavam para a princesa ou para o chão. Aeycha conteve-se e com um gesto indicou que gostaria que Archibald e Kiorina se aproximassem. Os guardas, um pouco confusos, barravam a passagem e olhavam hora para Alderic, hora para a princesa.

Quando Alderic viu no pescoço dos humanos coleiras prateadas arregalou os olhos e mordeu os próprios dentes com força. Paralisado por sua indignação, Alderic cedeu espaço para a princesa que ordenou aos guardas, – Deixe-os passar! São meus convidados.

Os sentinelas obedeceram sem hesitação com movimentos rígidos e precisos próprios de sua ocupação.

Archibald e Kiorina aproximaram-se e curvaram-se em reverência. Ultrajado, o conselheiro avançou contra Archibald tomando-o pela coleira a fim de ler as inscrições gravadas na mesma. Archibald torceu a cara e antes que pudesse dizer algo escutou a voz irada, porem controlada de Aeycha, – Conselheiro Alderic! Não ouse ser rude com meus convidados.

Alderic segurou a coleira de Archibald com força afrontando a autoridade da princesa e argumentou, – Mas alteza! São servos...

– Solte-o imediatamente, senhor conselheiro! – ordenou com rispidez.

O conselheiro mordiscou os próprios lábios e piscou um dos olhos irritado pela humilhação que sofria, em público. – Devo insistir! Que juízo fará o imperador ao saber de seu comportamento?

A princesa mentiu, – O imperador tem ciência das ações de sua filha. E o senhor, conselheiro, queira soltar esta coleira imediatamente!

Alderic soltou Archibald que suspirou e respirou aliviado imediatamente. Com o rosto vermelho, controlou-se para não partir para cima do silfo e enchê-lo de sopapos.

Aeycha aproximou-se de Archibald e tocando-lhe a face perguntou preocupada, – Você está bem, caro Archibald?

Alderic deixou escapar um grunhido corou. Retirou-se de imediato levado pela ira, deixando a princesa para trás e com ela, sua obrigação com seu senhor, o duque Hiokar.

Aeycha acompanhou os olhares dos guardas e disse ríspida, – O que estão olhando?! – A reação foi imediata, ficaram quietos como pedras em posição de sentinela.

A princesa conduziu os humanos até uma esquina próxima e mais calma onde poderiam conversar e desabafou, – Fico tão constrangida pela arrogância e grosseria de meu povo!

Kiorina tentou sorrir, disfarçar o nervosismo e disse, – Não se preocupe alteza, não são características exclusivas de sua gente.

A princesa encarou Kiorina com seus olhos grandes e penetrantes e concluiu, – Você está muito nervosa. Há lago acontecendo não é mesmo? Quero dizer, além dos jogos nas catacumbas?

Kiorina e Archibald se entreolharam e com um aceno entraram num acordo sobre o que fazer.

Archibald falou, – Há sim princesa. E há muito em jogo.

– Ah amigos, – disse emocionada, – Estou com um pressentimento terrível!

Kiorina segurou sua mão e tentou consolá-la. – Escute princesa, esses jogos podem servir de pretexto para um golpe de estado. Viemos para ficarmos próximos a você e defendê-la.

– Golpe? Mas... são os Hiokar, não é mesmo?

Kiorina concordou com um aceno.

Aeycha pressionou os olhos montando em sua cabeça as peças de um quebra-cabeças. – Então Alderic... eu devia saber!

– Mas e vocês?

– Agimos sob orientação dos Orb. – revelou a ruiva.

– Zil?

– Sim.

– Mas o que pretendem?

– Não sabemos de tudo, mas temos muitos amigos agindo agora mesmo.

Uma súbita gritaria indicava algo de novo acontecendo nos jogos. Os gritos prosseguiram e uma grande agitação tomava conta da multidão. Logo ficaram sabendo, os estrangeiros haviam vencido as provas restantes e naquele momento, eram conduzidos para a arena, para o confronto final.

O porta-voz do imperador anunciava a concessão de armas antigas e lendárias que seriam oferecidas aos estrangeiros para o combate com o temível Formalediônio.

CAPÍTULO 52

Chegara a hora do império dos silfos do mar, confrontar-se com a onda de mudanças que chegavam a todos os cantos do mundo. Naquele dia, a história estava sendo escrita. Um antigo choque de interesses entre os clãs seria decidido através de um jogo no qual os principias peões eram estrangeiros que estranhamente posicionavam-se na capital, junto à realeza e junto ao povo.

O formalediônio era uma criatura terrível e ameaçadora. Um grande massa composta de poderosos músculos e escamas verdes e amareladas de grande resistência. Uma criatura que apoiava seus três pares de patas no chão, simultaneamente. Grande e pesado, porém ágil. Portador de uma mandíbula poderosa e dentes afiadíssimos, o temível predador enxergava o mundo através de uma dezena de pequenos olhos amarelados enfileirados na cabeçorra ameaçadora, da qual, despontavam incontáveis chifres e espinhos. No dorso, um grosso tapete de pelos escuros completavam a imagem de uma besta infernal, diferente de qualquer criatura comum que habitava a terra. Um poderoso domo de energia mágica fora erguido em toda área da arena, para impedir que a criatura escalasse as paredes invadindo os camarotes ou mesmo as arquibancadas.

Dois experientes magos do clã Maki, especializados em magias de controle de bestas e animais, mantinham a criatura sob controle enquanto os desafiantes eram introduzidos na arena.

A multidão aplaudiu a entrada dos estrangeiros, como se fossem heróis e mal podiam esperar pelo início do combate que prometia ser sangrento.

Naquele momento, Kiorina precisava de ajuda, pois suas pernas bambearam, perdendo as forças. Suor em abundância lhe brotava da testa. Archibald tomou-a nos braços e a princesa Aeycha balançava-lhe a face, assustada pela palidez súbita assumida pela ruiva. – Kiorina! O que houve?

A jovem sentia grande embrulho no estômago e disse, – O toque de Fernon... ele está próximo...

Archibald olhou para os lados e notou que os guardas estavam agitados. Até mesmo assustados. Muito ocorria simultaneamente. Naquele mesmo instante, dezenas de escravos estrategicamente posicionados nas arquibancadas, davam início a uma matança sem sentido. Retiravam lâminas escondidas por magia

poderosa e atacavam todos os silfos que apareciam em sua frente. O caos era estabelecido. Muita correria, silfos pisoteando silfos, guardas sendo empurrados e eventualmente pisoteados. Todos queriam fugir dos assassinos nas arquibancadas que surgiram do nada, atacando de forma indiscriminada. Na arena, os estrangeiros se engajavam contra o formalediônio, mas poucos davam atenção a isto. Próximo aos camarotes, portões eram fechados e nobres tremiam sem saber o que acontecia e sem saber o que fazer. Próximo ao imperador, um grito de criança era silenciado por uma lâmina tremula nas mãos de um silfo cujo olhar era insano e assustador. A poucos passos do imperador, estava o criminoso sílfico mais procurado em tempos recentes, ninguém menos que o famoso e audacioso capitão Shark. Pressionando sua lâmina contra a garganta do jovem príncipe Kiel, Shark gritava como um maníaco, – A espada! Eu quero a maldita espada flamejante de Quill! E quero agora! – Atrás dele, uma figura recoberta por escuridão, parecia sondar o camarote em busca de oponentes.

Ao mesmo tempo no interior do palácio, Kyle, Melgosh e Zoros assitiam à execução veloz dos sentinelas que guardavam a entrada para a sala de tesouros do império sílfico.

– Silfos negros... – sussurrou Melgosh com grande desgosto.

Kyle sentiu que um combate era eminente, e recordando-se dos ensinamentos de Noran, concentrou-se, sentindo os pelos do corpo arrepiando-se.

Zoros sentiu-se enjoado e soube, logo estaria frente a frente com o próprio Lévoro.

Seis silfos vestidos com mantas negras colantes e com o rosto recoberto por máscaras de cerâmica empunhavam lâminas curvadas pouco maiores que seus antebraços. Com a agilidade de predadores, moviam-se como sombras atingindo seus opoentes na garganta e órgãos vitais, eliminando-os apenas com um golpe.

Melgosh correu em direção aos silfos negros. Desembainhou a lâmina que se revelou como nenhuma a menos que a própria Maré Vermelha. Logo o ambiente foi tomado pela característica brisa fria, que crescia a cada momento. Melgosh atacou os assassinos com frieza e crueldade, não oferecendo chance de sobrevivência com seus golpes.

Kyle confrontou o primeiro silfo negro e percebeu em seus movimentos, um estilo de luta semelhante ao seu. Recebeu uma série de ataques, e precisou de toda sua perícia para desviar-se dos golpes. Os silfos negros não utilizavam suas lâminas como armas comuns mas sim como extensões de seus punhos. Segurando as lâminas rentes aos próprios antebraços, atacavam com socos e

cotoveladas que ao atingir o alvo, seriam seguidos da ação das lâminas, emparelhadas aos seus corpos.

Kyle recordou-se da primeira vez que lutou pondo sua vida em risco. Uma luta armada contra os bestiais. Como tudo havia mudado. Como teria sido fácil vencer as feras e seus rudes movimentos de combate com suas novas habilidades. No entanto, os silfos negros pareciam ter recebido treinamento nas artes do combate místico. Forma de lutar na qual, energias com campo invisível atuavam favorecendo muito o portador da técnica de harmonização energética.

Ainda assim, seu domínio, quase instintivo daqueles fluxos energéticos, era superior ao contato rudimentar possuído pelos silfos negros, o que o guiava a uma inevitável vitória. Dois silfos negros derrubados por Kyle, e três por Melgosh e a poderosa Maré Vermelha. Sangue sílfico era absorvido pelos carpetes luxuosos da antecâmara do tesouro do palácio imperial.

O último dos silfos negros, parecia ser o líder e escondia atrás de sua máscara azul, olhar ameaçador. Melgosh fora forçado a embainhar a lâmina para evitar que uma terrível tempestade destruidora tomasse o lugar. Por um instante Kyle e Melgosh encararam o oponente em silêncio.

Zoros porém, tinha a atenção voltada para outro evento. Observava uma fina camada de bruma púrpura vazar por baixo do portão que levava à câmara do tesouro imperial. Sentindo enjôo característico de partilhar a presença com o temível Lévoro, Zoros acusou. – Devemos agir! O maldito já está operando atrás deste portal.

O silfo negro posicionou-se em frente ao portão e disse confiante, – Pois tomem suas ações! Mesmo que sejam suas últimas.

Melgosh ergueu a Maré Vermelha e avançou contra o líder. Movendo-se como uma sombra, o silfo negro atingiu Melgosh com uma sucessão de golpes. No instante seguinte, Melgosh estava desarmado e agonizava no chão vendo seu sangue escorrer e a Maré Vermelha caída distante de si. Antes que o silfo negro despachasse um golpe final contra Melgosh, Kyle entrou em ação girando o corpo e desferindo uma seqüência rápida de chutes e pontapés aéreos cuja habilidade deixaria impressionados os mais habilidosos acrobatas mambembes.

Logo, o silfo negro revidou, mostrando-se superior no domínio técnico da luta. Apesar disso, Kyle carregava uma quantidade de energia elevada em seus movimentos que conseguiram ocupar a atenção do silfo negro.

Aproveitando-se da possibilidade, Zoros avançou evocando um poderoso feitiço que escancarou o portão da câmara do tesouro instantaneamente.

Um forte nexo era formado no interior da enorme câmara. De seu centro, uma penumbra fraca podia ser vista. Zoros sentiu o coração gelar e soube que aquele era o momento de confrontar a morte, o momento de confrontar Lévoro.

Na antecâmara, Kyle defendia-se como podia e assustou-se ao verificar que as mãos do silfo negro haviam tomado aspecto reluzente e multifacetado. Foram convertidas em cristal, duro e afiado. Kyle conseguiu perceber um momento de distração do silfo, talvez pelo esforço da transmutação de suas mãos, e avançou com um golpe certeiro contra a face. A máscara partiu-se se dividindo em vários pedaços e um deles cortou-lhe a face. O rosto do silfo negro fora revelado, e não era outro, que o do próprio conselheiro Alderic. Porém Kyle não pôde reconhecê-lo. Revidando violentamente, Alderic cravou as unhas cristalizadas no abdome de Kyle rasgando as vestes e abrindo-lhe quatro cortes paralelos.

Alreic proferiu divertindo-se com o fato de ter recebido um golpe certeiro no rosto, – Há há! Filhote! Sua habilidade é surpreendente, mas nunca será capaz de derrotar-me!

Kyle sentia os ferimentos no abdome arderem e arrastava-se para trás. Não conseguia parar de pensar. “Ele está certo! Não posso derrotá-lo. Ele é forte demais. Vamos falhar. Vamos falhar.”

No interior da câmara, Lévoro e Zoros se encaravam. Zoros convocou seu feitiço mais forte, e enviou duas dúzias de estacas de gelo certeiras contra os órgãos vitais de Lévoro. Uma após a outra, atingiriam o oponente, quebrando-se em mil pedaços e nada causando ao silfo antigo.

Lévoro sorriu e disse, – É tudo que pode fazer? – Mostrou o anel em seu dedo e declarou, – Este nexo é muito poderoso! Confere plena imunidade contra feitiços elementais. – Apontou a mão direita para Zoros, e fechou-a lentamente como se segurasse algo entre os dedos.

De imediato, Zoros sentiu uma forte dor dentro de seu tórax. Sentia que com a vontade, Lévoro podia comprimir seus órgãos à distância. Sentindo muita dor ajoelhou-se e de seus olhos jorraram lágrimas. Lévoro pensou no coração de Zoros e comprimiu-o impiedosamente. Logo, Zoros perdia seus sentidos. Morreria com os olhos abertos e vidrados observando as ações de Lévoro.

Lévoro voltou-se para a imensa quantidade objetos amontoados naquele local e gesticulando apenas, revirava os objetos à procura da espada de Quill. Arremessava escudos, punhais, bastões para todos os lados na procura da lâmina.

Na antecâmara, os pensamentos de Kyle o traiam, e talvez, por não conseguir enxergar um caminho de vitória, foi derrotado por Alderic após defender-se com toda sua energia por alguns instantes. Sofrera diversos cortes e

sua roupa não passava de farrapos. Atingido com um golpe forte na nuca, perdeu os sentidos.

***

Enquanto isso, a situação na arena era caótica. Um dos estrangeiros havia sido abatido pelo formalediônio. O anão, lutara bravamente mas perecera, abocanhado pela forte e letal mandíbula da besta. Com o mais forte dos guerreiros do grupo morto, as esperanças de vitória dos estrangeiros eram cada vez menores.

Alguns dos escravos que geravam caos nas arquibancadas haviam sido abatidos, mas abatê-los provou-se muito difícil. Não sentiam dor e poucos ligavam para suas vidas. Estavam drogados e lutavam como loucos. Apenas com a chegada de reforços, arqueiros da guarda palaciana, os escravos enlouquecidos foram controlados.

Paralelamente, Shark ameaçava a vida do jovem príncipe, de quem um dia fora amigo, enquanto Fernon, lançava maldições contra os guardas presentes no local. O imperador, escandalizado era acudido por um nobre e estava prestes a perder os sentidos.

– Vamos, seu inútil! Ordene que a espada seja trazida a mim! – gritava Shark, enlouquecido.

O imperador mal podia articular alguma palavra. Nunca em toda sua vida fora confrontado com alguma situação de perigo real, vivera sempre numa redoma de proteção forjada pelos seus fiéis súditos.

Afinal, conseguiu falar com sua voz aguda, – Por favor, acalme-se. Terá sua espada. Por favor, não machuque o príncipe!

Shark aproximou-se e disse, – Machucar o príncipe?! Nunca...! Como machucaria um amigo querido?

O Imperador estava face a face com um perigoso criminoso. Não sabia o que fazer, não sabia como agir.

– Usei o príncipe, apenas para obter a espada. Apenas para aproximar-me de você! – Com isso, soltou o príncipe e avançou com sua lâmina contra o próprio imperador. Surpreendendo a todos, cravou o punhal no peito do silfo mais importante do arquipélago e sorriu largamente ao fazê-lo.

Aeycha que chegava ao local, acompanhada de Archibald e Kiorina gritou, – Papai! Não!

Shark encarou a princesa com um olhar sádico e lambeu os lábios.

Aeycha caiu em prantos enquanto Archibald convocava o poder divino a seu favor. Intuitivamente, sabia que Shark havia sido resgatado da morte por Fernon e com seu contato com a divindade, imaginava poder contrapor a maldade de Shark.

Kiorina bufou ao encontrar-se com Fernon mais uma vez. Todo seu ódio acumulado, canalizado pela magia transformou-se uma forte rajada de chamas que engolfou o necromante. Sem a proteção oferecida pelo nexo, Fernon sentiu sua pele arder, gritou e em desespero atirou-se do camarote em direção a arena.

Archibald confrontou Shark, mas havia subestimado o poder que havia no silfo. Acertou-lhe um forte soco no rosto, girando-lhe o pescoço e produzindo um forte estalo. O pescoço de Shark estava definitivamente quebrado. Mas isso não o afetara de forma significativa. Com a cabeça torta segurou Archibald nas vestes, com sua mão esquerda e ergueu-o ao ar como se fosse feito de papel. Em seguida, arremessou-o contra um grupo de silfos que se aproximava para acudir o imperador.

Kiorina, percebendo o grande poder da escuridão que emanava de Shark decidiu livra-se dele, sem procurar derrotá-lo. Levitou-o e em seguida arremessou-o para fora do camarote, para dentro da arena.

Archibald levantou-se sentindo os ossos doloridos para ver a princesa Aeycha segurando o imperador agonizante em seus braços. Aproximou-se e investiu o que lhe restava de energia num cântico curativo. O ferimento era grave e Archibald não conseguiria curá-lo. Poderia apenas adiar por mais alguns momentos a morte do imperador.

Causando distração no Formalediônio, a queda de Shark e Fernon deu aos estrangeiros uma chance de escapar e viver por mais alguns instantes. Tendo falhado em contrapor Archibald e Kiorina, Fernon, mesmo ferido, apelaria para seu último golpe. O necromante, queimado e atordoado por diversas fraturas em seus ossos evocava com grande ódio os poderes das trevas. De seus lábios ensangüentados e sussurrantes, palavras de maldição e evocação do nome de mil demônios teciam uma teia de energia das trevas direcionada à besta enfurecida. O formalediônio, urrou e com ira potenciada, quebrou os laços tênues que conferia aos silfos do clã Maki, um certo controle sobre suas ações.

Não só a fera ficara sem controle mas teve seu ódio direcionado para um lugar, o camarote imperial. Os olhos de Fernon mostravam apenas sua face branca, transfigurada e enxergando o além sobrenatural. Sentindo-se satisfeito e certo de que a criatura destruiria seus oponentes, Fernon dolorosamente, transmutou seu corpo, tomando a forma de vermes que em pouco tempo,

dispersaram-se deixando o local para não serem mais vistos. Como seu legado, o fomalediônio furioso que rumava em direção ao camarote.

Percebendo as intenções da besta, por intuição, o silfo estrangeiro chamado pelo povo de Nish de Terimikril, correu veloz buscando alcançar a criatura. Poucos na platéia assistiriam ao ato de bravura, pois a maioria tentava escapar do local naquele momento. Dando tudo de si, saltou em direção à besta segurando-se a sua enorme cauda no instante exato em que a mesma saltou com incrível impulso na direção do camarote imperial.

As enormes patas dianteiras da besta pousaram sobre a sacada do amplo camarote num grande estrondo. Seu corpo massivo colidiu contra a parede rochosa e alguns pequenos pedaços da mesma romperam-se sendo arremessados na direção dos ocupantes do camarote. O silfo estrangeiro absorveu grande impacto, mas conseguiu manter-se firme, segurando a cauda da criatura, que mal o notava.

Imediatamente, guardas atacaram a fera que escalava para dentro do local, com suas lanças afiadas. Sendo furando pelos espetos, a criatura enfureceu-se esmagando um guarda com sua pata e desmembrando outro com sua poderosa mordida.

Aeycha gritava com o pai nos braços. O jovem príncipe Kiel, recuperado do choque corria em desespero aproveitando-se de seu tamanho para penetrar em gretas que muitos nobres e oficiais do império não podiam alcançar. Archibald recuava, ajudando a princesa a carregar o imperador ferido. Kiorina assustada, tomando certa distância, convocava um feitiço flamejante que ao ser direcionado, fez pouco efeito na criatura. Combatendo com facilidade o esforço inútil de uma dúzia de guardas, a besta ganhava espaço no interior do camarote e os nobres desesperados acotovelavam-se e pisoteavam-se para tentar escapar do avanço selvagem e mortal da criatura.

Seria uma questão de tempo até que o terrível formalediônio acabasse com a vida de todos os presentes no camarote imperial.

***

Zoros, com os olhos esbugalhados, recebia em sua mente as imagens projetadas no fundo de seus olhos. Apesar do coração não bombear mais sangue para o corpo, sua mente ainda recebia de forma passiva estímulos do mundo exterior. Confuso nada podia fazer senão observar com dor e pesar o triunfo de seus oponentes. Sem a certeza de que as imagens que vinham à sua mente eram

reais ou oníricas, o velho silfo percebeu a entrada do líder dos silfos negros que carregava em seus ombros, Kyle abatido.

O silfo, cujo rosto não podia enxergar, conversava com Lévoro e suas palavras distorcidas chegavam aos ouvidos de Zoros, porém seu significado parecia confuso ou absurdo, sendo a cada instante mais obscuro.

– Encontrou a peça?

Lévoro que arremessava dezenas de objetos em todas as direções respondeu com um rosnado.

O silfo negro virou-se, e sem comentar o mal humor do mago, depositou o corpo de Kyle no chão. Ao fazê-lo, seu rosto surgiu diante da visão paralisada de Zoros. Um eco de pensamento confuso girou na mente quase morta do mago, “Alderic? O próprio conselheiro Alderic!”

Ao mesmo tempo, um objeto casualmente atirado por lévoro interpôs-se entre Zoros e Alderic. Uma pedaço de madeira levemente retorcido e empoeirado de acabamento tosco e que passaria desapercebido, não fosse um fino anel prateado posicionado próximo de sua ponta.

Os olhos de Zoros lacrimejaram e sua visão ficou ofuscada por um momento. Em seguida, escutou a risada seca e gutural do velho Lévoro. – Encontrei, Alderic. Encontrei a fabulosa Espada Flamante de Quill!

– Ótimo, vamos sair daqui então.

– Olhe para ela Alderic, olhe com ela é linda! O duque ficará muito satisfeito.

O mundo obscurecia-se. A audição falhava e todos os sentidos do velho mago Zoros se esvaiam. Primeiro o coração, depois os sentidos e por último, o que lhe restou foi o sentido místico. Lá no fundo se sua mente, sentiu as vibrações características da poderosa magia de Lévoro sendo evocada. “O nexo.” pensou, “Lévoro está acionando o nexo!”

Como uma luz, um pensamento vindo do fundo de sua memória, lhe conferiu uma última esperança. Zoros usando seu último recurso, seu último sentido, a magia, evocou mentalmente um cântico místico. Um segredo familiar. Um pedido de ajuda aos amigos espíritos elementais da água. Uma magia de conhecimento obscuro, passada geração após geração. conseguia reunir forças do elemento aquático tomando como base a própria água do corpo. Náusea. Dor e náusea. Animando a água do seu corpo, olhos, sangue, urina, espíritos elementais propeliram o sangue para o coração, mais e mais. Com o forte estímulo e ajuda do movimento elemental, uma forte batida ecoou por todo o corpo de velho feiticeiro. O coração batia lentamente. Uma, duas, três vezes. O

ar lentamente lhe penetrava o peito e aos poucos, a visão de Zoros voltava. O objeto de sua esperança diante de si, a poucos passos. Porém, seu corpo ainda tomado pelo choque da quase morte, ainda não podia ser acessado por sua vontade. Sentindo a vida restabelecer-se dentro de si, Zoros usou sua mente para uma nova evocação mística. Um truque colegial, que trouxe à sua mão, o pedaço de madeira tosca e torcida, displicentemente desprezado por Lévoro.

Quando o malévolo Lévoro percebeu o movimento de Zoros, já era tarde. Já empunhava o item de grande poder místico, nada menos, que um antigo e poderoso nexo, esquecido há gerações na grande coleção de tesouros imperial.

E quando dois nexos de grande poder se encontram nas mãos de oponentes capazes de manipular de energias místicas, os resultados é quase sempre, inesperado e desastroso.

CAPÍTULO 53

Havia grande dose de surpresa e ódio nos olhos de Lévoro. Um oponente fraco poderia morrer apenas com um olhar irado do velho mago. Estava a um passo de obter sucesso em sua empreitada a não ser por um detalhe. Zoros, mago da embarcação do corsário Melgosh dos Orb. Em suas mãos uma vara de tosco acabamento que escondia atrás de sua aparência humilde, grande poder.

Nas mãos velhas, enrugadas e ossudas do poderoso Lévoro, o anel de Fernon, necromante do reino de Lacoresh. A pedra negra perfeitamente polida era um nexo que podia entortar o espaço e possibilitar saltos através do plano das sombras. Decidindo acertar as contas com Zoros em outra ocasião acionou o nexo, espalhando ao seu redor uma grande aura negra pulsante.

Zoros, determinado a deter Lévoro e Alderic, disse ainda abatido, – Não Lévoro! Não deixarei que escape!

Lévoro sorriu controlando sua ira e disse. – É mesmo? E como vai me impedir? – Ao fim de sua frase, Zoros podia enxergar através dos corpos de Lévoro, Alderic e Kyle que estavam etéreos e enegrecidos.

Zoros deu um passo à frente e girou a vara de madeira acionando enfim, seu poder. De imediato uma luz crescente tomou a superfície do artefato, interferindo com o transporte que Lévoro realizava. Toda câmara estremeceu e os objetos torceram-se como se tomassem consistência líquida.

Só então, Lévoro percebeu que a vara que desprezara, momentos antes, na verdade era um nexo de grande poder. A partir daquele instante, a vida de todos corria grande risco, e as conseqüências eram imprevisíveis.

O som distorcido da voz de Lévoro, carregando certa dose de desespero chegou aos ouvidos de Zoros com grande impacto. – Enlouqueceu? Quer nos matar?

A resposta foi incisiva. – Desista! Devolva a espada e deixe o humano em paz.

– Acha mesmo que vou desistir assim tão fácil, seu maldito inseto?

Novamente, mesmo em meio aos efeitos dos nexos que distorciam os arredores, Lévoro atacou o coração de Zoros. O marujo sentiu a pressão assassina, dolorosa e gelada dos dedos de Lévoro magicamente projetada para dentro de seu tórax. Ampliando a atuação de seus amigos, espíritos da água, Zoros manobrou transformando seu corpo em água. Logo, todo seu corpo

tornou-se transparente e formado de água límpida. Com a transmutação completa, estava finalmente protegido dos ataques de Lévoro.

– Desista! – gritou Zoros olhando para os arredores com apreensão. Já não podia identificar um recinto. Nada além de uma grande massa de luz e cores estava em todo derredor.

Lévoro de posse da espada flamante, invocava uma grande labareda de fogo para desmanchar o corpo aquático de Zoros e mal percebia que seu próprio corpo mostrava sinais de decomposição. Alderic, assustado, soltou Kyle e correu, mesmo que seus pés não tocassem o solo. Kyle caiu, sem tocar o chão, como se fosse em direção a um grande abismo de cores e formas impossíveis. Sua mente sentia efeitos da distorção na qual estava e despertou.

Havia muitas cores e não podia se apoiar sobre lugar algum. Naquela intersecção de planos a realidade perdia o sentido. O jovem não sentia dor, mas percebia que seu corpo parecia tremer e perder pequenos pedaços. Parecia que estava derretendo. Em desespero, pediu socorro. – Socorro! Onde estou? Estou morrendo! Socorro!

Estava num espaço indefinido. Em lugar algum, perdido e parecia improvável que qualquer ser pudesse escutá-lo naquele local. Ainda assim, o jovem gritava desesperado assistindo seu próprio corpo decompondo-se. Sem saber porque, gritou pela segunda vez, por alguém que sequer conhecia. – Lila! Lila me ajude! Socorro!

Em seguida, uma forte luz preencheu o local e o cegou. A luz cessou, mas Kyle tinha a vista ofuscada. Aos poucos percebeu o peso em seu corpo. Estava deitado. A rocha era fria. Um caldo quente atingiu seu braço esquerdo. Havia um forte cheiro de sangue no local. Aos poucos pode ver que estava na câmara do tesouro. O caldo quente parecia ser sangue. Uma grande quantidade. Kyle esfregou os olhos para ter certeza do que eles lhe mostravam e sentiu-se enjoado ao ver que havia uma espécie de cascata de sangue jorrando da distorção espacial da qual acabava de escapar. O local estava silencioso e coberto com uma estranha penumbra. Aqui e ali, enxergava pequenas fagulhas de luz colorida. Tomou um grande susto quando escutou o barulho de metal caindo contra o chão. Era a espada flamante. Estava coberta de sangue que logo borbulhou e foi evaporado. Viu cair em seguida um pedaço de madeira torta e um anel. Teve a nítida sensação de que nunca mais veria Zoros em sua vida. Porém, as surpresas ainda não haviam acabado. Um pipoco seguido de vários lampejos coloridos, trouxe ao local uma estranha e pequenina figura vinda daquele espaço interdimensional.

Um ser de aparência humana. Uma mulher minúscula, que caberia nas palmas das mãos de Kyle. A pequena figura caiu girando como um inseto que atingia a luz quente de lamparinas. Instintivamente Kyle aparou a pequenina na palma de sua mão direita. Era incrivelmente leve e frágil, como se fosse feita de papel. Kyle observou a criatura com grande curiosidade, esquecendo-se do ambiente macabro que o cercava. Notou que pequenas asas delicadas e quase transparentes saiam das costas da mulherzinha. Ela balançou a cabeça e ergueu seus olhos encarando Kyle com curiosidade mútua.

Muito baixo, disse uma série de palavras estranhas que Kyle não pode compreender.

Kyle estava intrigado e respondeu, em sílfico. – O que?

A pequenina sorriu e indagou na mesma língua, – O senhor não é um elfo? O que o senhor é?

– Sou Kyle.

– Você é um Kyle? E qual o seu nome Kyle?

– Não, meu nome é Kyle. Eu sou um humano.

– Ah sim, senhor humano Kyle, chamo-me Lila. Sou uma fada.

“Fada?” pensou Kyle, “Devo estar sonhando. Afinal, nada disso faz sentido... Espera aí. Lila? Acho que já ouvi esse nome em algum lugar.”

– Lila? Seu nome não me é estranho.

– De alguma forma, sinto que o conheço de algum lugar. Mas isso é impossível, o senhor Kyle é o primeiro senhor humano que conheço.

Kyle sorriu. O observou os pequenos detalhes da fada. Uma criaturinha muito bonita e graciosa. – Você fala de um jeito engraçado fadinha.

– Fadinha?! – disse Lila irritada. E saltou. Surpresa, desequilibrou-se e caiu, agarrando-se ao polegar de Kyle.

– Ei, ei, senhorita Lila. Não precisa se irritar.

Lila fez força para escalar na palma da mão de Kyle novamente e só conseguiu com um empurrãozinho do indicador esquerdo de Kyle.

– Que engraçado! Não consigo voar.

– Bem talvez não seja a melhor hora, senhorita Lila. Parece que teremos companhia.

– Companhia, senhor humano? Mas que lugar estranho! O que todo esse caramelo fedido está fazendo aqui?

– Caramelo?

Kyle andou em direção a saída e viu dois guardas que vinham ao longe, verificar a confusão. Kyle fechou os dedos e instruiu, – Segure-se, vamos

precisar correr!

Lila parecendo entender a situação de alguma forma, segurou-se, mão esquerda no dedo mínimo e mão direita no indicador.

Kyle abaixou-se e com sua mão esquerda, segurou a espada de Melgosh, a Maré Vermelha. Ao fazê-lo, teve os sentidos ampliados e visualizou o que ocorria à distância. Viu diante de seus olhos um monstro enorme que avançava contra seus amigos, Archibald e Kiorina. Distraído, não escutou Melgosh sussurrar implorando-lhe para soltar a espada.

***

A criatura, tomada por ódio descontrolado fazia dos bravos guardas imperiais vítimas de seus ataques mortais. Mesmo estando um pouco cansado e ferido, o fomalediônio estava longe de ser derrotado.

Sendo impossível para Kiorina contrapor a criatura, decidiu que valeria como último recurso ganhar tempo. Lembrando-se de suas habilidades ainda pouco desenvolvidas no campo do ilusionismo, tentou forjar a imagem de um forte guerreiro para lutar contra a criatura. Temia que os sentidos da criatura não se enganassem com a imagem pouco realista do guerreiro que convocara.

O homem alto forte e barbudo, avançava com sua espada contra a criatura. Esta ficou muito confusa com o efeito nulo que suas mordidas causavam no guerreiro ilusório. Percebendo o que ocorria, Terimikril escalou o lombo da criatura e empunhando a lâmina sílfica conquistada nas catacumbas palacianas atingiu a nuca do fomalediônio. O monstro guinchou e girou o corpo derrubando o silfo estrangeiro que com grande destreza foi capaz de rolar sobre seu corpo e posicionar-se de joelhos. Em seguida, conseguiu ficar de pé em posição defensiva. Auxiliado pelo guerreiro ilusório de Kiorina, o estrangeiro avançou contra a criatura confusa e num golpe de sorte, ou de genialidade, atingiu o olho esquerdo da criatura com a ponta afiada de sua lâmina.

Três guardas chegavam naquele momento e uma das longas lanças enterrou-se no pescoço curto da criatura. Arqueiros posicionados na entrada do camarote disparavam setas contra a criatura que sangrava cada vez mais se mostrando visivelmente cansada. O silfo estrangeiro inspirado por uma rápida troca de olhares com a princesa Aeycha, atirou-se num ato de bravura e loucura. Girando e desviando-se das enormes patas da criatura, rolou para baixo da mesma. Em

posição privilegiada, não hesitou em erguer sua espada, cortando o duro couro do abdome da criatura. Em seguida, foi banhado com sangue e líquidos viscerais da criatura que encontrava seu fim. Deixando a espada no abdome da criatura saltou célere, escapando do esmagamento quando a besta finalmente caiu para morrer.

Ao seu lado, observou um grupo de silfos do clã místico que chegavam apressados a fim de colocar sua força à disposição do imperador moribundo. Archibald, drenado de suas forças, deu lugar aos silfos aliviado por imaginar que seu esforço em manter a vida do pai de Aeycha possivelmente não seria em vão. E não foi, com grande habilidade, os silfos puderam soprar essência vital de volta ao imperador, que teria uma recuperação lenta a partir daquele dia que acabava de entrar para a história do povo dos arquipélagos.

***

Chegando a tempo de evitar maior desastre, o respeitado conselheiro Zil procurou acalmar a situação nos arredores da câmara de tesouro. Devido aos mortos e demais sinais de luta, seria um pouco difícil dar explicações convincentes. O conselheiro logo identificou Kyle e Melgosh como agentes que trabalhavam em seu favor, e, demonstrou através das evidências, que silfos negros tentavam roubar tesouros aproveitando-se dos eventos na arena. A história encaixava-se bem com o ocorrido, em especial pelo fato dos silfos negros terem assassinado as sentinelas. Naquele dia, Zil, mesmo perdendo algumas peças, sentia que havia vencido uma partida de seu jogo contra o conspirador Duque Hiokar. Infelizmente, não havia nenhuma prova ou forte evidência que ligasse o ocorrido às ordens ou ações de Hiokar.

Hiokar por sua vez, passaria a partir daquele dia, a reconhecer Zil como grande e formidável oponente. Talvez um dos únicos capazes de afastá-lo de suas ambições. Por hora, a perda de Lévoro forçava uma retirada e reorganização de planos. Durante tempos seguintes ambos passaram a partilhar uma característica em comum. Pensar no oponente e quais seriam seus próximos movimentos. O confronto daquelas duas mentes selaria, em breve, o futuro do império dos silfos do mar.

CAPÍTULO 54

Em uma manhã fria e sombria, Lorde Calisto estava prestes a consagrar-se como barão das terras de Fannel. Sua ascensão ao poder era veloz e fortemente auxiliada pelos rebeldes. Sem que soubesse, lordes de Manile, Durunt e Vaomont foram induzidos pelas forças ocultas da rebelião a aceitá-lo como novo barão. A própria Real Santa Igreja aprovava a ascensão do jovem Calisto, visto que era um dos escolhidos do eclipse citado pelas profecias do próprio arcebispo Kalefap.

As atividades da rebelião haviam praticamente cessado na região após as ações enérgicas de Lorde Calisto. Muitos sacrifícios por parte da rebelião foram feitos para fazer com que as ações de captura e eliminação de grupos rebeldes tivessem sucesso. Calisto tornava-se cada vez mais confiante e sua própria confiança e grande energia acabou por mobilizar o povo e os nobres das províncias de Fannel.

Membros da Família Real viajavam para Fannel, o Duque de Kamanesh, assim como os soberanos dos baronatos vizinhos. A capital, Liont, preparava-se para recebê-los com grande pompa. Sua titulação sairia em poucos dias. O passo mais difícil para alcançar a posição fora convencer o Lorde de Vaomont. No entanto, Rayan e alguns de seus informantes conseguiram algumas provas do envolvimento de Lorde Vaomont no assassinato do Barão Ludwig. Com essas informações em mãos, Lorde Calisto pode persuadir o fraco mas ambicioso Lorde de Vaomont a apoiá-lo como novo Barão de Fannel.

O jovem já apreciava seus aposentos na torre central do castelo de Liont. Local amplo e arejado, coberto com peles cinzentas nas quais gostava de pisar com os pés descalços. A cama era grande e possuía um fino véu branco preso em quatro grandes estacas que subiam de suas extremidades. Havia uma porta de vidro e de madeira que levava a uma sacada de onde podia ver boa parte da grande cidade de Liont.

Naquele instante de solidão e quietude o jovem questionava sua existência. “Que preço terei de pagar por essa conquista? Tem de haver um preço... Acho que o preço é justamente este: nunca conhecerei a paz na consciência. Sempre pensarei em uma próxima conquista, ou, como proteger minhas próprias conquistas de outros ambiciosos como eu. Mas o que fazer? Renunciar a tudo

isso? Renunciar e ser um peão? Ser comandado por esses loucos? Pelo maldito Weiss? O ridículo e decrépito Rei Maurícius?”

O Jovem levantou-se da cama, caminhou até a escrivaninha na qual havia uma bela jarra de prata reluzente. Sem de dar o trabalho de usar copos, levou a jarra à boca sorvendo seu conteúdo. Doce vinho proveniente de Manile.

Batidas em sua porta interromperam sua tentativa de fuga da realidade.

– Sim?

– Senhor, trazemos um prisioneiro que insistia em vê-lo.

Calisto pensou incomodado ao dirigir-se a porta. “Prisioneiro? Que bobagem é essa!”

Ao abrir a porta viu dois soldados com olhos sonolentos e uma figura envolta em trapos da qual sentiu grande energia. Quando seus olhos azuis cristalinos cruzaram-se com os seus recebeu rápidas palavras em seu pensamento, “Calma, eu não vim para lutar.”

Calisto murmurou, – Um tisamirense...

Os guardas, atordoados e controlados pela vontade do tisamirense deixaram o local.

Disse e voz alta, – Chamo-me Radishi.

– Ah Radishi! Já ouvi dizer muito a seu respeito. O que deseja vindo até meus domínios?

– Vim para saber pessoalmente que tipo de pessoa você é.

– Mesmo sendo membro conhecido da rebelião, ousa vir até meu castelo para saber que tipo de pessoa que sou?

– Sim.

– Você é louco, poderoso e veio me derrotar!

– Bem talvez, mas não acha possível que as pessoas tenham interesses que estejam além de conquista, lutas, destruição e poder?

– Talvez, se forem tolos, ou servos naturais.

– Diria então que sou um servo.

– O servo sábio que se curva diante do mais forte, afinal?

– Sim, meu senhor, eu vim para conhecê-lo, e para servi-lo se julgar que seu caráter é digno de um líder que deve ser seguido.

Calisto estava surpreso com as palavras do tisamirense e convidou-o para sentar-se.

– Diga-me Radishi o que deseja saber?

– Quero fazer algumas perguntas. Posso?

– Claro.

– O que sabe da origem de seus poderes?

Calisto ficou quieto, incomodado por não saber resposta alguma à pergunta do estrangeiro.

– O que sabe sobre Tisamir?

– A cidade oculta, não é mesmo?

– Pois sim!

– Pouco, sei apenas que possuem uma grande escola e que fica isolada nas montanhas da cordilheira de Thai.

– O que sabe sobre os necromantes? Quero dizer, o que realmente sabe sobre suas intenções?

Calisto sem realmente saber algo resolveu mentir, – Não são assuntos que discutiria com você de forma alguma.

– Entendo. Mas suponha que saiba pouco, ou mesmo, que nada sabe sobre os reais planos e intenções deste grupo de feiticeiros das trevas que tomou posse deste reinado. Por que agir junto a pessoas que...

– Sei onde quer chegar, tisamirense! Acha que cairia tão fácil numa conversa como essa? Acha que passaria para seu lado, não é mesmo? Pois saiba, não tenho lado, tenho apenas a mim mesmo!

– Verdade? – seu olhar demonstrou tristeza naquele momento. – A solidão é umas piores coisas que existe. Após uma pausa inquiriu – E seu pai?

– Pai? Não tenho pai. Fui criado por Thoudervon, um ente morto-vivo. Nunca tive pai.

– E como acha que chegou ao mundo, através de um encantamento?

– Não... na realidade...

– Um dos motivos pelos quais vim até aqui, foi por causa de seu pai.

Calisto ficou nervoso e aumentou o tom de voz – Meu pai? Como assim? Quem seria meu pai, do que está falando.

– Conheço seu pai verdadeiro e ele vive.

– É e daí? Que diferença faz se um porcaria de um tisamirense vem me dizer que tenho um pai? Onde ele esteve? Nunca fez nada por mim! Que morra...

– Infelizmente, seu pai também parece não nutrir bons sentimentos em relação a você Calisto. Temo que se você não mudar sua atitude quanto a vida, eventualmente vocês irão se encontrar, num confronto de vida ou morte.

– Então é assim... Meu velho deve ser legal como eu, imagino. Que venha, vou fazer picadinho dele.

– É muito triste, sebe Calisto, quando percebemos que a existência de uma pessoa está dominada por ambição e ódio.

– É melhor você começar a falar alguma coisa interessante logo senão terei de matá-lo.

Radishi sorriu largamente e disse, – Muito bem, aos negócios! Escute bem e verá que não minto. O Rei e seus comparsas necromantes o temem, mas acreditam que o têm e sempre terão você sob controle.

– Disso eu já sabia, conte algo de novo.

– Bem, eles estão certos... Possuem poderes além de sua capacidade e no dia que você se tornar muito perigoso se disporão de você imediatamente.

– Muito bem gênio, disso também já sabia. Diga-me algo de novo antes que perca minha curta paciência.

– Se aceitar minha ajuda, poderemos mostrar a eles que estão redondamente enganados em relação a você.

– Ajuda? E em que você acha que pode me ajudar, fracote?

– Posso lhe oferecer dois bens valiosos: conhecimento e treinamento.

– Treinamento? Como assim?

– Você nem faz idéia, não é mesmo?

– Idéia de que Tisamirense?

– Deste enorme poder que possui! Dentro de sua cabeça. Poder quase ilimitado. É impressionante o que conseguiu aprender por si só, sem um professor. Se seus companheiros suspeitassem de em algum momento você tenha arranjado um professor para as artes psíquicas, mandariam matá-lo imediatamente.

– Ei o que está me dizendo? Que tenho muito poder mas não sei usá-lo?

– Sim.

– E porque você quer me ensinar?

– Tenho esperanças quanto a você... Sinto que está confuso porque muitas verdades foram escondidas de você pelos necromantes até então. Se aos poucos, lhe trouxer conhecimento, imagino que por si só, você conseguirá reavaliar sua vida e sua conduta.

– Mesmo que eu use meu poder ampliado para maiores conquistas?

– É um risco que estou disposto a correr.

– Não tenho certeza. Não sei se é o melhor momento para envolver-me com você tisamirense. Vou pensar no assunto e discutiremos novamente quando for barão e dono destas terras oficialmente.

– Como quiser, Calisto. Apenas cuide-se para não ter um encontro desagradável com seu pai. Ele deseja reparar o mundo do erro que acredita ter cometido ao gerá-lo.

– E como poderei fazer isso?

– Não viaje pela cordilheira de Thai e não se envolva em assuntos que digam respeito aos anões.

CAPÍTULO 55

Havia algo na escuridão que atraía Vekkardi. Pensava em como havia sido ludibriado por Clefto, como quase havia morrido e em como desejava buscar sua vingança. Enquanto caminhava, cansado através dos campos tempestuosos e desérticos do Baronato de WhiteLeaf, sua mente vagava. Pensava em quantas lutas, quantas infelicidades haveria em toda a extensão daquela terra. Quanto sangue era derramado sob o olhar quieto e regular das luas em seu curso constante. E mais uma vez chorou por seu irmão e escutou em sua memória sua voz, já bestial implorando por comida. “Co..comiiii...daaaa....”

Em seguida, lembrou-se de uma discussão severa que tiveram. A última vez que se falaram.

Estavam na confortável morada de Alunil, nas montanhas. – Escute Rikki, você deve escutar o Senhor Alunil! Não deve ir para o sul! Há muitos problemas por lá!

– Eu sei disso, irmão. – disse o garoto transtornado. – Tenho tido pesadelos todos os dias! Haverá muita morte, muita destruição!

– Eu entendo... Mas não há nada que possamos fazer, o senhor Alunil já nos advertiu!

– Alunil só quer nos proteger! Perdeu todo o senso de responsabilidade. Fica escondido nas montanhas enquanto muitos sofrem lá fora!

Vekkardi lembrou-se de como ficou irritado e de como gritou, – Isso não é verdade! Eu não adminto! Não admito que fale do senhor Alunil desta maneira!

– Não quero saber do que você admite ou não... Eu vou, tenho que ajudá-los! E você, devia se envergonhar e vir comigo. Todo seu treinamento e conhecimento precisam ser usados para ajudar aqueles que estão em necessidade!

– Não é isso irmão! Você não está pensando...

– Quem não está pensando é você, tornou-se um covarde e vai ficar aqui nessas paragens até o fim de seus dias!

Vekkardi havia perdido a paciência e compostura por completo. Levantou-se e deu um tapa no rosto do irmão. Rikkardi, mais novo, mais ousado, olhou-o com olhar congelante. Deu as costas e foi em direção a seu quarto. Depois disso, Vekkardi só viu seu irmão novamente na forma de um zumbi miserável quando resgataram os escravos das minas próximas a Xilos.

Como os céus, a mente de Vekkardi estava nebulosa. Havia muito ódio e sede de vingança em seus pensamentos. Parecia que seu irmão, sempre fora mais maduro que ele. Era como se a única forma de mover-se, evoluir, fosse através de seu irmão. Era no ideal de salvá-lo que os únicos bons pensamentos do viajante mantinham-se. O restante era uma grande tempestade.

Era uma tormenta de raios e trovões, muita energia. Desconhecia o poder que havia dentro de si, e que esse poder quando somado a muita mágoa e ódio, crescia bastante.

Ao amanhecer, continuava sua marcha e avistou uma ponte para atravessar o rio cujas margens seguia há algum tempo. A ponte era também um marco de fronteira e adiante havia um forte. Nele forças militares do Barão de Whiteleaf mantinham vigilância constante buscando evitar uma invasão de alguma horda dos bestiais.

A madeira estava molhada e rangia com os passos de Vekkardi. Na extremidade posterior da ponte havia uma cabana na qual sentinelas ficavam de prontidão.

Um deles, ao avistar a figura que atravessava a ponte avançou e parou para recebê-lo. Era um guarda que usava um grande capote de couro para proteger-se da chuva. Em suas mãos uma besta armada. – Olá estranho, de onde vem e quais são seus negócios na região.

– Sou apenas um viajante, deixe-me passar. – respondeu Vekkardi.

– Claro, se apresentar alguma carta, ou documentação.

Vekkardi aproximou-se e sorriu. – Vamos lá! Para que tanta rigidez? Sou apenas um viajante.

– Viajante? – disse o guarda desconfiado ao examinar a figura de Vekkardi com mais cuidado. – Mas é um viajante louco?

– Como assim?

– O que espera encontrar além deste marco? Não há nada além de terras infestadas pelos os malditos bestiais!

– Tudo bem. Irei procurar outro ponto de passagem. – disse e virou-se.

– Não! – disse o guarda elevando o tom de voz.

Vekkardi virou apenas o rosto para dar uma olhadela no guarda. – Como assim, não?

– Você é um sujeito suspeito. Pode ser um rebelde! Terá que conversar com meus superiores antes de ir.

Vekkardi deu com os ombros e voltou, aproximando-se do guarda.

– Não chegue perto! – advertiu o guarda.

Vekkardi pressionou os olhos e pensou rapidamente no atraso que aquilo poderia ser. No instante seguinte, sua perna direita atingia a besta desviando de seu alvo, a seta tardiamente disparada. O golpe seguinte foi contra a garganta do guarda que caiu no chão levando ambas as mãos no pescoço.

Imediatamente, o outro sentinela pôs-se a correr, partindo da cabana para acudir o companheiro. Vekkardi, muito ágil, saltou para desviar-se da seta disparada pelo segundo guarda. Pouco depois, alcançava-o. O guarda, assustado golpeou com a espada que desembainhara as pressas. Vekkardi apenas inclinou-se para evitar a lâmina. Em seguida, girou o braço do guarda até escutar um breve estalo. O guarda gritou. O sangue do guerreiro místico fervia e ele ofereceu ao guarda um pouco de sua ira contida. Logo, o local estava silencioso. Apenas o barulho da chuva. Atrás de si, Vekkardi deixou os guardas inconscientes e feridos. Em sua mente, enxergava Clefto e queria espancá-lo, assim como fizera com os sentinelas.

Dias depois, avançava pelo território dos bestiais. Seus suprimentos estavam escassos e sentia um pouco de fome e fraqueza. Os ares haviam mudado. Havia um forte cheiro de carniça na região. Acompanhava os movimentos de centenas de pássaros carniceiros alimentando-se de restos de carne. Atravessou um local no qual uma batalha fora travada há poucos dias. Examinando alguns corpos, identificou-os como bestiais. Imaginou o que estaria havendo naquela região.

Desde o alvorecer, sentia uma estranha força contatando sua aura. Havia algo que atraia seus pensamentos e que faziam-no avançar com maior avidez em direção a seu objetivo. Ao anoitecer, sentia seus músculos doendo bastante e percebeu que por algum motivo não fizera sequer uma pausa para descanso. Agora tinha certeza, havia alguma coisa estranha acontecendo. Mesmo assim, um instante depois, o cansaço e suas indagações pareciam sair do foco. Mal percebeu o fato de estar atravessando ruínas. Ruínas movimentadas. Diversas criaturas movendo-se daqui para ali. Carregando madeira e pedra nos ombros. Alguns acólitos do culto dos necromantes observavam a passagem do estranho que tinha olhos vidrados. Havia uma torre alta e sombria para a qual Vekkardi se dirigia. Sem perceber, havia atingido o ponto central de seu objetivo: a Necrópole.

Logo, seu destino estaria selado. Assim como seu coração havia sucumbido às trevas, todo seu ser a apenas um passo de abraçá-la.

CAPÍTULO 56

O que estava para acontecer, era uma estranha confluência de destinos na cidade de Liont, a bela capital cruzada pelo singular rio Aluviris. Havia um clima de festividade nas ruas. Muitos cidadãos estavam animados com a titulação de Lorde Calisto. Não eram poucos os que nutriam desafeto pelo antigo barão que pouco se preocupava com o povo e suas necessidades. Muito se comentava sobre o desprezo que tivera em relação aos pobres. Suas maiores preocupações eram quanto a intrigas na corte e reunir tesouro com diversos impostos e taxas que instituía, não avançando mais por que escutava seus conselheiros que sempre lhe advertiam quanto às revoltas populares.

O jovem Lorde Calisto ficou muito animado após sua primeira reunião com o conselho de coleta e do tesouro. Impressionado com a quantidade de recursos acumulados pelo velho Barão Ludwig, anunciou a extinção de duas taxas que julgou serem absurdas e a diminuição de outras tantas. Isso causou surpresa e certa revolta em alguns membros do conselho de coleta, mas logo, o futuro barão mostrou que possuía bons conhecimentos, talvez intuitivos, sobre economia. Explicou e deu projeções de como a produção e o comércio avançariam livres das duras amarras das altas taxas instituídas pelo barão.

Mesmo assim, nem todos ficaram felizes e Calisto pode colocar em prática um pouco de seu método secreto de bom governo. Leu os pensamentos superficiais dos membros do conselho. Marcou meia dúzia de indivíduos cujos pensamentos lhe pareciam muito discordantes e nocivos. Planejava destituí-los do cargo assim que recebesse o título de barão.

Mais tarde, separou um pouco de tempo para atender à visita de seu afilhado Armand DeFruss e de seu pai, o Alfaiate Jeero.

– Ah! Vejo que meu afilhado cresceu um pouco. – Calisto aproximou-se do menino que segurava uma caixa de papel nas mãos.

Jeero falou, – Fico feliz que suas medidas não tenham se alterado, Lorde Calisto!

– Ah sim, Jeero. Uma fala típica de um Alfaiate. Como estão os negócios em Situr?

Jeero sorriu animado. – Muito bem, meu senhor. A tecelagem já esta funcionando com os teares em pico.

– Isso é bom.

– Trouxemos um presente, não é Armand? Vamos filho, entregue o pacote a seu padrinho.

O menino deu um passo à frente e estendeu as mãos para entregar o pacote a Calisto. O jovem nobre agachou-se para apanhá-lo e abriu-o em seguida.

Jeero explicou, – É um traje de muito especial. Digno de um rei.

Era uma roupa discreta. Três peças. Uma fina camisa branca, calcas e túnicas negras, bordadas com detalhes em cinza escuro e cinza médio que só poderiam ser percebidos a uma curta distância. Havia uma pequena caixa de metal que Jeero segurava e que continha botões e acessórios feitos de ouro.

Calisto observou as vestes que eram de qualidade indiscutível sem dar mais importância a estas do que deveria.

Jeero voltou a falar. – São de seu agrado, meu senhor?

– Sim, são adequadas.

– Fico feliz que tenha apreciado. Fiz parte delas pessoalmente.

– Será somente isso, senhor DeFruss?

– Não tomarei mais seu tempo, nobre senhor. Apenas gostaria de lhe oferecer mais um favor.

– Pois diga.

– Com sua viagem, fiz questão de observar o andamento dos negócios em suas terras, ao sul. Não houve maiores alterações. Fiz também contatos com as três vilas dos seus domínios e amizade com alguns de seus servidores. Em especial, os de sua mansão. Antes de vir, tomei a liberdade de passar em sua propriedade e oferecer a alguns de seus criados, a oportunidade de vir até Liont, para acompanhá-lo e servi-lo durante sua titulação.

– Meus criados? Estão aqui em Liont?

– Alguns apenas.

– E onde estão?

– No aposento ao lado.

Calisto dirigiu-se ao aposento e observou os criados que ali estavam. Ficou feliz ao perceber que eram justamente os que ganhara como presente durante sua estada no Castelo de Lacoresh. Os criados se curvaram e Calisto cumprimentou-os com um aceno.

Voltando-se para Jeero disse, – Que bom senhor DeFruss que tem talentos que vão além da Alfaiataria.

– Fico satisfeito por poder auxiliar o padrinho de meu filho.

– Claro.

– Se me permite tomar um pouco mais de seu tempo...

– Sim, prossiga.

– Seria uma ótima oportunidade para construirmos uma tecelagem nestas bandas. Estou certo de que poderia trazer vantagens aos seus novos domínios.

– Falaremos sobre isto depois, por hora, há muitos arranjos a serem feitos antes da cerimônia.

Antes de saírem, Calisto encarou mais uma vez o olhar enigmático do jovem Armand. Imaginava se seu envolvimento com a criança traria bons frutos.

Mais tarde, a movimentação no castelo de Fannel aumentava. Os convidados chegavam e dezenas de criados lhes indicavam as acomodações adequadas. Esperava-se com certa ansiedade pelos representantes que seriam enviados pela família real. Era certo que o próprio rei Maurícius não viria e havia certa expectativa quanto à vinda do príncipe Lanark, Serin ou mesmo da princesa Hana.

Quando soube que já haviam chegado ao castelo o príncipe Serin, sua irmã Hana e ninguém menos que a Rainha Alena, Calisto sentiu-se enjoado. Um conflito de emoções tomava conta de si, algo que precisava ser racionalizado. Calisto era um jovem de grande força interior e de mente fria e cruel. Quase sempre ignorava, ou procurava dominar as emoções para atingir seus objetivos. Desenvolvera facilidade para lidar com sua ira, porém quando confrontado pelas figuras de Hana e Alena, não encontrara o equilíbrio necessário para controlar a situação.

Num primeiro momento dava vazão a pensamentos rancorosos, havia muito medo e muita raiva que não podiam ser bem direcionadas. “Malditas vacas! Podem colocar tudo a perder! Minhas conquistas não podem ruir por suas interferências. Por que? Por que, a Rainha teve de vir? Sua paixão prematura por mim pode colocar em risco minha ascensão ao poder.”

Calisto observava o olhar amedrontado de sua criada que o ajudava com seus trajes. Era uma senhora de mente servil com a qual Calisto simpatizava. Para ela, a face de seu senhor não demonstrava quaisquer emoções, pois apesar de serem intensas, ele aprendera a mascará-las muito bem. Porém os reflexos de pensamentos racionais podiam ser notados. Sua sobrancelha esquerda ergueu-se e seus olhos negros procuraram o vazio escuro do teto de seus aposentos. O brilho obscurecido dos olhos, mostrava os sinais do seu gênio a elaborar questões complexas. Política, conhecimento sobre os desejos íntimos dos seres humanos, suas emoções e fraquezas. “Sim! O maldito Maurícius está manipulando-as. Ele deseja me eliminar assim como eu desejo eliminá-lo. Se eu

fosse incriminado por traição... Devo ficar alerta quanto aos encantos da jovem rainha. Ao mesmo tempo, ela é justamente meu acesso fácil ao trono, preciso cuidar bem dela.” A criada sorriu por simpatia quando Calisto abriu um largo sorriso vendo diante de sua mente um elaborado plano surgir e solidificar-se. Para ela, um sorriso como aquele era acontecimento raro. Em sua mente simplória pensou que o senhor devia estar muito satisfeito pelo que viria. Afinal, logo seria um barão. Calisto captou os pensamentos simplórios da criada e sorriu com maior intensidade. De fato, era mais intensa a ironia daquela forma. “Já sei como lidar com a Rainha. Sei exatamente o que farei.”

CAPÍTULO 57

Era uma recepção grandiosa, apesar das dimensões modestas do salão de festas do castelo de Fannel. Calisto aguardava com certa ansiedade o momento de sua entrada. Há pouco dispensara seus criados pedindo para ficar a sós. Precisava de concentração e preparação para enfrentar a corte. Dali podia ouvir a música, as conversas e discussões sobrepostas. A noite já amadurecera e a sala em que aguardava era iluminada por algumas dúzias de velas. Os sons da festa ampliaram-se tremendamente indicando que a porta fora aberta. Calisto virou-se para encarar a figura que acabara de entrar. O jovem dos olhos do eclipse franziu a testa por um instante não reconhecendo a figura de Rayan. Seu espião estava muito diferente. Suas vestes finas faziam-no parecer um nobre e seus cabelos longos estavam guardados no interior de um chapéu triangular de abas estreitas.

– Rayan... – Calisto tentava ocultar sua ansiedade.

– Senhor.

Calisto arrumou a mecha de cabelo que com freqüência caia sobre a testa e perguntou, – Como estão as coisas?

– Fiz as investigações que o senhor pediu. Acho que as maiores ameaças estão sob controle.

– E o lorde de Vaomont?

– Imagino que esteja mais conformado.

– Rebeldes?

– Nenhuma atividade. Após a retaliação pela morte do Barão Fannel, sumiram por completo. Ouvi dizer que os que restaram deixaram a região.

– Para onde teriam ido?

– Fala-se no baronato de Lersh.

– Lersh... O barão veio para a cerimônia?

– Não, enviou seu filho. – Rayan sorriu e completou, – Igualmente gordo e mal educado.

Calisto torceu o nariz.

– Senhor, tenho uma última notícia.

– Sim.

– Chegou a pouco uma comitiva de Whiteleaf. Praticamente um grupo militar encabeçado pelo próprio Barão Aaron.

Calisto ficou pensativo, não sabia se aquilo era bom ou ruim. Mas não houve tempo para uma elaboração maior. Um dos oficiais encarregados de conduzir a cerimônia acabava de chegar para convocá-lo.

A cerimônia foi longa, com uma série de rituais e formalidades. Ocorreu sob olhares e comentários de admiração, inveja, medo e bajulação. Ainda em sua preparação, quando soube dos detalhes e da demora, Calisto tentou argumentar com os oficiais encarregados. Achava aquilo tudo uma perda de tempo, porém, não havia como fugir aos argumentos trazidos por eles. Calisto apenas começava sua vida na corte e era hora de abraçar as tradições, não de negá-las. Os detalhes da cerimônia não propiciavam tempo para nada mais que cumprimentos e formalidades. Apesar da presença da Rainha, Calisto recebeu a titulação através do filho mais velho do Rei, Príncipe Serin.

Calisto detestou os detalhes religiosos ligados à sua titulação, mas em certo momento sentiu certo alívio por não ter tido o desprazer de um encontro com o Irmão Weiss.

A Rainha estava muito bonita, seu vestido bege e volumoso, era coberto por milhares de pedras preciosas reluzentes. Seu rosto recebera leve maquiagem e sobre sua cabeça descansava uma coroa delicada. Trocaram alguns olhares durante a cerimônia. Nestes momentos, Calisto percebia o olhar vigilante e malicioso de Hana. A filha do rei usava um vestido cor vinho apertado e com um decote generoso, quase indecente. Sua maquiagem era forte e seus movimentos gingados chamavam a atenção de muitos. Calisto chegou a pensar em vasculhar os pensamentos da princesa, mas havia muita gente no local e não queria correr o risco de ficar zonzo como já acontecerá. Precisava manter sua mente protegida.

Finda a cerimônia e a longa fila para cumprimentos, a maioria dos presentes voltou para a cidade. Somente os mais chegados e importantes, que se hospedavam no castelo foram conduzidos a um salão anexo, no qual uma mesa farta estava servida para uma ceia noturna.

Seria uma ceia conturbada com dezenas de interesses políticos, comercias e pessoais cruzando-se. A mesa era comprida estando sentado em suas cabeceiras, o recém titulado, Barão Calisto e no lado oposto, o Príncipe Serin. Ao lado esquerdo e direito de Serin, estavam sua irmã Hana e a Rainha Alena. Deste modo, estavam longe de mais do novo Barão para que pudessem conversar. Uma escolha do próprio Calisto, mas também conselho dos oficiais responsáveis pela organização. Afinal, era necessário dar posições de destaque para os membros mais importantes presentes. Próximos a Calisto estavam o recém chegado Barão

Aaron de Whiteleaf e o filho do Barão de Lersh, Aukust. Em seguida, Sir Clyde, filho do Duque de Kamanesh e Lorde Lenidil de Manile. Na parte central, representantes do Clero, como Bispo Piont, representantes da Alta Escola, e representantes das casas comerciais Atir, Rollant e Senerval. Dentre os representantes da Alta Escola, estava Cris Yourdon que junto com a titulação de Calisto recebera o cargo de Diretor Assistente na escola de Liont. Já ao lado da Rainha sentava-se o famoso Cavaleiro Julius Fortrail, que cuidava pessoalmente da segurança da jovem monarca. À frente de Julius e ao lado da princesa Hana estava um dos braços direitos de Calisto, Cavaleiro Derek. Durante a cerimônia, Derek fora homenageado por sua bravura em caçadas contra demônios chefiadas por Calisto e por sua atuação em oposição aos rebeldes.

Logo no início da ceia, Lorde Lenidil levantou-se muito animado para dizer algumas palavras. Segurava com orgulho uma taça contendo o vinho produzido em suas terras. – Quero propor um brinde! Que todos brindem ao jovem Barão Calisto! Um homem de bravura e perspicácia inigualáveis! Sim! Digo isto, pois sou testemunha de seus feitos! Foi nas saudosas terras montanhosas de Manile que ele lutou contra demônios e enfrentou rebeldes como nenhum outro! Foi lá também que ele salvou-me a vida! Que todos lhe ofereçam apoio para que possa buscar seus ideais: paz e prosperidade! Para que possa espalhar por todo nosso reino a chama de um ideal! Que nosso reino seja cada vez mais unido! Que nosso reino possa juntar forças para perseguir e eliminar a maldita rebelião. Que o que ele realizou aqui nas terras de Fannel, seja um exemplo para todo reino! Brindemos ao nosso querido Barão Calisto!

Seguiram-se palmas e elogios gerais para Calisto. Ele sentiu-se dividido entre o prazer e desconforto provocado pelas palavras de Lenidil e o reconhecimento dos presentes. Sorria para todos e em seu íntimo pensava, “Tolos. Como são tolos!”

Hana estava atenta aos olhares de Alena e percebeu um leve suspiro da Rainha enquanto o discurso a favor de Calisto era pronunciado por Lenidil. Derek carregava um sorriso amargo no rosto. Percebia a hipocrisia da situação, mas também não era do tipo de abriria mão das honras e privilégios que recebera por causa de remorso.

Chis Yourdon sorria e aplaudia exercendo sua grande capacidade de cinismo enquanto Sir Clyde, ao seu lado, observava o acontecimento com relativa indiferença.

Em seguida Calisto disse, – As palavras de Lenidil me comovem, porém, são um tanto exageradas. Por favor, não mereço tanto crédito. Estava apenas

cumprindo com meus deveres. Sou grande defensor de nosso reino e de nossa soberania. – Encarou o Bispo Piont, superior da Igreja na região e continuou. – Muitos trazem confiança e esperanças quanto a minha pessoa e as boas novas dos textos sagrados. Porém, lembre-se de que não sou único, que muitos outros estão crescendo e que teremos no futuro paz e prosperidade. – Abaixou a cabeça e montou uma expressão preocupada. – No entanto, temo o preço que teremos que pagar por esta paz. Pensem no nosso reino vizinho, Homenase. Sabemos que são nossos aliados, pense nas distantes terras de Dacs, e verão que também podem ser nossos aliados. Mas pensem nos Silfos do Mar, nos bestiais, nos felinos bárbaros do oeste, pensem nos povos dos reinos bárbaros, o próprio império de Keldor e suas forças marítimas e religião extravagante. Será possível que alcancemos a paz tão facilmente? Quero dizer, controlarmos e eliminarmos rebeldes é um assunto, mas como lidar com o poderio o forças destes estrangeiros?

O príncipe elevou a voz, – Onde deseja chegar, caríssimo Barão? Acha mesmo que este é um assunto apropriado para este momento?

– Oh não! Perdoe-me alteza. Perdoe-me. Não quis alarmá-los com minhas preocupações. Na realidade, apenas confesso que fiquei sensibilizado com minha titulação. Imagino que ao assumir grandes responsabilidades minhas preocupações... Quero dizer, que comemoremos. Não é hora de comemorar?

Serin sorriu e disse, – Sim, entendo suas preocupações e saiba a segurança e paz em nosso reino é assunto que sempre estão nos pensamentos de meu pai e de seus súditos. Por hora, comemoraremos sua titulação e que também possamos nos recordar e dedicar considerações ao Falecido Barão Ludwig e seu herdeiro Adam.

Houve um certo silêncio após a fala do príncipe, mas em seguida surgiram conversas paralelas.

O Barão Aaron voltou-se para Calisto e disse, – Barão Calisto, me intriga sua visão. Devo dizer que estou impressionado com as ações que levaram à eliminação das atividades rebeldes nesta província. Como o senhor, sou jovem e acredito que há muita perspectiva de mudança e chances de prosperar, baseando-se na renovação das idéias entre a nobreza.

– Pois sim, Aaron, podemos dispensar formalidades entre nós, se desejar pode chamar-me de Calisto apenas.

Aaron aproximou-se e disse mais baixo para que apenas Calisto pudesse ouvir. – Percebi também, Calisto, a mensagem que quis enviar a nosso rei. Vejo em você bravura, impulso e força admiráveis. Saiba que acredito numa visão

progressista e não estagnada do reino. Lembro-lhe que a maior virtude de Whiteleaf e treinar os melhores cavaleiros e soldados de todo o reino.

– Entendo Aaron. Seria ótimo se pudéssemos acertar acordos colaborativos entre nossos baronatos.

– Sim, observei com cuidado seu avanço, desde que foi titulado Lorde na nossa capital. Vejo que ainda há muito por vir. Quero que saiba, que poderá contar com as forças de Whiteleaf.

– Isso é ótimo. Muito bom.

Em paralelo, uma conversa entre Julius Fortrail e Derek começou depois que o jovem Cavaleiro saciou sua fome. A conversa atraía a atenção dos membros da família real, em especial da princesa Hana. Derek, apesar dos traços idióticos, possuía postura forte e imponente que atraíram o interesse de Hana. A princesa percebia que Derek estava muito próximo a Calisto e que provavelmente compartilharia muitos de seus segredos. Notou também que não haveria chances dele resistir a seus encantos. Calisto não gostou de ver a aproximação de Derek e Hana e Serin ficava constrangido com a forma de agir da irmã. Pouco tempo depois, o príncipe pediu licença a todos e recolheu-se.

Aos poucos outros convidados se retiraram até que restaram apenas o Barão de Whiteleaf, o glutão Aukust Lersh, Lorde Lenidil e Sir Clyde.

Clyde dirigiu-se a Calisto pela primeira vez, – Entre nós, Barão Calisto. O que espera causar levantando assuntos polêmicos na presença do Clero, da Alta Escola, casas comerciais e da alta nobreza?

Calisto olhou o filho do duque nos olhos e disse, – Sir Clyde, passou tanto tempo calado não é mesmo? Imagino goste de escutar e observar como seu pai, não é mesmo?

Clyde coçou o bigode escuro e denso semelhante ao de seu pai e ergueu os ombros, tensos. – Que seja. Por favor, responda a minha indagação. Acha que é hora de levantar questões externas? Imagino que viajou muito e conhece os reinos e impérios das terras estrangeiras.

– E por que não seria hora de levantar questões externas? Diga-me senhor Clyde? Sabe de algo que não sabemos?

Clyde percebeu o treinamento em retórica que o rapaz possuía e foi incisivo. – O que espera? Levantar uma guerra contra forças que não conhece? Acha que isso aumentará a segurança ou o poder de nosso reino? Pois lhe digo, atitudes assim poderiam levar nosso reino à ruína!

– Ah caro, Aaron, acho que encontrei um opositor político! Que ótimo! Já me cansava de ser uma unanimidade!

– Pois sim, senhor Barão de Fannel, imagino que todos deveríamos pensar bem nestes assuntos antes de agir.

– Agir? Quem falou em agir. Sabe o que proponho?

– Pois não?

– Proponho que criemos expedições. Precisamos conhecer os reinos estrangeiros muito bem. E depois disso, digo que devemos plantar espiões nestes locais. Assim saberemos quem nos oferece perigo. Já não é o que fazem os dacsinianos?

Clyde ficou em silêncio, um pouco assustado com a postura e modo de falar do jovem barão.

– Sim! – prosseguiu Calisto, – O que acha que os dacsinianos estão fazendo? O tal vinho Baltimore? Acha que é apenas comércio? Não imagina que estejam plantando espiões no nosso reino? E quanto a grande casa comercial que foi inaugurada em Kamanesh? O que me diz da associação íntima dos membros da casa comercial Atir e os visitantes de Dacs? Em especial nas suas terras?

Clyde sorriu com ironia, – Claro, imagino o que pensa. São interesses comerciais apenas. A face deste mundo está para mudar, mas não como você imagina. O futuro está no comércio entre as grandes nações. Se não nos posicionarmos desde já, seremos engolidos.

Calisto riu e comentou bem humorado, – Seu pensamento romântico me faz rir. Em que tipo de mundo acha que estamos? Um mundo de comerciantes honestos e de respeito mútuo entre nações e pessoas? Ah Clyde... de onde vem sua inocência? De certo não herdou de seu pai.

– O que quer dizer com isso? O que sabe de meu pai?

Calisto debochou, – Aparentemente mais que seu próprio filho.

Aaron sentido que as coisas podiam piorar tomou parte. – Calma senhores! Foi uma noite cansativa, não é mesmo? Muito vinho, muitas emoções. – Enquanto isso, August Lersh observava a conversa com olhos arregalados e enchia a boca de carne estufando as bochechas.

Calisto relaxou deixando o peso das costas ir contra ao encosto confortável e alto da cadeira em que estava sentado. Clyde fez o mesmo e disse. – Acho que você está certo, meu caro Aaron. Sem ressentimentos? – Ofereceu desculpas a Calisto.

Calisto aceitou-os polidamente, lembrando-se de suas lições de etiqueta e de como seu professor havia morrido. Fato que fez com que mostrasse até um sorriso. Mas em seu íntimo pensava: “Pode deixar seu panaca! Vou guardar todos os ressentimentos possíveis. Quando eu subir, você vai dançar bonitinho!”

A ceia encerrou-se ali, mas a noite ainda tinha muito a oferecer.

CAPÍTULO 58

Calisto dirigia-se a seus aposentos e sua mente pulsava com idéias. Estava se enterrando profundamente no mundo político. Intrigas, cinismo e disputa pelo poder. Crescera sob a doutrina rígida o ente, Thoudervon e talvez como conseqüência disto, apesar do momento tenso que acabava de atravessar, tinha convicção de que tudo não passava de um jogo. E neste jogo, tinha tudo para tornar-se o grande vencedor. Mas ainda, algo o incomodava. Em seus mergulhos de raciocínio lógico e político, não conseguia enxergar certos fatores. Havia um movimento grande que causou grandes mudanças no reino de Lacoresh. De certo, isso teria de partir de uma forte ideologia, um forte objetivo. Havia um grande objetivo em comum, partilhado por Thoudervon, Weiss e até Maurícuis. De outra forma, não se aturariam. Até então, Calisto falhara em descobrir quais eram os reais objetivos que motivavam os atuais soberanos de Lacoresh. De certo, tratava-se de uma conquista de poder a nível mundial. Tudo indicava esta possibilidade, porém, faltava alguma peça, algum elemento para que tudo fizesse sentido. Por outro lado, haveria muito tempo para investigar e descobrir mais detalhes sobre o assunto. Por hora, o mais importante era cuidar das intrigas momentâneas e traçar estratégias de fortalecimento de seu baronato.

Seus pensamentos foram interrompidos e ficou surpreso ao perceber que alguém lhe aguardava na entrada se seus aposentos. Era uma figura misteriosa envolta em um manto escuro e com a face acobertada por um capuz. Um espião? Um assassino? Tinha um pacote na mão, o que seria?

Aproximou-se calado e desconfiado procurando sondar os pensamentos da figura que estava na penumbra. E então soube, tratava-se da Rainha.

– Majestade, o que faz aqui em uma hora destas? – sussurrou Calisto.

A voz da Rainha veio contida. – Senhor, como pode me reconhecer?

Calisto mentiu, – Olfato Majestade. – e aproximou-se. – Não respondeu à minha pergunta Alteza.

– Não pude resistir. Vim trazer-lhe um presente, pessoalmente. – sinalizou mostrando o pacote.

Calisto abriu a porta e disse, – Pois vamos entrar, se fossemos vistos juntos em uma hora destas...

– Sim.

A Rainha entregou a caixa a Calisto livrando as mãos para remover o capuz de sua cabeça. Os belos olhos escuros da jovem Rainha encontraram-se com os olhos mais escuros e enigmáticos de Calisto. O jovem observou-lhe a face alva e seus traços delicados. A situação trazia algum incômodo. Gostaria de livrar-se da presença dela o quanto antes.

Calisto sentindo o peso da caixa perguntou, – O que é?

– Livros. A coleção completa de E. Alembrel. – anunciou a Rainha a sorrir.

– Alembrel, não é mesmo? – Calisto abriu a caixa e sentiu o cheiro de tinta fresca. Havia sete livros no pacote, que era bastante pesado. Sobre eles havia um papel marcado, com uma escrita que não pode identificar na penumbra. Caminhou até a escrivaninha e aproximou o bilhete da chama de uma vela. Espantou-se ao reconhecer a própria caligrafia no mesmo. Logo abaixo de sua própria mensagem, havia algo escrito com letras delicadas: “Opor o amor? Será que sou capaz de amar?” Franziu as sobrancelhas sentindo uma pontada desagradável na boca do estômago. Imaginou, “Por Thoudervon! O que é isso?”

A Rainha, ansiosa sussurrou, – Decifrei seu código. Milagres acontecem meu estimado Calisto. Sim, eu sei que você pode amar. Basta que você me dê uma chance.

Calisto estava confuso e percebeu que havia marcas em seu texto original. Diversas letras sublinhadas: “Obrigado pelo ótimo romance. Objetivo. Aprisionou minh’alma. Obra rara? Senti estímulos reais. Antes que uma estrela surgisse, ocorreu-me uma coisa assustadora: Percebi as zombarias de E. Alembrel. Milagres acontecem Rainha?

As iniciais formavam aqueles questionamentos absurdos: “Opor o amor? Será que sou capaz de amar?” Uma estranha coincidência? Uma obra de sua mente adormecida? Um desejo secreto?

Perplexo, sentiu os pelos de sua nuca se arrepiando pelo toque das mãos da Rainha que se aproximou sem que percebesse. Via seu plano desmoronar. Fora pego de surpresa. Por um momento, não pode erguer a concentração necessária para colocar seu plano em prática. Planejava agir sobre a mente da Rainha, dando-lhe a impressão de que teriam se tocado e se amado. Porém, sentia o toque das mãos da jovem monarca contra as suas. Quando seus olhares se trocaram, suas respirações ficaram aceleradas. Havia um envolvimento que ia além de toda a frieza, crueldade e preparação que Calisto possuía. Estava desarmado pelo toque de Alena. Nem mesmo cogitou resistência, como fizera anteriormente com Hana. Em seguida, o toque de seus lábios selou uma linha de destino perigosa, especialmente para Calisto que almejava tanto. O

envolvimento com a Rainha era alta traição. E naquela noite, a primeira de Calisto como Barão do Reino de Lacoresh, consumava-se contra sua vontade racional, alta traição.

***

Sob diversos aspectos, traições ocorriam através de todo o Reino de Lacoresh. As teias de intrigas tecidas objetivando o poder eram inúmeras. Serin, um dos sete membros do conselho macabro que governava os destinos dos cidadãos do reino, respirava o ar gelado e sangrento da madrugada de Liont. De certa forma, ainda podia sentir o cheiro do sangue do Barão Ludwig, derramado pelos rebeldes favorecendo o jovem e imprevisível Calisto. Serin gozava de grande prazer sádico enquanto seus planos eram formulados em sua mente consumida pelas forças das trevas.

Ele sorriu prazerosamente ao perceber a aproximação de seu servo e ancestral, o Barão Dagon.

A criatura do além se aproximou, montado em seu gigantesco corcel de carne animada. Dagon anunciou em tom monótono e horripilante, – Meu Príncipe, respondo a seu chamado.

– É claro Dagon, é claro.

Dagon ficou em silêncio e imobilidade típicas de um morto-vivo.

– Escute meu servo, tenho uma tarefa para você.

O monstro assentiu. – Sim, meu príncipe.

– Desejo obter o corpo do jovem Adam Fannel.

– Sim, diga onde achá-lo e será seu.

– Isto fará parte de sua tarefa, meu querido servo.

Dagon ficou imóvel e silencioso novamente, como se estivesse realmente morto.

– Claro, use isto. – Serin estendeu o braço esquerdo. Em sua mão havia um broche trabalhado com motivos macabros. – Com este artefato, ficarão à sua disposição três espíritos das trevas. Use seu auxílio para encontrá-lo. Adam era meu discípulo e desejo recuperá-lo, as sombras o conheciam bem.

– Muito bem, se isso é tudo, aceito a tarefa.

– Sim, é claro que aceita. Apesar de não crer na possibilidade, ele poderia estar vivo, neste caso, se possível, traga-o vivo.

– Sim.

– Mais uma coisa. É certo que terá de enfrentar alguns rebeldes. Para tal, procure extrair do Barão Calisto alguma ajuda e lembre-se de não revelar a ele sua missão. Construa algum preceito e faça-o acreditar que se trata de uma simples caçada a rebeldes. Sei que o jovem Barão adora caçar rebeldes.

– Compreendo.

– Sim, é claro que compreende. É mesmo um servo forte e valioso. Minha obra prima.

Dagon mais uma vez voltou à sua pose de estátua. Serin apontou para a lua que dava forças ao morto e disse: – Vá meu servo. E quando tiver notícias mande-me uma das sombras.

CAPÍTULO 59

Uma viagem para longe de seus deveres como barão, era tudo que Calisto desejava. O primeiro mês à frente do baronato havia se provado um pouco enfadonho e sacrificado. O trabalho burocrático que estava ligado à posição de barão era muito maior do que experimentara como lorde em suas pouco extensas terras no sul. Lidar com os lordes das províncias que compunham Fannel era particularmente desgastante.

Enfim, estava livre de toda aquela loucura de sua pequena corte. Viajava rumo à Necrópole. Como havia planejado há tempos, levaria pessoalmente para Thoudervon os troféus maiores de sua recente caçada: o cavaleiro Vermelho, a espada flamante e armadura mística com mesmos brasões usados por Thoudervon. Para a viagem, tomou o caminho da floresta de Shind, pois queria evitar questões diplomáticas ligadas a uma visita sua ao baronato de Whiteleaf. O jovem barão fazia juízo de que ainda era muito cedo para tal.

Acompanhavam-no, em sua jornada o mago Chris Yourdon, cavaleiro Derek e o silfo Elser. Todos montados, conduziam uma montaria adicional com o Cavaleiro Vermelho amarrado e amordaçado.

Derek vinha há algumas horas conversando com Yourdon sobre a Princesa Hana. Estava apaixonado e em geral estava de bom humor. O mago zombava discretamente do gigante afirmando que havia sofrido abusos por parte da filha do Rei. Calisto dava pouca atenção para a conversa e estava tenso, sem demonstrar a seus companheiros de viagem sua apreensão.

– Eu não gosto desta floresta. – disse Calisto, dando vazão à sua ansiedade.

Derek suspirou e disse animado, – Ah, Barão, acho um lugar agradável.

– Não pedi sua opinião cavaleiro.

Derek sorriu e pensou, “O mesmo humor de sempre...”

– Não é uma questão de humor seu boçal! Sinto algo diferente. – Calisto transpirava preocupação.

Yourdon disse – Não há o que temer senhor, segundo o Mestre Alexanus, Shind nos é favorável. Temos um forte aliado aqui.

– Você acredita em tudo que seu mestre lhe fala, não é mesmo, mago tolo?

– Eu concordo senhor Calisto. – disse o silencioso Elser. – Algo não vai bem. Está tudo quieto demais.

Calisto suava e projetava sua percepção, buscando inimigos ou pensamentos nas redondezas. Nada recebia, achava aquilo muito estranho.

– Mago, veja se descobre algo com sua feitiçaria! Já!

Chris Yourdon, apesar de confiar nas palavras de seu mestre, aprendeu durante sua convivência com Calisto, a confiar em seus instintos. Pôs sua magia para funcionar buscando sinais hostis.

Derek considerou, – Poderia haver rebeldes em Shind?

Calisto considerou que era possível que rebeldes preparassem algum ataque para reaver seu companheiro.

Yourdon parou seu cavalo e franziu as sobrancelhas louras e delicadas. Calisto também parou, enquanto Derek e Elser avançaram um pouco. O cavalo que carregava Vermelho, preso ao de Yourdon também ficou estático.

O mago disse, olhando para um cristal que segurava nas mãos, – Magia... Sim, uma magia muito forte.

Em seguida, uma forte luz azulada, vinda de longe, tomou o lugar. Soou um estranho zumbido, que logo cessou. Yourdon gritou, – Preparem-se!

Antes que pudesse agir, Elser que estava mais adiante foi surpreendido por três criaturas que saltaram por cima de arbustos. Derek girou o cavalo dirigindo-se para perto de Calisto e dos outros. O cavalo de Elser empinou derrubando-o. Logo duas das criaturas, lobos grandes e fortes de pelagem cinza escura pulavam para atacá-lo. Ágil, o silfo pôs-se de pé empunhando seu sabre leve, possuidor de um fio letal.

Ao perceber que os primeiros três lobos eram seguidos por uma quantidade incontável destes Calisto virou-se batendo em retirada. Foi seguido por Derek e Yourdon. O mago expeliu uma labareda de fogo que pousou no solo alastrando-se. Uma grande pira de fogo ergueu-se bloqueando a passagem dos lobos, do outro lado, Elser fora deixado à própria sorte. Chris Yourdon ainda observou, atrás de si, o silfo sendo cercado pelos lobos com grande prazer. Finalmente se veria livre do maldito silfo que tanto odiava.

Era um guerreiro formidável e com um golpe certeiro de seu sabre eliminou um dos lobos. Porém, outros ataques chegavam. Teve sua perna mordida por um deles, este mesmo, perdeu a cabeça no instante seguinte.

As chamas de Yourdon, no entanto, não foram suficientes para afastar todos os lobos. Alguns seguiam-nos e logo Derek decidiu confrontá-los. Partindo em carga com sua espada proporcional a seu próprio tamanho cuidou de atingir um dos lobos mortalmente. Calisto surpreendeu-se ao perceber que seus ataques psíquicos nada podiam contra as criaturas. Num instante sentiu-se indefeso e

ameaçado. Chris estourava lobos como podia, com projéteis de fogo muito potentes.

O cavalo de Derek pinoteou, sendo mordido por dois lobos e o cavaleiro agarrou-se a um galho de árvore para evitar ser projetado no chão. Calisto desembainhou sua espada e viu-se forçado a lutar com as próprias mãos. Naquele instante arrependeu-se profundamente de não ter aceitado as sugestões de Weiss para atender ao treinamento de espadachim. Mesmo sem prática, contava com habilidades retiradas da cabeça de Derek. Antes de atacar, um segundo arrependimento, devia ter absorvido as habilidades de luta de Elser, quando teve oportunidade. Conseguiu ferir o lobo, porém não matá-lo. Derek desceu ao solo e aproximou-se da montaria de Calisto para ajudá-lo. Simultaneamente, Chris protegia Vermelho levitando-o para longe das bestas. O Cavaleiro Vermelho debatia-se e parecia querer dizer algo. Calisto captou seus pensamentos e ordenou a Chris que o libertasse. Feito isso, Calisto ofereceu-lhe a lâmina flamejante e logo, Vermelho pôs-se a lutar ferozmente contra as bestas virando o equilíbrio da luta. Depois de derrotar cerca de oito lobos pessoalmente, Vermelho suspirou ao ver os poucos que restavam fugindo floresta a dentro.

A magia presente na floresta e natural da região começava a agir. Uma chuva de orvalho gerada nas folhas as árvores colossais de Shind extinguia os diversos focos de incêndio iniciados por Yourdon.

Calisto respirava aliviado enquanto Derek e Vermelho se estudavam, imaginando a possibilidade de um confronto. Porém, Vermelho sem seu elmo místico, era um alvo fácil para os poderes mentais do jovem barão de olhos negros. Tombou como uma árvore serrada. Calisto gargalhou e disse, – Não é um tolo? Há há há!

Algo no fundo da formação de Derek como cavaleiro incomodou-se com a falta de honra de Calisto. Mas logo, o mal estar passou. Calisto ficou quieto e constatou, – perdemos Elser. Não posso captar seus pensamentos. – Encarou Chris, que estava exausto e indagou, – Que tipo de feitiçaria maldita foi esta?

– Não estou certo, mas me parece obra de um tipo de magia sílfica. Do tipo praticada apenas pelos anciãos.

– É mesmo? E quanto àquela história de que temos aliados poderosos em Shind?

Derek intrometeu-se, – Talvez tenha sido obra de silfos que auxiliam os rebeldes. Como o tal Alunil, que atacou as minas próximas a Xilos?

– Quem sabe... – Calisto foi reticente.

***

Nas profundezas de Shind, Elser ofegava, ferido e cansado. Olhava para uma sombra de forma indefinida que estava diante de si.

– Formidável! – Exclamou uma voz rouca e misteriosa. – Derrotou dez de meus lobos sozinho. Um feito e tanto.

– Quem é você? O que quer?

– Quem sou, você pergunta... Pode chamar-me de mestre.

Elser havia perdido muito sangue e estava com uma dúzia de mordidas e arranhões pelo corpo. – Mestre uma ova! – Desembainhou a espada e disse, – Se derrotei seus lobos, também posso derrotá-lo.

A sombra gargalhou e num instante seguinte a espada de Elser partia-se em dois. O forte impacto fez com que ele soltasse a espada sentindo um forte choque expandir-se por seu braço. – Desgraçado... Acha que não posso lutar sem uma arma? – Elser eriçou-se, assumindo uma postura semelhante às de Vekkardi.

– Você está cheio de surpresas, não? Será mesmo que pode lutar segundo os princípios do Kishar?

Elser não respondeu com palavras. Girou ao redor do eixo de seu corpo por três vezes e chutou o adversário. Apesar da velocidade perdeu seu alvo. Distante, a sombra gargalhou e disse. – Muito bem, minha paciência se esgota! – Logo, um golpe de punhos cerrados contra o ar, produziu uma lâmina luz obscurecida que atingiu Elser de baixo para cima, abrindo a partir de seu peito, um corte que subiu até a face talhando-lhe o rosto como se fosse feito de papel.

A dor era incomparável e Elser engoliu seu orgulho sílfico, percebendo que não tinha chances contra um oponente tão poderoso. Elser estava de joelhos no chão, apoiando o peso do corpo nas palmas das mãos.

– E então, o que vai ser? Servir-me ou morrer?

– Não desejo morrer.

– Então sua resposta é sim! Que ótimo.

– Sim, criatura maldita!.

A sombra aproximou-se, tornando-se uma silhueta de corpo esguio. Ergueu o silfo no ar pela garganta, com apenas uma das mãos e disse, – Lembre-se, a partir de agora deverá chamar-me de mestre.

– Sim, me.. me.. m.. – Elser não tinha fôlego e foi solto no chão. Tossiu, cuspindo sangue e finalmente disse, – Sim, mestre.

CAPÍTULO 60

Calisto estava para encontrar-se com a criatura que mais se aproximava de seu pai, o ente sobrenatural de nome Thoudervon. Temido por seus próprios companheiros de aliança, ele era o único dos membros do conselho dos sete que não mais estava entre os vivos.

A porta escura abriu-se sozinha rangendo um pouco. Thoudervon pode perceber o momento exato que o jovem de olhos eclipsados tocaria na porta, movendo-a com sua magia, e assim, o punho de Calisto apenas acertou o ar.

A voz sinistra do esqueleto anunciou, – Entre criança.

Calisto, apesar da penumbra, reconheceu o local. Tratava-se do laboratório de Thoudervon. Havia algumas diferenças, novas estantes e uma quantidade maior de objetos dispostos de forma organizada nas cinco grandes mesas que ali estavam.

Calisto gostou de ouvir novamente a voz de seu tutor. – Saudações poderoso Thoudervon, estou satisfeito por estar de volta.

O esqueleto estava imóvel, envolto nos mesmos tecidos avermelhados e empoeirados. Sobre a cabeça, o mesmo elmo de formas peculiares com chifres incrustados. Calisto imaginou que o ente sorria quando disse. – Calisto, Calisto... meu querido, sem refolhos.

Thoudervon virou-se e aproximou-se de uma das mesas sobre a qual havia diversos frascos multiformes com líquidos multicoloridos. Calisto ficou em silêncio e o esqueleto prosseguiu, – Imagino que esteja se divertindo bastante no mundo lá fora, não é mesmo?

– Ah sim, ó antigo, muito. Como deve saber, cheguei a receber o título de Barão.

– Isso significa apenas que para ficar como Dagon, basta que você perca a vida e a pele.

Calisto não gostou muito do comentário, mas continuou com seu planejamento, – Como queira. Trouxe-lhe presentes. – Neste momento, chamou mentalmente, “Derek, tragam os presentes.”

Pouco depois, Derek e Yourdon penetravam no laboratório. Derek arrastava pelas pernas o Cavaleiro Vermelho e Yourdon carregava, com certa dificuldade a armadura e espada. Thoudervon deu pouca atenção a Vermelho, estirado no chão. Sua atenção voltou-se para o material carregado por Chris.

Thoudervon sussurrou em uma língua desconhecida, – Hun’teb nizet guwrtz? Nur! Mett’x’zo xyp’pwe iutch? – Ao mesmo tempo aproximou-se com velocidade incrível de Chris que sentiu calafrios com a presença do ente morto-vivo.

A mandíbula de Thoudervon tremia e os dentes se chocavam como um chocalho. – Muito bem criança, enfim algo produtivo!

Calisto sorriu aproximando-se de Chris. – Imaginei que as peças seriam de seu interesse. É demais perguntar o que são e para que realmente servem?

– Depois Calisto, preciso examiná-las, já! Como se chama? – Indagou a Chris.

O jovem mago gaguejou, – C... C... Chris Your..d..don.

– Yourdon? Ah sim, Alexanus comentou sobre você uma vez. Coloque as peças sobre a mesa.

Chris obedeceu sentindo o coração bater forte e as pernas bambearem.

Thoudervon examinou a armadura feita com vistoso metal avermelhado, peça por peça, demorando bastante no processo. Calisto estava impaciente e ficou surpreso quando o esqueleto, empunhou a espada fazendo subir uma labareda até o teto.

– Poderoso Thoudervon, devemos sair?

– Isto não é necessário.

– Então vossa antigüidade poderá responder às minhas perguntas?

– Sim, em retribuição aos belos presentes.

– Por falar nisto, e quanto ao Cavaleiro Vermelho?

– Ah sim... – Thoudervon aproximou-se de Vermelho agachando-se ao seu lado. – Eis o pequeno ladrão de tumbas, não é mesmo? Você vai pagar caro por isto! Seu corpo é bom, muito bom, alias...

Vermelho olhou a criatura com horror, seria sua última visão. Thoudervon foi tão rápido que Vermelho nem soube o que o atingiu. Seu grito preencheu a sala e Chris ficou com um nó na boca do estômago. Logo Thoudervon estava de pé. Seus dedos esqueléticos estavam sujos de sangue. O mesmo sangue que escorria pela face branca e limpa de seus ossos cranianos. No lugar das órbitas vazias, os globos oculares de Vermelho giravam de um lado para o outro como se estivessem procurando se ajustar à nova face.

– Hum... – disse a criatura parando os olhos vivos sobre Calisto. – Me esquecia que a visão humana é tão limitada.... – Estalou os dedos, com uma intensidade possível apenas a uma mão esquelética. O laboratório iluminou-se

com uma perfeita e uniforme luz branca. Calisto fechou os olhos enquanto Derek e Chris levaram as mãos ao rosto.

– No entanto, sob a luz... – Os olhos verdes, amarelados de Vermelho brilhavam na face esquelética de Thoudervon. Vermelho, sem os olhos, gritava sem parar. Após outro estalar de dedos da criatura das trevas, calou-se. Yourdon observou com horror a maneira como a boca de Vermelho havia sido costurada. A partir daquele momento, escutariam nada mais que gemidos vindos do chão.

– Sim criança, vejo que está mais crescido. Já possui quase as feições de um homem. E, não seja impaciente, vou responder às suas perguntas. Aliás, o mundo lá fora fez com que você perdesse uma de suas virtudes.

– Qual?

– Não é óbvio? A paciência, o que mais?

Calisto ficou em silêncio, avaliando a afirmação de Thoudervon.

Thoudervon aproximou-se de uma estante pegando um pequeno baú. Dele retirou um anel, muito delicado, com três pedras escuras incrustadas. Aproximou-se de Chris e perguntou, – Sabe o que é isso, jovem?

Chris estava um pouco nervoso, mas já estava também muito mais controlado. – Sim, senhor Thoudervon.

– Prossiga.

– É um anel de contenção mas, está vazio.

– Bom. Faça-me um favor então, preencha-o.

– O que devo usar?

– Poder de fogo para resolver um combate de forma decisiva.

– Pois sim. – Em seguida, Chris apanhou o anel das mãos de Thoudervon e concentrou-se por alguns instantes. Retornou-o dizendo, – Pronto.

Thoudervon duvidou um pouco de que o rapaz tivesse feito qualquer coisa e examinou o anel com cuidado. – Muito bom rapaz, o que diria de ser meu assistente por uns tempos? Você teria muito a aprender.

Chris ficou apavorado. Sem saber o que dizer, ou como a criatura reagiria se fosse contrariada respondeu, – Ficaria honrado.

– Muito bem, vá até Argus e peça que sejam providenciados seus aposentos.

– Argus?

– Sim, é só perguntar.

– Muito bem, obrigado senhor.

– Apartir de agora, pode me chamar de mestre, sim?

– Sim, mestre Thoudervon.

– Ótimo!

Assim que Yourdon saiu, Thoudervon aproximou-se de Calisto entregando-lhe o anel. – Uma retribuição.

– Obrigado, Thoudervon.

– Neste anel, estão contidas três bombas de fogo, muito potentes. Poderão salvar sua pele eventualmente. Porém fique atento, não use em ambientes fechados e nem mesmo em alvos próximos, de outra forma, poderá se arrepender.

Calisto aproximou-se da mesa e tocou a lâmina da espada.

– Pois sim, sobre os artefatos. – Thoudervon aproximou-se da armadura organizando suas partes sobre a mesa. – Esta é a Couraça de Dhovak, uma armadura antiga, muito antiga. Forjada antes das grandes guerras. Já esta espada, é muito mais jovem, surgiu no período final das guerras, forjada pelos Anões e Silfos para combater as hordas. Uma lâmina elemental, naqueles tempos era chamada de Brasa Noturna. Está danificada... Impregnada com os eflúvios banais deste ladrãozinho de tumbas.

– Conte-me mais.

Thoudervon lançou um olhar gelado contra Derek. Calisto disse em seguida, – À superfície, Derek. Mais tarde nos falamos. – O Cavaleiro obedeceu sentindo grande alívio por sair do local.

– Devo confessar, meu jovem, estou satisfeito com sua atuação. Portanto vou lhe contar um pouco mais sobre o que desejar saber.

– Ótimo. Há muito acontecendo no Reino de Lacoresh, cresceu em mim a sensação de que estou demasiadamente desinformado.

Thoudervon aproximou-se de Calisto ficando face-a-face. – Compreendo. A informação é algo perigoso meu jovem. Conseguimos mais, na medida que merecemos e, se, obtivermos algo além do que estivermos preparados, passam a surgir muitos riscos.

Calisto olhava dentro dos olhos vivos e inumanos de Thoudervon com grande frieza e calma. – Pode falar, pois estou pronto para ouvir.

– Será mesmo? Será mesmo criança? – Thoudervon se afastou e girou seu corpo de forma inumana. – Pois então, pergunte.

– Qual o objetivo final disto tudo? Quero dizer, esta aliança de forças divergentes. O que pretendem.

– Vejo que entendeu um pouco do que se passa, criança. Nosso objetivo final é a grande eclosão.

– Grande eclosão? Eclosão de que?

– Ah sim, há muitas interpretações para o fato. Você pode ocupar seu tempo estudando sobre o assunto. – Fez uma longa pausa e prosseguiu, – É um jogo criança, tudo é um grande jogo e você, é uma peça muito especial.

– Disso já sabia. E esta Eclosão, seja o que for, quanto tempo falta?

– Não muito, criança. Poucos anos.

– E quanto ao meu papel?

– Ainda não criança, é cedo. Você precisa estar preparado.

– E quanto aos rebeldes, são uma ameaça?

– Não.

– Como pode dizer isto? E quanto ao ataque que sofri em Shind? Se eu fosse uma peça tão importante, como um ataque dos rebeldes no qual eu poderia ter morrido não ser importante?

– Aquilo? Não foram os rebeldes.

– Não, então quem? Há outra força de oposição que desconheço?

– Sem dúvidas, prematuro. Porém o que você sofreu, nada teve a ver com estas outras forças. Foi apenas uma brincadeira de mau gosto realizada por um de meus aliados.

– O que?! Tive minha vida ameaçada e perdi um de meus homens por causa de uma brincadeira? Um ataque por parte de meus próprios aliados?

– Sim. Rodevarsh é um silfo muito mimado, porém precisamos de sua força e astúcia. É ele, também, uma peça fundamental do grande jogo.

Calisto estava irritado e retirou os cabelos da face com um gesto brusco. – Sei! Isso tudo me parece uma grande porcaria.

– Veja lá o que diz criança. Seja como for, ele nunca faria nada contra você diretamente. De certo, estava com algum objetivo escuso em mente, nunca algo que pudesse me enganar, é claro. Talvez um teste ou...

Calisto explodiu, – Mas é uma grande porcaria mesmo!

– Hum, talvez você acredite que precise ser disciplinado, não?

Calisto apelou para as emoções, fazendo-se de vítima. – Droga, Thoudervon, é torturante agir no escuro. Não saber o que vai acontecer. Ser atacado por seus próprios aliados.

– Entendo criança, mas lembre-se: Primeiro, não existem aliados de verdade, apenas peças necessárias. Segundo, será bom para sua saúde se você puder recuperar sua virtude perdida, a paciência. Terceiro, faça o que quiser, mas nunca fique contra mim, no dia que isto ocorrer, você irá selar sua condenação final.

– Por acaso, você está me dando uma dica? Está me dizendo que se por acaso, eu destruir aqueles que odeio, como Maurícius, Serin ou Rodevarsh,

estaria tudo bem? Ou ainda, que eles são peças assim como sou, e, que em um jogo, peças caem, mas são substituídas por outras?

– É um ponto de vista interessante, primogênito, é verdade que em muitos jogos, uma peça pode tomar a função de outras, mas nestes casos lembre-se: quão maior a importância de uma peça, mais cresce o desejo dos adversários por derrubá-la.

“Ou obtê-la.” Pensou Calisto secretamente.

CAPÍTULO 61

As fortes trevas presentes na Necrópole comprimiam o coração de Vekkardi deixando-o desanimado e fraco. Para sua surpresa, não fora preso ao chegar na cidade. Na realidade, poucos pareciam importar-se com sua presença. A maioria dos transeuntes eram esqueletos ou zumbis, sempre muito ocupados executando mil tarefas e nunca respondiam a seus questionamentos.

Logo, pôde trocar algumas idéias com acólitos que surgiam ocasionalmente. Perguntou-lhes sobre Argus Termatus. Alguns dos acólitos da seita necromante eram até prestativos e lhe ofereceram água e comida. Argus parecia ser um sujeito muito ocupado e conseguir falar com ele provou-se ser algo muito difícil. Desanimado se quase sem força de vontade, Vekkardi acabou aceitando um alojamento oferecido por um acólito que lhe foi simpático.

O discípulo de Modevarsh perdera a noção do tempo e não sabia ao certo há quantos dias estava naquela cidade. Passava a maior parte do tempo quieto e pensando, sempre em coisas ruins. Predominantemente sobre seu irmão. Mesmo que desejasse, sentia dificuldade grande para pensar em seu mestre ou em qualquer outra coisa boa. Por vezes, chorava por horas a fio. Ficasse ele naquela situação, definharia e, talvez, também seria transformado em um zumbi.

Tudo isso desapareceu e irrompeu-se um momento de fúria. As emoções negativas eram potenciadas naquele local. Ao ver o necromante Clefto atravessando a rua diante de si, saltou pela janela em seu encalço.

Clefto, muito surpreso exclamou, – Você!?

Foi apenas o que foi capaz de dizer. Em seguida, recebia uma seqüência furiosa de golpes lançados por Vekkardi. Num primeiro instante, os acólitos observaram entretidos. Logo perceberam que se não interferissem o necromante mais graduado seria morto. Uma teia negra e pegajosa imobilizou Vekkardi, que gritava, – Exijo ver Argus! Quero ver Argus Termatus! – Em seguida, Vekkardi foi aprisionado em um calabouço.

Com a confusão estabelecida, Vekkardi conseguiu o que desejava. Um dos acólitos subordinados a Argus contou-lhe sobre o ocorrido. Naquela noite, Argus faria uma visita ao calabouço.

Argus desceu as escadas calmamente. Carregava consigo uma tocha cuja chama vívida lhe revelava a face. Possuía um queixo pontudo e protuberante, nariz fino e cabelos encaracolados curtos. Em toda sua face haviam feridinhas,

parecidas com as de Kurzeki, porém pontuadas com pontos amarelos de purulência.

Argus chutou a grade da cela de Vekkardi, fazendo-o acordar.

– Queria tanto falar comigo? Pois fale de uma vez. – rosnou o estranho e doentio necromante.

– Argus? – disse Vekkardi sonolento.

– Claro! Vamos logo com isso, seu perdido, não tenho a noite toda.

– Meu irmão, você precisa ajudar meu irmão.

– O que tem seu irmão?

– Foi zumbificado. Há reversão?

– Sim, o processo pode ser revertido. – disse Argus e pensou, “Em uns poucos casos.”

– Por que razão perderia meu tempo recuperando seu irmão, rapaz?

Vekkardi gritava e chorava descontrolado, – Ele é meu irmão, não entende? Minha única família!

– Comovente, mas acho que vou fazer diferente, converter-lhe-ei num belo zumbi! Depois disso, vocês serão uma família novamente, mortos e felizes.

– Não! Não pode fazer isto comigo! – Vekkardi agarrou as barras de ferro. Estava furioso e uma força oculta fez com que as mesmas vergassem, lentamente. Fazendo força descomunal disse, – Eu vim de muito longe, passei por muita coisa...

Argus arregalou os olhos ao ver a façanha do estranho, mais um instante estaria livre. Sentiu um aperto no estômago e poderia jurar que o estrangeiro contava com a ajuda de uma legião de espíritos malignos.

– Se está tão determinado, estou certo de que podemos fazer um acordo. – sugeriu Argus.

Vekkardi parou ofegante e olhou nos olhos do necromante. – Seja lá o que for, se você falhar, se não trouxer meu irmão de volta, mato você pessoalmente.

– Se os termos são estes... Se você falhar que esta máxima possa ser aplicada em ambas direções.

CAPÍTULO 62

Os hinos entoados pelos acólitos da Real Santa Igreja deixavam Calisto tranqüilizado e ajudavam-no a pensar. Era dia de culto na Catedral de Liont e sua posição de Barão exigia sua presença. Sua visita à necrópole não saia de seus pensamentos. Observava o interior da catedral no fim de tarde. Luzes vibrantes atravessavam os vitrais multicoloridos refletindo sobre o interior repleto de esculturas e ornamentos com temas religiosos. Muita riqueza era ostentada naquele templo, com figuras cobertas por ouro, prata e pedras preciosas. Se nos tempos atuais apenas as vozes de falsos profetas podiam ser ouvidas nestes espaços, ao menos, algum traço da divindade ainda podia ser percebido na beleza das formas, cores e espaços.

Sua mente isolava-se do entorno travando possíveis conflitos políticos. Vantagens, desvantagens, causas e efeitos. No meio de sua trama um desvio: uma fragrância ou cor levou seus pensamentos à rainha; Alena. Como ela atrapalhava seus planos! Como ela atrapalhava tudo!

O culto prosseguia, diversos meninos e meninas de olhos eclipsados eram levados ao altar e louvados. Era neles que o povo ignorante depositava suas esperanças. Os anunciadores de um tempo de paz e grande fartura. Enquanto os hinos deixavam o barão mais calmo, a ladainha proferida pelo Bispo Piont conseguia irritá-lo profundamente. Na mente de Calisto novos pensamentos: “A grande eclosão! Grande eclosão? O que poderia significar? Preciso descobrir sobre isto a todo custo!”

Por vezes, Calisto começava a detestar as responsabilidades adquiridas por sua nova ocupação. Considerou por várias vezes os pesos de suas decisões. Por que não fugir com a Rainha rumo a Dacs? Poderiam levar muitas riquezas e ter uma vida calma e proveitosa. Mas e quanto ao estratagema dos sete aliados obscuros? Não poderia dar as costas para algo assim. Corria o risco de ser vítima da eclosão. O que aconteceria com lugares distantes como Dacs? Seriam dominados? Envolvidos em algum conflito? De que valeria riqueza. De nada! A única coisa que tem valor é a força e astúcia. No fim, tudo se resume à lei do mais forte. É por isso que precisava ser forte e astuto.

Tomado pela surpresa, ouviu em sua mente: “Caro Barão. Não deve descuidar-se dessa forma com seus pensamentos!”

Calisto fechou sua mente, percebendo sua distração. Talvez a música, talvez Alena. “Radishi? Tão perto?” Uma olhadela para trás, revelou ao longe, como fonte dos pensamentos, um homem envolto em manto humilde, feito de retalhos sujos e envelhecidos.

“De certo, meu caro amigo, é hora de conversarmos sobre assuntos importantes”.

“Muito bem, diga o que deseja rebelde atrevido!”

“Desejo ajudá-lo, e muito. Mas antes você precisa se decidir.”

“Fala de tomá-lo como professor, não é?”

“Sim, tenho observado você e aguardando uma boa oportunidade para discutirmos o assunto”.

“Como assim, me observado?”

“Para mim, é uma tarefa simples manter minha presença oculta, mesmo com suas faculdades”.

“Entendo. É um grande jogo e já tomei minha decisão: não serei mais um peão.”

“Muito bem. Que possamos acertar nossos encontros. O que acha de tomar lições aqui mesmo na catedral, durante os cultos?”

“Está certo disso?”

“Imagino que seja a melhor maneira de não levantar suspeitas indesejadas. Afinal, podemos trabalhar com a mente. Mas está certo, meu caro, para algumas lições mais duras, talvez precisemos combinar um outro local. Afinal, não seria bom se você fosse visto gemendo ou desmaiando durante os cultos.”

“Percebo”.

“Comecemos na semana próxima e lembre-se: fique longe da cordilheira.”

Desfizeram o contato mental e cada qual pensou separadamente.

Calisto pressionou os punhos e cerrou os olhos. “Ainda vou saber mais sobre meu velho...”

Radishi virou-se para abandonar a catedral e pensou com um leve sorriso nos lábios, “Acho que há esperanças. Afinal, agora surgiu uma gota de amor sincero em seu coração. A rainha será a chave para retirar o filho de Shaik Kain das trevas. E qualquer um que ama, deve ser conduzido à senda do bem”.

***

Algumas semanas e suas respectivas lições haviam se passado. Calisto ainda não havia despertado os centros de poder de sua mente e as preocupações de

Radishi aumentavam. A cada dia, a cada semana, as trevas avançavam e novas situações de tensão surgiam. Temia com todas suas forças que a revelação intuitiva que tivera fosse concretizada. Temia o encontro entre pai e filho, tão diferentes em suas ações, mas da mesma dureza de suas naturezas internas, a mesma teimosia. Teve maus pressentimentos ao saber da viagem de seu novo discípulo em direção à cordilheira de Thai, pois os recentes conflitos na região não ficariam sem uma resposta.

Não soube de detalhes porém um fato era notável: Thodur Balink, patriarca dos anões remanescentes que viveram na região próxima à antiga cidade de Xilos, havia retornado de uma jornada de volta da grande nação dos túneis de Greyslate. Os poucos anões libertados por Modevarsh, Gorum, Archibald e Radishi, retornaram à suas terras, levando consigo alguns humanos, todos ex-cativos sob domínio e torturas dos necromantes.

A expedição de Calisto já estava distante das terras de Fannel. Haviam atravessado os baronatos de Bandeish e Whiteleaf sob disfarce, pois não havia justificativa para visitas oficiais, nem mesmo para perda de tempo com formalidades que a nobreza e o clero não dispensariam.

Porém, teve um encontro extra-oficial com o Barão Aaron de Whiteleaf. O encontro deixou o jovem Barão de Whiteleaf bastante preocupado e na manhã seguinte, houve grande movimentação de tropas e mensageiros por todo o baronato.

Deixando os limites da civilização, o Barão Calisto pode dispor-se de seu disfarce.

Estava acompanhado pelo Cavaleiro Derek, um tanto quieto nos últimos dias. Além do cavaleiro, viajavam alguns membros de sua guarda pessoal e um experiente batedor que carregava mapas e planos de viagem. Rayan, outro homem de confiança do jovem barão, estava ocupado como o de costume e resolvia pequenos problemas políticos na província de Vaomont.

Os pensamentos de Calisto circulavam entre alguns temas. Sua última conversa com Thoudervon, suas lições com Radishi, sua amada Alena e a questão dos anões. Fora escolhido para investigação, justamente por ter a chance de sondar-lhes as intenções. Se representassem uma ameaça, deveria dissuadi-los ou se possível, eliminá-los.

Lidar com um bando de anões seria coisa simples, porém, tinha um mau pressentimento quanto à jornada. Lembrava-se das advertências de Radishi quanto a ir até a cordilheira de Thai. Seria possível que seu pai tivesse alguma forma de localizá-lo? Haveria um confronto?

Enquanto indagações e mais indagações passavam pela mente preocupada de Calisto, Derek bocejava entediado. – Senhor? Não seria melhor acamparmos por aqui e seguir montanha acima amanhã?

– Como quiser Derek... Cuide de nossas defesas.

Aproveitando a deixa, Calisto sentou-se em uma rocha e passou a observar o sol, já baixo, descendo nas terras dos bestiais. Precisava praticar meditação conforme os ensinamentos de Radishi. Concentrando-se já podia captar pensamentos e emoções em distancias cinco vezes maiores que costumava fazer no ano passado. Tudo tranqüilo, nenhuma presença ameaçadora. Apenas alguns animais pequenos, insetos, etc. Percebia a preocupação de seus homens e em Derek as coisas de sempre. Desejo de comer, beber e mulheres. Algo havia mudado no íntimo do cavaleiro após contatos íntimos com a Princesa Hana. Havia algo que não podia enxergar com clareza, um ponto escuro. Isso só reforçava sua crença de que Hana deveria ser uma bruxa perigosa. Precisava tomar muito cuidado com ela. Mas por hora, tanto ela como a Rainha Alena estavam distantes e não poderiam causar maiores problemas.

A noite avançou rápido e Calisto observava sua passagem sem dormir. Aprendia a relaxar os músculos e olhos através da meditação. Assim podia minimizar sua necessidade de dormir.

Com a chegada da manhã bastante fria, tiveram uma prévia de como seriam os próximos dias de viagem. O clima na cordilheira era sempre frio, independente da estação. Depois do primeiro dia de subida, mesmo sem a presença de neve, o frio já era difícil de suportar. Ventos gelados cruzavam os céus e neblinas constantes bloqueavam a visão. A certo ponto, Calisto se questionava. Por que um barão deveria se submeter a uma viagem como estas? Por que não gozar do calor e conforto de seu castelo? Sabia a resposta. E detestava. Isso ocorria porque na verdade, apesar de ter adquirido o título de Barão, sua função era de mero peão no contexto do reino.

Chegava o tempo de mudar isto. Era hora de mudar o rumo dos acontecimentos. Precisava de um trunfo para jogar e percebia nesta missão uma oportunidade. Três dias de frio, ventos torturantes, roupas molhadas e noites mal dormidas traziam o humor do jovem barão a níveis perigosos.

Derek e sua guarda pessoal, habituada ao mau humor e maus tratos de Calisto, escutavam suas reclamações, exigências e insultos sem pestanejar. Porém, o batedor que guiava o grupo não suportava mais a viagem.

Calisto, irônico, chacoteava do batedor enquanto tentava organizar os mapas e traçar referências. – Eu tenho certeza de que chegaremos ainda hoje a nosso

objetivo. Não concorda, Derek?

– Por que não pergunta ao guia? – retrucou o cavaleiro de boca cheia. Mascava goma de raiz para enganar sua fome.

– E então guia, o que nos diz? Tem certeza de que é capaz de se orientar em em face de dias seguidos cheios de nevoeiro?

O guia parecia concentrado na tarefa que executava, agachado observando mapas contra o solo. Acabou por ignorar a fala de Calisto.

– Escute moleque! Estou falando com você! – disse Calisto irritado, ao mesmo tempo que golpeou o rapaz com um chute na barriga.

O guia rolou de lado e encarou Calisto com ódio nos olhos. Calisto advertiu, – É melhor não dizer o que está pensando.

O rapaz levantou-se bufando. Era a gota d'água. – Se sabe o que penso maldito bruxo? Por que não dizer em voz alta?

Calisto empinou o nariz de forma característica e deu um sorrisinho irônico. Balançando a cabeça descrente do que via comentou, – Mas não é verdade? O pajem resolveu insultar o barão!

O rapaz finalmente explodiu, – Barão? Você não é nem meio barão! Não passa de um moleque mimado e afeminado que usurpou sua posição através de tramóia mesquinha e covarde.

Derek deixou escapar uma risadinha e Calisto fechou a cara dizendo, – Eu avisei para você não dizer o que estava pensando! Agora...

– Agora o que? Seu afeminado? Vai mandar seu macho aí atrás acabar comigo? Covardão! Isso é que é! Nunca teria a coragem de me enfrentar de homem para homem!

Percebendo a postura da guarda e de Derek frente o desafio, Calisto fez o gesto simbólico de que aceitaria uma luta: desabotoou sua capa deixando-a cair no chão. – Já agüentei sua petulância mais do que devia. É hora de termos um novo guia para esta expedição.

Calisto era cruel e injusto. Lia cada intenção de ataque do pobre guia que errava golpe após golpe. Em momento algum precisou usar as mãos. Castigou-o com rasteiras e pontapés dados com vontade e à vontade no pobre rapaz. Após castigá-lo de forma impiedosa por um bom tempo, pisou-lhe o peito e fazia esforço para escutar as palavras do rapaz moribundo.

Com a boca cheia de sangue e alguns dentes a menos, o rapaz murmurava. – Maldito bruxo de olhos negros... Maldito seja...

Calisto ajoelhou-se sobre um dos ombros do rapaz e segurou-o pela garganta. Percebeu a intenção do guia em cuspir em seu rosto, mas antes disso

dominou sua mente e paralisou seu rosto. Por alguns instantes se encararam, Calisto vasculhou suas memórias e serviu-se do que lhe era útil. Aprendeu a ler mapas um pouco melhor do que fazia e tomou uma série de informações geográficas sobre o reino de Lacoresh e suas redondezas. Violou de forma tal a mente do rapaz que aos poucos destruiu sua sanidade.

Calisto levantou-se buscando os mapas no chão presos com pedras para não voarem. Olhou para Derek e sua guarda que olhava-no com horror nos olhos.

– Que vida fútil e infeliz a deste rapaz. Que bom para ele que chegou a um fim. Se algum de vocês quiser exercitar a piedade, eu permito que lhe tirem a vida. De outra forma, ficará deitado aí, com a mente de uma mula, apenas esperando a morte chegar, ou que pássaros o comam vivo.

CAPÍTULO 63

Vekkardi limpava o suor do rosto e fazia careta de cansaço. Apesar de todo frio, havia escalado paredões e caminhado por trilhas tortuosas quase o dia todo. Os picos gelados ao norte assumiam tons rosados, pois o crepúsculo estava próximo. O peso de sua missão torturava-lhe a alma. Como levar sozinho seu irmão de volta à necrópole? Como obter a obediência de um carniçal sedento de sangue? Carregá-lo sozinho seria impossível. Mas ao mesmo tempo, não podia contar a ninguém que estava negociando com necromantes. Principalmente ao velho silfo Modevarsh.

Desde que deixara a necrópole, há muitos dias, não conseguiu concentração para meditar. Imagens terríveis do que viu e sentiu, estando no epicentro de todo mal que se espalhava por Lacoresh, não deixavam-no descansar. Em parte, já estava arrependido por ter feito um contrato com tais bruxos das trevas, amantes da morte e destruição. No entanto, depois de tanto, recuar não era mais uma opção.

A noite fria tinha ares sinistros e o céu mantinha tonalidades púrpuras. Nuvens escuras cruzavam com velocidade impulsionadas por ventos pujantes. Mesmo cansado, fazia exercícios físicos para manter-se aquecido. Exercitar-se o ajudava a limpar sua mente. Há tempos não conseguia trazer à consciência um estado de limpeza tal qual naquele momento. Era como se nuvens escuras se afastassem de seus olhos trazendo a tona, ecos do passado.

Durante anos Vekkardi foi um aluno dedicado aos ensinamentos de seu patrono, Alunil. Aquela noite trazia lembranças da primeira vez em que teve sua mente aberta para as energias do Jii e da Mana, que tudo cercam. Através de meditação profunda foi capaz de enxergar os pequenos Nan-lus, espíritos invisíveis da natureza, dançando na noite escura.

Logo, a noção de que não havia espaços vazios deixou-o fascinado. De que como o ar, invisível aos olhos, mas possível de sentir na forma de vento, havia forças invisíveis com as quais podia tomar contato. Como o ar, que se tornava visível em forma de nuvem, neblina ou fumaça, a sensibilidade à Mana e ao Jii dava forma aos Nam-lus, auras e até pensamentos.

Assim, com boas lembranças do passado, sem lembrar-se do drama de seu irmão por alguns instantes, Vekkardi adormeceu.

Não muito longe do local de descanso de Vekkardi, Radishi meditava profundamente sobre graves questões. Descansava em um pequeno chalé isolado ao norte da província de Vaomont. Preocupava-se com Calisto e com seus planos para o jovem. Dias antes, teve uma longa conversa com Modevarsh no esconderijo das montanhas. Precisava saber sobre as previsões do velho silfo. A conversa deixou-o apreensivo e intrigado. Percebeu que as forças do velho silfo se esvaíam. Havia um olhar sombrio nos olhos do velho silfo, como se soubesse que a morte se aproximava.

– Filho – dissera o velho. – Breve irei deixá-los.

Radishi preocupado tentara minimizar. – Não fale assim. Apostaria que ainda viverá muito mais que a expectativa de vida humana poderá me oferecer.

– Talvez, bom Radishi, talvez se eu não tivesse abandonado minha proteção na pele do vigoroso Alunil. Mas, agora sei que minha hora está próxima. É o preço que devo pagar por tentar ludibriar o tempo. Tentei me alinhar com um processo de purificação dos antigos para o qual não estava preparado. É triste constatar a ruína que caiu sobre minha raça.

Radishi ficara em silêncio por alguns momentos e Modevarsh desabafou. – Queria eu deixar essa terra, pela simples ação do tempo. Percebo, no entanto, que me está reservado um destino menos ameno.

– O que quer dizer? – perguntara o Tisamirense com olhos preocupados.

– O que por muito tempo imaginei e agora tenho certeza. Que confrontarei meu irmão Rodevarsh, muito em breve. Sempre soube, talvez por isso tenha fugido, talvez por isso tenha me tornado Alunil. Mas, agora nosso encontro é apenas uma questão de tempo... – o velho silfo fora reticente e havia pesar em sua face, velha e cansada.

Radishi novamente permanecera silencioso e Modevarsh voltara a falar. – Sim, sim. Perdoe-me o desabafo, sei que não é por isso que veio tão longe. Está preocupado com Lacoresh, não é mesmo? Preocupado com seu discípulo, o jovem e ambicioso Calisto.

– Sim. Temo que se meus esforços para usar sua força a favor da rebelião falharem, seria o fim...

– Em meu sonhos tive visões terríveis quanto ao futuro próximo. Sofreremos irreparáveis baixas. Vejo uma terrível escuridão se aproximando, mas quanto a seu trabalho, estou certo de que os resultados serão significativos. Mas para que ele trabalhe de vez do nosso lado, você sofrerá.

Na ocasião. Radishi levantou-se e passou a mão sobre a barbicha. Estava inquieto, algo incomum em seu comportamento e inquiriu curioso, – Como assim? O que mais pode me dizer?

– Minhas visões não são precisas. Não estou certo de como será o progresso dos eventos. Apenas sei. Como soube que o pobre Rikkardi sucumbiria ao decidir enfrentar os necromantes.

– O que devo fazer? Se Rikkardi tivesse escutado o senhor, tempos atrás, não teria sucumbido, estou certo? Quero dizer, nossas ações e decisões fazem a diferença não é mesmo, senhor Modevarsh?

– Sim. Fazem. Mas nem sempre. Se não fossem os mistérios profundos que regem os astros e as milhares de vidas em nossa esfera, não seríamos nada além de carne animada por magia necromante, sem real vontade própria e com destinos indiferentes.

Houve um longo silêncio. Parecia não haver mais nada a dizer. Radishi estava pronto para partir quando Modevarsh aproximou-se o abraçando.

– Adeus meu filho. É possível que seja a última vez que nos falemos.

– Adeus Modevarsh.

O velho silfo estava bastante alterado. Radishi nunca o havia visto daquela forma. E então o velho disse pausadamente, – Se me permite, há algo mais que gostaria de lhe contar. Um peso que me oprime o coração. Tenho sua permissão para aliviar o meu e constranger o seu?

– Sim. Penso que aliviar o peso de seu coração é o mínimo que posso fazer.

Seus olhos experientes brilhavam esbugalhados. Por um instante, deixou de olhar para Radishi focalizando a vista no horizonte distante, invisível de dentro da caverna. – Pois então escute: Trevas. Terríveis acontecimentos aproximam-se. Não falo do que os necromantes representam. Pois da morte, sempre retornamos, de uma forma, ou de outra. Aprisionamento e corrupção estão à espreita. Das fendas esquecidas, dos abismos distantes, o mal, puro e pungente deseja escapar. Algo pior que a ambição e guerras trazidas pelos necromantes. Algo que não pode ser permitido. Mas meu tempo se esvai. Não estarei mais aqui para ajudar quando chegarem notícias do oráculo. Pois só o oráculo será capaz de revelar como estabelecer os antigos elos e afastar o mal mais uma vez, que deseja apossar-se desta terra. O mal que imprimiu tanto sofrimento nos povos, o mal que arruinou nossas raças, um dia mais belas e puras.

Radishi ouviu com atenção e por empatia, ampliou seu elo mental com Modevarsh. A dor e desespero que sentia eram imensas. De imediato, seus olhos claros se encheram de lágrimas. Frente a maior das escuridões, seu pensamento

voltou-se a maior das luzes. Tisamir. E logo, uma projeção de possíveis discussões que teria com os mestres de Tisamir tomou sua mente. Toda discussão veio acompanhada da conclusão inevitável. O povo de Tisamir, com seu modo de vida e pensamentos elevados não se misturariam às trevas de forma alguma. Conseguir seu auxílio seria impossível. Não podiam manchar sua virtude adquirida misturando-se aos conflitos emergentes. A indiferença dos tisamirenses tirava Radishi do sério. De que vale tanta virtude, tanta pureza, tanta luz? Se não puder ser usada em favor do bem? Nada.

Modevarsh tocou o ombro do jovem trazendo-o de volta ao momento. Tinha algo em sua mão esquerda. Um pequeno amuleto de cerâmica lustrada, preso a um cordão. Algo semelhante a um anel, porém de formas elaboradas. O silfo deu-o a Radishi e disse. – Esta peça é muito especial. Não é um amuleto mágico, como poderia pensar. No entanto, é feito de terra que não é desta esfera. Algo raro, que pode passar desapercebido ao olhar de muitos nesse mundo. No entanto, é um presente divino. Use-o. Pois sinto que lhe será útil.

Radishi tomou o amuleto nas mãos e observou-o de perto. Suas formas não eram familiares e apenas com grande atenção pode notar, algo escrito com caracteres minúsculos.

– O que diz aqui? – estava curioso.

– Muita coisa. Se traduzido para nossa língua, poderia ser tão extenso quanto um livro, ou curto como uma sentença. Depende da interpretação.

Radishi franziu a testa. Estava intrigado. – Como assim?

– Não importa. Carregue sempre contigo e lhe trará boa sorte.

– Como conseguiu? De onde veio?

– Está na minha família há muitas gerações. – Após uma breve reflexão, completou, – Meu irmão, nunca pôde compreendê-lo. Em seu senso de praticidade, chegou a desprezá-lo. Só depois de muitos anos, aprendi um pouco sobre este amuleto. Na realidade, não é nada mais que terra aquecida. Sem magia, apenas terra. Porém, o que vale é seu significado simbólico. O que simboliza.

– E o que este amuleto simboliza?

O velho enumerou, com calma. – Compaixão. Misericórdia. Esperança. Amor.

– Entendo. – disse o jovem como forma de concordância

O velho sorriu e disse. – Não, ainda não entende. Mas um dia vai entender.

– Não pode escapar a estas trevas que se aproximam? Escapar de um confronto com seu irmão?

Modevarsh sorriu bondoso, voltando a seu estado de espírito usual. Como se o peso do que guardava dentro de si, tivesse todo ido embora. – É meu destino, meu filho. Um resgate de dívidas que não posso mais adiar. Devo ao menos tentar ajudar meu irmão a livrar-se das trevas.

Radishi olhou-o nos olhos, pela última vez. Despediu-se com um sorriso. O velho silfo reforçava suas crenças. As mesmas crenças que fizeram com que optasse por deixar, possivelmente para sempre sua terra natal. As crenças que faziam com que ficasse frente a frente com as trevas confrontando-as. Diferente de seus conterrâneos, decididos a evitá-las a todo custo.

CAPÍTULO 64

O inverno vigoroso chegara inesperadamente forçando o silfo Roubert a tirar a vida de um animal. Com pesar e bastante respeito pelo cervo abatido, removia-lhe a pele, e órgãos internos. Lavava-o nas águas geladas de um riacho, afluente do rio Aluviris, que descia as montanhas da província de Vaomont. Havia um rastro avermelhado traçado na neve, levando até o local no qual o animal fora abatido por uma flechada precisa. O trato com o animal deixou as vestes de Roubert sujas de sangue. Nesses tempos, o silfo deixara seu cabelo e barba, negros e anelados, crescerem um tanto. Já não usava cavanhaque como de costume.

Perto dali, esperavam por ele alguns rebeldes recém foragidos precisando descansar e comer. Radishi chegara duas noites antes e tiveram uma rápida conversa sobre a Modevarsh. O Tisamirense procurou não repassar as preocupações do velho silfo, apenas deixou claro que talvez Roubert devesse fazer uma visita ao ancião antes de partir para encontrar-se com a facção sulista da rebelião, próximo à capital do reino.

Saíram juntos da cabana logo cedo, porém com destinos diferentes. Roubert precisava caçar e Radishi fora investigar uma presença mental, forte e incomum, recém-chegada à região.

Quase ao meio do dia, ainda sob céu nublado, Radishi conseguiu ter certeza a quem pertencia o padrão mental que captara, por alguns instantes, no início da madrugada. Tratava-se de Vekkardi. Com a constatação, o Tisamirense, tenso, olhou para o céu e suspirou forte. Desenrolou da face uma manta que o protegia contra o frio. O ar quente que saiu da boca, desenhou uma nuvem vaporosa que sumiu a favor do vento. Respirou profundamente o ar gelado das montanhas cobertas de neve e concentrou-se. Não muito longe, Vekkardi pode ouvir em sua mente.

“Vekkardi! Estou surpreso em encontrá-lo”

O viajante tropeçou surpreso pelo contato mental inesperado. Apoiando as mãos sobre a neve procurou recompor-se.

Pode ouvir a voz do tisamirense dentro de sua cabeça de novo. “Desculpe-me se o surpreendi... Mas imaginei que assim pouparíamos tempo.”

E então, houve silêncio. Vekkardi estava despreparado. Radishi poderia sondar sua mente, ler seus pensamentos, saber que esteve entre os necromantes,

descobrir suas intenções. Decidiu confiar no que aprendera com Alunil sobre disciplina mental.

“Radishi? Pode me ouvir?”

“Pois sim, Vekkardi. Sugiro que nos encontremos o quanto antes. Gostaria de ouvir novidades suas.”

“A que distância você está? Consegue saber?”

“Não muito longe. Fique onde está. Será mais fácil para eu localizá-lo.”

Vekkardi aguardava tenso. O que faria quando ficasse cara-a-cara com o tisamirense? Será que Radishi o ajudaria? E se mentisse? Conseguiria de fato esconder a verdade de alguém capaz de ler pensamentos? Perceber emoções?

Quando avistou Radishi aproximando-se procurou relaxar um pouco. Estava coberto por pesadas roupas de frio. Há tempos não o via de turbante. O rosto também estava escondido, podia apenas reconhecê-lo por seus olhos de azul cristalino. Era certo que o tisamirense captaria alterações no seu estado emocional, captaria a tensão. Mas tensão não pressupunha traição. Pelo menos não de antemão.

O alívio foi grande quando após rápidos cumprimentos, o tisamirense sugerira discutirem sobre sua viagem durante uma ceia, no chalé ao norte no qual Roubert e outros estariam esperando. Isso lhe deu um pouco mais de tempo para pensar no assunto. Enquanto subiam, Radishi fez alguns comentários a respeito dos acontecimentos recentes. E quando o assunto da saúde de Modevarsh surgiu, Vekkardi corou, só de imaginar o que diria ou pensaria seu tutor sobre sua recente conduta.

***

A carne do cervo fresca, preparada assada e como cozido agradava os gostos das pessoas presentes na casa oculta no bosque gelado. A noite chegara cedo e o interior da casa era iluminada por tochas e algumas velas. Radishi e Vekkardi aproximaram-se de Roubert e Will, que conversavam. Radishi logo percebeu que Will estava muito perturbado. Algo terrível teria acontecido. Ele parecia estar em conflito, mordia os lábios e coçava a barba rala com freqüência. Não havia tocado em sua comida.

Radishi disse, – Will, o que há de errado? Talvez devamos deixá-lo a sós?

Will levantou olhar surpreso e olhou tenso para Roubert. Tossiu duas vezes e pigarreou. Parecia resfriado. Limpou a garganta mais uma vez e disse. – Eu, eu... Suponho que tenho notícias desagradáveis.

Vekkardi e Radishi sentaram-se para ouvi-lo.

Antes de iniciar, olhou para Vekkardi franzindo a testa. – Você é Vekkardi, discípulo de Modevarsh não é mesmo?

– Sim.

– Supúnhamos que não mais o veríamos...

– Imagino que sim.

Como se a visão de Vekkardi lhe trouxesse memórias desagradáveis ou dolorosas, uma lágrima correu pelo seu rosto. Olhou rapidamente para Roubert e depois para baixo.

– Perdemos alguns companheiros nas vizinhanças de Manília.

– O esconderijo do filho do Barão? – questionou Radishi surpreso.

– Sim.

– Mas como puderam encontrar? Perdemos, perdemos o rapaz?

– Não, com sorte pudemos escapar, mas não sem que houvessem sacrifícios.

Roubert estava preocupado. Há menos de duas semanas esteve de guarda no cativeiro do herdeiro de Fannel. – O que aconteceu? Diga de uma vez!

Will decidiu deixar de rodeios. Olhou o silfo nos olhos e revelou. – Perdemos cinco dos nossos durante o ataque dos necromantes. Entre eles, seu primo, meu amigo e professor, Eleriln.

– Eleriln, morto? Como? Por quem?

– Imagino que por um grupo de necromantes. Não pudemos ter certeza. Sei apenas de uma coisa. Havia um terrível cabaleiro morto-vivo que os liderava. Emitia terríveis gritos de comando que deixavam a todos com calafrios.

– Um comandante mortos-vivo? – questionou Vekkardi. – Não são todos criaturas estúpidas?

Roubert olhou-o nos olhos e sentiu um calafrio na espinha. – Nem todos, segundo dizem.

Will chorava abertamente agora. Muito do que havia aprendido, fora com Eleriln. Estranhava a reação fria de Roubert ao receber a notícia do fenecimento de seu primo.

Vekkardi tocou o peito por baixo de sua camisa. Seus dedos passavam sobre a cicatriz deixada pela operação que o silfo Eleriln nele fizera. Devia a sua vida ao Silfo e a vida deste fora tomada por um morto-vivo, pelos necromantes. Com a consciência pesada e envergonhado desabafou.

– Eu estive na principal cidade dos necromantes. O local a que chamam de Necrópole.

Todos pareciam surpresos, menos Radishi. O tisamirense coçava a ponta do nariz enquanto tentava remover fiapos de carne que estavam entre os dentes com a língua. Pousou olhar inquisidor sobre Vekkardi e preparou-se para ouvi-lo com atenção.

Vekkardi encarou Radishi e temendo-o decidiu tomar integralmente o caminho da verdade. – Desculpem-me. Pretendia esconder esse fato. Além de outros fatos de que não me orgulho muito. Entendam, estava desesperado para salvar meu irmão.

Roubert tomou a conclusão de que Vekkardi teria delatado aos necromantes a localização do cativeiro de Adam Fannel. Segurando com força a faca que usava para comer anunciou, – Farejo traição. – O silfo foi rápido e mesmo com seu treinamento em lutas Vekkardi não pode evitar que Roubert o agarrasse pelo casaco.

Radishi levantou a mão e pediu calma. – Deixe-o falar.

Roubert recuou e olhou-o descrente. Torceu a boca resmungando. – Traidor... Não passa de um traidor.

Will demorou um pouco, mas logo chegou à mesma conclusão que Roubert. Só podia ser isto: Vekkardi teria revelado o cativeiro em troca da cura para seu irmão.

– Não é isso que pensam! – defendeu-se Vekkardi. – Não traí ninguém. Pelo menos ainda não.

– Explique-se – demandou Roubert com a faca empunhada.

– Eu não revelei nada. Nada mesmo! Mas fiz um acordo com um necromante. Um que chamam de Argus Termatus.

Will comentou, – Já ouvi falar. Um dissidente da Real Santa Igreja. Expulso anos antes da deposição do Rei Corélius IV.

– Disso não sei. Apenas descobri que ele é o mais habilidoso animador de zumbis e carniçais entre os necromantes.

– Que tipo de acordo fez?

– Prometi trabalhar para eles caso consiga reverter o quadro de meu irmão.

Roubert riu. – Espera que acreditemos numa história destas?

– Posso dar todos os detalhes. É a verdade. A verdade era minha única saída. Foi assim que aprendi com Alunil, digo, senhor Modevarsh.

Roubert consultou Radishi com o olhar.

Radishi pareceu entender o que o silfo queria dizer.

– Temo que terei que vasculhar sua mente, caro Vekkardi, queira ou não.

– Vá em frente. Não tenho nada a esconder. Tudo que você vai ver é meu egoísmo desesperado. Meu desespero para salvar meu irmão.

– Veremos.

Radishi estendeu sua percepção ao redor de Vekkardi. E aos poucos, concentrou-se em sua mente. O coração de Vekkardi estava disparado. Logo pode analisar a camada superior dos pensamentos. Não havia mentira. Foi indesejado e talvez inevitável. Radishi arrependeu-se de não se proteger melhor antes de iniciar a investigação. Sentiu, de uma só vez, tristeza, dor, desespero. A perda do irmão havia desestruturado Vekkardi de forma surpreendente. Nunca havia visto e sentido algo assim. A empatia e simpatia que teve pelo pobre coitado foi grande, mas logo, centrou-se. Precisava ser imparcial em sua análise. Havia chance de que Vekkardi os tivesse traído sem saber. Talvez tenha sido vítima de algum encanto? Uma operação mental talvez?

Vekkardi tombou cansado. Will teve que apoiá-lo e depois ajudado por Roubert deitá-lo no chão. Radishi penetrava em sua mente de forma severa e profunda. A investigação seguiria madrugada adentro.

Roubert e Will estavam entediados aguardando o resultado da investigação. Observavam a expressão concentrada do tisamirense e o suor abundante que escorria em seu rosto. Parecia que ao invés de pensar, corria ou escalava de tanto suor.

Vekkardi adormecido não escutou quando Radishi disse em voz alta. – Nada. Não consegui encontrar nada.

– Tem certeza? Quero dizer, o que quer dizer com nada?

– Nada de mentiras... Nada de traição. No entanto...

– O que? – perguntou Will.

– Não sei. Uma sensação ruim. Tenho dúvidas.

– É claro que teremos de prendê-lo, não concorda? – demandou Roubert.

– Será que temos mesmo esse direito?

– Do que está falando Radishi? Perdeu o juízo? Por Shind! Ele já declarou o que vai fazer. Vai nos trair. Virar a casaca! Quando ele estive com eles, que não vai contar? E sobre o esconderijo de Modevarsh? Ele é um dos poucos que sabe da localização. Não podemos arriscar revelar nosso principal esconderijo, podemos?

– Suponho que tenha razão, meu amigo.

Will olhou para os lados e indagou, – Devemos amarrá-lo?

Radishi assentiu com a cabeça.

Neste momento a porta da frente da cabana veio abaixo. Com incríveis reflexos, Roubert correu para alcançar sua espada próxima à lareira. Will tomou em suas mãos seu bastão e Radishi sentiu um forte distúrbio nos fluxos do Jii. Em seguida, virou-se para encarar a figura cujas emanações faziam com que seu estômago gelasse.

Radishi deixou escapar um sussurro. – Arávner!

A figura alta, de pele pálida, cabelos brancos anelados e longos, de corpo esbelto e robusto, penetrou na cabana calmamente e disse arrogante, – Creio que amarrá-lo não será necessário.

Seu olhar frio e superior fixou-se em Radishi ignorando as ações de Roubert para armar-se. Havia alguns rebeldes no cômodo adjacente e ao menos mais uma dezena pelo resto da casa. Radishi ordenou energicamente, – Roubert, Will, organizem uma retirada, eu cuido de retardá-lo.

Arávner sorriu com apenas os cantos dos lábios. Havia grande tensão no ar. O estranho senhor das trevas olhou para Will por um instante com os cantos dos olhos voltando em seguida sua atenção para Radishi.

Will sussurrou, – Retirada uma ova... – e disse em voz alta enquanto pulava por cima de um divã em direção ao invasor. – Ele pode ser grande, mas não é três!

O tisamirense estendeu a mão e gritou temendo pela vida do colega, – Não Will!

Já era tarde o golpe de bastão desferido por Will nunca atingiu o alvo, mas sim defletiu ao atingir uma barreira invisível que contornava o gigante à distância de um palmo. Arávner permaneceu imóvel. Comandava grande fluxo energético dos arredores, com intensidade tal que Radishi contraiu seus músculos num reflexo involuntário. Aráver lançaria seu contra-golpe antes que Will pudesse se recompor para um novo ataque. Como se segurasse o entre os dedos da mão, estendeu o braço à frente. Um extensão invisível de sua vontade agarrou Will erguendo-o do solo. O rebelde largou o bastão levando ambas as mãos para sua garganta. Queria gritar, mas não conseguia. Como se atirasse uma pedra para o lado de modo causal, Arávner impulsionou o corpo de Will através do cômodo anexo até a parede de madeira, a qual atingiu provocando um forte baque seco.

Radishi olhou para Roubert e apelou, – Por favor, Roubert! Organize a retirada!

O silfo assentiu e partiu para o cômodo ao lado sendo ignorado por Arávner, que mantinha a tenção no tisamirense de olhos azuis cristalinos. Logo puderam

escutar vozes de pessoas acordando, outras querendo saber o que ocorria e a voz de Roubert comandando a retirada.

Os gritos e barulhos despertaram Vekkardi. Seus olhos giraram e com horror afixaram-se me nos olhos frios de Arávner. Seu corpo gelou com sua presença e seus músculos estavam doloridos e imóveis. Conseguia apenas piscar e gemer baixinho.

– Não é irônico, bom Radishi? Que tua queda seja promovida pelo mesmo instrumento que usardes para retirar o meu Noran? – o arauto olhou para Vekkardi agonizante como quem indicasse de quem falava.

Radishi percebia o que acontecia. Fora enganado.

Arávner gargalhou suavemente. Passaou as mãos em suas ricas vestes. Vestia uma túnica escura e justa e calças vinho com detalhes em escarlate. Encarando Radishi disse, – Vejo eu teus olhos que percebes o que se passou. Percebes como foste ludibriado pela mesma técnica que tu usaste para tomar meu servo favorito. Porém, deves admitir. Fui muito mais habilidoso, não achas?

Radishi imaginava o que acontecera. Vekkardi teria sido capturado e sem seu conhecimento, Arávner teria invadido sua mente, buscando informações convenientes e posteriormente liberando-o para que pudesse ir até seu irmão. Sabendo que ele não conseguiria trazê-lo sozinho e por conseqüência, pediria ajuda.

– Sim, me entendes bem! O mesmo vaso que destrancou a mente de Noran foi usado para trazer-me uma compensação! Uma justa compensação. Um novo servo, mais habilidoso, mais vigoroso e mais belo que o velho Noran. Tu, bom Radishi. Tu me servirás!

Enquanto escutava o discurso arrogante de Arávner, Radishi procurava reunir energias. Estava muito cansado do trato com Vekkardi. Sabia que tinha poucas chances de confrontar o vilão. Procurou ao menos equilibrar os fluxos do Jii ao seu redor.

– Olhai para o fim desta ridícula e despropositada rebelião, meu servo! Não há para onde fugir. Antes do amanhecer, não haverá mais nada em sua principal base. Meus aliados devem estar atacando o local neste momento.

Radishi suava frio e percebeu que se fosse capturado, sua estratégia mais ousada seria perdida. Calisto não mais poderia ser o instrumento de discórdia entre os necromantes que os levaria à ruína.

– Tu estás mais fraco do que imaginei! Como pudeste deixar que eu soubesse de teus planos sujos? Ah sim, tu aprendeste a jogar sujo! De fato serás um servo mais útil que Noran.

– Não serei seu servo, e sofrerá as conseqüências por subestimar o jovem Calisto!

Arávner deu uma risada sarcástica. – Tu serás meu servo, sim! E quanto ao escolhido, aquele imbecil, ele irá cumprir seu propósito. Morrerá como um mártir para nos favorecer... Para me favorecer!

Vekkardi escutava tudo horrorizado. Um forte remorso atingia-lhe o peito. Traíra seus companheiros, seu tutor, de uma forma que jamais conceberia. Se tudo que o estranho homem ali dizia fosse verdade, Radishi, Modevarsh e tantos outros seriam todos mortos ou capturados.

CAPÍTULO 65

Vekkardi estava tonto. As luzes do alvorecer penetravam na cabana agora bastante quieta. Aos poucos recuperava o comando dos músculos de seu corpo. Além da forte dor de cabeça, sentia-se angustiado. Houve grande prejudício por causa de sua fraqueza. Radishi fora subjulgado por Arávner e os principais membros da rebelião teriam sido revelados.

Fora uma madrugada amarga. Presenciar impotente o ataque do impiedoso gigante branco contra Radishi. Mal pode ver todo ocorrido. Em alguns momentos, podia apenas escutar as gargalhadas de Arávner e os gemidos de dor de Radishi. O tisamirense se recusava a aceitar o invasor como mestre e fora castigado longamente. Procedendo da mesma forma de castigar Will, Arávner arremessou Radishi contra paredes, contra o teto e contra o chão. Em determinado momento, Radishi caira ao lado de Vekkardi e este pode ver o seu rosto ensangüentado. Em seguida, Arávner torceu-lhe o braço com a força invisível de sua vontade até que soou um estalo. Estava quebrando os ossos de Radishi, que continha os gemidos de dor e recusava-se, vez após vez, a pronunciar a palavra: mestre. E isso Arávner exigia escutar. Com o tempo, o tisamirense perdeu as forças e desmaiou. Saiu da cabana carregado. Interessado apenas em Radishi, Arávner deixou Vekkardi para trás.

Após alguma reflexão, o discípulo de Modevarsh concluiu que não estava longe do esconderijo principal. Imaginou que se houvessem tropas movendo-se montanha acima, poderia ter uma chance de chegar antes. Conhecia atalhos que a maioria das pessoas não poderia tomar, em especial na neve. No porão da cabana havia algum material para escaladas e suprimentos. De posse dos mesmos, Vekkardi pôs-se a correr antes dos primeiros raios do sol tocarem a cabana.

Depois de tanto tempo, percebia claramente como havia sido tolo. Sabia de seu egoísmo, mas não havia percebido como este seria capaz de prejudicar a tantos. Com um fio de esperança, avançava montanha acima. Com a machadinha que carregava, planejava improvisar uma prancha com a qual desceria a alta montanha até as proximidades do esconderijo. Com alguma sorte, poderia chegar no dia seguinte.

Antes de anoitecer, pode confirmar suas suspeitas. Estando próximo do topo, pôde ter uma boa visão do caminho entre duas as duas altas montanhas que

precediam o vale do esconderijo principal. Avistou uma tropa de aproximadamente duzentos homens. Era possível que sentinelas entre os rebeldes já tivessem visto as tropas se aproximando. Acreditava também que através de magia, fosse de Modevarsh, fosse dos outros anciãos, já saberiam do ataque iminente. Mesmo assim tinha que chegar o quanto antes. No caso de um embate, precisariam de sua ajuda.

Enquanto Vekkardi seguia obstinado em sua escalada, seu antigo tutor, o silfo Modevarsh andava com dificuldade em direção da saída da caverna. A habitação que construíra através de meses ficaria intacta e escondida. Do lado de fora observou os cinco grupos que fugiam montanha acima. Logo estariam separados, seguindo cinco rotas distintas. Era hora de fechar a caverna. Ele fechou seus olhos trêmulos e apontou os dedos para o alto. Logo a voz da montanha pode ser ouvida, enquanto grandes blocos de rocha e terra deslizavam para fechar a entrada.

Modevarsh não pode sentir a presença de um abutre negro que sobrevoava o céu logo acima, observando com atenção. Apesar de não pressentir a presença da ave, pode perceber o contrário. A falta de presenças. Sabia que havia alguma força operando nos arredores. Em seguida, fez contato visual com a ave. Era mais escura que qualquer ave poderia ser. Sabia de quem se tratava. Era seu irmão mais jovem, Rodevarsh.

Rodevarsh sabia ter sido avistado e não parecia surpreso. Em seguida, fechou as asas caindo num mergulho veloz. Aproximando-se do terreno coberto por grossas camadas de neve, seus movimentos desaceleraram e caindo como uma pluma, a ave desfez-se num tipo de chuva de plumas negras. Das plumas emergiu a figura alta e esbelta de um silfo de cabelos alvos, lisos e soltos. Com seu único olho encarou o irmão com quem não se encontrava há centenas de estações. O tapa-olho negro estava firmemente preso à sua cabeça. Seu olho e sobrancelhas estavam contraídos. A vista semicerrada indicava ódio ou desgosto.

Modevarsh sorriu e disse, – Olá irmão. Belo efeito de transformação este que me apresentou. Ainda tentando me impressionar?

Rodevarsh deu um leve passo à frente. Como se flutuassem, seus pés não chegavam a afundar na neve fofa, apenas deformando-a delicadamente. – Então é assim que acabou, não é irmão. Liderando um bando foragido de humanos sujos e incompetentes. – A voz rouca de Rodevarsh expressava uma ponta de prazer ao falar.

Modevarsh ainda sorria, porém seu coração batia acelerado. – Apurou seu senso de humor desagradável, não é mesmo?

– Não sei que humor... – Rodevarsh torceu a boca desgostoso. – Fico triste de ver o grau de degeneração alcançado por um silfo, tanto mais um de minha própria família. Você é uma vergonha para todos nós!

– Vergonha? Não sabe o que diz meu irmão. Diga-me, o que pretende juntando-se com tais bruxos das trevas? Necromantes profanadores de túmulos. Perturbadores dos espíritos e dos mortos? E ainda, segundo sua própria visão: aliando-se aos humanos!?

– Não passam de instrumentos necessários. Nada mais que joguetes.

– Necessários para que? O que pretende irmão? Não vê que isso tudo é um grande erro?

– O que pretendo? Não se faça de tolo meu velho irmão. Não diga que não sabe o que pretendo.

– Imagino, mas gostaria de escutar seu ponto de vista.

– Ah, agora, depois de tantos anos o meu velho e respeitável irmão está disposto a me dar ouvidos? Pois bem, dir-lhe-ei! Pois não vou negar sua última vontade.

– Entendo. Pretende me eliminar? Eliminar a vergonha que lhe causo?

– Pois sim, se é assim que percebe. Onde estava? Sim, estava prestes a lhe dizer porque me aliei aos humanos, por que eles são necessários aos meus objetivos. Eles apesar de criaturas toscas, sujas e desprezíveis, servirão seu propósito. Nos ajudarão a restaurar a glória de nosso povo. O grande império dos amaldiçoados silfos. Sim, sabe bem de nossa maldição não é mesmo irmão? Bem sei que tentou trapacear, mas vai morrer em breve. Como foi o nome que adotou em sua tentativa de escapar da maldição? Funil? Bunzil? Ah sim, Alunil. Pois saiba irmão, que você falhou! Se matar você, eu mesmo, provarei que é um mortal. Ou então, vai envelhecer ainda mais e morrer. Quanto a mim, irei restaurar o império e mais que isso, irei restaurar nossa condição de seres divinos. Voltaremos todos a sermos imortais e poderemos uma vez mais usar o título de nosso merecimento...

– Não diga irmão! – Alertou Modevarsh preocupado.

Mas Rodevarsh não segurou a língua. – Elfos!

Modevarsh sentiu o estômago embrulhar e em seguida vomitou. Baratas, escorpiões e outras pestes. As criaturas correram em seu caminho pela neve e Modevarsh surpreendeu-se ao olhar para seu irmão. Estava de pé, ileso.

– Mas como? Como pode ter se livrado da maldição?

– Não me livrei, ao menos não completamente. Ainda sou mortal. Porém com isto... – O silfo caolho e maligno retirou de sua manta de seda negra uma bola de cristal de azul profundo e brilho hipnotizador. – Uma das muitas habilidades do Orbe do Progresso.

Modevarsh tossia sentido a garganta arranhar. – Mas não pode irmão. Não pode ascender à antiga condição elevada de nossa raça por meios do mal. Nosso povo caiu, porque foi seduzido pelas trevas... Como espera ascender associando com forças do abismo?

– É justamente o que faremos. Eu descobri uma maneira de restaurar a glória de nosso povo. Para isso precisamos dos humanos, para que eles façam as besteiras que são próprias de sua imaturidade e impossível sede por poder. Que eles tragam mais uma vez as trevas para este mundo.

– Não entendo seu raciocínio. Acha que apoiando os humanos numa insana jornada para reativar os antigos elos e nexos irá redimir nosso povo? Não vê que só trará mais sofrimento a todos os povos e raças deste mundo.

– Estou ciente do preço a pagar. Porém, desta vez nosso povo vai agir corretamente e quando chegar a hora, vai expulsar o mal de uma vez desta terra. Resgatar o apreço dos deuses e nossa verdadeira posição de glória imortal. Nos estamos pagando, até hoje, pela imundice causada pelos humanos há mais de quatro mil estações. É hora deles receberem o troco. É hora de nós alcançarmos nossa redenção.

E então uma lágrima rolou pela face de Modevarsh. Ele sabia que seu irmão estava perdido nas trevas e que nada que pudesse dizer trar-lhe-ia de volta à razão.

– Por que chora meu velho irmão?

– Percebi que não há mais esperanças para você. Nossa mãe...

– Não venha com esse sentimentalismo barato. Se estiver tão triste e desgostoso por ver o que me tornei, estou disposto a acabar com seu sofrimento. Se não resistir, vou ser misericordioso e oferecer-lhe uma passagem sem dor.

– Eu não estou sozinho. E agora sei de meu último dever. Devo poupar o mundo do perigo que sua loucura oferece.

– Então será como sempre imaginei. Iremos lutar.

Modeversh respirou fundo e depois de expelir todo ar dos pulmões. Seu corpo tornou-se rígido. A textura de pele havia mudado. Havia um novo brilho. No lugar de carne havia pedra.

– TOLO! – gritou Rodevarsh. – Eu também não estou só! – Ergueu o Orbe do Progresso ao alto e chamou, – Therd Fermen! – em seguida, um forte brilho

azul ofuscou toda a vista.

Envolto em faíscas de energia azulada que rapidamente se dispersou, o demônio alado cruzou os céus aproximando-se dos irmãos. O demônio grunhia torcendo as feições humanas imperfeitas de seu rosto, vermelho e couraçado. Rasgava os céus, propelido por imponentes asas membranosas que emitiam rastro incandescente causado por centenas de chamas que cintilavam ao redor de sua pele enrugada, grossa como a cascas de uma árvore espinhosa. Seu sorriso maligno com dentes afiados como de um tubarão expressava sadismo e maldade.

Capturando o velho silfo petrificado em suas garras voou em alta velocidade em direção ao paredão rochoso da montanha. Atirou-o contra as rochas provocando forte impacto sonoro.

Em seguida, a voz zangada da montanha foi ouvida. Uma incrível avalanche de rochas e neve precipitou-se sobre o demônio ígneo e Rodevarsh. O silfo ficou surpreso e imóvel quando percebeu que não se tratava de uma avalanche natural. Quando viu sair da montanha uma forma que lembrava uma mão de três dedos, maior que o maior dos castelos, ficou descrente. De repente entendera o que o irmão queria dizer sobre não estar sozinho. Entendeu porque o irmão escolhera aquele local para o esconderijo dos rebeldes.

Do outro lado da montanha, as tropas necromânticas que vinham para perseguir os rebeldes, foram impiedosamente soterradas. Um grande terremoto espalhou-se por toda a região.

O demônio apavorado tentava voar para longe da montanha, mas era como um mosquito tentando escapar em vão de um gigantesco jato de terra e neve que o cobriu e soterrou em instantes, esmagando-o e apagando suas chamas.

Rodevarsh não pode evitar o soterramento e desapareceu sob um volume de neve, terra e rochas mais alto que as gigantescas árvores de Shind.

Ainda em cima da montanha vizinha, Vekkardi observou atônito e incrédulo a montanha mover-se, crescendo do solo como se fosse alcançar e rasgar o céu. Mal teve tempo de procurar por um abrigo antes que uma avalanche o cobrisse em sua própria montanha.

Em todo baronato de Fannel, pode-se sentir o tremor de terra. Cidades, vilas e aldeias foram atingidas com diferentes intensidades. Algumas mortes foram registradas. Muitos foram feridos e muitos bens foram perdidos.

O dia que a terra tremeu no reino de Lacoresh, seria conhecido para alguns como o dia em que o silfo Modevarsh, um dos mais fortes e queridos líderes da rebelião contra o regime mentiroso dos necromantes, feneceu.

CAPÍTULO 66

A perda do guia não trazia grande diferença para expedição de Calisto pela cordilheira de Thai. Apesar do jovem barão acreditar estar seguindo os marcos no mapa corretamente, Derek e os demais acreditavam que estavam perdidos. O humor de Calisto ainda estava ruim. As coisas pioraram depois de dois dias de nevasca. No segundo dia, foi impossível prosseguir a jornada e tiveram que aguardar acampados. Quando a tempestade chegou ao fim, no terceiro dia, puderam seguir, porém a passos lentos devido à neve que cobria tudo.

Atravessavam um vale estreito e segundo o mapa, logo chegaria à entrada dos antigos túneis, local no qual segundo as informações obtidas pela magia dos necromantes, os anões estariam acampados.

Calisto pôs-se em alerta, mas o vento intenso e cortante que enfrentavam naquele momento não permitia plena concentração.

– Maldição! – anunciou Calisto em voz alta. – Fomos avistados!

Derek ficou em alerta procurando avistar inimigos.

O jovem barão ficou furioso por não ter detectado o observador primeiro. Mas ao ser avistado recebeu um fluxo de pensamentos em outro idioma. Precisava impedi-lo de contactar outros os avisando sobre sua vinda. A figura estava muito distante, mas imaginou tratar-se de um anão. Concentrou-se para alcançá-lo. Tentou fazer uma sugestão mental, mas por desconhecer o idioma não teve muito sucesso. Na realidade, conseguiu o efeito oposto. A criatura percebera a tentativa de influenciar sua mente e começou a gritar algo que Calisto traduziu como, – Deixe minha cabeça bruxo maldito! – Calisto tentou novas investidas e até ataques fulminantes, porém a mente da criatura parecia fechada para suas investidas. Sabia que não estava conseguindo nada além de irritá-lo e confundi-lo um pouco. Se apenas estivessem mais próximos...

Logo a figura pôs-se a correr desaparecendo atrás da inclinação do terreno.

Calisto disse raivoso, – Derek! Logo mais deles saberão de nossa presença. E pior saberão que tentei atacá-los com meus poderes. Acreditarão que há um bruxo entre nós.

– De certa forma temos um bruxo entre nós.

– Sabe que não lido com magia.

Derek resmungou, – Que diferença isso faz? Se puder acabar com um sujeito com a força do pensamento...

Logo, o cavaleiro colocou toda guarda preparada para combate. Deu preferência a deixar todos com seus arcos e bestas em prontidão para um possível confronto.

Segundo o cavaleiro, precisavam alcançar uma posição mais alta. Ouvira histórias remotas sobre os anões e não estava muito animado com a perspectiva de um confronto. Diziam que apesar das pernas curtas, o povo das cavernas tinha uma incrível disposição para o combate. Chegavam a ser ferozes, como animais.

Logo alcançaram uma posição alta, na qual Derek pode sentir certo conforto. Dali poderiam ver o inimigo se aproximando com toda certeza. E antes do sol se por as expectativas do cavaleiro se concretizaram. Um grupo, que não superava vinte, surgiu. O contraste entre as silhuetas escuras e a neve clara dava uma boa visão. Em marcha lenta aproximavam-se. Derek colocou seus homens a postos. Percebia que parte deles temia um confronto, pois não contavam com notável superioridade numérica. Derek esperava que tivessem menor estatura. Mas não era o caso. Os mais altos entre eles tão altos quantos os mais baixos de seus homens. Havia alguns bem baixos, é verdade, de atura equivalente à de um garoto de doze anos. Porém, com constituição física de um cavalo de guerra. Nada parecidos com os anões que por vezes nasciam entre os humanos. Ficou impressionado com como estavam cobertos por grossas peles e armaduras. Avaliou que seriam muito fortes e resistentes para suportar tais pesos. Havia um entre eles que parecia mais alto e não vestia armaduras. Desconfiava que não fosse como os outros. E enquanto Derek apenas desconfiava, o jovem barão Calisto já tinha certeza.

Desde que o avistara, Calisto sentiu seu estômago apertar. Sua força mental era grande e misteriosa. Não conseguia sondar-lhe os pensamentos. Para obter informações, recorreu à mente do anão que os avistara. Este segundo contato com a mente do guerreiro carrancudo, foi mais produtivo. De forma cautelosa procurou lhe sondar a superfície dos pensamentos. E logo soube que suas impressões quanto ao humano que acompanhava o grupo eram reais. Havia certo senso de autoconfiança na mente do anão, que confiava no seu companheiro, algo que Calisto pode traduzir como, “Se eles tem um bruxo, também temos um conosco. E quanto às armas. Nossos machados é que são armas de verdade.”

Derek tirou sua atenção dizendo, – Não seria bom se aproximassem mais. Devo adverti-los?

Calisto concordou com um aceno.

Derek levantou-se acompanhado de cinco arqueiros e anunciou, – Não devem se aproximar mais. – Os arqueiros esticaram seus arcos apontando flechas

para o grupo que se aproximava num plano mais baixo.

Fossem pelas palavras de Derek ou pela ameaça dos arqueiros, os anões interromperam sua marcha. Porém, a figura mais alta seguiu subindo.

Calisto levantou-se e tomou a dianteira de seu grupo. Logo, ficariam cada vez menos distantes. Não podia ver o rosto do humano, pois utilizava um capuz sobre a cabeça. A uma distância média, o homem parou. Cruzando os antebraços acima da virilha. Uma pose incomum.

Calisto tentava ver seu rosto e frustrado decidiu avançar. Ignorou os avisos de Derek e desceu da posição elevada com que contavam. Desceu de forma imprudente ou mesmo, devido ao excesso de confiança.

Logo estavam frente a frente, à distância de poucos passos. Calisto pode olhá-lo nos olhos, gélidos de um azul cristalino, semelhantes aos de seu instrutor Tisamirense. Com isso lembrou-se da conversa que tivera com Radishi, meses atrás. Ela terminara com uma advertência do estranho tisamirense, – Não viaje pela cordilheira de Thai e não se envolva em assuntos que digam respeito aos anões.

Como ele saberia? Imaginou Calisto sendo sua imaginação substituída pelas palavras do homem de olhos azuis à sua frente. Ele removeu o capuz revelando seu rosto. Um homem de meia idade, cabelos lisos, mechas cheias e grisalhas na região das têmporas. Seu nariz era fino, como seu rosto, e de seus cantos saiam dois fortes vincos que se encontravam com os cantos da boca.

– Você deveria ter tomado o conselho de Radishi, rapaz.

– Suponho que você seja meu pai, estou certo?

– Pais são aqueles que cuidam dos filhos e lhes educam. Imagino que seu pai seja uma criatura das trevas de mente transviada.

Calisto sentia seu estômago queimar e vociferou, – É meu genitor? Responda, preciso saber!

– Chamo-me Shaik Kain, e tive um filho com uma bruxa maligna e pervertida. Um filho que nunca vi nascer.

– Não se parece nada comigo.

– É verdade.

– Bem, agora que somos uma família reunida o que vai ser? Vai me castigar por estar sendo um mau menino?

– Suponho que é o melhor que posso fazer por você.

– Então planeja limpar o mundo da sujeira que fez num momento de luxúria?

Shaik Kain observava o rapaz em silêncio e sua memória voou distante. Há anos passados quando conheceu a mãe de Calisto.

– Não foi luxúria.

– Não me faça rir! – disse Calisto e concentrou-se numa sugestão coletiva dada aos arqueiros atrás de si. De imediato, os arqueiros alvejaram Skaik Kain com grande precisão. Para a surpresa de Calisto as flechas não tocaram o alvo. Desviaram-se do tisamirense de forma sobrenatural penetrando a neve próximo a seus pés. Com o ataque os anões sobressaltaram-se avançando.

Shaik Kain decidiu não interferir. Os anões corriam morro acima emitindo brados de batalha. Logo eram alvos de novas flechas dos arqueiros. Porém, muitas das setas desviavam-se nas placas metálicas das armaduras. Outras penetravam e mesmo espetados, os anões prosseguiam avançando, gritando ainda mais enfurecidos.

Enquanto isso Pai e Filho encaravam-se.

– Estou disposto a lhe oferecer uma alternativa, antes que precise...

– Me matar? Vai mesmo matar seu próprio filho?

– Não sinto nenhuma emoção por você. É nosso primeiro encontro e você já é um homem adulto. Maligno e cruel. Um erro que precisa ser apagado.

– E qual alternativa me oferece?

Houve silêncio entre eles mais uma vez. E logo acima começava a peleja entre anões e humanos. Dois anões jaziam mortos na neve. Abatidos pelas flechas, sequer puderam engajar-se no combate que acontecia morro acima. Apesar de estarem em menor efetivo e em parte, feridos, os anões eram oponentes formidáveis. Derrotando os homens de Derek a passos assustadores, com grande violência e precisão.

Logo Shaik Kain voltou a falar, – Exílio.

– E se eu me recusar?

– Então não terei alternativa a não ser poupá-lo de sofrer ainda mais nas mãos dos impuros.

– Ao que parece, você está cheiro de falsa virtude. Fala de impureza, mas está disposto a matar seu próprio filho? Que assim seja.

Calisto partiu para o ataque. Não com sua mente, mas com sua espada. Skaik Kain dominava a situação. Após esquivar-se de um golpe do jovem barão. Iniciou seu ataque direto contra a mente do rapaz.

Calisto torceu o corpo e teve convulsões. Soltou sua espada que caiu fincada na neve. Ele era um oponente muito forte. Caiu de joelhos diante de seu opositor.

– Infelizmente meu filho, sua mente é muito fraca e indisciplinada.

Calisto resistia. E lágrimas rolavam de seus olhos negros. Parecia defender um pensamento com todas suas forças. Seu pai percebia o que tentava fazer. Devia possuir um trunfo e guardava aquele pensamento com máxima intensidade. O que seria?

Anular a mente de Calisto também não estava sendo uma tarefa tão fácil quanto imaginara. Radishi havia dado boas instruções a Calisto. Por um momento divagou. Imaginava o que tipo de atrocidades o rapaz poderia cometer se completasse seu treinamento. Skain Kain dominava Calisto, mas ainda não tinha conseguido a brecha necessária para finalizar o conflito. Imagens da mente do jovem vinham à tona. Uma figura esquelética horrenda. Mortos-vivos, pessoas da nobreza, demônios, rebeldes sendo perseguidos. Muita miséria, ambição, cobiça, ira e conflitos. Memórias do Irmão Weiss, cruel membro da religião de Lacoresh que subjugou o jovem Calisto. Um fato surpreendente, ele conheceu a mãe, mas ele não a reconheceu, sequer soube de quem se tratava. E se soubesse...

Calisto resistia e enquanto deixava seu pai vasculhar suas memórias bloqueava parte de seus pensamentos. Seu nariz sangrava e sentia que a cabeça explodiria de dor a qualquer momento.

Shaik Kain suava pelo esforço e disse, – Não adianta resistir rapaz. Eu vou entrar. Vou terminar com isso de uma vez.

O tisamirense, cada vez mais, forçava a mente do rapaz aprofundando-se em suas memórias. E então, teve a maior surpresa de todas. Amor. Finalmente parecia ter chegado à região que o rapaz defendia com tanto vigor. Então seu filho havia descoberto o amor. Então talvez... Talvez houvesse uma esperança. Shaik Kain hesitou.

Calisto sabia que não era oponente para seu pai. Sabia que nunca poderia derrotá-lo num confronto direto. Porém sabia que ele, assim como Radishi amoleceria ao saber de seu amor por Alena. Algo com que ele nunca havia contado. Algo que sabia que atrapalharia todos seus planos de conquista, mas que naquele momento. Poderia salvá-lo, pois havia apenas dois pensamentos que Calisto precisava esconder de Shaik Kain: seu amor e seu anel.

Shaik Kain franziu a sobrancelha tomado grande surpresa. “Anel?”

Um momento depois uma grande explosão de fogo arremessou ambos para longe um do outro. Calisto usara, numa distância nada segura, o anel que ganhara de presente de Thoudervon. Anel no qual, seu ex-acompanhante Chris Yourdon havia armazenado um poderoso feitiço explosivo. A explosão atingiu Shaik Kain em cheio dilacerando e queimando sua carne e envolvendo-o em

intensas chamas. A forte explosão assustou os anões e humanos engajados morro acima. Derek, aproveitou-se do momento de distração de seu oponente para desarmá-lo com um golpe no pulso. Em seguida, eliminou o anão indefeso. Sendo aquele o terceiro anão que derrotara pessoalmente. Havia apenas mais dois homens lutando ao lado de Derek, seriam derrotados em instantes. Mas ao verem o Shaik Kain em apuros, vários dos anões abandonaram o combate para socorrê-lo.

Calisto sofrera bem menos com a explosão. Caíra sentado para trás chamuscado. Usou a neve para apagar as chamas em sua capa. Logo escutou atrás de si os gritos de quatro anões que partiam em sua direção com os machados acima da cabeça. Com dificuldade pôs-se de joelhos e encarou-os. Não eram muito velozes. Checou o anel, e segundo lhe fora informado, ainda poderia utilizá-lo novamente. Os anões vinham agrupados. Com o punho cerrado fez com que brotasse da ponta do anel uma faísca de fogo que percorreu o ar deixando um rastro de fumaça escura. Ao tocar nos primeiro dos anões soou outra forte explosão. Uma grande bola de fogo e fumaça subiu aos céus na forma de um cogumelo. Os anões feridos e desorientados rolavam morro abaixo apagando as chamas dos corpos na neve. Aproveitando-se da fumaça que subia, Derek rolou montanha abaixo para escapar dos machados sedentos de sangue dos anões. Logo o cavaleiro estava de pé e corria mancando com uma das pernas em direção a Calisto.

Calisto não tinha forças para caminhar e ordenou ligeiro. – Derek, rápido. Elimine-o antes que desperte! – Apontava para o corpo ainda fumegante de Shaik Kain, a alguns passos de distância.

Porém, antes que o cavaleiro alcançasse o corpo do tisamirense uma forte luz amarela cegou os olhos de ambos. Aos poucos a forte luz enfraqueceu e ao lado de Shaik Kain estava de pé uma figura radiante. Um rapaz magro, careca, vestido num manto branco simples e bem folgado. Ao redor de seus grandes olhos castanhos escuros havia desenhos de linhas finíssimas. Em sua testa, um símbolo estranho tatuado. Aos olhos incrédulos de Calisto, o derredor da figura parecia dançar. Emanações rítmicas, como ondas do mar, eram criadas ao redor de sua pele, com cores intensas e formando minúsculos e intrincados padrões geométricos.

Calisto sentiu os olhos lacrimejarem, como se estivesse diante de uma criatura vinda das alturas.

O jovem barão gaguejou, – Que-que-quem é você?

– Sou Kurishe´tou.

– O que quer aqui?

– Vim apenas resgatar o Pai.

Derek torceu a boca para o rapazote, que parecia bastante fraco a seus olhos e desembainhou um espadim.

Kurishe´tou olhou nos olhos de Derek e pediu. – O homem não deve usar violência, por favor.

Derek franziu a testa e como se arrebatado por grande paz, deixou o espadim escapulir de sua mão.

O ser iluminado olhou nos olhos de Calisto e disse enigmático, – Isso não pode progredir desta forma. O filho, não deve matar o pai. O filho, não deve piorar seu carma. O destino ao filho favoreceu. O filho deve fazer bom proveito da oportunidade que lhe foi dada.

Apontando as mãos para Shaik Kain, Kurishe´tou projetou um raio de luz branca que o envolveu. Logo a mesma luz branca envolveu seu próprio corpo. Novamente uma luz amarela e cegante tomou conta do lugar. Quando se desfez, não havia mais sinais de Kurishe´tou e Shaik Kain.

Derek ajudou Calisto a andar, e, sob a ameaça de serem explodidos pelo poder do anel de Calisto, os anões ficaram à distância.

CAPÍTULO 67

Kyle, Kiorina e Gorum nunca imaginariam o estranho rumo que tomava suas vidas. Longe de suas terras, envolvidos em múltiplos conflitos dos silfos do mar, estavam prestes mais uma vez a conhecer novas terras, novas realidades.

O namzu, feriado sílfico, no qual muito sangue foi derramado, dificilmente seria esquecido pelos viajantes, assim como os silfos dos cinco clãs. Diversas batalhas ocorreram concomitantemente. Nas antigas catacumbas, os estrangeiros foram expostos ao desafio de Elluan. Na arena, nas arquibancadas, camarotes e interior do palácio sangue foi derramado. Vidas foram perdidas.

Os acontecimentos fizeram discussões acaloradas surgirem no conselho dos cinco clãs. Uma grande mudança política estava por acontecer. Mudanças enraizadas que há muito tempo precisavam de um acontecimento sangrento para serem desencadeadas. Como dizia um velho ditado sílfico: “Com as grandes mudanças vêm os rios de sangue”. Tendo encarado a morte e agradecido aos estrangeiros, por lhe terem salvado a vida, o imperador, sujeito passivo e desligado da política, passou a participar e interferir nas discussões do conselho.

A gratidão do imperador veio na forma de homenagens e condecorações oferecidas aos estrangeiros Lacoreses. As ações bem sucedidas do conselheiro Zil para evitar o golpe fizeram que o prestígio e influência do pequeno clã Orb aumentasse. A antiga discussão sobre a abolição da escravatura ressurgiu com força.

O clã dos Farmin, maior produtor e comerciante de bens dos silfos do mar sofria uma importante cisão ideológica. Jovens e progressistas, acreditavam na ampliação das atividades comerciais, acreditavam em abrir mão de escravos para conquistar a hegemonia do comércio marítimo entre os povos de todo o mundo. Acreditavam que no longo prazo, com domínio econômico, trariam de volta a antiga glória do Império Sílfico. Seriam novamente, o povo mais influente e poderoso da Terra das Nove Luas.

Por outro lado, os conservadores acreditavam que a economia não funcionaria sem a força de trabalho escravo. Além disso, muitos eram demasiadamente preconceituosos em relação aos povos humanos, que constituíam a maioria dos reinos dos três continentes.

Para Kyle, pouco importava as diversas discussões políticas dos silfos. Aguardava apenas a chegada de Archibald e Melgosh, de sua casa na ilha de

Shind. Era para ser uma viagem rápida, de uma semana sílfica, porém já havia partido há mais de quinze dias.

A atuação de Kyle e Melgosh, no dia do desafio, ocorreu nos bastidores, no entanto, a atuação de Kiorina e Archibald, próximos ao imperador foi notória. Kiorina recebera condecorações públicas e tornou-se uma espécie de celebridade em Nish. Ficaram sob os cuidados do conselheiro Zil em sua mansão na parte alta da cidade. Em uma ocasião em que Kyle acompanhou Kiorina numa visita ao palácio imperial, Kyle deparou-se com o oponente que o derrotara dias antes, o conselheiro Alderic. O lacorês sentiu grande apreensão. Lutara contra o próprio conselheiro do clã Hiokar. E durante o encontro, na presença de princesa Aeycha, o conselheiro encarou o rapaz durante todo tempo. Mais tarde, Kiorina e Aeycha discutiram assuntos em particular enquanto Kyle teve a oportunidade de trocar algumas palavras com Alderic.

– É um jovem de sorte, humano.– Alderic disse ardiloso.

– Não acredito na sorte. – respondeu Kyle secamente.

– Sorte a sua que logo partirão. Não acredito que sobreviveria muito se ficasse por aqui. – ameaçou Alderic com olhar fixo e frio.

– Quem sabe a sorte então não é sua? – Kyle encarava-o com fúria velada.

– Se pensa que a sua atuação junto aos Orb ficará sem uma resposta...

Kyle interrompeu lhe, aumentando o tom de voz. – Com todo respeito, conselheiro. Não lhe interessa o que penso.

– Eu poderia lhe ensinar muito, humano. Inclusive sobre boas maneiras.

– Há algum propósito em nossa conversação? O que deseja? – Kyle estava prestes a perder seu autocontrole e dava sinais disso.

– Vocês humanos por vezes são tão diretos... Mas sempre tolos. Como seus rivais, aqueles bruxos necromantes de segunda categoria.

Vendo oportunidade de chacotear de Alderic, Kyle voltou a ficar calmo e disse, – Então é por isso que vocês estão se aliando aos necromantes? Para aprender um pouco, talvez?

– Suas tentativas de me perturbar são inócuas. Mal sabe que os necromantes não passam de peões em nossas mãos.

– Está dizendo que vocês, daqui do arquipélago, tem algo a ver com o golpe dos necromantes em Lacoresh?

Alderic apenas sorriu. Kyle tremeu e irritado deu sinais de que atacaria Alderic.

– Nem pense numa bobagem dessa, rapaz. Seu pai sucumbiu por causa de uma ação semelhante.

– Meu pai? O que sabe sobre meu pai?

– Seu ponto fraco não é rapaz? Acha que saberia tão pouco sobre meus inimigos?

Kyle encarou-o confuso.

Alderic voltou a sorrir. Deu-lhe um tapinha nas costas e saiu. Antes de deixar a sala, voltou-se para Kyle e disse, – Pense bem. Não há nada que você, sua nação ou qualquer exército desse mundo poderá fazer para opor-se a nossos planos. Por que resistir ao inevitável? Pense bem em quem serão seus aliados no futuro. Você tem potencial, assim como seu pai antes de você. Alie-se aos vencedores e viverá, mantenha-se com os perdedores e perecerá, assim como seu pai antes de você.

E Kyle inquieto, refletiria sobre as palavras ditas pelo silfo Alderic por muitos e muitos dias.

Poucos dias depois, Melgosh e Archibald retornavam a Nish. Trouxeram notícias de que Mishtra passava bem e que tinha saudades de todos. Fariam uma última conferência antes de partirem deixando para trás toda complexidade das disputas políticas dos silfos do mar.

Reuniram-se à mesa do conselheiro Zil e em sua companhia, Melgosh, Kyle, Archibald, Kiorina, Gorum, Kleon, Allet e An Lepard.

Como era comum na casa de Zil, carne não era servida. Gorum erguia as sobrancelhas com os lábios torcidos e encarava Archibald enquanto servia-lhe um pouco do cozido de aspecto verde viscoso. Archibald tentava escamotear suas risadas. Muitas vezes Gorum podia fazê-lo rir mesmo sem dizer uma palavra, era como se pudesse ler seus pensamentos. Kiorina constrangida beliscou a perna de Archibald por baixo da mesa.

Archibald surpreso encarou Kiorina e sussurou, – Ai! É o Gorum!

– Vocês não vão crescer?

Gorum logo retrucou bem humorado, – Se eu crescer mais não passo pelas portas.

Kiorina virou o rosto olhando para o alto desistindo do assunto. Kyle parou de comer por um instante observado a cena com um discreto sorriso nos lábios.

Melgosh parecia tenso e alheio ao que ocorria na mesa. Zil era um muro de tranqüilidade enquanto Allet parecia apreciar bastante a comida. Como costumava dizer, o tempero era semelhante ao de sua mãe.

An Lepard, ao lado de Gorum, parecia detestar a comida assim como parecia detestar estar entre os silfos. Depois de atacar Shark e vê-lo retornar no

feriado de Namzu, idéias fixas de vingança voltaram-lhe à mente. Kleon parecia compreender bem o que se passava com o dacsiniano e tinha um semblante triste. Enfim, ao redor da mesa, podiam ser notados humores variados.

Kyle elevou a voz, – E então Melgosh, como estão os preparativos para nossa partida?

Melgosh direcionou a reposta para Allet com um olhar. O marujo respondeu em seguida, – A nave está carregada. Partiremos com as primeiras luzes da manhã.

Zil encarou Melgosh por uns instantes e foi direto ao ponto. – Está levando a Maré Vermelha consigo, caro Melgosh?

Melgosh fez que sim. Estava tenso e o assunto chamou a atenção de todos. E então disse, – Aconselha-nos a deixá-la sob seus cuidados aqui em Nish?

– Já não está no cofre em sua cabine? – indagou o alto conselheiro.

Melgosh acenou positivamente.

– Pois então é melhor que ela os acompanhe. Perdoe-me por não desejar mantê-la aqui comigo em Nish para aliviar seu fardo. Mas devo lembrar-lhe que já não conta com o apoio de Zoros em sua tripulação.

– Estou ciente disso.

An Lepard intrometeu-se, – Desculpem-me questionar a sabedoria sílfica. E quanto a tal Espada Flamejante de Quill? Por que deixaram que estrangeiros a levassem? Se essas coisas são tão perigosas como vocês dizem, por que não destroem-nas de uma vez por todas?

Zil retrucou – foi esse tipo de lógica dos seus antepassados humanos que levou nosso mundo à ruína.

An Lepard riu sarcástico. – Para que me incomodar em perguntar? Humanos são burros não é mesmo? É por isso que os Silfos não se dão ao trabalho de responder...

Archibald reagiu, – Por favor, desculpe o comportamento de An Lepard. Mas senhor Zil, não compreendo. Pode explicar porque essas armas perigosas não devem ser destruídas?

– Caro Archibald. Você devia saber que não adianta que se destruam armas. Enquanto houver a guerra dentro dos corações, novas armas serão construídas. Um dia, quando o desejo e necessidade de lutar desaparecerem, as armas continuaram a existir como objetos de decoração e lembrança de tempos nebulosos.

An Lepard não fez questão de esconder o desgosto e retrucou, – Utopias sílficas sem sentido! Esse dia nunca irá chegar. Eu não vejo nada em nosso

futuro que não sejam mais guerras e conflitos. É só observar o mar. Não há paz. Apenas uma constante luta. Peixes maiores comendo menores, apenas os mais fortes sobrevivem. São assim as leis de nosso mundo, vale para os animais, vale para os homens, silfos e os demais.

Zil parecia não se importar com a reação visceral do capitão dacsiniano. – Veja Archibald, minhas palavras confirmadas. Eis novamente a lógica humana que trouxe as sementes malignas à Terra das Nove Luas.

Kyle concordava com An Lepard, ao menos em parte, e disse, – Conselheiro Zil, essa lógica ao meu entender não é humana. Ou Alderic e os Hiokar tem uma outra lógica a qual não posso diferenciar?

– Caro Kyle Blackwing, de fato a lógica que precede as ações dos Hiokar não tem a mesma natureza das observações feitas pelo capitão An Lepard. As observações de An Lepard representam a lógica pura aplicada sobre a observação superficial ou mesmo aparente do mundo e seus fenômenos. Não é uma lógica ruim, é apenas desprovida das emoções mais profundas e leis naturais não aparentes de profunda compaixão e amor. É uma lógica de observação imparcial, por assim dizer, que muitas vezes traz boas conclusões e más. Porém a lógica dos Hiokar é de total exclusão. É vil e egoísta por natureza, pretende privilegiar uns poucos a favor da escravização e destruição de outros tantos.

– Sim, compreendo, mas Alderic...

– Seu confronto com o conselheiro Alderic lhe deixou profundas marcas e dúvidas, não estou certo?

Quando percebeu o rumo da conversa ir de encontro às suas fraquezas levantou-se. – Sim, mas não desejo discutir o assunto – Em seguida, deixou a mesa demonstrando nervosismo.

An Lepard chacoteou, – Apelou Kyle? Não vai embora não, a conversa estava ficando boa...

Kyle respondeu ríspido antes de deixar o salão. – Hoje não An Lepard.

Kiorina perguntou a Zil, – De que o senhor estava falando?

– Pergunte a seu amigo. Talvez ele se abra com você.

CAPÍTULO 68

O cemitério de Liont ficaria vazio pela primeira vez em tantos anos. Todas as tumbas, mausoléus e covas haviam sido violadas, reviradas. Era uma noite sinistra e uma névoa densa e tenebrosa cobria a colina. Centenas de criaturas mortas vivas, reanimadas de seus túmulos ajuntavam-se ao redor do imponente mausoléu dos Fannel. Além da legião dos mortos, gárgulas de pedra animada e um grupo de necromantes fiéis ao Príncipe Serin formava a sinistra reunião.

O Príncipe Serin parecia bastante satisfeito com o trabalho realizado.

– Majestade, o Barão Dagon se aproxima. – anunciou Clefto, necromante local que submetia seus serviços ao maior necromante do novo reino de Lacoresh.

– Não é algo de que precise ser avisado. Posso sentir quando meu servo se aproxima.

Clefto sorriu amarelo e colocou-se de lado. Em seguida, o tenebroso Barão Dagon aproximou-se com sua montaria morta-viva.

A voz inumana de Dagon soou vigorosa, – Meu príncipe, após o ataque, as sombras seguiram os fugitivos e já confirmam a localização do novo esconderijo dos rebeldes.

– E quanto a Adam Fannel?

– Ele foi levado para a base da cordilheira.

– Ótimo! Ouviu isso, caro Barão Ludwig? – Serin dirigiu-se a outra entidade morta-viva que estava no local.

O cadáver animado do Barão Ludwig Fannel tinha uma expressão de ira em sua face. – Os malditos rebeldes vão pagar por terem me matado. Vão pagar por manterem meu filho prisioneiro. O usurpador, Calisto vai pagar pelo que fez com minhas terras. Todos vão pagar.

– É claro meu amigo, todos vão pagar e seu filho, meu querido discípulo Adam, vai ter o lugar que merece como Barão de Fannel. Vamos agir enquanto o usurpador está fora. Há muito que fazer. Venha Ludwig, conheça o Barão Dagon, meu prodigioso cavaleiro da morte.

O velho barão Ludwig aproximou-se, mostrando seu aspecto quase humano, exceto pela sua tonalidade fria e certa rigidez de movimentos. – Barão Dagon, eu fico grato pelo excelente trabalho que tem feito. Seus desejos serão compensados

e será sempre bem-vindo nas terras de Fannel, uma vez que meu filho, herdeiro legítimo assuma seu lugar de direito.

– Sim Barão Ludwig. – proferiu Dagon.

– Como pode notar, Dagon, Ludwig ainda mantém muito de sua personalidade e memórias. Conseguimos um ótimo resultado com sua reanimação. É quase como se ainda vivesse.

– Sim meu príncipe.

– Como pode notar, Ludwig, Dagon não tem uma das mentes mais brilhantes, mas é de fato uma das criaturas mais fortes de Lacoresh. Não é mesmo Dagon?.

– Sim meu príncipe.

– Venha Dagon, quero lhe mostrar minhas novas criações. Em outra ocasião, você irá comandá-los para mim até que recuperem e ganhem experiência.

Entraram no mausoléu descendo a escadaria úmida e empoeirada. Um cheiro de antiguidade e morte enchia as narinas de Serin e Clefto. Logo chegaram ao salão dos mortos da nobre família dos Fannel. Alguns necromantes, agindo como alfaiates, ajustavam peças de armadura nem oito criaturas mortas-vivas.

– Eu os chamei de Oito Barões de Fannel. São meus novos cavaleiros da morte.

Dagon observou, com seus olhos implantados, as criaturas iluminadas por pela luz de velas posicionadas no lustre. Porém uma das figuras lhe chamou a atenção. Examinou-a com mais cuidado.

Serin observou a cena, surpreso. – Será que reconhece o velho Barão Dewart Fannel?

A memória de Dagon parecia quere dizer-lhe algo mas não sabia bem o que. – Uma estranha familiaridade, meu príncipe.

– Sempre me surpreendo com o poder das artes sombrias... Você e o Barão Dewart viveram na mesma época. Se não me engano, lutaram juntos em alguma guerra. Nunca sei, devia saber mais história.

Por outro lado, o recém desperto, Barão Dewart Fannel, parecia não notar a presença de Dagon.

Dagon disse em voz baixa, – Por que? – e encarou Serin.

– Não escutei o que disse, repita, meu servo.

Dagon proferiu sons em uma entonação incomum. – É só o que deseja, meu Príncipe? Devo retornar para resgatar o jovem Adam no novo esconderijo dos rebeldes?

– Não. Os Oito Barões e minha nova legião cuidarão disto. Tenho outra tarefa para você e minhas sombras.

Dagon voltou a sua entonação monótona e usual, – Sim meu príncipe.

– Quero que vá até as montanhas ao norte. Temo que um de nossos aliados tenha sucumbido. Preciso que localize um objeto que costumava carregar. Trata-se de um orbe de cor azul. Procure o orbe azul e traga-o para mim.

– Como desejar, meu príncipe.

– Leve consigo alguns de meus servos. É possível que encontrem oposição, pois os outros podem ter enviado emissários com o mesmo fim. Em sua equipe, leve alguns servos esqueléticos equipados para escavações. Obtive informações de que ele pode ter morrido soterrado.

Semanas se passaram desde que o Barão Dagon e uma pequena tropa de criaturas mortas-vivas chegaram à região sul da cordilheira de Thai. As sombras comandadas por Dagon buscaram a região e no sopé de uma enorme montanha, descobriram o túmulo do silfo Rodevarsh. Uma extensa escavação teve início. Cavando sem pausas, os servos incansáveis aproximavam-se de seu objetivo.

Dagon, avisado pelo príncipe a respeito de possíveis oponentes, instruiu as sombras para vasculharem a região enquanto a escavação prosseguia. Logo, o cavaleiro da morte teve notícias que excitavam sua fome por batalhas e sua fome pela carne dos vivos. Havia um grupo de militares de Fannel num bosque próximo.

Algumas vezes, enquanto aguardava por horas a mente incompleta do Barão Dagon trabalhava. Diferentemente dos servos que o cercavam, esqueleto animados prontos para cumprir instruções sem questionamento, havia em Dagon, um resquício de seu intelecto, de sua vontade. Por vezes, tinha impressões ou lembranças do seu passado que não podia controlar ou manter. Quando algo assim acontecia, sentia-se frustrado. Sua frustração, com freqüência, se transformava em ira. Foi assim, que no meio da noite, observado o desenho das luas no céu, que Dagon levantou-se de sobressalto.

– Parem todo o trabalho. Vamos atacar e matar humanos!

As criaturas mortas-vivas que trabalhavam no local colocaram-se a disposição de seu comandante sombrio. Numa marcha medonha, seguiram no caminho que levava ao bosque. Antes do fim da madrugada, atingiram seu objetivo. As sombras logo trouxeram informações sobre as posições dos inimigos. O avanço veloz de Dagon em sua montaria zumbi levou diretamente à dupla de sentinelas que fazia guarda fora do acampamento. Tomados pela

surpresa e horror, os sentinelas usaram suas lanças e espadas contra o cavaleiro da morte, porém, os golpes que o atingiram perfurando e cortando sua carne morta e endurecida mal lhe causavam danos. Não antes de trocarem seis golpes o combate cessou com o derramamento do sangue das sentinelas. Enquanto alimentava-se dos cadáveres ainda quentes das sentinelas, a legião de esqueletos avançava sobre o acampamento militar. Alarmados, os homens acordavam colocando-se em posição de combate. Alguns, despreparados, logo sucumbiam, outros traçavam combates inúteis contra os mortos, que dificilmente eram derrotados. Uns poucos, escaparam a correr pelo bosque para mais tarde serem alcançados pelos perseguidores incansáveis. Apenas quatro escaparam do massacre com vida, dentre eles, o cavaleiro líder da expedição que pode escapar utilizando sua montaria.

Ao retornar ao local da escavação no dia seguinte com sua sede de sangue saciada, Dagon foi tomado pela surpresa. O túnel que escavavam parecia ter sido ampliado e havia atividade no local. Uma grande rocha fora lançada para fora do túnel com força descomunal. Dagon aguardou por um instante e reuniu suas criaturas. O ataque da madrugada não havia penalizado a força de sua expedição. Apenas cinco esqueletos servos foram desmontados a ponto de ficarem inúteis sendo abandonados.

Dagon logo enviou uma das sombras para investigar o local. Momentos depois, as duas sombras que aguardavam junto a Dagon gritaram com horror.

– Mestre Dagon! Nosso irmão se foi! Foi destruído!

A ira de Dagon crescia e logo retrucou, – Destruído? Vão investigar, isto é uma ordem!

As sombras hesitaram. E logo uma disse, – Não caminharemos para destruição por ordem sua.

– Recusam-se a obedecer as ordens de seu mestre, Príncipe Serin?

– Não o vemos por perto Barão.

– Pois, sim, vou verificar pessoalmente, e contarei ao mestre sobre sua desobediência.

Dagon pôs-se a cavalgar rumo à entrada do túnel. Próximo da entrada observou movimentação. Saía do túnel uma figura magra envolta em mantos escuros. Tinha orelhas protuberantes e o a metade esquerda do rosto horrivelmente deformada.

– Barão Dagon... – cumprimentou o silfo envolto em uma névoa de escuridão. – Gostaria de agradecer pelo auxílio.

– Mas quem? Por acaso o silfo Rodevarsh não sucumbiu?

– Não Dagon, felizmente o mestre encontrou o descanso de que necessitava. – O silfo misterioso aproximou-se se mostrando na luz. – Não me reconhece Dagon? Faz tanto tempo assim? Ou será que estou muito diferente, muito deformado?

– Elser? Pensei que havia morrido em Shind.

– Sim morri, de certa maneira.

– O que quer?

– O mesmo que você. O orbe do progresso. Mas devo avisá-lo. Desista de seu objetivo. Não vai querer nos enfrentar. Não somos fáceis de matar como os humanos.

– Não posso, preciso obedecer às ordens de meu mestre.

– Você e mais quantos vão me impedir de levar o orbe a meu mestre?

Elser, olhou para trás e estalou os dedos. Logo disse, – Eu e eles...

Pouco depois terra e neve que ficavam na boca do túnel começaram a deslizar. Fortes baques podiam ser ouvidos e em poucos momentos surgiram pontas de galhos escuros e retorcidos. Uma grande árvore animada saiu do túnel estando agachada. Em seguida pode ficar ereta alcançando a altura de cinco homens. Dagon comandou sua montaria para recuar cautelosamente. Enquanto observava o grande ser composto de madeira escura e retorcida coberta por musgo mover-se e parar ao lado de Elser, ponderava a respeito do que deveria fazer. Uma outra árvore deixou o túnel colocando-se do outro lado do silfo, que parecia encolhido ao lado destas.

Os galhos das árvores animadas rangiam alto ao movimentarem-se e a aparência sombria destas era intimidante.

– O que vai ser Dagon? Será que a fidelidade que tem a seu mestre é grande a ponto de se sacrificar? Quer por acaso ser destruído?

Dagon hesitou e desembainhou sua espada. – Sim, devo obedecer a meu mestre.

– Pois parece que sua existência então não tem sentido. Se vai ser destruído para nada, é por que não há nada aí, como cheguei a imaginar. Não passa de uma rocha ambulante. Nem mesmo essas árvores são tão estúpidas assim.

Dagon estava confuso. Escutava as ordens de seu mestre em sua mente, mas ao mesmo tempo pensava sobre a situação e nas palavras de Elser.

– Pense criatura! Se você nos atacar será destruído. Seu mestre não terá o orbe, e você deixará de existir. Nunca mais será útil a seu mestre.

Dagon munido da lógica oferecida por Elser revelou, – Sou mais que uma rocha. Mas saiba silfo, é um erro não lutarmos. No futuro, se as intenções de

meu mestre forem contra você e houverem chances de derrotá-lo, não o pouparei.

– Sei disso. Mas quem sabe do futuro? Seu mestre um dia vai perecer, assim como toda existência humana, na ocasião, quem sabe você irá se recordar de como lhe poupei a existência.

Dagon ficou em silêncio e observou o silfo escalar uma das árvores que logo andou colina acima. O servo havia desobedecido a seu mestre pela primeira vez. Mas era lógico, não poderia ser negado. Uma lição imediatamente foi aprendida: poderia recorrer à lógica para desobedecer a seu mestre.

Elser parecia adivinhar o que se passava na mente da criatura morta-viva. Um possível despertar e disse, – Já imaginou o que faria de sua existência se seu mestre se fosse? Se não tivesse que obedecer a mais ninguém? O que faria Barão Dagon?

E Dagon começou a imaginar.

CAPÍTULO 69

Novamente o mar aberto. Os tons azuis eram generosos, no céu e nas águas. A brisa marítima era acolhedora. Apesar de todas as dificuldades passadas, um dia tão ensolarado, uma brisa tão generosa, o mar de beleza intensa, regenerava as mentes dos passageiros do mais grandioso navio sílfico. A nau capitânea do império sílfico era obra da engenharia marítima aliada aos refinados conhecimentos mágicos do clã dos Maki. Melgosh como amigo pessoal dos Lacoreses, conseguira permissão para conduzir o navio sílfico até as imediações de Dacs. Os Lacoreses não sabiam, mas parecia que estava nos planos dos silfos do clã Orb ficar de olho em sua busca ao oráculo de Shimitsu.

Na proa, An Lepard tateava o braço esquerdo, sentindo as cicatrizes das torturas sofridas nas mãos de Shark. Pensava sobre o quanto havia mudado depois dos últimos meses entre os silfos do mar e os viajantes lacoreses. A perspectiva de, logo mais, chegarem às terras de Dacs trazia à sua mente imagens vívidas de seu passado. Sua trajetória até tornar-se capitão de um navio. E com isso, memórias sobre seu imediato Erles, que traíra a todos, que o entregou ao vil Shark. Que trouxe cicatrizes, amarguras profundas e fez com que perdesse o amor da bela e jovem Kiorina de Lars.

Às vezes observá-la, era como olhar para o mar. No momento, estava linda. Seus cabelos ruivos eram jogados pelo vento e brilhavam intensamente sob o sol forte. Usava um belo vestido sílfico branco e conversava com Kyle e Archibald, no outro lado do convés. Como olhar muito para ela machucava seu coração desviou seu olhar para o tombadilho, percebendo que o grupo de tripulantes do navio ao redor de Gorum aumentara. Já escutavam suas histórias há horas.

Sentiu um forte calafrio percorrer sua espinha, e logo seu braço começou a tremer. Da mesma forma que acontecia todas as noites, pesadelos, calafrios e tremedeiras. Mais uma vez pensou em entregar sua vida para o mar. Que sentido fazia viver? Mesmo quando achou ter tomado sua vingança de Shark, ele foi trazido de volta. Odiava os necromantes, tanto quanto Kyle. Aprendeu a gostar dos lacoreses através dos inimigos em comum que compartilhavam.

Surpreendeu-se com as mãos molhadas que seguraram a borda-falsa do navio atrás de si. Em seguida encarou o sorriso enigmático de Kleon, encharcado com a água do mar.

– Bom dia, capitão.

– Olá Kleon.

O pequeno e magro katoriano balançou-se como um animal espalhando água ao seu redor. Seus cabelos ruivos encaracolados haviam crescido um pouco, com mechas caindo-lhe sobre a face sardenta.

– Logo estaremos de volta em Dacs, não é mesmo?

– Pensei que estava lá em cima escutando as histórias de Gorum.

– Sim, mas já escutei-as muitas vezes... – Ficou sério e disse, – Ele me lembra do Georges.

An Lepard ficou sério e calado.

– Vamos atender o último pedido de Georges, não é mesmo capitão?

– Capitão, é aquele que comanda um navio.

– Sabe que pouco me importo para navios. Eu lhe devo muito e sempre poderá contar com minha lealdade, capitão.

– É bom saber disso.

– E a ruiva? – indicou Kleon.

– Devo deixá-la seguir seu caminho. É um caso perdido.

– Se depender daquele molenga do Kyle, ela vai continuar solitária.

O dacsiniano bateu com a bota contra o convés. – Não adianta. Sou um inválido, meu corpo não é mais o mesmo.

– Capitão, o problema não está no corpo, mas sim na cabeça. Tenho certeza de que depois de acertarmos as contas com Erles, Celix e toda aquela corja, o senhor irá sentir-se aliviado. E com isso, seu coração poderá buscar novamente a felicidade.

– Não é bem isso, Kleon. Ela me fez entender algo que nunca entendera. Ela partiu meu coração, isso nunca havia acontecido comigo. E depois disso, não consigo parar de pensar nas tantas moças com quem fiz o mesmo.

– Sim, eu me lembro.

– O lugar dela não é ao meu lado. Tenho alguém com quem preciso resgatar dívidas.

– Não é quem estou pensado...

– Sim, ela mesmo.

– Será que ela sabe?

– Meu irmão é um traste, assim como eu, mas fizemos um trato. Ele nunca deveria contar para ela que a troquei pelo Estrela do Crepúsculo.

– Ouvi dizer que An Lepaul casou-se com ela.

– Estou sabendo, por isso sei que pelo menos está recebendo o tratamento que merece.

– E quanto a eles? Será que nos ajudarão, se necessário?

– Não tenho certeza. Não gosto muito deste Kyle, muito menos o tal Archibald.

– Andei observando Kyle ultimamente. Acho seu comportamento muito estranho.

– O que quer dizer?

– Não sei, já vi ele conversando sozinho mais de uma vez.

– As vezes eu falo comigo mesmo, todos fazem, isso é normal Kleon.

– Não capitão, não estou falando disso. Ele fala sozinho por horas, mas como se estivesse conversando com alguém.

– Será que conversa com alguém por meios mágicos?

– Apostei nisso, tenho quase certeza.

– Com que freqüência isso ocorre?

– Que pude ver, quase todos os dias.

– Não estou gostando dessa história Kleon. Não estou gostando nada dessa história. Não quero saber de outro traidor... Se for mesmo um deles, vou abrir seu bucho e dançar sobre suas vísceras. – Naquele momento, os olhares de An Lepard e Kyle se cruzaram.

– Não gosto da forma que An Lepard olha para mim.

Archibald disse, – Concordo Kyle, até parece que estão tramando alguma coisa.

– Ai vocês dois! – exclamou Kiorina. – Dá para vocês pararem de pegar no pé do An Lepard? Ele sofreu muito, mas está do nosso lado, ora bolas!

Kyle fechou a cara. Detestava quando Kiorina defendia An Lepard.

Archibald estava inquieto e disse, – Tenho um péssimo pressentimento a este respeito. Ter An Lepard como nosso guia numa nação que da qual nada conhecemos...

– Podem para vocês dois! Deixem de bobagens.

Kyle voltou o canto dos olhos para An Lepard e sorriu. – Tudo bem Kiorina. De qualquer forma, tenho meus meios para descobrir se estão tramando algo.

Kiorina torceu os lábios, percebendo o tom malicioso e raro, tratando-se do cavaleiro. – Que história é essa Kyle? Meios? De que está falando afinal, pode explicar-se? – Exigiu saber a ruiva.

Ele estava irritado, mas controlava-se para não alterar o tom de voz, – Escuta aqui Kiorina, você tem que aprender que não pode ter tudo o que quer. Isso é uma coisa minha e não vou te contar nada.

Archibald estranhava um pouco o comportamento de Kyle e refletia sobre como seu comportamento havia mudado, desde a morte de Noran. E recentemente, depois do confronto no palácio imperial dos silfos, havia mudado mais ainda.

Mas Kiorina não queria se conter e disse quase gritando, – Então é assim!? Por que não fiquei cuidando de Mishtra?

– Boa pergunta! Eu não chamei você. Para falar a verdade, preferia que tivesse ficado! Assim não estaríamos perdendo tempo com essa discussão!

Nisso, An Lepard aproximava-se seguido de Kleon. – Algum problema Kiorina? – intrometeu-se o marujo, educadamente.

– Ninguém te chamou aqui cara! – cuspiu Kyle.

– Temo não ter lhe dirigido a palavra Blackwing. – retrucou calmamente o dacsiniano.

Kiorina respondeu, – Não é nada demais, Lepard, é que o Kyle às vezes se comporta como um idiota!

An Lepard sorriu sarcasticamente, e tomou a mão direita da ruiva. – Então é o de sempre, devia imaginar... Por favor, venha comigo. Que Blackwing tenha um tempo para refletir sobre suas maneiras. – An Lepard curvou-se, secretamente desejando ser alvejado por um soco de Kyle, e após o cumprimento, levou Kiorina dali.

Ao mesmo tempo, Kyle engoliu a bile amarga fixando seu olhar irado sobre An Lepard.

Kleon olhou para Archibald e ergueu as sobrancelhas. Deu com os ombros e seguiu seu capitão.

Archibald hesitou antes de fazer comentários com o amigo, – Kyle, meu velho, você tem estado nervoso, acho melhor tomarmos alguma coisa para...

– Corta essa Archibald, você sabe que esse An Lepard é um porcaria.

– Amigo, você sabe de minha opinião sobre esse idiota. Ele só age assim para tirar sarro da sua cara. E você acaba caindo... Mas eu estava falando mesmo é da Kiorina. Tem sido difícil para ela...

– Não tenho culpa se ela fica toda afetada assim, sem mais nem menos!

Archibald colocou as mãos sobre os ombros de Kyle. – Você sabe que não é bem assim... Além do mais, tem alguma coisa esquisita com você. Olha Kyle, sou seu melhor amigo. Pode se abrir comigo. Eu sei que tem alguma coisa que está guardando.

– Você está certo, mas prometi não contar a ninguém.

– Contar o que?

– Você vai ter que confiar em mim. Você confia em mim, não é mesmo? Isto é, depois de tudo que já passamos...

– Kyle, olhe nos meus olhos. Lembra das coisas estranhas que estavam acontecendo comigo em Lacoresh? Quando eu entrava naqueles transes e matava as pessoas?

– Sim, me lembro, mas já passou, não é Archie?

– Sim, passou. Mas é disso que estou falando. Eu não sou mais capaz de confiar em mim mesmo... E se algo assim acontecer com você? Eu temo que você passe pelo que passei...

Kyle abaixou os olhos e ficou pensativo. Repirou fundo e disse, – Agora sei do que está falando. Eu vou te contar, mas não posso contar tudo. Prometi não contar. Vou tentar contar o máximo sem quebrar minha promessa.

Archibald indicou um local para sentarem e disse, – Certo amigo, estou escutando.

Kyle conversava baixinho, – Depois da luta contra os silfos negros no interior do palácio, aconteceu uma coisa muito estranha. Algo de errado durante a luta entre Zoros e Lévoro que fez com que conhecesse alguém.

– Alguém, como asssim? Durante a luta?

– Não, foi depois que Zoros e Lévoro sumiram. Estava tudo muito confuso, eu havia sido derrubado pelo conselheiro Alderic, mas não estava totalmente inconsciente, escutava algumas coisas e via algumas imagens. O fato é que conheci alguém que tem me ajudado. E prometi não contar sobre o assunto.

– Entendo mas...

– Não se preocupe Archie, ela está do nosso lado, vai nos ajudar. Já me ajudou. Eu confiaria minha vida a ela.

– E você não pode contar sobre ela para ninguém, estou certo?

– Sim, foi nosso trato.

– E se você pedisse para contar tudo para mim. Afinal, sou seu melhor amigo.

– Bem pode ser. Vou conversar com ela, e se ela concordar...

– Confesso que estou um pouco aliviado. Sei como é ruim guardar um segredo. Imagino que você tem estado um pouco nervoso por causa disso também.

– Acho que sim, de qualquer forma, continuo muito preocupado com nossa segurança em Dacs... Não consigo confiar em An Lepard.

– Vamos discutir um pouco a este respeito.

CAPÍTULO 70

Depois da infrutífera e arriscada viagem às montanhas geladas, Calisto não via a hora de retornar ao conforto de seu castelo em Liont. Seja qual fosse a intenção original do grupo de anões, o confronto teria servido apenas para piorar as relações destes com Lacoresh. A única informação interessante que pode levantar com a viagem foi o fato de haver ligações entre aquele grupo de anões e os Tisamirenses.

Faltava pouco para chegar, muito pouco. Além dos problemas recentes que vivenciara, o jovem barão não estava preparado para as más notícias. Ao chegar nas ruas da cidade, pode perceber uma atmosfera perturbadora. Agora tinha certeza, havia algo de errado. O próprio céu estava coberto por nuvens cinzas e carregadas. Cada vez mais, acreditava em sinais da natureza.

Aproximando-se do castelo, foi revelada presença de cavaleiros do rei. Não havia nenhum deles no pátio, mas puderam ver seus cavalos, escudeiros e bandeiras. Derek, ao observar os brasões nas mantas dos cavalos informou a Calisto que o líder dos cavaleiros, Julius Fortrail, estaria no local. Identificaram-se junto à guarda que abriu caminho para que entrassem. Calisto questionou qual era o motivo da movimentação e obteve a resposta que não queria: tratava-se de uma comitiva recém chegada que acompanhava o príncipe Serin.

Ao ouvir o nome do príncipe, sentiu um calafrio na espinha, lembrando-se de quando se conheceram no castelo real em Lacoresh. Pouco depois, chegavam ao no salão de recepções. Calisto encontrou-se com o príncipe, acompanhado de algumas figuras conhecidas.

– Ah, Barão Calisto! Sua chegada está de acordo com as previsões! – Serin vestia-se com uma túnica negra e uma grande capa púrpura escura com interior forrado com veludo cor-de-sangue. Os cabelos negros e brilhosos estavam presos por uma fina coroa de prata. Sua pele branca acentuava suas olheiras estreitas e escuras, que pareciam um efeito de maquiagem.

Calisto curvou-se diante do príncipe e sorriu sarcasticamente, – Príncipe Serin, a que devo a honra de sua ilustre presença?

– Estou muito satisfeito pela oportunidade de lhe trazer, boas notícias pessoalmente.

– E quais são essas notícias que o fizeram vir de tão longe?

Serin sorriu com satisfação sádica, – Conseguimos encontrar o esconderijo rebelde no qual um de nossos nobres era mantido cativo, e melhor, destruímos os rebeldes e recuperamos nosso companheiro!

Calisto engoliu seco.

– Parecia impossível, mas resgatamos meu caro amigo, o doutor Adam Fannel, filho do falecido Barão Fannel.

– Não fala sério?

– Certamente sim! Ele está, neste momento, repousando em seus antigos aposentos.

Calisto ficou quieto e tentando dominar o impulso que sentia de atacar Serin e os cavaleiros que o acompanhavam.

Serin parecia se deliciar com a situação. – Bem, essas foram as boas notícias! Mas ainda tem mais. Meu pai, o rei, também ficou muito satisfeito com a volta de Adam. Consultando as escrituras, decidiu devolver-lhe o controle do Baronato de Fannel. Logo mais irei conduzir a passagem oficial do controle das terras de Fannel para Adam, assim como sua titulação como Barão.

Era demais e Calisto explodiu. – Isso não é justo! Eu conquistei a posição de Barão das terras de Fannel, não podem simplesmente desfazer isso assim... Thouder...

Serin levantou sua mão esquerda, branca como a neve, num movimento vigoroso. Em seu dedo médio, um anel de estranha constituição brilhou. Calisto estava paralisado. Sua não podia mover sua boca, nem mesmo mover seu corpo.

– Estes não são modos de um nobre, barão Calisto! Gritar na presença do príncipe herdeiro do trono de Lacoresh, ainda mais na frente de seus mais graduados e bravos cavaleiros é inaceitável. Exijo uma retratação! – Com um movimento brusco, Serin controlou os músculos de Calisto forçando-o a ajoelhar-se. Calisto atingiu o solo de uma vez, sentindo muita dor nos joelhos.

Sua ira superava os limites. Percebeu que dois dos cavaleiros levaram as mãos às suas espadas, esperando alguma reação negativa dele. Se assim o fizesse, poderia ser morto, de forma tola. Sua ira era borbulhante e descomunal. A imagem serena de seu professor, o tisamirense Radishi surgiu em sua mente. Foi ele que o salvou de ser executado como um tolo.

Quando sua voz voltou, não tinha alternativa senão se humilhar diante do príncipe. – Peço perdão majestade.

– Está perdoado, meu jovem. Imagino que as boas notícias não tenham soado tão boas a seus ouvidos... Meu pai, o rei, no entanto é compreensivo e misericordioso. – Aproximou-se e ofereceu a sua mão gelada ajudando-o a ficar

de pé. – Você mantém seu título de Barão, e em compensação pela perda nestas terras, o rei lhe oferece uma extensão de terras adicionas para sua propriedade ao sul, incluindo a administração e coleta de impostos de 4 vilas que até recentemente eram administradas pelo Duque de Kamanesh.

Calisto fechou a cara e disse procurando parecer agradecido, – Aceito a proposta generosa de vossa majestade.

– É claro que aceita... – Sorriu o príncipe com satisfação. – Antes de terminarmos, estou curioso... – O príncipe parou por um momento e comentou, – Mas que falta de hospitalidade a minha. Antes, vamos sentar e comer algo, pois tenho certeza que está cansado e precisando repor energias.

Seguiram em silêncio para o salão ao lado, no qual havia uma mesa posta. Os cavaleiros logo foram tomando posição ao redor da mesa e servindo-se. Calisto sentou-se e próximo a ele e príncipe e o primeiro cavaleiro de Lacoresh, Julius Fortrail. Vestia uma túnica cinza, com uma capa vermelha preza por um grande botão dourado na altura do peito.

O cavaleiro olhava para Calisto com seus olhos azuis intrigados. Imediatamente Calisto, percebeu que o homem tinha grande respeito por ele. Talvez por uma questão de empatia, Calisto tenha penetrado na mente de cavaleiro e captando seus pensamentos. “Impressionante a fibra deste rapaz. Seu ódio controlado é notável. O rei e o príncipe deveriam tê-lo como aliado. Trantando-o desta forma serão destruídos no futuro próximo. Não entendo, é como se estivessem criando a serpente que lhes aplicará o próprio veneno cultivado.”

Distraído pelos pensamentos do cavaleiro Fortrail, Calisto ignorou por duas vezes as perguntas do príncipe Serin.

– Responda de uma vez, barão! – exigiu o príncipe erguendo o tom da sua voz gelada.

Calisto foi capaz de retomar a concentração e respondeu, – Desculpe-me, alteza, suas perguntas sobre a viagem e o paradeiro dos anões me fizeram divagar por uns momentos. Não acredito a viagem tenha sido bem sucedida.

– O que quer dizer, não conseguiram encontrar os anões?

– Muito pelo contrário, alteza. – Calisto fazia questão de exaltar a posição do príncipe, deixando perpassar apenas uma pequena pontada de escárnio. – Tivemos um encontro, desagradável, ou melhor, um confronto.

– Lutaram contra os anões?

– Pois sim.

Serin parecia preocupado. – Imagino que tenham feito um bom serviço, matando a todos, sem deixar evidências.

Calisto divertia-se a perceber a pontada de medo que o príncipe demonstrava quanto o assunto dos anões. – Temo que isso não foi possível, alteza. Lutamos contra eles e muitos deles saíram vivos para contar a história.

Serin ficou pensativo.

– Já enviei uma mensagem a este respeito para o poderoso Thoudervon.

– Não é um assunto para esta ocasião Barão Calisto! – disse rispidamente.

– Perdoe-me alteza.

Houve uma pausa na conversação e Serin tomou uma taça cheia de vinho, pensativo. Sentindo a oportunidade de falar, Julius perguntou, – Poderia dizer qual era o efetivo de anões, Barão Calisto?

– Não eram muitos, mas são belicosos, conforme havia lido em diversos livros.

– Não se sabe muito sobre seus números, ou de seus domínios, não é mesmo cavaleiro Fortrail?

– Sabemos mais do que você imagina e menos do que gostaríamos. Atualmente, são uma das maiores ameaças em potencial ao reino de Lacoresh.

Serin apontou o dedo no rosto de Calisto. – Barão Calisto. Você não deveria tê-los confrontado! Era apenas para sondar-lhe as intenções.

– Sinto alteza, mas não tivemos opção. Garanto-lhe que o confronto não ocorreu por nosso desejo, mal pudemos escapar com nossas vidas.

Um dos cavaleiros que estava sentado um pouco distante, riu alto e disse zombeteiro, – Que venham os malditos pirralhos, nos os esmagaremos com as solas de nossos pés!

Vários cavaleiros riram. Serin fechou a cara e levantou-se. – Julius, reúna seus homens, vamos partir para Lacoresh ao anoitecer. Por hora, temos que cuidar da titulação do Jovem Adam Fannel. Não há tempo para cerimônia e festejos.

Serin saiu com passos rápidos e determinados. Antes de deixar o recinto chamou Calisto, – Barão, faça seus preparativos, irá nos acompanhar em nossa viagem para Lacoresh.

Calisto sorriu e pensou, “Príncipe Serin, seu maldito idiota! Você não perde por esperar!”

CAPÍTULO 71

Kyle tinha dificuldades em entender a organização do império de Dacs. Para começar, em Lacoresh, ouvira diversas referências a Dacs como sendo um reino. Mas não havia rei. Agora Kleon explicava que era na verdade um império. No entanto, o mesmo império não era governado pelo imperador. O imperador até existia, mas governava apenas uma cidade, a capital de Dacs, Rhodón. Todo restante era governado de forma independente pelas casas comercias de Dacs, que eram cinco. Havia tradições imperiais que vigoravam entre todas as casas, entre elas, a proibição de religiões e templos, fato que deixava Archibald muito intrigado.

Kiorina por sua vez, percebia na medida em que se aproximavam da costa dacsiniana, mudanças nos fluxos de energia. Sua capacidade mágica parecia enfraquecer rapidamente. Para confirmar, tentou gerar uma chama magicamente. O resultado foi bem pior que imaginava, teve muita dificuldade e o resultado final não foi superior à chama de uma vela. Era a primeira vez que tinha contato com uma região pobre em energias mágicas. De fato, havia lido sobre o assunto em diversos livros. Lera que seres cujas origens estão ligadas às energias mágicas poderiam sentir-se fracos, adoecer e até morrer em caso de permanecerem em regiões pobres em energia mágica.

A tripulação sílfica do navio não tardou a reclamar sobre mal estares, tonteiras e enjôo. Nenhuma novidade para eles que já sabiam do efeito que a proximidade com as terras dacsianas costumavam provocar nos silfos.

A cidade em cujo porto desembarcavam chamava-se Eril, pertencente à casa comercial Alexandra. A nau capitania dos Silfos não tinha porte para atracar no porto de Eril, portanto, o desembarque se deu através de três botes. A presença da nau capitânea dos silfos na costa chamou atenção, e quando os botes desembarcavam havia muitos curiosos, assim como autoridades locais.

Kleon contava a Kyle bastante sobre Dacs, mas o cavaleiro parecia preocupado com outro assunto. A pequena Lila, criaturinha que encontrara no palácio imperial dos silfos do mar, parecia sentir enjôos assim como os silfos. Logo, disse que não conseguia mais ficar voando, tão pouco, manter-se invisível. Pediu ajuda para Kyle. Arranjou um local em sua mochila acomodou-a.

Ao descerem no atracadouro, procederam conforme as orientações de An Lepard. Deixaram toda a fala para ele e Kleon. O dacsiniano vestia uma capa

grossa com capuz e por baixo usava uma faixa que cobria parte do rosto. Aproveitando a fato de mancar naturalmente, fazia passar-se por uma pessoa de idade. Como Lepard tinha inimigos em Dacs que acreditavam que havia sido morto nas mãos dos silfos do mar, não era prudente anunciar sua presença. Precisavam agir com cautela. Lepard fazia o papel de guia dos estrangeiros Lacoreses em uma viagem rumo à cidade-estado de Tchilla, na terra dos nove vales.

Depois de trocadas algumas informações com as autoridades locais e o pagamento de algumas taxas, puderam seguir para além do atracadouro. An Lepard conhecia um lugar onde poderiam planejar a viagem que tinham a diante. Caminhando em direção à estalagem, o marujo se deu conta de que finalmente estava de volta a sua terra natal. Algo que chegou julgar impossível em tempos recentes. Assim que caiu nas mãos do silfo Shark, traído por seu imediato Erles, imaginava que morreria pelas mãos dos silfos e nunca mais veria suas terras, sua família. Ao pensar na família, desejou um pouquinho estar entre os silfos novamente, não sabia mais o que seria pior. Enquanto Lepard divagava ao andar pelas ruas pacatas de Eril, os Lacoreses voltavam seus olhares curiosos para os detalhes da cidade e de seu povo.

Cochichavam entre si, apontando para as construções e comentando sobre as pessoas.

Kiorina estava boquiaberta com o que via, – Nossa Kyle, você viu o vestido daquela mulher? Parece que vai a um baile, ou algo assim.

Kyle torceu os lábios, julgando fútil o tipo de comentário da ruiva e soltou apenas um monossílabo gutural. Archibald tomou seu lugar na resposta, – É mesmo Kiorina, muitas pessoas por aqui parecem vestir-se de maneira sofisticada. Observe como muitos usam chapéus.

Alguns dos passantes pareciam olhar os estrangeiros Lacoreses com desdém. Kiorina animou-se com a conversa e retrucou, – Aliás, chapéus horrorosos! Olha o chapéu daquele homem, com tantas penas coloridas parece até um chapéu de mulher. Nem eu mesma usaria. E o tamanho do chapéu daquela mulher? Mais parece um guarda sol!.

Kleon intrometeu-se, – Como vocês podem ver, nem todos estão tão bem vestidos assim. – Indicou com um sinal um grupo de pessoas próximas a um arco de madeira, em frente a uma casa de três pisos. Eram pessoas de aparência pobre, vestidos com roupas simples e sujas.

Gorum, que caminhava atrás de Kyle, estava animado com os ares da cidade. Estava especialmente impressionado com as construções. Haviam

diversas casas com sobrados altos, de três e quatro pisos. Alturas em Lacoresh só alcançadas em castelos, templos e construções maiores. Em geral as construções comuns das cidades do reino de Lacoresh eram de um ou dois pavimentos. Além das edificações, estranhava o fato dos guardas locais não usarem nenhum tipo de armaduras. Aliás, havia praticamente ausência de armaduras e escudos em toda a parte. Parecia que o povo de Dacs não possuía uma tradição militar forte como a de Lacoresh e reinos vizinhos como Homenase. Porém, era notável o número de homens portando espadas finas e longas como as de An Lepard, meros brinquedos aos olhos de Gorum.

Enquanto Kiorina e Archibald debatiam a respeito das pessoas, Gorum chamou a atenção de Kyle, – Ei garoto, percebeu que tem dois guardas nos seguindo desde que deixamos o porto?

– Sim, mas parece que não fazem questão de se esconder.

Gorum coçou sua barba e concordou, – Percebi isso, acho que querem deixar claro que estamos sendo vigiados. Além do mais, não são nada discretos usando aqueles uniformes vermelhos. Na verdade, estamos sendo seguidos por dois tomates com pernas, e narigões muito feios. – deu um tapa nas costas de Kyle, para enfatizar sua piada, mas o tapa atingiu a mochila, deixando Kyle preocupado.

Kyle repreendeu Gorum e nem sequer sorriu para sua piada. Gorum gargalhou e disse, – Garoto você nunca muda! Devia aprender a rir para variar.

Enquanto isso, o jovem cavaleiro conferiu o conteúdo de sua mochila, nela viu que a pequenina Lila parecia dormir em posição fetal e ainda estava intacta. Gorum, por sorte batera no outro lado da mochila.

– O que foi garoto, tem alguma coisa de quebrar aí na sua mochila.

Kyle respondeu ríspido, – Tem!.

– Foi mal, eu não sabia... Pode deixar que, da próxima vez, darei um chute na sua... – Foi interrompido por An Lepard que os chamou: – É aqui. Chegamos!

A estalagem era pequena e movimentada. Havia uma escada estreita que levava ao segundo andar. No meio da subida, o teto baixo dava dificuldades a Gorum. Chegou a bater a cabeça uma vez. Reagiu de forma teatral e Kyle imaginou que se tratava de uma piada. Batera a cabeça de propósito apenas para provocar risadas. Archibald, Kleon e Kiorina se divertiram, enquanto Kyle e An Lepard pareciam bem sérios.

Havia uma mesa no canto na qual se posicionaram. Muitos dacsisnianos ficaram de olho neles e em suas características de estrangeiros. Kiorina sentia-se um pouco mal e oprimida. Sentia que havia muitos olhos voltados para ela. Logo

procurou ajustar as roupas, cobrindo mais seu corpo. Percebera que as mulheres de Dacs usavam muito mais roupa que as lacoresas.

Kleon pediu bebidas enquanto Lepard interpretava seu papel de guia e ancião. Próximo à janela, aves marítimas pousavam e levantavam vôo com freqüência. As pessoas que ali comiam costumavam jogar restos de comida pelas janelas. Estes não duravam por muito tempo sobre as telhas adjacentes.

– E então, o que faremos agora? – indagou Archibald.

An Lepard tinha um olhar distante e disse, – Teremos de esperar um pouco. Já sabem que nós precisaremos de uma embarcação para prosseguir viagem.

– Não seria melhor procurar um navio, ao invés de ficar aqui esperando? – sugeriu Kyle, um pouco impaciente.

– Não. É melhor ver se há alguém interessado em oferecer serviços.

– Não estou entendendo o propósito disto... Tão pouco estou gostando. – revelou Kyle procurando por aprovação dos outros presentes.

– Olha vocês vão ter que confiar em mim, não vai ter outro jeito.

Kiorina estava um pouco preocupada. Percebia a impaciência e desconfiança de Kyle e Archibald em relação ao dacsiniano. – Lepard, por que não nos explica melhor a situação. Tenho certeza que todos ficarão mais calmos com maiores esclarecimentos.

– Tudo bem, ruiva. Não acho seguro contratarmos uma embarcação para nossa jornada aqui em Eril. Os navegadores da casa Alexandra não são confiáveis. E será difícil convencer pessoas dessa região a nos levarem até Tchilla.

– Por que? – Quis saber Gorum, franzindo o cenho e puxando os fios de sua barba hirsuta e grisalha.

– É difícil explicar para vocês as sutis relações entre as casas nobres de Dacs. Digamos que será mais fácil conseguirmos o que queremos indo à casa dos Baltimore, ou mesmo até os Elenoir.

– Continuo sem entender. – insistiu Kyle, controlando a impaciência.

Lepard coçou a cabeça por cima do capuz e disse, – Acho que devemos ir até a cidade de Porto Baltimore, onde imagino que poderei contactar meu irmão.

– Seu irmão? – inquiriu Archibald. – Como nunca nos falou sobre seu irmão?

– Família é um assunto delicado para mim. Mas Kiorina pode lhes provar, já lhe falei muito sobre meu irmão, não é mesmo?

– Sim, é verdade – confirmou a feiticeira.

– Pois sim, escutem. – O sotaque de An Lepard parecia acentuar-se mais, apenas pelo fato de ter retornado à sua terra natal. – Meu irmão tem em sua posse, documentos com os quais poderei reivindicar, junto a casa Baltimore, um navio para usarmos de acordo com nossa vontade. Se conseguirmos um navio concedido para nosso uso, termos grandes vantagens em relação à contratação de uma embarcação.

Kyle balançava a cabeça. Não se sentia confortável tendo seu destino e de seus companheiros sendo manipulados por An Lepard. Apesar de tudo que passaram juntos, o cavaleiro não conseguia gostar e confiar no dacsiniano.

Enquanto conversavam, foram servidas bebidas e refeições. Os mariscos e peixes ensopados, com temperos que desconheciam eram muito saborosos. Todos apreciaram bastante, exceto Kiorina, que detestava catar espinhas de peixe. Se pudesse faria um encanto para procurar separar as espinhas, mas estava totalmente drenada de suas capacidades. Sentia até mesmo, uma leve fraqueza só de pensar em realizar encantos. “Puxa vida!” Pensava ao comer. “Que terrível a vida desse povo deve ser sem magias para facilitar um pouco a vida!”.

Para uma estalagem pequena, e para padrões Lacoreses, havia um alto grau de sofisticação nas comidas oferecidas. Algo que deixou Gorum, particularmente admirado. Enquanto comiam, Lepard levantou-se e providenciou junto ao estalajadeiro, hospedagem para todos. Passariam a noite ali, até negociarem uma viagem até Porto Baltimore.

Logo que Lepard saiu, a ruiva lembrou-se de algo que queria comentar com todos. – Quase me esquecia! Fiquei de conversar com vocês todos a respeito das pistas que consegui com a princesa Aeycha sobre o paradeiro do Oráculo de Shimitsu.

– Sério!? – Archibald, exaltou-se. – Puxa, como não falou conosco sobre isso antes Kina?

Kiorina sorriu sem graça e disse, – Acho que esperava uma oportunidade como esta. Na verdade, acho que tinha medo de ter certas conversas enquanto ainda estávamos em meio aos Silfos.

Kyle parou de comer e encarou Archibald, e seus olhos questionavam pensativos. “Será que Kiorina também não confiava em An Lepard?”

Kiorina prosseguiu, – Tivemos a oportunidade de consultar a biblioteca imperial a procura de livros e pergaminhos antigos. Puxa, como havia pouca coisa a respeito de Shimitsu. Parecia uma divindade adorada especialmente pelos povos humanos, mas entre os silfos, muito pouco popular. Enfim achamos um

pergaminho que narrava as viagens do fundador do clã Orb, dos silfos do mar. Um silfo chamado Phelio Damantisque Orb.

Gorum estava intrigado. – Engraçado... Ficamos tanto tempo entre os Orb. Melgosh, os silfos do povoado em que ficamos, Zil, entre outros tantos. Nunca nos falaram deste tal Phelio. Como não ter ouvido sobre alguém que teria sido tão importante?.

Archibald respirou fundo. A fala de Gorum trouxe às suas memórias uma visão de sua Mishtra. E enormes saudades apertaram em seu peito. – Escutem. – interrompeu Archibald. – Não devemos viajar para Porto Baltimore com dacsinianos. Acho melhor, negociarmos isto com os Silfos. Ainda estarão próximos a Eril, por causa dos suprimentos. Acho que devemos ir ao porto e verificar essa possibilidade logo pela manhã.

Gorum concordou com um aceno e Kyle colocou. – Estamos decididos!.

– Peço desculpas amigos, mas não deveríamos confiar nos planos de viagem de An Lepard? Afinal, é ele quem conhece bem essa região.

Archibald encarou o katoriano e disse, – Olha Kleon, concordo em parte, mas essa história está mal contada. Se vamos conseguir uma embarcação para irmos até Tchilla em Porto Baltimore, vamos aproveitar para chegar lá o mais rápido possível com a nau dos Silfos.

– Ei pessoal! – exclamou kiorina. – Estão se esquecendo que falava aqui sobre o oráculo?

Archibald disse, – Verdade, me desculpe. Foi algo que me tomou de súbito.

– Pois então. Phelio Orb teria viajado durante sua juventude em busca de respostas para seu povo. Isso teria acontecido logo após a guerra de milênios, há mais de três mil anos atrás.

– Tanto tempo? – Kleon estava admirado. – Acho que nem consigo entender o que significam três mil anos.

– Parece que após a guerra, o povo sílfico quase fora exterminado. Uns poucos bandos viajavam pelos oceanos em busca de um novo lar. Durante a guerra, cresceu a lenda do oráculo, que foi enviado por Shimitsu para ajudar os povos a descobrir seus caminhos tendo em si os conhecimentos perdidos das grandes civilizações que viveram antes da era maldita.

Kyle estava impaciente com tanta história. – Dá para chegar logo na parte que interessa? Os escritos dizem ou não onde está exatamente o tal oráculo?

– Esse é o problema. Parece que o oráculo não fica em um local exato. Mas costuma aparecer em vários lugares. Pelos escritos, Phelio teria viajado por mais de quatrocentos anos em busca do oráculo. No processo, descobriu que a cada

aparição deixava pistas sobre sua nova morada. De alguma forma, o oráculo também parece estar ligado aos reinos bárbaros.

– Não temos quatrocentos anos! – disse Kyle irritado. – Nosso lar está sendo destruído e pervertido por aqueles malditos bruxos neste instante. Dia após dia, a esperança diminui para nossos conterrâneos!

– É verdade. – concordou Archibald com um aceno. – An Lepard nos deve explicações. Essa história precisa de esclarecimentos.

Kleon disse, – Por favor, tenham paciência com o capitão. Ele está passando por uma terrível pressão.

– E quem o está pressionando? – Gorum quis saber.

– Não tenho certeza, mas parece que se descobrirem que está vivo, ele e todos nós estaríamos em grande perigo.

– Se este é o caso, devemos deixar que ele siga seu caminho. Não queremos que nos coloque em risco.

– Vocês não entendem? Ele está tentando ajudar.

Logo todos ficaram em silêncio. Observavam o marujo dacsiniano aproximar-se.

– Vejo que sentiram minha falta! – brincou An Lepard. Sorriu para todos e disse, – Infelizmente minhas suspeitas se provaram verdadeiras. Estamos com problemas. Os bruxos Lacoreses estão em Dacs.

Gorum sorriu, – Mesmo? Talvez seja uma ótima oportunidade para acabarmos com eles.

– Como assim, quis saber Kyle?

– Pergunte a Kiorina.

Kiorina balançou a cabeça, captando os pensamentos de Gorum. – Estarão vulneráveis, incapazes de operar sua magia negra.

Gorum pegou no braço de An Lepard. – Lepard, Archibald acha que devemos ir para Porto Baltimore no navio dos Silfos, o que acha?

– Não sei. Pensava em chamar pouca atenção. Mas suponho que talvez não possamos ocultar nossa presença. Pensava até em viajarmos por terra, mas talvez seja mais importante chegar em Porto Baltimore o mais rápido possível.

– Concordamos pela primeira vez. – disse Kyle. – Está decidido!

CAPÍTULO 72

Outrora Barão das extensas e ricas terras de Fannel, Calisto agora meditava sobre sua situação em sua casa nas colinas ao sul do Ducado de Kamanesh. Era uma noite chuvosa e uma tremenda tempestade parecia formar-se no horizonte. Escutava o fraco som dos trovões distantes enquanto pensava na sua delicada situação. Um revés que lhe tirou grande poder que havia conquistado. Além das preocupações políticas, militares e territoriais, pensava muito na rainha. Ela era sua passagem para o trono de Lacoresh, porém, não poderia alcançá-lo sem antes retirar de seu caminho o rei e seus filhos. No momento, parecia não haver o que fazer, estava sem opções. Não restava nada exceto administrar bem suas terras e aguardar.

No entanto algo lhe incomodava a consciência. O seu papel. Por mais que pensasse não chegava a uma solução clara sobre o assunto. Era o escolhido, investiram-lhe de poder. Toda aquela história. Fora criado por Thoudervon desde criança, teria sido tirado de seu pai, um Tisamirense chamado Shaik Kain. O breve encontro que teve com seu genitor abalou um pouco de suas crenças. Já aprendia com Radishi sobre os poderes mentais adormecidos que possuía dentro de si e que na cidade oculta de Tisamir, muitos tinham e dominavam tais poderes. Seriam essas faculdades hereditárias?

Algo não saía de sua mente. As palavras de seu pai: – Então não terei alternativa a não ser poupá-lo de sofrer ainda mais nas mãos dos impuros.

Era fato, estava à mercê da aliança dos necromantes. Não sabia de seus propósitos finais e sentia-se uma peça no jogo. Muito fora lhe falado a respeito de um jogo. O próprio Thoudervon teria dado a entender que não precisava ser um peão. Mas o que fazer? Como se libertar daquela condição. Não apareciam respostas. Meditava noite adentro enquanto observava a tempestade se formar. Logo, sua casa de madeira e pedra no alto da colina começou a ranger, tremer e balançar. Janelas se batiam, percebia os pensamentos dos criados no piso de baixo fechando as janelas, com medo da tempestade.

Mas ainda, não lhe saiam da mente os acontecimentos nas montanhas geladas de Thai. Depois que se salvou da derrota contra seu pai, aquele estranho homem veio. Kurishe´tou, se chamava. Ele dizia que o destino tinha lhe favorecido e que devia aproveitar esta oportunidade. Que será que queria dizer com aquela palavra, carma?

E depois disso tudo, não teve oportunidade de conversar com Radishi. Mesmo tendo, por várias ocasiões, projetado seus pensamentos em busca do mentor, não houve resposta. Estaria morto, seu professor? Talvez, somente ele pudesse esclarecer suas dúvidas e trazer paz à sua mente. Sentia-se cansado de tantos conflitos e por vezes, em seus sonhos, era atormentado pelas pessoas que torturou, pelas pessoas que matou. Não queria dormir. Não queria aqueles pesadelos. Desejava intensamente dividir seu leito com Alena. Mas vê-la, era muito perigoso. Tudo parecia perigoso. E talvez, a única coisa que lhe fazia seguir em frente era o ódio. Seu desejo de vingança contra Serin, Maurícius e Weiss.

Foi então que se assustou. Sua janela mostrou a silhueta escura de um homem contra a luz de um trovão distante. Como teria chegado até ali? Escondera sua presença mental, mas como, quem seria aquele homem?

– O que quer? – disse Calisto concentrando-se.

Recebeu em sua mente, pensamentos do homem. “Apenas conversar.”

Calisto destravou as janelas e deixou o estranho entrar em seus aposentos. Era um homem forte, de cabelos longos e expressão madura no rosto. Estava encharcado e chuva e um vento frio acompanhou sua entrada. Logo Calisto voltou a fechar a janela enquanto o estranho aproximava-se da lareira acesa.

– Meu nome é Vekkardi e sou amigo de Radishi.

– Vekkardi? Sim ouvi falar de você, um dos rebeldes mais procurados. Foi Radishi que lhe enviou?

– Não, mas vim por sua causa. Vim para pedir sua ajuda.

– Minha ajuda? Explique-se! – exigiu o nobre, indicando com um gesto que Vekkardi se sentasse.

Vekkardi estalou os dedos das mãos após sentar-se e disse, – Radishi foi capturado por um dos seus e é mantido como prisioneiro.

– Mesmo? E quem conseguiu essa façanha.

– Um que chamam de Arávner.

– Não sei de quem se trata.

– Pelo visto, você sabe muito pouco.

– Sei do seguinte, de alguma forma estão jogando comigo, estão me testando e não gosto nada disso.

– Imagino que deve ser, de fato, desagradável.

Fez se uma pausa, e, no silêncio entre eles, cresceram os sons da tempestade.

Vekkardi voltou a falar, – Meditei muito antes de resolver fazer um contato. Jejuei e procurei limpar minha mente. Já sei de tudo que devo fazer para reencontrar minha paz, porém, por minha culpa meu amigo Radishi está cativo e meu mentor, tutor, meu pai, está morto.

– E em suas meditações acreditou que eu o ajudaria? Por que acha que eu o ajudaria?

– Eu sei que você precisa de Radishi para libertar-se das garras da aliança necromante. E eu quero ajudá-lo.

– Imagino que sabe de meus planos para Lacoresh, caso consiga sobrepujar os necromantes, e mesmo assim quer me ajudar?

– Dos males o menor. Além do mais, acho que você é jovem e ainda tem oportunidade de aprender com seus erros. Não o culparia por ser como é. Sei que foi moldado pelos malditos para ser maléfico, não é inteiramente culpa sua. Se fosse eu, não sei se seria diferente.

– E o que sabe sobre os planos dos necromantes?

– Não muito, meu mentor não discutia esse assunto em profundidade, apesar de por algumas vezes eu ter insistido. Mas tenho certeza, é algo terrível o que almejam, algo que poderá afetar muito mais que as terras de Lacoresh.

– Certo, digamos que concorde em ajudá-lo. Que tipo de oponente é esse tal Arávner.

– Terrível. Eu o vi lutando. Nem se quer usa o corpo. Apenas com poder de sua mente é capaz de esmagar e destruir seus oponentes.

– Você diz, que destrói as mentes de seus oponentes?

– Não! Destrói seus corpos. Sua mente, ou sua magia, ou, seja o que for, é capaz de fisicamente afetar seus oponentes.

– Entendo. Por que acha que posso derrotá-lo?.

– Não sei, talvez não possamos derrotá-lo sozinhos. Precisamos de mais aliados.

– Algum rebelde?

– Talvez, mas tinha em mente dois de seus antigos aliados. Elser e Dagon.

– Vejo que sabe bastante sobre mim. Mas não tenho tido contato com nenhum dos dois, de fato, há meses que não sei do paradeiro de Elser. Ainda assim, talvez não sejam páreo para tais poderes que acaba de descrever.

– Você está enganado Calisto. Elser herdou o legado do silfo Rodevarsh. Eu mesmo pude ver uma tremenda demonstração de seu poder.

– Como se deu isto?

– Após a grande avalanche e a morte de meu mentor, escalei a montanha que lhe serviu de túmulo e comecei a jejuar e a realizar minhas meditações. Poucos dias depois, percebi se instalando no local um grupo de criaturas mortas vivas comandadas pelo cavaleiro Dagon. Humanos, vindos de Lacoresh, acamparam-se num bosque próximo, pareciam aguardar a os progressos da escavação de Dagon. Eu estava em alto estado de concentração e pude acompanhar mais de perto os acontecimentos sem revelar minha presença. Após um confronto entre os mortos e os humanos acampados, surgiu da espreita Elser acompanhado de criaturas de grande poder. Houve uma confrontação entre Elser e Dagon sendo que o silfo levou consigo o orbe pertencente a Rodevarsh. Mais tarde, este rumou em direção à floresta de Shind.

– Entendo.

– Eu sei da localização da fortaleza de Arávner. Acredito que em pouco tempo Arávner irá converter Radishi em seu servo, assim como fez com nosso amigo Noran no passado.

Calisto estava confuso com toda aquela história e não sabia se estava prestes a precipitar-se. Mas por outro lado, também estava cansado de sentir-se um joguete. Sabia que precisava de Radishi para libertar-se.

– É hora de virar a mesa! Vou ajudá-lo.

CAPÍTULO 73

Chegar em Porto Baltimore, tinha sido a parte mais fácil. Depois disso, Melgosh teve de gastar algum tempo para convencer a tripulação do navio a aguardar mais um dia até que An Lepard pudesse retornar. Teria de arranjar de uma nova embarcação para Kyle e os demais seguirem viagem. Afastaram-se da costa para evitar o mal estar geral. Os silfos chamavam a costa de Dacs de Tanka Poshooruir, terras amaldiçoadas. Longe da costa, no entanto, era difícil ancorar o navio. Já haviam dito, que se o dacsiniano não retornasse até o dia seguinte, partiriam.

Kiorina sentia apenas resíduos da falta de energias mágicas e praticava alguns truques para não perder a prática. Kyle, como de costume, ficava sozinho procurando meditar. Gorum estava na cabine do navio contando histórias de Lacoresh, a maioria delas, com toques cômicos. O gigante já aprendera até uma coisa ou duas sobre o senso de humor sílfico, o que chegou achar ser inexistente nos tempos que conviveu com o silfo Roubert, anos atrás em Lacoresh. Melgosh e outros oficiais do navio apreciavam as histórias enquanto degustavam licores provenientes de Aurin.

Archibald permanecia no grande tombadilho do navio, observando o mar e os céus. Estava um dia muito bonito e o vento marítimo era bastante agradável. No entanto, o mar sacudia o navio intensamente. Lembra-se com melancolia de Noran de Tisarmir, pois certamente estaria enjoado numa situação destas. Mais cedo, ao observar sua imagem refletida no grande espelho da sala de mapas do navio, percebia o quanto o tom de sua pele havia mudado. Tivera pele muito clara nos tempos do monastério em Lacoresh e agora, sua pele tinha um forte tom bronzeado tal qual dos silfos do mar. Respirava profundamente e sentia que as idéias em sua mente estavam claras. Algo que não acontecia há tempos. Havia acontecido uma grande mudança desde que pisara nas terras de Dacs. Depois de saber de Kiorina sobre a escassez de energias mágicas em Dacs, imaginou se de alguma forma, o feitiço implantado no fundo de sua mente teria sido desfeito. Estaria a salvo de perder o controle de sua mente e atuar como um assassino implacável? Ou se voltasse para as terras de Lacoresh voltaria a cair na influencia da magia negra da qual acreditava ter sido vítima? O que sabia era que havia um alívio profundo em sua alma. Tamanho era, que em uma oração, sentiu vibrar dentro de si as energias numinosas. Recordava-se com carinho de seus

companheiros do monastério, como o irmão Meinard e Ourivart. E pensava sobre o fato de ter sangue sílfico. Se fosse mesmo verdade, por que não teria passado mal como todos os outros silfos?

Além de tudo, pensava no misterioso senhor Atir e na conversa que tiveram observando do alto, na praça de Meia-Lua em Kamanesh. Atir chamava a atenção de Archibald para enxergar a realidade sob outros pontos de vista, outros ângulos. E agora que sua mente parecia ter se livrado de um véu, voltava a pensar dentro destas possibilidades. Sabia que An Lepard não preparava boa coisa em Porto Baltimore. Tentava pensar, colocando-se no lugar do marujo dacsiniano. Qual seria seu interesse em ajudar a causa que tinham? O que os ligava a An Lepard, que conheceram apenas como capitão de um navio a transportá-los como passageiros para Dacs? Conhecia tão pouco sobre ele, confiava tão pouco nele. Seria preconceito? Ou teria razão em suas suspeitas? Logo descobririam.

No início da noite, uma sensação incomodava Kyle e Archibald. Kyle, estava na proa, enquanto Archibald, estava no tombadilho orando e pensando. Um calafrio fez com que Archibald escorregasse. Kyle parecia inquieto na parte de baixo e Archibald observou Melgosh saindo da cabine e caminhando em direção ao cavaleiro. Melgosh usava uma capa comprida e bloqueava a visão de Kyle. Conversaram por alguns momentos e em seguida desceram juntos para os níveis inferiores do navio. De que assunto eles estariam tratando? Muitos questionamentos povoavam a mente ativa do ex-monge Naomir.

***

Ora, na mesma noite, na cidade de Porto Baltimore, An Lepard finalmente reencontrava seu irmão, após longa data. Foi um choque para An Lepaul ver seu irmão num estado de total decadência. E mesmo a forte rivalidade que possuíam entre si, ficou de lado por um instante. As injúrias sofridas pelo marujo nas mãos dos silfos do mar eram aparentes. Seu braço direito ficara trêmulo e torto em conseqüência da flechada de Celix. Estava manco e seu semblante estava envelhecido. Para An Lepaul era como ver seu irmão dez anos mais velho.

An Lepard, penetrou o escritório com a cara fechada e disse, – O que está esperando seu velhaco? Pode rir da minha desgraça!

An Lepaul, estava perplexo demais para zombarias e ficou em silêncio por alguns instantes. Era um pouco mais baixo que seu irmão. Vestia-se com roupas

nobres e escuras. Por baixo da túnica abotoada com grandes botões prateados com motivos em baixo relevo, vestia uma camisa vermelha com golas altas. Apenas seu rosto estava a vista, pois vestia uma calça comprida de couro com textura característica do gado do sul de Dacs e larga bota da mesma estirpe. As mãos eram cobertas por luvas do mesmo couro escuro adornadas com anéis de metal. Sob a cabeça, uma boina alta de pano fofo e avermelhado, prendia seus cabelos loiros e cacheados que desciam pelas laterais da face, cobrindo-lhe as orelhas. Seus olhos eram verdes, mas maliciosos e seus lábios finos e rosados. Era muito magro e de longe, poderia ser confundido com uma mulher. Presa a cintura, uma espada leve, mas de fino acabamento.

Lepard voltou a falar, – Devo estar com uma aparência péssima pelo que percebo em sua expressão.

An Lepaul ergueu o nariz para falar, – Não que vê-lo em desgraça não me agrade, caro irmão, mas devo confessar que estou duplamente chocado. Em primeiro lugar, soube de uma fonte segura que estaria morto. Depois disso, não fosse por sua maneira peculiar de falar, imagino que não lhe teria reconhecido.

– Fonte segura, não é?

– Pois sim, o próprio Erles disse que... – Mal pode completar a sentença, pois An Lepard furioso atacou seu irmão levando as mãos contra o pescoço erguendo-o pela gola da camisa. – Onde está o desgraçado Lepaul! Diga-me onde está?

Mais uma vez, An Lepaul ficou perplexo. Nunca vira tal fúria nos olhos de seu irmão e sentiu gelar a espinha. Teve certa dificuldade para desvencilhar-se e gritou, – Acalme-se Lepard!

Lepard contorceu a face abaixando o rosto, como se estivesse envergonhado, mas era mais que isso. Era a agonia de ter tido sua vida destroçada. Deu um passo atrás e como costumava, segurou com força o antebraço direito para senti-lo doer no local onde a seta de Celix ficara alojada por dias.

An Lepaul foi até a janela do escritório fez com que essa deslizasse e massageando o pescoço, respirou aliviado. A brisa marítima veio junto com os sons de música e conversa misturada, provindos dos andares inferiores. Estavam na parte mais alta do mais luxuoso bordel de Porto Baltimore, controlado por An Lepaul. Em seguida, abriu a porta de um pequeno armário retirando dele uma garrafa de vinho doce e forte que costumavam tomar durante a juventude. Ao voltar-se para Lepard, percebeu que ele ainda apalpava o antebraço distraído, como se nem estivesse ali.

Convidou-o para sentar e serviu-lhe vinho numa dose generosa. Primeiro, An Lepard contou toda sua história. Desde da traição de Erles, os maus tratos que sofreu nas mãos de Shark e dos tempos que passou entre os silfos. Depois de falar bastante, já bebiam da terceira garrafa e Lepard parecia bastante calmo.

– Vou responder sua pergunta irmão.

– Que pergunta? Eu não perguntei nada, ora!

– Sobre Erles. Sobre seu paradeiro.

Ao escutar o nome do traidor, metade do álcool que estava na mente do marujo pareceu evaporar. – Pois sim!

– Esteve trabalhando para mim. Um tolo, você sabe. Em pouco tempo perdeu o Estrela do Crepúsculo para mim. Não tem o talento para comandar uma embarcação. Mas tive pena dele, algo do que já me arrependo, e emprestei o navio em troca de parte do lucro de suas expedições.

– Não acredito que emprestou o meu navio para aquele diabo!

– O navio era meu, você estava morto, lembra? Enfim, há poucas semanas, chegaram duas embarcações de Lacoresh, com gente muito estranha. Bruxos, como dizem, agora muitos têm medo dos Lacoreses e suas bruxarias. Felizmente nossa terra é protegida contra tais ameaças, você sabe. Os que ainda têm coragem de comercializar com eles, contam muitas coisas sinistras. Como se uma sombra tivesse surgido após a coroação no novo rei. Mas, para quem estou falando essas baboseiras? Você sabe de tudo isso melhor que eu, não é mesmo?

– Deve ser o vinho. Você falava sobre as embarcações de Lacoresh.

– Sim, sim! Os tais bruxos, sujeitos sinistros, estiveram aqui uma noite. As mulheres se recusaram a deixar-se com eles, pois fediam como carniça. Mas demos um jeito nisso, pois eles eram generosos com o ouro. Procuravam por trabalhadores para montagem de um pequeno porto em uma ilha a leste daqui.

– Quanto a Casa Baltimore? O que pensa disso? Estrangeiros fazendo portos tão próximo de nossa costa? Isso é absurdo!

– Concordo, mas parece que o ouro, ou seus argumentos convenceu alguém do alto escalão. Ouvi dizer que desejam expandir relações comerciais e que os portos de Dacs não são apropriados. Para mim, procuram um lugar onde possam operar suas bruxarias. Já alertei a Casa a este respeito, mas parece que o ouro fala mais alto do que a razão, por vezes.

– Então é isso. Erles está trabalhando para eles.

– Sim, mas não se preocupe irmão. Amanhã mesmo iremos até os ouvidores da Casa e contaremos sua história. Assim que voltar, Erles será preso e julgado e você poderá ter de volta seu navio.

– Onde fica a tal ilha?

– Eu sinto o desejo de vingança em seus olhos Lepard. Lembra-se do que ocorreu com nosso pai? Deixe que a justiça seja feita pelas leis. Não seja tolo de buscar sangue e vingança.

– Onde fica a maldita ilha Lepaul!

– Escute, você só vai chafurdar ainda mais nessa lama em que está. Deixe Erles comigo, ele vai ter o que merece.

– Eu preciso do navio, Lepaul, pois devo uma para os Lacoreses. Devo o resto de minha vida miserável a eles. Preciso ajudá-los a lutar contra a sombra que dominou seus lares.

– Não faça isso irmão, se não for por mim, que seja por Claudine.

– Claudine? Que absurdo! Não coloque Claudine no meio dessa história!

– Ela já está irmão.

An Lepard parecia realmente intrigado. – O que quer dizer?

– No passado, trocamos desejos. Eu desejava sua amante, você desejava o navio de nosso pai. Fizemos uma troca e você partiu lhe o coração. Deu-me oportunidade para que eu pudesse conquistá-la. Mesmo assim, quando chegaram notícias de sua morte, a luz de seus olhos se apagou. Tornou-se calada e distante. Foi então que percebi que ela não gostava de fato de mim. Talvez enxergasse em mim algo do que você não pode dar para ela. Não sei. Mas agora que você voltou, se você se for de novo...

– É simples, não conte para ela que estou vivo.

– Não tem jeito, acho que ela já está sabendo, na realidade, acho que muitos estão sabendo.

– Outro absurdo! Você se casou com ela. Como pode me dizer esse tipo de coisas? O que pretende com isso?

– Desfizemos o casamento. Você sabe como eu sou. Ela envelheceu, mesmo que pouco. E aqui, há tantas mulheres, jovens e belas todas a meu serviço. Como supõe que eu possa lhe ser fiel? Nosso casamento talvez não tenha durado um ano. Também, não nos suportamos. Mas, mesmo depois do fim, eu tenho lhe oferecido compensações. Ela não vive mal, mas esperava sua volta a todo o momento. E quando chegaram as notícias de sua morte... – An Lepaul abaixou a vista.

– Entendo.

– Pois então, eu tenho certeza, ela vai querer cuidar de você, não importa seu estado. Não se arrisque numa vingança desmedida. Depois de tudo, você ainda pode ter uma vida tranqüila por aqui, ou no mar, conforme seu desejo.

– Quem sabe? Mas vamos ao que interessa. Onde ele está? Pare de tentar me proteger! Se não me contar, eu irei descobrir de qualquer jeito!

Lepaul franziu o cenho mostrando irritação e disse, – Certo seu cabeça dura! Se quiser vingança, vingança terá!

CAPÍTULO 74

Conforme haviam combinado, no dia seguinte, Melgosh aproximou a nau sílfica até poderem ver a cidade de Porto Baltimore. Antes que se passasse uma hora, um pequeno veleiro aproximou-se. An Lepard estava a bordo.

Trazia consigo uma carta marítima e documentos. Afirmou ter negociado com seu irmão uma embarcação a ser cedida para que prosseguissem a viagem. Indicou na carta a posição da ilha na qual a embarcação aguardava para ser tomada. Melgosh concordou em levá-los, pois chegariam em menos de um dia. Depois disso retornariam ao arquipélago dos silfos.

Já em curso para a ilha de Xadunia, que na língua de dacs significava ilha das rochas pontudas, Archibald aproximava-se de Kyle para uma conversa.

– Você não parece o mesmo. O que houve?

Kyle ficou quieto. Tinha dentro de si um forte mau pressentimento sobre o futuro.

Archibald voltou a falar, – Foi a conversa que teve com Melgosh ontem?

Kyle acenou levemente com a cabeça antes de responder. – Acho que sim. Melgosh estava bastante preocupado. Me contou a respeito de um sonho.

– Sonho? Os sonhos para os silfos têm significados especiais, muitas vezes neles enxergam o futuro, não é verdade?

– Suponho que sim. O fato é que eu tive um sonho parecido. Muito parecido, mas não tive coragem de contar a Melgosh.

– Você sonhou com a morte de Melgosh, não foi?

– Como sabe? Não vai dizer que sonhou com isso também!

– Não exatamente. Ontem, observei quando vocês conversaram um pouco, logo ali. Quando Melgosh saiu da cabine, senti um terrível calafrio. Como se estivesse sendo cortejado pelos espíritos. Acho que de alguma forma posso sentir quando a hora de alguém está se aproximando.

– Como assim?

– Senti isso antes, quando Noran se foi. Há uma técnica entre os monges Naomir que permite aproximar-se dos mortos, mas há muito foi banida. É um caminho perigoso, sobre o qual, li algumas referências na biblioteca do monastério. É o tipo de caminho que foi tomado pelos usurpadores em nosso reino, os malditos necromantes.

– Me sinto mal, como se estivéssemos sendo atraídos pela desgraça. Meu sonho foi bastante perturbador.

– O que viu?

– Vi o mar tingir-se de sangue. Vi centenas de peixes boiando na água, sendo jogados contra as rochas e areia pelas ondas. No meio destes, havia corpos. Vi o rosto de Melgosh entre esses corpos. Estava pálido e seus olhos abertos pareciam olhar para mim.

– Parece terrível, mas não é apenas isso que lhe perturba não é mesmo?

– Sim, você me entende bem amigo. É minha amiga...

– Amiga?

– Sim, está lembrado de quando falamos sobre alguém que me auxiliava?

– Claro!

– A pequenina, acho que ela pode ter morrido.

– Pequenina? Como assim?

– Deixe-lhe mostrar – Kyle abriu a mão revelando um pequeno objeto oval.

– O que é isso?

– É a Lila, digo, é o que ela virou. A minha amiga, era uma fada que encontrei no palácio imperial.

– Fada? Fala sério.

– É sério, olhe bem – Kyle mostrou para Archibald o objeto em detalhes. – Vê os contornos? É como uma pequena escultura dela dormindo abraçando as pernas. Essa casca dura cresceu ao redor dela na noite em que dormimos em Eril.

– Incrível! Essas formas lembram um casulo.

– Casulo?

– Sim, é o que parece, e faz sentido também.

– Sentido? Como assim Archie?

– Sendo ela uma criatura mágica, não pode suportar as terras áridas de Dacs, talvez tenha se convertido nisto como uma forma de defesa.

– Entendo... Será que ela vai voltar?

– Não sei dizer. Seu segredo era de fato surpreendente! Imaginei mil coisas, menos uma fada.

Kyle deu com os ombros.

– Posso pegar? – pediu Archibald.

Kyle consentiu.

– É dura como uma noz!

– Seu doido, não aperte assim! Pode machucá-la!

Kyle pegou um cordão que usava ao redor do pescoço e passou a linha num orifício localizado entre o tronco, pernas e braços da criaturinha petrificada formando uma espécie de amuleto. Em seguida, colocou o cordão ao redor do pescoço e a pequena Lila transformada para dentro da camisa.

– Observe – apontou Archibald – Terra!

– Nosso destino, acredito.

Enquanto observavam ao longe o surgimento de pequenos picos, esbranquiçados pela distância e por uma névoa baixa. Foram chamados pela vigorosa voz de Gorum, – Kyle, Archibald! Venham já até a cabine.

Archibald olhou nos olhos de Kyle e comentou, – Aposto que são más notícias.

Ao penetrarem na cabine, encontraram Melgosh, alguns silfos da tripulação, Kiorina, An Lepard e Kleon. An Lepard olhava para baixo, e tinha uma expressão sofrida no rosto. Murmurava algo que Kyle e Archibald não puderam ouvir.

– O que está havendo! – demandou Kyle.

– Me desculpem... – murmurou An Lepard.

Kyle sentia o cheiro de traição e as expressões dos presentes não mostravam o contrário. Logo perdeu o temperamento e avançou para An Lepard segurando as golas de sua camisa. – Olhe para mim Lepard!

O dacsiniano hesitou até erguer seus os olhos verdes de traidor.

– O que você fez? Nos vendeu? É isso que fez?

– Perdoem-me mas não pude... – antes que terminasse foi atingido pelos punhos cerrados de Kyle. Foi ao chão, mas não reagiu. Kiorina ergueu o braço e avançou para defender o marujo, porém um olhar de censura do cavaleiro fez com que se contivesse.

– Vamos, fale de uma vez Lepard. O que fez?

– Eu, eu...

Archibald perguntou, – Kleon, o que você sabe?

O rapaz deu com os ombros. – Pelo que sei, o Sr. An Lepard não teria motivos para trair vocês. Pelo contrário, se o conheço, deve estar em débito. Mas confesso que seu comportamento me deixa preocupado. Sinto o remorso em sua voz.

Kyle preparou-se para chutá-lo, mas foi impedido por Gorum, que interpôs-se entre eles. Com sua mãozorra ergueu An Lepard pelos ombros. Conduziu-o até a mesa, e ofereceu-lhe um forte licor diretamente na garrafa. – Beba e fale rapaz. – sugeriu o gigante.

E assim ele fez. – Os documentos de que falei, apesar de verdadeiros, não nos darão uma embarcação. Não se usados nas ilhas Xadunia. Na realidade, são os documentos oficiais que colocam em minha posse novamente o Estrela do Crepúsculo.

– Seu velho navio? – exclamou Kiorina.

– Sim, o navio que me foi usurpado por Erles, a vida que me foi usurpada por Erles. Ele e seus seguidores que impuseram sobre nós, tantos sofrimentos, que levaram vocês ao caminho no qual perderam seu companheiro Noran. O reencontro com o navio e sua suja tripulação tem sido motivo de minha existência. Maldito Erles! – Lepard trincava os dentes. – Cão dos infernos que desejo matar para extrair minha vingança! – An Lepard chorava de raiva apalpando seu braço inútil onde penetrara a flecha.

Gorum acenou com a cabeça em reconhecimento da verdade. – Então é apenas isso? Você nos conduzia para sua vingança... – Gorun foi interrompido por Kiorina, – Lepard, como pode? Depois de tudo... Por que não nos contou?

– Desculpem-me. Mas por mais que minha mente buscasse vingança, meu coração não descansava. Nunca deveria tê-los envolvido nisso. Vamos voltar para Port Baltimore e conseguir outra embarcação. Agora percebo que a missão de vocês, o sacrifício que têm feito é maior que minha vingança. Vocês têm um compromisso para com seu reino. Precisam lutar para livrá-lo das trevas.

Kyle retrucou, – E se quiséssemos tomar parte de sua vingança e tomar o navio para nós?

– Não podem. Não disse tudo. Descobri também que Erles está trabalhando para os bruxos de sua terra, que nas ilhas Xadunia estão montando um porto, ou uma base. Deve ser perigoso demais chegar perto. Capitão Melgosh, eu lhe peço, comande o retorno de sua nau.

Naquele momento, gritos dos silfos puderam ser ouvidos. – Fajin Vium! Fajin Vium!

– Navios se aproximando? – murmurou Archibald. E logo todos saiam da cabine apressadamente.

Avistaram já bastante próximos, dois navios com velas negras e bandeiras do reino de Lacoresh.

– Necromantes! – Kyle gritou. – Agora é tarde demais.

Kiorina alertou, – Sinto a magia através de minhas veias, eles serão capazes de usar sua magia negra.

Enquanto isso, Melgosh gritava com seus homens para assumirem posição de batalha e outros silfos relatavam, impressionados e tomados pela surpresa,

como os navios negros surgiram da névoa de repente.

Do alto do mastro, um silfo gritava – Fajin bonku or!

Logo puderam ver mais um navio deixar a névoa, este era esguio e possuía velas brancas. Logo que o reconheceu, um fogo acendeu-se nos olhos de An Lepard. Era seu navio, o Estrela do Crepúsculo. Porém, nos olhos de Kiorina de Lars o brilho de chamas reais ergueu-se. Sobre as costas de suas mãos, labaredas de fogo concentravam-se.

Era o indicativo de uma terrível batalha estava para ser travada.

CAPÍTULO 75

Era apenas mais um dia de aparência sinistra nas terras de Lacoresh. Dois aliados improváveis subiam as encostas do planalto de Or, buscando penetrar a floresta mística de Shind. O jovem Calisto, promessa entre os nobres do novo reinado de Lacoresh e o experiente Vekkardi, último discípulo do silfo Modevarsh.

Pouco tempo depois, caminhavam pelos caminhos sombrios de Shind. Não conversavam muito, desde que deixaram as terras de Calisto na noite anterior. O ar estava fresco e úmido e havia uma espessa camada de folhas caídas e molhadas no chão.

– Então você acha que este lugar está mais sinistro, não é? – indagou Calisto.

– Obviamente está lendo meus pensamentos. Eu preciso dizer alguma coisa, ou vai continuar? – Vekkardi deu com os ombros.

– Se quiser... – Calisto sorria, mas Vekkardi resolveu falar.

– Há muitos anos atrás fiz uma visita a este local. Era mais claro, tinha cores vibrantes e ares leves.

– Eu vi. Então você está preocupado com Elser? Com o que pode fazer conosco, já que estamos em suas terras. Não é?

– Para que o diálogo? Simplesmente continue lendo minha mente.

– É chato... É mais interessante perceber como você fica incomodado na medida que digo o que estou percebendo.

Após um breve silêncio, Calisto disse, – Não se preocupe, Elser me deve sua vida. Ele vai nos ajudar. E sim, acredito que podemos confiar num silfo do mar.

Caminharam por mais algum tempo até chegarem nas proximidades de riacho no qual beberam água e encheram seus odres. A água estava gelada e atravessá-la foi um sofrimento para Calisto. E como todos seus sofrimentos, este foi subjugado por sua sede de poder.

Um zumbido preencheu os ouvidos do jovem lorde. – Você está escutando isso Vekkardi?

– Claro, não leu minha mente? – replicou sarcástico.

– Isso pode ser ruim.

O zumbido que ouviam aumentou e foi interrompido com o brilho azulado e intenso. Escutaram sons de galhos sendo quebrados e em seguida surgiu uma criatura que avançava com ferocidade. Não era animal ou monstro, mas sim um ente vegetal, formado por troncos escuros e retorcidos, a enorme árvore caminhava a passos largos, com longos braços de galha seca, sem folhas.

O estrondo do tapa violento que atingiu o solo no ponto em que estava Vekkardi acelerou o coração de Calisto. Vekkardi escapara saltando em direção à criatura no último momento.

Aproveitando-se da oportunidade, o jovem de olhos negros desferiu um ataque mental contra a criatura. Usava todas suas forças, porém, não parecia surtir efeito, exceto enfurecê-la. E foi um chute furioso que arremessou Calisto à distância como se fosse uma pequena pedra. Cair na água gelada fez com que despertasse, pois perdera por um momento seus sentidos.

Vekkardi não conseguia pensar numa forma de deter o ente e saltava para salvar sua vida. Quando Calisto emergiu, colocando-se para fora do rio cuspia bolas de sangue. Parecia ter fraturado uma costela e sentia uma forte dor aguda no peito. O gosto de sangue deixava-o cego com ira imprudente e neste espírito avançou para a criatura gritando.

A grande árvore negra, seca pelo ódio e contorcida pela loucura parou por um instante calculando o golpe fatal que daria no nanico que se aproximava esbravejante. Antes de liberar o golpe fatal, surpreendeu-se pela explosão que engolfou seu tronco em chamas. As chamas eram intensas e logo se espalharam por seus braços e pelos galhos mais finos acima de sua cabeça. O horror de queimar fez com que o ente se esquecesse de seus pequenos oponentes correndo para atirar-se no rio.

Calisto gargalhou e beijou o anel que ganhara de Thoudervon. – Eu amo esse anel!

Vekkardi aproximou-se e tinha sangue escorrendo de um corte na testa. – De fato, esse anel veio a calhar! Mas vamos, aquela coisa pode voltar logo.

Antes que partissem uma alta gargalhada preencheu a floresta.

– Elser? – Calisto chamou. – Elser seu silfo bastardo! Tentava nos matar? Calisto tentava localizar o silfo com o olho de sua mente desesperadamente e mesmo captando a direção de sua voz, não podia captar seus padrões de pensamento.

– Elser, você me deve! Apareça!

As gargalhadas cessaram e forma substituídas pela voz do silfo, – Acha que está em posição de ordenar alguma coisa, senhor Calisto?

– Não estou ordenando nada. Apenas apareça. – insistiu.

– Muito bem, vou fazê-lo por que quero apenas. – Estava diferente da última vez que se viram, naquela mesma floresta, tempos atrás. – Estou surpreso, pois conseguiu enxotar meu servo. Merece aplausos. – Elser aplaudiu Calisto com um sorriso maroto nos lábios.

Calisto encarou-o sem conseguir extrair um pensamento sequer. Enquanto isso Vekkardi observava a enorme cicatriz que dividia o rosto do silfo de alto a baixo.

– Gosta da minha cicatriz primo? – indagou o silfo passando a mão esquerda sobre o relevo em sua face.

– Por que me chama assim? – quis saber Vekkardi.

– Somos ambos discípulos de irmãos de grande poder – explicou Elser alisando seus cabelos úmidos.

– Entendo.

– A que devo a honra de duas ilustres visitas?

– Sabemos que possuiu um objeto de grande poder.

– Não são tolos o suficiente para terem vindo tomá-lo de mim, estou certo?

– Está. Viemos apenas para pedir seu auxílio.

– Meu auxílio? Por que acreditam que os ajudaria?

– Primeiro por que me deve. Você sabe disso, silfo. Segundo, por que ter como aliado o futuro rei de Lacoresh, pode ser muito útil para você.

Elser riu um pouco, mas refreou-se. – Muito bem. Pelo débito então. Digam-me de que precisam.

***

No dia seguinte, desciam o planalto de Or, retornando às terras de Fannel. Durante o dia, viajaram rumo à capital do baronato, Liont. Por algumas vezes, Calisto tentou extrair informações sobre o objeto que Elser carregava. Mas o silfo tornava-se bastante reservado quanto a este assunto. Calisto soube apenas como era chamado o objeto: Orbe do Progresso.

Era óbvio para o ambicioso e jovem nobre que aquela esfera protegia seu portador contra ataques da força de sua mente. Mesmo uma simples leitura de emoções não podia ser feita, era como se Elser fosse uma parede. O silfo usava um capuz escuro sobre o rosto escondendo a enorme cicatriz. Calisto observou que Elser desenvolvera o costume de apalpar a cicatriz com a mão esquerda espalmada.

Chegariam à capital no cair da noite. Isso seria perfeito, pois buscavam auxílio de uma criatura da noite. Com a companhia do Silfo, Calisto deu uma folga a Vekkardi deixando de incomodá-lo com leituras de mente e jogos de palavras. Porém em determinado momento, percebeu algo que fez com que exclamasse em voz alta. – Incrível!

Elser olhou de lado, franzindo o cenho, com seus lábio grossos torcidos quase como se o desprezasse. – O que é incrível?

– O orbe. Ele não só defende seu portador, mas também a área em que está.

– Como assim? – quis saber Vekkardi.

– Exatamente! Percebe Vekkardi? Também não posso ler sua mente, não se estiver próximo ou atrás de Elser.

Elser revirou os olhos e deu com os ombros. – Ah sim... Pensei que sua percepção fosse mais apurada. – disse sarcástico e completou, – Pelos ventos do mar! Como demorou!

Calisto fechou a cara e engoliu a bile. Não podia confrontar Elser, ao menos não naquele momento.

Elser voltou sorrir. Adorava sua nova posição de domínio. Não era mais empregado de Calisto, mas sim, seu superior.

Vekkardi suspirou aliviado aproximando-se de Elser aos poucos durante a caminhada.

Com a noite foi mais fácil driblar os guardas e chegar até o cemitério de Liont, local no qual Calisto esperava encontrar o Barão Dagon. No alto da colina, puderam visualizar em meio a névoa, a silhueta sinistra do cavaleiro morto-vivo sobre sua montaria. O vento esvoaçava a capa da criatura mas o conjunto permanecia imóvel. Sua voz inumana soou. – Sabia da vinda de vocês. Mas, não esperava que viessem até mim.

– Barão Dagon! – Calisto exclamou e bom tom para que pudesse ser ouvido. – Há quanto tempo.

O cavaleiro e sua montaria desceram a colina mesclando-se na escuridão. Um fraco brilho avermelhado surgiu quando o cavalo zumbi encarou os três visitantes. De súbito uma chama tomou conta da espada empunhada por Dagon e Calisto reconheceu-a como a lâmina elemental que pertencia ao Cavaleiro Vermelho.

Em instantes, estavam a menos de três passos de distância e o cheiro de podridão preencheu as narinas dos vivos. Calisto resistiu e não esboçou reações negativas enquanto Elser e Vekkardi cobriram o nariz e a boca.

– Agora posso vê-los melhor – comentou Dagon, encarando-os com seu olhar sinistro, olhos esbugalhados sem pálpebras brotando se sua face apodrecida.

Calisto pressentiu algo sinistro. Dagon estava diferente, mais falante, mais espontâneo. O que teria lhe acontecido durante o tempo que estiveram separados?

– Ainda tem dever para com meu mestre, Thoudervon? – quis saber Calisto.

– Apesar sua companhia me ser agradável, não lhe tenho dever, exceto se assim for ordenado por meu senhor, príncipe Serin.

Calisto estranhava a postura de Dagon assim como a entonação de sua voz. Este prosseguiu falando. – Lembra-se de quando nos conhecemos?

– Como não? – respondeu o rapaz, – essas são memórias vívidas para mim, de quando saí dos subterrâneos pela primeira vez.

– Quando nos conhecemos soube que nossos destinos estariam entrelaçados.

– Dagon, você está me deixando curioso...

A criatura ou mudara de assunto, ou parecia não raciocinar de forma coerente. – Sim, as sombras me dizem que você veio buscar ajuda.

Calisto pensou, “sombras?”

– Posso ajudá-lo, mas preciso de sua ajuda em troca.

– O que tem em mente? – indagou o rapaz respirando entre os dentes.

– Ainda não é tempo – falou o morto no seu timbre sinistro. – Acha que pode contrair uma dívida cega com um cavaleiro como eu?

Calisto hesitou por uns instantes alisando os cabelos com as mãos. Finalmente deu com os ombros e disse, – Desde que não tenha que pagar com minha vida.

– Certamente que não – Dagon fez seu cavalo virar e sugeriu, – Para onde? Os domínios além da Necrópole?

O nobre fraziu o cenho, ampliando-se a cada fala e gesto do morto-vivo, que algo havia mudado. – Intuição era a última coisa que esperava de você Barão.

– Deixe-me ir adiante, ou seus acompanhantes não terão fôlego.

Com o afastamento do morto-vivo, pode-se se ouvir a respiração de Elser demonstrando súbito alivio. – Tufões! Ao menos a coisa tem alguma consideração!

Vekkardi lembrou-se da história contada por Will, do ataque contra os rebeldes no qual Roubert perdera seu primo. De alguma forma sabia que o silfo Erelin teria sucumbido na luta contra Dagon. Estava muito incomodado,

desconfiado e comentou, – Tem certeza de que devemos contar com ele como aliado? Estou com um mau pressentimento a este respeito.

Calisto cuspiu e disse, – Acho que todos nós estamos.

CAPÍTULO 76

A viagem fora tortuosa e desagradável. Pesadelos todas as noites e a sensação de que estavam caminhando para uma armadilha. Vekkardi conhecia bem a fortaleza de Arávner e já estavam muito próximos. Havia um conjunto de cavernas vazias nas quais entraram para passar a noite. Dagon ficara no exterior, sempre alerta, enquanto os demais procuravam dormir e recuperar as forças.

Calisto suava enquanto seu pesadelo se repetia. Sonhava com seu amor, a rainha Alena. A mulher que desejava e que imaginava que tomaria como esposa quando o reino de Lacoresh estivesse a seus pés. Lá estava ela, vestida de branco, com um véu sob o rosto, deitada na cama, imóvel. Calisto se aproximava e ao remover o véu, percebia com horror que a pele de sua amada estava pálida. Apesar de sua beleza estar intacta, ao tocá-la sentia a carne fria e sem vida causando-lhe arrepios. Subitamente, ela agarrava-lhe o pulso com violência. Seus olhos, se abriam, negros como os seus, totalmente negros. O seu próprio horror refletido nos olhos de sua amada. Sua mão forte demais para seu corpo delicado, não deixava-no escapar. A transfigurada Alena, atirava-o para baixo de si, dominando-o com facilidade. Suas unhas eram negras e pontiagudas e cavavam seu peito em busca de seu coração. A dor era insuportável. Sem conseguir reagir, Calisto não tinha opção senão assistir o horror que era sua amada devorar-lhe o coração.

Elser e Vekkardi haviam sido acordados pela agitação de Calisto. Quando ele se deu por si, ambos encaravam-no um pouco apreensivos.

Calisto limpou o rosto e sentiu os cabelos encharcados de suor. – Droga! Vamos desistir.

Vekkardi franziu o cenho e disse, – Depois de toda essa viagem. Agora que estamos tão próximos?

Tomado por uma nova consciência de sua vida e do que era importante, Calisto tremia. – Preciso voltar, está na hora de desistir de toda essa loucura. Chega de lutas, conflitos e mortes.

Elser riu para dentro e sussurrou, – Fracote.

Vekkardi tentou argumentar, – E quanto a Radishi? Ele é sua única chance. Acha realmente que os necromantes vão deixar que você desista de seu destino?

– Meu destino? O que sabe sobre isso? O que sabe sobre meu destino, afinal?

– Você mesmo não sabe? Como assim? Por acaso não vai à Igreja? Por acaso não sabe das mentiras que os necromantes estão contado por aí? Não vê que preparam para você e as outras crianças de olhos negros algo maligno, algo para que se preparam há tempos, algo que irá aumentar o poderio e influência do reino de Lacoresh.

– Sim esperto, sei disso? Então me diga, que destino é esse?

Elser intrometeu-se e disse, – Não conte a ele! Ele não passa de um fracote e não merece saber. Deixe que vá abraçar seu destino infeliz.

– Ora! Seu silfo sujo! – Calisto golpeou-lhe o rosto com violência. O silfo estava despreparado, de forma que pode apenas girar o rosto a fim de receber o golpe contra a cabeça. O soco em nada abalou Elser que respondeu com uma rápida seqüência de joelhadas, cotoveladas e pontapés. Calisto beijou o solo da caverna ralando a lateral do rosto. Levando as mãos contra o tórax e abdome doloridos.

Vekkardi defendeu Calisto iniciando uma luta contra Elser. Ambos eram extremamente habilidosos e defendiam, ou desviavam-se dos golpes um do outro.

Calisto rolou observando a luta e queria interrompê-la. Murmurou, – Você está certo Vekkardi, não dá mais para voltar. – Levantou-se cuspindo sangue e completou, – E você está errado silfo, não sou nenhum fracote. – Em sua nova consciência, sabia que precisava de Radishi para confrontar os necromantes e escapar ao destino que preparavam para ele. Livraria Lacoresh de sua sujeira, da podridão que traziam. Daria de volta a Alena e ao povo de Lacoresh, seu reino de volta. Seria um herói, um rei heróico que removeria o véu maligno da farsa necromante. O povo passaria a adorá-lo. Sim iriam idolatrá-lo. Seus olhos brilhavam como se estivessem em chamas.

– Agora parece o velho Calisto que conhecia! – sorriu Elser.

O rapaz declarou, com fúria velada, – Se eles acham que vão fazer nós, os de olhos negros, de peões, estão enganados. Vou destruí-los e a seus planos idiotas, um por um.

Vekkardi parou por um momento e refletiu. Lembrou-se da conferência dos rebeldes em Vaomont. Ocasião na qual Radishi expunha seus planos usar Calisto como uma arma contra os necromantes. Na ocasião, estava concentrado em buscar uma cura milagrosa para a condição de seu irmão. Mas agora, tanto tempo depois, começava a perceber o sentido do plano de Radishi. Estava funcionando. Não sabia de todos os detalhes, mas enxergava a fúria de Calisto contra seus próprios aliados. Se lutassem entre si, talvez os rebeldes tivessem

uma chance de reemergir. Aconteceria do modo que Modevarsh havia previsto e Radishi havia dito. Talvez Calisto tivesse a potência necessária para derrotar Arávner, um dos líderes do movimento dos necromantes. Mas e quanto ao Barão Dagon, não poria tudo a perder? Rodevarsh, o irmão de Modevarsh, já havia sucumbido. Elser tomara sua posição, mas parecia que não estava tão interessado na aliança com os Lacoreses.

Calisto tentou ler os pensamentos de Vekkardi e extrair o que ele sabia sobre seu destino, mas a proximidade do Orbe do Progresso o impedia. Ao menos tinham esse trunfo. Talvez pudessem se aproximar da fortaleza de Arávner sem que ele percebesse. – Chega de descansar – declarou. Vamos logo de encontro ao nosso destino. É hora de libertar Radishi e destruir Arávner.

CAPÍTULO 77

A batalha entre os quatro navios era eminente. Os navios inimigos surgiram das névoas, repentinamente e já muito próximos. Mesmo sendo a nau capitaneada por Melgosh mais robusta e veloz, estavam em cursos contrários e já não havia mais espaço para uma manobra evasiva. O que restava era traçar uma estratégia para a batalha no tempo mais breve possível.

No centro estava o antigo navio de An Lepard, o Estrela do Crepúsculo. Uma grande nau dacsiniana de três mastros e amplas velas bem esticadas. As duas outras embarcações, Lacoresas, tinham um desenho completamente diferente. A madeira era mais escura e tinham um formato largo e retangular, com apenas dois pequenos mastros e o convés principal era aproximadamente um terço mais baixo que o da nave dacsiniana. Sua principal força motriz vinha dos remos, vinte e oito pares de enormes remos projetados das laterais saindo de orifícios posicionados abaixo de grandes escudos com o brasão lacorês do dragão de duas cabeças. Tratavam-se de naus de guerra lacoresas.

Estavam em desvantagem numérica, mas contavam com o porte e robustez da embarcação sílfica. Era a que possuía o convés mais alto e em sua proa um poderoso aríete que constituído de madeira e metal. Apesar de não estar tripulado para guerra, a nau capitãnea do império sílfico era uma das embarcações de guerra das mais prodigiosas já construídas, ao contrário do Estrela do Crepúsculo que era apenas um navio voltado para transporte de cargas.

Melgosh dava instruções a seus homens do alto do tombadilho, sendo que parte do que falava não era entendido pelos Lacoreses presentes, mesmo eles sabendo a língua dos silfos. Parecia tratar-se de um dialeto especial para uma situação de combate. O timoneiro era muito experiente, já navegava há mais de quatrocentas estações e conhecia aquele navio como ninguém. Logo a nau capitãnea desviou-se do navio dacsiniano e direcionou-se para uma das embarcações lacoresas que eram conhecidas como Ceifadores.

Apesar de ainda enfraquecidos devido à proximidade com as terras almadiçoadas os silfos do clã Maki que compunham a tripulação dispunham de energia para uma convocação coletiva. Através da magia trocavam sussurros com o capitão e timoneiro apesar de estarem no interior do navio, numa câmara especial do terceiro convés. Nesta câmara, cheia de aparatos mágicos, havia um

grande orbe de brilho azul celestial intenso encaixado em uma mesa ao redor da qual seis magos operavam uma grande conjuração.

Naquele instante, no exterior do navio, Melgosh avisava aos tripulantes humanos que estavam no convés principal, – Segurem-se com firmeza!

Kiorina matinha sua concentração para agir quando necessário e sentiu uma forte corrente de energia contrária a seu elemento principal, o fogo, surgindo ao redor do navio. De forma instintiva, decidiu extinguir as chamas que havia criado para facilitar a operação das magias aquáticas. Nunca em sua vida, nem mesmo do mais poderoso mestre da Alta Escola, havia percebido um fluxo mágico tão vigoroso. Seus instintos, além do aviso de Melgosh fizeram que se agarrasse à estrutura do navio. Ao mesmo tempo, Melgosh repetia, – Segurem-se todos!

An Lepard, sentia suas entranhas pulsarem, curioso, aproximou-se da proa, na lateral esquerda do navio para observar o que ocorria. Havia um certo brilho na água ao lado do navio e esta parecia mover-se de maneira estranha. O marujo dacsiniano estava impressionado com a manobra iniciada que entendera naquele momento. Estavam em curso de colisão com uma das embarcações lacoresas. Logo não pode deixar de notar as centenas de remadores que tinham uma aparência nada saudável. Queria imaginar que estava sendo enganada por seus olhos, mas logo soube do que se tratava. Eram criaturas mortas animadas pela magia maléfica dos necromantes. Tão logo se deu conta disso, a nau sílfica ergueu a proa subitamente impulsionada pela convocação dos silfos Maki. An Lepard tinha forças para segurar-se apenas com um dos braços e para evitar cair ou ser jogado para fora do navio conseguiu enroscar uma das pernas em cordas que ligavam a lateral nau a um dos mastros.

A impressão geral, fora a mesma, parecia que o navio viraria da forma mais impossível. A proa apontava para o alto como se o navio fosse alçar vôo. Permanesceu neste ângulo por alguns instantes. A queda violenta da proa da nau capitânea deu-se sobre o navio lacorês, esmagando-o como se fosse uma marreta. Houve um grande estrondo seguido do som de madeiras quebrando, cedendo e rangendo. Um grande spray de água foi projetado para o alto e para os lados. E depois que a água baixou, pode-se ver o estrago. O navio lacorês estava partido em duas partes, sendo que uma delas começou a afundar de imediato. A tripulação em sua grande maioria composta de criaturas mortas-vivas continuava a exercer sua tarefa. Remavam e remavam, mesmo enquanto sua embarcação afundava.

Uma das embarcações inimigas estava eliminada, mas não sem seu preço. A força do impacto fora enorme, uma parte menor da embarcação partida projetou-se contra a lateral próxima de onde estava An Lepard. Várias cordas se romperam e estilhaços de madeira foram projetados naquela região. Uma das velas não agüentou, perdeu a sustentação descendo violentamente contra o convés principal. Alguns foram feridos e aparentemente, apenas um ou dois silfos foram projetados para fora do navio. Duas lascas de madeira atingiram An Lepard causando-se ferimentos no braço ruim e nas costas. Mas isto não foi a pior, parte do navio lacorês ficou enganchada na nau capitânea removendo boa parte de sua capacidade de manobra.

Foi assim que esta logo foi alcançada pelo Estrela do Crepúsculo pela lateral direita e pela outra nave lacoresa pela esquerda. Da nau lacoresa dezenas de grandes ganchos eram arremessados por mecanismos semelhantes a pequenas catapultas. Em pares, os ganchos traziam atrás de si escadas formadas por cordas. Através destas, como insetos saindo de uma colméia, centenas de criaturas mortas-vivas subiam rumo ao convés principal do navio comandado por Melgosh. Enquanto isso, a partir da embarcação dacsiniana cujo convés era apenas um pouco mais baixo, ganchos menores eram lançados, assim como pequenas escadas de madeira. Ao mesmo tempo, marujos sob o comando de Erles, conseguiam abordar saltando para o convés sílfico usando cordas.

Kyle, Kiorina, Archibald, Gorum e Kleon estavam próximos, entre a saída da cabine e o mastro principal, nenhum deles havia se ferido, uma vez que o ponto de impacto fora próximo da proa. Kiorina logo lançou um extenso jato de chamas contra uma das escadas e deixou que o fogo fizesse seu trabalho. Enquanto isso, Gorum e Archibald acertavam os zumbis e carniçais que suabiam através das chamas, atirando-os ao mar. Kiorina foi acompanhada por Kyle, que vigiava sua retaguarda em direção à outra escada atirada pelo navio necromante.

Melgosh no tombadilho, avaliava a situação. Se tivesse uma tripulação completa para guerrear, poderiam vencer o combate, disporia de seiscentos ou setecentos silfos. Mas agora, não tinha certeza se os seus chegavam a duzentos. Observava, que apesar do bom trabalho dos arqueiros alvejando as criaturas mortas-vivas que subiam aos montes, o avanço destas era pouco prejudicado, se fossem homens ou silfos, boa parte destes não tocaria o convés. Mas duas ou três setas nas costas daquelas criaturas eram como agulhas espetadas que não diminuíam seu avanço. Duas das escadas, próximas do tombadilho recebiam tratamento diferenciado por parte da jovem Kiorina. Sorriu ao perceber que uma das escadas cedera pela força do fogo derrubando no mar uma dezena de

criaturas. Não havia muito mais o que ver nem muito mais a comandar. Melgosh desceu as escadas que iam do tombadilho direto para o interior da cabine. Era hora de combater.

Os silfos tinham dificuldades para derrotar os mortos-vivos, que sobreviviam a uma, duas, três, quatro, cinco ou mais dos golpes de suas espadas leves. Os marujos sílficos eram experientes e capazes de eliminar um inimigo vivo num único golpe, em geral atingindo o coração ou algum outro importante ponto vital. Mas perdiam espaço para os zumbis e carniçais que logo se amontoavam sobre eles rasgando-os com suas garras e dentes furiosos.

Kiorina e Kyle conseguiam eliminar mais uma das escadas, mas não havia espaço para avançar além dali. Kyle protegia Kiorina lutando sem armas contra os inimigos. O foco de concentração permitia que ao atingir um morto-vivo com um golpe, a energia que o mantinha fosse dispersada, mas isso variava com o golpe, sua concentração e a força da criatura. Para um deles, foram necessários dois socos e um chute antes que caísse como um boneco, sem vida. Adiante, visualizavam uma confusão de silfos, marujos dacsinianos e mortos-vivos combatendo. Do mastro principal até a proa da embarcação uma furiosa batalha estava em andamento e parecia que os silfos perdiam espaço a cada instante. Logo se formou uma linha de defesa por cerca de trinta silfos, imediatamente atrás do mastro principal.

Kleon, preocupado com An Lepard abandonou a batalha em busca de um ponto mais alto. Subiu no tombadilho e conseguiu avistar seu capitão dando combate as criaturas próximo à proa. An Lepard atingia os mortos-vivos com seu sabre direto nos olhos procurando perfurar o cérebro, em geral conseguia derrubá-los. Alguns dos silfos que estavam a seu redor, e que possuíam domínio semelhante de suas lâminas, imitavam o dacsiniano com sucesso. Kleon suspirou aliviado, mas logo voltou a ocupar-se com alguns marujos que viu se aproximar. Foram seus ex-companheiros sob o comando de An Lepard. muito próximos a Erles. Kleon lembrou-se de seu grande amigo Georges que morrera pedindo vingança contra os traidores. Uma raiva incomum tomou conta do pequeno katoniano que gritou enquanto partia para o ataque.

Logo abaixo, o gigante Gorum girava uma enorme marreta e tinha uma técnica mais grosseira de livrar-se dos inimigos. O cavaleiro procurava ficar próximo da lateral do navio e arremessava os morto-vivos de volta ao mar com golpes pujantes. Archibald cobria a retaguarda de Gorum e por vários momentos não lhe restava muito a fazer. Logo percebeu que pareciam ainda haver centenas de mortos-vivos no ceifador e que seriam derrotados por sua força bruta. Eles

eram combatentes incansáveis e logo todos os silfos e até mesmo o vigoroso Gorum estariam cansados e logo seriam derrotados.

– Gorum, me escuta! – o rapaz teve que gritar.

– O que!? – retrucou o gigante enquanto arremessava outro carniçal no mar. Com um chute empurrou mais um que caiu grunhindo. Estava com um sorriso no rosto. – Isso é divertido! Trabalho de cozinheiro, jogando a carne podre no mar... Mais um! Carne podre no mar...

– Não vai dar! Temos que cortar a cabeça!

– Ei, eu sei... – Agarrou um zumbi esquelético pelo pescoço e ergueu-o acima da cabeça. – ... o que estou fazendo, certo? Cortar a cabeça é mais difícil que simplesmente fazer isso! – Arremessou a criatura no mar. – Nossa! Esse nem tinha o peso de uma criança!

– Não Gorum, não é isso que quis dizer. Estou falando dos necromantes. Temos que...

– Cuidado moleque! Um rapidinho... – Archibald agachou-se enquanto Gorum girou a marreta derrubando mais um carniçal.

Archibald continuou mesmo agachado, – ... temos que eliminar os necromantes que estão no outro navio, vê? Isso que quero dizer com cabeça.

Gorum tirou o sorriso do rosto e franziu o cenho. – Boa observação! Mas como?

Naquele instante, provindo do interior da cabine, um vento frio espalhou-se pelo convés. Um instante depois, Melgosh surgiu e em suas mãos estava a lâmina encantada conhecida como Maré Vermelha.

A batalha parecia perdida, e de fato até o momento pareciam enfrentar apenas a ralé das tropas inimigas. Mas a presença da Maré Vermelha na batalha logo atrairia a atenção dos peixes grandes.

Kiorina escutara as palavras de Archibald e tentou chamar a atenção de Kyle. Ele parecia não ouvir. Kyle aprofundava-se em sua concentração e contava em sua mente a quantidade de inimigos nas proximidades, enquanto combatia um deles, seus olhos liam pequenos sinais do conjunto dos demais e previa seus movimentos. Já sabia o que fazer nos momentos seguintes. E por vezes, como se guiado por uma intuição além de seus sentidos virava-se para atingir um inimigo que espreitava pelas costas. Desistindo de chamar-lhe a atenção, a ruiva correu para perto de Gorum e Archibald.

– Olha só para aquilo! – exclamou Gorum. – Esse garoto lutando é uma espécie de fenômeno!

Kiorina ignorou Gorum e disse, – Certo Archie, escutei o que disse, temos que descer lá agora!

– Calma aí pestinha! – disse Gorum segurando Kiorina na cabeça. – Aquilo lá em baixo parece um formigueiro!

– Vocês dois, cobertura! – Kiorina fechou seus olhos verdes e respirou fundo entrelaçando os dedos e firmando as mãos como se segurasse um ovo grande. Um ponto de luz a calor intenso formou-se no entre as palmas das mãos curvadas. Ao abrir os olhos a ruiva disse, – Vamos ver como vai ficar depois disso! Nnnnaaarrrrrhhhhh!!! – Ao fim do seu grito, Kiorina abriu os dedos entrelaçados tocando os punhos e apontando as palmas das mãos para a área próxima do tombadilho. Uma bola de fogo voou deixando um rastro de fumaça até atingir o convés do ceifador. Uma forte explosão pode ser ouvida e um cogumelo fumegante de fumaça escura e chamas subiu até se desfazer acima da altura do mastro principal da nau capitânea. Por alguns instantes, os mortos-vivos pareciam agir de forma desarticulada, mas logo voltaram a atacar com a persistência habitual. O convés do ceifador ficou em chamas e numa área de aproximadamente um quinto dele ficou paralisada, sem o movimento constante dos mortos-vivos.

Kiorina caíra de joelhos tomada pelo esforço. Archibald ergue-a pelos braços e perguntou, – Você está bem Kina? – Ela tinha suor cobrindo a face e apenas respondeu com aceno positivo.

Gorum disse, – Bom, parece que agora temos um espacinho para descer lá!

As coisas iam de mal a pior para os silfos que combatiam no meio e na proa do navio, restavam apenas uma dezena de pequenos grupos de três a cinco que se defendia desesperadamente. Os silfos do clã Maki finalmente emergiram do convés inferior. Logo usaram suas capacidades para eliminar alguns oponentes entre os grupos procurando uni-los. Ao mesmo tempo, Melgosh avançava brandindo a Maré Vermelha através do aglomerado, dividindo em duas ou mais partes seus oponentes e deixando-os inertes. Após derrotar alguns oponentes, Kleon havia sido ferido no braço esquerdo e na coxa direita. Não queria ser derrotado ainda e aproveitou a oportunidade para seguir os passos de Melgosh, utilizando seu avanço como uma forma de obter proteção.

Em instantes, Melgosh, Kyle e Kleon estavam lutando lado-a-lado. A Maré Vermelha brilhava e vibrava provocando ventos gelados que se espalhavam por todo convés. Seu corte congelante deixava partes dos inimigos ao redor deles.

Kleon comentou, – Acho que esse é nosso fim!

Melgosh retrucou, – Talvez haja esperança, Kiorina e Archibald...

Kleon deu com os ombros, – Não entendo...

Melgosh disse, – Não importa, fique perto de mim e agüente firme!

A tempestade evocada pela Maré Vermelha crescia célere. As velas da nau capitânea se estufaram e, devido à diferença de impulsos, os dois navios amarrados foram puxados e em seguida as laterais colidiram, causando fortes impactos, atirando no solo do convés e no mar, humanos, silfos e mortos-vivos de forma indistinta. Uma boa leva de mortos-vivos que subiam pelas escadarias também caiu, sendo que duas destas se romperam no processo.

Gorum segurando-se na lateral do navio, gritava, – Como vamos chegar lá? Não vai dar! – Um dos seis silfos, feiticeiros do clã Maki, saltou do meio da batalha para pousar suavemente ao lado de Gorum, Archibald e Kiorina. – Chamo-me Farzul, irei ajudá-los.

Farzul era velho e tinha cabelos longos, vestia um manto bege e na cabeça uma grossa faixa esverdeada. Tinha grandes brincos com pedras preciosas cravejadas e um largo cinturão de ouro com símbolos místicos. – Segurem em minhas mãos – ordenou.

Sem muito questionar, obedeceram. Um outro salto e em poucos momentos flutuavam como se fossem plumas rumando em direção ao convés do ceifador dos necromantes. Kiorina, Archibald e Gorum sentiram gelar as entranhas durante o vôo. Ao pousarem no convés, sentiram um cheiro de podridão acentuado que passou a incomodar. O Silfo Farzul sorriu e disse, – De fato, fiquei imaginando se conseguiria trazer alguém tão grande quanto o espirituoso Gorum.

Enquanto isso, no convés do navio sílfico, Kleon enxergou sua oportunidade e correu para a proa a fim de encontrar-se com An Lepard. – Capitão! Vamos sair daqui antes que essas coisas voltem a lotar o convés!

– O que sugere? – quis saber Lepard.

– O Estrela do Crepúsculo. Se vamos morrer...

Foi interrompido por Lepard, – Busquemos a vingança!

CAPÍTULO 78

A noite se aproximava e Vekkardi sentia-se oprimido ao deparar-se com a fortaleza de Arávner. Há cerca de um ano, fizera parte da estratégia de Radishi para resgatar Noran das trevas. No processo, Vekkardi quase perdera a vida, alvejado pelas flechas da guarda. No último instante, Noran recobrara a consciência do seu verdadeiro eu que havia sido corrompido aos poucos pelo poderoso Arávner. Imaginava que agora, seu amigo Radishi estaria sendo submetido a terríveis condições a fim de ter sua força de vontade subjugada. Sentia o pescoço tenso e girava-o provocando estalos.

– Memórias desagradáveis? – atiçou Calisto, trazendo os pensamentos de Vekkardi de volta para o presente.

Vekkardi enfezou-se, – não mecha em minhas memórias!

– Por acaso esqueceu-se do orbe? Apenas observava sua expressão – replicou o rapaz com um sorriso cínico em seus lábios delicados.

Enquanto os dois continuavam com uma breve discussão, o silfo Elser apalpava o Orbe do Progresso e mantinha grande concentração no ambiente circundante.

Acreditavam que com a camuflagem psíquica do orbe, conseguiriam ocultar-se de Arávner, mas ainda precisavam lidar com os sentinelas da fortaleza. Vekkardi imaginava que se estivesse sozinho, conseguiria infiltrar-se com facilidade. Mas, tendo que permanecer próximo dos outros, seria muito difícil conseguirem.

Calisto apostava que sua própria dificuldade para ter impressões claras dos pensamentos de Dagon, poderia ser utilizada como trunfo.

A discussão cessou dando espaço aos sons do vento enquanto observavam o cavaleiro morto-vivo avançar em sua montaria em direção aos portões da fortaleza.

Haviam planejado as ações durante o dia, e agora, com o crepúsculo testariam a possibilidade de infiltrar Dagon na fortaleza.

Observaram Dagon aproximar-se do portão com seus movimentos inumanos. Após alguma interação com a guarda, permaneceu imóvel por um certo período. Antes que os observadores pensassem que haveria algum problema, o portão se abriu e o cavaleiro entrou.

Sobre o que sucedeu após a entrada de Dagon, não puderam saber. Mas, bem depois quando os portões se abriram souberam que o plano obtivera êxito. A madrugada estava próxima e a encosta da montanha abaixo da fortaleza estava silenciosa. Apenas o barulho de arbustos farfalhando contra os ventos e sons de insetos preenchiam a noite.

Calisto, Vekkardi e Elser aproximaram-se furtivamente da muralha e pelas sombras, chegaram até o portão aberto. Vekkardi surpreendeu-se, pois imaginava que Calisto não seria capaz de subir aquele caminho furtivamente. Durante a viagem, Vekkardi percebera como era grande a capacidade de aprendizado do rapaz. Temia aquela força que tinha em sua mente e às vezes Calisto percebia o medo de Vekkardi com prazer.

Elser tomou a dianteira e inspecionou o pátio com sua visão sílfica, um pouco melhor adaptada às condições de pouca iluminação do que a visão humana. Calisto seguia de perto, incomodado por não poder fazer uso de suas faculdades mentais e tecer uma análise dos perigos potenciais da situação. Logo avistaram Dagon e próximo dele dois corpos estirados no chão.

O pátio que iniciava a partir do muro se estendia até uma série de lances de escada quase sobrepostos acompanhando o relevo íngreme que levava até a entrada principal da fortaleza, que podia ser vista de fora da muralha.

Elser sussurou, – Teremos de subir juntos e dar um jeito naquelas outras sentinelas adiante – Apontou para o alto da escadaria, mas com exceção da visão sobrenatural de Dagon, não puderam ver as sentinelas que Elser indicava.

– Sim, estou vendo. – assentiu Dagon.

Vekkardi deu com os ombros e imaginou que assim como ele, as sentinelas provavelmente não podiam avistá-los daquela distância.

Elser subia os degraus sem fazer um ruído sequer. Após uma inversão de quase cento e oitenta graus na direção dos degraus, desprendeu o arco que trazia nas costas. Mais acima, tomando cobertura de joelhos atrás de uma rocha próxima ao final da escadaria, esticou o fio do arco e logo disparou contra uma das sentinelas. A flecha penetrou na cabeça do guarda que tombou emitindo um gemido. Antes mesmo que o outro guarda tomasse ciência do que estava havendo, Elser disparou com sucesso outra seta mortal.

Finalizaram a subida dos degraus e logo alcançaram o portão que dava acesso ao interior da fortaleza. Vekkardi estivera na fortaleza antes e já imaginava que o portão estaria fechado. Lembrou-se dos ensinamentos de seu falecido mestre Modevarsh e concentrou-se para fechar sua mente. Teriam de arriscar uma breve separação para que tentasse abrir o portão pelo interior. Após

breve discussão, concordaram o risco e Vekkardi pôs-se a escalar o muro da fortaleza aproveitando a quina entre duas paredes. Seu caminho levava até uma janela sem vidros que servia de entrada de ar para corredores do nível superior. Ventava muito e Vekkardi sentia a rocha gelada mesmo através de suas luvas. Penetrara a fortaleza que estava muito quieta em seu interior. Não foi difícil encontrar o caminho de volta para a saída. Em seguida, ergueu a pesada tranca da porta com certa dificuldade e os outros também entraram.

O interior da fortaleza estava quieto. Vekkardi liderava o grupo, levando-os até uma escadaria que descia para as catacumbas. Calisto pensava, “Está muito quieto, deve ser uma armadilha”. Elser sentia-se um pouco nervoso e sua mão suava mesmo com o toque frio do orbe do Progresso que iluminava o caminho com seu brilho azulado.

Logo, chegaram a uma parede e Vekkardi sentiu-se confuso. – Havia uma passagem aqui. – declarou em voz baixa.

– Ótimo! – replicou Calisto irônico. – Chega dessa baboseira. Devia ter seguido minha intuição. Não acho que Radishi esteja no calabouço, um prisioneiro como ele seria mantido na parte alta. – Tomou a dianteira e completou, –Venham!

Ao chegarem novamente no salão próximo da entrada, depararam-se com uma homem do qual podiam apenas identificar a silhueta.

– É ele... – sussurrou Calisto.

Vekkardi disse, – Radishi, é você?

Na altura dos olhos da silhueta puderam ver um brilho amarelado. Calisto engoliu seco ao encarar os olhos faiscantes do opositor. Podia sentir a energia Jii emanando num forte fluxo. Mesmo a proteção do orbe parecia recuar frente àquela potência.

Confiante, Elser ergueu o orbe e convocou através dele iluminação forte e azulada. Revelou-se sob a luz da esfera o rosto de Radishi numa expressão obscura e a luz fez reluzir seus olhos azuis cristalinos tal como os olhos de um felino na noite. A pele do tisamirense parecia um pouco esfolada, principalmente na altura da testa. A tatuagem que tinha entre os olhos havia sido apagada cruelmente. Seu rosto estava sujo de seu próprio sangue seco e escuro.

O confronto nada durou, pois quando o tisamirense atacou Elser com a força de sua mente, teve o ataque direcionado contra si mesmo. Após um breve grito de agonia sucumbiu colidindo contra o chão num baque abafado.

Elser riu e caminhou em direção do corpo caído afastando-se de Calisto e os outros. – De fato, mais fácil que imaginava – comentou torcendo o nariz para

Calisto.

No instante seguinte, Calisto soube que o fluxo de Jii que sentira a pouco não vinha propriamente de Radishi. – Elser, cuidado! – alertou Calisto.

Era tarde, ao mesmo tempo em que Calisto gritava um forte estalo soou próximo a Elser. Em instantes, o teto ruiu e uma grande quantidade de blocos de pedra caiu sobre o Silfo atingindo-o no ar enquanto saltava para escapar daquela ameaça. Mas nem os reflexos do Silfo puderam salvá-lo da queda repentina de boa parte do teto. Atingido severamente, seu corpo ficou estirado coberto de escombros. Sua mão direita ainda segurava o orbe, que mesmo atingido, parecia não ter sofrido um arranhão sequer. Após uma série de espasmos a esfera girou abandonando a mão do Silfo e rolando até atingir escombros próximos da lateral do salão.

O local ficou escuro assim que a esfera escapou das mãos de Elser e uma grande quantidade de poeira pairava no ar. Calisto e Vekkardi cobriam o rosto e tossiam enquanto Dagon avança sem incomodar-se com o pó suspenso.

Logo Calisto pressentiu, estavam liquidados.

O buraco no teto trazia iluminação para o salão na medida que a poeira abaixava. Com os olhos pressionados Calisto viu o vulto que flutuou do andar superior pousando próximo a Elser. Dagon soube que precisava agir rápido. Com violência e precisão o morto-vivo arremessou a espada encantada, que pertencera ao Cavaleiro Vermelho, envolta em chamas, contra o peito do oponente. Um simples gesto do poderoso opositor desviou a lâmina encantada que se fincou contra um grande móvel de madeira na lateral do salão. As chamas aos poucos se espalharam iluminando o local. As chamas revelaram a frieza no olhar de Arávner. Seus cabelos brancos cacheados estavam presos formando um rabo de cavalo. Ele o mais alto homem que Calisto já havia visto, olhava para Dagon inclinando a cabeça para baixo, era mais alto até que o cavaleiro Derek. Suas mãos eram enormes e com dedos compridos e moviam-se em gestos aracnídeos. Vestia uma roupa escura cujos detalhes não eram evidentes na penumbra e esta cobria todo seu corpo, exceto o rosto e as mãos.

Vekkardi encarou o orbe e correu em sua direção, logo dava cambalhotas sucessivas na esperança de desviar-se dos projéteis que Arávner arremessava com a força de sua mente. Calisto viu oportunidade de utilizar o anel encantado que recebera de Thoudervon. Apontou-o para Arávner, mas no momento em que disparou a bola de fogo, teve sua mão desviada contra sua a vontade pela força cinética comandada pela mente de Arávner. Como resultado, o projétil de fogo atingiu o Barão Dagon pelas costas envolvendo-o em chamas. O grito de agonia

do morto-vivo preencheu o local. A agonia de Dagon não era conseqüência da dor, pois não era capaz de tal sensação, mas sim pela perspectiva de ter seu corpo destruído pelas chamas. Calisto acompanhou com os olhos a corrida desesperada do cavaleiro que se atirou contra os vitrais no fundo do salão. Seu grito horrendo diminuiu aos poucos na medida que caia no precipício e rolava montanha abaixo.

A distração, no entanto, fora suficiente para que Vekkadi conseguisse por as mãos no orbe do Progresso. Com outro gesto Arávner arrancou a espada de Dagon da madeira e dirigiu-a com velocidade incrível contra a coxa de Vekkardi. A espada atravessou a perna do discípulo de Modevarsh pregando-o contra a parede do salão. Usando todas suas forças, Vekkardi agarrou-se à esfera na esperança que ela pudesse ser sua salvação.

O vento gelado da noite penetrava no salão através da vidraça estilhaçada por Dagon fazendo o fogo vibrar.

– Tolo! – exclamou Arávner, – Tu acreditais que podereis mesmo usar este brinquedo?

Calisto concentrou forças para um ataque procurando aproveitar-se da atenção de Arávner estar focalizada em Vekkardi. Mas antes que liberasse o golpe sentiu forte pressão contra sua garganta. Em seguida, seus pés não mais tocavam o chão. Arávner apenas olhou para Calisto com o canto dos olhos que tossia e debatia-se desesperadamente suspenso no ar, enquanto era enforcado pela força mental do senhor da fortaleza. – Logo cuidarei de ti, escolhido...– proferiu com asco na voz e expressão facial.

Arávner trocou a expressão e o tom de voz para dirigir-se a Vekkardi. – Vekkardi! Meu adorado Vekkardi. Tu que és o discípulo daquele verme sílfico. Tu que tiraste de mim, meu precioso Noran. Tu que serviste ao propósito de capturar o bom Radishi e ao propósito de denunciar e condenar à morte teu próprio mentor! De fato devo admitir que és muito corajoso. Ou que és muito estúpido!

Vekkardi segurava a dor entre os dentes e disse com ódio, – Vejo apenas um verme aqui.

– Pois bem, fazei um favor à tua mercê! Entregai à mim esta esfera.

– Não.

Arávner deu uma gargalhada suave. – Sugere que eu espere até que sangres até a morte? És ridículo, assim como Modevarsh que depositou muita confiança em tal brinquedo. – Com um gesto, arremessou Calisto contra a parede com violência e deixou que retomasse seu fôlego. Enquanto Calisto tossia curvado no

chão, Arávner aproximou-se de Vekkardi e sussurrou em seu ouvido. – Minha paciência está curta – e gritou – Dai-me o orbe!

Vekkardi cuspiu em Arávner. Este se afastou e disse, erguendo ambos os braços, – Tal artefato pode impedir que lhe faça um ataque direto, porém, da mesma forma que o silfo Modevarsh sucumbiu, tu sucumbirás!

O senhor da fortaleza mobilizava contra Vekkardi uma rocha após a outra. Logo seus ossos começaram a quebrar e após uma dezena de pedradas Vekkardi tombou deixando rolar o orbe. Os olhos de Arávner brilharam enquanto observavam a esfera de luz própria girar sob o chão escuro. Foi então que sentiu uma fisgada em suas costas.

Calisto enterrara um punhal que carregava preso à bota nas costas de Arávner que descrente virou-se para encarar o rapaz. – Como pudeste? Como? – gemeu Arávner.

Quando Calisto falou, lembrou-se imediatamente da voz de seu instrutor, Irmão Weiss. A voz era rala, quase apenas um chiado. – Você me subestimou maldito!

Arávner murmurou sua resposta rolando os olhos. – Faz sentido... Radishi tinha razão, tu tens potencial. Tua técnica de ocultamento... Argh... – Arávner cambaleou e sentiu que o punhal havia penetrado em seu coração. Após dois passos, tropeçou no corpo de Radishi e caiu sentado. Esticava seus longos braços tentando alcançar o cabo do punhal que saía de suas costas. Sangue saia pela boca do gigante que encarava Calisto com olhos vidrados. – Tu não tens idéia do que fizeste menino! Há séculos... Argh... Não sofria um ferimento.

Calisto estava surpreso, pois acreditava que ele já devia estar morto àquela altura, e não falando.

Sacou a espada e estava determinado a separar a cabeça de Arávner de seu corpo. Avançou ligeiro, mancando um pouco, mas antes de atingi-lo sentiu enorme força contra seus braços provocando choque tal que a espada voou longe.

A segunda surpresa veio quando Arávner pôs-se de pé e conseguiu retirar o punhal das costas atirando-o no chão.

– Mas isso é impossível. – murmurou Calisto assoberbado, – Tenho certeza que atingi o coração.

– Não estou vivo há milênios por poucas razões menino! – disse Arávner controlando sua ira. – É preciso mais que um punhal contra meu coração para acabar comigo.

Calisto recuou apavorado ao encarar o olhar monstruoso de Arávner. Nem Weiss, Dagon, o demônio Therd Fermen ou mesmo Thoudervon teriam causado tal efeito de horror em Calisto. – O que é você? – perguntou dando mais um passo atrás. Repetiu até que ficou contra a parede e gritou, – O que é você!?

– Queres mesmo saber? – o sorriso diabólico de Arávner fez o coração de Calisto acelerar. – Contar-te-ei! Sou aquele que fará que tu aprendas uma lição!

Três fortes estalos fizeram Calisto gemer de dor. Seu braço havia sido quebrado em três lugares diferentes. Nem parecia mais um membro humano, mas sim o braço de uma marionete. Os estalos se seguiram, um, dois, três, quatro, cinco, seis, até dezoito. Foram ossos de ambos os braços, dedos e costelas se quebrando. Calisto foi ao chão e sentiu o gosto da pedra e poeira entrando em sua boca aberta.

– Menino maldito! Eu deveria matá-lo pelo que fizeste! Mas não desejo atrapalhar nossos planos. Tão pouco desejo criar alguma animosidade com Thoudervon. Não, não permitirei que desmaies rapaz! Irás sentir da minha dor e lembrareis que nunca mais devereis impor-me um desafio.

Calisto mal podia falar. Mas antes de desfalecer viu um forte brilho alaranjado surgir no outro lado do salão. Ao que parece, não era o último confronto de Arávner naquela noite. E assim como seu próprio fim não havia chegado o mesmo valia para Radishi, Vekkardi e o Barão Dagon.

CAPÍTULO 79

An Lepard e Kleon eram surrados pelos fortes ventos gelados da tempestade enquanto tentavam subir as escadarias de corda do lado direito do segundo mastro. Kyle e Melgosh lutavam costas-a-costas envolvidos por um grande aglomerado de zumbis, carniçais e esqueletos. Kiorina, Archibald e Gorum procuravam uma entrada para o convés inferior da embarcação necromante enquanto o Silfo feiticeiro Farzul dos Maki, aproveitava a tempestade para convocar trovões contra grupos de mortos vivos que os cercavam.

Um grupo de cerca de quinze silfos sobreviventes da tripulação, decidira que suas chances de sobrevivência eram maiores abordando o navio dacsiniano. De fato, já conseguiam manter posição próximo à proa. Mas dois problemas graves pioravam a situação progressivamente. Primeiro, os mortos-vivos no convés da nau capitânea começavam a transbordar para o Estrela do Crepúsculo e perseguir os silfos. Segundo, com as velas içadas e os fortes ventos, os navios, lado-a-lado se chocariam de forma cada vez mais violenta, sendo que as chances do navio dacsiniano naufragar eram maiores. As alternativas eram, descer as velas de ambos os navios, o que parecia bastante improvável, ou soltar as amarras entre os navios.Chovia e ventava muito, sendo que cada vez mais a temperatura esfriava.

An Lepard e Kleon finalmente tiveram a chance de se lançar em direção ao Estrela. Conseguiram agarrar-se às cordas e depois cair sobre o convés. No processo, Kleon torceu o tornozelo, mas conseguiu mancar para próximo dos silfos que o ajudaram. Já An Lepard ficou de pé e desembainhou seu sabre encarando a todos de peito aberto. Algumas flechas foram lançadas contra eles, mas ou devido ao vento, chuva ou condições ruins de visão, não atingiram o alvo. Alguns homens que haviam sido membros de sua tripulação observavam-no descrentes, como se vissem um fantasma.

Proferiu em sua língua natal, – Escutem homens! Quem fala é o verdadeiro e legítimo capitão desta embarcação, An Lepard dos Baltimore! Os que se deixaram enganar pelos traidores Erles e Celix terão sua última chance e poderão ser poupados.

Enquanto isso, Kleon se inteirava da situação com os silfos. Aproveitou a deixa de Lepard e gritou, – Os cães que estão com Lepard, ou aqueles que

simplesmente querem sobreviver, façam como eu, parem de brigar e tratem de soltar essas amarras!

Trovões ressoavam e relâmpagos iluminavam a face furiosa de An Lepard. Na beirada do tombadilho surgiu Erles, tinha um olhar descrente e mal acreditava que An Lepard ainda estivesse vivo. Assim que seus olhares se cruzaram, Lepard ignorou todas as dores que sentia e correu em direção do traidor. Como nos tempos antigos, buscou os lugares certos para colocar os pés e mãos enquanto escalava a parede para o tombadilho gritando de dor. Erles aproximou-se com sabre em punho e atacou Lepard enquanto terminava de subir. Lepard defendeu-se colocando o braço esquerdo à frente. Já era mesmo inútil, um corte a mais faria pouca diferença. O sabre de Erles foi fundo na carne de An Lepard e prendeu no osso. O dacsiniano mordeu os lábios segurando a dor e encarou Erles por alguns instantes. Era o mesmo velho feioso e mal vestido, sua cabeça molhada fazia sua careca ficar mais evidente. Finalmente, soltou a dor gritando, – Traidor!

Foi a última palavra que Erles ouviu, pois em seguida An Lepard enterrou o sabre em sua garganta. Lepard terminou de subir no tombadilho e não sentiu grande satisfação. Observou que abaixo, os silfos e dacsinianos trabalhavam juntos para desvencilhar o Estrela do Crepúsculo da nau sílfica. Uma dor aguda despontou no peito de Lepard. Fora alvejado por um virote disparado pelas costas despontando entre suas costelas.

– Capitão An Lepard, quem diria!?

Lepard sentiu o sangue subir pela garganta e reconheceu a voz de Celix. Segurou-se no balcão e esforçou-se para encarar o traidor. Vestia-se de forma diferente. Baixo, magro, mas musculoso exibia os braços bem definidos, pois se vestia com um colete negro ornado com ouro, botas longas e calças no mesmo estilo.

– Devo agradecê-lo duplamente! – dizia Celix enquanto girava o dispositivo da besta que tencionava a corda da besta para disparar outro virote. – Primeiro, por sua fala ali embaixo, que proporcionou nossa libertação dessa situação insustentável. Segundo, por ter eliminado esse imbecil do Erles, algo que devia ter feito há mais tempo.

A voz de um marujo soou atrás, mas An Lepard não pode vê-lo. – Capitão Celix, o que devemos... – Ele foi interrompido pelo sinal de Celix que percebia a compreensão tardia no olhar de An Lepard.

– Mas Erles, eu soube...

Celix fez força para a tensão final da besta e com ela preparada disse, – É claro que soube, ele que faz todo trabalho de fachada, ou você realmente acha que ele tem inteligência para algo a mais que executar ordens?

An Lepard reunia forças, ao menos para falar. – Maldito seja! Traidor desgraçado!

– Você é patético An Lepard, patético! Eu achei que tinha me livrado de você vendendo-o ao capitão Shark, mas como você não simplesmente não morre, vou acabar com você agora mesmo! – Celix apontou a besta contra a testa de Lepard, mas trêmulo disparou errando o alvo. An Lepard não entendeu de imediato. Somente quando viu a mão esquerda de Celix contra o peito compreendeu. Segurava o cabo de uma das adagas de Kleon enterrada na altura do coração.

Celix ainda proferiu suas últimas palavras antes de tombar, – Chilli desgraçado!

***

Kiorina erguia a tampa de um alçapão e gritou ofegante, – Rápido, por aqui!

– É brincadeira? – disse Gorum e a resposta veio com um olhar.

Gorum entrou seguido de Archibald e Kiorina, mas o Silfo Farzul ficou de fora. Seria a última vez que o viriam.

Caíram numa espécie de piscina, ou talvez o navio estivesse afundando. A água não passava da cintura. – Que idéia foi essa de entrar num alçapão... molhado e pegajoso? – indagou Gorum.

– Preferia ficar lá fora? – retrucou Kiorina acendendo uma chama.

Archibald olhou bem ao redor e disse, – Talvez sim!

– Pelos Deuses! – exclamou Gorum. – Isso aqui ta cheio de corpos.

Archibald completou, – E pedaços de corpos... de animais também...

– Pelo menos eles não estão se movendo – replicou Kiorina.

– E o cheiro não está tão ruim também – disse o rapaz.

– Isso aqui é um pote gigante de picles... – zombou Gorum.

– E agora, qual o plano? – quis saber Archibald.

– Não sei, talvez descer? – respondeu Kiorina.

– Será que eles sabem que estamos aqui? – perguntou Gorum coçando a barba.

– Olha aí a resposta! – apontou Kiorina.

Dois espectros emergiram do meio dos corpos.

Archibald concentrou-se, – Vou tentar espantá-los, se não der é com você Kina.

Kiorina concordou, mas estava apreensiva, estava muito cansada e duvidava que poderia fazer algo além de acender pequenas chamas.

Archibald murmurou uma ladainha e evocou a força dos Deuses. – A luz de Leivisa: Límolo Límelo Krata Aér – Suas mãos brilharam com intensidade afastando os espectros.

– Que alívio! – suspirou Kiorina – quando aprendeu esse truque?

– Truque? O melhor mesmo é saber como sair daqui, ou melhor, como encontrar os necromantes antes que enviem algo pior para nos pegar?

– Archie, você não consegue endurecer madeira, ou algo assim?

– Mais ou menos... Ah, entendi. Fradilize Carvus Oném!

– E? – quis saber Gorum.

– A madeira sobre meus pés deve estar fraca o suficiente para que você quebre.

– Você quer dizer, aqui? – Gorum atravessou o pé na madeira e com isso iniciou um processo de escoamento de todo aquele líquido viscoso. Em seguida, mais golpes fizeram a falha aumentar até que alguns pedaços também desceram para o convés inferior. Sem o excesso de líquido Gorum pode abaixar-se e forçar mais tiras de madeira a de descolarem da posição. – Só um pouco mais! – disse Gorum fazendo força e crec, mais uma madeira quebrada.

– Vamos descer. – disse Kiorina.

– As damas primeiro. – retrucou Gorum.

– Engraçadinho!

Archibald desceu em alerta. Era uma câmara maior e parecia estar relativamente calma, tirando o fato que cada vez com maior freqüência tudo tremia devido a impactos dos cascos dos navios. Logo foi seguido pelos outros.

Com o local iluminado, Gorum disse, – Parece que não temos muita opção. Vamos por ali.

Abriram a porta para avistar duas criaturas mortas-vivas se aproximando. Eram cavaleiros da morte, zumbis muito fortes vestidos com armaduras completas.

Gorum perguntou, – Archie, pode fazer um truque para fazer essa ripa ficar dura como pedra?

– Truque, não é? – resmungou enquanto preparava a evocação. – Rochus Carvus Oném!

Gorum partiu para cima com tudo segurando a ripa com as duas mãos e fazendo esforço máximo, grunhiu ao atingir a testa da criatura com uma pancada. A pancada foi forte e amassou o capacete de ferro e junto com ele o crânio da criatura. A pancada foi forte e suas mãos ficaram em choque fazendo com que largasse a ripa de madeira endurecida de imediato. O cavaleiro morto-vivo cambaleou e caiu, instantes depois. Um jato de chamas, não muito potente, emitido pela feiticeira fazia o papel de distrair o outro.

Archibald sugeriu, – Vamos apenas seguir em frente! Correndo, correndo!

Assim fizeram, foi assim que chegaram à outra câmara na qual encontraram Fernon e outros Necromantes.

***

Kyle e Melgosh estavam cercados. Até onde entendiam, eram as únicas criaturas vivas a bordo da nau sílfica. A tempestade intensa e gelada não trazia mais água, mas pedras de granizo. Kyle tinha problemas para manter a concentração, uma vez que as pedras de granizo começavam a machucá-lo. No entanto, Melgosh como portador da Maré Vermelha, em nada sentia seus efeitos. Não fosse a distração causada pelas pedras, o cansaço era um fator que Kyle não podia negar. Pelos números de inimigos e pela situação, tomava consciência de que aquele seriam seus últimos momentos. Já não era a primeira vez que recebera golpes, mas com o tranco causado pelo choque entre as naus amarradas e o mar revolto perdeu o equilíbrio. Logicamente, muitos mortos-vivos foram ao chão, mas antes que pudesse levantar-se sentiu em sua perna a mordida faminta de um carniçal. Pulando sobre ele, mais um, dois, três, quatro e mais. Parecia ser seu fim, mas Melgosh veio a seu resgate a lâmina ficava mais forte com o uso e em poucos instantes Melgosh eliminou uma dúzia de mortos-vivos que estava por cima de Kyle. Melgosh aproximou-se e em poucos instantes, construiu com a lâmina uma redoma de gelo. Kyle estava atordoado, mas logo encarou Melgosh que tinha um olhar transfigurado. Seus olhos estavam completamente brancos, sem íris e pupila.

– Kyle, escute-me. Ainda há tempo para você.

Kyle levantou-se surpreso por ainda estar vivo. Mas não compreendia bem o que havia ocorrido. Havia tomado várias mordidas e arranhões, mas boa parte deles não foram profundos devido às roupas de couro que vestia. Tocou a redoma de gelo e percebeu a turba de mortos-vivos se debatendo contra ela.

– Você fez isso? – Kyle estava espantado.

– A espada, e ela pode fazer muito mais.

– Não poderá nos salvar?

– Não sem nos destruir.

– Não entendo.

– Esta lâmina é amaldiçoada. Está escrito na história, foram inúmeros os portadores que foram vítimas de seus caprichos. Em pouco tempo ela irá destruir tudo e todos em sua proximidade.

– Guarde-a! Eu consegui controlá-la. – argumentou Kyle.

– Não, sei que não posso mais. Usei-a além do limite da minha vontade.

– Mas...

– Não discuta! – ameaçou o silfo encostando a lâmina gélida contra o pescoço de Kyle. – Faça o que lhe ordenar.

Kyle engoliu seco e acenou com a cabeça.

– Diga para minha filha que sempre estarei com ela e meu neto. Se Archibald sobreviver, diga que é seu dever cuidar dela, senão, cuide dela para mim, como resposta último desejo de um silfo honrado.

– Farei o meu melhor!

– Vou quebrar o gelo e projetar um jato de vento naquela direção. Isso vai deixar o caminho livre por alguns instantes. Quero que você corra e salte para o mar. Se o destino lhe reservar um papel, sobreviverá.

Os olhos de Kyle se encheram de lágrimas e disse, – Melgosh, foi uma honra conhecê-lo e lutar a seu lado. Muito obrigado por tudo! – E se abraçaram, Melgosh ainda empunhando a lâmina. E o silfo fez como prometeu. Quebrou a redoma rumo a lateral esquerda da nau, para o lado que sabia pela visão proporcionada pela espada que havia o espaço deixado pela embarcação Dacsiniana que partira há pouco. Em seguida, empunhou a espada com as duas mão apontando-a para a direção da rachadura. Um forte vento composto por pedras de gelo soprou naquela direção. Os mortos-vivos que estavam no caminho eram estilhaçados ou voavam para longe. Em poucos instantes o caminho se fez livre para Kyle. O jovem cavaleiro lacorês correu e saltou para o mar. Sentiu certo alívio ao experimentar a temperatura da água do mar, bem mais quente que o frio intenso pelo qual passava há pouco. O movimento de ondas era intenso e era mais fácil nadar submerso. Estava muito cansado da batalha e com os ferimentos, mas sabia que se não se afastasse o bastante da nau sílfica, morreria.

***

Fernon e os demais necromantes pareciam exaustos e preocupados. Kiorina, Archibald e Gorum preparavam-se para mais um confronto mas foram surpreendidos por Fernon que ergueu sua mão deformada pelo uso de magia negra e disse, – Esperem! Não ataquem.

Os três esperaram por um instante desconfiados.

– Se lutarmos agora, todos sucumbiremos. Fizemos uma divinação e tivemos a visão de nossas mortes.

– Como assim, o que quer dizer? – indagou Archibald.

– Este navio vai naufragar em poucos instantes, se lutarmos morreremos todos afogados. A única chance de sobreviver é nos ajudarmos.

– Isso só pode ser um truque! – afirmou Gorum.

– De certo – concordou Kiorina.

– Não sejam tolos – apelou um dos necromantes.

– Que tal um acordo, faça-os parar e nós nos ajudaremos, sugeriu Kiorina.

– Não é necessário. Eles já foram desfeitos, em sua grande maioria. Foram desfeitos por um grande poder que está sem controle.

Um tranco forte no navio fez com que todos fossem ao chão. Uma grande seqüência de estalos soou. E em poucos momentos o local começou a encher-se de água.

Gorum anunciou enquanto ficava de pé, – Eu acredito! – e Archibald complementou, – O que devemos fazer? – O chão se inclinou e mais água entrava na embarcação.

Fernon disse, – Rápido, por ali!

Dois necromantes estava muito fadigados e pediram auxílio, Gorum puxava-os pelo braço enquanto seguiam para a outra câmara. Nesta, era necessário nadar. Sentiam a água ficando gelada e em sua superfície muitas pedras de gelo flutuavam. O nível da água subia rapidamente e Fernon indicava desesperado a abertura que daria para o convés principal. Gorum tentava empurar, mas não tinha sustentação na água e a escada que levava até aquele ponto estava quebrada. Em instantes estariam submersos. Archibald evocou, – Fradilize Carvus Oném!

Gorum captou e em seguida esmurrou a madeira abrindo orifícios nela. Antes de continuar, Gorum tomou sua última respiração, assim como os outros. Já afundavam por alguns instantes quando o gigante conseguir terminar de arrombar um buraco para passarem. Nadaram com desespero até chegar à superfície. Lá sentiram a força do granizo que caia do céu. As ondas eram enormes e entre um relâmpago e outro avistaram a nau capitânea dos silfos com

a popa afundada e a proa erguida. Já estava naufragando lentamente. Cada um agarrou-se como pode a escombros flutuantes, ou mesmo blocos de gelo que haviam se formado há pouco. Gorum gritava para ter notícias de Kiorina e Archibald, mas mal podia identificar as respostas. Para nenhum deles, estava claro se iriam sobreviver àquela tempestade.

EPÍLOGO

Calisto abriu os olhos e sentiu mais uma vez a dor espalhar-se pelo seu corpo. Sabia que após seu confronto com Arávner, jamais seria o mesmo. As seqüelas era muitas e evidentes. Ao menos descansava em um lugar familiar. O quarto no qual fora criado no subterrâneo da necrópole. Da vela que deixara acesa na noite anterior restava apenas pequena porção do pavio em meio à massa de parafina derretida sobre a madeira escura do criado ao lado da cama. A cama e o corpo de Calisto rangeram na medida em que fez esforço para sair do leito. Seus cabelos estavam desgrenhados e havia uma rala barba imatura em sua face.

Há alguns instantes, o necromante que cuidava de seus ferimentos há algumas semanas chamou-o dizendo que Thoudervon desejava vê-lo. Sentia seu estômago revolto, pois desde que fora deixado na necrópole pelos guardas de Arávner, não esteve nenhuma vez na presença de seu mentor inumano. Sua intuição vinha tomando forma mais precisa com o tempo, talvez uma de suas faculdades latentes inexploradas. E sua intuição dizia que algo ruim, muito ruim estava para acontecer.

Não podia ser pior. Ao chegar no laboratório do morto-vivo ancestral, deparou-se com a pessoa que mais desejava ver, mas a que menos esperava encontrar, a rainha Alena. Sua beleza feriu os olhos do rapaz e percebeu que os olhos dela estavam cheios de brilho, cheios de lágrimas. Encararam-se por um instante e as lágrimas rolaram pela face lisa e branca da jovem rainha. Calisto avançou e se abraçaram. Beijos apaixonados. Uns poucos instantes de êxtase e felicidade.

Thoudervon emergiu das sombras e antes de falar, seus dentes colidiram freneticamente imitando o ruído de um chocalho. Seu elmo de metal com chifres repousava perfeitamente sobre o crânio amarelado e antigo. – Podem parar com isso crianças. – ordenou com sua voz tenebrosa.

– Poderoso Thoudervon! – disse Calisto ajoelhando-se diante da presença do antigo.

O coração de Alena acelerou e procurou imitar Calisto fazendo uma reverência.

Silêncio duradouro. Calisto esperava que Thoudervon falasse algo, ou mesmo fizesse algo. Mas, a criatura permaneceu imóvel a alguns passos de distância. Alena apertava a mão de Calisto com força e sentia o suor frio de

ambos se misturando. O silêncio permanecia e o nervosismo de Calisto aumentava. Alena choramingava baixinho, tentando conter-se.

Calisto hesitou, – Poderoso Thoudervon, eu, eu...

– Cale-se! – ordenou o esqueleto, – Estou muito decepcionado com você. Como pode ser tão tolo? Confrontar um de nossos aliados. Envolver-se com a rainha. Quando Arávner enviou para mim você inutilizado, informando-me sobre todas suas peripécias, sobre seu envolvimento com a rainha, senti grande desgosto. – Thoudervon parou por um instante e revelou um jarro de cerâmica que trazia dentro do manto.

– Mas você mesmo disse que era como um jogo, que as peças podiam ser substituídas.

– Sim, inclusive você. Mas, tenho algo melhor em mente. É hora de aprender uma lição. – Thoudervon foi veloz, moveu-se como um borrão e Alena sentiu a garganta queimar, sem saber o que estava acontecendo. Estava feito, o ferimento no pescoço da rainha era mortal e Calisto percebeu o rosto de Alena empalidecer e sentiu jorrar contra seu corpo gotículas quentes do sangue de sua amada.

As pernas de Alena fraquejaram e levou as mãos contra a garganta, encharcando-as em seu sangue que pulsava veloz para fora do corpo.

Calisto liberou um ataque mental contra Thoudervon, mas pouco efeito conseguiu. – Maldito! Maldito! Como pode fazer isto? Ela não tinha nada a ver com meus erros!

Thoudervon observava quieto. Alena agarrou-se em Calisto, impedindo-o de avançar contra o esqueleto inumano. Calisto ajoelhou-se ao lado de Alena e olhou-a nos olhos. Seus olhos, completamente negros encheram-se de lágrimas e logo escorreram pela sua face. Alena tentava falar mas não conseguia. Calisto então estabeleceu um contato mental.

“Meu amor! Eu sei que já vou! Não tem mais jeito.”

“Não, eu vou dar um jeito. Não vou deixá-la morrer assim.”

“Eu quero que você me prometa uma coisa.”

Calisto já sabia o que ela queria antes que ela pedisse.

“Quero que me prometa abandonar essa loucura. Deixe Lacoresh para trás. Vá para longe. Comece uma vida nova e seja feliz, seja bom. Não participe mais desta vilania. A vilania que matou minha família. Não obedeça a esses impulsos sombrios. Afaste-se de tudo isso”. Alena fraquejava e perdia as forças rapidamente, “Não colabore com essa coisa que tirou nossa vida. Eu sei que

você pode ser bom. Que pode recomeçar. Faça isso por mim. Por favor, prometa.”

“Muito bem, eu prometo.”

Alena sorriu para Calisto, e seus dentes estavam esmaltados de sangue. Em seguida, rolou os olhos, o pescoço amoleceu e a cabeça tombou para trás.

Calisto largou-a no chão gentilmente e levantou-se para encarar Thoudervon furioso.

O esqueleto fez um gesto e disse, – Congelado.

O feitiço enrijeceu todos os músculos do rapaz que não podia se mexer. Thoudervon aproximou-se do corpo da rainha e molhou os dedos esqueléticos em seu sangue. Em seguida, desenhou com a ponta dos dedos, sinais no jarro que segurava com a outra mão. Disse palavras incompreensíveis por algum tempo e depois se levantou. Calisto desejava possuir os poderes cinéticos de Arávner e espalhar cada uma dos ossos de Thoudervon pelos ares. Mas não encontrava dentro de si essa força. Podia apenas observar as ações do esqueleto e sentir a raiva crescer dentro de si.

Thoudervou guardou o vaso em uma prateleira, voltou-se para Calisto, estalou os dedos, liberando-o da paralisia.

– O que fez com ela? – demandou.

– Armazenei sua alma, pois poderá ser útil.

– Seu monstro desgraçado, como pode fazer isso comigo? Você me criou, como um pai. Como pode ser assim comigo?

– Acredite, por isso mesmo que estou lhe dando uma segunda chance.

– Segunda chance?

– Sim. É melhor acostumar-se com a dor, aceitar seu destino. Você deve renunciar as boas emoções. Rejeitar o amor. Acolher o prazer e crueldade. O prazer do sofrimento. O prazer de me servir e conquistar, ordenar, usurpar, mas amar? Jamais! O amor é um sentimento corrosivo e que destrói o progresso. Impede a evolução.

Calisto procurou se controlar e disse baixo, – E se me recusar? E se não quiser obedecer?

– Posso forçá-lo, posso forçá-lo com facilidade.

– Então renuncio a tudo. Me mato, assim você nunca vai ter o que deseja.

O antigo gargalhou, – Se você se matar, criança, arranjo outro para ocupar seu lugar. Tenho tempo, não envelheço, não vou morrer... Aliás, já morri, uma vez.

Calisto pensou consigo mesmo e olhou para o corpo de Alena no chão. Em sua cabeça, ainda escutava os pensamentos de Alena pedindo para que ele prometesse. “Eu sei que você pode ser bom. Que pode recomeçar. Faça isso por mim. Por favor, prometa”.

Calisto engoliu o ódio e disse a Thoudervon. – Muito bem, meu senhor. Agradeço a segunda chance que ganhei. – Retirou-se com os pensamentos voltados para a promessa de Alena, a promessa que não poderia cumprir. Pensava consigo mesmo, “Eu prometo, minha amada, prometo que sua morte não será em vão. Prometo me vingar de Thoudervon e destruir até o último dos necromantes”.

2

O vento gelado da cordilheira fazia os cabelos negros e longos de Vekkardi chicotear. O sol poente pintava seu rosto com um forte alaranjado. Avançava montanha acima com dificuldade, mancando da perna direita. A dor ainda era intensa, mas isso não o impedia de seguir com sua jornada. Havia fraturas em seus braços que também não estavam totalmente recuperadas e cada momento era um grande de exercício de sua força de vontade para dominar a dor.

Por um momento, recordou-se de como Radishi tentara dissuadi-lo há poucos dias em Tisamir. Foi um milagre que fizera com que escapassem da fortaleza de Arávner antes disso. Não fosse pela intercedência dos outros tisamirenses estariam todos mortos, ou sob o domínio de Arávner. Foi um confronto que pode apenas traçar em sua imaginação. Mas Radishi lhe dissera vieram atendendo a seu chamado de socorro. Radishi apesar de ferido e em repouso demonstrava otimismo. Primeiro por ter sido readmitido em sua cidade natal, segundo por que outros na cidade, teriam decidido deixar a postura de não violência e não interferência. Era sua fé que com a ajuda dos tisamirenses e uma nova aliança com os anões, o mal que se espalhara sob Lacoresh pudesse recuar.

Vekkardi nunca estivera na cidade oculta e guardava em sua memória, uma impressão maravilhosa de sua estadia. Foram dias de alívio em Tisarmir e lá adorava admirar suas lindas torres e jardins Mas depois de partir, tinha a sensação de que nunca mais voltaria.

Agora se aproximava da mais difícil das provas. Tinha fé em seu sucesso. E talvez só agora compreendesse que o apego à idéia que poderia recuperar seu irmão, causou tanto mal. Era assim, conforme ensinava seu falecido mestre, o silfo Modevarsh. O apego leva à dor e ao sofrimento.

De outras vezes arrependeu-se de ir ao local no qual estava aprisionado Rikkard. Esperava escutar os gritos desesperados, mas havia apenas o soprar dos ventos. Seguiu até a boca do poço e debruçou-se e percebeu que o cheiro de podridão usual não estava presente.

– Rikkard? – Chamou sem ver resposta. O poço estava mal iluminado mas quando escutou as correntes sendo arrastadas soube que ainda estava lá. Acendeu e atirou uma tocha no interior do poço e ao olhar para a criatura, mal pode reconhecê-la como seu irmão. Com a movimentação emergiu um cheiro desagradável de carne podre. Não havia mas cabelos, nem mesmo um rosto para reconhecer. Ossos podiam ser vistos e parecia que os olhos não estavam mais lá, apenas cavidades escuras. Parecia fraco e desprovido de energia. Ainda assim, Vekkardi lembrou-se da figura do irmão, quando vivo e sentiu dor e culpa em seu peito. Desta vez, não trazia comida, mas sim o fogo. Contornou o poço para posicionar-se próximo da criatura. Retirou da mochila bolsas cheias de óleo e começou a derramá-lo sobre o que restou de Rikkard. O zumbi ergueu os braços e gemeu de forma dolorosa sem forças para escalar o poço, cavando sua lateral com as mãos semi-esqueléticas. Em seguida Vekkardi acendeu um pedaço de pano molhado com óleo e atirou-o contra seu irmão dizendo, – Perdão irmãozinho.

O fogo pegou rápido e a pobre criatura apenas gemia enquanto era consumida pelas chamas.

Vekkardi não suportou ver a cena por muito tempo. Deitou-se ao lado do poço, encarando o céu da noite recém chegada. Lágrimas rolaram em sua face, mas sentia que os sentimentos de ódio e vingança haviam sido deixados para trás. Foi ali que dormiu para que no dia seguinte entrasse no poço para certificar-se de que havia cumprido sua missão. Guardou as cinzas de Rikkard em um vaso e pôs-se a trabalhar para cobrir o poço. Foram três longos dias de trabalho e no fim, havia construído um belo túmulo em homenagem a seu irmão. A primavera dava lugar ao inverno e no sopé do monte havia flores desabrochando. Lembrou-se do desejo de seu mentor. Desejava que levasse flores a Rikkard. Não pode abandonar o local, antes de buscar muitas flores para o túmulo. Fez um círculo de flores amarelas em torno do vaso com as cinzas do irmão. Desta vez, o esforço para buscar as flores tinha valido à pena.

Agora, ao menos para Vekkardi, não importava se Kyle e os outros que haviam aceitado a tarefa de buscar o Oráculo de Shimitsu estivessem vivos. Não importava o êxito nem mesmo o fracasso. Seu irmão não voltaria. Mas de súbito foi tomado pelas lembranças de seu irmão. As lembranças da última vez que

esteve com ele. De como discutiram. E entendeu, que depois de tudo, sua tarefa não havia acabado. Pois, decidiu honrar os ideais de seu irmão, que mesmo sabendo que podia morrer foi ajudar aqueles que estavam em necessidade.

Era hora de seguir em frente, em sua meditação, desejava sucesso para Kyle e seus companheiros. Sentia que de alguma forma, seus destinos estavam entrelaçados. Sem mais nada para se apegar, Vekkardi sentia-se livre e poderoso. Mesmo as seqüelas e a dor não seriam um obstáculo para confrontar as trevas e fazer valer a chama do desejo de ajudar aqueles em necessidade em nome de seu irmão de seu falecido mestre e em seu próprio nome.

3

A faixa marítima que separava o continente dacsiniano do antigo continente era bastante larga. O continente era geralmente conhecido como Terra dos Nove Vales, ou chamado de Reinos Bárbaros pelos lacoreses.

O Estrela do Crepúsculo era o único dos quatro navios que sobreviveram ao confronto. Suas velas, reformadas após breve estada em porto Baltimore, estavam esticadas e o vento forte impulsionava-o para as terras do leste. A nau não fora totalmente reformada e ainda sentia efeitos da forte tempestade convocada pela lâmina amaldiçoada Maré Vermelha. No auge da tempestade, o Estrela esteve muito próximo de naufragar, mas depois que a nau capitânea afundou, a tempestade se dissipou e uma grande calmaria tomou o local da batalha.

Após a batalha o local estava tomado por escombros, pedaços de corpos e gelo flutuante. Com Celix e Erles mortos, a tripulação reconheceu o comando de An Lepard que recebera cuidados dos silfos da tripulação de Melgosh e nomeara Kleon imediato da embarcação. Fazendo retorno ao local dos naufrágios, a tripulação do Estrela do Crepúsculo foi instruída a recolher sobreviventes e destruir eventuais mortos-vivos. Houve grande alívio no reencontro de Kyle, Kiorina, Gorum e Archibald. Kyle estava muito ferido e precisava de cuidados. Mesmo tendo sido procurados, os necromantes não foram encontrados na ocasião.

Agora, semanas após a terrível batalha aproximavam-se da última cidade de Dacs, Duir da casa Alekzandra, local no qual tomariam suprimentos antes de seguirem para o continente desconhecido.

Gorum estava no convés e tinha um ar tristonho em sua face. Recordava-se dos companheiros perdidos em tantas batalhas, recentes e antigas, Armand, o pai

de Kyle, seu irmão Tarne, que morreu pela sua própria espada, sua esposa e filha mortas pelos bestiais, Noran, Zoros e agora Melgosh. Além disso, o chacoalhar do navio e constante convivência com estrangeiros suscitavam saudades de sua terra natal. Como sentia falta de pisar no chão firme e caminhar pelos campos próximos a Kamanesh. Sentia falta de sua oficina, da feira na praça da meia-lua e de beber com os velhos cavaleiros nas tavernas do porto de Kamanesh.

Estava pronto para chorar, seus olhos embotados com lágrimas quando se virou e avistou uma cena que mudaria seu estado de espírito. Saiam juntos da cabine do navio, Kyle, Kiorina e Archibald. Gorum percebera como a menina crescera, tornara-se moça e quase mulher. Estava entre os dois amigos com os braços em torno de seus ombros. Já tinha a mesma altura de Archibald e era apenas um pouco mais baixa que Kyle. Ela mais que os outros tinha um forte brilho nos olhos e um sorriso bonito e radiante. Não estavam prestando atenção em Gorum, mas sim entretidos numa conversa deles. Quando Kyle, que Gorum criara como seu próprio filho, sorriu calmo o gigante sentiu os próprios lábios acompanhando a expressão. A energia e a capacidade de renovação que os jovens tinham deixavam-no impressionado. Mesmo após tantas dificuldades e perdas, os três amigos de infância estavam ali, juntos, abraçados, sorrindo e parecendo até felizes.

Gorum enxugou as lágrimas que queriam sair e aproximou-se do grupo animado.

Kyle olhou para cima e indagou, – O que houve com seus olhos Gorum?

– Meus olhos? – Gorum tentou disfarçar o resto de choro. – Estive observando o mar por muito tempo... A brisa forte. Sabe como é?

Kyle deu com os ombros enquanto Archibald pressionou os lábios captando os resquícios do estado de espírito melancólico de Gorum.

– Sabe das novas Gorum? – disse Kiorina excitada. – Amanhã chegaremos a Duir. Não é sensacional?!

Gorum coçou a barba, apesar de não estar tão empolgado a animação da moça era contagiante. Então sorriu e disse, – Que ótimo! Preciso muito comer comida de verdade.

Archibald concordou, – Eu também...

– Homens são todos iguais, só pensam em comer e dormir! – disse Kiorina indignada. – Você não acha fascinante o fato de que talvez em poucas semanas, conheceremos uma nova cultura? Novos lugares? Kleon estava me ensinando um pouco da língua de Tchilla. Me explicou também que é muito parecida com a língua do Império de Keldor! Dizem que em Tchilla está a maior construção feita

pelos homens no mundo inteiro, o octógono sagrado! Dizem que tem a altura de trezentos homens. Não é o máximo! – Kiorina estava tão excitada que dava pulinhos enquanto falava.

Kyle zombou, – Acho que depois de uma boa refeição deve ser realmente o máximo visitar um templo gigante de pedra.

Kiorina enfezada atacou Kyle com uma cotovelada na barriga. E todos riram.

No alto do tombadilho, Kleon chavama os lacoreses em sua língua, – Olá amigos, o almoço está servido. Vamos logo, pois o capitão está impaciente.

Kiorina girou os olhos olhando para cima e dando com os ombros. – E por falar em comida.

– Devo discordar – replicou Gorum sorrindo, – Comida não, grude!

Kyle corrigiu, – Grude com peixe.

Archibald sugeriu, – Talvez polvo.

– Eca! Polvo é nojento! – disse Kiorina fazendo careta.

Kyle disse, – Admita Kina, que você também está doida para comer comida de verdade.

– Tudo bem, vocês venceram, primeiro a refeição, depois as atrações.

– O que temos hoje? – perguntou Gorum.

– O favorito do Capitão Lepard. – respondeu Kleon.

– Polvo não! – Kiorina deu um soco no braço de Archibald. – Você sabia, não é mesmo Archie?

Archibald sorriu e disse, – É só contar os dias, ou vai dizer que ainda não percebeu?

– O que?

– Imaginei que uma praticante de magia, inteligente e estudada teria percebido que desde que voltamos ao Estrela do Crepúsculo, o capitão manda o cozinheiro fazer polvo a cada quatro dias.

– Não brinca! – Kiorina estava surpresa.

Novamente todos riram. Ela franziu a testa. – É sério mesmo?

Kyle puxou o rosto rolando sobre ele a palma da mão, fazendo careta de incredulidade.

– Vamos comer! – exclamou Gorum. – Pois amanhã comeremos comida de verdade assim que chegarmos na cidade mais oriental de Dacs. Depois, em mais algumas semanas chegaremos aos Reinos Bárbaros!

Kleon advertiu, – Gorum, quantas vezes tenho que lhe dizer: Tchilla não é um reino, é uma cidade-estado, e, muito menos os tchillianos são bárbaros.

Gorum deu com os ombros e respondeu, – Me conte essa história de novo. De como que os Reinos Bárbaros não têm muitos reinos.

An Lepard deliciava-se com seu polvo e não dava muita atenção à conversa em lacorês.

Enquanto Kyle escutava as histórias de Kleon, imaginava em seu íntimo se realmente seriam capazes de encontrar o tal oráculo. Depois de tanto, será que encontrar um oráculo faria mesmo tanta diferença. Não seria apenas mais uma história? E no que uma história poderia ajudar contra a ameaça dos necromantes? Como poderiam libertar o reino de Lacoresh? Eram questões que nunca tinham resposta na mente de Kyle. A única razão pela qual prosseguia era a promessa que fizera ao silfo Modevarsh. Ele lhe devia sua vida e encontraria o tal oráculo para honrar aquela dívida.

###

Conclusão em: O Oráculo Esquecido.

Sobre o Autor

Carlos Rocha é natural de São Paulo, graduou-se em Ciência da Computação, possui especializações em Gestão de TI e Gestão Estratégica da Informação. Também cursou faculdade de Belas Artes. Além de escrever romances de literatura fantástica, tem como hobbies: pintura, desenho, animação, jogar RPG, estudar línguas e música. Trabalha como profissional na área de Tecnologia da Informação e atualmente reside em Belo Horizonte.

Entre em contato com o autor

http://www.selo-multiversos.net
@carlosmrocha
@selomultiversos